ESCOLA DE DOUTORAMENTO
INTERNACIONAL DA USC

José Pedro
Lopes Angélico

Tese de doutoramento

A POESIA GALEGA E A SAUDADE NA REVISTA NÓS (1920-1935). ANÁLISE CULTURAL E LITERÁRIA DE UM CAPITAL SIMBÓLICO DO NACIONALISMO GALEGO

Santiago de Compostela, 2025

Programa de Doutoramento en Estudos da Literatura e a Cultura

ESCOLA DE DOUTORAMENTO INTERNACIONAL DA USC

TESE DE DOUTORAMENTO

A POESIA GALEGA E A SAUDADE NA REVISTA NÓS (1920-1935)

ANÁLISE CULTURAL E LITERÁRIA DE UM CAPITAL SIMBÓLICO DO NACIONALISMO GALEGO

José Pedro Lopes Angélico

Director e titor: Elias José Torres Feijó

Grupo Galabra (USC)

PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EN ESTUDOS DA LITERATURA E DA CULTURA

SANTIAGO DE COMPOSTELA

Pra ledicia de todos e pra enseño de moitos, sai oxe Nós. [...]

Nós *ha ser a representación no mundo da persoalidade galega na sua ansia de s'afirmare coma valor universal, autóctono, diferenciado, dentro ou fora da Terra.*

Revista Nós, *Primeiras Verbas* (1920)

O siño diferencial da psicoloxía galega está, principalmente, na Saudade. Esta verba é coñecida dos hespañoes; pero somentes nós sabemos o que siñifica. Este siñificado ninguén acertou a espresalo; nin sequera Rosalía de Castro, que foi o corpo mesmo da Saudade. Pero a Saudade eisiste e anda sempre connosco.

A. Rodríguez Castelao, *Sempre en Galiza* (1944)

A saudade e a sociedade veñen sendo, xa que logo, dúas dimensións do noso ser.

O equilibrio de ambas – da nosa dimensión individual e da nosa dimensión social – é imprescindible para o logro da nosa plenitude existencial. Os fallos que se produzan en calquera delas limitarán as nosas posibilidades de auto-realización. No tocante ós galegos, é evidente que a conciencia da propia individualidade sempre a tivemos ben desenvolta. A nosa vivencia da saudade ben o pon de manifesto. En cambio, a nosa asimilación do patrimonio colectivo, da realidade cultural da comunidade á que pertencemos, levou consigo, século tras século, xeración tras xeración, a contrapartida da situación marxinal desa cultura. Xa dixemos que cada ser humano nace no seo dunha realidade cultural que é a que configura a súa personalidade. Na medida en que a asimila, vai incorporándose á realidade comunal, formando parte dela. Ora, se esa realidade comunal que é a cultura está nunha situación histórica marxinal ou frustrada, é evidente que a personalidade que nace e se configura no seu seo levará inevitablemente o calco, a marca desa situación.

Resulta claro, xa que logo, que a evolución histórica da cultura galega foi limitativa para a plenitude existencial dos membros da comunidade. Devolverlle a capacidade normal do seu desenvolvemento sería a única maneira de recuperar tódalas posibilidades desa plenitude.

R. Piñeiro, *Filosofía da Saudade* (1984)

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Rede Galabra, e em especial ao Grupo da Universidade de Santiago de Compostela, pelo acolhimento, pela amizade e pelo ambiente de construção partilhada do conhecimento. Comunidades de investigação como esta não serão muitas.

Agradeço ao meu orientador, Elias Torres Feijó, pela amizade respeitadora, pelo cuidado atento e, não menos importante, pela virtude de encorajar em momentos de maior desânimo.

Agradeço à minha família: ao meu pai e à minha mãe, e em especial à Luísa, minha mulher, pelo apoio e compreensão, fundamentais para levar a bom porto esta tarefa.

Agradeço à Faculdade de Teologia (Porto) da Universidade Católica Portuguesa, onde desenvolvo actividade docente e investigadora, e em especial ao meu director, Abel Canavarro, e à sua secretária, Mireille Arrifana, pela ajuda, compreensão e flexibilidade sempre que foi necessária alguma deslocação às bibliotecas da USC.

Um agradecimento também aos meus amigos e colegas Francesco Renzi e José Rui Teixeira.

Por fim, uma memória agradecida do meu saudoso amigo José Cardoso Marques (1955-2022), do extinto Centro de Estudos do Pensamento Português (Universidade Católica Portuguesa – Porto), que acompanhou os primeiros passos deste trabalho com o generoso entusiasmo que todos lhe conhecíamos.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

RESUMO

Esta investigación explora o papel da saudade como categoría estética e simbólica na construción da identidade nacional galega, tomando como corpus a poesía publicada na revista Nós. Partindo dun progresivo interese pola cultura galega, o traballo ancorase teoricamente nas contribucións de Pierre Bourdieu e Itamar Even-Zohar, asumindo a literatura como sistema sociohistórico e campo de loita simbólica. A análise interroga como a saudade, vinculada ao saudosismo e á tradición galego-portuguesa, convertése nun signo poético de grande potencial identitario. Ademais, a revista é entendida como institución central para o sistema literario galego, nos seus procesos de canonización e afirmación dunha matriz cultural autóctona. Este estudo pretende iluminar a función da saudade na articulación desa narrativa nacional.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

ÍNDICE

1. INTRODUCÃO 11

1.1. PÓRTICO 13
1.2. FORMULAÇÃO DA PROBLEMÁTICA 16
1.3. OBJECTIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS 17
1.4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO 19
1.5. ESTADO DA QUESTÃO 31
1.5.1. SAUDADE(S) GALEGO-PORTUGUESA(S) 31
1.5.2. A REVISTA NÓS NO PROJECTO CULTURAL E POLÍTICO DO GALEGUISMO 33
1.5.3. A REVISTA NÓS E OS DISPOSITIVOS DE LEGITIMAÇÃO LITERÁRIA 48
1.5.4. CULTURA GALEGA, POESIA E SAUDADE: APORIAS E ALGUMAS ENCRUZILHADAS 54
1.6. HIPÓTESE(S) DE TRABALHO 70
1.7. JUSTIFICAÇÃO METODOLÓGICA 71

2. A REVISTA "NÓS" E A SAUDADE 75

2.1. GALIZA E PORTUGAL OU AS DUAS MARGENS DA SAUDADE 78
2.2. NACIONALISMO GALEGO E SAUDOSISMO 94
2.3. PRESENÇA DO SAUDOSISMO 106
2.4. POESIA, NACIONALISMO E SAUDADE 111
2.5. O CORPUS POÉTICO DA SAUDADE: DELIMITAÇÃO PARA ANÁLISE 117

3. A REVISTA "NÓS": PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO 131

3.1. CRÍTICA LITERÁRIA E RECEPÇÃO 134
3.2. DISPOSITIVO ANTOLÓGICO 150
3.3. SISTEMA EDUCATIVO E HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA 201

4. A SAUDADE NA POESIA DA REVISTA "NÓS 223

4.1. CAMPO SEMÂNTICO E LEXICAL DA SAUDADE 226
4.1.1. CONSTITUIÇÃO ANTROPOLÓGICA 236
4.1.2. EXPRESSÃO SENTIMENTAL 238
4.1.3. REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO 240
4.1.4. REPRESENTAÇÃO DO TEMPO 242
4.1.5. REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM 244
4.1.6. REPRESENTAÇÃO DO CLIMA 245

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

4.2. O CORPUS POÉTICO DA SAUDADE **248**
4.2.1. OS POETAS DE "NÓS" E A SAUDADE 248
4.2.2. POEMAS DE SAUDADE: SÍNTESE ANALÍTICA 256
4.2.2.1. CAMPO SEMÂNTICO E LEXICAL DA SAUDADE 262
4.2.2.2. CONJUGAÇÃO TEMPORAL DOS VERBOS 270
4.3. LEITURAS POSSÍVEIS **278**
4.3.1. HOMO NOSTALGICUS 278
4.3.2. LOCUS NOSTALGICUS 281
4.3.3. TEMPUS NOSTALGICUS 284
4.3.4. PATRIA NOSTALGICA 285

5. CONCLUSÃO **287**

6. SIGLAS E ABREVIATURAS **297**

7. BIBLIOGRAFIA **307**

7.1 FONTES POÉTICAS **309**
7.1.1 REVISTA 'NÓS' 309
7.1.2. PUBLICAÇÕES AUTÓNOMAS 313
7.1.3. ANTOLOGIAS DE POESIA 315
7.2. OBRAS DE CARÁCTER GERAL **317**
7.3. SUBSÍDIOS **318**
7.3.1. SUBSÍDIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS 318
7.3.2. SUBSÍDIOS HERMENÊUTICOS E OUTROS 319

8. ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS **343**

9. ANEXOS **349**

9.1. ANEXO 1| *¿FADA OU QUIMEIRA? ¿VIXILIA OU SONO?* **351**
9.2. ANEXO 2| *NOITURNIO: DO MEDO E DO ROMANCISMO* **353**
9.3. ANEXO 3| *CHORAI, CHORAI* **355**
9.4. ANEXO 4| *O POEMA DA SAUDADE* **356**
9.5. ANEXO 5| *TROVA INFINITA* **357**
9.6. ANEXO 6| *AIRIÑOS, AIRES...* **359**

USC DE COMPOSTELA

9.7. ANEXO 7| *EU SON DA TERRA CELTA* **360**
9.8. ANEXO 8| *FESTA NO CEO E NA TERRA: POEMA ENGEBRE* **362**
9.9. ANEXO 9| *O PELINGRINO* **365**
9.10. ANEXO 10| *DOS HERMOS ASTRAES: CABRAS* **367**
9.11. ANEXO 11| *SERES ALEIXOADOS* **369**
9.12. ANEXO 12| *O ESCORDEONISTA* **370**
9.13. ANEXO 13| *O RELEMBRO DO CLAN* **372**
9.14. ANEXO 14| *SANTA CECILIA DA SOIDADE* **374**
9.15. ANEXO 15| *CANTIGAS DA NOITE* **376**
9.16. ANEXO 16| *IN ANGORE GAUDIUM* **378**
9.17. ANEXO 17| *NOUTURNIO* **380**
9.18. ANEXO 18| *¡MONTAÑESA!* **381**
9.19. ANEXO 19| *EPITALAMIO* **382**
9.20. ANEXO 20| *O MILAGRE DA CONCEICIÓN DA NATUREZA* **384**
9.21. ANEXO 21| *MEU CORAZÓN...* **385**
9.22. ANEXO 22| *ROMANCE DOS SETE MARIÑEIROS* **386**
9.23. ANEXO 23| *CORAZÓN Ó VENTO* **388**
9.24. ANEXO 24| *MADRIGAL MORTO* **390**
9.25. ANEXO 25| *DA TÚA SAUDADE* **391**
9.26. ANEXO 26| *FIESTRA* **392**
9.27. ANEXO 27| *TÓPICO NO PORTO* **393**
9.28. ANEXO 28| *CANZÓN VII* **394**
9.29. ANEXO 29| *NACES NA PRIMADEIRA* **395**
9.30. ANEXO 30| *CAMIÑANTES* **398**
9.31. ANEXO 31| *CODIO* **400**
9.32. ANEXO 32| ÉGLOGA **402**
9.33. ANEXO 33| EU I-O MEU CORAZÓN. ELEXÍA, AO XEITO ROMÁNTEGO **403**
9.34. ANEXO 34| ALCIPRÉS **406**
9.35. ANEXO 35| CHOIVA **408**
9.36. ANEXO 36| OLLA MIÑA BEN AMADA **410**

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

1. INTRODUÇÃO

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

1.1. PÓRTICO

O meu primeiro contacto com a Galiza deu-se em muito tenra idade, quando, à falta de outros recursos, atravessar o rio Minho em *ferryboat* constituía uma experiência de certa transcendência. Mas, *in illo tempore*, era necessário passar a aduana, exibir os documentos de identificação e trocar escudos por pesetas, acções que indiciavam a uma consciência ainda apolítica o cruzamento de uma fronteira para um país estrangeiro (Banhos 1994). Além do mais, o que se falava na outra margem do rio era algo diferente daquilo a que os ouvidos, ainda monoglotas, se tinham habituado, mas que rapidamente alguém tratava de identificar com o espanhol. E talvez fosse.

Porém, apesar da estranheza que parecia impor-se mais do que à familiaridade, um certo sentimento de não estar fora de casa emergia da bruma que nos acompanhava entre A Guarda e a ria de Vigo ou quando, por primeira vez, me foi dado contemplar a imensidão do Atlântico do alto de Santa Tecla. Recordo-me ainda da K7 BASF vermelha e do respectivo alinhamento musical, tão ecléctico quanto aconchegante mesmo à distância de mais de trinta anos – de *Terra a Terra*, passando por *Orchestral Manoeuvres in the Dark*, a *Paul Simon & Art Garfunkel* –, que servia de banda sonora ao nosso passeio. Também, por essa altura, comecei a ouvir, repetida e quase obsessivamente, o *Cantar de Emigração* de José Niza, interpretado por Adriano Correia de Oliveira, de um LP que havia em casa dos meus pais. Aí, já sabia que o poema era de Rosalia de Castro (Teixeira 2025, pp. 149-150) e que era dela a estátua de Barata Feyo, na Praça da Galiza, no Porto.

Além disso, já ouvia da minha avó paterna dizer vir à Galiza – talvez, não me recordo, a identificasse(m) com Espanha (!) – comprar alguns produtos alimentares que, ao que parece, ficavam mais em conta do que no Porto. E também se ouvia falar de algum amor de verão que vivia a norte da Raia Seca. Anos mais tarde, alguns milhares de quilómetros calcorreados e várias solas de botas de montanha gastas por aldeias e serras galegas adensariam um sentimento, se não de pertença, pelo menos de familiaridade.

Em todo o caso, todo esse cenário era ainda Espanha.

A este respeito, em recente publicação editada pelos Centros de Estudos Galegos da Universidade do Minho, da Universidade do Algarve e da Universidade Nova de Lisboa, encontra-se um estudo sobre a (in)visibilidade da Galiza e do galego em Portugal, cujos

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

resultados corrigem parcialmente a desfocagem que se tem da percepção de que, em Portugal, não se chega a captar a diferença da Galiza no enquadramento mais amplo do Estado Espanhol.

Os dados revelam que, apesar de tudo, há alguma capacidade de reconhecimento da diferença linguística, mesmo se frequentemente ouvimos alguém numa qualquer cervejaria do Porto dizer que foi a Espanha, quando na verdade esteve na Galiza, e identifica como espanhola uma nítida expressão galega. Ainda assim, conclui o autor com alguma esperança e optimismo, a "Galiza e o galego não estão condenados à invisibilidade a sul da fronteira" (Neves 2021, p. 212).

Entre as elites intelectuais portuguesas – pensamos, sobretudo, nas que se movem entre a filosofia e os estudos literários (que atendem ao repertório cultural galego) – o não reconhecimento da diferença da Galiza em relação a Espanha não será certamente tão explícito, excepto quando informado ideologicamente por opções políticas alinhadas aos esquemas totalizantes do(s) centralismo(s), que funcionam como caixas-de-ressonância, ou espelhos, da nostalgia que se vem adensando desde a queda do império colonial português e da mudança de regime político em Portugal, como forma de resistência à evidência histórica de que o fim das ditaduras do *Estado Novo* e do *Franquismo* abriu portas a um mais intenso relacionamento galego-português (Pazos-Justo 2019, p. 192). Dito de outro modo: constatar a existência de um maior relacionamento galego-português depois de 1974/1975 activa a consciência de que o exílio de Marcelo Caetano e as cerimónias fúnebres de Francisco Franco representam simbolicamente a morte efectiva dos regimes, pelo que negar a diferença galega – creio – não passa senão por uma reacção nostálgica de reforço ao dispositivo psicológico dos processos de negação de uma tal morte.

No que nos diz respeito, o despertar da consciência para o galeguismo deu-se, por primeira vez, com a leitura de um pequeno livro, comprado numa feira de livros no Palácio de Cristal da cidade do Porto, no início de 2009: *Introdução ao Nacionalismo Galego* (Moutinho 1973). Poucos dias depois, parei em Arga de São João, na Serra d'Arga, e li-o de uma assentada, enquanto um amigo e colega tirava fotografias para uma exposição por ocasião do cinquentenário do Hospital de São João, ficando a conhecer três nomes: Xesús Alonso Montero (pp. 29-57), Alfonso Castelao (pp. 59-70) e Vicente Risco, como autor da *Teoria do Nacionalismo Galego* (pp. 71-131). Nesse mesmo ano, iniciei a redacção da minha dissertação

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

de doutoramento em teologia, que frequentava na Universidad Pontificia de Salamanca[1], e que versaria sobre a tão aparentemente única, intransferível e intraduzível saudade portuguesa.

Ao adquirir uma publicação fundamental, *Filosofia da Saudade* (Botelho & Teixeira 1986), deparei-me com outros nomes que não me soavam portugueses – Ramón Piñeiro (pp. 421-470), García-Sabell (pp. 471-490), Luis Tobio (pp. 491-497), Manuel Vidán (pp. 498-524), Rof Carballo (pp. 525-548), Otero Pedrayo (pp. 549-553), Daniel Cortezón (pp. 554-570) e Salvador Lorenzana (pp. 643-685) – e com um nome que parecia enquadrar-se, epistemologicamente na perfeição, no meu trabalho: Andrés Torres Queiruga (pp. 570-640). Passei de imediato à fonte desses textos, *La Saudade. Ensayos* (VV.AA. 1953), e pouco depois encontrei, numa livraria de Santiago de Compostela, *Para unha Filosofia da Saudade* (Torres Queiruga 2003; cf. Agís Vilaverde 2018; Carolo Tosar 2018; García Soto 2018; Martínez Quintanar 2018), que viria a estruturar não só a tese salmantina em teologia, mas a própria compreensão e interpretação da saudade, até então refém da emoção e do estereótipo.

Nesse contexto, não pude explorar a galeguidade da saudade, porque tampouco me interessava sublinhar demasiado a portugalidade da mesma, uma vez que uma das constatações fenomenológicas básicas e o enquadramento epistemológico do trabalho impediam-no de raiz: ou a ancoragem, por essencialista e ontologista que parecesse, forneceria instrumentos de análise em perspectiva universal, libertada de provincianismos e psicologismos, ou então não seria possível seguir com uma articulação teológico-fundamental da saudade.

A temática galega da saudade regressou, porém, ao deparar-me com *Da Galiza Renascente* de Vicente Risco (1928a; 1928b; 1928c), publicados na revista *Águia,* no âmbito de um estudo realizado no extinto Centro de Estudos do Pensamento Português da Universidade Católica Portuguesa, no Porto. Foi, então, que nasceu o desejo de estudar a(s) saudade(s) galega(s), investigação que só encontraria via de realização anos mais tarde. Em 2020, contactei o Prof. Elías José Torres Feijó, solicitando orientação, e em Setembro desse ano matriculei-me no programa de doutoramento em Estudos da Literatura e da Cultura, na Universidade de Santiago de Compostela, a quem propus um estudo que articulasse poesia e saudade na revista Nós, integrando consequentemente a minha investigação na Rede Galabra.

[1] Angélico, J. P. (2014). *Saudade, misterio de amor doliente. De las intuiciones de António Dias de Magalhães y Andrés Torres Queiruga a la articulación teológico-fundamental de la Saudade*. Salamanca: Servicio de Publicaciones de la Universidad Pontificia.

1.2. FORMULAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

A ancoragem histórico-política dos pressupostos de investigação de uma temática literário-cultural, como a saudade, responde a uma adesão às propostas de Pierre Bourdieu, nomeadamente a respeito do *campo literário* (1982, 1991, 2002 e 2011), e de Itamar Even-Zohar, concretamente sobre a aplicabilidade da sua *teoria dos polissistemas* (1990) ao espaço literário-cultural galego. Nesse sentido, partilhamos com Carlos Reis a convicção de que a "literatura envolve uma dimensão sociocultural, directamente decorrente da importância que, ao longo dos tempos, ela tem tido nas sociedades que a reconheciam (e reconhecem) como uma prática ilustrativa de uma certa consciência colectiva dessas sociedades" (2015, p. 24). Sabendo, por isso, que as fronteiras do fenómeno literário são "algo fluídas" (2015, p. 21), assumimos como pressuposto básico não só a inscrição social e política da literatura na história, mas também os seus referentes antropológico-culturais como caixas-de-ressonância dos constructos de auto-compreensão colectiva que os patrocinam.

Uma vez desenhados os traços fundamentais dos pressupostos anteriormente aludidos, avançaremos para uma justificação teórico-metodológica da estratégia que aplicaremos ao estudo sobre a saudade e a poesia galega na revista Nós, publicada entre 1920 e 1935, como *corpus* de estudo do trabalho, e que há-de descansar numa proposta de análise da importância da saudade na cultura galega como capital simbólico de uma construção identitária nacional.

Assim, a nossa questão investigadora fundamental poderia repousar na seguinte formulação da problemática: qual foi o papel da saudade, entendida como categoria estética e simbólica, na construção de uma identidade nacional galega, e em que medida contribuiu a revista Nós para esse processo?

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

1.3. OBJECTIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

O horizonte fundamental deste estudo repousa sobre um interesse particular pelo signo poético da saudade e pelas relações interculturais dos dois povos a norte e a sul do rio Minho, particularmente no que diz respeito à poesia saudosista publicada na revista 'Nós' (1920-1935). O período cultural e literário contemporâneo de maior impacto para a afirmação identitária da Galiza situa-se entre 1916, com a criação das 'Irmandades da Fala', e 1936, com sublevação franquista e o consequente silenciamento da cultura e da língua galegas.

Do ponto de vista literário, são duas décadas que Anxo Tarrío cataloga de 'Época Nós' (Tarrío 1998), balizamento que outorga maior legibilidade a uma complexa e tensa teia de eventos políticos, acontecimentos culturais e produções literárias, abrindo a possibilidade de uma leitura a um mesmo tempo mais ampla e mais situada do que as arrumações meramente geracionais ou estéticas normalmente permitem. Desde cedo, mas principalmente a partir de 1916, a saudade tem servido como uma espécie de quinta-essência na justificação mítica de uma matricialidade comum a nutrir uma fraternidade cultural: dos textos doutrinários do Nacionalismo Galego (Risco 1920c) à exaltação mátria da saudade nos poetas galegos (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920), a saudade, enquanto signo poético, e o saudosismo, enquanto doutrina espiritual, estética e política, emergem como referentes culturais de uma construção mítica identitária, oportunamente adjectivados por Elias Torres Feijó como a 'mais poderosa ponte' (Torres Feijó 2008).

Nesse sentido, como objectivos gerais desenhamos os seguintes:

a) Analisar as relações culturais entre os sistemas literários galego e português;

b) Aprofundar o conhecimento sobre a importância do signo cultural e poético da saudade para a consolidação das relações galego-portuguesas;

c) Explicitar a necessidade de uma aproximação de tipo arqueológico-cultural, de recorte fenomenológico, capaz de fazer luz sobre a relevância do signo poético da saudade, nas suas diferentes manifestações estéticas, para a construção identitária supramencionada.

Como objectivos específicos, pretendemos dar resposta aos seguintes:

i. Analisar a relação de intercâmbio cultural e literário, entre Portugal e a Galiza, no período que diz respeito ao tempo de vida da revista 'Nós' (1920 e 1935);

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ii. Analisar os discursos produzidos sobre as relações culturais galego-portuguesas, durante o período da 'Época Nós';

iii. Analisar a articulação poético-doutrinária da saudade nas relações transculturais entre o norte e o sul do rio Minho, no período referido;

iv. Aprofundar o conhecimento sobre as hermenêuticas das poéticas da saudade;

v. Aprofundar a possibilidade do desdobramento semântico da saudade, tanto a partir das suas manifestações poéticas explícitas como das implícitas;

vi. Aprofundar a reflexão sobre a relevância sócio-cultural e política da saudade para a consolidação de uma identidade nacional galega.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

1.4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Após uma breve história do lexema *literatura*, e antes ainda de avançar para uma explicação do processo que vai do conceito de literatura ao conceito de literariedade, Vítor Aguiar e Silva afirma do primeiro como "fortemente polissémico". E acrescenta:

> [O] conceito de literatura é relativamente moderno e constitui-se, após mais de dois milénios de produção literária, em função de um determinado circunstancialismo histórico-cultural; a literatura não consiste apenas numa herança, num conjunto cerrado e estático de textos inscritos no passado, mas apresenta-se antes como um ininterrupto processo histórico de produção de novos textos – processo este que implica necessariamente a existência de específicos mecanismos semióticos não alienáveis da esfera da historicidade e que se objectiva num conjunto aberto de textos, os quais não só podem representar, no momento histórico do seu aparecimento, uma novidade e uma ruptura imprevisíveis em relação aos textos já conhecidos, mas podem ainda provocar modificações profundas nos textos até então produzidos, na medida em que propiciam, ou determinam, novas leituras desses mesmos textos. (Silva 2018, p. 14)

A revista *Nós: Boletim Mensal da Cultura Galega* não é *stricto sensu* literária, como indica a especificação do título do periódico, ou uma rápida observação do seu índice, mas também como expressam as primeiras palavras com que se abre o primeiro dos seus números. Nelas não encontramos nenhuma referência explícita ao fenómeno literário:

> Pra ledicia de todos e pra enseño de moitos, sai oxe Nós.
> É a ansia qu' oxe s-inte Galizia de vivir de novo, de voltar ó seu ser verdadeiro e inmorrente, a evidencia lumiosa do mañán, o que nos fai sair. Temos unha fe cega, asoluta, inquebrantabel na vitalidade e no xenio da nósa Raza, e mais na eficacia do nóso esforzo pra levala ó acomprimento do seu fado grorioso. Oxe chegou á vida na nósa Terra, unha xeneración que se deprocatou do seu imperioso deber social de crearen pra sempre a cultura galega. Endexamais foi meirande a nósa autividade creadora. Nós ven a recoller todos ises esforzos d' integración da Patrea galega no seu xa rico polimorfismo.
> Os colaboradores de Nós poden ser o que lles pete: individualistas ou socialistas, pasatistas ou futuristas, intuicionistas ou racionalistas, naturistas ou humanistas; pódense pór en calquera das posiciós posibles respeito das catro antinomias da mente contemporánea; poden ser hastra

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> clásicos, con tal de que poñan por riba de todo o sentimento da Terra e da Raza, o desexo coleitivo de superación, a orgulosa satisfaición de seren galegos.
> Nós ha ser un estudio piedoso e devoto, cheo de sinceridade, de todol-os valores galegos: dos nósos valores tradicionás, e mais dos valores novos que cada día estanse creando na nósa Terra.
> Nós ha ser a repersentación no mundo da persoalidaáe galega na sua ansia de s' afirmare coma valor universal, autóctono, diferenciado, dentro ou fora da Terra.
> Nós ha ser a afirmación pra sempre do verdadeiro ser de Galizia, do Enxebrismo, no que ela tén, debe e quere persistire. O Enxebrismo é a nósa orixinalidade específica, a nósa capacidá de creación, o nóso autóctono dinamismo mental.
> Querendo suprimir entremediarios antr' o pensamento galego e o pensamento dos pobos cultos, Nós abre as suas páxinas a prestixosas persoalidades estranxeiras que contan de nos honrar co' a sua colaboración e tamén ha informar ó púbrico galego do movemento das ideias no mundo civilizado.
> Nada mais.
> E, ós que s' asombren da nósa confianza, da nósa firme ledicia ó principiar un traballo rudo, hémoslle dicir que temol-a evidencia de sermol-os millores, os mais doados, os mais fortes; de que todal-as forzas do esprito estan conosco, de que imos trunfar por sermos nós, por sermos galegos, e por seren o Tempo e o Mundo os que o piden...
> Nós conta achar' agarimo e xenerosa axuda en todol-os que sintan d' iste xeito.
> A todol-os que nos lean. (A.N.I. 1920b)

Contudo, o espaço que se lhe dedica é significativo, não só enquanto caixa-de-ressonância de um sistema que se reconhece numa certa herança, para nos expressarmos como Aguiar e Silva, mas também como lugar de produção e recepção crítica de novos textos: ao longo de quinze anos, publicam-se centena e meia de poemas de mais de cinquenta poetas galegos, dos quais alguns, e não poucos, verão inscritos os seus nomes e as suas obras nas páginas da historiografia literária galega; ao longo de quinze anos, publicam-se também várias recensões ao processo de produção literária em curso, na etiqueta *Os homes, os feitos, as verbas*, bem como noutras colunas (A.N.I. 1927; 1928b; 1928c; 1928d; 1928e; 1930c; 1930d; 1930e; 1933b; Bernárdez 1923; Bouza-Brey 1932; 1935; Carvalho Calero 1931d; 1932d; 1932c; 1934d; 1934e; Filgueira Valverde 1927a, 1927b, 1931; Iglesia Alvariño 1933c; 1934c; 1935b; Lebesgue 1920; Manteiga 1934a; 1934b; Martínez López 1926c; 1927; Otero Espasandín 1928b; Otero Pedrayo 1928a; Risco 1927c; 1928g; 1928h; 1929; Sponer 1927).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Ante esta primeira constatação, poderíamos dizer que nos movemos no campo de compreensão da literatura enquanto instituição, em que diversos agentes tomam parte: escritores/poetas, críticos, editores e leitores. Na verdade, não nos distanciaremos muito dela.

Ainda assim, importa relembrar que se nos situássemos não no início do passado século, mas em qualquer outro anterior ao século XVIII, talvez não tivéssemos dificuldade em etiquetar a revista *Nós* como literária, dada a amplitude semântica do lexema. Diria Aguiar e Silva: "Tal como *literatura*, lexemas e sintagmas como *letras*, *letras humanas* e, a partir do século XVII, *belas-letras* designam conhecimento, doutrina, erudição – um conhecimento que tanto dizia respeito aos poetas e aos oradores como aos gramáticos, aos filósofos, aos matemáticos, etc." (Silva 2018, p. 3). Ora, a evolução semântica de *literatura* consistirá, fundamentalmente, num afunilamento do seu sentido enquanto arte e fenómeno estético, principalmente a partir do século XVIII em diante: "em virtude de importantes transformações semânticas, o lexema *literatura* adquiriu os significados fundamentais que ainda hoje apresenta: uma arte particular, uma específica categoria da criação artística e um conjunto de textos resultantes dessa actividade criadora" (Silva 2018, pp. 9-10).

Para esta evolução contribuiu fortemente uma certa transformação do paradigma epistemológico da Modernidade. Aguiar e Silva refere que a especificação do lexema *ciência* conduziu, nesse contexto, a uma divisão na ordem do saber, potenciando por um lado a inadequação do lexema *literatura* para tudo o que pertencesse ao campo epistemológico do que, desde então, se passou a denominar ciências experimentais e indutivas, mas também uma afirmação da autonomia dos valores estéticos. A consequência não será difícil de perceber:

> Assim se constituía uma das antinomias fundamentais da cultura ocidental nos dois últimos séculos – a antinomia da chamada cultura humanística *versus* cultura científico-tecnológica. O fenómeno literário representou, desde o início, o mais relevante factor do primeiro pólo desta antinomia e a sua importância haveria de alargar-se com o romantismo, quer como sistema de valores oposto à ciência, à técnica e à civilização burguesa, cujo progresso dependerá crescentemente do suporte científico-tecnológico, quer como sistema de valores susceptível de funcionar em sub-rogação de códigos éticos e credos religiosos em crise. (Silva 2018, pp. 10-11)

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

No coração desta transformação semântica, argumenta Aguiar e Silva, o lexema *poesia* poderia ter concorrido com o lexema *literatura*, caso não tivesse acontecido uma "acentuada valorização de textos e géneros literários em prosa, desde o romance ao ensaio e à sátira ideológico-política" (Silva 2018, p. 11). As razões são relativamente claras:

> Esta importância crescente da literatura em prosa está relacionada com um dos grandes fenómenos culturais e sociológicos no século XVIII: o alargamento substancial do público leitor, alargamento que reflecte profundas alterações entretanto operadas na sociedade – acesso à esfera da cultura de uma classe burguesa cada vez mais poderosa e influente em todos os planos e caracterizável já, em termo veblenianos, como uma *leisure class* – e que origina, com naturais efeitos de *feedback*, um vigoroso desenvolvimento da indústria e do comércio livreiro, a proliferação de instituições que possibilitam e promovem a leitura (bibliotecas públicas, gabinetes e sociedades de leitura), o aparecimento, pela primeira vez na história, de escritores fruindo da possibilidade de viverem do rendimento proporcionado pelas suas obras e a formação de uma *opinião pública* que há-de exercer uma função relevante não só no campo dos problemas ideológico-políticos e sociais, mas também no domínio das manifestações artísticas. (Silva 2018, p. 12)

A poesia ver-se-ia assim obrigada a ser designação de um modo de criação artística pela palavra, articulada técnica e formalmente de modo muito específico, mesmo se movimentos poéticos posteriores viessem a introduzir alguma ruptura na unidade do conceito, com elementos como a poesia em prosa ou o versilibrismo. Em todo o caso, o género literário ficaria claramente identificado no grande complexo da – já de si muito delimitada – arte literária:

> Dentro de tal condicionalismo, não era possível impor a designação genérica de *poesia* a uma produção literária em que avultavam cada vez mais, quer sob o aspecto quantitativo, quer sob o aspecto qualitativo, os textos em prosa. *Poesia* passou a designar prevalentemente os textos literários que apresentavam determinadas características técnico-formais ou então passou a designar uma categoria estética susceptível de qualificar quer obras artísticas não-literárias, quer determinados aspectos e manifestações da natureza ou do ser humano. Tinha de se adoptar portanto outra designação genérica mais extensiva. Essa designação foi *literatura*. (Silva 2018, pp. 12-13)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Ainda assim, afirma Aguiar e Silva face ao conceito positivista de literatura, impôs-se necessário cunhar um termo que identificasse o fenómeno literário enquanto esteticamente específico. Foi Roman Jakobson quem avançou com a categoria de literariedade (Silva 2018, p. 15), enquanto noção definitória do fenómeno literário claramente diferenciável do não-literário. A convicção, simultaneamente essencialista e referencial, e que pretendia surpreender as características (universais) de um texto (particular) que lhe outorgariam substância literária, encontrou acolhimento, mas também alguma resistência, alicerçada esta sobre quatro argumentos básicos: (1) não existe uma essência da literatura independente de outros fenómenos culturais, estéticos, políticos e sociais; (2) a literatura não existe senão na comunidade que a produz, transmite e recebe; (3) o denominador comum seria tão somente o uso da linguagem; e (4) uma compreensão hipostasiada da literatura tende a eludir a real comunicação que acontece com a leitura, mediada pelo texto:

> Tzvetan Todorov entende que não é legítima uma noção "estrutural" de literatura e contesta a existência de um "discurso literário" homogéneo, visto que ocorrem características "literárias" fora da literatura e visto que «se tornou igualmente óbvio que não existe nenhum denominador comum para todas as produções "literárias", não ser o uso da linguagem». [...]
> Se a ideia de literatura não é defensável como ideia essencialística, se o conceito de literariedade não se pode fundamentar em específicas propriedades textuais, se a expressão "objecto literário" é apenas uma metáfora espacial a que não corresponde um estatuto ontológico peculiar, ter-se-á de procurar no(s) sujeito(s) leitor(es) o fundamento do conceito de literatura. [...]
> O obra literária só existe através do acto cognitivo do seu leitor [...]. (Silva 2018, pp. 17-19)

Independentemente de "a maior parte das histórias literárias inclui[rem], efectivamente, referências a filósofos, historiadores, teólogos, moralistas, políticos, e até a alguns cientistas" (Wellek & Warren 1972, p. 22), considerada a já mencionada amplitude semântica do conceito na história da cultura e com a qual se entrelaça de modo ineludível, a literatura, seja qual for a intensidade da sua definição epistemológica, encontra no próprio acto da sua produção um elemento diferenciador. Carlos Reis, que parece não ceder ao essencialismo, assim afirma:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> A caracterização da linguagem literária como fenómeno autónomo apoia-se, em primeira instância, na noção de que a criação literária constitui uma actividade intencional e finalística. Quando escreve um texto, o escritor normalmente sabe que esse texto virá a ser entendido como texto literário; tal facto estimula não apenas a observância de determinados protocolos de escrita literária, mas também a integração dessa escrita num cenário institucional condicionado por [outros] factores e circunstâncias. Assim, escrever literatura é, na esmagadora maioria das vezes e ressalvadas raras excepções, um acto deliberadamente estético, que o escritor é o primeiro a reconhecer como tal. Esse acto requer, antes de mais, um determinado índice de competência técnico-artística, que o escritor pode cultivar ou aperfeiçoar de formas variadas, quando, por exemplo, retoma e reelabora textos anteriormente escritos, que procura depurar. (Reis 2015, p. 103)

Portanto, entre a recepção e a produção de um texto, para inverter a ordem dos factores, há a "constituição da linguagem literária e do discurso que a configura" (Reis 2015, p. 111). Esse discurso tece-se, de acordo com Jakobson, na teia daquilo a que chama de função poética da linguagem. A convicção seria fundamentalmente a de ancorar a noção de literariedade às "propriedades linguísticas do discurso literário" (Reis 2015, p. 112). No fundo, tratar-se-ia de pensar a relação entre código literário e código linguístico. Pensando no *corpus* textual do qual se ocupará a nossa análise, a relação entre um e outro códigos é de suma importância, na medida em que o código linguístico é (re)construído à medida em que se vai também construindo o próprio código literário. Ou dito de outro modo: há uma nutrição mútua do sistema literário e do sistema linguístico galegos, que se adensa e intensifica no período contemporâneo à publicação da revista *Nós*, processo em grande parte a ela devedor.

Assumindo a *Época Nós* como abrangendo o arco temporal proposto por Anxo Tarrío (1998, p. 199), não seria difícil ampliar o juízo que A. Villar Ponte opera sobre a *Geração de 16*, no que toca à importância da literatura para a consolidação da língua, no seu discurso de entrada na Real Academia Galega, a 16 de Junho de 1951:

> Dende logo, sería unha inxustiza faguer cousa certa que o galego se non escomenzara a empregare como lingua corrente e axeitada a todas as necesidades por algunhos escritores, denantes de que as "Irmandades da Fala" fixesen a súa aparición. Como ninguén iñora na nosa língua se produciran xa, non soio poesías illadas, sinón tamén libros de poesías, d'eles algunhos de un outísimo valor. Non faltaron, asemade, libros de prosa galega. Y-en xornaes e revistas

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> traballos feitos na língua da terra se puideron leren máis de unha vegada. Quérese decir con isto que nós non pretendemos deixar sentado que o cultivo abondoso do galego, dende qu'él se inicia, témero e balbucinte até que xa se manifesta seguro e borreante, non foi derivación e froito eiscrutivo do xurdimentos das "Irmandades". O que si termamos de probare é que un cultivo sistemático premeditado, abarcando todol-os campo d'espresión individual e colectiva, incruindo, craro está, o da adoitada conversa entre persoas de categoría intelectual e profesional, se non realizara nunca tan compreta e totalmente até o intre en que as "Irmandades" aparescen pol-a terra. (Villar Ponte 2015, p. 12)

Ainda que, no seguimento do discurso e glosando Emilia Pardo Bazán[2], Ramon Villar Ponte defenda a "generalização do galego em todos os aspectos" (Villar Ponte 2015, p. 13), nada diminui à relevância do fenómeno literário nessa construção. Em ordem a uma redenção da tentação essencialista e esteticista, que não fariam mais do que encostar a literatura à insignificância anacrónica, com os "excessos imanentistas" de que fala Dolores Vilavedra (1999, p. 14), torna-se importante pensar a inscrição do fenómeno no sistema mais amplo e complexo que, de facto, o constitui.

Quando Vilavedra expõe os seus critérios para a definição da literatura galega, avança que a entende como aquela formada pelo código linguístico galego, reafirmando assim a importância linguística. Trata-se, no fundo, do critério filológico, ainda que matizado, proposto por Ricardo Carvalho Calero[3]. Por um lado, considera adequado para a definição de um caso como o galego, argumentando do seguinte modo: "Em primeiro lugar, porque estamos a falar de uma literatura sem estado, de modo que o peso dos elementos institucionais e a utilidade das fronteiras políticas, resultam mais inúteis à hora de fixar os seus limites" (Vilavedra 1999, pp. 15-16). Por outro lado, crê que tal critério deve ser "aplicado com flexibilidade em determinadas situações" (Vilavedra 1999, p. 16), e tal faz sentido se tivermos em conta que "nem sempre foi [...] tão

[2] "Al afirmar que el atraso de la lengua gallega nace de su carencia de literatura, no me refiero solamente a las bellas letras. También es cultivo literario para un idioma la conversación entre gentes instruidas, el comercio epistolar, la oratoria sagrada y profana, los instrumentos públicos; y en Galicia esto se hace en castellano". (Pardo Bazán 1888, p. 11)

[3] "Ren hai que opor ao feito de que un autor estude a obra literaria dos galegos en todos os idiomas que teñan cultivado. Se quer titular ise estudo "historia da literatura galega", fágao embora. As verbas teñen decotío un valor convencional. Mais niste libro é o idioma o que nos serve pra escolmar o material do noso estudo. Seguimos un criterio, pois, filolóxico, que nos parez o máis científico, xa que o idioma é o estormento da literatura". (Carvalho Calero 1981, p. 11)

óbvio" afirmar que "a literatura de um país, de uma nação, é a que está escrita na própria língua desse país ou nação" (Tarrío 1998, p. 9). E assim segue o argumento:

> De feito, moitas literaturas nacionais de agora mesmo teñen que se expresar en linguas que, se ben non son alleas ós países de que se trate, o certo é que non son as linguas propias que eses países teñen, tiveron ou quererían volver a ter. O portugués, o inglés, o francés e o español, por exemplo, son as linguas literarias de moitas literaturas de nacións que, tendo linguas de seu, non posúen polo momento un grao de normalización cultural dende esas linguas nin de normativización lingüística para que unha delas poida asumir a tarefa de construír unha literatura nacional. E sen embargo falamos, por exemplo, dunha literatura angolana, ou quebequesa ou alxeriana ou arxentina, ou australiana, como se se tratase de literaturas diferentes á portuguesa, á francesa, á española, á inglesa, etc.

Por seu turno, e referindo-se à noção de estigma, Pierre Bourdieu oferece os pressupostos que parecem presidir à dinâmica da relação entre literatura nacional e nacionalismo político, ou seja, entre o capital simbólico e o capital material, como elementos estruturantes e mutuamente referidos de uma definição identitária nacional:

> O estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema – segundo o paradigma *«black is beautiful»* – e que termina na institucionalização do grupo produzido (mais ou menos totalmente) pelos efeitos económicos e sociais da estigmatização. É, com efeito, o estigma que dá à revolta regionalista ou nacionalista, não só as suas determinantes simbólicas mas também os seus fundamentos económicos e sociais, princípios de unificação do grupo e pontos de apoio objectivos da acção de mobilização. Os que julgam poder condenar o sionismo ao condenarem o racismo esquecem que o sionismo é, na sua origem, o produto histórico do racismo (e também que, como mostram, por exemplo, as ficções da política que têm em vista reconhecer a «identidade cultural» dos emigrados sem lhes conceder a sanção jurídica deste reconhecimento, se tem o direito de perguntar se uma identidade cultural inicialmente firmada no estigma pode ser realmente assegurada sem a garantia de um Estado independente). É assim, embora se possa deplorar que, por uma espécie de desforra da história, aqueles que foram as primeiras vítimas das ideologias reacionárias da terra e do sangue tenham sido obrigados a criar inteiramente, para

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> realizarem a sua identidade, a terra e língua que servem geralmente de justificação «objectiva» à reivindicação da identidade.
>
> A reivindicação regionalista, por muito longínqua que pareça deste nacionalismo sem território, é também uma resposta à estigmatização que produz o território de que, aparentemente, ela é produto. E, de facto, se a região não existisse como espaço estigmatizado, como «província» definida pela distância económica e social (e não geográfica) em relação ao «centro», quer dizer, pela privação do capital (material e simbólico) que a capital concentra, não teria que reivindicar a existência: é porque existe como unidade negativamente definida pela dominação simbólica e económica que alguns dos que nela participam podem ser levados a lutar (e com probabilidades objectivas de sucesso e de ganho) para alterarem a sua definição, para inverterem o sentido e o valor das características estigmatizadas, e que a revolta contra a dominação em todos os seus aspectos – até mesmo económicos – assume a forma de reivindicação regionalista. (Bourdieu 2011, pp. 126-128)

Tal situação, salvaguardadas as diferenças circunstanciais a que se refere, poderia, sem grandes imposições hermenêuticas, ser aplicada à tonalidade literária do nacionalismo galego, no qual a necessidade de reivindicação do capital material vai de mãos dadas com a necessidade de reivindicação do capital simbólico[4], uma vez que este participa na potenciação daquele[5].

[4] "Como sistema procedente dun proxecto político – e é máis, de xorne e vocación politizante – de carácter afirmador, cómpre asinalar que a literatura galega se apresenta inicialmente a rentes da construción da ideoloxía de carácter galeguista, mesmo por veces avanzándoa e/ou anunciándoa, descobrindo no seu desenvolvimento posterior, ademais, un percorrido no que se evidencia que os dous procesos mantiveron unha relación constante de influencia e de mutua determinación: xa que como acertadamente escrebeu o prof. Rodríguez Sánchez, ao igual que o programa do ideario nacionalista atribuíu – e segue a facelo – unha función básica ao sistema literario, o material que este produce «representaron un papel obxectivo na toma de conciencia nacional» (Rodríguez 1985: 8), o cal lles outorga unha funcionalidade ideolóxica e política inequivocamente determinante. [...] en toda emerxencia literaria se acha a emerxencia política da conciencia de nación, pois o discurso nacionalista constrúese sempre quer no texto literario, quer servíndose del, posto que se a noción da nación nace dun postulado e dunha invención, só é quen de se manter viva coa adesión. Colectiva á tal ficción". (Pardo de Neyra 2009, pp. 112-113)

[5] "[...] since any socio-cultural activity is thus conceived of as an integral part of the totality of culture, it can, in the process of conversion, internalize certain norms, which subsequently become domestic factors. Moreover, these may lose contact with the circumstances of their emergence and eventually become incompatible with norms that might have crystallized with time in the culture. The principle of domination by innovation, popularly believed to be an inherent feature of such activities as literature, is relatively recent, as it was introduced by the Romantic Age in correlation with the changing *socio-cultural* norms of the time. Since it then became apparent that, in any field of social activity, one could gain power and control (position, influence, income) by offering novelties rather than by demonstrating proficiency in mastering a time-honored repertoire, literature managed to be among the very first semiotic activities not only to conform to the new ideology, but to participate in its very formulation and propagation". (Even-Zohar 1990, p. 90)

No que diz respeito ao *corpus* de análise deste trabalho, a saber, a poesia galega publicada na revista *Nós*, a questão ficaria resolvida por si mesma, mesmo que a temática que pretendemos perseguir nos obrigasse a um afunilamento linguístico. Em todo o caso, o adensamento das relações galego-portuguesas durante este período, patentes neste periódico, conduzir-nos-iam a uma ampliação da grelha hermenêutica, precisamente pela saliência de alguns processos de contaminação e emulação. Por esta via, percebemos nitidamente que um tal tema (saudade) e num tal *corpus* (poesia galega publicada em *Nós*) inseridos num determinado período (1920-1935) reclamam uma perspectiva teórico-metodológica mais ampla do que a que patrocinaria um apertado critério filológico, ao qual se seguiria, quase que inevitavelmente, uma mera catalogação onomástica e temática ou a pura análise morfológico-sintáctica do *corpus* poético escolhido. Cremos fundamental, por essa razão, pensar esse *corpus* à luz do conceito de sistema literário. Deixamos a Vilavedra (1999, pp. 16-17) a síntese da sua incidência sobre o fenómeno:

> O emprego do concepto de "sistema literario" agroma dende a conciencia da necesidade de renovar os estudios literarios e dende a vontade de atopar un novo paradigma epistemolóxico, que se pretende empírico e funcional, fronte ó carácter histórico-hermenéutico do paradigma no que tradicionalmente se viñan xerando as teorías literarias. Inspirado nas aportación feitas dende disciplinas como a semiótica da cultura desenvolta pola Escola de Tartu liderada por Iuri Lotman, a socioloxía literaria de Pierre Bourdieu, a teoría polisistémica de Itamar Even-Zohar e as súas aplicacións por parte da coñecida como Escola de Tel-Aviv, o que aquí imos denominar criterio sisémico presupón a consideración da literatura como un conxunto ou rede de elementos interdependentes no que cada un se define fronte ós restantes pola función que desenvolve na antedita rede. E na medida en que a literatura se comporta como calquera outro sistema de signos organizado socialmente, insírese en sistemas máis complexos coma o da cultura.

Identificados os autores e as respectivas composições poéticas publicadas na revista Nós, interessa perceber como estes elementos se inscrevem no campo literário, entendido este como um "champ de forces agissant sur tous ceux qui y entrent, et de manière différentielle selon la position qu'ils y occupent [...], en même temps qu'un champ de luttes de concurrence qui tendent à conserver ou à transformer ce champ de forces" (Bourdieu 1991, pp. 3-4). Encontramo-nos, aqui, no ponto exacto em que a literatura é entendida não como "an isolated activity in society, regulated by laws exclusively (and inherently) different from all the rest of

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

human activities, but as an integral – often central and very powerful – factor among the latter" (Even-Zohar 1990, p. 2). Não cremos possível operar uma justa leitura da importância que a revista Nós e as suas poéticas tiveram para a afirmação de uma literatura nacional, como a galega, sem atender à complexidade e pluralidade das instâncias legitimadoras da mesma. Estamos conscientes, contudo, da relativa importância desta publicação periódica: relativa, por um lado, (1) por não actuar isoladamente sobre o sistema literário galego, e isto não só por não se tratar de uma revista estritamente literária, mas também por coetaneamente concorrer com outras publicações periódicas que assumem mais explicitamente essa natureza, como é o caso de *Alfar* ou *Ronsel*; e relativa também, por outro lado, (2) porque se torna metodologicamente necessária uma articulação com outros factores de ordem institucional para a compreensão do seu lugar na história do sistema literário galego. Cremos, por isso, importante recordar a definição que Itamar Even-Zohar oferece sobre a noção de "instituição":

> The "institution" consists of the aggregate of factors involved with the maintenance of literature as a socio-cultural activity. It is the institution which governs the norms prevailing in this activity, sanctioning some and rejecting others. Empowered by, and being part of, other dominating social institutions, it also remunerates and reprimands producers and agents. As part of official culture, it also determines who, and which products, will be remembered by a community for a long period of time.
>
> In specific terms, the institution included at least part of the producers, "critics" (in whatever form), publishing houses, periodicals, clubs, groups of writers, government bodies (like ministerial offices and academies), educational institutions (schools of whatever level, including universities), the mass media in all its facets, and more. Naturally, this enormous variety does not produce a homogeneous body, capable, as it were, of acting in harmony and necessarily succeeding in enforcing its preferences. Inside the institution there are struggles over domination, with one or another group succeeding at one time or another at occupying the center of the institution, thus becoming *the* establishment. But in view of the variety of the literary system, different institutions can operate at the same time for various sections of the system. For instance, when a certain group of innovators may already have occupied the center of the literary institution, schools, churches, and other organized socio-cultural activities and bodies may still obey certain norms no longer accepted by that group. (Even-Zohar 1990, pp. 37-38)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Carlos Reis fala, neste sentido, da "estabilidade" e da "notoriedade pública" (Reis 2015, p. 25) que o carácter institucional da literatura potencia. Trata-se, no fundo, de colocar o fenómeno literário no cadinho da tradição. Ora, integrar ou rejeitar um determinado autor nesse canal comunicacional, bem como uma determinada obra, implica a conjugação, nem sempre pacífica, dos vários factores que actuam no campo de poder, que é "l'espace des rapports de forces entre des agents ou des institutions ayant en commun de posséder le capital nécessaire pour occuper des positions dominantes dans les différents champs (économique ou culturel notamment)" (Bourdieu 1991, p. 4). A questão que pertinentemente deve ser colocada é a seguinte: no caso do sistema literário galego, que agentes e/ou que instituições entram nesse jogo de forças?

Cremos que seria importante considerar, pelo menos, seis.

Tendo em conta que uma (1) publicação periódica pode funcionar como uma instituição entre outras, parece-nos que, no caso da revista *Nós*, ela mesma encerra factores institucionais a considerar: (1.1) os autores e as suas composições poéticas, já elencados no capítulo precedente; (1.2) a recensão de obras publicadas autonomamente[6], mas amiúde com a chancela homónima[7]; e (1.3) os ensaios de crítica literária, com certa pretensão historiográfica e, portanto, canonizadora. Contudo, não seria adequada uma aproximação ao nosso objecto de estudo se sobre ele acabasse por vingar uma certa apologética de recorte imanente e auto-referencial. Cremos, por isso, necessária a convocação de outros agentes/instituições para a compreensão do lugar da revista no sistema literário galego: (2) a academia, (3) os prémios literários, (4) a crítica literária, (5) o fenómeno antológico e, por fim, mas não menos importante, (6) o sistema educativo, historiografia incluída, como instância codificadora da tradição.

Enquanto "sistema aberto, dinâmico e heterogéneo" (Vilavedra 1999, p. 17), pensaremos essa poesia galega publicada ao longo de década e meia, tendo em conta os seus agentes, produtos, instituições e repertório, no complexo mais amplo da construção da cultura galega, e em particular na relação intersistémica com a cultura e a literatura portuguesas, não abdicando por completo da necessária catalogação onomástica e temática, nem de um estudo morfológico-sintáctico, mas também acompanhados de uma análise semântica, em razão da polissemia própria da saudade e da sua variação morfológica, bem como do seu uso poético não exclusivamente dependente do recurso explícito ao vocábulo.

USC

[6] Referimo-nos, sobretudo, às recensões publicadas em "Os homes, os feitos, as verbas".
[7] Referimo-nos, claramente, à Editorial Nós.

1.5. ESTADO DA QUESTÃO

Depois dos "séculos obscuros" (Vilavedra 1999), que sucederam ao período da lírica medieval (Tavani 1998), a literatura galega conheceu um significativo renascimento, a partir de meados de Oitocentos, fundamentalmente em razão da influência que o Romantismo acabou por ter nos precursores do Rexurdimento (Carvalho Calero 1981). Em pleno renascimento, já na segunda metade do séc. XIX, a saudade será um dos mais fortes motivos de inspiração lírica, presente em poetas maiores como Rosalía de Castro, Eduardo Pondal, Manuel Curros Enríquez ou Valentín Lamas Carvajal (Landeira 1970).

Entre o Rexurdimento e o silenciamento franquista da cultura e da língua galegas, em 1936, é possível a constatação de uma fraterna e mútua referência cultural, espiritual e literária de tonalidade matricial, fraternidade que se adensará a partir de 1916: com a criação das Irmandades da Fala e com a adesão ao Saudosismo de Pascoaes pela *Teoria do Nacionalismo Galego* de Vicente Risco (Figueroa & Torres Feijó 2016). Até 1936, há um grande esforço dos círculos culturais galegos por cimentar, literária e filosoficamente, essa pedra angular identitária (Seoane Dovigo 2017). Tal empenho arranca, em 1916, em torno à actividade doutrinária do Nacionalismo Galego, nas suas diferentes frentes de batalha.

1.5.1. Saudade(s) galego-portuguesa(s)

Além da capacidade que a revista Nós tem de congregar gerações e sensibilidades estéticas distintas, bem como do esforço por articular o peculiar da cultura galega com a sua abertura ao mundo[8], interessa-nos observar a problemática e a temática da saudade.

Partimos, pois, desta convicção:

[8] "O labor cultural do Grupo Nós é a mostra máis esclarecedora de que como a través do particular se pode chegar ao universal ou, se queremos, de como son perfectamente compatíbeis enxebrismo e universalismo. É unha característica do humanismo a predilección pola variedade de pobos, culturas e linguas que conviven no planeta e que teñen dereito a existiren dignamente. Galiza debía figurar, pois, con méritos propios sobrados no concerto universal de pobos e culturas. Desde as arelas iniciais das Irmandades, que proclamaban a «soberanía estética da nación galega» (1918) á consigna «Galiza, célula de universalidade», recollida na Declaración de Principios do Partido Galeguista (1931), hai un mesmo cometido concienciador. Non se trata máis que da reafirmación na idea de que para estarmos no mundo non temos por que renunciar a sermos galegos.
Desde unha óptica culturalista, esta intención vese reflectida nas páxinas da revista *Nós*. Fundada en outubro de 1920, é considerada un dos proxectos máis emblemáticos do galeguismo. Á fronte, como director, figura Vicente Risco, acompañado por Arturo Noguerol como xerente, Otero pedrayo e Cuevillas, aos que axiña se unirán Castelao como director artístico e Ánxel Casal como editor. Ao longo dos seus dezaseis anos de vida, e a través dos cento e corenta e catro números que se publicaron, marcouse o obxectivo de europeizar e universlaizar a cultura galega, tomando como referencia en todo momento as propias raíces". (Bernárdez et al. 2001, pp. 60-61)

> As transformações da cultura galega mesmo nos aspetos mais especulativos e simbólicos podem e devem ser interpretados no quadro político de conflito de que fazem parte, em que qualquer referente cultural pode ganhar uma função significativa divergente do seu significado primeiro, transformação que acontece com o significado de saudade. A cultura galega contemporânea desenvolve-se entre a subalternidade e a resistência e o recurso a caminhos marginais, em que o marco que decide o sistema cultural é o estado espanhol e a sua necessidade de organizar todos os discursos culturais dentro da sua jurisdição em uma imagem de unidade e harmonia. O discurso sobre a saudade na criação literária e no discurso político também está sujeito a esse jogo de forças e espelhos que tem na cristalização de imagens identitárias um dos grandes campos de batalha. (Seoane Dovigo 2017, p. 175)

Ora, esse discurso, assumindo parcialmente o saudosismo pascoaesiano, não apresenta somente notas de nostalgia e memória, mas também de força profética e horizonte teleológico. Não é por acaso que emerge, nos textos de carácter mais doutrinário, associado ao atlantismo e ao celtismo, entendidos estes como eixos de articulação civilizacional:

> De facto a interpretação da saudade está ligada à recuperação da língua galega para os usos escritos e à consequente evolução dos géneros literários e o ativismo social. Fazer do galego uma língua válida para a reflexão e o ensaio foi uma das grandes preocupações das Irmandades da Fala, criadas a partir de 1916. Exemplo é a obra ensaística de Vicente Risco (1884-1963) sobre a identidade galega. Risco associa a saudade a uma interpretação espiritualista e transcendental da história colectiva dos galegos. Por um lado está no centro de uma rede de associações de várias tendências ideológicas, especialmente o atlantismo e o anti-modernismo, este último traço ideológico muito próprio de Risco e que o envolveu em polémicas com outros vultos do galeguismo da altura, mais preocupados na vindicação de direitos cívicos e menos preocupados por questões identitárias. Por outro lado, dá continuidade à interpretação finalista da história de Pondal e outros poetas. (Seoane Dovigo 2017, pp. 178-179)

Por um lado, temos a afirmação do valor, não só estético, mas também cultural e político da saudade; por outro, a sua ressonância na poesia, que a seu modo a recupera para o uso da língua. Faltaria, porém, perguntar pelo seu significado (Borges de Castro 1985; Correia 1984; Cortés

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Ahumada 1961; Cortesão 1912; Costa 1996; Costa 1962; Dantas 1934; Dimas 2022; Filippi 1981; Franco 2004; 2012; García Martí 1956; García Soto 2008; 2012; 2015; 2017; 2022; Martínez-Risco Daviña 2022; Patrício 2012; Pim 2012; Ponte Hernando 2018; Queirós 2008; Sá 1977; Santos 1962; Simões 2012; Teixeira 2006; 2022a; 2022b; Tejada 1953; Vasconcelos 1990; Vieira 2000 – para citar algumas referências) e pela sua presença em *Nós*.

1.5.2. A revista Nós no projecto cultural e político do galeguismo

É hoje relativamente consensual a afirmação de que o fenómeno literário não se tece somente numa trama estética, e que tampouco se circunscreve às interacções entre os diferentes agentes literários como os escritores, críticos, editores ou leitores. A montante e a jusante desse sistema social, há efectivamente interacção com outras dimensões. Em *System, Dynamics, and Interference in Culture: A Synoptic View* (1990, p. 85), Even-Zohar afirma:

> The idea that any socio-cultural activity consists of such a network [of relations], i.e., that it can more adequately be analyzed, as a historical phenomenon, if conceived of as a system, emerged in the context of the development of the system idea in linguistics. By analogy to the latter, the purpose of the concept is to replace the search for data about material aspects of phenomena by discovering the functions of these aspects. Thus, instead of a conglomerate of material phenomena, the functional elements hypothesized by the system approach are considered as interdependent and correlated. The specific role of each element is determined by its relational positions vis-à-vis all other (hypothesized) elements.

No caso específico da construção da identidade nacional galega, pouco se compreenderá se não se atender à interacção entre os diferentes sistemas, seja o sistema literário europeu, ibérico, espanhol ou português, mas também às tensões que convergem na rede de relações de toda a actividade sócio-cultural, sejam elas de ordem económica, política, religiosa ou social (Alonso Montero 1977). Entendemos que, no caso que nos ocupa, as relações de tensão se jogam naquilo a que Pierre Bourdieu chamou de "dominação simbólica e lutas regionais" (2011, p. 125):

> O regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer colectivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> transformação das relações de forças simbólicas; ou, se se prefere, a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objectivas ou intencionais) da identidade social. Nesta luta pelos critérios de avaliação legítima, os agentes empenham interesses poderosos, vitais por vezes, na medida em que é o valor da pessoa enquanto reduzida socialmente à sua identidade social que está em jogo.

Ora, na sua breve *História da Galiza*, com primeira edição castelhana de 1985, Ramon Villares começa por afirmar que, não sendo esse esforço intelectual prática recente, na verdade "goza de uma larga tradição historiográfica" (1995, p. 9). Contudo, afirma:

> Contudo, a história da Galiza é pouco conhecida, talvez devido ao facto de que é uma história bastante modesta, pouco tecida por acontecimentos diplomáticos ou bélicos de grande ressonância aos quais foi tão sensível a historiografia tradicional, ou talvez porque tampouco alcançou em muitas ocasiões mais do que umas breves linhas nas histórias gerais de Espanha, concebidas desde uma perspectiva estatal e centralista. (1995, p. 10)

Se atendermos ao facto de que quase metade do passado século constituiu para a Galiza um silenciamento não só linguístico, mas também político, não será difícil perceber que até mesmo as aparentes exaltações da cultura popular galega não funcionaram senão como estratégias de dominação simbólica. Referimo-nos, concretamente, aos estereótipos moldados na forja do 'pitoresco' de que a Ditadura Franquista se serviu para encostar à periferia, real e simbólica, uma realidade identitária como a galega: a imagem do labrego é um desses estereótipos, e conseguir que ela seja assumida pelo próprio é a prova da eficácia da estratégia de colonização. Pierre Bourdieu (2011, p. 125) colocaria o problema do seguinte modo:

> Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interacções da vida quotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da *assimilação* a qual supõe um trabalho que faça desparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc.) e que tenha em vista

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima.

Por essa razão, pode estranhar, por outro lado, que na longa argumentação desenvolvida por Ramon Otero Pedrayo, publicada por primeira vez em 1932, no seu *Ensaio Histórico sobre a Cultura Galega* (1982, p. 24), a imagem estereotipada talvez não emerja como tal, mas antes como reserva sacral de um fundo étnico que se procura narrar como cimento da cultura galega, acudindo a argumentos de natureza histórica, mas também antropológica e etnológica:

> Collamos a un labrego galego: é posible que lea periódicos, profese o agrarismo, que sufrise a disciplina dos cuarteis e aceptase, mesmo como liberación e protesta, o pragmatismo mecánico e utilitario da vida de Cuba, da Arxentina, dos Estados Unidos. Ese home amará a súa parroquia de nacemento, gustará dun alegre barroquismo na súa casa e no seu vestir, non pasará indiferente, de noite, polo cemiterio nin chegará nunca a pensar que o bosque, as rocas, a lúa ou as leiras de millo son cousas absolutamente mecánicas ou dotadas dunha vida indiferente e sumisa. Ese home, anque nunca o confese, experimenta a presencia misteriosa de secretos poderes, de almas amigas ou enemigas, en tódalas formas da natureza, por moi bo cristián que sexa. E mesmo aínda sendo un non crente na apariencia, ficará nel unha solución de continuidade, unha falla na superficie do seu propio ser: por esa falla albíscase un mundo de espiritos e na súa actividade non será exclusivamente movido por conveniencias prácticas. Nunca o galego chega a pensa-lo mundo obxectivamente.

Não deixa de fazer sentido, porém, o argumento sobre o que posteriormente à Guerra Civil acontece. No caso da relação de poder de Espanha com a Galiza, durante a ditadura franquista, podemos dizer que estamos diante do 'galaiquismo'. Em interessante estudo sobre a *arquitectura do estereótipo cultural no cinema do regime franquista*, Beatriz Busto Miramontes (2020, p. 112) explica sucintamente a noção:

> *Galaiquismo* es un término que se inspira en el concepto de *Orientalismo* de Edward W. Said para reflexionar sobre cómo NO-DO elaboró un discurso de representación sobre Galicia haciendo un uso específico de la cultura estereotipada. Este discurso de representación de

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> Galicia se producía y ejecutaba en un claro ejercicio de poder vertical y violencia simbólica que dejaba definida la cultura gallega en estampas representativas cuyo indicador discursivo principal fue el estereotipo.

NO-DO, como explica Beatriz Busto, era a máquina de propaganda cinematográfica do regime de Francisco Franco, criada a 29 de Setembro de 1942 e suprimida definitivamente em 1981. Que estereótipos se moldaram nessa forja? Não desalinhada da reflexão de *Galiza, uma Nação Sentimental* (Migúelez-Carballeira 2013, pp. 1-36), assim se sintetiza o complexo da colonização simbólica que tal propaganda potenciou com as suas representações estereotipadas:

> Un pueblo humilde, laborioso, esforzado, sencillo, patriarcal, dócil, pobre pero agradecido y profundamente rural, aderezado todo ello por un mítico pasado celta que puede resultar sorprendente ya que por un lado apoyaba el argumento diferencial de la raza, pero por otra parte quedaba asimilado dentro de un destino en lo universal de mayor envergadura: España. (Busto Miramontes 2020, p. 116)

Naturalmente, a imagem oficial é facilmente assimilável por quem se encontra como mero espectador de um jogo de forças que, por via da dissimulação, nem aparece como tal. Paradoxalmente, o que estranha é que o próprio dominado venha a estabelecer alguma referência, tarde ou cedo, com a imagem de si que lhe é imposta, seja por aceitação ou rejeição. Ou dito de outro modo: "O mais grave foi que essa representação ganhou um papel central no próprio devir cultural e na autoimagem que nós, os galegos e as galegas, ainda hoje, temos da nossa cultura e de nós próprios" (Busto Miramontes 2021, p. 152). Nessa proximidade estrutural de análise ao estudo elaborado por Helena Migúelez-Carballeira, podemos perceber também alguma abertura ao tema que nos ocupa, sem que nela nos detenhamos por agora:

> [In] Galicia, a non-state nation in north-western Spain, from the late nineteenth century to the present day […] the conjunction between the national and the sentimental has had particular significance. Beyond the definition of nations as communities joined to a great extent by an emotional bond, or of national belonging as a powerful affective experience, the national question in Galicia has been conditioned by a further association between sentiment and the

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> body politic, which has crystallized in the historically recurrent myth of Galician sentimentality. […] the trope of Galician sentimentality as a marker of national identity has appeared repeatedly in modern representations of the region, its language and its people, forming a continuum that extends throughout the textual and visual corpus on Galician history and culture from the late nineteenth century up until present times. Its manifestations are as varied as they are historically complex and engrained, but they concentrate on the assumption that Galicians are a nostalgic people, living in harmonious communion with their landscape or yearning for its beauty if away from it. Both implicitly and explicitly, these images have evoked a millenary link between Galicians and an innate capacity for poetry and an aloof humour; a way of being in the world that is both impractical and unrealistic, but also astute and reserved. Such imagery appears entwined with discourses on the nation and the multiplicity of ideologies they serve, but also invariably with a gender politics. Thus, the trope of Galician sentimentality has bifurcated into different representations of Galician men and women, giving rise to a network of stereotypes evolving over the extended historical period of Galician national construction, from the first nationally aware movements and writings in the mid-nineteenth century to the diversity of national discourses positioned within and against Galicia's current status as an Autonomous Historical Community in the Spanish state. Images of Galician masculinity have therefore fluctuated between those of the valiant Celtic warrior and lachrymose man, whilst traditional representations of Galician women have tended to depict them either as raunchy and immoral or as examples of self-abnegation and grace. Pervasive as they are, these images have seldom been treated as historically grounded in the matrix of national narratives that converge in the Galician context, and even more rarely, if at all, have they been investigated as discursive formations arising from Galicia's colonial condition. (Migúelez-Carballeira 2013, p. 1-2)

De todos os estereótipos, parece-nos que a condição saudosa constitui precisamente a reverberação de uma das notas que, sobre a base de processos de mitificação e referencialidade identitária, não só se consolidou na trama da criação literária, mas também do magistério doutrinal, e que tomou forma no período mais denso da construção do galeguismo, entre 1916 e 1936, com peculiar tradução nos quinze anos de publicação da *Revista Nós* (1920-1935). O juízo de Dolores Vilavedra sobre a importância deste período e deste periódico é claro:

> Xa apuntamos antes a abundancia e a calidade nestes anos das publicación periódicas das que, sen dúbida, a máis importante será a revista *Nós*. Nada dunha idea de Antón Losada Diéguez en

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> 1920, será a máis ambiciosa empresa cultural desta época, concibida dende unha perspectiva nacionalista e, ó tempo, aberta ó exterior. Aparecerá mensualmente ata 1935 co obxectivo de servir de instrumentos para a vertebración das bases identitarias de Galicia, de aí a importancia que nela tiveron as seccións de antropoloxía, folclore e etnografía. En *Nós* colaboraron practicamente tódolos intelectuais das Irmandades e, aínda que o consello de redacción estaba formado polo que hoxe se coñece como Grupo Nós, foi Vicente Risco quen mantivo sobre a publicación un control permanente. A revista supuxo un importante pulo ó erguemento dunha cultura literaria e humanística de calidade en lingua galega. (Vilavedra 1999, p. 172)

Anxo Tarrío chama a esta etapa da história da literatura galega, entre 1916 e 1936, de 'Época Nós' (1998, pp. 199-207), resolvendo, de algum modo, problemas de ordem periodológica e geracional, e potenciando assim uma leitura mais ampla e abrangente da importância deste arco temporal para a construção da identidade cultural galega. Consideramos que não é demasiado arrojado afirmar que este juízo vale para essa construção identitária, mais aquém e mais além do fenómeno literário *stricto sensu*, embora Anxo Tarrío, na sua *Literatura Galega. Aportacións a unha historia crítica*, o não faça – diríamos – justificadamente:

> Dende o punto de vista literario, que é o que debemos manter aquí, a Época Nós é dunha riqueza e dunha transcendencia tan grande para a consolidación das letras galegas que, tendo en conta os escasos medios de que dispoñían aqueles homes, ben podemos dicir que, aplicando o necesario relativismo, aínda está sen superar. (1998, p. 201)

Se, no *Dicionário de Literatura Galega*, procurarmos o verbete 'Época Nós' somos remetidos para 'Grupo Nós', embora aí se perceba, com relativa nitidez, não só a justificação da proposta de Tarrío, mas também o que nela se encontra implícito sobre a importância da ampliação do arco temporal, nomeadamente na construção da identidade cultural galega a montante e a jusante do fenómeno literário:

> O termo [Grupo Nós] adoita empregarse para aludir ó grupo de escritores e intelectuais galeguistas que fundou e se artellou arredor da revista *Nós* e no que incluiriamos Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo, Florentino Cuevillas e Losada Diéguez [...]

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> Por extensión, e dende unha perspectiva máis cronolóxica e periodizadora, fálase da 'Época Nós'; así, A[nxo] T[arrío] considera que esta se desenvolve dende 1916, ano de fundación das Irmandades da Fala, ata 1936, cando a guerra civil fana todos os proxectos culturais postos en marcha ó longo de dúas intensas décadas de entusiasmo galeguista. A etiqueta reflicte o protagonismo que o devandito grupo, e as actividades por eles promovidas, terían na cultura galega desa época. (DLG IV 2004, p. 405)

A reverberação dessa consciência faria história na historiografia cultural e literária galegas, apesar ou até mesmo independentemente da interrupção que a Guerra Civil, primeiro, e o Franquismo, depois, significaram para essas duas décadas de entusiasmo galeguista. Etiquetas à parte, o juízo sobre o arco temporal 1916-1936 é relativamente consensual.

Xosé Ramón Peña, que reage ao afunilamento da importância destas duas décadas em *Nós*, seja de ordem geracional, grupal ou epocal, por razões estéticas, mas também sociais e ideológicas, coloca a problemática em perspectiva, interrogando-se do seguinte modo:

> Mais non entraríamos da nosa parte, con todo, en ningunha sorte de «guerra de etiquetas» de non ser porque, en efecto, aceptamos sen máis a terminoloxía Xeración Nós/Época Nós – como, polo demais, sucede noutras oportunidades da historia das literaturas – ben poida ter o efecto de ocultar, dunha parte, a verdadeira pluralidade de opcións que tiveron lugar no brillante período 1916-1936. Ao tempo, pode acontecer asemade que, na deriva diacrónica, o emprego dun ou doutro rotulado si pretenda – e implique – consecuencias de carácter político-ideolóxico-cultural que nos impidan ver coa necesaria nitidez a veracidade do relato. E é que de admitirmos – como fai o profesor Tarrío (1998: 200) – que as analoxías prevalecen por riba dos desencontros, por que empregar unha rotulación equívoca, «Época Nós»/«Xeración Nós», e non acudir mellor a esoutro vocábulo, *irmandade*, que o mesmo estudoso que estamos a citar – «detéctase un común entusiasmo por todo o galego, unha *irmandade* ou fraternidade supraxeracional» – non elude? Ou o que vén a ser o mesmo: por que non utilizarmos tal e como, de feito, si facemos no presente volume, o rótulo *A xeira das Irmandades* e considerar dentro del a concorrencia de diferentes opcións, entre elas, a do *Grupo Nós*? (Peña 2016, p. 310)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Não sendo este o momento para uma avaliação da importância de *Nós*, seja ela exclusiva ou concorrencial, do que não há dúvida é da indiscutível marca dessas duas décadas para a

determinação dos traços fundamentais, e a seu modo fundacionais, da cultura galega. Xulio Pardo de Neyra, que argumenta em favor da etiqueta 'Época Nós', reconhecendo, porém, as problemáticas de ordem metodológica quanto à definição periodológica, afirma sem rodeios que "é um dos momentos culminantes, mais emblemáticos e com maior interesse na história da literatura galega" (Pardo de Neyra 2009, p. 13).

Ao terminar o seu *Ensaio Histórico sobre a Cultura Galega*, Ramon Otero Pedrayo fala deste período como correspondente a uma *geração amadurecida*, incluindo já nomes dos comumente chamados *moços*, importantes para a estabilização do cânone literário galego:

> É moi duro o só intento de trazar liñas fronteirizas no dominio do espírito fluente da Galicia sustantiva, afincada no centro dun devir propio. Unha gran enerxía traballa dispersa abrochando aquí e alá en froitos magníficos ou en fracasadas floracións, tamén índices de vida e de esperanza. Outra concéntrase no forte labor – científico, arqueolóxico principalmente – do "Seminario de Estudios Galegos" de Santiago que ten unha bibliografía que ostenta o máis conseguido tono moderno. O credo cívico – exaltación do deber do cidadán galego – exáltase nas "Irmandades da Fala". Unha xeración xa madurecida en diversos grados e en pleno labor poético, ensaísta, crítico, novelístico: Cabanillas, Noriega, Risco, Villar Ponte, Cuevillas, Castelao, Armando Cotarelo, por citar só algúns nomes consagrados, todos eles ben coñecidos e conscientes do interés que espertan e do futuro labor esperado – alterna con outra de nomes mozos – Bouza Brey, Augusto e Álvaro de las Casas, Filgueira, Manuel Antonio e Amado Carvalho, os dous derradeiros mortos, pero ¡que importa! (Otero Pedrayo 1982, p. 246)

A questão que se poderia colocar seria a seguinte: em que consiste tal *credo cívico*, e de que modo contribui a literatura para a sua proclamação? Para o intelectual de Ourense, exalta-se nas *Irmandades da Fala*, cujo início podemos situar temporalmente em 1916, e que Dolores Vilavedra considera como "o imprescindível prelúdio de «Nós»" (Vilavedra 1999, p. 161). Em a *Bandeira Ergueita*, Antón Villar Ponte, ao abrir o primeiro número de *A Nosa Terra*, dado à estampa a 14 de Novembro de 1916, deixa claros alguns cânones de um tal *credo*:

> Toda a nosa personalidade está na nosa lingua. [...] Galicia é unha patria natural con lingua de seu. [...] Hai, pois, unha política para nós: a gran política da lingua. Si conseguimos interessar

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> nesta política aos novos intelectuais e ás xeneracións que veñen, voltaremos a ser fortes. Pobo que recobra a súa lingua, recóbrase a sí mesmo; pénsase como se fala, e fálase como se pensa. Cando morre un idioma morre un pobo. Porque a palabra é o elemento esencial da formación do home. O home – dixo Emerson – é a metade de sí mesmo; a outra mitad é a súa expresión. (Villar Ponte 1916, p. 1)

Condição de possibilidade de qualquer literatura que se pretenda nacional, a língua é assumida nas dinâmicas do impulso galeguista das Irmandades como a sua bandeira erguida. Problemas de ordem económica, política e social estarão sempre no horizonte das preocupações, mas será uma certa diversidade de sensibilidades que fará com que este movimento sofra alguma erosão até à sua ruptura. E é precisamente no contexto de tal cisão que Dolores Vilavedra considera encontrar-se a génese de um outro movimento:

> As discrepancias no seo das Irmandades entre os partidarios da loita política e os defensores da liña culturalista conducirán o movemento á ruptura trala celebración da IV Asamblea (Monforte, 1922), da que sairá um novo grupo de carácter neotradicionalista, a Irmandade Nacionalista Galega, liderada por Vicente Risco. Por outra banda, a dictadura de Primo de Rivera, tras conseguir a inicial colaboración dun amplo sector do nacionalismo, imporá unha forzada inactividade política; como consecuencia destes factores, os intelectuais centrarán o seu labor no eido cultural, producindo froitos tan logrados que mesmo hai estudiosos que cualifican a etapa que vai dende comenzos da década dos vinte ata a Guerra Civil como un segundo rexurdimento. (Vilavedra 1999, p. 171)

A Revista *Nós* tinha já começado a sua actividade praticamente dois anos antes desta cisão. Entre o primeiro número de *Nós* e a cisão da Assembleia de Monforte de Lemos, foram vários os marcos mais significativos da construção do galeguismo que fariam história, de especial relevo também para a temática que nos ocupa: a *Teoria do Nacionalismo Galego* (Risco 1920c), a capitalização do celtismo e do sentimento da terra para a definição étnica galega (Risco 1920a; 1920b; 1921a; 1921b), a *Saudade nos Poetas Galegos* (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920), mas também um conjunto de publicações de poesia.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

É de recordar que, entre Outubro de 1920 e Fevereiro de 1922, publicam-se, na revista *Nós*, "¿Fada ou quimera? ¿Vixilia ou sono?" (Figueroa 1920), "¡Tem fe, poeta!" (Prado 1920), "Irlanda!" (Cabanillas 1921), "No facho" (López Abente 1921a), "O Carvalho" (López Abente 1921b), "¡.....!" (Prado 1921), "Ao bon irlandés" (Taibo García 1921a), "Brua o mar!" (Taibo García 1921b), "Coidado cos bicos" (Villar Amor 1921), "Medo" (López Abente 1922) e "Para que d'exempro sirva" (Taibo García 1922a). Entre finais de 1920 e os inícios de 1922, já tinha sido dado à estampa *D'o Ermo* (Noriega Varela 1920). Mas também, na revista *Nós*, já tinham saído pequenos ensaios programáticos como os de Vicente Risco, já mencionados, e "Nacionalismo e democracia" (Peña Novo 1921) ou "As letras galegas em Francia: poetas de Galizia" (Lebesgue 1920). Entre 1916 e os inícios de 1922, já tinham sido publicadas obras poéticas tão significativas para o cânone da literatura galega como *Da terra asoballada* (Cabanillas 1917) ou o *Alento da raza* (López Abente 1918).

Juízos históricos e sensibilidades ideológicas à parte, Ramon Villares não hesita em agrupar numa dinâmica de intensidade inegável as *Irmandades*, *Nós* e o próprio *Partido Galeguista*, que nomeia como a segunda etapa galeguista, uma vez superado o regionalismo oitocentista de tonalidade romântica, e afirmando, sem reservas, a sua relevância matricial posterior:

> Con la creación de las *Irmandades da fala*, a partir de 1916, comienza la segunda etapa del galleguismo, calificada como «nacionalista», en la que tanto los esfuerzos teóricos para definir los contenidos del nacionalismo como los resultados prácticos de la construcción de un movimiento político amplio y la forja de una praxis política concreta están constantemente presentes en el grupo de las *Irmandades*, en el grupo NÓS y, más colectivamente, en el Partido Galeguista fundado el año 1931.
>
> Durante la II República este partido aparecerá como aglutinador de las diferentes corrientes nacionalistas anteriores y tendrá como objetivos la expansión sociológica del ideario galleguista y la elaboración y aprobación, en 1936, de un Estatuto de autonomía. A pesar del desastre que la guerra civil supone para el galleguismo, la obra cultural y política del período de 1916-1936 constituirá el obligado punto de referencia del resurgimiento del galleguismo bajo el franquismo, tanto desde la perspectiva de la política cultural («Galaxia») como directamente política (partidos, asambleas y sindicatos). (Villares 1995, p. 173)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Contudo, com base nas diferenças referenciais dos diversos grupos em causa, é possível perceber a importância que a *inventio* da cultura da galega, enquanto (re)descoberta e construção, deu à etnografia, à história e à literatura. Nesses três eixos, por demais salientes ao correr das páginas de *Nós*, estão os alicerces do diferencial cultural galego. Não obstante a extensão, cremos importante reproduzir, aqui, o modo como R. Villares sintetiza o processo:

> [El] nuevo camino político de las Irmandades, inaugurado em Monforte, dio lugar a una interesante polémica periodística entre Lustres Rivas, L. Peña Novo y Vicente Risco, que resulta muy ilustrativa del debate político que se desarrolló durante las sucesivas asambleas nacionalistas, al contraponerse de forma sistemática dos proyectos diferentes de construcción del nacionalismo gallego. Uno de inspiración federal y republicana, sustentado por la pequeña-burguesía urbana, otro de orientación cultural y organicista, apoyado fundamentalmente por el grupo NÓS, integrado por hidalgos rurales declinantes. Pero si políticamente la ING acabó en un callejón sin salida (Risco y Losada colaboraron, aunque brevemente, con la Dictadura de Primo de Rivera), desde el punto de vista de la teoría política y la práctica cultural, la aportación del grupo NÓS fue fundamental para la evolución del nacionalismo gallego.
>
> El nombre de la generación NÓS designa en Galicia al grupo de intelectuales más compacto, homogéneo y fértil de toda su historia cultural; forjado alrededor de la revista *NÓS*, «boletín mensual de la cultura gallega», entre 1920 y 1936, y bajo el magisterio indiscutible de Risco, el grupo efectúa un extraño viaje antes de incorporarse al galleguismo. Lectores de poetas extranjeros, amigos del exotismo, *dandis* e inconformistas, el grupo fue definido por Risco, en un ensayo de 1933, como *Nós, os inadaptados*. Pero en esta misma inadaptación reside su principal contradicción. Se trata de los representantes de un mundo que desaparece. Como dice el propio Risco, acaban mirando a Galicia después de tanto peregrinar por mundos extraños, porque «ser diferentes es ser existentes». Es una consecuencia de su condición de inadaptados, es decir, de vencidos de la vida y de la historia. Sin embargo, la aportación literaria, artística y política de esta generación fue decisiva, teniendo en cuenta que consiguieron definir y desarrollar un concepto clave para la construcción del nacionalismo, como es el de la *cultura gallega*, a la que concedieron la misión de fundamentar la realidad diferencial de Galicia. Donde «no existe cultura propia, no hay pueblo», decía Risco, mostrando así la identidad entre la capacidad cultural de un pueblo y su grado de desarrollo histórico; si los románticos entendían que los «salvajes» no eran merecedores de la condición de pueblos históricos, para el historicismo alemán, del que muy directamente beben los autores de *NÓS*, no hay historia para los pueblos «incultos». La creación de una cultura propia y la capacidad de imprimirle una

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> modalidad o espíritu nacional (*Volksgeist*) es la medida de la vitalidad de cualquier pueblo y de su contribución a la humanidad. No deberá extrañar, pues, que la generación NÓS privilegie el factor cultural, sobre lo inmediatamente político, en su participación en el movimiento nacionalista. Por el contrario, el cultivo de la historia, la literatura y la etnografía, bien individualmente, bien mediante instituciones de tanto empuje como el *Seminario de Estudios Galegos* (1923-1936), serán actividades preferentes para este grupo. (Villares 1995, pp. 187-189)

Observar o centro da *Teoria do Nacionalismo Galego*, nomeadamente quando Vicente Risco fala da mentalidade galega e do sentimento galego, oferece-nos as chaves hermenêuticas para compreender sobre que trama se teceu não só o diferencial cultural galego, mas também a própria orientação editorial de *Nós*, ao longo da sua quase centena e meia de números.

Uma vez justificada a Galiza do ponto-de-vista territorial, étnico, linguístico e sociológico (Risco 1920c, pp. 18-22), afirma:

> Eu non direi qu'os galegos teñamos todal-as virtudes europeas. Digo qu'a nosa costitución mental é esencialmente europea, que temos unha disposición particular pra nos asimilarmos os valores da civilización de Europa [...]. Temos do britanos, o *humorismo*; temos dos franceses, o *senso críteco*; temos noso, o *lirismo* y-a *saudade*. Tres calidades que carauterizan a y-alma romántica. [...] O romantismo foi a primeira insurreución do esprito nórdico – atlántico e celta – contra do esprito mediterrâneo. Foi co romantismo co que rexurdiu a cultura galega. [...) É n-esto onde se ve millor a nosa deferenciación nacional. Os hespañoles están faltosos, en ausoluto, d'humorismo, de senso críteco, d'espresión lírica. Y-a superioridade mental dos galegos hase coñecer cando nos deixen cultivala ó noso xeito. (Risco 1920c, p. 22)

Em seguida, declara o diferencial do sentimento galego:

> O ibero é simplesmente *un pasional*, por non decir como dixo algún, *un medular*. O celta, en troques, é un *sentimental*. A deferencia eiquí, faise mais fonda ainda, antr'os outros hespañoles e nós. A maneira de sentir determina a maneira de concebil-a vida.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> «Queredes unha verba – dí o noso gran pensador Johan V. Viqueira – que vos diga en resume o noso lirismo e a nosa alma? Ahí a tendes: *saudades*, ou como tamén dixo Rosalía d'elas predileuta *soidades*. Nóta conquerimos de saudosos e morriñentos e milleiros d'íntimos grandes e pequenos dramas ve cada día a nosa raza d'esa cobiza do lonxe. Bentas de min sejades saudades creadoras de tantas cousas nobres: por que no home o mais nobre é desejar algo formoso e amado que sendo noso non é noso!»
>
> Mais pra mín, o sentimento radical da nosa afeutividade étnica, é a adoración á Terra. – ¡Terra a nosa! é o oso berro – que se manifesta de cote en toda a nosa espresión artísteca. É, coma se dixéramos, a *emoción do sedentarismo*. Y-a adoración á Terra e mais a saudade, *cobiza do lonxe* – se non son duas modalidades do mesmo sentimento – danse tan envolveitas, tan entretecidas unha na outra, que non pudemos ainda soparalas, na nosa y-alma, nin xiquera por vía d'astraución analíteca.
>
> Esta nosa disposición sentimental causa – direino c'un galicicismo – un *desabusamento* inevitabel en todol-os pensadores iberos que se teñen parado a nos estudiar, obrigándoos a dal-a volta sen comprender nada d'este noso esprito calado, refleisivo, intenso, sentimental, romántico, porque non alcontran en nós nada que se pareza á sua as violencia d'euroafricanos.
>
> En troques, o *saudosismo* é a tónica do esprito lusitano. (Risco 1920c, p. 23)

Há, nesta afirmação étnico-sentimental, uma nítida ressonância do modo como Teixeira de Pascoaes tenta captar a anatomia espiritual da Ibéria nos seus traços diferenciais (Pascoaes 1971), na qual, porém, não nos deteremos por agora. Interessam-nos, contudo, as dinâmicas de construção mítica e os referentes identitários da sua justificação.

Partindo da reflexão ensaiada n'*O mito do carácter nacional* (Caro Baroja 2004), mas tendo também em conta os pressupostos d'*O nacionalismo galego* (Beramendi 1997), ensaios a que poderíamos nós acrescentar *Pensar em Galiza. Identidade na Diferença* (Barreiro 2001), Xerardo Pereiro não apresenta grandes dúvidas quanto à complexidade da identidade nacional galega no quadro político mais amplo em que se insere:

> Face ao unitarismo espanholista franquista, que continua hoje presente a meu ver como ideossistema ideológico em muitos partidos e movimentos políticos, Caro Baroja reivindica a diversidade de afirmar a permanência de uma consciência de ser diferente de navarros, andaluzes e outros povos, enquanto membros de nações diferentes. Os traços desse carácter nacional espanhol descansariam sobre: a) o aspecto físico; b) os hábitos, costumes e culturas do

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> trabalho; c) os traços morais e intelectuais assentam nas velhas glórias como recursos. Todos eles continuariam no tempo e serviriam para odiar outros povos através da cristalização de uma versão única e simplista da identidade espanhola e uma idealização de um povo espanhol de uma única cor.
>
> Portanto o carácter nacional espanhol teria um carácter de fixação coletiva e seria hereditário do ideário do espanholismo franquista. Mas esse mito acaba por ser ameaçador e perigoso, pois facilmente se cai no racismo, na exclusão social, no purismo e no moralismo do bom e do mal espanhol como acontece ainda nos dias de hoje. Neste contexto, é difícil negociar as afinidades e ligações entre os diferentes povos de Espanha, não apenas no plano político como também no plano educativo e social. Isto é, neste ideossistema aparentemente só Castela teria contribuído para a criação de Espanha, sendo o resto do estado espanhol protagonista de contributos muito periféricos.
>
> Neste quadro estatal e mítico espanhol, a Galiza apresenta-se como uma nação com uma identidade nacional complexa e fraca. Em que sentido? Em primeiro lugar, porque é uma nação que está integrada noutro Estado, que para alguns é estado nacional e para outros é estado plurinacional. Se é certo que do ponto de vista político é uma das nacionalidades históricas reconhecidas pela Constituiçao espanhol de 1978, podemos afirmar que do ponto de vista cultural, Galiza é uma nação com autonomia e governo próprio. Mas é preciso reconhecer também a sua subsidiariedade dentro do atual marco do estado espanhol ao qual pertence. Algo que nos recorda obsessiva e constantemente o presidente da Junta da Galiza, Alberto Núñez Feijoo, nos seus discursos, isto é, que Galiza é parte de Espanha, algo que a maior parte dos galegos não questiona nem por assomo. (Pereiro 2020b)

É de notar que somente um terço da população galega, de acordo com os dados fornecidos pelo Centro de Investigações Sociológicas (Pereiro 2020a), se sinta mais galega do que espanhola, o que permite a Xerardo Pereiro afirmar que os "galegos têm já consciência de povo galego, mas não de nação galega com direitos políticos que possam exercer-se e conduzir a autonomia, federalismo, confederalismo, soberania ou independência" (Pereiro 2020a). Dito de outro modo: "os galegos têm, em parte, consciência étnica da sua diferença, mas não uma forte consciência nacional (cf. Beramendi, 1997)" (Pereiro 2020b). Como pensar a construção da identidade nessa desproporção de consciência nacional entre a etnicidade e a política, que se traduz em consciência nacional cívica e consciência nacional política? De acordo com Xerardo Pereiro, os referentes identitários da construção nacional galega, que explicam em parte tal

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

desajuste, são quatro: 1) referente afirmativo; 2) referente de negação-oposição; 3) referente de reintegração-reunificação; e 4) referente de analogia-afinidade (Beramendi 2007; Máiz 2001).

Quanto ao primeiro referente identitário, Pereiro afirma serem elementos constitutivos a etnicidade, a historicidade, a estrutura politica e a estrutura socioeconómica, que crê padecer de uma "dupla personalidade e biculturalidade" (Pereiro 2020b). E acrescenta:

> Por um lado, a cultura galega representa-se e revê-se como uma cultura ibérica, lusófona, europeia, ibero-americana e atlântica. Por outro, a Galiza pertence a um estado, o espanhol, que se afirma como hispano, hispano-americano, monocultural por vezes, e que uma assume uma cultura política pouco respeitadora e integradora das diferenças e diversidades socioculturais no quadro político estatal espanhol. (Pereiro 2020b)

O segundo referente identitário, de negação-oposição, afirma, por paradoxal que possa parecer, o que se não é, não raro consagrado em expressões como "Galiza não é Espanha", e que poderia perfeitamente seguir o esquema dialéctico d'*O enigma português* (Leão 1992) ou da negação latente no silêncio do velho de Castelao, em "Na veira do Miño", que José Luís Barreiro comenta: "os da outra banda do Miño son, naturalmente, menos estranxeiros que os de Madrid" (Barreiro 2001, p. 102). Por seu turno, o terceiro (reintegração-reunificação) e o quarto (analogia-afinidade) referentes identitários oscilam entre "Portugal e a União Europeia", e "Espanha, Portugal, a Lusofonia, a Ibero América e o espaço atlântico chamado popularmente como «céltico»" (Pereiro 2020b), respectivamente.

Cremos que a desproporção supramencionada corresponde de algum modo à própria dinâmica de progressiva despolitização daquele que se considera ser, de modo muito consensual, o período mais intenso da construção identitária galega: 1916-1936. Se da I Assembleia Nacionalista, celebrada entre 17 e 18 de Novembro de 1918, à IV Assembleia de Monforte, celebrada em 1922, se percebem as dificuldades e os desencontros do projecto político, com a cisão de Vicente Risco percebe-se claramente para onde migrou o nacionalismo galego.

José Luis Barreiro resume bem o processo de migração:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> Seguindo o proceso histórico, despois da etapa galeguista, o nacionalismo galego xorde como movemento político concreto no 1916. Pero no parte do cero, pois detrás quedaban as experiencias do provincialismo, do federalismo, do rexionalismo, do solidarismo e do agrarismo, que son os seus máis inmediatos antecedentes. Despois da disolución da Solidaridade Galega, A. Villar Ponte fai unha chama á sociedade galega para unirse e reivindicar todo o relativo a Galicia: cultura, autonomía, historia. Consegue reunir a un grupo de novos intelectuais, pertencentes á pequena burguesía, á clase media de comerciantes e burócratas, que estudiaran en universidades españolas e estranxeiras, con certo respaldo económico e determinado prestixio social e que, en consecuencia, estaban en condicións de poder participar na vida política e social do país [...]. Pero, se querían participar na vida política tiñan duas opcións: esperar o apoio das grandes familias políticas que controlaban as eleccións e repartían os cargos políticos [...], ou constituírse nun grupo novo, independente, e liberado de débedas e de vestixios caciquís. Optaron polo segundo, e así constituíron o grupo das "Irmandades da Fala", que representa a primeira fase de afirmación nacionalista (1916-1923). [...] Mortos prematuramente L. Porteiro Garea e X. V. Viqueira – este era o verdadeiro ideólogo e filósofo do grupo –, o liderado das Irmandades pasa a V. Risco. Na Asamblea de Monforte de Lemos (febreiro, 1922), contrapóñense dúas posturas: a dos que optan pola participación activa na vida política, encabezada por L. Peña Novo; e a que avoga por centrar a actividade do movemento nos aspectos culturais, defendida por V. Risco. E, dende entón, a traxectoria persoal de V. Risco marcará o futuro do nacionalismo, que se vai refuxiar no "culturalismo". (Barreiro 2001, p. 99)

Qual o lugar da literatura, e em especial da poesia, no nacionalismo culturalista de Vicente Risco e, consequentemente, do próprio projecto *Nós*? E qual o lugar da saudade nesse processo? Além disso, compreender a densidade cultural do fenómeno literário implica reconhecer-lhe uma inscrição mais ampla do que aquela que um mero produto estético faria supor. Ora, Itamar Even-Zohar (1990) e Pierre Bourdieu (1991) fornecem-nos instrumentos suficientemente capazes para prestar contas sobre a inscrição social de um tal fenómeno, pressuposto facilmente legível no caso da história da literatura galega, tanto ao nível da interacção entre os diversos sistemas como na tensão dialéctica entre campos de força.

1.5.3. A revista Nós e os dispositivos de legitimação literária

A crítica literária é, como bem sintetiza Carlos Reis, o "acompanhamento regular da publicação de obras literárias, crítica exercida usualmente em jornais, bem como em revistas propriamente literárias" (Reis 2015, p. 32; cf. Andrade 2009; Torres Feijó 2002; 2022; Valverde 2020). No

USC DE COMPOSTELA

caso que nos ocupa, cremos que interessa ter em conta que tal acompanhamento regular cobra especial importância pelo facto de a revista Nós albergar nas suas páginas uma relativamente constante recensão crítica à produção literária coeva:

> As tomas de posición da crítica sobre a produción literaria coetánea ao propio exercicio crítico constitúen de seu un material riquísimo, mesmo irrenunciábel, para a comprensión da dinámica histórica e dos procesos de canonización desenvolvidos nos sistemas literarios, así como para a posta en claro das notas ou características avaliadas en positivo por cada conxuntura histórico-cultural, aquelas que conforman a 'canonicidade'. (Casas 2021, p. 121)

Tendo em conta o período que nos ocupa, Arturo Casas identifica a revista *Nós*, juntamente com *A Nosa Terra*, como um lugar de especial importância no que toca à crítica literária (Casas 2021, p. 122; cf. 2000)[9]. Não obstante afirmar que a "crítica nunca gozou dun papel especialmente relevante ou influente no sistema literario galego, como tampouco non o desfruta em ningunha cultura menorizada", a revista tornou-se "vehículo predilecto da alta cultura nacionalista, publicando [também] abondosos estudos literarios" (Beramendi & Núñez Seixas 1996, p. 135). Arturo Casas acrescenta:

> Unha vez máis, foi o nacionalismo quen estivo detrás do que podemos valorar como unha estratexia de difusión lingüística e ideolóxica e unha discusión *sotto voce* de postulados eto-estéticos antes que calquera outra cousa (antes, por exemplo, que a intencionalidade de se transformar nun axente, entre outros, do mercado editorial, ou que un efectivo elemento institucional soporte de referentes educativos, académicos, etc.), o cal, cómpre dicilo, contribúe a clarificar, desde a perspectiva actual, os motivos da sua propia cativeza. (Casas 2021, p. 122)

[9] Recordem-se, porém, outras publicações que atenderam aos poetas deste corpus, como *Alfar, Eco de Galicia*, *Temporada en Mondariz* ou *Vida Gallega*, cujas algumas ocorrências citamos: A.N.I. 1920a; 1922a; 1922b; 1923; 1928a; 1929; 1930a; Álvarez 1927; Blanco Torres 1922a; 1922b; Carballeira 1928; 1934; Casas 1928d; 1930; 1933b; 1933c; 1934d; Fernández del Riego 1934; Gallego 1920a; 1920b; Lamenú 1930a; 1930b; Lema Vázquez 1918; Lemos 1930; Liste Mourenza 1922; Nieto Pena 1935; Novo 1920; 1926; Otero Pedrayo 1930c; Portal Fradejas 1922; Risco 1922b; Rodríguez Fernández 1930; Santiso Girón 1929; 1932; Tolosa 1930; Villar Ponte 1925a; 1925b; 1925c; 1927b; 1928; 1930a; 1930b; 1932; 1934; 1935b;

No mesmo ensaio, Arturo Casas dá nota do diagnóstico que Ricardo Carvalho Calero, um dos académicos que mais contribuiu para o desenvolvimento da crítica literária no sistema literário galego e também para os seus processos canonizadores (Vilavedra 2020), antes e depois de *Nós*.

O dispositivo antológico, por seu turno, não se revela menos significativo por se encontrar no coração dos processos de legitimação literária (Rábade Villar 2016. Num estudo sobre o fenómeno antológico na Galiza e na Catalunha (Rábade Villar 2004), María do Cebreiro reconhece que a aproximação académica a esta realidade continua a ser restritiva, ao acentuar "o carácter de «depósito textual», o seu potencial canonizador ou a denuncia[r] a súa dependencia con respecto ás demandas do mercado, preterindo dimensións máis activas e non menos reais que as converten en vehículos idóneos para a transmisión e produción de ideas literarias" (Rábade Villar 2004, pp. 13-14). Teremos naturalmente em conta esse olhar mais restritivo, mas tentaremos não deixar de observar as dinâmicas de transmissão literária que cremos também cimentarem as dinâmicas de transmissão identitária:

> Cando menos, desde o século XIX, as antoloxías viñeron funcionando como un dos motores máis productivos na consolidación das literaturas nacionais. [...]
> A consideración de que o acto antolóxico accede ó seu maior grao de consolidación e influencia durante o século XIX, para se converter nunha peza decisiva da institucionalización dos sistemas literarios ó longo do século XX, constitúe xa un argumento clásico na bibliografía especializada sobre as antoloxías [...]. (Rábade Villar 2004, pp. 15 e 19).

Carlos Reis, por exemplo, enxerta a temática do acto antológico no contexto da problemática da formação do cânone, entendido como um "*corpus* cultural selecto, institucionalizado e difundido através do aparelho escolar, bem como pela constituição de campos bibliográficos específicos: a formação de colecções designadas como de «grandes obras» a que se atribui a dimensão de clássicos, e a elaboração de antologias" (Reis 2015, p. 72). Sobre o aparelho escolar, que converge para o mesmo fim, debruçar-nos-emos no próximo subcapítulo; porém, interessa aqui recordar os factores fundamentais que elenca a propósito da formação do cânone:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> Pode dizer-se, portanto, que a formação do cânone decorre da articulada acção de, pelo menos, três factores, inspirados por intuitos de ordem difusamente ideológica: a já aludida selectividade

> que trata de estabelecer, de forma não necessariamente sistemática ou programada, as obras e autores que correspondem a uma identidade cultural e identitária, entendida como ortodoxa e maioritariamente representativa; a continuidade, ou seja, a permanência, ao longo de um tempo histórico alargado, de obras e autores que fundam nessa permanência a sua autoridade cultural; a formatividade, critério de ordem pedagógica e também ideológica, que leva a reter no cânone aquelas obras e autores que se entende serem reprodutoras de uma certa (e algo estável) ordem social e cultural, que se deseja insinuada no sistema de ensino. (Reis 2015, pp. 72-73)

Na verdade, o factor da selectividade cobra especial importância no contexto das literaturas nacionais e, muito especialmente, naquelas que se encontram, por força de contingências históricas, em situação precária e em processo de legitimação. Por essa razão, o princípio da selecção sobrepõe-se, de certo modo, ao da acumulação, algo relativamente simples de verificar no caso do fenómeno antológico na Galiza: "As demandas de lexitimación histórica características das literaturas periféricas fainas todavia máis sensibles a esta vinculación entre historia da literatura e selección literaria" (Rábade Villar 2004, p. 26). E mais adiante:

> En efecto, en tódalas formas de compilación, antigas e modernas, pode recoñecerse a concorrencia dunha serie de principios. A selección, a ordenación e a conservación son, quizais, os máis relevantes. Pero mentres que o concepto da tradición como unha fluencia ininterrompida, e a orientación imitativa da pedagoxía clásica e medieval favorecían un entendemento acumulativo do labor compilatorio, a percepción diferida do pasado literario, a relevancia simbólica da figura do autor e o uso da historia literaria como narrativa de identificación nacional semellan aliarse cunha preeminencia dos vectores selectivos. (Rábade Villar 2004, p. 27).

Por fim, o sistema educativo (Torres Feijó 2004; Clúa Ginés 2016), que caminha pela mão da própria historiografia literária neste processo (Torres Feijó 2002), ou vice-versa, funciona como um dos elementos institucionais de maior importância para a compreensão do fenómeno. A este respeito, importa recordar alguns princípios básicos dispostos por Arturo Casas a propósito da necessidade de ser repensada a historiografia literária no âmbito da literatura nacional, que lança como desafio à situação galega:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> A opción funcionalista ou sistémica en historiografía cultural ou literaria presupón a atención a catro planos complexos e nalgún sentido aporéticos en canto se someten a unha lectura en estrita perspectiva nacional. Eses planos son os seguintes: 1) explicación dos límites sistémicos ou de campo e das interacións sistema-extrasistema e sistema-subsistema; 2) incorporación relacional do que a teoría dos campos sociais define como 'espazo dos posíbeis'; 3) decisión sobre o modo apropiado de incorporar a diacronía sistémica; 4) delimitación funcional do factor crítico que toda historia cultural ou literaria (pre)asume desde o momento en que opera por selección (de obras, autores, repertorios...) e configura o seu discurso como intervención. O obxectivo desta proposta consiste en perfilar eses catro planos en relación coa literatura galega e, de xeito específico, coa heurística e os operativos usuais na praxe historiográfica correlativa.
>
> No sentido que Iuri Lotman deu a estes conceptos, a historiografía posúe entidade e funcionalidade cultural por dous motivos: por xerar estruturalidade semiótica cara ao futuro, en sentido prospectivo, e por promover o esquecemento selectivo daquela parte da memoria que se xulga non rendíbel (*Żyłko 2006*). Esta é unha máis entre as razóns polas que se pode asegurar que a historia literaria foi, e segue a ser, unha potente maquinaria performativa no sistema social, un dispositivo primordial para a comunidade que a produce e a pon en circulación como comunicado institucional destinado a cumprir funcións autodescritivas, homoxeneizadoras e cohesivas en sentido identitario e ideolóxico (Lotman 2000). (Casas 2021, pp. 89-90)

A nossa trajectória, atenta ao facto de não se poder "abordar o funcionamento de ningunha literatura con criterios bibliotecarios, cousificados" (Figueroa 2001, p. 14), tentará ter em conta que historizar "a aproximación á literatura esixe, pois, relativizar o concepto *eterno* de obra ou autor, e devolverlles a súa temporalidade propia" (Figueroa 2001, p. 59). Pensar assim as coisas obriga-nos a uma vigilância redobrada sobre os processos de normalização institucional do fenómeno literário, precisamente no quadro do que habitualmente chamamos literatura nacional – conscientes, porém, da diferença significativa, ainda que dialecticamente relacionada, com o nacionalismo literário – e que, por outro lado, convém também não esquecer que autores e obras configuram, ainda assim ou também, o campo cultural (Figueroa 2001, p. 103). Está em causa, no fundo, a importância que ambos representam para a autonomia do campo literário:

> Podemos afirmar que o maior grao de autonomía dentro do campo literario se logra no subcampo de produción restrinxida, onde os autores se relacionan basicamente cos os seus pares, cos seus iguais. Un pintor cos demais pintores, un escritor cos restantes escritores, un fotógrafo cos outros

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> fotógrafos. A dependencia, é dicir, a falla de autonomía, pódese producir pola inxerencia doutro campo no campo literario ou artístico.
>
> Ese outro campo pode ser, por exemplo, o campo político ou o económico dentro do campo xeral nacional, ou pode acontecer que a falla de autonomía literaria estea condicionada pola falla de autonomía do propio campo nacional no que este campo literario pretende inscribirse ou se inscribe e pola subseguinte dependencia real dun campo literario doutro campo nacional alleo, coas variantes posibles. (Figueroa 2001, p. 103)

No caso que nos ocupa, importa também recordar que a revista *Nós*, tal como *A Nosa Terra*, podem ser analisados "como proxectos de institucionalización dun determinado ideario nacionalista, é dicir, como a configuración dun espacio público para lexitimar o galeguismo e en última instancia convertelo en fórmula hexemónica nacional" (González-Millán 1995, p. 14), ou seja, que "a produción literaria galega en galego xorde estreitamente vinculada a unhas tomas de posición políticas, tomas de posición heterodoxas no campo político español, na medida en que, cun enfoque rexionalista ou nacionalista, reclamaban unha certa autonomía política" (Figueroa 2001, p. 114). Para tal, há razões historicamente localizáveis:

> Temos, así, un feito fundamental: a Galicia popular, a Galicia indefensa, humillada, dominada, foi, ao cabo, reivindicada polos intelectuais. Para levaren a cabo a súa loita reivindicativa valéronse da acción política e mais da acción cultural, pero por ningunha das dúas podían establecer comunicación directa con ela. A comunicación política estaba atrancada polo dominio caciquil. A comunicación cultural, atrancada polo dominio da Galicia castelanizada. A Galicia popular seguía aconchegada en si mesma; os intelectuais, isolados pola indiferenza das forzas dominantes e pola ignorancia e a resignación do pobo. Unha situación certamente dramática, que só a longo prazo podería mudar, pero os intelectuais teimaron con fe á procura do cambio porque tiñan confianza no pobo. Confianza que, ao cabo do tempo, daría os seus froitos.
>
> Compréndese ben que, nestas condicións, a acción política e a acción cultural dos intelectuais tiña que ser lenta. Ao non poderen chegar directamente ao pobo, tiñan que seguir o camiño da mentalización cultural da Galicia castelanizada. E foi así, mediante esa mentalización galega por vía cultural, como se foi espertando en moitos a conciencia da identidade coa a Galicia verdadeira. Os intelectuais, xa o dixemos, tiñan que facer simultaneamente labor cultural e labor político, pero só cando a mentalización cultural foi acadando amplitude e profundidade se sentiu

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> a necesidade dunha acción política reivindicadora dos nosos dereitos. Foi a madureza cultural a que creou esa necesidade nas conciencias. (Piñeiro 2009, pp. 50-51)

Sublinhe-se que este texto de Ramon Piñeiro data de 1980, momento, também político, de almejada normalização da cultura galega, pelo que não estranha, cremos, que nele se possa detectar certa articulação, no mesmo discurso, da "recepção pragmática" (Figueroa, 2001: 95) dos que potenciaram o "imaxinario esencialista" (Figueroa 2001, pp. 108-109) da consciência nacional galega com a "reinserção pragmática" (Figueroa 2001, p. 95) da "realidade social e analizable que unha hipotética mentalidade esencialista xera" (Figueroa 2001, p. 109). Acertadamente, Antón Figueroa acrescenta: "unha cousa é que eu non poida propoñer a crenza en valores esenciais e outra é que esqueza na miña análise os efectos certamente influentes e reais que esta crenza produce" (Figueroa 2001, p. 109).

1.5.4. Cultura galega, poesia e saudade: aporias e algumas encruzilhadas

Sobre a importância da *Época Nós* para a construção do imaginário cultural (Aguirre Baztán 2001) galego não sobram grandes dúvidas (Pardo de Neyra 2009, pp. 207-212), e sobre a importância do fenómeno literário tampouco (Villares 1995, p. 188), se por cultura entendemos uma realidade dinâmica, como "instrumento de identidade e comunicação" (Torres Feijó 1997, p. 301).

Mas que dizer da saudade?

Já no exílio de Buenos Aires, Alfonso Rodríguez Castelao publica, em 1944, *Sempre en Galiza*. Colocando a questão de se a *Terra* "ten hábitos psicolóxicos reflexados nunha comunidade de cultura" (Rodríguez Castelao 2004, p. 63), e assumindo o risco de se perder naquilo a que Paz-Andrade chamaria de "concepção estática, lirista e paralisante" de cultura (Torres Feijó 1997, p. 301), afirma não ser possível "negar a diferenciación psicolóxica de Galiza" e, para tal, crê necessário acudir à memória (Rodríguez Castelao 2004, p. 63).

Os argumentos, ainda que tecidos sobre uma certa trama de justificação mítica, são vários: (i) o priscilianismo[10], essa "corrente subterrânea das literaturas e da religiosidade da faixa

[10] Na relação do priscilianismo com o nacionalismo galego, enquanto referente mítico, Francisco Bobillo afirma, sem rodeios, que "el nacionalismo, en tanto que doctrina (bajo cualquier advocación ideológica), y el galleguismo, en cuanto que movimiento que deseaba aplicar aquella doctrina a una población y un territorio concretos, no fueron tampoco ajenos a este proceso. Y, precisamente por ello la búsqueda ansiosa de antecedentes, cuanto más remotos más valiosos, que dejen claro que no se trata de construir *ex novo*: lo que se pretende, en una elaborada

ocidental da Ibéria" (Sena 1988, p. 72); (ii) o fenómeno jacobeu; (iii) a lírica trovadoresca; (iv) "o romance galego [que] percorreu un ciclo literario completo, de tan outo valor artístico que traspuxo as fronteiras do noso país, chegando a ser a língoa lírica e cortesán de Castela" (Rodríguez Castelao 2004, p. 65); mas também (v) a riqueza folclórica e a música, cujo "carácter nacional" e o "estraordinario valor artístico" [...] "ninguén discute" (Rodríguez Castelao 2004, p. 66). Porém, o diferencial psicológico encontra-se na saudade, como afirma:

> O signo diferencial da psicoloxía galega está, principalmente, na Saudade. Esta verba é coñecida dos españois; pero somente nós sabemos o qué significa. Este significado ninguén acertou a expresalo; nin siquera Rosalía de Castro, que foi o corpo mesmo da Saudade. Pero a Saudade existe e anda sempre conosco.
> Velahí, en resume, as diferencias culturais que poden apreciarse: Lírica conta épica; muiñeira contra jota; gaita conta guitarra; cruceiro contra picota; intuición contra lóxica... (Rodríguez Castelao 2004, p. 66)

Quanto à saudade na poesia galega possa dizer respeito, poderíamos recuar a Ramón Cabanillas e ao seu discurso de entrada na Real Academia Galega, publicado em 1920, onde reconhece que deve ao poeta-filósofo do Marão, e a *Os Poetas Lusíadas* (Pascoaes 1987), a graça de a ter podido ver florir:

> Caviloso e sin acougo, que enriba de trafegos obrigados traguíanme as horas súpetos dores neboentos, desmaiaba na cubiza e no rebusco cando unha alma compasiva, irmán n-estas arelas de retrauto e renacencia que fixeron niño nos peitos xenerosos da mocedade da patria, puxo na miña man «Os poetas lusiadas», de Teixeira de Pascoaes; páxinas novas âs que agardan días de eternidade, libro tocado da gracia e frorecido, como unha roseira de milagre, en rosas de todo tempo.
> Abreuse o meu corazón a un sentimento docísimo e lumioso, e namorado do seu feitizo esgallei, pecador, unha ponliña da roseira. Pranteina na hortiña probe das uces e dos toxos, caíron sóbor d-ela as raiolas douradas do pasado, bicárona os ventiños leviáns do Porvir, regueina co-as augas cristaíñas do noso lirismo orballado de bágoas, e na ponla callou un pensamento, rosiña de cores

palingenesia, es ni más ni menos que recuperar unas reales o míticas señas de identidad originarias" (Bobillo 1982, pp. 28-29). Cf. *etiam* Pérez Prieto 1988; 2017.

> pálidos e recendo velaíño ¡tal o xardineiro! que vên a decirvos, homildosa, cómo ê de fonda no sentimento e de antiga no blasón a saudade nos poetas galegos. (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920, pp. 9-10)

Ancorando a saudade à dialéctica de memória-esperança, tão cara a Pascoaes[11], mas também à convicção do seu carácter demiúrgico[12], "a branca pombiña do noso Sant Graal" que vem simultaneamente grávida de esperança e "cubizosa de apagar na terra [...] a súa sede eterna de renacencia e creación" (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920, p. 12), o autor de *Da terra asoballada* não hesita identificá-la com o fundo originário da poesia galega:

> Voando máis pol-o baixo, a Saudade ê a forza creada, en remanso, do Recordo e a forza creadora e puxante da Espranza, superadas no tempo; o Pasado e o Porvir, a Evocación e o Deseio, irmandados n-unha fervenza relixiosa, camiñando pol-as ribeiras do Misterio en precuro d-un máis alá de arelas do corazón e da intelixencia. Cubiza do lonxe, presentimento do que está para chegar, arela d-un ben perdido, lembranza d-unha luz que nos fireu na vaguedade d-un so-no, desasosego de encadeado, inquedade do que loita por abrir as aíñas para camiñar pol-o azul, a saudade ê o sentimento consustancial co-a nosa alma gallega e o molde que dou forma ô noso lirismo. (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920, pp. 12-13)

O mais alto lugar de expressão da saudade é assim, para Cabanillas, a poesia. E de tal modo radicaliza a convicção que chega a afirmar que "si a alma gallega non estivera tecida c-os seus fíos, Galicia non tería poetas", pois "o noso lirismo vive na verba saudade como n-unha boliña de cristal, prisioneiro de encantamento" (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920, p. 15). Não obstante a nítida ressonância pascoaesiana, que não se coibiu de fazer ecoar[13], Cabanillas sublinha a diferença entre a saudade portuguesa e a saudade galega.

---

[11] "A saudade inclui a esperança; e por isso, a lembrança visa também o futuro. Estas duas forças (uma criadora e outra perpetuadora) são a essência e o corpo da Saudade" (Pascoaes 1987, p. 160).

[12] "Ampliada à Natureza, a Saudade é a própria alma universal, onde se realiza a unidade de tudo quanto existe" (Pascoaes 1988, p. 47). Ou então: "A consciência humana resulta de um movimento reflexo do espírito criador sobre as formas já criadas, da esperança espiritual sobre a lembrança material, da imaginação revolucionária sobre a memória conservadora. E, por isso, como síntese daquelas duas forças, é a expressão transcendente da Saudade" (Pascoaes 1987, p. 161).

[13] "O Portugal de Camões, a Galiza de Rosalia, a Catalunha de Maragall são os Reinos da Saudade, como a fidalga Castela é o Reino de D. Quixote" (Pascoaes 1987, p. 166).

A primeira, de recorte messiânico e até mesmo te(le)ológico-político; a segunda, tecida teluricamente à imagem da terra[14]:

> A nosa, por riba de todo, ê a Saudade da Terra, Saudade do fogar, da campía verdecente, do ceo neboento, do curuto hirto, da choiva miudiña, da campana da aldea, das oliveiras escuras, da vella parede ensilveirada, do recuncho sombrizo da carballeira, da lúa que se pôn detrás do pinal... ¡saudade da lareira e do agro, saudade bendita que temos de pedir a Dios que nol-a conserve e acrescente deica ô fin das edades! (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920, pp. 19-20)

Longe da terra, porém, é onde a saudade galega se transubstancia em morriña[15]:

> Ven de tan fondo esta nosa saudade da Terra que ô deixar os eidos nativos, ô alonxarnos mundo adiante, a Lembranza esvaída e a Espranza sedente, desxugadas, feridas de mal sin consolo, sin toparse, magoan o corpo que cai murcho e frebento, com-unha rosa da rexión das neves, trasposta na terra aredente dos países de sol bravo. Entón surde a Morriña, que ê a mesma Saudade fisicamente doorosa. (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920, pp. 20-21)

E na morriña ancora-se a saudade da raça:

> Parexa co-esta saudade do Ermo, érguese, forte e solene, a saudade da Raza. A alma gallega, afundida na Lembranza do tempo vello, tornando ô frescor das mañáns primaveraes da risoña mocedade, veu nacer, antre as brêtemas do passado, a Espranza, como ningunha bem querida, de reconquerir o amor da nai Natureza, leda na súa homildade, deitándose no seu berce, fitando

[14] "A saudade, nascida da nossa alma, parece filha da paisagem" (Pascoaes 1989, p. 315).

[15] É de recordar que o Dicionário da Real Academia Galega assim situa a saudade: "Substantivo feminino. Literatura e Filosofia: Sentimento profundo no que o suxeito vive unha perda ou experimenta unha aguda nostalxía de algo xa vivido e que considera desexable" (https://academia.gal/dicionario/-/termo/saudade, acedido a 1 de Junho de 2023). Apontando-a como sinónimo de señardade e soidade, sugere que se confronte com nostalxía e morriña, a qual define como "sentimento e estado de ánimo melancólico e depressivo, en particular o causado pola nostalxía da terra". Já o Dicionário Estraviz coloca a problemática noutros termos: "Lembrança nostálgica e suave por alguma pessoa ou cousa distante ou extinta, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las", como sinónimo de soidade ou suidade; "Dor de ausência", como sinónimo de soledade, nostalgia e senhardade"; "Esperança num bem futuro que se vê irrealizável" e, ainda, "Desejo atormentado do impossível" (https://estraviz.org/saudade, acedido a 27 de Fevereiro de 2025).

> ô sol con o ollos de meniño, n-unha vida sin cadeas. Non de outro xeito os fillos de Adán, ô lembrarnos do Paraíso perdido, abrimos o corazón ô deseio d-un Paraíso futuro, que os crentes ollamos no ceo e os espidos de fe coidan alcontrar na Utopía. (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920, pp. 21-22)

O matrimónio de ambas saudades dará à luz a saudade da pátria: "A saudade da Raza e a saudade da Terra, entrenzadas, pol-a soia virtude do xuntoiro, pol-a trave das suas arelas, pol-o casamento dos seus soños, enxendran a saudade da Patria, que val o mesmo que saudade de redención" (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920, p. 22). Afinado a uma frequência mítico-fundacional de uma saudade pretensamente celta, Cabanillas não duvida avançar com a tese de fundo: "Ven de eiquí que ô recordo do noso passado céltico, libre e sinxelo no seo da natureza mimosa, máis querido por máis lonxanos, arelemos con alma e vida a libertade da nosa Terra" (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920, pp. 22-23). A partir daqui, as referências aos poetas galegos – Eduardo Pondal, Valentín Lamas Carvajal, Manuel Curros Enríquez ou Rosalía de Castro – servirão fundamentalmente esse propósito.

Oito anos após a publicação do discurso de Cabanillas, é publicado em Vigo um outro título sobre a saudade y el arte en los pueblos celtas (Castro del Río 1928). Passaram sensivelmente seis anos desde o reconhecimento da independência da Irlanda, e Plácido Castro põe em marcha o seu argumento: "la expresión más intensa y elevada de la saudade se encuentra en el anhelo más característico de los poetas célticos, el anhelo de lo imposible. Es esta la saudade pura, porque no puede verse satisfecha y en ella tiene una importancia relativamente pequeña lo deseado si se compara con el acto de desear. Nos revela esta forma de la saudade que lo fundamental en ella es el anhelo y no lo anhelado" (Castro del Río 1928, p. 40). Ora, ante os possíveis contra-argumentos dos que consideravam a saudade um inibidor da acção, como Rafael Dieste ou Xosé Otero Espasandín (Dieste 1981, p. 103; Dieste & Otero Espasandín 1927, p. 40), Plácido Castro del Río escreve: "Creo que es un error culpar a la saudade de los males de Galicia. Tal vez nos haga falta aún más saudade, sobre todo la saudade de una Galicia redimida, que sea, como en Irlanda, el distante ideal que nos lleve al fin a una feliz realidad" (Castro del Río 1928, p. 48).

Quatro anos mais tarde, na introdução a *Ensaio Histórico sobre a Cultura Galega*, Ramon Otero Pedrayo começa por colocar a questão fundamental: "¿Entón hai unha cultura galega?"

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

(Otero Pedrayo 1982, p. 11). E eis que a resposta possível reclama uma precisão conceptual prévia: (1) as culturas são realidades dinâmicas, históricas e orgânicas, coexistindo, sucedendo-se e entrelaçando-se, mas cada qual guardando uma espécie de fundo diferenciador, (2) encaminhando-se para um "mesmo fin redentor" (Otero Pedrayo 1982, p. 12), porque (3) dotadas todas de uma grelha de interpretação do mundo.

Ora, fundamental na argumentação do intelectual de Ourense, é a afirmação de que não "pode sosterse que a cada rexión natural corresponde necesariamente unha rexión espiritual" (Otero Pedrayo 1982, p. 12), explicando-o em perspectiva galega:

> Un país dotado de orixinalidade cultural comprende diversas rexións naturais como matizadas na unidade superior á que pertencen. A xeografía, ó estudiar con severo método esas rexións, confirma cada vez máis a intuición xeral e os resultados da apreciación histórica. No caso particular de Galicia, a Limia, o Ribeiro de Avia, o val e a costa de Bergantiños son rexións naturais dentro da complexidade galega. A mesma Galicia, en conxunto, mostra caracteres xeográficos inconfundibles, pero non temos que atribuír a tal determinismo o tema principal da cultura galega. A presencia dunha raza que soubo adaptarse a este medio moral e incorporarse nel, creou a rexión, o círculo cultural, e, de tal maneira se confunden ámbolos factores, o natural e o humano, que nun avanzado grado de evolución é xa difícil distinguilos empregando a análise. Onde houber unha raza cosmicamente fixada xorde unha posibilidade de cultura orixinal. (Otero Pedrayo 1982, p. 13)

Contudo, nas dinâmicas de contacto, os processos de assimilação e integração não se dão todos do mesmo modo nem com a mesma intensidade. E no caso particular galego, cujo diferencial cultural Otero Pedrayo afirma não se poder negar, os processos de articulação histórico-cultural revelam simultaneamente uma capacidade de adaptação e permanência: "O espírito galego nas formas desinteresadas da súa actuación adoptou varias culturas sucesivas mais a cada unha delas impuxo polo menos o seu cuño particular, o eixo da súa alma" (Otero Pedrayo 1982, p. 14). Ora, que quer dizer Otero Pedrayo, na verdade, com *eixo da alma* galega? Na lógica do seu discurso, certamente é a que sobreviveu à "civilización romana", à "cultura xermánica", ao "occidentalismo creador da Idade Media", ao "imperio español", e à "revolución mecánica e ideolóxica do século XIX", consciência custodiada pela ruralidade, essa "reserva do porvir" (Otero Pedrayo 1982, p. 15).

USC UNIVERSIDADE

Mas, para além de todos os elementos históricos que convoca, parece-nos de especial importância a tentativa de definição do fundo étnico, que assume como celta, identificado como o esse *eixo da alma* galega:

> Antes de Roma consideraban a historia un caos, sen lei nin conciencia. ¿Que virxindade macularon en Galicia os rítmicos pasos da cohortes? Os eruditos renunciaron a sabelo. Por medo ou por desconfianza, para non mancha-la pomposa liñaxe das cidades. Profesaban polos pobos prerromanos un sentimento semellante ó que os xudeos sentían polos cananeos: algo primitivo, perigoso, , unha hidra de pesadelo disposta a espertar. Pero outros homes – os poetas – lanzaron sondas audaces ó fondo da alma galega e nela atoparon un sentido inicial da historia. Da mesma maneira que baixo o morto e prolixo dermato-esquelete o corpo vivo do molusco ten sabor mariño, así, na zona íntima, intraducible e libre do pobo galego, latexa a conciencia celta, prerromana, a que corre desde as orixes baixo tódalas formas externas e seguirá correndo no futuro. (Otero Pedrayo 1982, pp. 19-20)

E os poetas, acedendo a tal fundo primigénio da cultura galega, abraçaram a saudade (Otero Pedrayo 1982, p. 20). A articulação oteriana não era propriamente nova.

O celtismo, como elemento estruturante do referente de identificação com os povos celtas e atlânticos, já havia sido reivindicado pelo historicismo galego ao longo do século XIX: José Verea y Aguiar[16], Antolín Faraldo Asorey[17], Benito Vicetto[18] e Manuel Murguia[19] cuidaram de lançar as bases para responder à "necessidade de criar uma história própria e diferente da espanhola, para dotar a Galiza de autonomia também neste campo" (Bello Vázquez 2000, p. 91). Tratava-se fundamentalmente de reivindicar um passado mítico como modo de cimentar um futuro possível. Por seu turno, o referente de identificação atlântica e celta encontrará nos sucessos das gestas irlandesas, entre a *Éirí Amach na Cásca* (1916) e a *Saorstát Éireann* (1922)[20], um impulso decisivo.

---

[16] Vera y Aguiar, J. (1838). *Historia de Galicia. Primera Parte, que compreende los origines y estado de los pueblos septentrionales y occidentales de la España antes de su conquista por los romanos*. Ferrol: Imprenta de D. Nicasio Taxonera.

[17] Faraldo Asorey, A. (1842). Historia. *El Recreo Compostelano*, 5, 69-72.

[18] Vicetto, B. (1865). *Historia de Galicia* (tomo I). Ferrol: Establecimiento tipográficos de Taxonera.

[19] Murguia, M. (1865). *Historia de Galicia* (tomo I). Lugo: Imprenta de Soto Freire, Editor.

[20] Revolta da Páscoa (*Easter Rising*) e Estado Livre da Irlanda (*Irish Free State*), respectivamente: cf. Ranelagh, J. O'B. (2012). *A Short History of Ireland* (pp. 192-243; 273-284). Cambridge: Cambridge University Press. N. B.: à data da publicação de *Ensaio Histórico sobre a Cultura Galega*, não havia sido adoptada a Constituição, o

Tudo isso se traduzirá no modo como, principalmente na Época Nós[21], a referência ao celtismo, e em particular ao irlandês, tornar-se-á praticamente obrigatória:

> Celtismo e Atlantismo van xogar un papel de relevo no momento da formulación definitiva do nacionalismo frente a teorias decimonónicas como o provincialismo ou o rexionalismo. Tamén foi un factor fundamental e determinante para a consolidación do ideário céltico o recrudecimento do conflito irlandés, que se converte en referéncia inescusável para todos os nacionalismo europeus nos anos en que se comeza a ver como posível, cando menos, a independencia do Sul do país: constitui-se o I.R.A, asina-se o primeiro acordo coa a Coroa británica polo cal se dota dunha certa autonomía – que non se chegou a aplicar por motivos diversos –, e institui-se o Estado Livre. Irlanda vai ser o espello en que se miren os nacionalistas galegos apoiados pola formulación do pasado comun, as semellanzas culturais e a necesidade de integrar Galiza en Europa do xeito que lles parecia mellor e que podia funcionar como elemento de oposición e diferenciación da cultura hispánica, que para moitos sectores era a única via de contacto co exterior. (Bello Vázquez 2000, p. 92)

O próprio nome da revista *Nós* era uma espécie de ressonância da bandeira erguida do *Sinn Féin*, mas o magnetismo da identidade desejada lançava também raízes no fenómeno literário (Risco 1921b; 1926b; 1926c; 1926d) e na própria reivindicação linguística:

> Este importante momento cultural e político que estava a viver a Irlanda, xunto coas cuestións históricas que se referiron máis arriba, xustifica plenamente que este país se convirta nunha das primeiras referencias para os novos intelectuais como Pedrayo:
>
> > Irlanda por ser illa e por gardar a vella lingoa primeira fixo mais aixiña as etapas do ciclo redentor. Leuceón é guia pra nos,, galegos do novo século. (1932: p. 61)
>
> Paralelamente a isto surxe outra corrente denominada *Atlantismo*, que ten como obxectivo desviar o centro cultural do Mediterráneo, de que Galiza seria sempre necesariamente periferia, para o oceáno que unia os diferentes países célticos.
>
> [...]

que acontecerá em 1937, nem se tinha assumido a designação de "República da Irlanda", que terá lugar somente em 1948.

[21] A Revista Nós dedica-lhe integralmente o número 8 (5 de Dezembro de 1921).

> Celtismo e Atlantismo supuñan a forma perfeita de conxugar a tradición, a reivindicación política e a internacionalización da cultura galega. Era o xeito de que a literatura e a arte galegas se puidesen ver inseridas dentro dunha corrente máis ampla e indiscutivelmente europea, e por iso cosmopolita. (Bello Vázquez 2000, p. 93)

Apesar das potencialidades do atlantismo enquanto localização geográfica do celtismo, assumido como identidade étnica, o saudosismo de além-Minho trazia certa consistência cultural, filosófica e poética à demanda identitária galega.

Faltava, contudo, encontrar o denominador comum. O seu teorizador, Teixeira de Pascoaes, não tinha deixado elementos suficientes para a articulação céltico-saudosa[22], embora Vicente Risco optasse por fazê-lo, pendulando entre a referência pascoaesiana, não assumida explicitamente, e o distanciamento progressivo do saudosismo, que acabaria por definir como a "tónica do espírito lusitano" (Risco 1920c, p. 23).

Elias Torres Feijó sintetiza bem o modo como o nacionalismo galego de Risco se ergue sobre Pascoaes e a sua doutrina:

> Se as ideias de Villar Ponte sobre Galiza e Portugal conhecem umha linha de continuidade desde Alexandre Herculano, Teófilo Braga ou Oliveira Martins, como era a tradiçom do gaelguismo liberal que liderava Manuel Murguia, o referente político-cultural fundamental de Risco é agora Teixeria de Pascoaes, e a sua teoria do Saudosismo, que o intelectual galeguista vai colocar como alicerce da civilizaçom atlántica galego-portuguesa que defende, mas, significativamente, sem citá-lo, e nom por desconhecimento (Risco conhecia a obra de Pascoaes desde antes), fazendo assim funcionar a teoria da saudade que estabelece como elaboraçom, se nom *ex nihilo*, polo menos substantivamente galega ou como verdade assente. Risco, apropria-se do saudosismo e a sua teorizaçom da saudade para colocá-la, sem citaçom de origem intelectual, no centro do ser galego. (Torres Feijó 2008, p. 150)

Para Pascoaes, era claro que a "Saudade é Deusa atlântica, não mediterrânea" (Pascoaes 1988, p. 127), mas não era tão claro que o diferencial de Castela, Catalunha e Portugal não resultasse num casamento: "Na alma de Unamuno, todas as almas da Península se casaram. É o segundo

[22] "A Saudade não é estranha a D. Quixote, e Cervantes adorou Camões" (Pascoaes 1993, p. 71)

Presidente eleito por Deus desta Federação espiritual. O primeiro foi Cervantes" (Pascoaes 1987, p. 165). Aliás, ainda que irmanando Portugal e Galiza, não hesitou quando escreveu que entre "a Saudade e D. Quixote há um parentesco estreito. E neste parentesco existe a unidade espiritual que liga superiormente as raças nítidas da Ibéria: Castela, Catalunha e Portugal que se revê na Galiza, encantado, como num espelho maravilhoso que ao seu velho perfil restituísse o frescor, a graça, a luz da infância" (Pascoaes 1987, p. 166). Nessa lógica, a anatomia espiritual da Ibéria definir-se-ia nos seguintes termos: "A Ibéria é um Espectro, mas encarnado num verdadeiro corpo humano. Castela é o osso; o núcleo galaico-minhoto, a carne; e o músculo é o núcleo catalão-asturiano" (Pascoaes 1971, p. 49).

Vicente Risco, se com efeito pretendia uma deslocação do eixo identitário do Mediterrâneo para o Atlântico, não poderia emular, sem mais, o saudosismo pascoaesiano, sob pena de ter de partilhar laços familiares com o seu referente de oposição. Reconhece, naturalmente, a fraternidade linguística:

> Agora, o galego y-o portugués son duas formas dialeutaes do mesmo idioma: esto indica que nós temos um maor parentesco con Portugal do que con Castela. Tres falas, tres civilizacións: nós pertencemos á civilización da banda oucidental, e culturalmente, pois qu'e esí é filoloxicamente, nada temos que ver co'as outras duas. Queiramos ou non, esto trábanos fortemente, estreitamente con Portugal e co'a civilización portuguesa. (Risco 1920c, p. 20)

Mas à hora de alicerçar a saudade galega, não duvida tampouco da necessidade de, por um lado, a ancorar ao atlantoceltismo e, por outro, se demarcar do saudosismo lusitano, que pecava por des-norte. Ante o potencial de corrupção sulista (Torres Feijó 2008, p. 152), à Galiza dirigia-se o apelo de opor ao mediterraneísmo o atlantismo:

> Fai pouco decía Xenius, o gran filósofo catalán n-un dos seus *Glosaris* – téndolle sido suxerida a ideia pol-o «saudosismo» portugués – qu'a civilización mediterránea é a civilizació da Intelixencia; a oriental e mail-a yankee son as da Vontade; a de Portugal e de Galicia é a civilización da Mamoria... Morriña e Saudade. Esta ideia andaba xa espallada antre nós. A trascendencia futurista d'ese sentimento, cecais lembranza da perdida Atlántida, d'unha vida

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> asolagada baixo das ondas do mar azul, fora xa notada por certos agudos espritos da mocedá galega.
>
> Pois bén: hastra d'agora, foran a civilización da Intelixencia e mail-a da Vontade as que s'atoparan en confliuto. A nosa, a civilización saudosa da Lembranza, inda se non persentou na escea do mundo. Noso destino futuro é crear e impoñer esta civilización nosa que ha ser a civilización atlántica.
>
> Ela ten un outo senso dinámico: non é unha morosa contempración estática do que pasou: é cecais aquela tendencia de que falaba confusamente non sei que pensador moscovita, a «alcanzal-o pasado no presente». Ten un outo senso dinámico, non de loita, non de destrucción, non de bule-bule, d'autividade pol-a autividade mesma, de *record* – do que adoece tantas veces a civilización yankee – sinon de creación. Leonardo Coimbra fundou n-ela unha filosofía que chamou «O Criacionismo».
>
> Mais a tod'ese saudosismo e creacionismo portugués, aínda lírico demais, y-até se m'apuran ibérico demáis, cómprelle un pouco de lazo nórdico. Galicia, sendo mais céltica, é mais sintética, y-este matiz fai precis'a nosa colaboración na civilización atlántica. (Risco 1920c, p. 33)

Não obstante esta nítida demarcação, que se percebe em *Teoria do Nacionalismo Galego*, o projecto editorial da Revista *Nós* trará para primeiro plano não só a saudade, mas o próprio Pascoaes. A explicação para tal movimento repousa seguramente na evolução do próprio galeguismo, agora de recorte mais culturalista:

> Talvez, o diferente teor das publicações, umha virada para a fundamentaçom política do nacionalismo e *Nós* dedica à política cultural expliquem a passagem em breve prazo da ausência de referência a Pascoaes a esta quase sua omnipresença. O caso é que agora Pascoaes é consagrado como mestre e a Saudade constitui o principal alicerce da teorizaçom e, note-se da acçom, nacionalista. (Torres Feijó 2008, pp. 154-155)

Voltando a Otero Pedrayo e ao ano de 1932, não estranhará certamente, passados mais de dez anos de intensa actividade desse galeguismo cultural, que a saudade, juntamente com o atlantoceltismo, tivesse já ganhado raízes. Depois de definir os quatro momentos da história galega (celta, românico, barroco e romântico), o autor de *Morte e ressurreição* afirma:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> N'un galego, n'un celta – Renán, James Joyce, Lamenais, Pondal – o aito puro do esprito mergúllase na intuiceón – dolmen –, procura un alén, quer universalizarse – románeco – misturado de beleza orxiásteca – barroca – sin poder fuxir do desespero de non'o conquerir – saudade románteca. (Otero Pedrayo 1932, p. 43)

E qual o lugar do poeta, nessa encruzilhada de atlantismo, celtismo e saudade? Otero Pedrayo não duvida: "Aquila causa pechada nas entranas do povo tivo que ser procramada pol-as beizos dos poetas, no dezanove coma no tempo dos Druídas únecos sacerdotes do fogar da Pátrea" (Otero Pedrayo 1931b, p. 50).

Não surpreende, por isso, que na sua introdução a *Historia da literatura galega contemporánea*, Ricardo Carvalho Calero afirme que o "romantismo fixo posibre o frorecimento da poesía galega contemporánea" (Carvalho Calero 1981, p. 14). E nele inscrita a saudade, como o bem demonstrou *La Saudade en el Renacimiento de la Literatura Gallega*, não só como eixo psicológico e sentimento da alma galega, mas também como seu alicerce identitário:

> El hecho señalado de la relación tan estrecha entre el Romanticismo y el renacimiento literario gallego, no quiere decir exactamente que los poetas de este siglo gallego del XIX sean románticos de clisé, y menos aún los mejores. Si acaso encuéntranse en ellos formas de expresión de "escuela", lenguaje "romántico", y tópicos de los consagrados. Pero ni en el más románticos de nuestros poetas se encuentra la nota desesperada de un Espronceda o de un Larra; si se encuentra es eso que se acaba de decir: "fórmula romántica". Qué duda cabe que hay cierto pesimismo; pero éste les conduce a esa dulce saudade que lo envuelve y disuelve todo en un fondo de lejana esperanza que nunca se ve abatida; en esa meta inalcanzable a la que alguna vez se confía en llegar.
>
> Hay también en ellos sentimiento y pasión; pero ambos tienen sentido y meta más o menos concretos. Los poetas de esta primera generación del renacer poético no viven cada uno su drama o su novela personales, sino que ellos se hacen los portavoces de lo que creen ser la novela o el drama de aquel mundo regional que les vio nacer y que era consustancial con ellos. Y no obstante su elaboración y belleza artística, su lírica está inspirada en el sentimiento de la tierra y de la raza, o ese modo de ser gallego. Y ese sentimiento lírico que da cabida a la saudade, al llegar este comienzo, se polariza en el amor a la tierra, ya por presencia – como trasunto de un bien idealizado –, ya por ausencia, en sus dos formas: la añoranza de un pasado histórico-

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> legendario más glorioso que se quisiera renacer o volver a vivir; y la separación del terruño que lo significa todo. (Landeira, 1970: 51)

Ricardo Landeira situar-se-á numa hermenêutica das obras poéticas de Rosalía de Castro, Eduardo Pondal, Curros Enríquez e Lamas Carvajal (Landeira 1970, pp. 73-108, 109-138, 139-187 e 189-215, respectivamente), ampliando a leitura de Cabanillas em *A Saudade nos Poetas Galegos*, e concluindo que "la saudade para estos poetas gallegos no fue una tara, sino una luz alentadora que les guió en el camino soledoso que se vieron obligados a recorrer, Rosalía en su soledad íntima, Pondal en su soledad creada, Curros Enríquez en su soledad a gritos y Lamas Carvajal en su soledad sin luz" (Landeira 1970, pp. 229-230).

Contudo, consciente da difícil localização do Rexurdimento no romantismo[23], Carvalho Calero levanta a problemática da saudade a ele associada, no enquadramento da história da literatura galega contemporânea. Começa por afirmar que o romantismo "puxo en pe a conciencia galega [...] e fixo posibre a consolidación dunha nova literatura", mas quando chega a hora de esta se libertar de um certo provincialismo, com Rosalía de Castro, "o ambiente xeral é xa o do realismo" (Carvalho Calero 1981, p. 14). Porém, as notas próprias de um lirismo de tonalidade romântica e o tema da saudade na poesia galega do séc. XIX encontram na leitura do académico ferrolano uma problematização, no mínimo, interessante:

> A despersoalización espritoal de Galicia, a súa pobreza material, a sangría da emigración, en fin, o estado evidente de decadencia en que os poetas de meiados do dazanove atoparon á súa

[23] O modo como Dolores Vilavedra coloca a questão é claro (Vilavedra 1999, pp. 103-104):
"Un estudio desta etapa [1846-1863] debería entrar no debate de se houbo ou non un movemento romántico galego, debate – aínda hoxe non pechado – que se desenvolve pexado polo problemático de consensuar unha definición do *romanticismo* e polo afán dun determinado sector da crítica de estabelecer unha periodización específica da literatura galega, independente das que se adoita recoñecer noutros sistemas literarios veciños coma o castelán. Na miña opinión, á marxe de que se poidan atopar argumento a prol ou en contra dunha ou outra posición, coido que hai algúns feitos indiscutibles:
— A tardía consolidación do noso Rexurdimento impediu que se constituíse un movemento romántico de expresión galega, o que non impide que se detecten en determinados autores, como Nicomedes-Pastor Díaz ou a propia Rosalía de Castro, certas manifestacións de xinea romántica.
— O espírito dos romantismos europeos creou un clima favorable para a recollida do popular e do autóctono, o que indirectamente fomentou o desenvolvemento das linguas chamadas «rexionais».
— Parece existir un certo consenso entre os historiadores (González Beramendi 1991: 824, Juana-Prada 1992: 63) á hora de considerar o romantismo como un dos alicerces, xunto co historicismo, o liberalismo e un cristianismo de corte social, nos que asentou o movemento ideolóxico que hoxe coñecemos como «provincialismo» e que constituíu o primeiro paso da corrente ideolóxica e da práctica política que chegou ós nosos días, a través de diversas mutacións históricas, coñecida xenericamente como «galeguismo»".

> terra, determinóu que aquel lirismo fora elexíaco. Ate qué ponto unha disposición natural do pobo galego foi causa da intensidade da nota lírica na poesía do país, é custión que nos mergulla no problema da saudade e da súa relación co o lirismo. Nistes derradeiros anos, os ensaios sobor da saudade foron cobrando rigor científico. Non sendo a saudade unha entidade susceptible de esperimentación física, só a introspeición nos pode conducir eficazmente a precisar a súa fenoménica. Menos seguras son as ouservacións que podemos realizar respeito do comportamento do próximo que supomos actuante baixo o imperio da saudade. En todo caso, dise xeito facemos un estudo de sicoloxía esperimental; mais o problema do que en sí sexa a saudade sitúase no plano da metafísica nos máis recentes estudos. Como nise plano todo é inesperimentabre por principio, o problema da esencia da saudade é en realidade un problema de terminoloxía científica. Qué convén entender por saudade, qué definición de saudade resulta máis útil como postulado científico. Diste xeito colocámonos nunha posición criticista, relativista, pragmatista ou como queira se lle chamar. E adoptada isa posición, a importancia do problema da saudade baixa moitos degraos. A saudade pode incruso sere considerada como unha consecuencia das aludidas condicións da decadencia en que se desenvolve a vida galega e a lírica galega do dazanove. (Carvalho Calero 1981, p. 14)

Se assim fosse, afirma Carvalho Calero, "non se lle podería asegurar o carácter de constante" (Carvalho Calero 1981, pp. 14-15), e portanto, concluímos, tornar-se-ia relativamente artificial a articulação entre o fundo étnico celta e o lirismo saudoso. Ora, com a evolução da poesia galega, mesmo quando a saudade veio a inspirar doutrinalmente o nacionalismo galego, principalmente a partir de 1920, o problema agudizar-se-ia.

Curiosamente, a poesia que se publica em *Nós*, e vive paredes-meias com o esforço doutrinário de alentar o renascimento galego, em todas as suas formas de conhecimento e expressão estética, e a sua inscrição na pluralidade das culturas, mas também como realidade viva[24], parece não estar ancorada, exclusiva e explicitamente, à temática da saudade. Talvez a explicação esteja nestas palavras de Elias Torres Feijó:

[24] Xosé Núnez Búa, no número dedicado ao cinquentenário da revista, publicado em 1970, faz o balanço precisamente nestes termos: "O maxisterio dos homes de NÓS foi exemprar. Por il puxémonos en condicións de coñecer Galicia como ser vivo integral e aituante – non só como tradición arqueolóxica e museabre – en relación dende fai milénios con todo o mundo oucidental. E por riba de todo: adeprendimos a considerar a nosa Terra como unha patria, non como bocado dun Estado pintado no mapa de verde, bermello ou amarelo; non como unha partícula de territorio, senón como unha célula viva da universalidade" (Núñez Búa 1970, p. 46)

> O termo saudade era umha reintegraçom gaelguista: umha palavra que nom estava no uso quotidiano na castelhanizada Galiza; umha palavra que puxou outras, como *além*. E o Saudosismo era umha importaçom galeguista, nacionalista já do movimento iniciado anos antes em Portugal. Termos e pensamento constituiam nessa data marcante de 1920 um conjunto repertorial central na elaboraçom de ideias nacionalistas galegas: um conjunto de fórmulas sobre a Galiza e, para através delas, construir umha produçom literária e ensaística central no mundo galeguista, que mesmo reforçase a acçom política e a sua legitimidade essencial. Um conjunto para ver, classificar e actuar no mundo, no próprio mundo galego. Que servia para defini-lo. (Torres Feijó 2008, p. 155)

Evocando poetas deste arco temporal (1916-1936), cujos nomes figuram, nalguns casos, em *Nós*, Elias Torres Feijó sublinha, contudo, o carácter central e definitório da saudade na produção artística e literária deste período:

> A Saudade, como elemento repertorial e bem cultural definidor, foi poderosa e central; mesmo os escritores mais inovadores e menos essencialistas da Galiza em termos de concepçom e repertório literários, como Manuel Antonio, aceitárom o maxisterio de Risco e incorporárom elementos saudosistas aos seus textos ou até algum, como Amado Carvalho, produziu versos existencialistas intitulados "Saudade" (*Proel*, 1927); artistas da vangarda como Álvaro Cebreiro nutrírom autêntica devoçom polo mestre. O Saudosismo estivo presente em autores gaelguistas de todas as tendências: de Otero Pedrayo (vid. Bello, 2002) a Cunqueiro, de Jaime Quintanillas ao absolutamente *pascoalista* Noriega Varela ou ao já citado caso de Ramón Cabanillas. E ela está em linhas e movimentos partilhados com Portugal, como o denominado Neo-trovadorismo, que tinha Bouza Brei como cabeça mais visível (Teresa López, 1997). (Torres Feijó 2008, p. 156)

Tão definitória do *eixo da alma galega*, para nos afinarmos ao diapasão de Otero Pedrayo, a saudade acabou paradoxalmente por ganhar raízes no repertório cultural galego, não como ferramenta, mas como bem cultural (Torres Feijó 2008, pp. 164-165). Cremos que parte da explicação encontra-se nas seguintes palavras:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> No primeiro terço do século XX, dentro dos hábitos discursivos diferencialistas, a saudade é utilizada no discurso político soberanista como elemento aglutinador da identidade galega enquanto identidade diferenciada na polaridade Galiza/Espanha, capaz de fazer gravitar à sua volta outras marcas de diferença, como o atlantismo ou celtismo, a continuidade cultural galego-portuguesa e o lirismo, e mesmo de dar um ângulo transcendente ao fenómeno da emigração, que vinha sendo objecto de debate público desde meados do séc. XIX. Já no contexto da ditadura a saudade foi um dos traços recorrentes para a construção da imagem tópica da Galiza como povo sentimental, submisso, incapaz para a ação, ahistórico e pouco pragmático, o qual desencadeou por sua vez discurso políticos soberanistas mais pragmáticos, com uma interpretação materialista da história e explicitamente desligados da saudade e do lirismo, dois traços identitários dos galegos que com frequência são equiparados nos discursos sobre a identidade galega. (Seoane Dovigo 2017, p. 176)

Contudo, a questão, que com toda a legitimidade se poderia formular, tendo em conta a produção literária publicada em *Nós*, seria a seguinte: sendo a saudade um eixo identitário central – com efeito, à época, ainda uma ferramenta cultural com alguma rentabilidade política – por que razão não emerge intensamente na quase centena e meia de poemas que aí encontramos? Ou não aparece, pura e simplesmente, de modo explícito?

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

1.6. HIPÓTESE(S) DE TRABALHO

A revista Nós é consensualmente considerada como uma das mais relevantes iniciativas culturais do galeguismo contemporâneo. Arquitectada como plataforma de reconfiguração (mas também de projecção) da cultura galega além fronteiras, tornou-se um lugar de afirmação simbólica da identidade nacional galega, convocando não só a literartura, mas também disciplinas como a história, a etnografia ou a arqueologia.

Entre os vários elementos que são mobilizados pelos autores, coloaboradores e ideólogos da revista para alicerçar um imaginário identitário diferencial, emerge a saudade não somente como recurso literário, mas fundamentalmente como categoria cultural, partilhada com a tradição a sul do rio Minho e profundamente ancorada uma hipotética auto-representação colectiva galega.

Se é certo que o nacionalismo galego de matriz cultural encontrou na saudade uma caixa-de-ressonância afectiva e etno-territorial, também não é menos certo que a revista Nós se impôs como um lugar privilegiado para a sua tradução poética, para a sua codificação simbólica e, eventualmente, para a sua capitalização política.

Portanto, cremos fundamental perseguir, como hipótese de trabalho, a seguinte interrogação, decorrente da pergunta investigadora fundamental, articulada com os dados devolvidos pela exposição do estado da arte: em que medida e com que implicações foi a saudade apropriada e codificada, no espaço editorial de poesia da revista Nós, e qual a sua relevância na produção e legitimação da identidade nacional galega durante os anos mais férteis do assim chamado segundo Rexurdimento?

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

1.7. JUSTIFICAÇÃO METODOLÓGICA

Num primeiro momento, interessa identificar os autores que têm lugar em *Nós*, tentando perceber a sua inscrição ou não no cânone da literatura galega, através de uma revisão da historiografia literária, de uma pesquisa (também de recorte histórico) sobre a validação institucional (antologias, prémios, efemérides) no contexto do repertório cultural e literário galegos, e de um estudo sobre o processo de recepção (crítica literária) não só no espectro da publicação da revista, mas de outras publicações periódicas, tanto em contexto galego como português, no arco temporal que vai de 1920 a 1935.

No que à saudade diz respeito, tomamos como ponto-de-partida a definição do *Dicionário Estraviz*[25]:

> (1) Lembrança nostálgica e suave por alguma pessoa ou cousa distante ou extinta, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las. = soidade, suidade
> (2) Dor de ausência. = soledade, nostalgia, senhardade
> (3) Esperança num bem futuro que se vê irrealizável.
> (4) Desejo atormentado do impossível.

Tendo em conta esta definição, cremos poder ampliar o campo semântico de saudade aos seguintes termos, cujas ocorrências poéticas anotamos em seguida: saudade (36), señardade (7), soedade (7), soidade (4), morriña (2), nostalxia (1) e soledade (1).

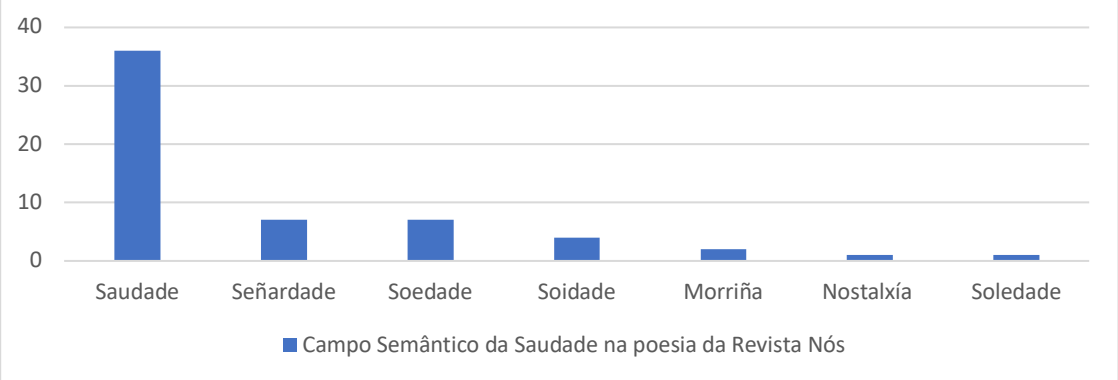


Tabela 1- Campo semântico da saudade na poesia da revista Nós

[25] https://www.estraviz.org/saudade, acedido a 3 de Janeiro de 2024.

Uma vez feito o levantamento do *corpus* poético publicado em *Nós*[26], optaremos metodologicamente por laborar sobre a base informática do *Catma*[27]. Posteriormente, agruparemos as composições poéticas de acordo com os eixos temáticos devolvidos pela análise desses dados, o que nos permitirá estabelecer redes de relações lexicais e semânticas, que a seu modo desdobrarão o(s) sentido(s) da saudade na poesia publicada em *Nós*.

Uma vez realizada essa análise, partiremos para investigação da possível relação entre os textos de natureza doutrinária e a criação poética, tendo em conta que os primeiros se encontram fortemente ancorados ao sistema cultural e literário português, nomeadamente ao saudosismo pascoaesiano, e a segunda a uma ânsia simultaneamente de afirmação identitária e inscrição no espaço mais amplo das correntes culturais e estéticas europeias, dialéctica definitória não só do impulso editorial da *Nós*, mas também da decisiva novidade que significou um "notável salto qualitiativo" (Tarrío 1998, p. 243) da literatura galega nesta época.

Por seu turno, Dolores Vilavedra não duvida em afirmar que "esta é a primeira (e última por moito tempo) ocasión na que en Galicia se constitúe un grupo comprometido coa tarefa de crear un tecido de institucións (editoriais, revistas, organizacións políticas e sociais, etc.) que permitisen a normalización da vida cultural galega" (1999, p. 173). Tal empresa edifica-se sobre o afã de afirmação identitária e inscrição cosmopolita, como se mostra evidente no programa das "Primeiras Verbas" (A.N.I. 1920b, pp. 1-2).

Não ignorando a importância da periodologia de tipo geracional ou da catalogação estética de correntes poéticas, reconhecemos, no entanto, o potencial hermenêutico da etiqueta proposta por Anxo Tarrío, uma vez que permite observar o fenómeno poético da saudade numa convergência geracional, mas também na não menos importante convivência de tendências literárias, como o hilozoísmo, o criacionismo, o surrealismo e o neotrovadorismo.

Compreendendo, com Pierre Bourdieu (1991), a inscrição social da literatura e, com Itamar Even-Zohar (1990), que ela vive da tensão própria dos momentos de transição cultural, percebemos que, do ponto de vista literário, a revista Nós se inscreve numa (in)tensa dinâmica em que as forças dos campos de poder se jogam também nas dialécticas entre o nuclear e o periférico, e entre o primário e o secundário. Uma observação histórico-literária e uma análise

[26] Cf. Anexos.
[27] Catma – Computer Assisted Text Markup and Analysis: https://catma.de.

cultural que tenham em linha de conta as forças actuantes desse campo permitem compreender o sucesso alcançado na inscrição da poesia galega num equilíbrio nem sempre fácil para as literaturas nacionais: a afirmação da sua peculiaridade no espectro mais amplo da cultura, tanto em perspectiva espacial (enxebrismo-cosmopolitismo) como temporal (tradição-vanguarda). Nessa tensão criadora, a saudade emerge, no campo literário, como um capital cultural, social e político de elevado rendimento identitário. Importa perceber, contudo, a razão pela qual o signo poético da saudade se torna tão rentável na equação. Por essa razão, afirmamos a necessidade de percorrer um caminho de hermenêutica literária e análise cultural, epistemologicamente definido como arqueologia cultural e metodologicamente moldado por uma dupla aproximação ao *corpus* de análise definido, por via de uma *close reading*, precedida de uma *distant reading* (com recursos a instrumentos informáticos como o *Catma*) que dê conta das continuidades e descontinuidades da inscrição das poéticas da saudade, publicadas na revista Nós, num cânone *in fieri*, simultaneamente agente e produto de um processo de canonização literária.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

2. A REVISTA “NÓS” E A SAUDADE

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Recalculando a rota da investigação, tendo em conta o que havíamos definido em sede de projecto, que tinha como horizonte fundamental de trabalho uma hermenêutica das poéticas da saudade em obras publicadas na segunda metade da Época *Nós*[28], decidimos, depois de uma recolha da poesia publicada em *Nós*, simultaneamente ampliar o recorte temporal a todo período da publicação (1920-1935) e cingir o corpus de análise à mesma, abrindo a reflexão ao diálogo com textos de natureza doutrinária, mas também de crítica e recepção literárias.

Esta parte do trabalho, que se pretende nuclear, visa uma análise da relevância cultural, literária e política da saudade em *Nós*, bem como do seu impacto ou não na construção da identidade galega e do seu relacionamento com Portugal.

Cremos não suscitar qualquer dúvida a importância de *Nós* na construção da ideia de Galiza. Vale bem o juízo de Ben-Cho-Shey, que sobre ela afirmou ser "a mais outa representación da cultura galega por un espacio de quince anos. As suas páxinas son a millor testemuña da vida que latexaba nelas e da inquedanza dos galeguistas mergullados na tarefa de descubrir e de estudar a Galicia dende o seu proprio seo e cun senso europeo que, ata entón, se non atopa en ningunha pubricación galega" e que "o que constituiu a actualidade espiritual de Galiza foi o fondo de NOS" (Fernández-Oxea 1977, p. 107).

[28] Recordo que havíamos pensado eleger um conjunto de autores que, de algum modo, tinham colaborado com a Revista *Nós* – Luis Amado Carballo (1901-1927), Eduardo Blanco Amor (1897-1979), Aquilino Iglesia Alvariño (1909-1961), Fermín Bouza-Brey (1901-1973) e Álvaro Cunqueiro (1911-1981) – argumentando que a diversidade de correntes – hilozoísmo, criacionismo, surrealismo ou neotrovadorismo – era suficientemente ampla para que, num espaço relativamente curto de tempo, pudesse ser observada a relevância da matéria poética da saudade, mais além da sua explícita manifestação e, também pela mesma razão, validar ou não a hipótese de uma base arquetípica dos seus mitos constituintes.

2.1. GALIZA E PORTUGAL OU AS DUAS MARGENS DA SAUDADE

Em 1970, por ocasião do cinquentenário da revista, Hernâni Cidade recordava os anos "em que as saudades do passado ainda se misturavam com as certezas do presente e as esperanças do futuro", tempos de "aridez cada vez mais ressequida pelos frios ares que sopravam lá de fora", contrastantes com a *frescura* e o *cheiro* de *Nós* (1970, p. 30).

À distância de cinquenta anos, Hernâni Cidade não duvidava em afirmar a importância desta publicação periódica para o estreitamento dos laços no relacionamento galego-português:

> **Nós** era bem nós, ou seja – transportando a expressão para a realidade do nosso convívio e da nossa língua – éramos bem nós, Galegos e Portugueses, reunidos numa fraternidade fundamental, ao calor dessa lareira espiritual que para todos nós era a revista assim chamada. Que facilmente ela nos reconstituía em tempos mais antigos, quando o Minho não nos separava mais do que ainda hoje separa as aves que voam, libérrimas, de margem para margem, e numa ou noutra, ao acaso, fazem ninho. (1970, p. 29)

O entusiasmo saudoso do académico português debatia-se, por um lado, com uma espécie de fatalidade trágica e traumática de uma separação fraterna à nascença. Por outro, não dava conta, nessa tonalidade agridoce com que recorda os encontros com Vicente Risco, Antonio Noriega Varela, Álvaro de las Casas, Ramon Otero Pedrayo e Alfonso Rodríguez Castelao, da água vertida sobre o borralho que significou 1936.

Não seria completamente verdadeira a afirmação de que o reencontro somente tivera lugar no período que abarca as Irmandades da Fala (1916) e a sublevação franquista (1936): há, principalmente a partir da segunda metade de Oitocentos, significativos reencontros que, a seu modo, potenciam o reconhecimento fraterno posterior. Não seria tampouco completamente verdadeira a afirmação de que tal reconhecimento somente se deu em *Nós*. São, na verdade, várias as revistas que aplainam, a norte e a sul do Minho ou até mesmo na diáspora, os caminhos das pontes que o unem: *Alfar*; *A Nosa Terra*; *O Tío Marcos d'A Portela*; *Resol*; *Ronsel*; *Vida Gallega*; *El Eco de Galicia*; *Nova Galicia*; *Suevia. Revista Ilustrada*; *Galicia. Revista Oficial del Centro Gallego de Buenos Aires*; *Galicia. Revista Oficial del Centro Gallego de Buenos Aires*; e *Galicia. Revista Quincenal Ilustrada* (Torres Feijó 2019b).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

É necessário, por isso, recuar ao último quartel do séc. XIX, independentemente das assimetrias percebidas e da precariedade do galeguismo detectada (Torres Feijó 2019a; 2019b). Em *Galeguismo Precário e Portugal*, que recupera o núcleo da sua tese de doutoramento defendida em 1996, Elias Torres Feijó propõe uma periodização do relacionamento galego-português, operando um recorte que dá conta dessa desproporcionalidade:

> [A]té aos anos vinte, aproximadamente, o sistema regionalista ocupa um lugar periférico no polissistema português, cujas raízes podem ser perfeitamente rastejadas com um termo *a quo* situado em 1900 [...]. Mas, cabalmente, não podemos proceder da mesma maneira para o caso da Importação galega. O rigor exige-nos, neste caso, recuar até precisamente 1888/1891, porque é nesse momento que se sentam também as bases da Importação e da transferência galega do polissistema português, que ocupa, já desde este momento, umha posição central. (2019b, pp. 39-40)

A percepção que hoje temos, de fronteiras algo diluídas graças ao Acordo de Schengen, bem como das vias de comunicação entre a Galiza e o Norte de Portugal, já existentes desde finais do séc. XIX, pode dar-nos a impressão de uma falsa sensação histórica de real relacionamento cultural entre ambas as margens do Minho *ab initio*. Em boa verdade, não foi assim tão simples:

> Na segunda metade do século XIX, as vias autónomas de comunicação exteriores do que pode denominar-se protossistema [...] galeguista eram bem reduzidas. O polissistema espanhol impunha e proporcionava normas e modelos, instituições e mercados, intermediários e produtos. Safar-se desse circuito era, por mais que a proximidade de Portugal possa fazer pensar o contrário, bem dificultoso. Para além dos contactos raianos, as possibilidades eram poucas.
>
> Para aproximarmo-nos do estado das comunicações, baste reparar em que, em 1886, a abertura da ponte sobre o rio Minho era esperada como uma mudança importante nas relações galego-portuguesas. A ponte, a unir as cidades de Tui e Valença, era um verdadeiro anseio desde variados setores da Galiza. (Torres Feijó 2018d, p. 22)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Contudo, as dificuldades não implicavam necessariamente impossibilidades. Havia certa presença de Portugal na Galiza, e também algum contacto desta com aquele. Elias Torres Feijó, em *Portugal nas velas do galeguismo contemporâneo*, dá conta de alguns exemplos:

> Publicações de finais da década de oitenta e princípios de noventa, especializadas em ciências humanas e sociais, eram suscetíveis de serem adquiridas por particulares ou instituições interessadas em aspetos de história ou etnografia fundamentalmente. Isto pode explicar que a periódicos como *Galicia Diplomática* tenham fixado preço para Portugal. De facto a publicação anuncia receber revistas e livros portugueses, e mantém contacto com a Academia das Ciências de Lisboa. Esse tipo de interesses, com relação a Portugal, também começa a assomar noutras publicações, caso da revista *Galicia* que, no número 4 de abril de 1887, oferecia uma colaboração de J. Neira Cancela sobre "La Procesión d'os Santos Pasos en Valença d'o Miño", sob o rótulo "Portugal Religioso". (2018d, p. 23)

Além dos preconceitos mútuos (Medeiros 2021; Resende 2021), próprios de quem somente suporta o incontornável vizinho ao pé da porta, e de quem em surdina se faz troça, era evidente uma dificuldade acrescida: o desencontro linguístico – ora por evolução do galego-português, a sul, ora por colonização castelhana, a norte – não permitia o imediato reconhecimento mútuo da fraternidade cultural e linguística. Paulatinamente, porém, começa um processo de reaproximação cultural que terá na tradição literária um forte argumento de identificação galego-portuguesa e, por consequência, de legitimação de uma consciência identitária.

A chamada de atenção virá da pena de Teófilo Braga, em *Parnaso Portuguez Moderno*:

> Entre os differentes dialectos romanicos da peninsula nenhum recebeu mais prematuramente a forma escripta do que o gallego, pelo qual se introduziu a poesia provençal nas côrtes de Portugal e de Hespanha; por circumstancias politicas nenhum perdeu tão cedo a vida litteraria, ficando apenas falado por um povo desde muito cedo anulado pela absorpção castelhana. Ao formarem-se as primeiras litteraturas da peninsula, o gallego foi a linguagem em que se poetava na côrte de Castella, como se vê pelas *Cantigas* de Affonso o Sabio, e na côrte de Portugal, como está bem patente nas mil duzentas e cinco canções do *Cancioneiro da Vaticana*, e nos centenares de

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> canções da collecção da Ajuda; por esse dialecto hoje desprezado, admitido apenas para uso das relações intimas das necessidades infantis, é que se podem explicar certas formas litterarias, como as Serranilhas, e certos phenomenos linguísticos do portuguez e castelhano como *che* por *te* e por *pl*. Effectivamente, a Galiza deve ser considerada como um fragmento de Portugal, que ficou fóra do progresso de nacionalidade. Apesar de todos os esforços de desmembração politica, a Galiza não deixou de influir nas formas da sociedade e da litteratura portugueza: nas luctas de D. Affonso II, refugiaram-se na Galliza bastantes trovadores portuguezes, como João Soares de Paiva, e nas luctas de D. Fernando, refugiaram-se em Portugal um grande numero de famílias nobres da Galiza, como os Camões, os Mirandas, os Caminhas, d'onde provieram os grandes e os maiores escriptores da esplendida época dos Quinhentistas. (1877, p. xxxvi)

Não ignorando os preconceitos lusos que acabariam por tomar forma também literária (1877, p. xxxvii), Teófilo Braga, porém, não hesita em afirmar a importância da Galiza para a inteligibilidade da própria tradição literária lusa, mas também do inconsciente colectivo nacional:

> As povoações do Alemtejo chamam *gallegos* a todos os moradors do Ribatejo, pela transmissão inconsciente de uma tradição perdida. Isto bastará para explicar o assombro que deve causar aos conterraneos o vêrem a poesia moderna gallega ocupando um logar devido ao lado da poesia portugueza, como uma das suas formas arcaicas; seguimos o rigoroso critério scientifico, deixando as preocupações vulgares.
>
> Pelo estudo da poesia gallega, é que se podem compreender as formas do lyrismo portuguez; e a desmembração d'esse território, que ethnicamente nos pertence e tem permanecido para nós extranho durante tantos seculos, é que prova a falta absoluta de plano da nossa vida politca. A verdadeira origem da tradição lyrica da Galliza está ligada á sua constituição ethnica; esse lyrismo provém da eschola da Aquitania, onde a raça pertencia, segundo Strabão, mais ao typo *iberico* do que ao gaulez. (1877, p. xxxviii)

Num artigo publicado em *La Ilustración Cantábrica*, Luis Rodríguez Seoane não só dá conta da recepção da perspectiva teofilina, inscrita em *Trovadores Galecio-Portuguezes* (Braga 1871), como nela se inscreve com certa emoção e intensidade:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

No era solamente la analogía de clima, la semejanza de idioma, ni el parecido de las costumbres lo que a cada paso que dábamos en Lisboa traía a nuestra memoria los recuerdos de nuestra natal y querida tierra de Galicia. Sobre todas estas más ó menos estrechas relaciones, también descubríamos en sus monumentos arquitectónicos, en los retablos de sus iglesias, en sus arruinados conventos, en sus estatuas y sus cuadros, vestigios de semejanza con los edificios de Galicia, y especialmente con las creaciones que el arte de otras épocas acumuló en la monumental Compostela. ¡Cuántos objetos de antiguo mobiliario que nosotros hemos alcanzado a coleccionar en aquellas provincias, pero cuyo origen y cuya factura desconocíamos, nos vemos hoy precisados a reconocer como de procedencia portuguesa! ¡Y que extraño es que esto suceda allí donde sabemos que los Gambinos y Silveiras, que tantas obras de estatuaria dejaron en las iglesias de Galicia, vinieron a completar su educación artística en Lisboa! ¿Cómo no advertir, por ejemplo, la semejanza de la hermosa iglesia de Santa María de Pontevedra con el convento de los Jerónimos y todos esos otros edificios, mezcla de estilo gótico, de renacimiento y de rococó que engendró en Lisboa la arquitectura Manuelina?

Hay, sí, algo de común en todas estas manifestaciones artísticas, y algo más acaso que la mancomunidad literaria que reconoce Teófilo Braga entre los poetas gallegos y los portugueses de los siglos XII y XIII. Relaciones son estas que el tiempo, en vez de borrar, parece se empeña en hacerlas renacer más gloriosas, y como si con ello intentase la Providencia recordárselas a cuantos las olvidan. Al fin no han podido borrarse, y antes lo reconocen todos los biógrafos de Camoens, que el insigne épico portugués llevaba sangre de Galicia en sus venas, como no podemos negar nosotros que desde Lisboa, desde aquel puerto que vio salir las naos de Vasco da Gama al descubrimiento de las Indias orientales, habían de partir también, años más tarde y con tripulación portuguesa, las naves que al mando de aquellos ilustres marinos, hijos de Pontevedra, los hermanos Nodales, iban por orden de Felipe II a reconocer el estrecho de Magallanes, descubriendo con tal motivo el de Le Maire, en su peligrosa navegación.

Hablar, pues, del arte portugués, es, más que hablar de un arte análogo al español, del desenvolvimiento artístico de Galicia, en el que tanto recíprocamente los dos se han influido, y no solo en los primeros siglos de la Edad Media, sino en la misma época actual. (Rodríguez Seoane 1882, p. 38)

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Na década seguinte, começam a intensificar-se as aproximações, pondo-se em marcha um processo de "patrimonialização galeguista de Portugal" (Torres Feijó 2019c, p. 68). Serão capitais, por isso, expressões como as de Oliveira Martins, quando afirma que "portugueses e gallegos somos um e o mesmo povo na lingua e no sangue" (Martins 1891, p. 9; Martins, s/d.), ou da Condessa de Pardo Bazán, apesar da sua resistência em abandonar o vocábulo *dialecto* para se referir ao galego (Pardo Bazán 1888, p. 10) ou da sua recusa em aceitar "*nacionalidades peninsulares*", mas que admite "reconocer gustosa el parentesco de consanguinidad que existe entre Galicia y Portugal" (Pardo Bazán 1888, p. 115). Não obstante a debilidade do galeguismo nesta fase, sem força de intervenção e refém de alianças e equilíbrios do sistema do qual parece não conseguir ser mais do que meramente periférico (Torres Feijó 2018d, pp. 32-33), os referentes identitários de analogia-afinidade e reintegração-reunificação, na sua relação com Portugal, perdurarão:

> A esteira dos eruditos portugueses deixa a sua pegada nítida no protossistema regionalista, e o seu discurso passa a ser usado como referente de verdade para os mais variados usos legitimadores do sistema. A ação galeguista posterior vai assentar nestas bases repertoriais com relação a Portugal; constituirão parte do seu repositório e vertebrarão as linhas de desenvolvimento protossistémico galeguista a respeito dos polissistemas português e espanhol. (Torres Feijó 2018d, p. 34)

Na década seguinte, e ainda que paulatinamente, o argumentário começa a reverberar nalgumas publicações periódicas galegas. É o caso de um artigo, assinado por Otro Fernández na *Revista gallega*, a propósito de um outro publicado no número 45 do mesmo periódico sobre as origens da língua galega (Fernández Neira 1896). Detalhes da discussão filológica à parte, parece que o referente de identificação ganhou já raízes:

> Aceptemos los hechos tal cuales son y no vayamos reconstruyendo por diferente sendero un camino abierto ya. Gallegos y portugueses son lo mismo. La unidad española destruyó lo nuestro, mientras Portugal prosiguió su labor. De seguir unidos, Portugal y Galicia, hablaríamos todos la mima lengua. Aún hoy se confunden. ¿Por qué no tratar de unir lo que no debía haberse separado nunca? Eso es lo que nos conviene. Lo demás es malgastar el tiempo. Por el lado del egoísmo, sino queremos mirarlo por otros más

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> elevados, también nos conviene. El mercado gallego y el mercado portugués tendrán mayor esfera de acción en el terreno literario. Nosotros siempre iremos ganando al asimilarnos una literatura superior a la castellana. También bajo el punto de vista histórico será conveniente porque la unificación del idioma gallego com el portugués vendría a ser un lazo más para llegar a la realización del hermoso sueño de la unión de la península ibérica. (Otro Fernández 1896, p. 3)

Três anos mais tarde, na mesma revista, Federico Maciñera y Pardo publica umas notas de viagem, nas quais narra ter brindado com *Porto* à "prosperidad de Portugal y Galicia, los dos países hermanos por la sangre, la lengua y las costumbres" (1899, p. 4). Na verdade, a imprensa periódica galega não nos devolve, num arco temporal tão amplo como o que vai de 1850 a 1900, muito mais exemplos do que os já mencionados, a não ser a respeito dos já citados eruditos.

Contudo, e não lhe faremos, neste contexto, mais do que uma mera referência para investigação futura, o destino sombrio que foi reservado a Guerra Junqueiro, em Portugal (Pereira 2015, pp. 64-108), não tenha sido exactamente o mesmo a norte do rio Minho[29]. Em 1880, Manuel Curros Enríquez publica uma tradução para castelhano de *Fiel* (Curros Enríquez 1880b) e de *O Melro* (Curros Enríquez 1880a), e vinte anos depois deparamo-nos com uma tradução de *Lágrima* também para castelhano (*Mondoñedo* 228 (25/2/1910), p. 2). Além de referências bastante frequentes na imprensa[30], são comuns também palavras de apreço pelo poeta como "o gran

[29] Espicaçou-nos a curiosidade a conferência proferida por Elias José Torres Feijó – *Um Junqueiro Plural para as várias Galizas no período do ressurgimento galeguista: 1880-1910* – no Congresso Internacional sobre Guerra Junqueiro "*Queimemo-nos a nós iluminando a Terra: Memória de um Século (1923-2023)*", realizado na Universidade Católica Portuguesa, no Porto, a 13 de Outubro de 2023. Cf. Torres Feijó 2025.

[30] Sem afinada análise de conteúdo, é interessante notar uma presença muito significativa do nome do poeta de Freixo de Espada à Cinta na imprensa galega a partir de 1881 (423 ocorrências entre 1881 e 1974), cuja frequência se adensa a partir de 1902. Há uma nítida concentração da presença de Guerra Junqueiro na imprensa galega entre 1910 e 1930, momento a partir do qual começa a abrandar: 1880-1909 (em 29 anos, 43 ocorrências), 1910-1929 (em 19 anos, 252 ocorrências) e 1930-1974 (em 44 anos, 128 ocorrências). A título de exemplo e por razões de economia de espaço registamos, aqui, somente até ao final de 1910: cf. *Gaceta de Galicia* 820 (12/11/1881): 3; *El regional* 1107 (15/9/1887): 1; *El regional* 2149 (12/2/1890): 2; *La Monarquía* 1136 (22/9/1890): 1; *El Correo gallego* 3019 (26/9/2890): 2; *Almanaque de Galicia* 1 (1891): 46; *El Eco de Galicia* 63 (20/7/1893); *El lucense* 2692 (14/10/1893): 2; *La opinión* 361 (22/4/1897): 3; *El Diario de Pontevedra* 3852 (22/4/1897): 3; *El Diario de Pontevedra* 3853 (23/4/1897); *El Eco de Galicia* 234 (20/4/1898): 4; *Revista gallega* 360 (9/2/1902): 4; *Revista gallega* 363 (2/3/1902): 2; *Gaceta de Galicia* 138 (26/6/1903): 2; *El Diario de Pontevedra* 9127 (26/6/1903): 3; *Gaceta de Galicia* 139 (27/6/1903): 2; *El regional* 7070 (28/6/1903): 2; *El regional* 8091 (12/12/1906): 2; *El norte de Galicia* 1840 (12/4/1907): 2; *La Libertad* 88 (5/5/1907): 2; *El Diario de Pontevedra* 6932 (28/5/1907): 2; *El Diario de Pontevedra* 6940 (7/6/1907): 1; *Galicia Nueva* 270 (4/2/1908): 1; *El Correo gallego* 9975 (27/2/1908): 3; *La Libertad* 170 (27/12/1908): 3; *La Región* 20 (9/3/1910): 2; *La Región* 76 (15/5/1910): 1; *El Correo de Galicia* (22/6/1910): 1; *La Región* 127 (16/7/1910): 3; *Gaceta de Galicia* 207 (18/7/1910): 1; *Diario de Galicia* 488 (19/7/1910): 2; *La Correspondencia Gallega* 6119 (19/7/1910): 2; *El Diario de Pontevedra* 7925 (8/10/1910): 2; *La Región* 201 (11/10/1910): 5; *La Correspondencia Gallega* 6189 (12/10/1910): 2; *La*

poeta portugués" (A.N.I. 1923, p. 10) ou "el mayor de los poetas peninsulares" (Vicenti 1901, p. 2).

Retomando o percurso iniciado, é importante assinalar que situação diferente é aquela que se começa a desenhar com a entrada do novo século: há uma significativa inflação das referências de identificação entre a Galiza e Portugal, e novos actores desse referente entrarão em cena, ainda que sem grande implicação ou impacto políticos. O juízo é de Xosé M. Núñez Seixas:

> [...] o tema das relações *políticas e culturais* entre a Galiza – ou, mais precisamente, o movimento *galeguista* (da sua fase *provincialista* de meados do século XIX até á fase *nacionalista* em 1916) – e Portugal constitui um facto demasiado explorado, em que as perspectivas políticas e sócio-linguísticas presentes se projectavam com clareza. Desde o reintegracionismo «militante», por exemplo, os mais pequenos esboços de contactos, alusões ou louvores a qualquer dos dois lados da fronteira, eram especialmente considerados como uma prova de que o mundo intelectual galego, e, mais especificamente, o galeguismo, quase desde as suas origens olhou para Portugal como um país de referência e para o seu idioma como um modelo a seguir pelo galego, para a sua completa estandartização e normalização. Semelhante posição tomaram contribuições historiográficas mais fiáveis, se bem que com um maior sentido crítico: assim, Vázquez Cuesta considera que Portugal foi escolhido pelos galeguistas desde finais do século XIX como «termo de referencia, servindo non só de compás que marcaba o carreiro a seguir senón tamén como instrumento controlador de possíbeis desviacións», sendo, ainda, considerado como um contrapeso da hegemonia castelhana na Península Ibérica.
>
> Perspectivas como esta fazem parecer sobredimensionada a verdadeira *lusofilia* do movimento galeguista desde finais do século XIX e, mais ainda, poderia fazer esquecer o que a recente investigação historiográfica galega tem por se mais mostrado: essa lusofilia dos galeguistas era limitada e contraditória, e restrita praticamente apenas ao âmbito cultural, sem abranger tanto os aspectos políticos da questão. Além disso, cumpre analisar os termos do debate e descobrir as verdadeiras ideias-chave que se encontram por trás do abundante discurso galeguista de solidariedade para com Portugal

Correspondencia Gallega 6192 (15/10/1910): 1; *El Progreso* 201 (23//10/1910): 2; *El Progreso* 201 (23/10/1910): 2; *El Correo de Galicia* (4/11/1910): 3; *El regional* 9020 (8/11/1910): 2; *El regional* 9036 (26/11/1910): 2; *La Región* 245 (2/12/1910): 3; *El Tea* 115 (3/12/1910): 2; *El norte de Galicia* 3013 (5/12/1910): 1; *El Correo gallego* 10894 (8/12/1910): 2; *Galicia* 51 (17/12/1910): 8. Fonte: https://biblioteca.galiciana.gal.

> (e vice-versa). Nem a grandiloquência das declarações proferidas em certames literários, eventos culturais, etc., ou mesmo em artigos soltos de revistas e jornais, nem sequer as relações individuais entre destacados intelectuais nacionalistas galegos e portugueses são provas claras de uma relação/interação efectiva entre nacionalismo galego e realidade portuguesa. (Núñez Seixas 1993, pp. 67-68)

Um século passado sobre os mais intensos anos do nacionalismo galego parece comprová-lo. As mais recentes reflexões sobre a imagem de Portugal na Galiza (Quiroga 2016), e vice-versa (Pazos-Justo 2016; cf. Alonso Montero 1974), não deixam grande margem para dúvidas. Ainda assim, é significativa a inflação de referências aludida, com a entrada do novo século.

Vejamos, como exemplo, as referências a Portugal, enquanto referente na imprensa periódica galega entre 1850 e 1900 e, por comparação, entre 1901 e 1936[31]: no primeiro período definido, de um total 59 ocorrências, identificámos somente 3 que dizem respeito a Portugal no plano dos referentes identitários de analogia e de reintegração (Beramendi 2007); no segundo período definido, em grande parte coincidente com os anos intensos do nacionalismo galego, de um total de 265 ocorrências, detectámos 99 nos termos anteriormente aludidos. Portanto, num arco temporal mais curto – recorde-se que são 50 anos no primeiro e 35 no segundo – assistimos a um incremento da temática do relacionamento galego-português de aproximadamente 3300%[32].

[31] Em *Galiciana. Biblioteca Dixital de Galicia,* efectuámos uma pesquisa por "Portugal y Galicia"/"Portugal e Galiza" em ambos os períodos, seleccionando somente periódicos e revistas. Outro processo, que devolveria valores próximos dos encontrados, seria inverter o critério de procura para "Galicia y Portugal"/"Galiza e Portugal" Excluiremos, naturalmente, tudo o que significar mera notícia circunstancial, e de que serve de exemplo a seguinte: "El nuncio de Su Santidad en Lisboa, ha salido con dirección al norte de Portugal y Galicia con objeto de visitar aquellas comarcas" (*Gaceta de Galicia* 970 (17/5/1882): 1). Localizámos somente as ocorrências que dizem respeito a referentes de identificação cultural, e de que serve de exemplo a seguinte: "Comunidades étnicas e históricas ligan fuertemente a dos naciones vecinas, a dos regiones hermanas. En vano los convencionalismos geográficos establecerán fronteras, impondrán separaciones. La efusión del espíritu de la raza las anula y destruye, y Portugal y Galicia son un solo y mismo país, la patria común de dos pueblos, fuertes y animosos, que estrechan cada día con más fuerza los vínculos de una confraternidad cordialíssima" (*El Correo gallego* 11594 (15/3/1913): 1). Não excluímos, por razões óbvias, a imprensa periódica galega da diáspora.

[32] Entre 1937 e 1975, as ocorrências detectadas são 17, o que significa um abrandamento de 82,83%. Para melhor compreensão do relacionamento neste período, cf. Torres Feijó 2018c; Samartim 2018a; 2018b; 2018d.

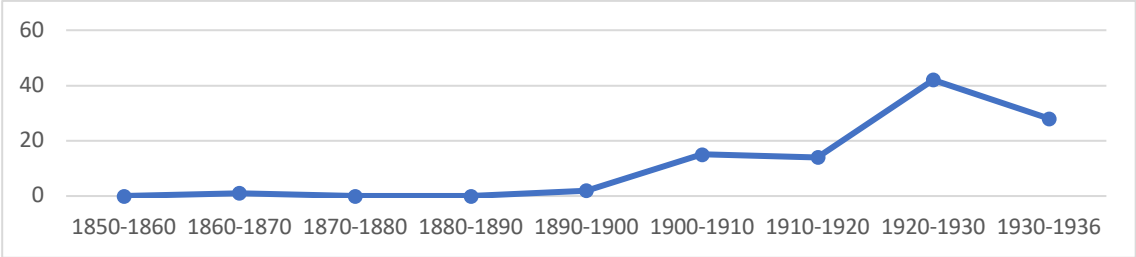


Tabela 2 - Referências "Portugal - Galiza" na Imprensa Periódica Galega (1850-1936)

Por seu turno, entre 1937 e 1975, as ocorrências detectadas são 17, num total de 204. Uma vez mais, trata-se de um arco temporal mais amplo do que o período precedente.

Vejamos graficamente as diferenças entre 1850-1900, 1901-1936 e 1937-1975:

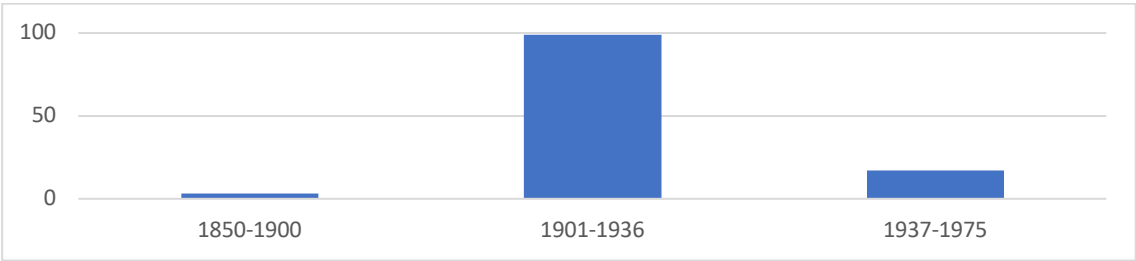


Tabela 3 - Referências "Portugal - Galiza" na Imprensa Periódica Galega (1850-1975)

Em boa verdade, o que estes dados revelam é que o período mais intenso da necessidade de ancoragem do galeguismo ao referente identitário português tem uma expressão muito visível[33], entre outras, na imprensa periódica galega (Núñez Seixas 1992). Neste novo ambiente, onde mais intensamente começam a soprar os ventos do galeguismo, a revista *Nós* acaba por desempenhar um papel central e fundamental. Nela veremos ressonâncias do saudosismo, referências estruturais – de recorte histórico e etnológico, mas também psicológico e teleológico – ao cimento da portugalidade, e fundamentalmente uma reivindicação clara de uma das notas definitórias mais visitadas do eixo cultural galego-português: o lirismo (Barros Puente 2017).

É já um lugar-comum a inclusão desta publicação no conjunto dos movimentos charneira do nacionalismo galego: a ladear as Irmandades da Fala (1916), o Seminário de Estudos Galegos

[33] Uma análise mais afinada faria perceber que, dentro deste período, são particularmente intensas as duas décadas 1916-1936.

(1923) ou o manifesto *Máis alá*, de Álvaro Cebreiro e Manuel Antonio (1922), a revista *Nós* é elemento frequentemente nomeado como terra fértil do galeguismo (Angueira Viturro 2019; Bernárdez et al. 2001; Carvalho Calero 1981; Fernández del Riego 1971; García Piqueras 1997; González Fernández 1997; 2009; López Sández & Núñez Sabarís 2022; Pena 2016; Tarrío 1998; Vilavedra 1999). Contudo, se outras publicações apresentam notas de mais explícita acção política, como *O Tio Marcos d'A Portela* ou *A Nosa Terra*, a revista *Nós*, tal como a seu modo *Ronsel* ou Alfar, está mais alinhada a uma acção nitidamente cultural (López Sández & Núñez Sabarís 2022, pp. 174-175). E é precisamente nesse enquadramento que tanto Portugal quanto o Saudosismo cumprirão um papel de legitimação identitária.

Ainda que com certa imprecisão, Ramón Villares sintetiza bem esse caldo cultural:

> Fronte a aquela idea do século XIX de estabelecer propostas de construcción de Estados nacionais grandes, a Primeira Guerra Mundial o que trouxo foi precisamente a idea contraria E o que podemos chamar o modelo wilsoniano de nacionalismo do século XX, segundo o cal hai que defender a identidade entre unha nación e unha lingua. Isto é, entre outras razóns, o que explica a floración das nacionalidades da Europa de entreguerras. E neste contexto colle moto máis pulo, xa non só o nacionalismo galego, senón os nacionalismo peninsulares, e tamén o achegamento a Portugal. Prodúcese unha dobre aproximación a Portugal por parte da cultura galega. Un achegamento, en primeiro lugar, de carácter máis político que é conducido por figuras que podemos englobar nas Irmandades da Fala. Estou pensando en Antonio Vilar Ponte, que mesmo estivera varios anos morando en Portugal coma correspondente de xornal, e que por tanto coñecía directamente a cultura portuguesa; estou pensando en Xoán Vicente Viqueira, que foi tal vez o autor, aínda que moito precozmente, que mellor definiu a necesidade de achegarse politicamente a Portugal para reforzar o nacionalismo galego daquela altura, e tamén, aínda que en menor medida, estou a pensar en Lois Peña Novo. E houbo, doutra banda, unha aproximación que tamén foi moi importante, de carácter basicamente cultural, levada a cabo polos homes da Xeración Nós, especialmente por Vicente Risco, en menor medida por Otero Pedrayo e por Castelao, e algúns outros. Vicente Risco, a través da revista *Nos*, fixo non só unha aproximación á cultura portuguesa, senón que procurou establecer unha permeabilidade entre ámbalas culturas dun modo sostido. Abonda ollar a revista *Nós* para decatarse, sobre todo nos primeiros anos, que a presencia de Portugal é constante. En case todos os números hai referencias

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

á cultura portuguesa, a autores portugueses, a libros que chegan de Portugal; hai colaboracións de autores portugueses, e hai unha aproximación a un grupo cultural, ou intelectual, moi importante no Portugal daquela altura, que era o grupo de *A Aguia* que publicaba unha revista *Renascença*[34]. Este grupo da Aguia, que tiña a súa sede fundamental no Porto, no que colaboraron Raul Brandão, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes e moitos outros, foi sensible á chama dos intelectuais galegos do grupo Nós (Villares 2003)

Ainda que se referindo fundamentalmente a esse arco maior da *Época Nós*, Anxo Tarrío não deixa de colocar no seu centro a própria publicação:

Dende o punto de vista cultural, o acontecemento decisivo foi a incorporación ó entusiasmo nacionalista de, por unha parte, un grupo de intelectuais, xa maduros entón, que formarán o que se deu en chamar o Grupo Nós ou, máis impropiamente a Xeración Nós ou aínda a Xeración de Risco, por ser Vicente Risco quen imprimiu un selo máis persoal ó período; e, por outra, dun nutrido colectivo de mozos, nados entre 1900 e 1910, ano arriba, ano abaixo, do que xurdirán as máis importantes plumas vangardistas e os primeiros investigadores modernos da realidade galega, aglutinados estes, baixo o denominador común dos seus *curricula universitaria*, arredor do Seminario de Estudos Galegos por eles fundado en 1923. A estas dúas promocións unirase tamén nun común esprito de nostridade, xa en plena Segunda República, a daqueles nados entre 1910 e 1915, protagonistas eles, xunto cos maiores, da política nacionalista e universitaria dos anos inmediatamente anteriores á guerra do 36.

É este o signo da etapa que estamos empezando a observar: o de *nostridade*, termo utilizado pelo profesor Carlos Baliñas, pois por riba das diferencias cronolóxicas e ideolóxicas, detéctase un común entusiasmo por todo o galego, unha irmandade ou fraternidade supraxeracional que nin antes do 1916 nin despois da guerra civil é doado atopar en Galicia coa nitidez coa que, dende a perspectiva actual cando menos, parece verse agora. Por iso, noutros foros, temos avogado sempre pola necesidade de referirnos a esta etapa como a Época Nós, en lugar da Xeración Nós, como se veu facendo ata hai pouco, xa que esta expresión limita o protagonismo a aqueles homes que, nados entre 1880 e 1890, conformaron o que certamente podemos chamar Grupo Nós ou grupo do

[34] Provavelmente por gralha, Ramón Villares confundiu os termos. Na verdade, o grupo era a *Renascença Portuguesa* que publicava uma revista chamada *A Águia*.

> Cenáculo Oursensán ou grupo da Xeración de Risco, que se organizou fundamentalmente arredor da revista *Nós* e que se identifica soamente polos nomes de Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo, Florentino Cuevillas, Castelao e, ensanchando un pouco, Antón Losada Diéguez, que tivo unha decisiva influencia en todos eles. (Tarrío 1998, pp. 200-201)

O juízo do filólogo galego, que oferece amplitude e profundidade à reflexão sobre este período, não desmerece a relevância da revista *Nós*. Aliás, apesar da importância das opções editoriais dos protagonistas da publicação mencionados para a mesma, a deslocação de uma compreensão geracional deste período (1916-1936) para uma epocal sustenta-se na própria amplitude de vozes que encontramos nos seus quinze anos de actividade (1920-1935). E tal transcendência geracional e grupal é o que justifica o juízo que, mais adiante, Anxo Tarrío opera sobre as mais relevantes actividades editoriais destes anos, colocando a revista de Ourense à cabeça:

> Neste sentido, deixando á parte numerosas Publicacións periódicas e non periódicas de vida máis ou menos efémera, pero que en todo caso non alcanzaron a importancia das que imos ver, salientaron de seu, con moita diferencia, tres empresas editoriais que ofreceron, durante a súa non pequena vida e ata que a rebelión fascista do 36 as borrou definitivamente do mapa, os logros máis sobranceiros de todo o alcanzado no terreo da cultura, en xeral, e da literatura, en particular, ó longo dos vinte anos que durou este segundo Rexurdimento. Referímonos, en primeiro lugar, á revista *Nós*, fundada en Ourense, no ano 1920, polo grupo de intelectuais e artistas que citamos máis arriba e á cabeza do cal brillaba con luz moi propia Vicente Risco (Ourense 1884-1963). De impecable deseño e cunha puntualidade nas súas aparicións que resultaría desacostumada ainda hoxe en día para empresas de características similares, *Nós* saíu á luz (só interrompida durante un par de anos, ó principio da dictadura de Primo de Rivera) ata os mesmo soaregos da guerra civil. É dicir, catorce anos de labor firme e rigoroso que serviron pata sentar as bases de moitos aspectos da cultura e da ciencia da Galicia moderna. No terreo da literatura, daba a coñecer non só o que se ía producindo no país nos diferentes xéneros literarios, senón tamén, e isto foi de grande relevancia, as novidades mundiais que atentamente procuraban seguir de cerca os editores e que puntualmente reseñaban. (1998, pp. 202-203)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Na verdade, uma das notas peculiares da actividade de *Nós*, como já dissemos antes, foi precisamente o de levar a cabo um projecto de promoção da cultura galega sempre em diálogo com o que contemporaneamente se fazia além fronteiras, tal como afirmou Ramón Piñeiro, de que se tratou do "verdadeiro órgano galeguizador da nosa cultura, [...] unha revista destinada a promover o impulso creador da nosa cultura xenuina («enxebre»), afirmandoa como valor universal, autóctono, diferenciado, e a dar presencia dentro e fora de Galicia" (1982, p. 328). Referindo-se ao espectro mais amplo daquilo a que chama *Grupo Nós* ou *Geração Nós*, Ricardo Carvalho Calero sublinha este dado fundamental:

> Os homes da Xeración *Nós*, ou do grupo *Nós*, sobre todo se centramos a nosa consideración nos tres mestres ourensáns, desempeñaron no proceso da cultura galega a función de europeizala. Efectivamente, *Nós*, ao menos nos seus propósitos – polo demáis, en grande parte logrados – foi o veículo de superación definitiva do isolamento aldeá da Galicia literaria. Os homes das Irmandades coñeceron o modernismo, mais sinte esto, permaneceron máis ben indiferentes ás novedades transpirenaicas. Tampouco eran universitarios na súa maioria. Risco, Otero e Cuevillas, con moita leitura francesa ao dia, especializados ademáis en sendas ciencias humanas, fixeron da revista un medio de comunicación co saber estranxeiro, e un centro de intercambio coa cultura europea. (Carvalho Calero 1981, p. 636)

E se, ao longo da quase centena e meia de números, revelam-se importantes as referências transpirenaicas, bem como a Irlanda e a Itália, não menos se percebe como decisiva a importância de cruzar a fronteira ao pé da porta.

María López Sández e Xaquín Núñez Sabarís colocam a problemática em perspectiva, quando afirmam que Teixeira de Pascoaes e o seu Saudosismo nutriram a "hermandad espiritual luso-galaica" (2022, p. 175) deste período. Nesse trabalho que empreendem estes autores – em publicação conjunta sobre a presença portuguesa nas revista literárias ibéricas entre 1900 e 1950, com o sugestivo título de *La invasión silenciosa* – apresentam-se dados significativos sobre a relevância de Portugal em *Nós*: ao longo de quinze anos, a publicação do círculo ourensano faz recensão a 23 revistas e a cerca de 80 livros portugueses, nela colaboram 18 autores portugueses, e pelo menos 14 vezes são abordados temas portugueses por autores

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

galegos (2022, p. 179)[35]. Não se deve, além disso, desconsiderar que, logo no primeiro número e imediatamente a seguir à *ouverture* editorial (A.N.I. 1920b), entra Teixeira de Pascoaes com a sua *Fala do sol* (Pascoaes 1920), poema dedicado aos jovens poetas galegos.

Ora, sobre a importância do saudosismo, cremos ainda mais pertinentes algumas considerações tecidas por Torres Feijó a respeito desta relação, escritas praticamente trinta anos antes do texto de López Sández e Núñez Sabarís, não só pelo maior volume de revistas analisadas, como também por uma mais fina e rigorosa análise da recepção do poeta-filósofo amarantino nos círculos intelectuais do galeguismo e, em particular, do círculo de Ourense e da revista liderada por Vicente Risco:

> Estamos já na [Primeira] República [Portuguesa, que se inicia em 1910 e é derrubada pela Ditadura Militar em 1926]. [...] vai ser no Saudosismo onde, muito mais tarde, encontrará o nacionalismo galego um parceiro extraordinariamente valioso para a sua expressão literária e, em geral, para a sua acção (ou não) política.
>
> O tradicionalismo, da mão do seu principal doutrinador Alberto de Oliveira, ocupara o centro do polissistema português. Como indica Jacinto do Prado Coelho [...], "a própria Renascença Portuguesa vai encontrar na produção de Oliveira bases para a sua orientação", particularmente fixadas em o *Encoberto* (1904), que "exerceu influência decisiva, conquanto difusa (como é timbre do esoterismo) nas ideias-forças da 'Renascença Portuguesa' (1912) e constituiu, possivelmente, um dos impulsos iniciais do saudosismo", acrescenta Prado Coelho citando palavras de Joel Serrão.
>
> Na sequência daquele caráter "anti-histórico e esquerdista" nasceu em Portugal a Renascença Portuguesa, que passaria à História como a "mais ambiciosa organização de intelectuais alguma vez vista em Portugal" (Ramos, 1994: 532). Com efeito, para além dos órgãos de expressão que lhe forom próprios, a Renascença editou livros, organizou cursos e Universidades populares, etc.
>
> Teixeira de Pascoaes é o seu indiscutível mentor. Resumir este movimento, e resumi-lo em Pascoaes não nos resulta tarefa fácil. O saudosismo é a expressão coletiva dumha tendência que já desde os finais do XIX se vinha alimentando em individualidades como a dele. Note-se que quando a revista *A Águia* começa a ser editada o ainda relativamente jovem Pascoaes (de trinta e três anos) tem já publicados dez livros, sem contar o seu *Embriões*, cujos

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[35] Apesar da diferente intensidade, algo semelhante sucede na direcção inversa: cf. Cunha 2003, por exemplo.

> exemplares diligentemente procurou destruir, depois que, entre outras críticas, recebera a de Guerra Junqueiro, que em resposta ao exemplar que o pai de Joaquim lhe enviara, recomendava ao seu progenitor convidar o filho a que se deixasse de versos. Naquele texto já se anunciava o caráter de fidelidade a si próprio que a sua produção terá.
>
> O repertório de Pascoaes, em aparência simples, está constituído por múltiplos modelos. Raça e Saudade vão ser as palavras-chave. A sua filosofia da Saudade permitirá-lhe usufruir grande parte da tradição portuguesa. Camões no cimo. Mais recentemente, a sequência que desde Antero passava por Junqueiro, Gomes Leal e Nobre. (Torres Feijó 2019b, pp. 222-223)

Esta relação cimentar-se-á simbolicamente aqui, na saudade, entendida como ancoragem doutrinal de ambas as margens (Torres Feijó 2008; Pazos-Justo 2019, pp. 190-191):

> A partir do saudosismo, a palavra que se vai impor no mundo galego-português como definidora da essência dos dous povos é *saudade*, em virtude da teorização saudosista de Teixeira de Pascoais. O nacionalismo galego vai esquecer quase por completo a forma *morrinha* e a sua conceitualização, e assumir a do poeta de Gatão, que, aliás, vai encontrar em Rosalia de Castro um referente basilar[763]. Vicente Risco, por exemplo, será a forma fundamental que utilize na sua *Teoria do Nacionalismo Galego* de 1920. Mas até então não existia conceitualização teórica por parte portuguesa da *saudade* (o saudosismo). O processo, portanto, vai ser, neste sentido, complexo. O que na literatura portuguesa constituía um dos muitos traços caraterizadores do seu repertório (a saudade, nas suas várias formas de ser entendida), vai ser material central do repertório galeguista, que é assumido assim por poetas portugueses (como João Verde), até que, aproximadamente quinze anos mais tarde, com o Saudosismo, as forças da denominação *se invertam*, e seja este movimento que subministre a sua visão e conceito ao galeguismo. (Torres Feijó 2019b, pp. 641-642)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2.2. NACIONALISMO GALEGO E SAUDOSISMO

O primeiro número da revista *Nós* data de Outubro de 1920, o mesmo ano que viu nascer a *Teoria do Nacionalismo Galego*, de Vicente Risco, quem, no dia 3 de Fevereiro anterior, havia enviado uma carta a Teixeira de Pascoaes, articulando explicitamente o atlantismo, pilar fundamental do galeguismo cultural, com o saudosismo:

> A arela nosa é de faguer de Portugal e de Galicia unha soia patria espiritual, a nos integrar no pensamento e no sentimento atlántico. En todal-as publicaciós dos novos maniféstase este desexo, e agora *Atlántida* – nome predestinado – ábrenos as portas garimosamente.
>
> O *Atlantismo* é fillo, pouco medrado ainda, do Saudosismo de *O Espíritu Lusitano*. Estase imprentando a miña *Teoría do Nacionalismo galego*, homilde ensayo, onde quixen esbozar o que hoxe pensa a mocedade galega. Non dirá â Vª Exª nada novo. (Pascoaes & Risco 2012, pp. 59 e 61)

Esta epístola dá nota de dois elementos de grande importância para a compreensão, nem sempre nítida, da relação entre o nacionalismo galego e o saudosismo: em primeiro lugar, o caminho trilhado para a aproximação das duas margens do Minho é simbolicamente selado pela publicação de *A nova Galicia fala á Portugal* (Risco 1919), na não menos simbólica revista portuguesa *Atlântida* (1915-1920); em terceiro lugar, reconhece, mais do que posterior e abertamente se perceberá na sua obra programática ou na própria condução editorial de *Nós*, a sua filiação doutrinal ao saudosismo. Termina, por fim, afirmando que a anunciada *Teoria do Nacionalismo Galego* não constituirá novidade para Teixeira de Pascoaes, algo bastante significativo.

No entusiasmo apologético do artigo publicado em *Atlântida*, Risco parece funcionar como uma espécie de caixa-de-ressonância do pensamento filosófico-cultural e político – diríamos, somente inteligível no quadro mais amplo dos iberismos finisseculares (Pérez Isasi 2017) – sobre a anatomia espiritual da Ibéria e dos correspondentes elementos civilizacionais diferenciadores (Fernández del Riego 1933a; Villares 2003; Jácomo 2007; Harrington 2010; Mainer 2010; Villares 2024). Importa, por essa razão, recordar a diagnose anteriana sobre a decadência dos povos peninsulares (Quental 2017) como um dos marcos fundamentais para a compreensão da relação entre a emergência dos nacionalismos ibéricos e os renascimentos

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

culturais e literários que os acompanham. Não sem razão, Santiago Pérez Isasi coloca a problemática em perspectiva, quando constata que a lógica da regeneração somente tem lugar quando a consciência da decadência é um facto ineludível:

> No es posible, en efecto, encarar un estudio de la idea de "renacimiento literario" (en el sentido en el que este sintagma se emplea durante el siglo XIX) sin apuntar al menos su inextricable relación con el concepto de "decadencia": ambos se exigen mutuamente, como elementos contrapuestos en un mismo esquema narrativo-explicativo. En efecto, la idea de decadencia y la de progreso están íntimamente unidos en una configuración narrativa de la historia (política o literaria) común a todos los discursos historiográficos decimonónicos que adoptan el formato biologicista, al que (en el caso español y muy claramente en el caso portugués) se suma un aspecto teleológico o mesiánico que sitúa en el presente, o más habitualmente aún en el futuro una nueva época dorada de la nación y la literatura.
>
> [...]
>
> Es necesario insistir una vez más en el doble carácter retroactivo y proactivo del nacionalismo: los autores que diagnostican la decadencia nacional y literaria lo hacen con el ánimo de subvertir esta situación, con un espíritu por lo tanto de regeneración, una vez más, nacional y literaria. Los movimientos de "resurgimiento" o "renacimiento" surgidos en toda Europa (Italia o Irlanda son solo dos ejemplos paradigmáticos) buscan despertar a los pueblos dormidos de su letargo secular, conduciéndolos a la independencia en algunos casos, a la unificación en otros, y a la recuperación de esplendores pasados en otros. (Pérez Isasi 2017, pp. 237 e 238-239)

Antero de Quental, que enxertamos aqui como elo de uma cadeia na qual Pascoaes também se insere[36] e de quem, de acordo com Jorge Coutinho, é de algum modo herdeiro (Coutinho 1994,

[36] Bastaria, cremos, um pequeno parágrafo de Maria das Graças Moreira de Sá para explicarmos a necessidade de trazer aqui esta reflexão aparentemente desfocada: "A nosso ver, porém, Pascoaes será sempre um homem preso, em termo de herança histórico-cultural, às consequências do ambiente finissecular. Com efeito, o poeta parece transportar consigo tanto a herança pesada que lhe deixara o século em que nascera – o século de descobertas científicas e de aperfeiçoamentos materiais que criaram no homem de oitocentos uma atitude de confiança na vida e de crença no progresso –, como ainda, dos últimos anos desse século, um outro legado: o da descrença nesses mesmos valores, julgados responsáveis por transformarem o homem em escravo desse mundo cheio de inventos resultantes do progresso técnico, descrença que culminará na reacção idealista do fim do século XIX. Difícil se torna, por isso, compreender todo o universo imaginário deste poeta se não tivermos em conta que a herança recebida das gerações anteriores era, já por si, uma *herança em conflito*". (Sá 1992, p. 16)

pp. 46-47), não duvida à hora de afirmar que a ignição da decadência dos povos peninsulares coincide com o séc. XVI, prolongando-se nos três séculos seguintes, em nítido contraste com "a grandeza, a importância e a originalidade do papel que desempenhámos no primeiro período da Renascença, durante toda a Idade Média, e ainda nos últimos séculos da Antiguidade" (Quental 2017, p. 38). Uma vez enaltecido o paraíso perdido, a etiologia anteriana não permite ambiguidades hermenêuticas:

> Tais temos sido nos últimos três séculos: sem vida, sem liberdade, sem riqueza, sem ciência, sem invenção, sem costumes. Erguemo-nos hoje a custo, espanhóis e portugueses, desse túmulo onde os nossos grandes erros nos tiveram sepultados: erguemo-nos, mas os restos da mortalha ainda nos embaraçam os passos, e pela palidez dos nossos rostos pode bem ver o mundo de que regiões lúgubres e mortais chegamos ressuscitados! Quais as causas dessa decadência, tão visível, tão universal, e geralmente tão pouco explicada? Examinemos os fenómenos, que se deram na Península durante o decurso do século XVI, período de transição entre a Idade Média e os tempos modernos, e em que aprecem os germes, bons e maus, que mais tarde, desenvolvendo-se nas sociedades modernas, deram a cada qual o seu verdadeiro carácter. Se estes fenómenos forem novos, universais, se abrangerem todas as esferas da actividade nacional, desde a religião até à indústria, ligando-se assim intimamente ao que há de mais vital nos povos – estarei autorizado a empregar o argumento (neste caso, rigorosamente lógico) *post hoc, ergo propter hoc*, e a concluir que é nesses novos fenómenos que se devem buscar e encontrar as causas da decadência da Península.
>
> Ora esses fenómenos capitais são três, e de três espécies: um moral, outro político, outro económico. O primeiro é a transformação do *Catolicismo*, pelo Concílio de Trento. O segundo, o estabelecimento do *Absolutismo*, pela ruína das liberdades locais. O terceiro, o desenvolvimento das *Conquistas* longínquas. Estes fenómenos assim agrupados, compreendendo os três grandes aspectos da vida social, o *pensamento*, a *política* e o *trabalho*, indicam-nos claramente que uma profunda e universal revolução se operou, durante o século XVI, nas sociedades peninsulares. Essa revolução foi funesta, funestíssima. (Quental 2017, pp. 54-55)

Não obstante a ausência de qualquer referência explícita às diferentes culturas peninsulares, que o centralismo monárquico, amparado pelo catolicismo tridentino, também ajudou a

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

eclipsar, o poeta-filósofo opera uma exortação à recuperação "do nosso lugar na civilização" (Quental 2017, p. 93), que deveria passar pela oposição aos elementos que, no seu conjunto, haviam constituído as causas da decadência. Entre eles, a auto-determinação dos povos, implícita na defesa de uma federação republicana, como combate à *monarquia centralizada*:

> É necessário um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado. Respeitemos a memória dos nossos avós: memoremos piedosamente os actos deles: mas não os imitemos. Não sejamos, à luz do século XIX, espectros a que dá uma vida emprestada o espírito do século XVI. A esse espírito mortal oponhamos francamente o espírito moderno. Oponhamos ao *catolicismo*, não a indiferença ou a fria negação, mas a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, a contemplação directa do divino pelo humano, (isto é, a fusão do divino e do humano), a filosofia, a ciência, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento, sempre inspirado. Oponhamos à *monarquia centralizada*, uniforme e impotente, a federação republicana de todos os grupos autonómicos, de todas as vontades soberanas, alargando e renovando a vida municipal, dando-lhe um carácter radicalmente democrático, porque só ela é a base e o instrumento natural de todas as reformas práticas, populares, niveladoras. Finalmente, à *inércia industrial*, oponhamos a iniciativa do trabalho livre, a indústria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontânea, não entregue à anarquia cega da concorrência, mas organizada duma maneira solidária e equitativa, operando assim gradualmente a transição para o novo mundo industrial do socialismo, a quem pertence o futuro. (Quental 2017, pp. 93-94)

É compreensível que a causa galega não fosse, à data da polémica conferência no Casino Lisbonense (1871), uma causa de Antero, tal como não era a catalã e, muito menos, a vasca. Contudo, não seria demasiado arrojado afirmar que, apesar de se sentirem já os ventos dos diferentes renascimentos literários e políticos que haviam de alicerçar os respectivos nacionalismos finisseculares, as reivindicações nacionalistas não eram ainda um tema da ordem do dia em contexto peninsular. Não tardaria muito até que do debate federalista se passasse às afirmações autonómicas, mas não constituíam ainda um problema de grande escala. Porém, note-se que Antero, implicitamente e provavelmente sem intenção, lhes abre espaço no seu

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

discurso, mesmo se muito mais alinhado a uma perspectiva federalista da Ibéria do que à reivindicação de independências nacionais (Martínez-Gil 2017, p. 253).

No caso concreto da Galiza, o regionalismo (1886-1907), nas suas diferentes tendências – liberal, federalista e tradicionalista – que Justo Beramendi afirma coexistirem conflictivamente (1997, p. 25), encontra-se refém da posição de fragilidade face ao enlace hispano-português:

> O sistema cultural galeguista funcionou em condiçons de extrema precariedade durante muitos anos; ainda hoje nom podemos propriamente falar dum sistema cultural autónomo.
> [...]
> Sistema sitiado, cuja comunicaçom com o resto do mundo é feita quase necessariamente através do sistema espanhol (perante o qual os seus inimigos ou o colocam como inútil, ou entom tentam reduzi-lo à marginalidade), procura em investigaçons e clássicos lusos um dique de contençom: partilhando etnia e língua com Portugal, se o português nom pode ser impugnado como sistema (o que nem sempre será dado assente para alguns...), tampouco o sistema galeguista. O Portugal soberano é arma de arremesso galeguista frente ao unitarismo espanhol e as identidades que a Galiza mantém com ele abrem a possibilidade de aquela acabar unida cultural e até politicamente a Portugal; isto constituirá, genericamente, o "perigo português". (Torres Feijó 1999, pp. 274 e 279)

Na verdade, não tardará até que as teses de historiadores e filólogos, principalmente a partir de 1916 (Torres Feijó 1999), ganhem força de legitimação galeguista, passo imprescindível para a consolidação do referente identitário luso-galego de identificação e reintegração.

Em Março de 1971, no seu primeiro número, a revista *Colóquio/Letras* publica um texto inédito de Teixeira de Pascoaes, cujos editores afirmam que "destinava-se a servir de prólogo ao *Epistolário Ibérico – Cartas de Pascoaes e Unamuno*" (Pascoaes 1971, p. 48), e que seria dado à estampa em 1957. Nesse texto, o poeta de *Maranus* opera uma espécie de anatomia da Ibéria, que afirma ser o *túmulo do sol*, tal como o seu berço havia sido Helénia (Pascoaes 1971, p. 48), e que, como tal, "encerra todos os fantasmas do Escuro, tão bem desenhados por Goya e Castelao" (Pascoaes 1971, p. 49). E assim definia a sua anatomia: "A Ibéria é um Espectro, mas encarnado num verdadeiro corpo humano. Castela é o osso; o núcleo galaico-minhoto, a carne; e o músculo é o núcleo catalão-asturiano" (Pascoaes 1971, p. 49). E em *Os Poetas Lusíadas*,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

não duvidará em afirmar que "entre a Saudade e D. Quixote há um parentesco estreito. E nesse parentesco existe a unidade espiritual que liga superiormente as raças nítidas da Ibéria: Castela, Catalunha e Portugal que se revê na Galiza" (Pascoaes 1987, p. 166), mas que, para todos os efeitos, "a Saudade é Deusa Atlântica, não mediterrânea" (Pascoaes 1988, p. 246). Este texto de Pascoaes deve ser lido, porém, no contexto da época sobre a qual nos debruçamos aqui. Ora, há nítidas afinidades entre o pensamento de Pascoaes e o que se pode ler em "A nova Galicia fala á Portugal", que Risco publica em 1919:

> Co-a y-alma tremolenta de ledo antusiasmo, d'espranza e d'amor comezamos hoxe a nosa comunicación c-o púbrico de Portugal. Pobos do mesmo sangue, ben tempo levabámos d'estaren arredados e de nonos coñecere... Ben tempo, padecendo a mesma doenza fonda e sen cura, a mesma arela congoxenta do Infindo – morriña e saudade – coidamos nos iñorar porque nonos comunicabámos os nosos pensamentos, sen nos decatar de que a mesma dôrida cobiza sentimental axexaba âs almas portuguesas e mais âs almas galegas.
>
> Hoxe a Galicia espreguízase ao sentire tremar dentro de si unha nova vida, e eu creio que é a agudización da sua doenza eterna que d'ese xeito a fai tremar pra s'erguer acesa co-a quentura do ideal... E, ao se sentir vivir de novo, olla pra a outra veira do Miño, como c'un sentimento de revolta contra do azar que nos arredou, faguendo de nós estranxeiros pra Portugal, e dos portugueses estranxeiros pra nós.
>
> [...]
>
> Mais non é somentes o sentimento á nos levar n'un rauto lírico â afirmación da nosa irmandade con Portugal. O pensamento novo de Galicia, tal e como se manifesta nas verbas dos *pioneers* do noso rexurdimento, ten chegado á concebire a misión histórica da terra galaico-lusitana como centro espiritual da futura civilización atlántica. A forte carauterización nacional dos dous pobos, e a sua expansión emigratoria na América dannos direito a pensalo. É d'este xeito como o galeguismo, tomando unha sinificación universal, atopa a sua mais fonda xustificación e adequire unha viabilidade incontestabre.
>
> Até agora, o centro espiritual da civilización estivo no Mediterráneo. O helenismo, mais ou menos romanizado, embebeu a alma europea até a saturación, conseguindo eliminar os elmentos nórdicos e orientaes que a Edade Media lle trouxera. Mais a civilización mediterránea áchase hoxe en dia na sua derradeira crise, e xa é hora d'arrempuxala ao

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> seu derrumbamento. O centro da civilización despláza-se do Mediterráneo pra o Atlántico. Agora é cando a nosa civilización se debe presentare na escea do mundo. Xenius, o gran pensador catalán dixo que a civilización mediterránea era a civilización da Intelixencia; a oriental e tamen a americana son as da Vontade; a de Portugal e de Galicia é a civilización da Memoria e a Lembranza: Morriña e Saudade. Noso destino histórico é impor este cuño noso â civilización atlántica. (Risco 1919, pp. 659-660)

Não muito distante do espírito da diagnose anteriana, numa genealogia em que Joel Serrão, de acordo com Jacinto do Prado Coelho, enxerta *O Encoberto*, de Sampaio Bruno, como inspirador directo do ideário da Renascença Portuguesa (Coelho 1984f, p. 1006), encontra-se "A educação dos povos peninsulares", que Ignasi Ribera i Rovira publica n'*A Águia* (Ribera i Rovira 1912a). A importância deste texto, para a compreensão da inscrição do saudosismo no galeguismo risquiano, justifica-se precisamente por certa ressonância da interpretação geográfico-espiritual da Ibéria, que Vicente Risco faz de Eugeni d'Ors i Rovira (Xenius), e que se traduz em Pascoaes, em nítido alinhamento com o pensamento do antologiador de *Atlàntiques,* como uma nota da unidade galego-portuguesa da saudade. Ora, o diagnóstico de Ribera i Rovira não andava distante daquele proposto, décadas antes, por Antero de Quental (2017):

> E entendei, Senhores, que Portugal mais contribuiu, e melhor, na marcha do pensamento humano quando o patriotismo dos lusiadas sulcava as rotas ignotas do Mar Tenebroso e circum-navegava o mundo que acrescentou com o peito nobre e esforçado de seus filhos, do que quando se apagou o sentimento pátrio pelo absolutismo dos reis, a férula do dogma, e a miséria do povo inerme. (Ribera i Rovira 1912b, p. 8)

Não obstante o horizonte assumidamente federalista e iberista de Rivera i Rovira, que chega a afirmar que "só intuitos perversos e desviados intuitos podem laborar, presentemente, na obra perfidiosa do divorcio das almas peninsulares" (Ribera i Rovira 1912b, p. 8), o certo é que não pestaneja ante a necessidade de afirmar que "Castela, a Espanha castelhana, separando-se do critério justo das nacionalidades peninsulares, constituiu sempre – no seu louco anceio de hegemonia e opressão – o maior obstáculo á realisação d'essa admirável unidade espiritual" (Ribera i Rovira 1912b, p. 9). Por essa razão, afirma que é contra "o separatismo castelhano, pela inadaptação do seu espirito ao espirito iberico, contra esse exclusivismo castelhano que

tentou impor um patriotismo artificial aos povos que dominou temporaria e fisicamente pela fortuna das armas ou pelos reaes consórcios, [que] levantam-se os patriotismos de catalães e portuguêses" (Ribera i Rovira 1912b, p. 9).

Ora, a situação peculiar do caso galego inscreve-se no extremo ocidental da tripartição ibérica como um todo:

> A Nação Portuguêsa, – cujo reconhecimento, por ninguém posto em duvida, justifica a razão da diversidade nacional iberica e comprova a existencia do nacionalismo catalão, ou pelo menos obriga a admitir a sua possibilidade – afirma-se pela sua tenacidade, pelo entusiasmo com que tem conservado, através das edades, o seu caracter inconfundível. Ainda pela persistência em impor o seu ideal patriotico em todas vicissitudes históricas, pelo desenvolvimento da sua missão civilizadora manifestada vigorosamente nas descobertas, na epopeia manuelina, na literatura esplendorosa do Seiscentos, e pela maneira heroica como se revoltou sempre contra os invasores, desde os romanos até os castelhanos. A vitalidade do genio português, afirma-se na persistência étnica e filológica. A formosa lingua lusitana evolucionou gloriosamente creando uma forte modalidade poetica.
>
> Da patria portuguêsa, da unidade moral do patriotismo dos povos atlanticos, um ramo nobilíssimo os azares da politica iberica desmembraram: a Galiza, essa região irmã, laboriosa e docíssima, que pelo caracter da sua população, pela sua historia, pelas suas tradições, pela sua mesologia e etnogenia, intégra a nacionalidade portuguêsa, como parte constitutiva do núcleo nacional do occidente hispanico, a nação galaico-portuguêsa. Eu vejo na Galliza de hoje o Portugal do seculo XVI que as cronicas rememoram; e no Portugal de então, aparte os esplendores e o fausto da côrte lusitana, a Galliza de hoje. A independencia politica, a realização do ideal occitânico, levou a Portugal a riqueza, a iniciativa, o progresso económico, o desenvolvimento mercantil, e eclosão artística, a depuração do idioma, que se aperfeiçoou com o uso literario. E, pelo contrario, a Galliza submetida, dependente, sujeita a uma hegemonia opressora, sem liberdade nacional e sem finalidade patriótica, desde a sua integração na unidade catolico-monarquica espanhola, a Galliza tem visto detido o curso da sua civilização, desnaturada a sua politica, estática a sua lingua e interrompida a sua historia.
>
> Portugal, emmuralhando o seu isolamento, tem ido desatendendo as relações fraternaes com a Galliza. Porque se separaram esses dois povos irmãos? Que diferenças terão surgido entre elles? Oh, nenhuma! Apatia, sim; de nenhuma maneira desafecto. Por

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> negligencia, os portugueses nada teem feito para reconquistar a alma desse povo que deveria estar integrado nas suas fronteiras espirituaes. Para emendar o erro secular, é preciso iniciar-se uma intensa propaganda de amor e fraternidade, á qual ajudarão esses milheiros de sofridos e honrados gallegos que se abrigam na hospitaleira terra portuguêsa, e ver-se-ha como a alma abandonada da Galliza, virá dôcemente para a alma de Portugal e caminharão juntas n'um futuro de paz e de justiça iberica. (Ribera i Rovira 1912b, pp. 12-13)

Não é de desconsiderar a opinião de António Cândido Franco quando, ao reflectir sobre um "Pascoaes Ibérico", afirma que "a profundidade da [sua] reflexão [...] sobre as ligações físicas e culturais dos povos peninsulares, a largueza do seu entendimento sobre as afinidades contrastivas desses povos, a teimosa e corpórea idealização dum futuro comum para todos eles [...] fazem [dele] um escritor ibérico" (Franco 2016, p. 33). Para o académico eborense, há ainda um outro argumento: a impressionante recepção da sua obra pelos três cantos da península.

Na verdade, é bem conhecida a presença do poeta amarantino nos círculos culturais e literários catalães, bem como na sua já afirmada presença evidente na Galiza. Aí, a oriente e a ocidente, Pascoaes não esconde o seu entusiasmo, mas não parece abrir mão da sua visão geográfico-espiritual da Ibéria como *coincidentia oppositorum* enquanto síntese dos distintos traços étnicos que a constituem. Parece-nos, por isso, rigorosa a correcção terminológica que Cândido Franco opera, quando situa o autor da *Arte de Ser Português* e a ampla simpatia de que goza não em Espanha, mas "nas Hespanhas, porque aquilo de que falamos não é uma unidade formal homogénea mas um mosaico disperso de singularidades que os acidentes incontroláveis da História ou o voluntarioso interesse dos homens bem ou mal juntaram" (Franco 2016, p. 33). Apesar das simpatias, portanto, Pascoaes não é galego nem catalão, mas rigorosamente ibérico.

Tal iberismo confesso não impede um intelectual galego como Risco de se apropriar da matriz filosófico-espiritual moldada por Pascoaes para a construção do seu galeguismo peculiar. Em boa verdade, o que Cândido Franco afirma a respeito da relação entre Ribera i Rovira e Teixeira de Pascoaes, pode ser facilmente detectável, no espaço de praticamente uma década, na reapropriação saudosista de Risco. Assim afirma o académico de Évora:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> Foi decerto a atenção que um Unamuno tão desprendido como egocêntrico prestou aos versos do jovem Teixeira de Pascoaes que encaminhou outros escritores hispânicos para a literatura de Teixeira de Pascoaes, em primeiro lugar o catalão Ribera i Rovira, que, depois de lhe dedicar um estudo no livro *Portugal Literari* (1912), me parece ser o primeiro tradutor hispânico de versos de Pascoaes, como o livro *Atlantiques – Antologia de Poetes Portuguesos* (1913), um informado florilégio comentado da poesia portuguesa no séc. XIX e inícios do XX. Se assim é, não deixa de ter um significado marcante, reforçando a dimensão ibérica da sua situação, o facto de Pascoaes aparecer pela primeira vez junto do público espanhol na quase então abandonada língua catalã. Mesmo que assim não seja, o livro de Ribera i Rovira, pela aproximação inteligente e criativa que faz entre a saudade portuguesa e a anhorança catalã, pelo laço poético e espiritual que estabelece entre o saudosismo português e o anhorantismo catalão, tem papel crucial na definição da importância ibérica do escritor português. Teixeira de Pascoaes, que revelou através da saudade a alma original do seu povo, acabou por fornecer aos seus vizinhos mais próximos os elementos necessários para a compreensão de si próprios e isto, decerto, porque a clarividente linguagem que lhe serviu para entender o seu povo era tão dele como universal. (Franco 2016, p. 34)

Ainda que de difícil demonstração[37], creio que não seria confrangedora a afirmação de que é também por esta via catalã[38], enquanto mediação, que o saudosismo acabará por seduzir Risco, informando estruturalmente aquilo que poderia ter sido publicado, não como *Teoria do Nacionalismo Galego*, mas como *A Arte de Ser Galego*. Contudo, Pascoaes situa, claramente, por um lado 'o' saudosismo e por outro 'o' quixotismo, distinguindo bem os mistérios étnico-espirituais da Ibéria: "O Portugal de Camões, a Galiza de Rosalia, a Catalunha de Maragall são os Reinos da Saudade, como a fidalga Castela é o Reino de D. Quixote" (Pascoaes 1987, p. 166).

Portanto, é nossa convicção que a compreensão da fraternidade galego-portuguesa e da sua inscrição no saudosismo confeciona-se, assim, numa espécie de caldo cultural que alinha o

[37] Dois artigos, publicados em *A Nosa Terra*, dão nota de certa recepção do saudosismo anterior a 1920, o mais antigo de Vicente Risco (1918) e um outro praticamente um ano depois (Nunes 1919).
[38] Não completamente, mas naquilo que respeita à anatomia ibérica e à ineludível articulação Saudade-Atlantismo, tão cara a Vicente Risco: Harrington 2001.

saudosismo de Pascoaes e o galeguismo de Risco, pela mediação dos catalães Eugeni d'Ors i Rovira e Ignasi Ribera i Rovira[39].

Por seu turno, Ernesto Guerra da Cal sublinha a importância que a saudade teve nas letras galegas do século XX. A sua decisiva relevância nos poetas do Rexurdimento, celebrados a este título pelo discurso de 31 de Agosto de 1920, por ocasião da entrada de Ramón Cabanillas na Real Academia Galega (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920), pela apologética poética de Otero Pedrayo (1931b) ou pelo estudo de Ricardo Landeira (1970), autorizam a afirmação de que "a saudade é uma das notas definidoras da literatura galega [...] e que esse sentimento doloridamente inefável, que tão intimamente irmana a Galiza com Portugal, constitui o substrato mais fundo do seu espírito, um dos ingredientes inevitáveis da visão galaica do mundo" (Guerra da Cal 1984q, p. 1004).

Sintomaticamente, o primeiro número da revista *Nós* abre e fecha com Teixeira de Pascoaes. Vicente Risco parece não ter qualquer problema em assumir certa relação discipular. Esse "lar azul sem fim" (Pascoaes 1920, p. 3) é o horizonte de realização messiânica da nova civilização, o "acomprimento do seu fado grorioso", como afirmam as *Primeiras Verbas* (A.N.I. 1920b, p. 1). Ora, Teixeira de Pascoaes, em carta enviada a Risco no dia 12 de Maio de 1920, tampouco parece duvidar do carácter teleológico da civilização atlântica a erguer:

> Galiza é irmã e mãe de Portugal. Portugal saiu dos seios da Galiza – depois abandonou a Mãe e foi por esses mares fora; fugiu como o filho pródigo. Mas é chegado o tempo do seu regresso ao lar materno. Temos de voltar a viver espiritualmente em comum. Assim o exige o destino das nossas Pátrias que ainda não está cumprido. Esse destino

[39] Apesar de altamente discutível, a hipótese de uma mediação catalã na recepção risquiana do saudosismo pascoaesiano, deve ser, ainda que matizada, colocada como questão. É também uma nota-de-rodapé (n. 672) de *Galeguismo Precário e Portugal* que nos faz entreabrir esta porta:
"[Quanto à] relação entre portugueses e catalães, [...] é oportuno indicar que ela foi intensa, anterior no que diz respeito aos estudos de catalães sobre Portugal à galega, mesmo seguida por esta nalguns passos [...] e mui importante para o próprio relacionamento galego-português, contra o que pudesse pensar-se, caso de se entender que ela pudesse dispersar esforços e atenções sobre a Galiza. Mais ainda, adiantemos que a presença catalã vinha vigorizar, pola presença do seu sistema quer regionalista, quer nacionalista, ao interliterário que constituíam junto com os bascos e galegos, perante o polissistema espanhol, a atenção do português, e a maior consideração deste polas literaturas do estado espanhol; porque, não o esqueçamos, também o polissistema português tinha em vários dos seus setores o espanhol como referente de oposição. E por outro motivo: serão catalães: daqueles que primeiro teorizem, e sobretudo vulgarizem, a ideia do caráter nacional único da Galiza e Portugal. Por exemplo, em 1911 é publicado, e está à venda entre os livros da "Renascença Portuguesa", o texto *Portugal y Galicia Nación*, da autoria de Ribera i Rovira". (Torres Feijó 2019b, p. 536)

> é, como disse muito bem, a criação da Civilização Atlântica. (Pascoaes & Risco 2012, pp. 151 e 153)

Talvez por essa razão, também, Vicente Risco não duvida em canonizar, no altar dos poetas galegos, ao lado da "santa Rosalía e Pondal", o poeta amarantino, declarando-o "cousa nósa" (A.N.I. 1920b, p. 18). No mesmo ano, Teixeira de Pascoaes dedicará a segunda edição de *Marânus* à Galiza (Franco 2016, p. 37).

Porém, já no manifesto saudosista de 1912, Teixeira de Pascoaes afirma, sem rodeios, a Galiza como "um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela" e "nossa Alsácia" (Pascoaes 1988, p. 51). E não muito depois, a Álvaro Cebreiro envia uma carta, afirmando: "Aqui estou em Amarante, que também é Galiza" (Álvarez & Alonso Estraviz 1999, p. 72). Na verdade, a relação epistolar com Cebreiro parece ter sido intensa, não obstante nunca se terem visitado, mas foi Risco quem primeiramente "pisou terreno amarantino", tornando-se o "embaixador de Teixeira para a Galiza e para todos os galegos" (Alonso Estraviz 2003, p. 17). É precisamente no quadro dessa relação próxima que podemos entender certa presença do saudosismo em *Nós*.

Dizemos *certa presença*, pois torna-se paradoxalmente eloquente o silêncio de Vicente Risco em relação à patente pascoaesiana do saudosismo, como assinala Torres Feijó, ao colocá-lo como "alicerce da civilização atlântica galego-portuguesa que defende, mas, significativamente, sem citá-lo" (Torres Feijó 2008, p. 150). E mais adiante Elias Torres Feijó afirma:

> Quanto à Saudade (e, agora, também Morrinha, fórmula específica galega daquela) e ao Saudosismo, que perpassa substantivamente o texto, Risco acompanha quase à risca a poética e a teorizaçom de Pascoaes e de Leonardo Coimbra, a quem sim cita, logo a seguir, como o fundador do Criacionismo nessa Civilizaçom. Essa ausência de referências a Pascoaes e a alusom a Coimbra sem vinculá-lo directamente ao Saudosismo, condiz com a ideia que o galego vai deixando de ser a consideraçom da Saudade como matriz da galeguidade (e, também e daí, do ser português) umha fabricaçom se nom galega polo menos sem marca de origem. (Torres Feijó 2008, p. 152)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2.3. PRESENÇA DO SAUDOSISMO

Em boa verdade, trata-se de um movimento estético-literário enquadrado no projecto da *Renascença Portuguesa*, surgido no Porto em 1912, imediatamente após a implantação da Primeira República Portuguesa. Não obstante certo apelo político, de tonalidade teleológico-messiânica, e a sustentação filosófica alicerçada pelo fino pensamento de Leonardo Coimbra (1923; cf. 1920; Mendes 2022), que o acolhe, não sem reservas, no seu sistema criacionista, para Teixeira de Pascoaes o saudosismo é o "culto do nosso espírito sintetizado na Saudade" (Pascoaes 1988, p. 76). Portanto, a montante e a jusante da criação poética, ou como seu centro de convergência, o saudosismo significa sobretudo uma sintonia do espírito com a vida.

No ideário pascoaesiano, tal como o podemos ler em *Os Poetas Lusíadas* (1919), conferências pronunciadas em 1918 no Institut de Estudis Catalans, na cidade de Barcelona, tal sintonia revela-se particularmente definitória do espírito colectivo lusitano, uma vez detectada a sua expressão, ou tradução, na tradição poética desde o *período rural ou dionisiano*[40], que abrange os séculos XIII e XIV, ao *neo-sebastianista*[41] (Pascoaes 1987, p. 48), que o poeta do Marão não hesita em afirmar, à data, ainda em curso. Entre um e outro período, encontram-se ainda o *marítimo ou henriquino*[42] (sécs. XV e XVI), o *sebastianista*[43] (sécs. XVII-XIX) e o *político*[44] (segunda metade do séc. XIX). Mas o juízo de panorâmico de Pascoaes é claro:

> Os períodos mais belos são aqueles em que não há discordância entre o nosso sonho e a nossa actividade: o primeiro, o segundo e o terceiro. A cantiga dionisiana a vida pastoril. O ingénuo sentimento e a vida ingénua. A infância da alma e a do corpo, vivendo num casto idílio primitivo.
>
> Depois é a acção marítima casada ao canto dramático e epopaico. Os cavaleiros de Cristo e o verbo vicentino. Vasco da Gama e Camões...

[40] "Durante os primeiros tempos da nossa História, desde D. Afonso Henriques, o criador da Metrópole, até D. João I, o criador do Ultramar, a vida portuguesa é agrícola e pastoril. Foi a idade de oiro, em que a nossa Poesia amanheceu: o *período rural* ou dionisiano, de D. Dinis, o rei poeta e lavrador" (Pascoaes 1987, p. 48).

[41] "Nele revive, enfim, a alma saudosa dos lusíadas" (Pascoaes 1987, p. 48).

[42] "Chamarei ao segundo, *marítimo ou henriquino*, de D. Henrique, o iniciador das Descobertas. Abrange os séculos XV e XVI. No primeiro século predomina a acção dos nautas e a prosa dos cronistas" (Pascoes 1987, p. 48).

[43] "Chamarei ao terceiro, *sebastianista*, de D. Sebastião, o Rei morto em Alcácer-Quibir e ressurgido na lembrança do Povo e dos poetas" (Pascoaes 1987, p. 48).

[44] "Chamarei *político ao quarto período*, porque nele predomina a poesia satírica, de intuitos políticos e sociais" (Pascoaes 1987, p. 48).

> Depois, a tragédia e a lenda sebastianista. A morte de D. Sebastião no deserto marroquino e a sua ressurreição na lenda popular.
> Depois, o sonho e a actividade divorciam-se. A alma, intacta nos seus elementos virginais, afasta-se do corpo enveredado por maus caminhos... E desde então, a vida portuguesa é um tumultuar de forças contrárias que mutuamente se destroem. É um caos, onde paira, ainda em sombra amanhecente, o novo Verbo Sebastianista... (Pascoaes 1987, p. 49)

Contudo, há ainda para o poeta uma nota da saudade que o anima à sua afirmação como peculiar da *alma nacional* ou do "sentimento próprio da Raça" (Pascoaes 1987, p. 39). Abrange não só a erudição dos poetas, mas também a alma singela do povo:

> O pessimismo fúnebre que ensombra certos versos de Camões, Bocage e Antero de Quental, é a face obscura da Saudade, que aparece também aos olhos do Povo, no silêncio espectral das horas mortas, nas barrocas fundas, nas ermas encruzilhadas, em certos sítios demoníacos da paisagem. Há uma grande intimidade entre a nossa Mitologia nocturna e estas negras formas em que se desenha, frequentes vezes, a inspiração dos nossos Poetas. (Pascoaes 1987, p. 134)

O contexto cultural, político e social em que Portugal se encontrava desde há décadas criou o ambiente propício a certo desencanto nacional, mas, paradoxalmente, serviu também como plataforma de congregação de todos quantos almejavam a regeneração do país, através da cultura, confiantes que estavam na possibilidade de ressuscitar a essência da portugalidade[45]. Nesse sentido, o saudosismo emerge não só como movimento estético-literário, ainda que

[45] "Assim, era intenção nacionalista de Teixeira de Pascoaes operar uma reconversão do espírito decadente português num espírito glorioso e triunfante, heróico, de cariz exemplar para os outros povos europeus. Teixeira de Pascoaes trata de, em primeiro lugar, diferenciar a cultura portuguesa da cultura dos restantes países europeus, especialmente dos latinos (o que consegue, através da teoria da Saudade como síntese superior e equilibrada entre os espíritos civilizacionais ariano e semita), e, depois, reinterpretar a história à luz da sua nova teoria, criando um novo centro histórico imaginário do povo português, centrado nas virtudes da independência, aventura, liberdade, solidariedade e igualdade dos povos [...]. [...] A Renascença Portuguesa e Teixeira de Pascoaes propõem, assim, o princípio de uma «refundação» de Portugal, um retorno às «fontes originárias da vida histórica de Portugal, para aí se encontrar o húmus pátrio cujas qualidades permitam seguir a verdadeira via» nacional. De igual modo, torna-se necessário abandonar o positivismo cientificista e o experimentalismo europeu, com predomínio das ciências naturais e matemáticas, e retornar à antiga escala axiológica onde dominavam prioritária e privilegiadamente os valores morais e nacionais" (Real 2017, p. 46).

ocupando nele a poesia um lugar nuclear, pois "sem Poesia não há Humanidade" (Pascoaes 1988, p. 269), mas alcança também estatuto filosófico, pela mão de Leonardo Coimbra, e oferece as bases para a acção cívica levada a cabo pela *Renascença Portuguesa*.

Nesta acção cívica, que diríamos de pleno direito política, o saudosismo alinhava-se a uma visão anti-cosmopolita e anti-positivista, tendências que haviam seduzido a Geração de 70, enquanto nefastas importações para a alma nacional. Parte significativa da decadência, diagnosticada pelo próprio Pascoaes, repousava nessa emulação filosófico-cultural transpirenaica, com repercussões políticas e, por isso, afirmava que era "absolutamente necessário que a nossa República [fosse] uma República Portuguesa e não uma República afrancesada" (Pascoaes 1988, p. 53). Neste capítulo, o discurso não se distanciava muito de Antero de Quental e da sua diagnose sobre as causas da decadências dos povos peninsulares:

> Eu creio que conviria imenso à República e a Portugal, não a separação das Igrejas do Estado, mas a separação de Roma, podendo talvez eliminar-se o alto clero que foi quase sempre uma nódoa estrangeira na nossa Pátria, à semelhança dos políticos. (Pascoaes 1988, p. 54)

Questão religiosa à parte, ou convencido de que a Lei da Separação[46] havia produzido os seus efeitos civilizadores, à consciência política de Pascoaes afigurava-se-lhe ainda por fazer uma outra obra de grande envergadura – desafrancesar Portugal: "As cousas de Portugal (e todas têm grande valor, como dizia Gil Vicente) apenas encontraram até há pouco anos, a mais absoluta indiferença por parte dos portugueses, ingenuamente espantados com o que se passa em Paris de França" (Pascoaes 1988, p. 64), Pascoaes mostra-se convencido de que as "nações pequenas só podem opor às tendências absorventes das grandes nações, como defesa da sua independência, o carácter, a originalidade do seu espírito activo e criador, a autonomia moral" (Pascoaes 1988, p. 44). É sobre esta dupla convicção que afirma a matriz do seu plano de pedagogia nacional:

[46] Refiro-me, naturalmente, à "Lei da Separação do Estado das igrejas", de 21 de Abril de 1911, publicada no *Diário do Governo*, disponível em https://files.dre.pt/gratuitos/1s/1911/04/09200.pdf, acedido a 21 de Dezembro de 2023.

> O 5 de Outubro foi facto de grande alcance, porque nos livrou da influência de Roma, apagou as lâmpadas de Roma. Agora só nos resta (e será o mais custoso) apagar os fachos de Paris, e guiarmo-nos pela nossa própria candeia, alimentada com o azeite das nossas oliveiras. É preciso educar este Povo dentro da sua personalidade; um vestuário estrangeiro não lhe fica bem; não foi feito para o seu corpo. (Pascoaes 1988, p. 26)

> A Patria Portuguesa viveu; atravessou depois alguns seculos de morte: por fim, n'uma alvorada heroica que fez erguer do sepulcro a sombra de Nun'Alvares, acordou do seu profundo somno, levantou-se n'um impeto sófrego de vida; e, sob a instantânea luz que a deslumbrou, ei-la ofuscada e céga, tacteando, sem ver o caminho verdadeiro e a terra firme para os seus pés.
> D'ahi a confusão cahotica presente.
> E' preciso, portanto, chamar a nossa Raça desperta á sua propria realidade essencial, ao sentido da sua própria vida, para que ela saiba quem é e o que deseja. E então puderá realizar a sua obra de perfeição social, de amor e de justiça, e puderá gritar entre os Povos: *Renasci!*
> [...]
> Se não existisse uma *alma portuguesa*, teríamos de evolucionar conforma as almas estranhas, teríamos de nos fundir n'essa massa amorfa da Europa; mas a *alma portuguesa* existe, vem desde a origem da Nacionalidade; de mais longe ainda, da confusão dos povos heterogéneos que, em tempos remotos, disputaram a posse da Iberia. (Pascoaes 1912b, pp 1-2)

Não se tratava, contudo, de decretar constitucional a sua aparente e quase fatal insularidade cultural: "Eu não visiono um Portugal isolado, um Portugal no meio dum deserto. Eu quero ver a minha Pátria em convivência com as outras nações, mas revelando a sua bela Presença inconfundível" (Pascoaes 1988, p. 162). Tal singularidade repousava, para Pascoaes, na saudade: "É na Saudade *revelada* que existe a razão da nossa Renascença; n'ela ressurgiremos, porque ela é a própria Renascença original e creadora" (Pascoaes 1912b, p. 2).

Quanto à influência do saudosismo pascoaesiano na elaboração teórica de Vicente Risco, não cremos fácil deduzir a sua tradução massiva em *Nós* e, muito menos, nas opções editoriais de poesia ao longo da década e meia de existência da revista. Podemos, porém, afirmar, com Teresa López, que

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> as coincidências entre o ideario saudosista e o nacionalismo versión risquiana non implican o aproveitamento do primeiro polo segundo – aínda que tampouco o desbotan de maneira puntual –, mais son notábeis principalmente na funcionalidade do passado histórico do pobo e no papel concedido á tradición (1997, p. 126).

Além disso, acrescentaríamos, são também notáveis os paralelismos nesse difícil equilíbrio de originalidade cultural e inscrição internacional, ou, como avançariam as "Primeiras Verbas" de *Nós*, de "representación no mundo da persoalidade galega na sua ansia de s'afirmare coma valor universal, autóctono, diferenciado, dentro ou fora da terra" (1920b, p. 2).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

2.4. POESIA, NACIONALISMO E SAUDADE

Quando Fernando Pessoa afirma, num breve texto que serviria de prefácio a *Five Poems* (Lopes 1990, p. 38), que a poesia é fundamentalmente imitação da natureza, escreve sobretudo sobre a necessária tensão funambular, entre as "forças de desintegração e integração" (Pessoa 2018, p. 36) próprias da natureza, que a arte poética deve fazer ressoar:

> Aquele estado, aquela instituição e aquela obra de arte que melhor «copiam a Natureza», no sentido em que reproduzem no seu microcosmo a lei macrocósmica do equilíbrio de forças conflituais, do equilíbrio entre a desintegração e a integração, são os que defendem melhor e servem melhor o homem, nem que seja porque duram mais; e não apenas porque duram, mas porque, sendo duradouros, se conformam melhor com a vida e, portanto, servem melhor os fins da Natureza, os quais, sejam eles quais forem, devem estar de acordo, e não em conflito, com a Natureza, e, seja qual for a maneira como os vejamos, não podem senão ser supremos, porque persistem e resistem à morte. (Pessoa 2018, p. 36)

Na verdade, o primeiro número da revista, logo depois das *Primeiras verbas* e da *Fala do sol*, abre com o diapasão poétnico[47] do "sentimento da terra na raza galega" (Risco 1920b). Aí, o autor da *Teoria do Nacionalismo Galego* articula, convictamente, o sentimento da terra e a sua expressão poética como nota de equilíbrio, diríamos pessoanamente, da afinação da arte poética à natureza em que se expressa e ressoa:

> Calquera que se poña a estudial-a nósa produción espiritual galega, non pode por menos de se decatare d'unha nota que, d'um xeito ou d'outro, repétese nela constantemente. E, mais do que un leit-motiv, o fundo mesmo de todol-os pensamentos e de todol-os sentimentos da y-alma galega. E como nota grave, sostida, monótona do ronco, sobre da que se deseñan logo os sinxelos arabescos da gaita... Y-esta nota, que é a *tónica* da afeutividade da nósa raza, a forma propria da nósa saudade, é o sentimento relixioso da Terra. Sentimento esencial do lirismo nóso; sentimento que na poesia galega, chega,

[47] Como facilmente se deduzirá, o adjectivo poétnico opera abusivamente uma articulação de poesia e etnia, para ilustrar essa estreita e íntima relação entre uma e outra na definição da cultura galega, tal como em linguagem pascoaesiana se diria que a "raça portuguesa é uma noite sentimental, constelada de estrelas, que são os cantos dos nossos Poetas" (Pascoaes 1987, p. 176). Assumimos, conscientemente, o risco do neologismo.

> volta por volta, ós acentos arroubados da místeca, ós delírios da paixon erótica, ós desolamentos da mais dorida elexía... (Risco 1920b, p. 4).

A estratégia não era nova: capitalizar retrospectivamente a história literária para a catapultar prospectivamente parece ter sido um mecanismo frequentemente activado, na história das literaturas nacionais, como modo de recapitalizar simbolicamente a cultura.

Diríamos que foi o Romantismo, não obstante as reservas necessárias em razão da sua multiforme inscrição na história da cultura[48], que a seu modo inaugurou a urgência de afirmação nacional das literaturas. Até então, a literatura vivia com certa independência de qualquer pretensão política nacional. O interesse pela história, acompanhado por ideais emancipatórios de auto-determinação dos povos, e a preocupação por todos os elementos caracterizadores de uma identidade nacional (língua, raça, cultura, costumes, etc.) foram claramente activados pela sensibilidade romântica:

> A liberdade de pensamento e de expressão, a fraternidade social, nalguns casos mesmo a apologia da soberania popular constituem valores que estreitamente se cruzam com a propensão individualista e idealista que caracteriza uma parcela significativa do Romantismo europeu; não por acaso, Lilian R. Furst conexionou o individualismo romântico com os ideais saídos da Revolução Francesa: "A afirmação da esmagadora importância do indivíduo representa, na verdade, o crucial ponto de viragem na história da sociedade e na da literatura. Desta crença nos direitos dos indivíduos decorrem os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade que inspiraram a Revolução Francesa."
>
> A par disso – e algumas vezes derivando disso – o Romantismo foi também ideologicamente nacionalista. Não esqueçamos que o tempo romântico corresponde à refundação e reafirmação de nacionalidades; e o envolvimento directo de escritores românticos em causas nacionalistas (em prol da independência da Polónia ou da Grécia, por exemplo) revela expressivamente o profundo significado romântico de tais causas,

[48] "A dimensão histórico-cultural, a variedade temática e mesmo algumas contradições ideológicas fazem do Romantismo um período literário de complexa e árdua caracterização. Ao primeiro dos aspectos mencionados – a sua extensa duração – não é estranho o facto de podermos considerar que a caracterização do Romantismo começa necessariamente pela caracterização de um subperíodo que é o Pré-Romantismo; por outro lado, o subperíodo a que chamamos Ultra-Romantismo, assinala, pelo menos na Literatura Portuguesa, um momento de deperecimento de certos aspectos estéticos e ideológicos do Romantismo. O que não impede que se observem, para além desse momento, reinterpretações e revivescências do legado romântico, tanto no século XIX como no nosso século" (Reis 2015, p. 420).

> de certa forma na decorrência do culto da autenticidade a que já fizemos referência e em sintonia íntima com o valor da liberdade. (Reis 2015, p. 427)

A importância da literatura no contexto dos nacionalismos, portanto, encontra-se vinculada a um processo histórico que sustenta a emergência de uma axiologia política que, todavia, nem sempre encontra tradução geográfica num determinado quadro cultural.

Dito de outro modo: fronteiras geopolíticas têm existência objectiva dentro de um terminado enquadramento de organização de um território – diríamos nós, hoje – *grosso modo* identificáveis com os estados. Porém, quando a consciência da nacionalidade (re)emerge num colectivo humano sem essa existência objectivamente dada, por força de infortúnios históricos ou colonialismos culturais, activa-se a necessidade de localizar os elementos definitórios de tal identidade. A literatura entrará aí como um poderoso dispositivo de legitimação de um *modus essendi* colectivo, activando modos de representação que dão corpo aos vínculos de pertença[49], tornando objectivo o que antes carecia de objectividade, e carência que funciona como estigma. Com efeito, um *locus privilegiado* (Torres Feijó 2019b, p. 745).

Ora, tendo em conta os avanços e recuos do nacionalismo galego na década de vinte (Beramendi 2008; 2012; 2020a), nomeadamente com a Ditadura de Primo de Rivera, Justo Beramendi afirma uma inflação do investimento cultural como necessário para o projecto galeguista:

> Política y cultura se complementan en todo momento en la vida del nacionalismo. Y aunque la primera es el factor decisivo en su devenir, el desarrollo cultural acapara una porción nada desdeñable de las energías galleguistas y es en ese campo donde se obtienen los mejores frutos, sobre todo en los años veinte, cuando la Dictadura impone una forzada inactividad política que vuelca todo el quehacer en una fecunda labor intelectual y creativa, gracias a la cual podemos hablar sin exageración de un *segundo rexurdimento* que deja pequeño en todo al primero, pues ahora ya no gravita casi en exclusiva sobre la poesía y el folklore sino que madura, no sólo en la prosa literaria,

[49] "In an age when it is so common for progressive, cosmopolitan intellectuals (particularly in Europe?) to insist on the near-pathological character of nationalism, its roots in fear and hatred of the Other, and its affinities with racism, it is useful to remind ourselves that nations inspire love, and often profoundly self-sacrificing love. The cultural productions of nationalisms – poetry, prose fiction, music, plastic arts – show this love very clearly in thousands of different forms and styles" (Anderson 2016, p. 141).

> sino en casi todos los campos de las ciencias humanas y de las artes. (Beramendi 1997, pp. 44-45)

Apesar de chamar a atenção para o desenvolvimento da narrativa, o historiador não deixa de assinalar a importância da poesia: "Dentro de la numerosísima nómina de poetas, destacan Ramon Cabanillas (*No desterro*, 1913; *Da terra asoballada*, 1917; *A rosa de cen follas*, 1927), Antonio Noriega Varela (*Do ermo,* 1920) y los novecentistas Amado Carballo (*Proel,* 1927) y Manuel Antonio (*De catro en catro*, 1928)" (Beramendi 1997, p. 45).

Uma lógica fundamental – e a seu modo estruturante – da dinâmica que preside à mútua referência entre capital material e capital simbólico repousa sobre o nem sempre fácil equilíbrio de articular, no presente, passado e futuro. A noção de tradição assume, aqui, um lugar de destaque. Um exemplo claro de tal dinâmica é a forma como alguns testemunhos da historiografia literária galega organizam sequencialmente, mas sempre em chave hermenêutica de integração-superação, a sua história literária, com dialécticas como as que relacionam, por exemplo, percursores, diádocos e epígonos[50], decadência e renascimento, ou até mesmo tradição e vanguarda.

Mutatis mutandis, a definição de Italo Calvino – ou a(s) resposta(s) que dá à questão sobre a razão de ler os clássicos – talvez sirva aqui para ilustrar essa dialéctica, sempre tensa mas vital, entre tradição e modernidade: "13. É clássico o que tiver tendência para relegar a atualidade para a categoria de ruído de fundo, mas ao mesmo tempo não puder passar sem esse ruído de fundo. 14. É clássico o que persistir como ruído de fundo mesmo onde dominar a atualidade mais incompatível" (Calvino 2015, p. 15).

Trata-se no fundo de uma lógica que pacifica, por via de uma paradoxal tensão, o passado e o presente, evitando assim a cristalização em modelos que tornariam obsoleto o dispositivo literário de legitimação ideológica de uma consciência nacional.

A relevância desta reflexão para o estudo que nos ocupa repousa sobre o facto de *Nós*, no seu inaugural e programático texto, afirmar como princípio editorial essa necessária tensão:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[50] Pensamos naqueles que Carvalho Calero (1981) designa como tais.

> Os colaboradores de *Nós* poder ser o que lles pete: individualistas ou socialistas, pasatistas ou futuristas, intuicionistas ou racionalistas, naturistas ou humanistas; pódense pór em calquera das posiciós posible respeito das catro antinomias da mente contemporánea: poden ser hastra clássicos, con tal de que poñan por riba de todo o sentimento da Terra e da Raza, o desexo coleitivo de superación, a orgulhosa satisfaición de seren galegos.
> *Nós* ha ser um estudio piedoso e devoto, cheo de sinceridade e todol-os valores galegos: dos nósos valores tradicionais, e mais dos valores novos que cada día estanse creando na nósa Terra. (A.N.I. 1920b, pp. 1-2)

Sobre este processo, Anxo Tarrío deixa claros os fios com que se teceu esta tensão:

> Foron os escritores nados polos arredores do ano 1900, é dicir os que a historiografía literaria galega identifica como Novecentistas, entre outras denominacións, os encargados desta renovación poética en Galicia. Unha renovación que serve para estabelecer claramente as fronteiras entre a poesía decimonónica e a moderna poesía galega. Rosalía dera mostras de renovación métrica e exerceu o intimismo, pero non conseguiu esquecer que estaba escribindo nunha lingua marxinada. Pondal intúe a autonomía da linguaxe poética e contribúe grandemente á creación dun galego literario, pero tivo que facerse pasar por bardo. Cabanillas estivo xa a cabalo entre as dúas poéticas, pero en ningún momento cedeu a veleidades vangardistas e a súa poesía transcendeu, en moitos casos, o fin puramente estético. Mais cando entran na escena literaria os mozos, bos coñecedores do movementos vangardistas europeos, o corte coa poesía herdada por eles foi, en moitos casos, absoluto, mesmo insolente, cunha insolencia homologable á dos múltiples e incendiarios manifestos que, dende Marinetti cando menos, crisparon o mundo da arte nas tres primeiras décadas do século. E non pensemos que esa renovación se refire unicamente a aspectos formais, feito que encubría unha falsa renovación. De ningunha maneira: a adopción decidida do versolibrismo, a actuación dos efectos visuais para compoñer a páxina poética (é dicir, sangrados, caligramas, etc.), a crebadura das coordenadas espacio-temporais e todo o mostrario de novas que implantaron os diferentes ismos, de nada serviría nunha literatura como a galega se non fose acompañado (como o foi, de feito, nos seus máis preclaros representantes) dunha actitude tamén decididamente nova diante da maneira de concibir a arte e a súa función na sociedade. Interesa moito este punto, porque a pesar

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> de se desenvolver nun ambiente de franco proselitismo cara á causa galeguista, como xa vimos, non se puxo a poesía ó servicio do panfleto e non limitou a súa expresión en prol dunha posible instrumentalización social como elemento de concienciación nacionalista. Pola contra, se disimulamos algúns poucos casos, polo xeral, esa verdadeira revolución poética á que asistimos en ningún momento fixo concesións ó lector tradicional, acostumado a unha poesía lineal, narrativa e rítmica, e rompeu coa súa inercia preguiceira para ofrecerlle, en cambio, uns textos nos que a beleza e o goce intelectual teñen o prezo da reflexión e do esforzo cooperativo. (Tarrío 1998, pp. 243-244)

Não obstante as diferentes gerações e tendências que se encontram balizadas no arco temporal de publicação da revista *Nós*, é de salientar que serão aí publicadas composições poéticas de autores do *Rexurdimento*, pese embora em número reduzido, e poetas como Lugrís Freire ou Álvarez Limeses, mas fundamentalmente, e em grande número, novecentistas[51].

[51] Note-se que são ainda publicados quatro poetas portugueses, com um total de 6 poemas (Pascoaes 1920; 1922; Paço d'Arcos 1926; Aguiar 1922; Córdova 1921), 3 traduções de poemas de Hölderlin (1934), traduções de Ovídio (1934) e de Virgílio (Gómez Ledo 1933), 1 tradução, por Otero Pedrayo, de G. Chenneviére (1929; 1930), 1 tradução para italiano de Celestino García Romero (1931) e de Manuel Curros Enríquez (1933), e ainda 2 composições de poetas não-galegos (Gabriel y Galán 1926; Guimerá 1929).

2.5. O CORPUS POÉTICO DA SAUDADE: DELIMITAÇÃO PARA ANÁLISE

Na totalidade, publicam-se, ao longo da quase centena e meia de números, 59 poetas galegos, num total de 147 poemas. Entre os que contam com mais de uma publicação, encontramos os seguintes, por ordem decrescente:

Fermín Bouza-Brey (1922; 1926a e b; 1927a e b; 1928a e b; 1929; 1930a e b; 1931a, b e c; 1933a e b)	15
Ricardo Carvalho Calero (1928a e b; 1929; 1930; 1931a e b; 1932a e b; 1933a e b; 1934a; 1935)	12
Aquilino Iglesia Alvariño (1931a e b; 1932a e b; 1933a; 1934a e b; 1935)	8
Gonzalo López Abente (1921a; 1922; 1926; 1927; 1929; 1931; 1935)	8
Ramon Cabanillas (1921; 1925a; 1926a; 1930; 1931a, b e c)	7
Augusto Maria Casas (1925b; 1926a e b; 1933a; 1934a e b; 1935a)	7
Xosé Otero Espasandín (1926; 1927; 1928a; 1932a e b; 1933; 1935)	7
Eduardo Blanco Amor (1922; 1923; 1926; 1929; 1930; 1933)	6
Victoriano Taibo García (1921a e b; 1922a; 1928a e b)	5
Juan Armada y Losada Figueroa (1920; 1925; 1926; 1931)	4
Xosé Luis Parente (1932; 1933a e b; 1935)	4
Amador Villar Amor (1921; 1922; 1925; 1930)	4
Xosé Maria Cabada Vázquez (1931a, b e c)	3
Álvaro de las Casas (1925a; 1927; 1931a)	3
Antonio Couceiro Freixomil (1925; 1927; 1928)	3
Xabier Prado (1920; 1921; 1923)	3
Roberto Blanco Torres (1929; 1930)	2
Alfonso Castro Dono (1931; 1932)	2
Álvaro Cunqueiro (1933a; 1934)	2
Euxenio Montes (1927; 1929)	2
Luis Pimentel (1935a e b)	2
Eduardo Pita (1931; 1932)	2
Xohán Luis Ramos Colemán (1934a e b)	2

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Xulio Sigüenza (1928a e b)	2
Antón Zapata García (1927; 1931)	2

Tabela 4 - Poetas com mais de um poema publicado na revista Nós

Por um lado, é de sublinhar que estes nomes representam quase metade (45,45%) da totalidade de poetas que publicam na revista *Nós*. Os restantes poetas contam com uma só publicação: Manuel Luis Acuña (1933a), Xerardo Álvarez Limeses (1931), Luis Amado Carballo (1928a), Xesús Bal y Gay (1931), Lisardo Barreiro (1926), Manuel Bouzo (1930), Johan Carballeira (1931), Xosé Maria Castaño Priegue (1935), Xosé Maria Castroviejo (1931), Evaristo Correa Calderón (1930), Gabino Díaz de Herrera (1931), Serafín Ferro (1935), Ánxel Fole (1935), Ricardo Frade Giráldez (1935), Xosé Maria de la Fuente Bermúdez (1931), Francisca Herrera Garrido (1931), Manuel Lugrís Freire (1926), Emilio Mosteiro (1928), Arturo Noguerol Buján (1929), Antonio Noriega Varela (1926), Ramon Otero Pedrayo (1927), Aníbal Otero (1932), Rafael Pazos Jiménez (1932), Paulino Pedret Casado (1932), Xosé Pereiro Carrón (1932), Eduardo Pondal (1935), Avelino Rodríguez Elías (1928), Eladio Rodríguez González (1927), Xosé Velo Mosquera (1935) e Juan Vidal Martínez (1931).

Por outro, não deixa de ser sintomático que as composições poéticas daqueles que publicam mais de um poema ronde os 80%, como se pode ver pelo seguinte gráfico:

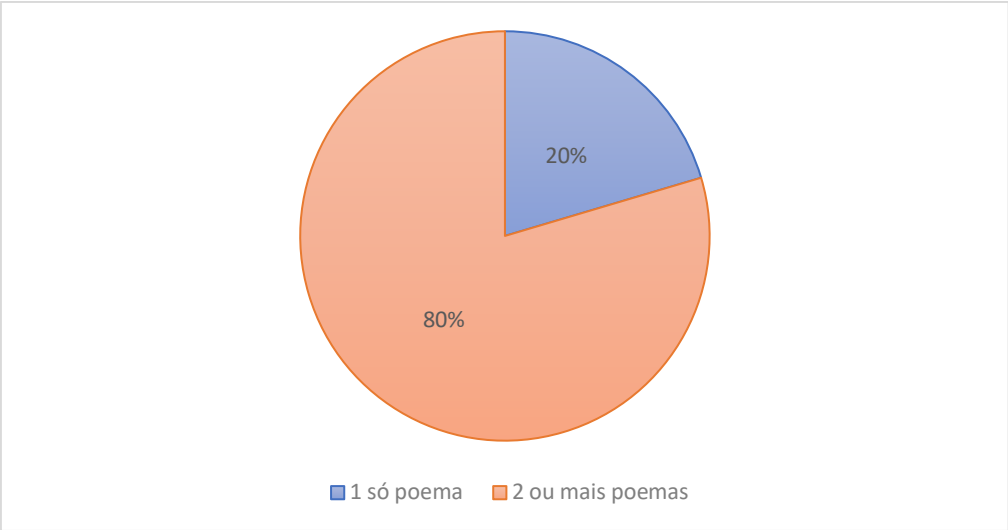


Tabela 5 - Percentagem de poetas de acordo com o número de poemas publicados

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Ora, se considerarmos a idade que a totalidade destes poetas tinham/teriam, em 1935, percebemos que a média ronda os 61 anos de idade, como se pode ver pelo seguinte gráfico:

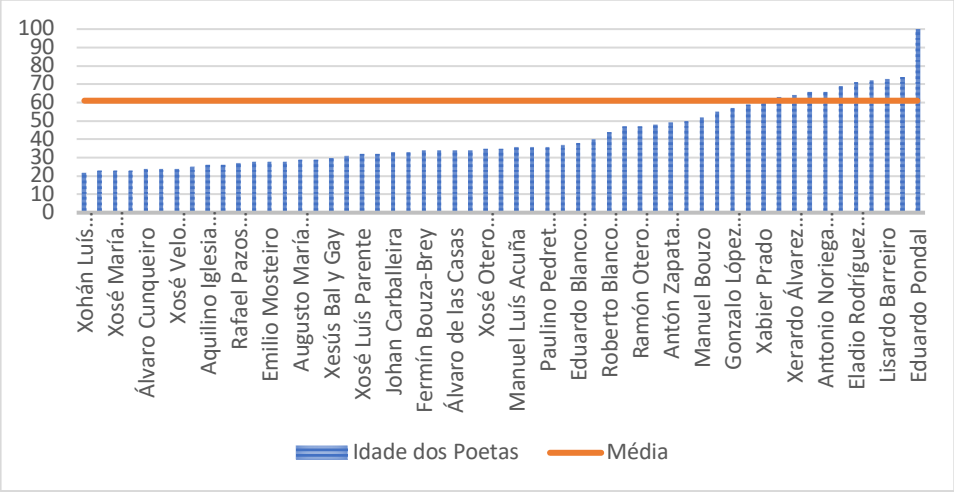


Tabela 6 - Idade/média Etária dos Poetas

Contudo, se pensarmos na média de idades dos que vêem publicados mais de dois poemas, face àqueles que contam somente com uma composição poética, encontraremos valores distintos. As duas seguintes tabelas ilustram esses dados:

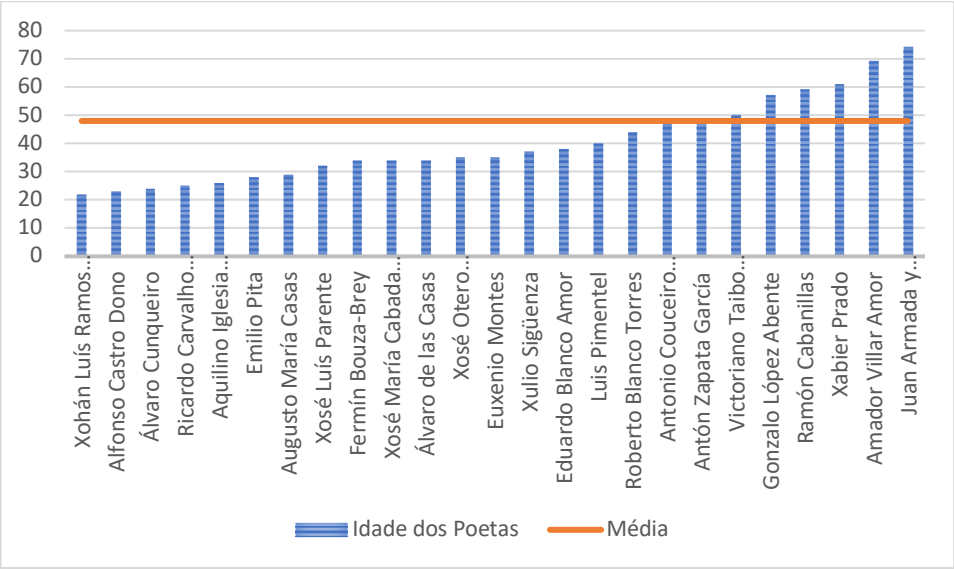


Tabela 7 – Idade/Média etária dos Poetas com mais de um poema

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

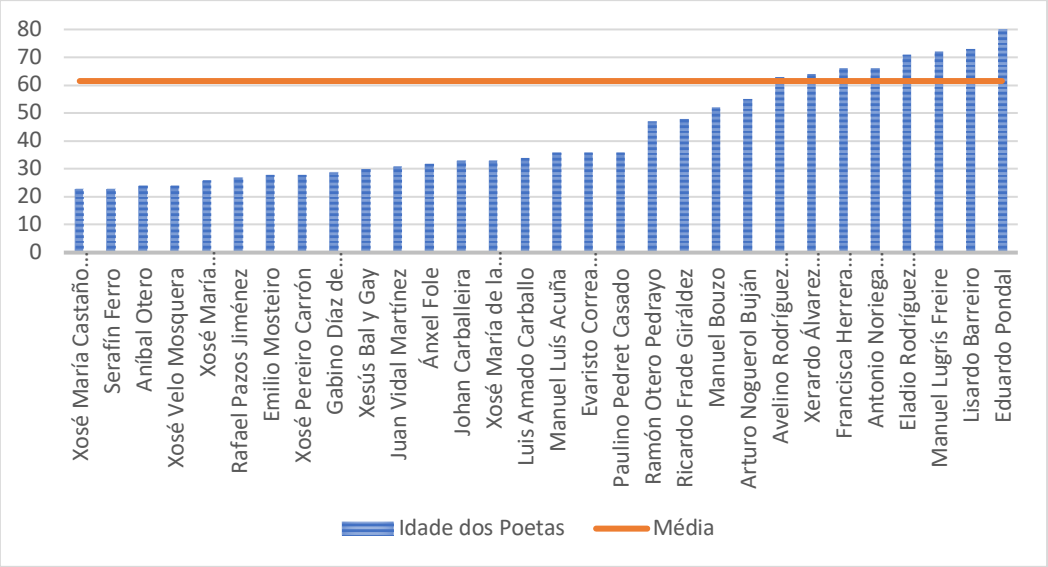


Tabela 8 - Idade/Média etária dos poetas com um só poema

Portanto, se a média total ronda os 61 anos de idade, basicamente coincidente com a média de idades (61,50) dos que somente publicam um poema, já no caso daqueles que vêem publicados mais de um poema, a média etária reduz para 48 anos de idade, significando isto que 80% da poesia publicada na revista *Nós* é tendencialmente de autoria mais jovem.

Observemos, neste momento, a cadência da publicação de poesia na história da revista:

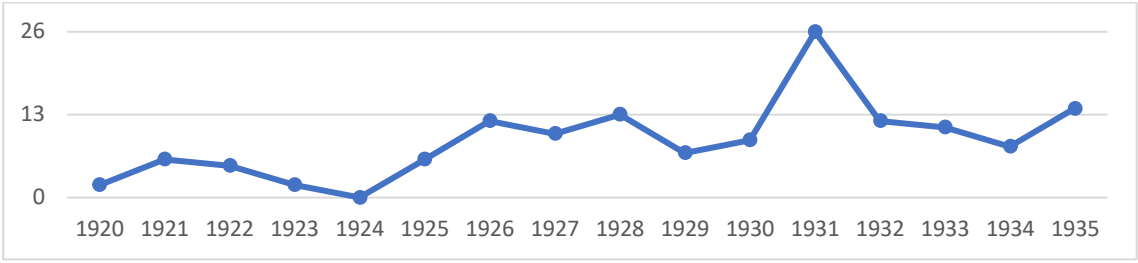


Tabela 9 - Número de poemas publicados na revista "Nós" (1920-1935)

É interessante notar que os primeiros anos, em direcção distinta da apontada por algum estudo (Valiente Fernández 2007, p. 257)[52], são aqueles em que menos poesia se publica. Já não é de

[52] A autora do artigo sustenta a tese de que os 18 primeiros números são marcadamente mais literários do que os restantes, de carácter mais científico. Parece-nos que, independentemente do que possa sustentar essa convicção, a presença da literatura na revista é relativamente constante ao longo de toda a sua vida, e nem por isso os primeiros

estranhar, contudo, a linha descendente que se observa entre 1923 e 1924, coincidente com o início de Ditadura e que se prolongaria até 28 de Janeiro de 1930. Na verdade, é de recordar que, entre os números 18 [1 de Julho de 1923] e 19 [25 de Julho de 1925], há um hiato temporal de dois anos (Carvalho Calero 1981, p. 635). Tratou-se da brusca interrupção que o novo regime potenciou (Tarrío 1994, p. 203).

A este respeito, é de recordar que, a 18 de Março de 1926, Teixeira de Pascoaes envia uma carta a Vicente Risco congratulando-se pela reanimação da revista *Nós*: "Logo que eu chegue a Amarante, enviarei colaboração minha para a Nós. Ainda bem que ela reaparece animada de nova vida! Ainda bem!" (Pascoaes & Risco 2012, p. 227). A esta carta responderá Risco, em 15 de Abril do mesmo ano, dando nota do silêncio imposto pela ditadura:

> Mestre e amigo:
> Supóñoo de volta en Amarante. A sua resposta deume moita ledicia, ô ver que voltaban os bós tempos, que teñen que voltar de todo. Hoxe, embora en aspeutos moi importantes – ainda das nosas relaciós – o silenzo sexa forzoso, faise eiquí moito labor e temol-a terra millor abonada que hau anos. (Pascoaes & Risco 2012, p. 127)

Porém, retomada a actividade da revista após dois anos de página em branco[53], a intensidade de publicação de poesia sofre uma inflação significativa, logo entre 1925 e 1926. Estes valores

números são mais intensos literariamente do que os restantes. Incluiremos nos valores que em seguida apresentamos tudo o que possa ser assumido como pertencente ao campo literário (poesia, prosa, crítica e ensaio):

Presença da literatura na revista *Nós* (1920-1935)

1920	1921	1922	1923	1925	1926	1927	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
10	19	20	11	17	34	28	27	19	28	37	20	21	20	20

[53] A abertura do número 19 (A.N.I. 1925, p. 1) dá nota da interrupção e da reanimação, sublinhando a permanência dos princípios afirmados no número 1: "O Dia de Galiza do ano de 1923 pubricouse o número 18 de NÓS que moitos habían pensar, despois, se cadra, que fora o derradeiro. Dous anos xustos, a contraria sorte tivo parada a nosa obra, que tan pacenzudo esforzo e tan duro sacrifizo nos custara, sem que n-illes deixáramos por um istante esmorecel-a arela do seu Rexurdimento. A nosa fé volveu obral-o milagre, e NÓS volta outra vez a vida, hoxe, Dia de Galiza de 1925. Non precisamos unha nova decraración de principios, porqu'a mesma concencia da sustantividade espirtual de Galiza – "categoria eterna" trascendente, criadora dos feitos, pra semprevividoira e inmorrente – esta mesma concencia de xurdia certidume qu'outrora nos trouguera à luz, é a qu'agora nos sirve de guieiro. [...] Por iso volve NÓS no Dia de Galiza, n-iste Dia de recollido pensar e de religiosa Lembranza. Poida nosso traballo de posiritiva construción engebre, espilir ôs adormentados, quentar ôs tépedos, soster ôs duvidosos, recadal-o esforzo de todos pra Grande Obra común do ergumento da «nosa» cultura. E co-esta fé fortemente aniñada no peito, repetimos como en 1920: «Pra ledicia de todos e pra enseño de moitos, sai hoxe NÓS»".

mantêm-se relativamente estáveis até 1935, com duas excepções: por um lado, o não muito significativo abrandamento entre 1929 e 1930; por outro, o aumento muito intenso de 1931[54]. Este aumento deve-se sobretudo ao facto de, em 1931, ser publicado um número inteiramente dedicado à poesia, com o motivo do Dia da Galiza (A.N.I. 1931), no quadro do início da Segunda República (Beramendi 1997, pp. 49-62; Beramendi 2007, pp. 773-846; Grandío Seoane 2010), que apresentava notas de entusiasmo, depois de sete anos da ditadura de Primo de Rivera. Durante esse período (1923-1930), a aposta na galeguização da cultura e, em particular, na criação literária constituiu um lugar de activação peculiar da consciência nacional:

> Política e cultura compleméntase en todo intre na vida do nacionalismo. E aínda que a primeira é o factor decisivo no seu devir, o desenvolvemento cultural acapara unha porción considerábel das enerxías galeguistas e é neste eido onde se obteñen os mellores froitos, sobre todo nos anos vinte, cando a Ditadura impón unha forzada inactividade política que concentra todo o quefacer nun vizoso labor intelectual e creativo, gracias ao cal podemos falar sen esaxeración dun segundo rexurdimento que deixa pequeno en todo ao primeiro, pois agora xa non gravita só sobre a poesía e o folclore, senón que fai madurecer tamén a prosa literaria e case todos os eidos das ciencias humanas e das artes. (Beramendi & Núñez Seixas 1996, p. 134)

Em todo o caso, a poesia cobra ainda grande importância.

Recorde-se que o n.º 91 da revista *Nós*, publicado a 25 de Julho de 1931, é o quarto que sai a lume depois da proclamação da II República, que se dá a 14 de Abril de 1931, e pouco mais de um ano depois da queda do regime de Primo de Rivera. Devemos lembrar que, ao contrário de todos os outros números que se publicam invariavelmente no dia 15 de cada mês a partir de 1925 até 1933, constitua uma excepção o mês de Julho, que o publica, neste arco temporal, ao

[54] Observe-se como 1925 e 1926 publicam mais poesia (18 poemas) do que os quatro primeiros anos (15 poemas):

Distribuição da poesia publicada na revista *Nós* (1920-1935)

1920	1921	1922	1923	1925	1926	1927	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
2	6	5	2	6	12	10	13	7	9	26	12	11	8	14

É certo que 1920 e 1923 são anos que, do ponto de vista editorial, funcionam como um semestre cada, tal como 1925, mas sendo 1921 e 1922 anos completos, o termo de comparação imediato tem de ser, necessariamente, o ano de 1926.

dia 25, dia da Pátria Galega[55]. Se o recordamos, fazêmo-lo por considerarmos que festividade nacional e poesia são dois capitais simbólicos que convergem num mesmo momento, à hora de um renovado entusiasmo galeguista.

Consideremos tão somente os números publicados entre a proclamação da II República e o Dia da Galiza do ano de 1931. O primeiro número desses meses publica-se exactamente um dia depois da proclamação, a 15 de Abril, com apenas um poema de Ramón Cabanillas (1931c), e um total de 22 páginas; o segundo, a 15 de Maio, com um poema de Fermín Bouza-Brey (1931c), e um total de 18 páginas; o terceiro, a 15 de Junho, com outro poema de Ramón Cabanillas (1931a), e 22 páginas; por fim, o quarto número, publicado a 25 de Julho, apresenta 19 poemas, num total de 19 páginas.

Tenhamos também em conta a frequência de publicação de poesia até ao último número de 1931; a 15 de Agosto, publica-se 1 poema (Cabada Vázquez 1931a); a 15 de Setembro, encontramos 1 poema (Pita 1931); a 15 de Outubro, é publicado 1 poema (Cabada Vázquez 1931b); a 15 de Novembro, não se publica qualquer poema; e finalmente, a 15 de Dezembro, somente 1 poema (Carvalho Calero 1931b).

O seguinte gráfico demonstra bem, dentro do próprio ano de 1931, uma nítida desproporção:

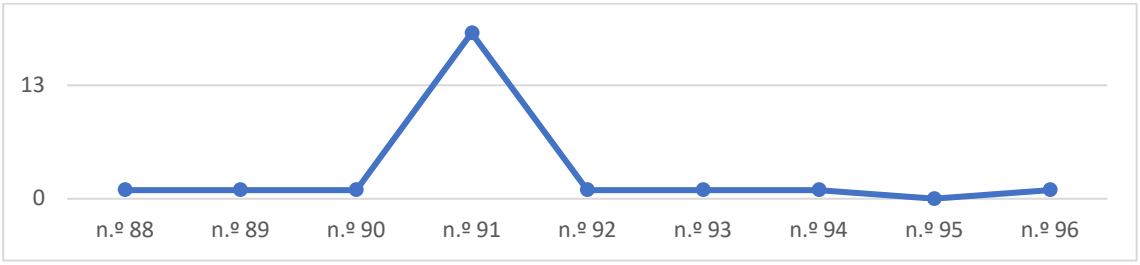


Tabela 10 - Número de poemas publicados nos números imediatos à proclamação da II República (nn. 88-96)

[55] Aprovado na II Assembleia das Irmandades da Fala, em Novembro de 1919, na cidade de Santiago de Compostela: "26.ª Celebración da festa do emigrante o día de Santiago, cruzándose cartas, postaes, telegramas e cablegramas, que sirvan para estreitar os lazos entr'os galegos da metropoli e os que teñen residenza nas nosas numerosas colonias sem bandeira" (A.N.I. 1919, p. 1). A este respeito, Justo Beramendi afirma o seguinte: "Cumprindo co seu propósito de ser «práctica», a Asemblea aprobou nada menos que 38 conclusións pontuais e unha ratificación do programa de Lugo. Comentadas xa na nosa análise dos programas, lembremos só a que establecía, nun claro triunfo do sector católico sobre o laico, a festividade nacionalista o 25 de xullo, día do Apóstolo Santiago" (Beramendi 2007, p. 664).

Além desta evidente diferença, no quadro dos acontecimentos imediatos à proclamação da II República, é também clara a diferença de todos os números da revista publicados a 25 de Julho, entre 1925 e 1933: o n.º 19, de 25 de Julho de 1925, não publica nenhum poema; o n.º 31, de 25 de Julho de 1926, publica 6 poemas (Barreiro 1926; Casas 1926a; Díaz de Herrera 1926; Figueroa 1926; Otero Espasandín 1926; Noriega Varela 1926); o n.º 43, de 25 de Julho de 1927, não publica qualquer poema; o n.º 55, de 25 de Julho de 1928, publica 1 poema (Carvalho Calero 1928b); o n.º 67, de 25 de Julho de 1929, publica somente 1 poema (Blanco Amor 1929); o n.º 79, de 25 de Julho de 1930, publica 2 poemas (Bouza-Brey 1930b; Blanco Torres 1930); o n.º 91, de 25 de Julho de 1931, publica 19 poemas (Álvarez Limeses 1931; Bal y Gay 1931; Bouza-Brey 1931a; Cabada Vázquez 1931c; Cabanillas 1931b; Carballeira 1931; Carvalho Calero 1931a; Casas 1931a; Castro Dono 1931; Castroviejo 1931; Díaz de Herrera 1931; Figueroa 1931; Fuente Bermúdez 1931; Herrera Garrido 1931; Iglesia Alvariño 1931a; López Abente 1931; Pita 1931; Vida Martínez 1931; Zapata García 1931); o n.º 103, de 25 de Julho de 1932, não publica poesia; por fim, o n.º 115, de 25 de Julho de 1933, publica 3 poemas (Acuña 1933a; Bouza-Brey 1933a; Carvalho Calero 1933b).

O seguinte gráfico ilustra bem, uma vez mais, uma certa desproporção:



Tabela 11 - Número de poemas publicados nos números correspondentes ao "Dia da Galiza" na revista Nós (1925-1933)

Sabemos que o 25 de Julho de 1931 foi um momento de peculiar exaltação galeguista. Bastaria ver como, nesse mesmo dia, foram assinaladas as festividades nalgumas páginas dos diferentes periódicos de então, entre notícias, comentários políticos e também poemas publicados: A.I.F., 1931; A.N.I. 1931a; 1931b; 1931c; 1931d; 1931g; Blanco Torres 1931; Cabada Vázquez 1931e; Cabanillas 1931d; Cabeza de León 1931a; 1931b; Carvalho Calero 1931; Casas 1931c; 1931e; Casas 1931f; Casas 1931g; Castro 1931; Curros Enríquez 1931; Delgado Gurriarán 1931; Florencio 1931; Lamas Carvajal 1931; López 1931; López Abente 1931b; López Cuevillas

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

1931; Lugrís Freire 1931; Noriega Varela 1931; Otero Pedrayo 1931c; Pepiño 1931; Rodríguez 1931; Rodríguez González 1931; S.M. 1931; Salgado 1931. Estas referências foram recolhidas de 10 periódicos[56] que, no dia 25 de Julho de 1931, tinham saído do prelo: *Galicia-Diario*, *La Zarpa*, *El Compostelano*, *A Nosa Terra*, *Ideal Gallego*, *La Región*, *Voz de la Verdad*, *El Progreso*, *El Pueblo* e, naturalmente, *Nós*, das quais sete publicaram algo sobre o Dia da Galiza, nada se registando em *La Región*, *El Progreso* ou *El Pueblo* (30%).

Cremos necessário sublinhar ainda que, dos 70% de periódicos que têm alguma referência, dois deles – o *Ideal Gallego* e a *Voz de la Verdad* (28,57% dos que fazem alguma referência) – situam-se em perspectiva não do nacionalismo galego, mas espanhol, em que a unidade da Pátria se entende como a unidade de Espanha (A.N.I. 1931b), em nítida rota de colisão com o nacionalismo galego, mas também com a própria proclamação da II República, como se pode perceber pelo seguinte texto:

> No son propicias las circunstancias actuales para que los católicos gallegos celebren con alegría la festividad del Apóstol Santiago.
> Graves peligros amenazan la obra que evangelizador de España fundó en nuestra tierra. Tampoco el horizonte de la Patria se presenta limpio y despejado. Como católicos, como españoles y como gallegos sentimos en esta hora grandes preocupaciones.
> Para que tan caros valores espirituales no sufran quebranto, trabajaremos sin tregua ni descanso y alentaremos a nuestros amigos a que tomen parte en la noble empresa; nuestras armas serán la legalidad y el sacrificio, y con arreglo a ellas nos moveremos; y nos moveremos como hombres libres, conscientes de sus deberes, que sin desdeñar las resoluciones heroicas más fían en la pequeña, pero constante labor de cada día, que en los aparatosos y espectaculares gestos repentinos.
> Pero confesamos, nuestra fe nos obliga a ello, que todos nuestros esfuerzos son muy poco cosa si no los animan motivos espirituales no los alientan y vivifican las bendiciones del cielo. En esta fecha solemne hacemos un alto en nuestra labor, nos postramos ante la imagen veneranda del Apóstol, nuestro Apóstol, y rebosando el corazón amor a España y a Galicia le suplicamos interponga su valiosísima mediación para que nuestra tierra siga siendo la nación católica por excelencia, para que no caigan sobre la patria los horrores de la descristianización y de la ruina.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[56] Fonte: https://biblioteca.galiciana.gal.

> Confortados con la esperanza, seguiremos animosos nuestro camino, gritando: ¡Viva el Apóstol y cuanto significa! ¡Viva España! ¡Viva Galicia! (A.N.I. 1931f, p. 1)

Não obstante a desconfiança e oposição manifestos, em periódicos resistentes ao galeguismo e ao republicanismo[57], a maioria dos periódicos publicados no dia 25 de Julho de 1931 e que fazem alguma referência ao Dia da Galiza (57,14%) manifestam um sentimento de esperança, alentado pela aurora da II República.

A primeira página d'*A Nosa Terra* assim o confirma:

> Estamos novamente diante d'un Día de Galicia que este ano amóstrasenos revestido d'uns caraiteres que até agora non tivera.
> Coincide co funcionamento da Asambreia Constituinte de onde sarián a nova lei estatal e as autonomía rexionais. Decimos sairán porque temos confianza en que ollada a realidade da vida hespañola e as demonstracións feitas por casi todal-as nacionailidades hispánicas no senso de conquerir agora a súa autonomía parécenos que o bon senso impoñerase nos homes que están chamados a facer a nova Constitución, e os problemas rexionaes ficarán resoltos en aras da maior eficacia para o Estado hespañol e da necesidade de non perder esta ocasión de construir unha Hespaña legal e verddadeira, fundamentada nas naturaes nacionalidades que a constituien perfeitamente libres e federadas. Si así non fora non tería a Repúbrica a eficacia propia do momento e defraudaría as esperanzas que n'ela teñen depositado os pobos peninsulares. Ademáis de que sería de funestos resultados para a Repúbrica e para a mesma Hespaña non deixar agora definitvamente arranxado este problema que é o mais importante de cantos autualmente están prantexados. Depende d'ese feito o que a Hespaña sexa o que debe ser, un Estado grande, europeo e moderno, que cumpra a súa misión histórica ou que continúe pol-os mesmos vieiros trabucados e de resultados tan desastrosos dos tempos da desparecida monarquia centralista.
> Hespaña non pode, sinon é suicidándose, desaproveitar esta hora histórica para reconstruirse debidamente, con arregro â súa constitución natural e verdadeira. E si Hespaña seguira o camiño trabucado, Galicia que quere vivir, que arela ser libre e

[57] Recorde-se que *Ideal gallego* e *Voz de la Verdad* são diários assumidamente católicos. Um outro periódico, onde encontramos também alguma referência, é o *Compostelano*. Neste último caso, praticamente só se encontram textos de natureza devocional jacobeia, deslocando o centro de atenção para a figura de São Tiago.

> universalizarse, tería que ourentar a súa vida deica hourizontes mais amplos salvándose do naufraxio indefectibel do Estado Hespñol. Esta é a verdade urxente do momento autual.
>
> Os galegos non negamos a nosa colaboración para facer unha España nova, mais si España quere perderse os galegos salvaremos a Galicia contra todo e contra todos.
>
> ==
>
> No Día de Galicia do ano 1931, no que está ventilándose o porvir da nosa terra. A emoción que sempre sentimos no día da nosa festa nacional té de axigantarse de xeito extraordinario pol-o decisivas que son as horas autuaes e tamén pol-a responsabilidade que os nacionalistas temos contraguido co-a Terra.
>
> Fumos nós quenes creamos o ambente galeguista que hoxe respírase en Galicia. Nós fumos quenes maxinamos e estructuramos unha Galicia nova e libre. Por eso agora que a nosa idea patriótica pode acadar posibilidades de feito o noso corazón brinca mais emocionado que nunca e temos ante os ollos, con toda a súa crudeza, a responsabilidade da labor realizada e da nosa autuación futura.
>
> Días de loita, de preocupación e de traballo intenso, e poida que tamén de perigo, avecíñanse para nós.
>
> N-este día renovamos o xuramento feito diante do altar da Nai Terra dispóndonos rexamente, patrióticamente, a chegar a onde sexa necesario para ollarmos realizado o noso pensamento plasmado n'unha Galicia libre para o que non podemos negar ningunha crás de sagrificios.
>
> Pol-a salvación da nosa Patria xuremos hoxe cumprir cos deberes que as circunstancias nos impoñan. (A.N.I. 1931a, p. 1)

Em *Galicia: diario de la mañana*, podemos ler, logo na primeira página: "Hoy, enterrado definitivamente el caciquismo, expulsadas del santuario de las leyes aquellas castas hereditarias que monopolizaban nuestra representación [...], saludamos con alborozo «la venida de la rosada aurora» de nuestra redención" (López 1931, p. 1).

E não menos importante, em *La Zarpa*: "El pueblo de Orense no puede dejar pasar esta ocasión sin asociarse al movimiento unánime de exaltación regional que en el Día de Galicia conmueve a todos los hijos de nuestra tierra y sin manifestar su sincero entusiasmo por la causa de Galicia y por la causa de la República" (A.N.I. 1931d, p. 1).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Ora, o texto que abre o nº 91 (A.N.I. 1931e) é expressivo de um tal entusiasmo e não apresenta quaisquer dúvidas sobre a importância da poesia, como capital simbólico e lugar privilegiado para a reactivação da consciência nacional galega:

> A festa de Galicia, sonora sobre toda cousa, esperta os carrillóns da terra, en roda, iste ano, como nunca, rebuldeiros. Un estrano boureo anunza o agromar de durmidas profecías nos beizos do oráculo da Galicia plena. Conmóvense as língoas dos metaes nobres do esprito en fortes himnos trunfás e os paxaros das emozóns gardadas nas verbas fecundas óuvense cinir nos ares mestros de arumes montesíos e salgadas esenzas mariñeiras. Galicia toda é un corazón a tremer esprazando e o "NÓS" arrecadando en feixe eterno as tubas dos Poetas ceiba n-estas páxinas as notas supremas da nosa lírica que vai xigantesca, mundo adiante, deitando o tema inmenso:
>
> ¡¡¡ GALICIA, GALICIA, GALICIA!!!

Neste número, são publicados os seguintes poemas:

1. *Cantiga cívica*	Fermín Bouza-Brey
2. *Estatua*	Jesús Bal y Gay
3. *Romances da frebe*	Ramón Cabanillas
4. *No día de Galicia*	Xosé Manuel Cabada Vázquez
5. *Epitalamio*	Ricardo Carvalho Calero
6. *Vai agonizar o día*	Alfonso Castro Dono
7. *Noroeste*	Xosé María Castroviejo
8. *Salaio*	Álvaro de las Casas
9. *Mariñeira do vento*	Johan Carballeira
10. *Cantarela d'amor*	Antonio Díaz Herrera
11. *Cantigas da noite*	Xosé María Fuente Bermúdez
12. *Igrexa feita*	Juan Armada y Losada Figueroa
13. *Invocazón*[58]	Avelino Gómez Ledo

[58] Trata-se de uma tradução de *De rerum natura* de Lucrécio.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

14. A nosa nai Galiza	Francisca Herrera Garrido
15. In angore gaudium...	Aquilino Iglesia Alvariño
16. Solpor	Gonzalo López Abente
17. Nouturnio	Juan Vidal Martínez
18. ¡Chove!	Xerardo Álvarez Limeses
19. Traineros de Laxe	Antón Zapata García

Tabela 12 - Poemas publicados no n.º 91 (1931)

Bem observada, a inflação antes aludida está fundamentalmente concentrada no número 91, que cremos estar nitidamente ancorada às esperanças que proclamação da II República trazia. Ora, uma vez que se trata de um número que se dedica exclusivamente à publicação de poesia, cremos poder funcionar, além de manifestar a consciência da importância da poesia para causa galeguista, como uma boa amostra da convergência das pluralidades geracionais e poéticas de que a revista *Nós* é um bom exemplo, aplicável, com as devidas salvaguardas, à totalidade das opções editoriais de poesia no tempo de vida da publicação.

Nascidos antes de 1900	**Nascidos depois de 1900**
Ramon Cabanillas	Fermín-Bouza-Brey
Juan Armada y Losada Figueroa	Xosé Manuel Cabada Vázquez
Avelino Gómez Ledo	Ricardo Carvalho Calero
Francisca Herrera Garrido	Alfonso Castro Dono
Gonzalo López Abente	Xosé María Castroviejo
Gerardo Álvarez Limeses	Álvaro de las Casas
Antón Zapata García	Johan Carballeira
	Antonio Díaz Herrera
	Xosé María Fuente Bermúdez
	Aquilino Iglesia Alvariño
	Juan Vidal Martínez

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 13 - Poetas nascidos antes e depois de 1900

Entre os que mais presença têm ao longo de toda a publicação, este número 91 contempla uma percentagem também relevante (> 50%) – Fermín Bouza-Brey, Ricardo Carvalho Calero, Aquilino Iglesia Alvariño, Gonzalo López Abente, Ramon Cabanillas, Juan Armada y Losada Figueroa, Xosé María Cabada Vázquez, Álvaro de las Casas, Alfonso Castro Dono e Antón Zapata García – o que nos faz pensá-lo, uma vez mais, como uma amostra representativa da atenção editorial à poesia na revista *Nós*.

Aqui, a média etária é exactamente coincidente com que aquela observada, há algumas páginas atrás, em relação aos à percentagem de poetas com mais de um poema publicado na revista, como se pode perceber pelo seguinte gráfico:

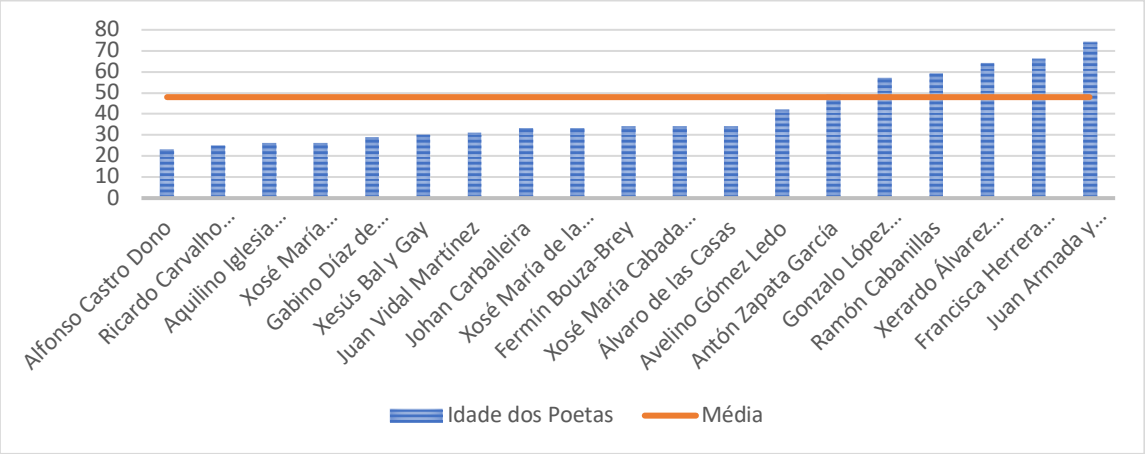


Tabela 14 - Idade/Média etária dos poetas do n.º 91 (1931)

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

3. A REVISTA “NÓS”: PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

A Revista *Nós* constituiu um espaço editorial de certa importância para a consolidação de uma nova sensibilidade literária galega. Não obstante a mais evidente referência, na historiografia literária galega (Vilavedra 1999, p. 174; Tarrío 1994, p. 204), à sua importância para o desenvolvimento da narrativa ficcional e não-ficcional, a poesia assumiu aqui um papel de relevo, marcada por preocupações estéticas e ideológicas, ancoradas a um afã por uma identidade literária nacional. O corpus poético da revista funcionou, assim, como uma instância normativa e estruturadora de um certo cânone, oferecendo acesso a uma constelação de autores e textos que, desde diferentes critérios de análise (crítica, fenómeno antológico e historiografia literária), viriam a ser coincidentes com o cânone que neles se detecta.

Neste sentido, cremos que a revista *Nós* terá funcionado como uma espécie de proto-cânone da poesia galega contemporânea, antecipando dinâmicas de legitimação e exclusão. As próximas páginas tratarão de analisar, precisamente, esses dados, a fim de validar ou não a hipótese de uma relação de homologia entre o corpus poético da revista e o cânone da poesia galega. Começaremos, assim, por observar a crítica literária e a recepção de poesia dentro da própria revista (3.1), passando pelo fenómeno antológico (3.2) e terminando no sistema educativo e na historiografia literária (3.3).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

3.1. CRÍTICA LITERÁRIA E RECEPÇÃO

Logo em 1931, assim afirma o Ricardo Carvalho Calero, em *Ollada encol da poesía lírica galega contemporánea*:

> Heime ocupar da poesía lírica galega contemporánea. E semella lóxico que denantes de nada, me interese por fixar a estensión do conceuto que abrangue o tituo da miña conferencia. Imos, pois, á analizalo verba por verba.
>
> Poesía. Ista voz tómase eiquí nun senso restrinxido. Poesía é a arte que ten a verba como meio de espresión. E a estruituración prosódica de ise meio non influe na esencia de aquela arte. Nista leición imos ocuparnos somentes da primeira distas dúas formas de poesía. [...]
>
> Lírica. Pouco é mester decir pra acrarar ista verba. A poesía galega nunca foi pródiga en froitos épicos. En canto â poesía dramática, coido que non existe. O que existe é o drama, o xénero escénico, que pode tratarse en verso ou en prosa, como en verso ou en prosa pode escribirse novela. E inda épica o é moito menos que a lírica. A poesía galega de hoxe é toda ela esencialmente lírica. A épica é un produto da infancia das culturas. A dramática un produto da súa maturidade. A lírica un frorecer sempiterno. Galicia xa pasóu de nena, pero inda é moza. Ademáis de que tén un esprito fundamentalmente lírico, o cal quezáis sexa siño de que sô a lírica poderá frorecer nela con verdadeira espontaneidade.
>
> Ô decir galega entendo, como é natural, a poesía escrita na nosa lingoa vernácula.
>
> En canto â verba *contemporánea*, a súa delimitación oferce indudabre interés. [...] Pra min o tempo de hoxe, a idade contemporánea, comprende aqueles poetas cuia arte supón un estadio de evolución definido con respeito ós tres grandes mestres do século XIX; Rosalía, Curros e Pondal. Os máis vello – cunha idade lírica – de ditos poetas son Cabanillas, Noriega Varela e Taibo. Aqueles outros cuia poesía é máis retrasada que a distes tres esgrevios artistas, non se poden chamar contemporáneos. Pertescen espiritualmente ó século XIX. E a verba *contemporánea* a emprego eu nun sendo ideal, nun senso cultural; non nun senso real. Querendo siñificar o propio dos tempos non o que nos tempos vive. (Carvalho Calero 1931d, pp. 52-53)

Neste excerto, Ricardo Carvalho Calero deixa claros alguns critérios sobre quem e o que traz à pena da sua crítica, por razões logicamente filológicas, mas também por ancoragem identitária, como se à galeguidade lhe assistisse naturalmente uma determinada vocação literária[59]: tratará

[59] Esta posição é parcialmente denunciada por Dolores Vilavedra, ao identificar o preconceito de Carvalho Calero em relação à narrativa ficcional: "A preferência de CC polas formas narrativas breves foi unha constante no seu labor crítico e estivo sempre estreitamente relacionada coas singularidades socio-históricas do nacimento e

de poesia (1) lírica (2), escrita em galego (3), balizada por um critério que constitua certa superação dos poetas do *Rexurdimento* (4) e que, portanto, se encontre em linha com o *Zeitgeist* próprio do que é contemporâneo, que é qualitativamente distinto daquilo que é coetâneo.

Além disso, não hesitará em denunciar a falta de boa crítica no sistema literário galego:

> É cousa crara que istas leicións diste ciclo galeguista sobre temas axeitados da Faculdade de Filosofía e Letras, deben representar unha laboura de investigación; deben ser froito granado de un estudo serio. Quero decir que o ensaísmo e o retoricismo non deben ter eiquí entrada. É preciso facer cencia; cencia erudita, non brilante; cencia ouxetiva. Mais é evidente que o presente, o de hoxe, pode ser, debe ser ouxeto de investigación científica. Por iso eu non dubidéi en falarvos da lírica galega contemporánea. Mais a laboura de erudición, nista leición miña, por forza ha de ser escasa. Teño que traballar direitamente sobre os poetas. Nada, ausolutamente nada estimabre hai escrito encol da poesía nosa aitual. A critica galega, patente en revista e diarios, é unha crítica inaproveitabre. Non temos críticos especializados en poesía. [...] O desexo de dar azos pra que se escriba en galego, e o feito da amistade que une a casi todol-os que utilizan a nosa língoa, restan todo valor de pureza e imparcialidade nas recensións que das nosas obras poética fai a prensa nosa. É, pois, o terreno pol-o que eu me adiante hoxe, terreo virxe, mare non sulcado. E por iso o aparato erudito, a cita, a referencia, non poden frorecer nista leición. (Carvalho Calero 1931d, p. 53)

Neste artigo, como depois em *Balance e inventario da nosa literatura* (Carvalho Calero 1932d), mas também na secção *Os homes, os feitos, as verbas* (Carvalho Calero 1932e; 1934e), o académico da universidade compostelana traz à luz alguns nomes e obras que, a seu modo, acabarão por fazer parte de um processo mais amplo de canonização da poesia galega.

Nomeia Ramón Cabanillas, Manuel Antonio, Fermín Bouza-Brey, Antonio Noriega Varela e Luis Amado Carballo (Carvalho Calero 1931d, pp. 53-54) para afirmar não só a ausência de escolas poéticas, como a "longuíssima distancia", mercê de "un individualismo exacerbado", entre alguns dos nomes citados, mas também para sublinhar o elemento aglutinador que crê estar na base de uma comunidade poética como a galega: "o esprito racial" (Carvalho Calero

desenvolvemento do xénero narrativo e da clara secundarización á que someteu este, en comparación coa poesía. Non debemos ignorar, á hora de orientar os seus critérios canonizadores, o peso dos elementos identitários sinalados dende Nós como característicos da cultura galega e que Carballo subscribiu explicitamente durante boa parte da súa andaina profesional" (Vilavedra 2020, p. 86).

1931d, p. 54). À falta de um denominador comum, poder-se-ia falar de anarquia, princípio da decadência (Carvalho Calero 1931d, p. 54). Mas o crítico literário não duvida em afirmá-la, apesar da sua pluriforme inscrição estética:

> Esiste ise aglutinante. Mais non é un influxo común ou unha comunidade de motivos ou de procedimentos. É algo moito máis fondo e máis perenne. É o esprito racial. Xa pasaron aqueles tempos en que so eran temas de canto os costumes labregos ou os fenómenos psíquicos e sociaes enxebremente nosos. Xa se pode cantar algo distinto da vaquiña e da morriña e a emigración. O campo de esprimentación da nosa lírica ten hoxe horizontes infinidos. Mais nos poemas de máis ecuménicos ares, lateza un sentimento galego indestrutibre. A galeguidade nos nosos poetas é unhas vegadas patente: os temas son galegos. Outras, é unha galeguidade que corre baixo os versos de máis universal asunto, como a saiba corre baixo a codia, invisibre â ollada, pero enchendo de vidalidade a arbre que rega, sosténdoa, sendo a causa eficiente do seu vivir. Hai dúas tradiciós líricas galegas. Unha que nacendo e morrendo cos Cancioeiros rexurde en Bouza Brey. Outras que xurdindo nos Precursores e pasando por Pondal perpetúase en Cabanillas. Ben natural é que os versos dos que oxe representan isas tendencias non proceden de ningunha disas dúas estirpes, senón que labouran con procedimentos importados de outras literaturas. Pois ainda istes poetas ostentan un podeiroso esprito galego, e os seus versos non semellan traducidos de istranos idiomas. (Carvalho Calero 1931d, p. 54)

Afirma ainda que, na pluralidade de vozes poéticas, há certa convergência que outorga estrutura à lírica galega sobre a qual se debruça, e que não hesita em enraizar num dos elementos mais poderosos em perspectiva de um cânone *in fieri*: a tradição medieval, que renasce no neotrovadorismo (López 1997; Bernárdez 2008). Mas não ignora a importância da tradição romântica, que vê em clara ressonância na poesia de Victoriano Taibo García, nem a complexa relação com outros sistemas literários, como o castelhano e o seu modernismo que reverbera em Ramón Cabanillas ou o português, que encontra eco na poesia de Antonio Noriega Varela, referentes identitários de negação-oposição e integração (Beramendi 2007, pp. 561-590): Não deixa de assinalar, porém, o incontornável Manuel Antonio e a sua aproximação ao "esprito europeo de vangarda" (Carvalho Calero 1931d, p. 54). Menciona também Xulio Sigüenza e Emilio Mosteiro. A respeito não só dos poetas mencionados, debruça-se sobre os seguintes poemas:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A rosa que sangra	Ramón Cabanillas
Toda humilde belleza	Antonio Noriega Varela
Noivados	Victoriano Taibo García
Descordo pra bem muiñar	Fermín Bouza-Brey
O Galo	Luis Amado Carballo
Tornan as vacas para a aldea	Álvaro de las Casas
A estrela deconecida	Manuel Antonio

Tabela 15 - Poemas e poetas considerados por Carvalho Calero (1931d)

À excepção de Manuel Antonio, que nunca publica em *Nós*[60], os restantes levam publicados, já à data, algumas composições poéticas na revista (Cabanillas 1921; 1925a; 1926a; 1930; Noriega Varela 1926; Taibo García 1921a; 1921b; 1922a; 1928a; 1928b; Bouza-Brey 1922; 1926a; 1926b; 1927a; 1928a; 1928b; 1929; 1930a; 1930b; Amado Carballo 1928a; Casas 1925a; 1927), encontrando-se somente duas já aí publicadas (Taibo García 1928a; Bouza-Brey 1928b), dado que nos permite avançar com duas leituras: (1) Carvalho Calero inicia o processo de canonização autoral de seis poetas que integram o corpus poético de *Nós*, (2) mas não cede à apetecível e relativamente fácil repetição dos textos que a revista, com que colabora, acolhe.

Um ano e meio depois, a 15 de Dezembro de 1932, incluirá outros nomes como os de Augusto Maria Casas, em referência a *O vento segrel*, Eduardo Blanco Amor e o seu *Poema en catro tempos*, e Álvaro Cunqueiro, com *Mar ao norde* (Carvalho Calero 1932d, p. 222), ao mesmo tempo que anuncia os livros a sair a lume em 1933, e que afirma já conhecer: *Não senlleira*, de Fermín Bouza-Brey; *Corazón ao vento*, de Aquilino Iglesia Alvariño; e *Poemas do sí e do non*,

[60] Talvez se explique pelo que afirma Anxo Tarrío, ao escrever que Manuel Antonio também "tiña que se declarar ferozmente individualista nun medio totalmente virado cara á valoración do colectivo. Tiña en fin, que facer a súa aventura poética practicamente en solitário, afirmándose na idea de que a mellor maneira de servir á literatura e, xa que logo, ó seu país, consistia en sincerarse consigo mesmo, anque nesa autoafirmación caesen das súas peañas ideas xa moi consagradas e valores que se sentían como inamovibles e definidores do ser galego e nacionalista" (1994, p. 251). Também em *Literatura Galega. Séc. XX* pode ler-se o seguinte: "Como proba da actitude crítica coas xeracións anteriores acostúmase a citar case en exclusiva o exemplo do manifesto "¡Máis alá!", no que se ataca o «noxento ruralismo» e mesmo se ironiza coa a relevancia das figuras do Rexurdimento. [...] Proba de que estes ataques non foron unha simple anécdota é o feito de non chegar este importante poeta a colaborar en ningún número da revista *Nós*, órgano por excelencia da cultura galega dos anos 20" (Bernárdez et al. 2001, p. 113).

de Álvaro Cunqueiro (Carvalho Calero 1932d, p. 223). Contudo, começa por, neste pequeno ensaio, chamar a atenção para a complexidade do fenómeno da galeguización da Galiza que, segundo o seu juízo, parece ter dificultado o "frorecer numeroso das letras" (Carvalho Calero 1932d, p. 222), afirmando: "Cáxeque todo o máis granado dos escritores galegos andivo atafegado en tarefas parlamentarias, organizacións políticas é culturás, conferencias de divulgación cultural e política, que lles impidiron consagrarse asiduamente ao cultivo da sua arte peculiar: a arte de escribir" (Carvalho Calero 1932d, p. 222). Cremos que talvez a proclamação da II República, em 1931, e o renovado entusiasmo galeguista que potenciou, tenha provocado o efeito contrário àquele despoletado pela Ditadura de Primo de Rivera:

> O advenimiento da Dictadura de Primo de Rivera, que de principio desperta esperanzas nun esfarelamento do sistema caciquil e na solución do problema das autonomias, creba esas dúas efémeras experiencias paralelas e afunda todo o galeguismo nunha hibernación política que o obriga a acollerse de novo nas actividades culturais e intelectuais e a manter a toda a costa as dúas Publicacións principais (*A Nosa Terra* e *Nós*) para preservar a fe dos máis adictos na espera de tempos mellores. (Beramendi 1981b, pp. 5-6)

Por seu turno, no capítulo da secção *Os homes, os feitos, as verbas*, Ricardo Carvalho Calero fará ainda recensão a *Poema en catro tempos*, de Eduardo Blanco Amor (Carvalho Calero 1932e) e a *Bebedeira*, de Florencio Delgado Gurriarán (Carvalho Calero 1934e). Haveria que contar, ainda, com o artigo que dedica a Fermín Bouza-Brey: *Grorias e perigos da poesía de Bouza Brey* (Carvalho Calero 1934d).

Portanto, nos trabalhos de crítica literária levados a cabo em *Nós* pelo historiador da literatura galega, são tidos em conta 12 dos 60 poetas publicados na revista, representando cerca de 20%. Destes doze, nove serão incluídos no seu quadro sinóptico – Ramón Cabanillas, Antonio Noriega Varela, Luis Amado Carballo, Manuel Antonio, Aquilino Iglesia Alvariño, Eduardo Blanco Amor, Álvaro Cunqueiro, Fermín Bouza-Brey e Florencio Delgado Gurriarán (Carvalho Calero 1981, p. 780) – representando 75%. Destes 75%, aproximadamente 77% são poetas publicados em *Nós*.

"Outras voces críticas", como lhes chama Arturo Casas (2021, p. 129), são Vicente Risco, Francisco Fernández del Riego e Augusto María Casas.

USC DE COMPOSTELA

Vicente Risco, que assumiu a direcção da revista ao longo dos seus 144 números, também opera um significativo trabalho de recensão crítica de obras poéticas. Ora assinando com o nome próprio, ora com as "siglas S.N., correspondentes ao pseudónimo 'Speradan Namaquizos'" (Casas 2020, p. 129), o autor da *Teoria do Nacionalismo Galego* realiza doze recensões, com uma nítida predileção pelos poetas de maior idade:

- Xosé Rey González, *Latexos* (Risco 1925a)
- Gonzalo López Abente, *D-Outono* (Risco 1925b)
- Antonio Couceiro Freijomil, *Lóstregos* (Risco 1926e)
- Ramón Cabanillas, *Na noite estrelecida* (Risco 1926f)
- Ramón Cabanillas, *O bendito San Amaro* (Risco 1926g)
- Ramón Cabanillas, *No desterro* (Risco 1926h)
- Avelino Gómez Ledo, *Romanceiro Compostelán* (Risco 1926i)
- Manuel Lugrís Freire, *Ardencias* (Risco 1927c)
- Ramón Cabanillas, *A rosa de cen follas* (Risco 1927d);
- Amador Montenegro Saavedra, *Fabulas Galaico-Castellanas* (S.N. 1927a)
- Eladio Rodríguez González, *Oracións Campesiñas* (Risco 1928g)
- Ricardo Carvalho Calero, *Trinitarias* (Risco 1928h)
- Xulio Sigüenza, *Cantigas e Verbas ao Ar* (Risco 1929)
- Xosé Luis Parente, *Con prisma azul* (Risco 1934)

Dos onze autores mencionados, somente Ricardo Carvalho Calero e Xosé Luís Parente nascem depois de 1900, confirmando, assim, certa preferência pelos que pertencem à sua própria geração ou a anteriores, como sugere Arturo Casas. Revela, por outro lado, que prestou "unha atención crítica bastante escasa aos novos, o cal, por outra parte, garda proporción coa distancia por el amossada tanto en relación coa formación literaria daqueles como co 'infortunado' rumbo das vanguardas" (Casas 2020, p. 129).

Em todo o caso, é ainda de sublinhar o facto de oito deles contarem com publicação de poemas próprios (Cabanillas 1921; 1925a; 1926a; 1930; 1931a; 1931b; 1931c; Carvalho

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Calero 1928a; 1928b; 1930; 1931a; 1931b; 1932a; 1932b; 1933a; 1933b; 1934a; 1935; Couceiro Freijomil 1925; 1927; 1928; López Abente 1921a; 1922; 1926; 1927; 1929; 1931; 1935; Lugrís Freire 1926; Parente 1932; 1933a; 1933b; 1935; Rodríguez González 1927; Sigüenza 1928a; 1928b) e um com uma tradução das *Geórgicas* de Virgílio (Gómez Ledo 1933), na revista *Nós*.

Por seu turno, Francisco Fernández del Riego, que contribuiu também com outros dispositivos canonizadores, como o antológico ou o historiográfico, representa neste capítulo um trabalho de não menor importância. Falamos naturalmente do *Indice cultural e artístico do Renacimento galego* (Fernández del Riego 1933b; 1933c; 1933d). Neste ensaio tripartido, podemos perceber, ao contrário do que acontece com Vicente Risco, um interesse maior pelos novos. Com a estratégia própria do argumento da antiguidade, não hesita em voar panoramicamente sobre a história da literatura galega, arrancando com a lírica trovadoresca medieval. Tem em conta as três figuras cimeiras do séc. XIX – Rosalía de Castro, Curros Enríquez e Eduardo Pondal – mas não desperdiça a oportunidade de, a respeito dos "séculos escuros" (Tarrío 1994, pp. 69-94; Vilavedra 1999, pp. 81-94) ou de "decadência" (Fernández del Riego 1971, pp. 58-74) da literatura galega, operar um juízo histórico-político claro, com ressonâncias estéticas e literárias:

> A unificación das distintas nacionalidades ibeiras e o predomiño da hexemonía castelá, apaga a lumieira da nosa cultura, afoga a nosa groriosa lírica, e Galicia perde o mais intresante da sua fisionomía. Iníciase a decadencia. Unha literatura xenreirosa dispara contra de nós todol-os pulos da sua vileza. Entra na nosa terra con âr de imperio e de despotismo, a lingua e a cultura castelá, logrando un relativo trunfo que non conqueriu desfacer os derradeiros restos do noso esprito. Nin logrou a entrada en Galicia do gótico, nin do mozárabe, nin do mudéjar. Proba da resistencia da nosa cultura contra as forzas contrarias que a toda a hora trataban de esborrallala. (Fernández del Riego 1933b, p. 186).

Mas é aos novos que Fernández del Riego pretende chegar. Ancorando a leitura que faz do progressivo renascimento da cultura galega, aludindo ao *Rexurdimento*, situa a sua força maior nas primeiras décadas do século passado. E não deixa de louvar as publicações periódicas, como *A Nosa Terra* e *Nós*, enquanto plataformas impulsionadoras desse mesmo despertar:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> E chegamos xa aos preludios do noso tempo. Galicia amostra o espeitáculo multiforme e rico en suxestiós dun renacimento totalista e integral. O movimento escomenzado pol-as Irmandades da Fala atrae sobre todo aos estudantes e aos mozos con devoción literaria e por toda a nosa terra se extende a emoción nacionalista, unha emoción que apreixa integralmente todol-os aspeitos da vida galega. Os espertares nacionás alumearon os diferentes manantiás da nosa vidalidade: a lingua e o estilo, o senso filosófico e o esforzo ledo do traballo, do agro e da mar. Galicia coñece a esencia do seu esprito e faino frolecer en todal-as suas variadas direiciós.
>
> Aparecéu a i-alba d-unha xeneración. Agromaron en abril de sensibilidade tanteos dun tempo cego que aspiraba a atopar a sua luz propia, apalpando mentras cun caxato de inquedanza. E ista xeneración é a que fai posible a gran laboura a realizar, porque son homes da chamada cultura que souperon casarse co ser galego, e tiña que resultar o tipo superior, o verdadeiramente home da cultura.
>
> Vese con craridade, certeiramente a atinada frase de Ortega y Gasset: «Desgraciada a raz que non fai un outo na encrucillada enantes de proseguir a sua roita; que se non fai un probrema da sua propia intimidade; que non sinte a heroica necesidade de xustificar o seu destiño, de emborcar craridás sobre a sua misión na historia; porque ninguén pode orentarse no universo senón a través do diverso da sua raza, xa qua vai acochado n-ela como a pingota de auga na nube viaxeira...»
>
> Todo elo tivo prasmación da prática, e púbricase A NOSA TERRA, órgao do periodismo novo, donde tantos poetas mozos se deron a coñecer. Logo aparece a revista NÓS, revista de cultura que nos honra e prestixia, lida en Francia, en Alemania i en Améroca, que estabrece um grande e comprensivo intertroque antre os nosos irmáns portugueses e irlandeses e que aporta en cada un dos seus números, un tesouro de coñecimientos ao acervo da nosa cultura. (Fernández del Riego 1933b, p.187).

Além de inscrever este renascimento num movimento de abertura – diríamos ecuménica – à cultura europeia, dá nota – citando Xohan Vicente Viqueira num nítido referente de analogia e integração com a cultura portuguesa, que reverbera Teixeira de Pascoaes – da característica peculiar da alma galega (referente de afirmação):

> O lirismo é un motivo esencial da nosa i-alma. Lirismo é algo máis que fonte de poesía lírica. Afirmase por eso a eisistencia dun caraiter lírico. E iste é, en xêral, o noso caraiter en todol-os tempos da nosa historia. Por iso n-iste movimento aitual, pesie o seu senso polifacético, predomiña nil e adquire enorme relevancia, debido a aquelas razóns, o sentido artístico puro na

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> sua produción cultural. O outo expoñente de poetas, de pintores, de escultores, de músicos, asi o acredita. (Fernández del Riego 1933b, pp. 187-188)

Arturo Casas sintetiza assim o modo como Fernández del Riego opera a categorização dos novos poetas galegos:

> A prioridade do ensaísta foi a de interpretar o sentido das innovacións nos principais representantes do que chamada o 'ciclo xuvenil', repartido en catro tendencias identificadas do xeito seguinte, non sempre sucinto: 1) «poetas creacionistas non gongorinos», que baixo a influencia dos creacionistas franceses – Divoire, Vildrac, Cocteau – «antepoñen a seleición de matices â seleición de imaxes» (núm. 177, 188); 2) «poetas dazanovistas» influídos por Juan Ramón Jiménez, Antonio Machado, Hölderlin ou Paul Valéry (núm. 118, 225); 3) «poetas do novo romantismo» (núm. 118, 225); e 4) «poetas que retornan ao primitivo senso lírico dos cancioneiros» (núm. 118, 226). A primeira tendencia constitúea con Manuel Antonio e Álvaro Cunqueiro á cabeza, entendendo que o primeiro fora quen de incorporar dunha maneira definitiva as novas correntes á lírica galega e que o mindoniense era o poeta mozo «que máis está dando que falar na aitualidade» (núm. 117, 188); tamén empraza aí a outros escritores, case todos sen libro publicado ata entón: Luis Pimentel, Xesús Bal y Gay, Euxenio Montes e Otero Espasandín. Na segunda das tendencias sitúa a Amado Carballo, Carvalho Calero, Augusto María Casas e Blanco Amor. Na dos neorrománticos só a Iglesia Alvariño. E na última das categorías contempladas tamén a un único autor, Bouza-Brey. (Casas 2020, pp. 130-131).

Ao longo das três partes deste ensaio, Francisco Fernández del Riego nomeará Ramón Cabanillas, Antonio Noriega Varela, Manuel Antonio, Álvaro Cunqueiro (Fernández del Riego 1933b, p. 188), Luís Pimentel, Xesús Bal y Gay, Euxenio Montes, Xosé Outeiro Espasandín, Luis Amado Carballo, Ricardo Carvalho Calero, Augusto María Casas, Eduardo Blanco Amor, Aquilino Iglesia Alvariño (Fernández del Riego 1933c, p. 225), e Fermín Bouza-Brey (Fernández del Riego 1933c, p. 226). Dos catorze nomes citados, doze são autores com publicação de poemas na revista *Nós* (Amado Carballo 1928a; Bal y Gay 1931; Blanco Amor 1922; 1923; 1926; 1929; 1930; 1933; Bouza-Brey 1922; 1926a; 1926b; 1927a; 1927b; 1928a; 1928b; 1929; 1930a; 1930b; 1931a; 1931b; 1931c; 1933a; 1933b; Cabanillas 1921; 1925a; 1926a; 1930; 1931a; 1931b; 1931c; Carvalho Calero 1928a; 1928b; 1929; 1930; 1931a; 1931b; 1932a; 1932b; 1933a; 1933b; Casas 1925b; 1926a; 1926b; 1933a; Cunqueiro 1933a; Iglesia

Alvariño 1931a; 1931b; 1932a; 1932b; 1933a; Montes 1927; 1929; Noriega Varela 1926; Otero Espasandín 1926; 1927; 1928a; 1932a; 1932b; 1933) até à data do artigo[61].

Ainda no âmbito da crítica literária na revista *Nós*, outro nome de certa relevância é o de Augusto María Casas, que, em 1935, assina o *Esquema da nova poesía galega* (Casas 1935b), precisamente no último número da revista. Arturo Casas recorda que este ensaio não constituía uma estreia para o poeta de Ourense (Casas 1928c; 1928d; 1930; 1933b; 1933c; 1934c). Já em 1928 (Casas 1928b), publicava, em *El pueblo gallego*, aquilo que Arturo Casas define como um "polémico artigo" (Casas 2020, p. 131), cuja tensão importa recordar para compreendermos as opções canonizadoras dos nomes que traz ao artigo de *Nós*:

> [Tal artigo de 1928b] fora duramente contestado desde as páxinas de *A Nosa Terra* por Víctor Casas, naquela altura administrador e *alma mater* do boletín das Irmandades en «Encol da lírica galega. Resposta a un artigo tendencioso» (V. Casas 1928). Como viu moi ben Teresa López (1997, 85-101), o debate entre ambos os escritores viña culminar un proceso que se desenvolvera *in crescendo* nos anos da ditadura de Primo de Rivera e que tivera un antecedente claro no manifesto *Máis alá!* (1922).
>
> Porén, o problema non estaba tanto nunha discrepancia xeracional como nunha falta de sintonía política entre a posición de ortodoxia nacionalista de Victor Casas, coa conseguinte estima intelectual pola traballada tradición literaria do país a partir do Rexurdimento, e a máis desafectada valoración de Augusto Casas, proclive á experimentación poética e pouco identificado cos postulados nacionalistas ou coa liña poética de autores como Lugrís Freire e Ramón Cabanillas, desacreditados por el meses antes, con furia, nas páxinas da revista madrileña *La Gaceta Literaria* (15 de xuño de 1927) ao fío da publicación de *A rosa de cen follas*. Algún paralelismo existe entre esa polémica e outra que tamén foi de sona no seu día, a protagonizada por Vicente Risco e Rafael Dieste, que para Blanco Torres, Carvalho Calero e outros significados contemporáneos eran as cabezas visíbeis dos dous xeitos principais de entender Galiza desde unha perspectiva político-cultural a mediados dos anos vinte.
>
> [...]
>
> Pode deducirse, asemade, que a polémica xiraba en torno a unha cuestión candente, a de se o rumbo da poesía galega até 1928 – sesenta libros publicados entre 1916 e 1927 – fora ou non alleo á modernidade. Augusto Casas pensaba que si, e que por iso mesmo conviña abrir paso a

[61] É de recordar também que nem todos eles contavam com publicação de poemas em livro, como Xesús Bal y Gay ou Xosé Otero Espasandín.

> novas sensibilidade e a novos discursos, nomeadamente a algúns dos por el citados de forma expresa, os de Amado Carballo, Manuel Antonio, Sigüenza, Blanco Amor, Montes, Bouza-Brey, Correa Calderón, Xosé Francisco Gómez de la Cueva (*Johan Carballeira*), Cándido Fernández Mazas (*Denys Fernández*), Bal y Gay, Días de Herrera, Mosteiro e el propio, nomes que representaban o 'imprevisto' polo sistema literario [...]. (Casas 2020, pp. 131-132)

O nacionalismo de Victor Casas acreditava que a posição de Augusto María Casas fazia demasiadas cedências àquilo que, segundo as palavras de Arturo Casas, constituía um "simple mimetismo perante poéticas importadas" (Casas 2020, p. 132). Ora, no mencionado artigo de 1935, Augusto María Casas parece matizar as suas posições de 1928:

> A poesía galega do noso tempo, principalmente a chamada poesía nova, meresce un estudo fondo e serio. Xa ten a nosa lírica, nas derradeiras xenerazós de poetas, unha cabal amplitude, un ámbito de ciclo que esixe de nós unha preocupación crítica para acadar isas fórmulas arcanas que dan caráiter a cada época. Percísase determiñar o que hai e o que non hai n'ista poesía nova, que chea de azos e ventos, non deixou en moitos casos nin sulco nin semente.
> [...]
> Non é intenzón miña defiñir o senso da poesía nova. Pretendo que nasza no esprito contemporáneo, co coñecimento d'ela, a súa valoración esaita. Non se pode decir sistemáticamente que a poesía nova ten un «segredo» baixo o coal poda ser esquecida. A poesía nova meresce o mesmo estudo qu'a poesía dos Precursores. Fau uns anos podíase falar d'aquil segredo do espiro novo; mais hoxe non, que xa podemos analizar a obra dos novos poetas mozos, pôndo cada cousa no seu sitio. Pasou a época «fauve» e cada un pode pasar a atención por unha porción de libros de poesía, e, co criticismo máis agudo, distinguir entre o verdadeiramente lírico e aquelo que sô sirviu para aledar un momento de novedade. (Casas 1935b, p. 115)

Reclama a importância dos novos, mas não a torna refém da pura novidade, como se percebe. Por outro lado, parece também matizar a sua posição em relação a autores, como Ramón Cabanillas, em 1928 algo secundarizados em função da sua posição mais estética do que política. Parte dessa mais equilibrada posição deve-se, segundo o nosso juízo, ao seguinte:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> Non podemos, pois, falar no nosso tempo d'escolas nin de grupos. Cada poeta d'hoxe ten a súa escola e o seu camiño. Andan todos, cecais, a devalar na mesma inquietude, e fuxen da influenza como d'unha idea capaz de afogar a máis pura voz lírica. A orixinalidade lévase a límites insospeitados e por ela fanse as cousas máis atrevidas e absurdas. Co-a poesía nova non se pode faguer historia. (Casas 1935b, p. 116)

Para o crítico, na verdade, há um período forte da nova poesía galega de então, que se enquadra nos onze anos que vão do manifesto *Mais Alá* (1922), de Manuel Antonio, a *Cantiga nova que se chama Ribeira* (1933), de Álvaro Cunqueiro. Segundo ele, este período "recolle todal-as inquietudes do momento e soergue na nosa lingoa maduros froitos do esprito novo" (Casas 1935b, p. 116). E acrescenta: "Escomenza co avangardismo máis hostil e vaise depurando, n'unha evoluzón intelixente, pata chegar a unha poesía que siñifica síntesis i-estilo próprio" (Casas 1935b, p. 116). Neste esquema, não hesita em citar vários nomes e as respectivas obras publicadas:

> Moitos nomes debemos de relacionar n'iste esquema, que todos eles puxeron a súa obra ao servizo da cruzada: Manuel Antonio («De catro a catro: follas sin data d'un diario de abordo», 1928), Luis Amado Carballo («Maliaxe», 1922; «Os probes de Deus», 1923; «Proel», 1927; «O Galo, edición póstuma, 1928), Juan Vidal Martínez («Mágoas», 1922; «Alcor», 1929), Eduardo Blanco Amor («Romances Galegos», 1928; «Poema en catro tempos», 1931), Evaristo Correa Calderón («Conceición Sinxela do Ceo», 1925; «Margarida a da surrisa da aurora», 1928; «Ontes», 1928), Julio Sigüenza («Cantigas e verbas ao ar», 1928), Roberto Blanco Torres («Orballo da media noite», 1929), Eugenio Montes (Estética da muiñeira», 1922; «O vento mariñeiro toma o sol e outros contos», 1922; «Versos a tres cas o neto», 1930), Ricardo Carvalho Calero («Vieiros», 1931; «O Silenzo Axionllado», 1934); Augusto María Casas («Muiñada de estrelas», 1926; «O vento segrel», 1932), Álvaro Cunqueiro («Mar ao norde», 1932; «Poemas do sí e do non», 1923; «Cantiga nova que se chama Ribeira», 1933), Manuel Luís Acuña («Fírgoas», 1933), Álvaro de las Casas («Sulco e vento», 1931), Fermín Bouza Brey («A nao senlleira», 1933), Delgado Gurriarán («Bebedeira», 1934), Aquilino Iglesia Alvariño («Señardá», 1930; «Corazón ao vento», 1933) [...]. (Casas 1935b, p. 116)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Com excepção de Manuel Antonio que, repetimos, nunca publica em *Nós*, contamos neste parágrafo catorze poetas que, sim, publicaram na revista ao longo dos seus 144 números.

Porém, ao longo do resto do ensaio, Augusto María Casas acrescentará ainda alguns nomes, como os Denis Fernandes, Otero Espasandín, Johan Carballeira, Xesús Bal, Ramón Cabanillas, Noriega Varela, López Abente, Victoriano Taibo, Pondal (Casas 1935b, p. 117), e ainda Luís Pimentel (Casas 1935b, p. 120). Rematará o artigo do seguinte modo:

> O século XIX deu a Galiza tres grandes poetas: Rosalía, Curros Enríquez e Pondal. A Galiza da posguerra tem xa tres poetas de primeira magnitude: Manuel Antonio, Lois Amado Carballo e Álvaro Cunqueiro (Casas 1935b, p. 124)

No fundo, Augusto María Casas tem em conta 23 dos 60 poetas galegos que publicam em *Nós*. Percebemos assim que, *in crescendo*, os críticos literários da revista irão, entre 1931 e 1935, incorporando novos nomes a um cânone necessariamente *in fieri*. Por fim, recordamos o juízo que o autor faz sobre a importância das revistas – *Nós* incluída – para o conhecimento dos poetas galegos, e em especial dos novos:

> Un faitor de eistraordinaria importanza para o coñecimento da nova poesía galega son as revistas e xornais. En todas as follas de literatura galega dos derradeiros anos estivo preente a xente nova, sendo a súa colaborazón aportazón de primordial interés. Quen queira coñecer a obra dos novos poetas galegos ten que lêr as revistas literarias, en cuyas páxinas gárdanse os seus máis belos froitos: NÓS, «Rexurdimento», «Céltiga», «Galaxia», «A nosa Terra», «Libredón», «Ronsel», «Yunque», «Terra», «Galiza», «Resol», etc. (Casas 1935b, p. 117)

Entre os dois ensaios de Ricardo Carvalho Calero (1931d; 1932d), juntamente com as recensões dispersas noutros lugares (1932e; 1934c; 1934d; 1934e), que contam 12 poetas em 59, passando pelo ensaio de Francisco Fernández del Riego (1933b; 1933c; 1933d), que conta também com 12 poetas em 59, e o programático *Esquema* de Augusto María Casas (1935b), que conta com um total de 23 poetas em 59, há um incremento significativo de nomes considerados daqueles poetas que, ao longo de 15 anos, foram sendo publicados em *Nós*.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

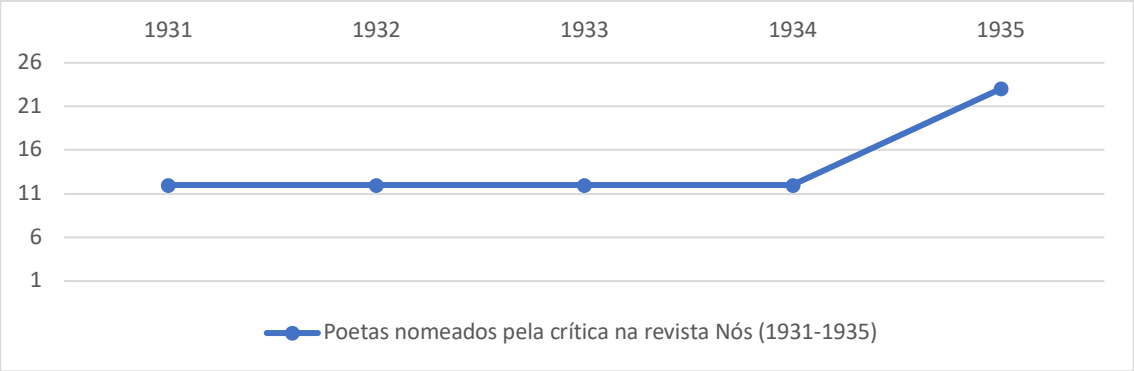


Tabela 16 - Poetas nomeados pela crítica na revista Nós (1931-1935)

Em sede de recensão, haveria que contar ainda com outros momentos em que foram realizadas apreciações de obras de poetas galegos ao longo do tempo de vida da revista *Nós*, para além das já referidas a propósito de Ricardo Carvalho Calero, Vicente Risco, Francisco Fernández del Riego e Augusto María Casas.

Conseguimos, ainda, localizar recensões elaboradas por Fermín Bouza-Brey, Eleuterio González Salgado, Aquilino Iglesia Alvariño, Luís Manteiga (1934b) e, novamente, Vicente Risco, mas agora assinando sob o pseudónimo de Speradan Namaquizos (= S.N.):

- Lisardo R. Barreiro, *Escumas e Brétemas. Versos gallegos* (González Salgado 1925)
- Emilio Mosteiro, *Ancla (1923-1925). Versos* (Bouza-Brey 1926c)
- Augusto Casas, *Panal y flor* (S.N. 1927b)
- Xulio Sigüenza, *La ruta aventureira* (S.N. 1928)
- Ricardo Carvalho Calero, *La soledad confusa* (Bouza-Brey 1932)
- Ricardo Carvalho Calero, *O silenzo axionllado* (Iglesia Alvariño 1934c)
- Feliciano Rolán, *De mar a mar. Poemas* (Manteiga 1934a)
- Francisco de Fientosa, *Triángulo isósceles. Poemas* (Iglesia Alvariño 1935b)

Aqui chegados, podemos, com certa segurança, afirmar um número de poetas galegos que vêem os seus poemas publicados na revista *Nós* muito próximo dos 50%, cujas obras também nela são recenseadas ou os seus autores nomeados nalgum momento, significando isto que existe certa convergência entre a publicação de poesia e a crítica da mesma na revista.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O quadro seguinte ajuda-nos a perceber a proporção[62]:

Considerados	Não Considerados
1. M. Luís Acuña	1. M. Bouzo
2. X. Álvarez Limeses	2. X. M. Cabada Vázquez
3. L. Amado Carballo	3. X. M. Castaño Priegue
4. X. Bal y Gay	4. A. Castro Dono
5. L. R. Barreiro	5. X. M. Castroviejo
6. R. Blanco Torres	6. A. Couceiro Freijomil
7. E. Blanco Amor	7. A. Díaz de Herrera
8. F. Bouza-Brey	8. S. Ferro
9. R. Cabanillas	9. Á. Fole
10. X. Carballeira	10. R. Frade Giráldez
11. R. Carvalho Calero	11. X. M. da Fuente Bermúdez
12. Á. de las Casas	12. C. García Romero
13. A. M. Casas	13. A. Noguerol Buján
14. E. Correa Calderón	14. R. Otero Pedrayo
15. Á. Cunqueiro	15. A. Otero
16. E. Curros Enríquez	16. R. Pazos Jiménez
17. J. A. y L. Figueroa	17. P. Pedret Casado
18. A. Gómez Ledo	18. X. Pereira Carrón
19. F. Herrera Garrido	19. E. Pita
20. A. Iglesia Alvariño	20. X. Prado
21. G. López Abente	21. X. L. Ramos Colemán
22. M. Lugrís Freire	22. A. Rodríguez Elías
23. E. Montes	23. X. Velo Mosquera
24. E. Mosteiro	24. A. Villar Amor
25. A. Noriega Varela	25. A. Zapata García

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[62] Respeitaremos a ordem disposta em Bibliografia: cf. 7.1. Fontes Poéticas; 7.1.1. Revista *Nós* (1920-1935).

26. X. Otero Espasandín	
27. X. L. Parente	
28. L. Pimentel	
29. E. Pondal	
30. E. Rodríguez González	
31. X. Sigüenza	
32. V. Taibo García	
33. X. Vidal Martínez	

Tabela 17 - Poetas considerados/não-considerados pela crítica na revista Nós

Falamos, portanto, de aproximadamente 56% de autores e obras contados entre a crítica que, ao longo de década e meia, foram também publicando os seus poemas na *Nós*, revista que consideramos agora não só uma plataforma de divulgação e promoção de poetas e as suas poesias, mas também um importante dispositivo canonizador da poesia coeva.

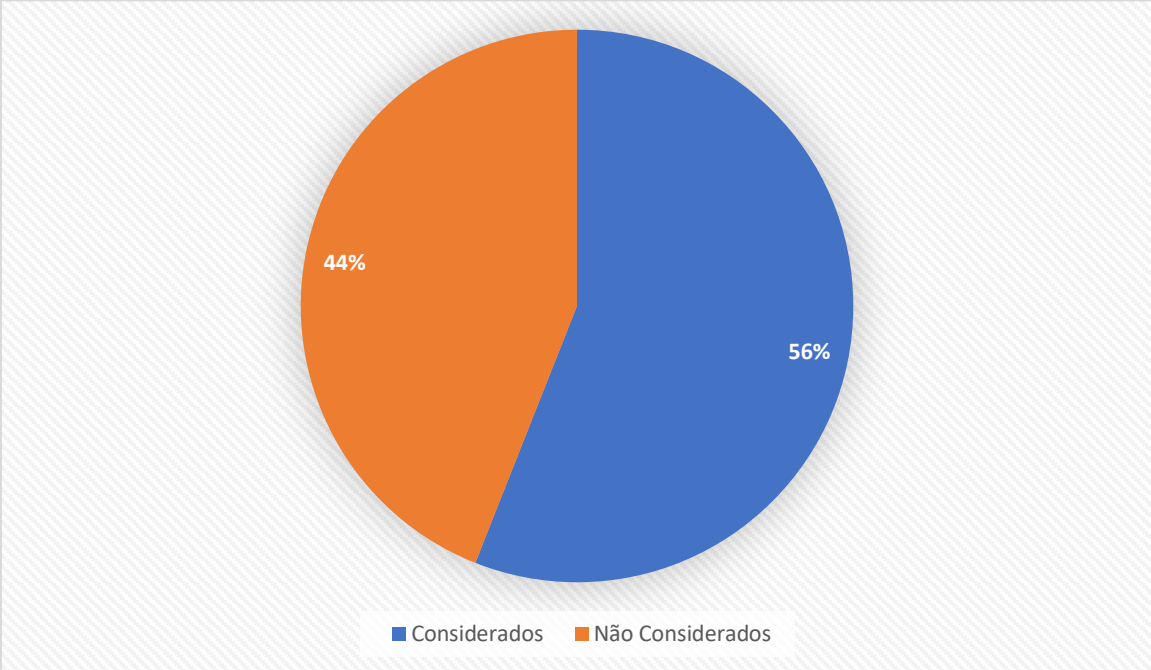


Tabela 18 - Percentagem de poetas considerados/não-considerados pela crítica na revista Nós

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

3.2. DISPOSITIVO ANTOLÓGICO

Tal como noutras coordenadas geográficas, também na Galiza, e mercê de vários factores de ordem cultural e política mais amplos, como o Romantismo e o despertar do *Volksgeist* um pouco por toda a Europa, com "o Rexurdimento, as escolmas de poesía comenzan a perfilarse como un instrumento para a modelación dun imaxinario comunitario" (Rábade Villar 2004, p. 29), e por maioria de razão num contexto em que se tornava cada vez mais urgente a recuperação ou a construção desse capital simbólico. Por essa razão, afirma ainda que "nocións como as de «historia», «literatura», «nación» ou «literatura nacional» e «historia literaria» deberían estar presentes en calquera análise do acto antolóxico" (Rábade Villar 2004, p. 29). Porém, nós acrescentaríamos que para abordar estas noções é absolutamente fundamental ter em conta o fenómeno antológico, na medida em que nos parece difícil observá-las, ignorando-o, razão pela qual procedemos aqui a essa análise.

No seu estudo, María do Cebreiro define quatro etapas a respeito do fenómeno antológico na Galiza, assumindo critérios de periodização correspondentes a paradigmas históricos balizados pelo "ano de publicación de determinadas escolmas que ilustran o arranque e a clausura destes paradigmas" (Rábade Villar 2004, p. 31). São eles os seguintes:

a) 1862-1911[63];

b) 1914-1936[64];

[63] "O intervalo recoñecido como a) supón o inicio do acto antolóxico na literatura galega moderna. Nun primeiro momento, o carácter testemuñal de certas escolmas, suxeitas á continxencia de certos actos literarios vinculados ó emerxente Rexurdimento (Antonio e Francisco María de la Iglesia, *Álbum de la Caridad*, 1862) coexiste co afán arquivista de compendiar o presente e o pasado literarios para mostrar a antigüidade e a vixencia da tradición literaria galega (Manuel Murguía, *Antología gallega. Colección de escritos escogidos en prosa y verso de los mejores autores gallegos*, 1862). Nun segundo momento, a énfase na dimensión documental das escolmas dá paso a un interese por fundamental os criterios de articulación das escollas, ben sexa de acordo con criterios filolóxicos (Leandro Saralegui Medina, *Poesías escogidas de autores gallegos contemporáneos* (1866) ou históricos (Florencio Vaamonde Lores, *Resume da Historia de Galicia*, 1898). Por último, nos primeiros anos do século XX, Eugenio Carré (1903, 1911) introduce algunhas novidades no modo de antologación da literatura galega que anuncian xa a entrada do acto antolóxico nun novo paradigma. Por unha banda, Carré segue sendo debedor dun entendemento compilatorio do labor antolóxico. Con todo, a esixencia dunha especificidade na articulación e comprensión antolóxica da história literaria en Galicia, así como o establecemento de principios de xerarquía entre os textos e os autores escollidos, son dous trazos que permiten avaliar a modernidade do proxecto Carré". (Rábade Villar 2004, pp. 31-32)

[64] "O intervalo aquí recoñecido como b) supón a consolidación dun entendemento selectivo do labor de antologación. Os modelos monumentais do século XIX, rexidos a miúdo por parámetros históricos, dan agora lugar a outro tipo de escolmas, proxectadas sobre o presente e o pasado literario inmediato e concibidas para un público máis extenso e, nalgúns casos, non especificamente galego. A producción poética de Galicia, por medio da traducción antolóxica, é agora obxecto de exportación sistémica, como o demonstran *Las mejores poesías gallegas* (López Aydillo, 1914) ou a *Antología de la lírica gallega* (Álvaro de las Casas, 1928). Exemplares como a inacabada "Antoloxía comentada" de Xosé Filgueira Valverde (1936) dan conta, asemade, da entrada do acto antolóxico galego nun estadio de certa vertebración crítica". (Rábade Villar 2004, p. 32)

c) 1951-1973[65];

d) 1976-2001[66].

Os critérios periodológicos, desenhados por María do Cebreiro, são atendíveis no enquadramento de um trabalho que pretende observar o fenómeno antológico na sua totalidade.

Contudo, o nosso objecto de estudo – as poéticas da saudade na revista *Nós* – obriga-nos a uma ligeira adaptação periodológica, não só porque períodos como o estádio a) não são aplicáveis, mas também porque, em algum momento, os paradigmas transbordam as balizas cronológicas definidas pela académica da universidade compostelana. Neste sentido, propomos a seguinte redefinição periodológica do fenómeno antológico na Galiza, tendo em conta o nosso objecto de estudo: a) 1928-1952, que corresponde ao período que compreende as duas antologias de Álvaro de las Casas (Casas 1928a; 1939); b) 1953-1975, que compreende o arco temporal entre a antologia de Varela Jácome (1953) e *Poetas gallegos contemporáneos* (Losada 1974), e o fim

[65] "Unha das determinacións do estado c), que xorde trala fracturación cultural orixinada pola guerra civil, é a extraterritorialidade dalgúns proxectos antolóxicos xurdidos no exilio. Neste ámbito sobrancean o labor de Plácido R. Castro, Luís Tobío e Florencio Delgado Gurriarán, na selección e traducción ó galego da poesía inglesa e francesa contemporánea (*Poesía inglesa e francesa vertida ao galego*, 1949) e o de Eduardo Blanco Amor, na antologación escénica da historia da poesía galega desde os trobadores (*Recital antolóxico da poesóa galega dos séculos XII ao XX*, 1956).

Na Galicia interior, os autores do grupo Galaxia, emprenden un labor de reactivación do discurso literario no que as antoloxías desempeñan un importante papel, na medida en que aspiran a contribuí ó proceso de recuperación dunha continuidade histórica ameazada. A antologación da poesía popular funciona como proba de autoctonía da tradición galega (Ramón Cabanillas, *A antífona da cantiga*, 1951), a importación antolóxica de certos referentes (Julius Pokorny, *Cancioneiro da poesía céltiga*, 1951) está dirixida a reforzar determinados vínculos simbólicos coa comunidade imaxinaria do celtismo e a reivindicación dun percorrido historiográfico pleno e valioso para certos períodos da tradición galega (Xosé María Álvarez Blázquez, *A poesía dos séculos XIV a XVI*, 1959), reforza os valores de antigüidade e continuidade literarias.

No ámbito da recepción antolóxica, prodúcense interesantes debates como o que, ó fío da publicación da polémica *Escolma de poesía galega* de Francisco Fernández del Riego (1955), enfrontou ós partidarios e ós detractores da consideración monolingüe da literatura de Galicia. A partir da segunda metade dos anos sesenta, o acto antolóxico galego viuse transformado tanto pola súa entrada nunha certa lóxica da producción masica (Xesús Alonso Montero, *Os cen mellores poemas da lingua galega*, 1970) como pola introducción dun criterio organizador xeracional sobre a producción poética dos anos sesenta (María Victoria Moreno, *Os novísimos da poesía galega*, 1973)". (Rábade Villar 2004, pp. 32-33)

[66] "De 1976 a 2001 (período d) o acto antolóxico galego coñeceu unha serie de transformacións froito da súa paulatina integración nun mercado editorial rexido por distintos condicionamentos. Entre as conxunturas máis influíntes na constitución do campo literario dos últimos vintecinco anos parécenme especialmente detacables as demandas pedagóxicas asociadas ó ensino en lingua galega, o proceso de importación doutras literaturas e de exportación da poesía galega a distinto contextos culturais, a institucionalización académica da crítica e da historia da literatura galega, o diálogo (ou conflicto) interxeracional entre os poetas dos anos oitenta e dos anos noventa, a emerxencia das mulleres no discurso poético dos últimos quince anos... Pode afirmarse que entre 1976 – data na que aparecen as primeiras antoloxías-manifesto vinculadas a grupos poéticos con pretensións anovadoras e, en certos casos, neovangardistas (Rompente, *Crebar as liras*) – ata 2001 – data da última antoloxía da poesía dos noventa (Helena González, *A tribo das baleas*) – o acto antolóxico galego atravesou un período de «aceleración histórica» que implicou, a miúdo, a concorrencia de modelos e a diversidade de posicións". (Rábade Villar 2004, pp. 33-34)

da ditadura franquista; c) 1976-1999, que abarca o período entre *Antoloxía de poesía galega. Do dezanove aos continuadores* (Fernández del Riego 1976), como primeira antologia da transição democrática, e *Río de son e vento* (Morán 1999); d) 2002-2016, que corresponde ao último período, entre *Nós*, publicado em Lisboa (Vázquez Cuesta 2002) e *Tempo das Irmandades* (Ramón Pena 2016).

Com objectivo de determinar quais as antologias a analisar, procedemos a um cruzamento da bibliografia trabalhada por María do Cebreiro (Rábade Villar 2004, pp. 225-234), que conta com 124 antologias elencadas, com os recursos disponíveis nas bibliotecas da Universidade de Santiago de Compostela – nomeadamente, a Biblioteca Xeral e a Biblioteca de Filoloxía – que resultou na localização de 39 antologias analisáveis em perspectiva do nosso objecto de estudo, ou seja, que têm em conta o período da história literária galega que abarcam o tempo de vida da revista *Nós* (1920-1935)[67]. Porque nos parece corresponder a uma grande antologia *in fieri*, consideraremos ainda *De Rosalía a Sarmiento* (Alonso Girgado, Fariña Miranda & Monteagudo Cabaleiro 2002), bem como os anos subsequentes até à actualidade, entendida esta celebração do Dia das Letras Galegas, no seu conjunto, como lugar de observação do fenómeno antológico na Galiza e da sua relevância canonizadora.

A distribuição das antologias, por período definido, seria a seguinte:

1928-1952	**1953-1975**	**1976-1999**	**2000-2016**
3 Antologias	*11 Antologias*	*14 Antologias*	*11 Antologias*
Casas 1928a; Ferndández Flórez 1929; Casas 1939.	Varela Jácome 1953; Fernández del Riego 1955; Blanco Amor 1956; A.N.I. 1959; González Alegre 1959; Carvalho Calero 1966; Alonso Montero 1970; Martín Gaite & Ruiz Tarazona 1972;	Fernández del Riego 1976; Llompart 1976; Nordés 1978; Fernández del Riego 1980; Alonso Montero 1984; Molina 1984; Castro 1993; Bernardez & Álvarez Cáccamo 1994; Frateschi	Alonso Girgado & Monteagudo Cabaleiro 2001; Alonso Girgado, Fariña Miranda & Monteagudo Cabaleiro 2002; Vázquez Cuesta 2002; Rodríguez 2004; Nogueira &

[67] Para a contabilização de poetas, poemas e número de páginas, optámos por seguir um critério de selecção que balizasse melhor os poetas e poemas antologiados, no contexto da literatura galega contemporânea, determinado a montante pelo ano de 1853, data da publicação de *A gaita galega* (Xoán Manuel Pintos), o primeiro livro escrito em galego no séc. XIX, e a jusante pelo ano de 2016, data da última antologia analisada.

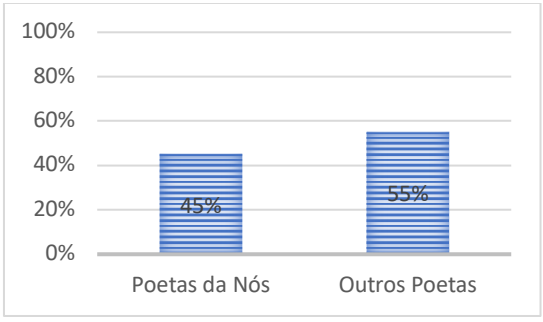
Álvarez Gándara 1973; González Garcés 1974; Losada 1974.	Vieria 1996; Freixeiro Mato & Pillado Mayor 1996a; Maceira Fernández 1997; Maria & Gómez Sánchez 1997; A.N.I. 1999; Morán 1999.	Nicolás 2007; Dunne 2010; Toro Santos 2010; Alonso Montero 2012; Álvarez Cáccamo & Núñez 2012; Alonso 2013; Ramon Pena 2016.

Tabela 19 - Distribuição cronológica das antologias por período definido

Procederemos, neste momento, a uma breve descrição destas opções editoriais:

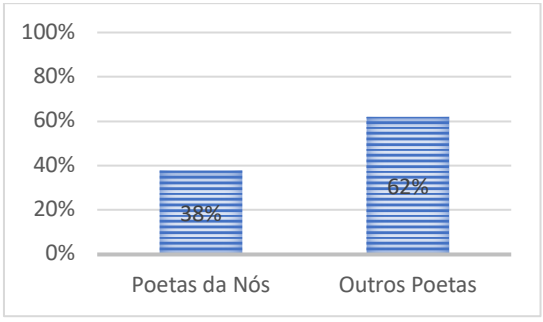
1. Em *Antología de la lírica gallega* (Casas 1928a), encontramos 12 poetas que contam com poemas publicados em *Nós*: Eduardo Pondal (Casas 1928a, pp. 111-119), Luís Amado Carballo (pp. 160-161), Euxenio Montes (pp. 163-165), Xulio Sigüenza (pp. 166-167), Eduardo Blanco Amor (pp. 168-169), Xesús Bal y Gay (pp. 171-172), Fermín Bouza-Brey (pp. 153-156), Ramón Cabanillas (pp. 123-128), Gonzalo López Abente (pp. 138-139), Manuel Lugrís Freire (pp. 111-119), Álvaro de las Casas (pp. 144-149) e Victoriano Taibo García (p. 150). Nesta antologia, são publicados 3 poemas que se encontram na revista em estudo: *Orballo*, de Eduardo Blanco Amor (pp. 168-169; Blanco Amor 1922); *Triadas no mar e na noite* (pp. 153-154; Bouza-Brey 1927b) e *Descordo pra bem muiñar* (pp. 155-156; Bouza-Brey 1928b), de Fermín Bouza-Brey. Portanto, 13 poetas e 48 páginas dos nossos autores de um total de 45 poetas antologiados em 208 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 20 - Percentagem de poetas antologiados (Casas 1928a)



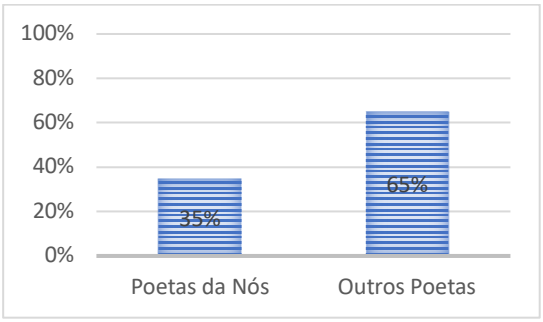
USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 21 - Percentagem de páginas antologiadas (Casas 1928a)



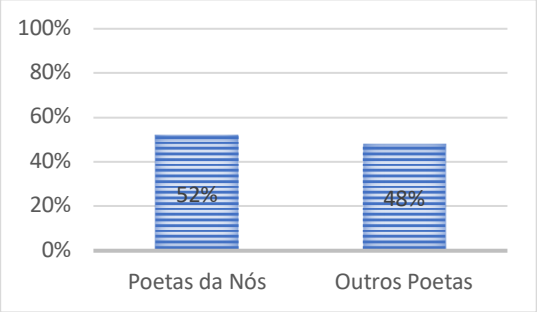
2. Um ano depois da primeira antologia de Álvaro de las Casas, publica-se *Los poetas: antología* (Fernández Floréz 1929), em que figuram Eduardo Pondal (pp. 14-16), Xesús Bal y Gay (p. 21), Fermín Bouza-Brey, de quem se publica *Triadas no mar e na noite* (pp. 31-32; Bouza Brey 1927b), Euxenio Montes (pp. 41-43), Xulio Sigüenza (pp. 43-44), Eduardo Blanco Amor, de quem se publica *Orballo* (pp. 44-45; Blanco Amor 1922), Álvaro de las Casas (pp. 45-49), Augusto María Casas (pp. 54-56), Luis Amado Carballo (pp. 56-57), Xosé María Velo Mosquera (pp. 69-72), Ramón Cabanillas (pp. 74-75), Antonio Noriega Varela (p. 75), Gonzalo López Abente (pp. 75-76) e Manuel Lugrís Freire (pp. 76-77). Portanto,14 poetas e 34 páginas dos nossos autores de um total de 40 poetas antologiados em 66 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 22 - Percentagem de poetas antologiados (Fernández Flórez 1929)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 23 - Percentagem de páginas antologiadas (Fernández Flórez 1929)



3. Por seu turno, em *Antología de poetas gallegos* (Casas 1939), o número de poetas antologiados aumenta significativamente: em pouco mais de uma década, e agora no exílio de Buenos Aires, Álvaro de las Casas traz à sua antologia poetas que não mais voltarão a figurar em antologias posteriores – 38 poetas: Manuel Curros Enríquez (pp. 93-104), Eduardo Pondal (pp. 109-117), Marqués de Figueroa[68] (pp. 118-119), Eladio Rodríguez González (p. 126), Lisardo Barreiro (pp. 127-128), Ramón Cabanillas (pp. 129-132), Antonio Noriega Varela (pp. 133-136), Xavier Prado (p. 140), Ramon Otero Pedrayo (pp. 142-143), Manuel Lugrís Freire (pp. 143-145), Francisca Herrera Garrido (pp. 147-148), Avelino Rodríguez Elías (pp. 151), Victoriano Taibo García (pp. 153-154), Gonzalo López Abente (pp. 155-156), Álvaro de las Casas (pp. 157-160), Xosé Manuel Cabada Vázquez (pp. 160-161), Roberto Blanco Torres (pp. 162-164), Antonio Zapata García (pp. 166-170), Manuel Luís Acuña (pp. 179-180), Xosé Otero Espasandín (p. 182), Xerardo Álvarez Limeses (p. 184), Johan Carballeira (pp. 185-186), Xosé María Castroviejo (p. 187), A. Díaz de Herrera (p. 188), Alfonso Castro Dono (p. 189), Xoán Vidal Martínez (p. 190), X. M. de la Fuente Bermúdez (pp. 190-191), Xosé Luís Parente (p. 192), Eduardo Blanco Amor (pp. 194-195), Álvaro Cunqueiro (pp. 197-198), Augusto María Casas (pp. 198-199), Fermín Bouza-Brey (pp. 200-201), Luis Amado Carballo (pp. 202-204), Ricardo Carvalho Calero (pp. 205-206), Xesús Bal y Gay (p. 207), Euxenio Montes (p. 208), Xulio Sigüenza (p. 210), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 213-215) e Emilio Pita (pp. 215-217). Também o número de poemas publicados em *Nós* aumenta – 11: *A lúa sigueute* (p. 182; Otero Espasandín 1932a), de Otero Espasandín; *Mariñeira do vento* (p. 185; Carballeira 1931), de Johan

[68] Juan Bautista Armada y Losada.

Carballeira; *Noroeste* (p. 187; Castroviejo 1931), de Xosé María Castroviejo; *Cantarela de amor* (p. 188; Díaz de Herrera 1931), de A. Díaz de Herrera; *Vai agonizar o día* (p. 189; Castro Dono 1931), de Alfonso Castro Dono; *Nouturnio* (p. 190; Vidal Martínez 1931), de Xoán Vidal Martínez; *Cantigas da noite* (pp. 190-191; Fuente Bermúdez 1931), de X. M. de la Fuente Bermúdez; *Orballo* (p. 195; Blanco Amor 1922), de Eduardo Blanco Amor; *Triadas no mar e na noite* (p. 200; Bouza-Brey 1927b) e *Descordo pra bem muiñar* (p. 201; Bouza-Brey 1928b), de Fermín Bouza-Brey; *Romance dos sete mariñeiros* (p. 216; Pita 1932). Esta é, sem dúvida alguma, a antologia de poesia galega que mais tem em conta os poetas e os poemas publicados na revista *Nós*. Portanto, 38 poetas e 95 páginas dos nossos autores de um total de 96 poetas antologiados em 234 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 24- Percentagem de poetas antologiados (Casas 1939)

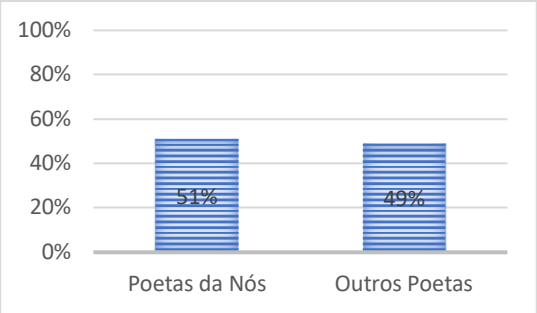
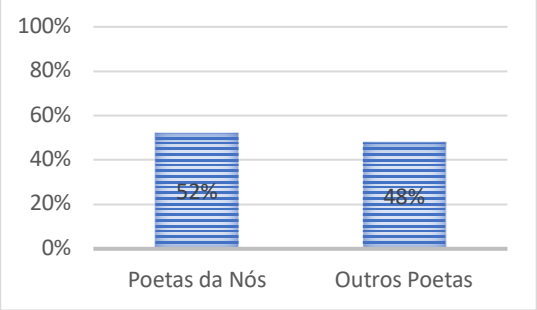


Tabela 25 - Percentagem de páginas antologiadas (Casas 1939)

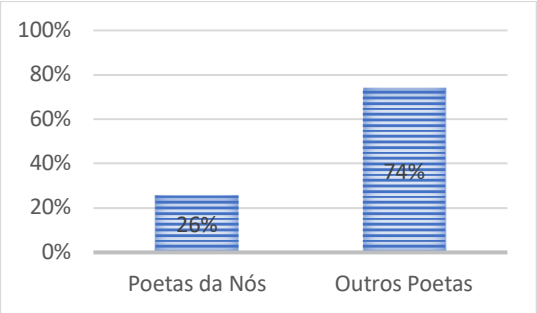


4. A década de quarenta significará, para o fenómeno antológico na Galiza, um silêncio. Haveria, portanto, que esperar por *Poetas gallegos. Las mejores poesías* (cf. Varela Jácome 1953). Esta antologia conta com 24 poetas que publicam na revista *Nós*:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

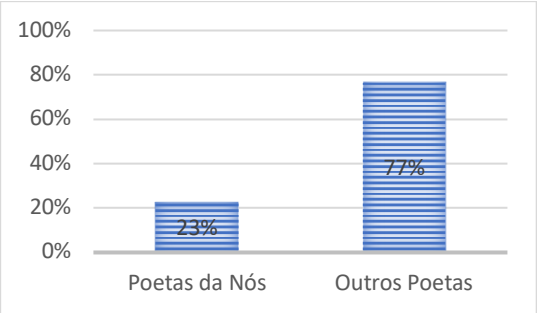
Xerardo Álvarez Limeses (pp. 342-343), Luis Amado Carballo (pp. 402-403), Eduardo Blanco Amor (pp. 371-372), Roberto Blanco Torres (pp. 427), Fermín Bouza-Brey (pp. 405-407), Ramón Cabanillas (pp. 345-351), Ricardo Carvalho Calero (pp. 420-422), Álvaro de las Casas (pp. 374-377), Augusto María Casas (pp. 368-370), Evaristo Correa Calderón (p. 378), Álvaro Cunqueiro (pp. 412-415), Avelino Gómez Ledo (p. 359), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 416-419), Gonzalo López Abente (pp. 352-356), Manuel Lugrís Freire (pp. 340-341), Euxenio Montes (p. 401), Ramón Otero Pedrayo (pp. 389-390), Luís Pimentel (pp. 386-387), Emilio Pita (p. 395), Eduardo Pondal (pp. 209-224), Xavier Prado (pp. 282-284), Xulio Sigüenza (pp. 424-425), Victoriano Taibo García (p. 358) e Xoán Vidal Martínez (pp. 327-328). Quanto a poemas, poderemos apenas contar 4: *Trova infinita* (pp. 405-406; Bouza-Brey 1926b), de Fermín Bouza-Brey; *O relembro do clan* (p. 348; Cabanillas 1931a), de Ramón Cabanillas; *Romance dos sete mariñeiros* (p. 395; Pita 1932); *Nouturnio* (p. 327; Vidal Martínez 1931), de Xoán Vidal Martínez. Portanto, 24 poetas e 74 páginas dos nossos autores de um total de 136 poetas antologiados em 460 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 26 - Percentagem de poetas antologiados (Varela Jácome 1953)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 27 - Percentagem de páginas antologiadas (Varela Jácome 1953)



5. Já a *Escolma de Poesía Galega. IV. Os Contemporáneos* (Fernández del Riego 1955) não terá em conta nenhum poema publicado em *Nós*. Quanto a poetas, figuram os nomes de Antonio Noriega Varela (pp. 18-25), de quem se publica *Airiños, aires* (p. 25; Noriega Varela 1926), Ramón Cabanillas (pp. 27-37), de quem se publica *A espada Escalibor* (p. 33; Cabanillas 1926a), Gonzalo López Abente (pp. 38-43), Victoriano Taibo García (pp. 44-51), de quem se publica *Brúa o mar* (p. 45; Taibo García 1921b), Antón Zapata García (pp. 55-58), Ramón Otero Pedrayo (pp. 70-81), Roberto Blanco Torres (pp. 82-90), Luis Amado Carballo (pp. 102-111), de quem se publica *As cantigas do berce* (p. 106; Amado Carballo 1928a), Fermín Bouza-Brey (pp. 112-119), de quem se publica *Lelías ao teu ouvido* (p. 112; Bouza-Brey 1926a), *Triadas no mar e na noite* (p. 113; Bouza-Brey 1927b), *Descordo pra ben muiñar* (p. 114; Bouza-Brey, 1928b), *Tenzón co malvís amigo* (p. 114; Bouza-Brey 1929), Eduardo Blanco Amor (pp. 120-127), de quem se publica *Orballo* (p. 122; Blanco Amor 1922), *Canzón VII* (p. 125; Blanco Amor 1933), Euxenio Montes (pp. 128-132), de quem se publica *Río* (p. 128; Montes 1929), Xulio Sigüenza (pp. 133-139), de quem se publica *Cabras* (p. 133; Sigüenza 1928a), Otero Espasandín (pp. 140-147), Luis Pimentel (pp. 157-165), Augusto Casas (pp. 166-172), de quem se publica *O poema da saudade* (p. 166; Casas 1926b), Manuel Luís Acuña (pp. 182-191), de quem se publica *Segador* (p. 182; Acuña 1933a), Álvaro Cunqueiro (pp. 202-209), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 210-218), Ricardo Carvalho Calero (pp. 219-229) e Emilio Pita (pp. 244-249). Portanto, 20 poetas e 163 páginas dos nossos autores de um total de 50 poetas antologiados em 344 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 28 - Percentagem de poetas antologiados (Fernández del Riego 1955)

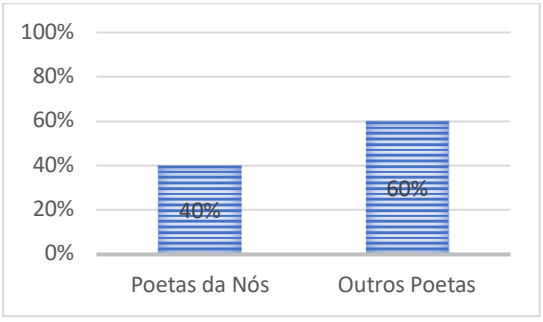
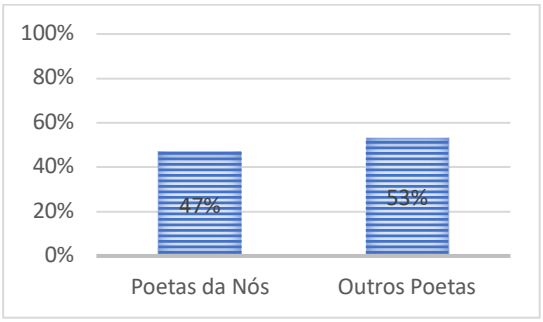
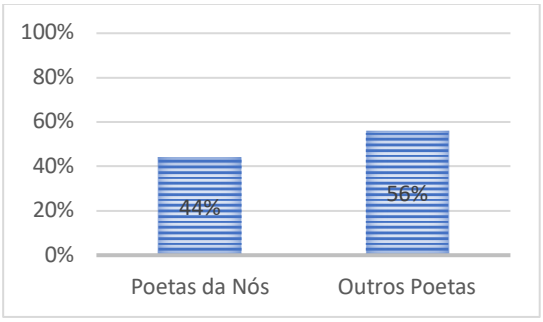


Tabela 29 - Percentagem de páginas antologiadas (Fernández del Riego 1955)



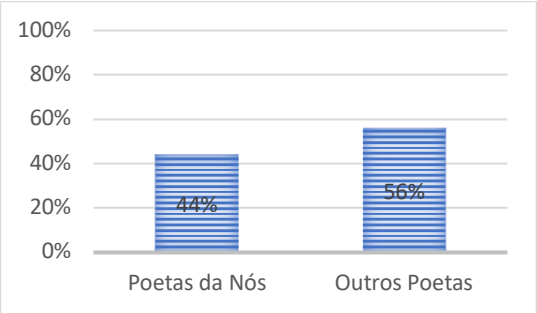
6. Em 1956, Eduardo Blanco Amor organiza, no Centro Gallego de Buenos Aires, um *Recital antolóxico de poesía galega dos séculos XII ao XX* (Blanco Amor 1956), para o qual são também convocados poemas de Eduardo Pondal (3), Ramón Cabanillas (3), Antonio Noriega Varela (5) e Luis Amado Carballo (1). Portanto, 4 poetas dos nossos autores e 12 poemas seus de um total de 26 poetas e 45 poemas[69]. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 30 - Percentagem de poetas antologiados (Blanco Amor 1956)



[69] Neste caso, teremos em conta a percentagem de poemas considerados, e não a percentagem de páginas.

Tabela 31 - Percentagem de páginas antologiadas (Blanco Amor 1956)



7. A.N.I. 1959 diz respeito a *Poesía gallega contemporánea*, publicado no México. Aí encontramos Manuel Luís Acuña (pp. 58-59), Luis Amado Carballo (pp. 73-75), Xesús Bal y Gay (pp. 84-85), Eduardo Blanco Amor (pp. 91-93), Roberto Blanco Torres (pp. 94-95), Fermín Bouza-Brey (pp. 96-98), de quem se publica *Lelías ao teu ouvido* (p. 98; Bouza-Brey 1926a), Ramón Cabanillas (pp. 101-112), Álvaro de las Casas (pp. 116-117), Augusto María Casas (pp. 118-119), Xosé María Castroviejo (pp. 127-129), de quem se publica *Noroeste* (p. 129; Castroviejo 1931), Ricardo Carvalho Calero (pp. 108-111), Evaristo Correa Calderón (pp. 141-142), Álvaro Cunqueiro (pp. 151-153), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 199-201), Gonzalo López Abente (pp. 223-225), Euxenio Montes (pp. 243-246), de quem se publica *Río* (p. 244; Montes 1929), Antonio Noriega Varela (pp. 254-256), Xosé Otero Espasandín (pp. 261-263), de quem se publica *A lúa sigueute* (p. 262; Otero Espasandín 1932a), Ramón Otero Pedrayo (pp. 264-269), Luis Pimentel (pp. 281-283), Emilio Pita (pp. 284-285), Xulio Sigüenza (pp. 342-346) e Antón Zapata García (pp. 380-381). Portanto, 16 poetas dos nossos autores e 40 poemas seus de um total de 97 poetas e 322 poemas[70]. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

[70] Neste caso, teremos em conta a percentagem de poemas considerados, e não a percentagem de páginas.

Tabela 32 - Percentagem de poetas antologiados (A.N.I. 1959)

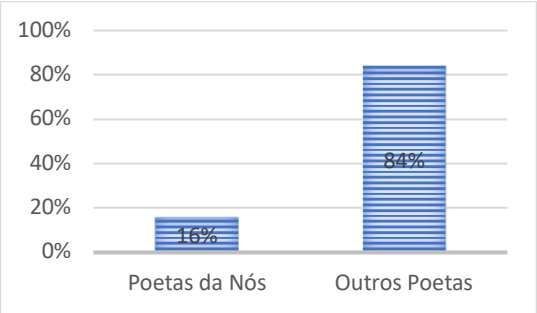
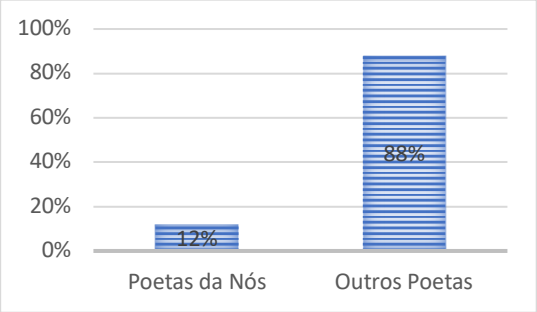


Tabela 33 - Percentagem de páginas antologiadas (A.N.I. 1959)



8. Em 1959, sai a lume *Antología de la poesía gallega contemporánea*, publicada em Madrid (González Alegre 1959). São antologiados Luis Amado Carballo (pp. 28-36), Fermín Bouza-Brey (pp. 46-50), Eduardo Blanco Amor (pp. 54-58), Xulio Sigüenza (pp. 62-68), Luís Pimentel (pp. 62-76), Augusto María Casas (pp. 80-82), Álvaro Cunqueiro (pp. 110-112), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 116-120), Ricardo Carvalho Calero (pp. 124-126) e Emilio Pita (pp. 130-134), 10 poetas de entre os quais somente 3 composições poéticas serão publicadas: *Decordo pra bem muiñar* (pp. 48-50; Bouza-Brey 1928b), de Fermín Bouza-Brey; *Orballo* (pp. 56-58; Blanco Amor 1922), de Eduardo Blanco Amor; *Cabras* (pp. 64-66; Sigüenza 1928a), de Xulio Sigüenza. Portanto, 10 poetas e 33 páginas dos nossos autores de um total de 33 poetas antologiados em 233 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 34 - Percentagem de poetas antologiados (González Alegre 1959)

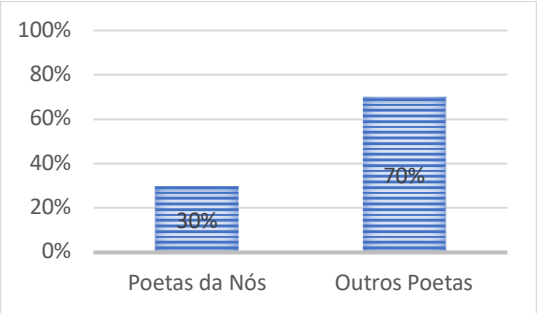
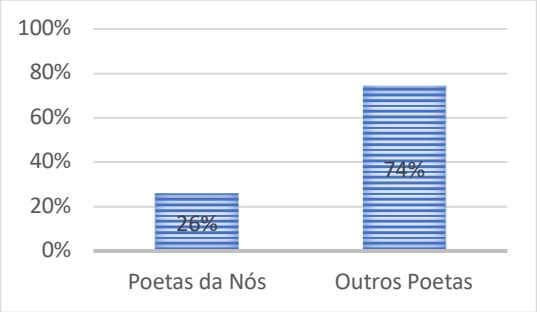


Tabela 35 - Percentagem de páginas antologiadas (González Alegre 1959)



9. Em plena década de sessenta, Ricardo Carvalho Calero leva a cabo aquilo a que intitulou de *Breviario antológico de la literatura gallega contemporánea* (Carvalho Calero 1966), na verdade, uma das mais reduzidas antologias no que toca a poetas e poesias da revista: Eduardo Pondal (p. 32-41), Antonio Noriega Varela (pp. 56-61), Ramón Cabanillas (pp. 62-72), Luis Amado Carballo (pp. 98-102), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 123-125) e Fermín Bouza-Brey (pp. 106-111), o único com um poema publicado em *Nós*: *Trova infinita* (p. 108; Bouza-Brey 1926b). Portanto, 6 poetas e 41 páginas dos nossos autores de um total de 15 poetas antologiados em 92 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 36 - Percentagem de poetas antologiados (Carvalho Calero 1966)

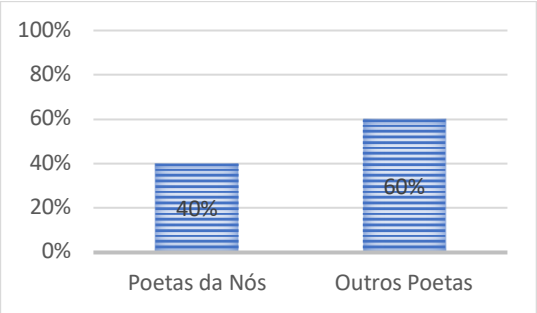
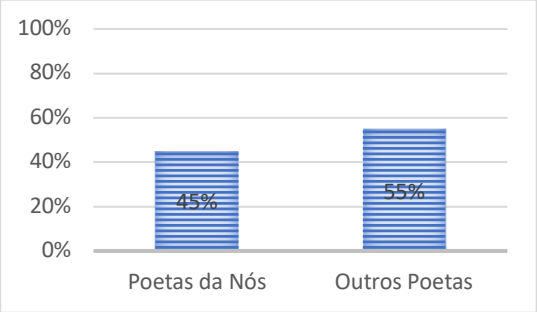


Tabela 37 - Percentagem de páginas antologiadas (Carvalho Calero 1966)



10. A inaugurar a década de setenta, *Os cen mellores poemas da lingua galega* (Alonso Montero 1970). Nenhum poema de *Nós*, mas um número significativo de poetas (13): Eduardo Pondal (pp. 17, 109-110, 152, 173-176), Luis Pimentel (pp. 18, 115, 209), Ramón Cabanillas (pp. 27-28, 95-96, 111, 156-160, 233-235) Eduardo Blanco Amor (pp. 55-56, 77-78), Antonio Noriega Varela (pp. 59, 88, 177-178, 208), Álvaro Cunqueiro (p. 70), Ricardo Carvalho Calero (pp. 71-72), Fermín Bouza-Brey (pp. 99-100), Aquilino Iglesia Alvariño (p. 112), Eladio Rodríguez González (pp. 179-180), Luis Amado Carballo (pp. 181-182), Ramón Otero Pedrayo (pp. 183-185) e Xerardo Álvarez Limeses (p. 190). Portanto, 13 poetas e 48 páginas dos nossos autores de um total de 59 poetas antologiados em 228 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 38- Percentagem de poetas antologiados (Alonso Montero 1970)

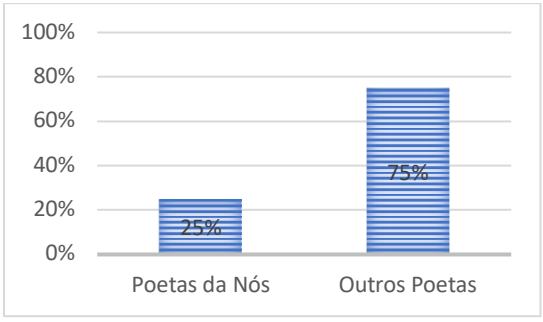
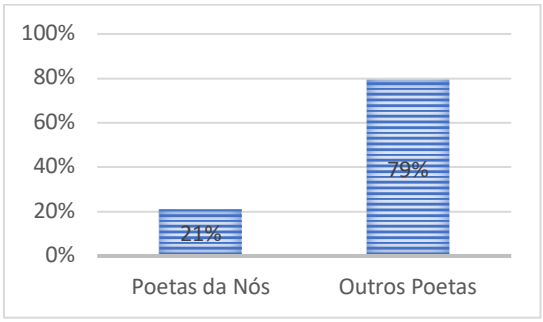
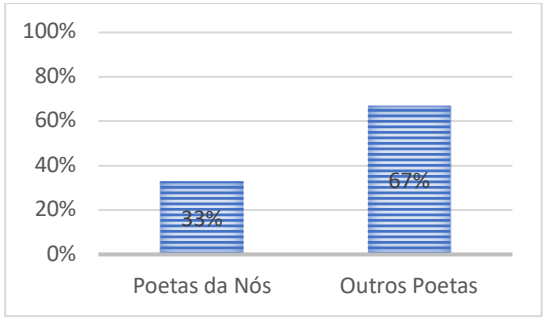


Tabela 39 - Percentagem de páginas antologiadas (Alonso Montero 1970)



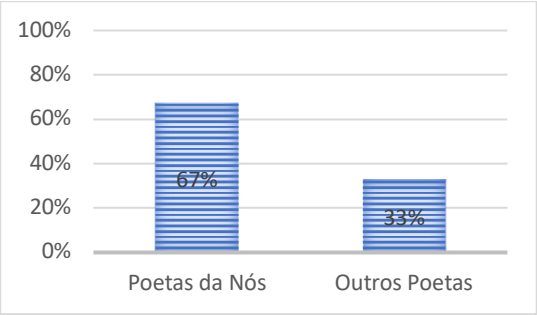
11. Martín Gaite & Ruiz Tarazona 1972 diz respeito a *Ocho siglos de poesía*, em que se encontram representados Eduardo Pondal (pp. 225-243), Antonio Noriega Varela (pp. 319-325), Ramón Cabanillas (pp. 329-341), Antón Zapata García (pp. 345-346), Ramón Otero Pedrayo (pp. 347-355), Luis Pimentel (pp. 356-365), Luis Amado Carballo (pp. 395-408), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 409-418) e Álvaro Cunqueiro (pp. 419-422). Portanto, 9 poetas dos nossos autores e 91 páginas seus de um total de 27 poetas e 136 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 40 - Percentagem de poetas antologiados (Martín Gaite & Ruiz Tarazona 1972)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 41 - Percentagem de páginas antologiadas (Martín Gaite & Ruiz Tarazona 1972)



12. Tampouco em *Falemos galego* (Álvarez Gándara 1973) somente trará à luz Victoriano Taibo (p. 17), Xavier Prado (p. 18) Eduardo Pondal (pp. 40-41, 67), Manuel Lugrís Freire (pp. 77-78) e Antonio Noriega Varela (pp. 83-84). Portanto, 4 poetas e 9 páginas dos nossos autores de um total de 18 poetas antologiados em 24 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 42 - Percentagem de poetas antologiados (Álvarez Gándara 1973)

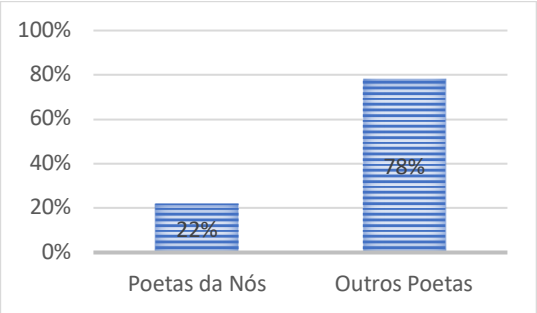
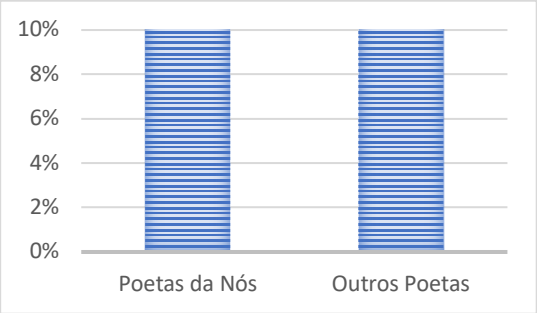


Tabela 43 - Percentagem de páginas antologiadas (Álvarez Gándara 1973)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

13. Extraterritorial, *Poetas gallegos contemporáneos* (Losada 1974), publicada em Barcelona, terá em contra Luis Pimentel (pp. 19-59), Luis Amado Carballo (pp. 105-133), de quem publica *As cantigas do berce* (p. 128; Amado Carballo 1928a), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 135-157) e Álvaro Cunqueiro (pp. 181-217). Portanto, 4 poetas e 126 páginas dos nossos autores de um total de 11 poetas antologiados em 395 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 44 - Percentagem de poetas antologiados (Losada 1974)

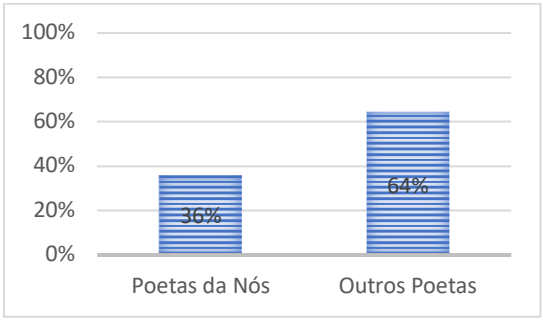
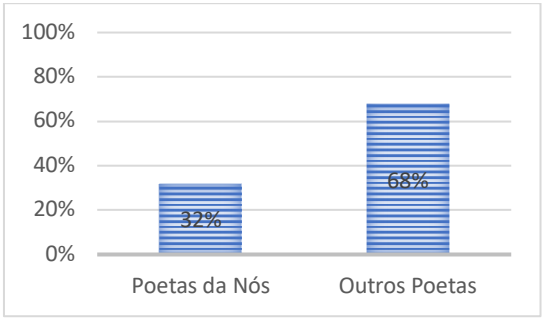


Tabela 45- Percentagem de páginas antologiadas (Losada 1974)



14. No mesmo ano, e também em Barcelona, publica-se *Poesía gallega contemporánea* (González Garcés 1974), com opções muito idênticas às da antologia precedente: Luis Pimentel (pp. 38-73), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 126-161), de quem publica *Cando teña trescentos años* (p. 152; Iglesia Alvariño 1934a), e Álvaro Cunqueiro (pp. 170-205). Portanto, 3 poetas e 105 páginas dos nossos autores de um total de 6 poetas antologiados em 293 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 46- Percentagem de poetas antologiados (González Garcés 1974)

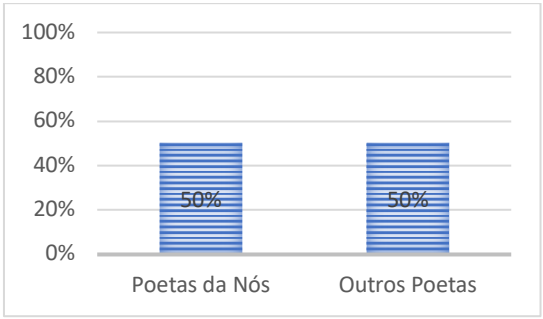
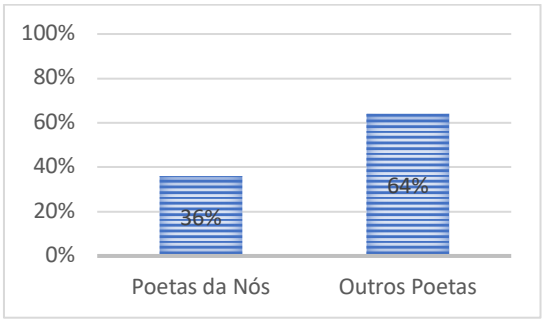
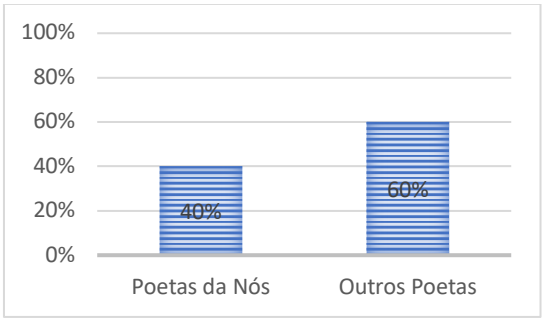


Tabela 47- Percentagem de páginas antologiadas (González Garcés 1974)



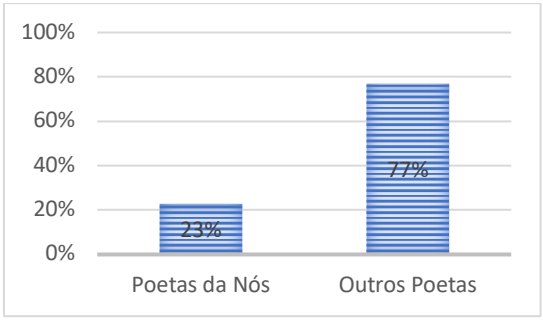
15. Com traduções para catalão, sai em 1976, em Palma de Mallora, *Quinze poetes gallecs* (Llompart 1976): podemos identificar os nomes de Eduardo Pondal (pp. 31-35), Luís Pimentel (pp. 65-71), Antonio Noriega Varela (pp. 63-64) e Luís Amado Carballo (pp. 87-90), mas nenhum poema que tenha sido publicado em *Nós*. Portanto, 4 poetas e 18 páginas dos nossos autores de um total de 15 poetas antologiados em 90 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 48 - Percentagem de poetas antologiados (Llompart 1974)



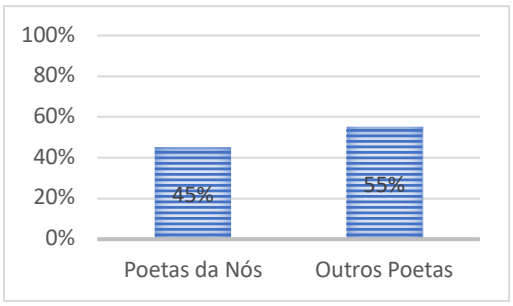
USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 49- Percentagem de páginas antologiadas (Llompart 1974)



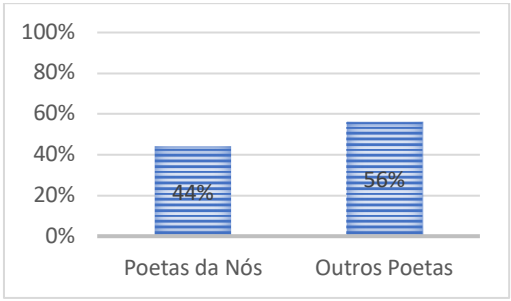
16. Também de 1976 é a segunda tentativa antologiadora de Francisco Fernández del Riego, com *Antoloxía de Poesía galega. Do dezanove aos continuadores*. Aí, encontramos novamente um número considerável: são antologiados Eduardo Pondal (Fernández del Riego 1976, pp. 84-107), Xoán Armada e Losada (pp. 172-176), Manuel Lugrís Freire (pp. 185-190), Eladio Rodríguez González (pp. 196-202), Francisca Herrera Garrido (pp. 208-218), Gonzalo López Abente (pp. 252-257), Victoriano Taibo García (pp. 258-265), Antón Zapata García (pp. 273-276), Ramón Otero Pedrayo (pp. 277-285), Roberto Blanco Torres (pp. 286-289), Avelino Gómez Ledo (pp. 290-294), Xerardo Álvarez Limeses (pp. 222-225), de quem se publica *!Chove!* (Fernández del Riego 1976, p. 222; Álvarez Limeses 1931), Antonio Noriega Varela (pp. 226-235), com *Airiños* (p. 235; Noriega Varela 1926), e Ramón Cabanillas (pp. 236-251), com *A espada Escalibor* (p. 241; Cabanillas 1926a). Portanto, 15 poetas e 116 páginas dos nossos autores de um total de 33 poetas antologiados em 264 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 50- Percentagem de poetas antologiados (Fernández del Riego 1976)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 51- Percentagem de páginas antologiadas (Fernández del Riego 1976)



17. Dois anos depois, a *Revista de Poesia e Crítica* (cf. Nordés 1978) oferece também, com a chancela das Ediciós Castro, uma *Antoloxía de Poesía Galega Actual*: encontraremos somente Álvaro Cunqueiro (pp. 81-88) e Ricardo Carvalho Calero (pp. 303-312). Portanto, 2 poetas e 18 páginas dos nossos autores de um total de16 poetas antologiados em 333 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 52- Percentagem de poetas antologiados (Nordés 1978)

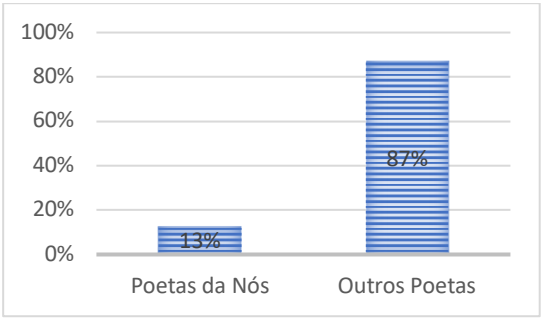
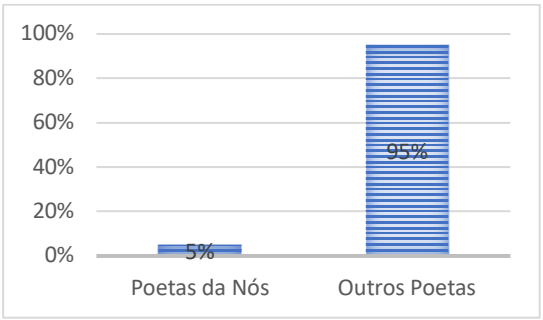


Tabela 53- Percentagem de páginas antologiadas (Nordés 1978)



18. Ainda antes do Estatuto da Autonomía da Galiza (1981), sai a terceira tentativa de Fernández del Riego: *Poesía Galega. Do Posmodernismo aos Novos* (Fernández del

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Riego 1980), com uma mais significativa presença de poemas da *Nós*: Luis Amado Carballo (pp. 64-77), Euxenio Montes (pp. 94-96), Xulio Sigüenza (pp. 97-100), Luis Pimentel (pp. 101-112), Xosé Otero Espasandín (pp. 131-137), Xosé Manuel Cabada Vázquez (pp. 143-146), Manuel Luís Acuña (pp. 147-149), Augusto María Casas (pp. 153-156), Emilio Pita (pp. 169-173), Xosé María Castroviejo (pp. 174-177), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 178-191), Ricardo Carvalho Calero (pp. 192-202), Álvaro Cunqueiro (pp. 213-225), Xosé María Álvarez Blázquez (pp. 265-268), Fermín Bouza-Brey (pp. 78-87), de quem se publica *Triadas no mar e na noite* (p. 78; Bouza-Brey 1927b), *Descordo pra ben muiñar* (p. 80; Bouza-Brey 1928b) e *Tenzón co malvís amigo* (p. 82; Bouza-Brey 1929), e Eduardo Blanco Amor (pp. 88-93), de quem se publica *Orballo* (p. 89; Blanco Amor 1922) e *Canzón VII* (p. 90; Blanco Amor 1933). Portanto, 16 poetas e 108 páginas dos nossos autores de um total de 68 poetas antologiados em 456 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 54- Percentagem de poetas antologiados (Fernández del Riego 1980)

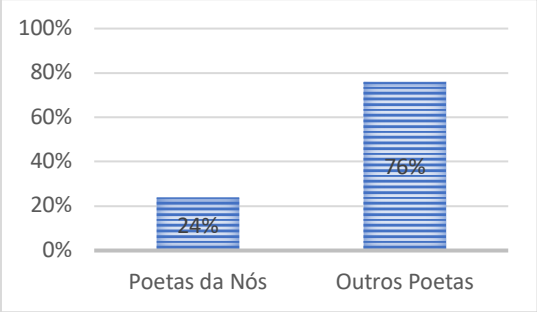
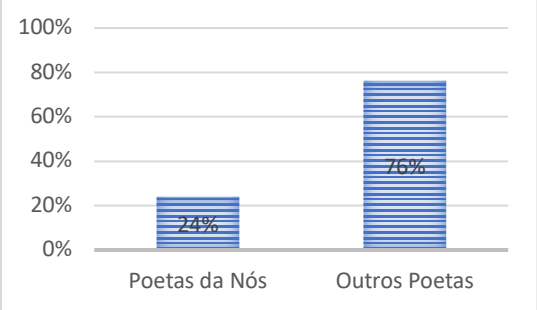


Tabela 55- Percentagem de páginas antologiadas (Fernández del Riego 1980)



19. Em 1984, César Antonio Molina edita, em Madrid, *Antología de la poesía gallega contemporánea* (Molina 1984). Veremos 6 poetas – Luis Amado Carballo (pp. 87-97),

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Fermín Bouza-Brey (pp. 99-125), Álvaro Cunqueiro (pp. 127-141), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 143-165), Ricardo Carvalho Calero (pp. 167-191) e Luis Pimentel (pp. 217-237). Quanto a poemas publicados em *Nós*, encontrámos, por comparação com as demais antologias, um número significativo ainda que todos da pena do último: *Lelías ao teu ouvido* (p. 100; Bouza-Brey 1926a), *Triadas no mar e na noite* (p. 102; Bouza-Brey 1927b), *Clamor na encrucillada* (p. 106; Bouza-Brey 1928a), *O escordeonista* (p. 106; Bouza-Brey 1931c) e *Pra facer um feitizo* (p. 122; Bouza-Brey 1922). Portanto, 6 poetas e 102 páginas dos nossos autores de um total de 20 poetas antologiados em 432 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 56- Percentagem de poetas antologiados (Molina 1984)

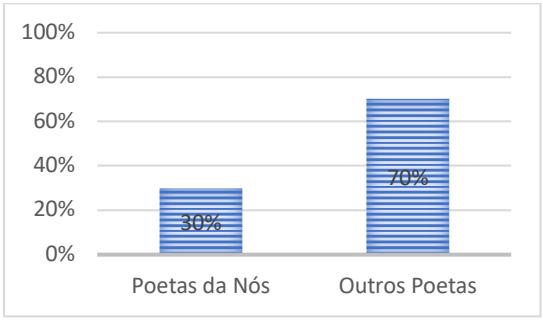
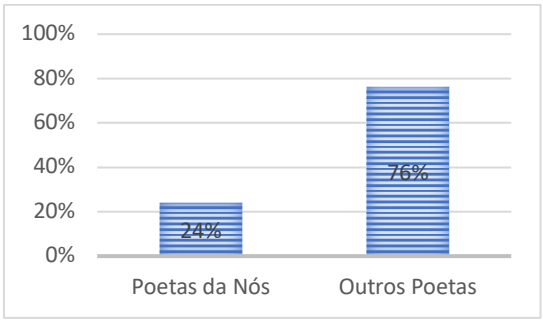


Tabela 57- Percentagem de páginas antologiadas (Molina 1984)



20. No mesmo ano, *O Libro do Amor. 69 poemas do século XX* (Alonso Montero 1984), que conta somente com Ramón Cabanillas (pp. 16-17), Gonzalo López Abente (p. 18), Victoriano Taibo García (p. 19), Eduardo Blanco Amor (pp. 20-21), Augusto María Casas (p. 23), Aquilino Iglesia Alvariño (p. 25), Ricardo Carvalho Calero (pp. 26-27). Porém, mas nenhum poema de *Nós*. Portanto, 7 poetas e 10 páginas dos nossos autores

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

de um total de 41 poetas antologiados em 70 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 58- Percentagem de poetas antologiados (Alonso Montero 1984)

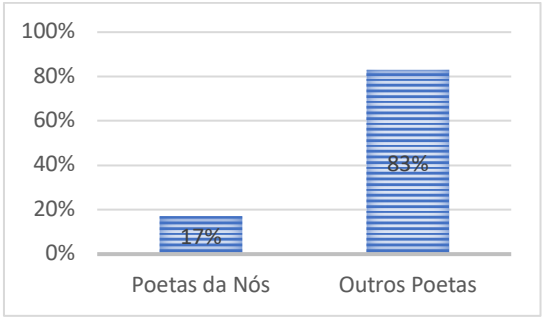
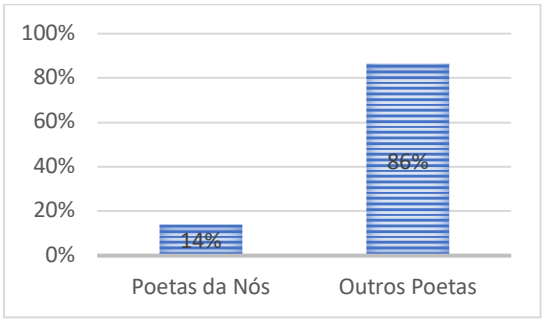


Tabela 59- Percentagem de páginas antologiadas (Alonso Montero 1984)



21. Será necessário aguardar quase uma década para voltar a ver os poetas de *Nós* antologiados na Galiza, processo que Pilar Castro reinicia, em 1993, com *Antoloxía da poesía neotrobadoresca* (Castro 1993), mas novamente sem poemas publicados na revista de Ourense. Ainda assim, podemo-nos cruzar com Eduardo Pondal (pp. 93-98), Fermín Bouza-Brey (pp. 107-114), Álvaro Cunqueiro (pp. 115-126) e Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 141-146). Portanto, 4 poetas e 22 páginas dos nossos autores de um total de 9 poetas antologiados em 70 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 60- Percentagem de poetas antologiados (Castro 1993)

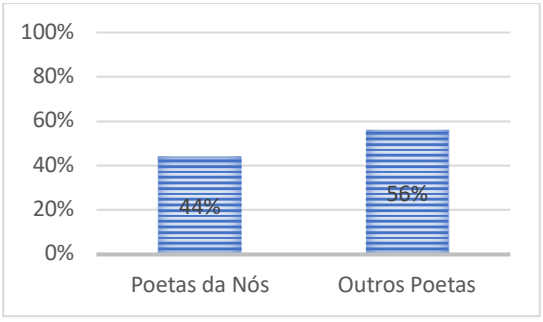
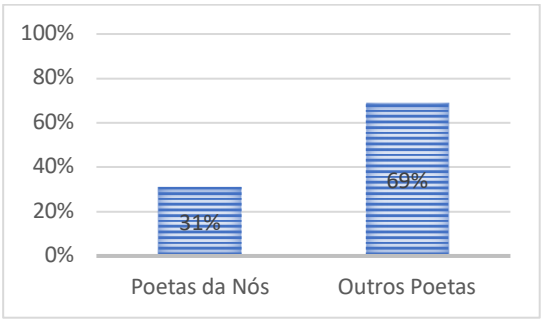
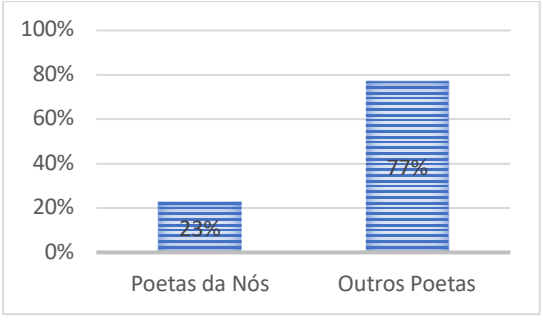


Tabela 61- Percentagem de páginas antologiadas (Castro 1993)



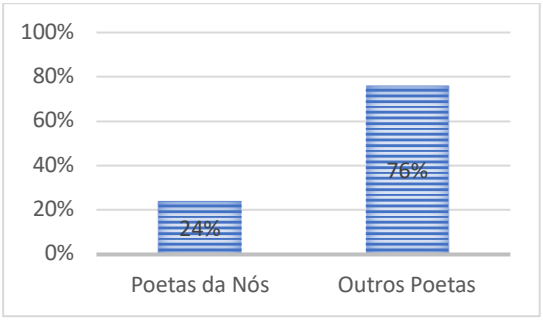
22. Em 1994, publica-se *Cincuenta anos de poesía galega*, em dois volumes. No primeiro volume, que abarca o período sobre o qual nos debruçamos (Bernández & Álvarez Cáccamo 1994), são antologiados Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 21-41), Ricardo Carvalho Calero (pp. 42-54) e Álvaro Cunqueiro (pp. 55-71), mas, uma vez mais, sem poemas de *Nós*. Portanto, 3 poetas e 47 páginas dos nossos autores de um total de 13 poetas antologiados em 200 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 62- Percentagem de poetas antologiados (Bernárdez & Álvarez Cáccamo 1994)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 63- Percentagem de páginas antologiadas (Bernárdez & Álvarez Cáccamo 1994)



23. Em 1996, em Campinas (São Paulo, Brasil), é publicada uma *Antologia de Poesia Galega* (Frateschi Vieira 1996), na qual figuram Eduardo Pondal (pp. 50-63), Luis Amado Carballo (pp. 77-87), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 88-100) e Álvaro Cunqueiro (pp. 115-129). Portanto, 4 poetas e 63 páginas dos nossos autores de um total de 30 poetas antologiados em 338 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 64- Percentagem de poetas antologiados (Frateschi Vieira 1996)

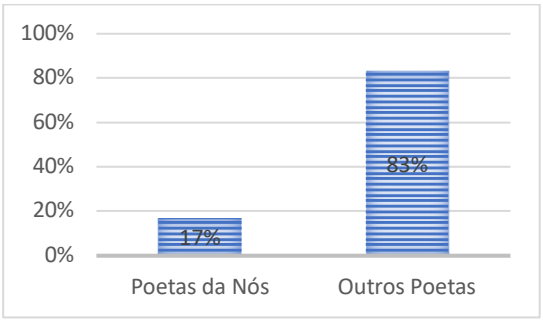
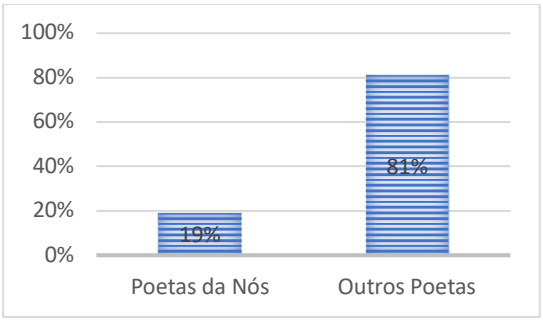


Tabela 65- Percentagem de páginas antologiadas (Frateschi Vieira 1996)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

24. No mesmo ano, em *A poesía e o teatro interseculares* (Freixeiro Mato & Pillado Mayor 1996a), podemos encontrar poetas menos visitados nas antologias, como Gonzalo López Abente, Ramón Cabanillas, Antonio Noriega Varela, Francisca Herrera Garrido, de quem se publica *A nosa nai Galiza* (p. 76; Herrera Garrido, 1931), e Xerardo Álvarez Limeses, de quem se publica *¡Chove!* (p. 92; Álvarez Limeses 1931). Portanto, 5 poetas e 125 páginas dos nossos autores de um total de 5 poetas antologiados em 125 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 66- Percentagem de poetas antologiados (Freixeiro Mato & Pillado Mayor 1996a)



Tabela 67- Percentagem de páginas antologiadas (Freixeiro Mato & Pillado Mayor 1996a)



25. *Poetas entre a tradición e a modernidade (Luis Amado Carballo e os seus seguidores)*, publicado pela Asociación Socio-Pedagóxica Galega (María & Gómez Sánchez 1997), terá em conta um número maior de poetas, mas também de poemas publicados na *Nós*: Luís Amado Carballo (pp. 11-62) de quem se publica *As cantigas do berce* (p. 41; Amado Carballo 1928a), Euxenio Montes (pp. 89-111), Evaristo Correa Calderón (pp. 115-118), Roberto Blanco Torres (pp. 121-128), Manuel Luís Acuña (pp. 151-170), de quem se publica *Afiador*, *Mendiño* e *Segador* (pp. 153-155; Acuña, 1933a), Xulio Sigüenza (pp. 131-148), de quem se publica *Cabras* (p. 131; Sigüenza 1928a) e *Foot-*

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ball (p. 141; Sigüenza 1928b), e Xoán Vidal Martínez (pp. 173-178), de quem se publica *Nocturno* (p. 177; Vidal Martínez 1931). Portanto, 7 poetas e 102 páginas dos nossos autores de um total de 9 poetas antologiados em 167 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 68- Percentagem de poetas antologiados (María & Gómez Sánchez 1997)

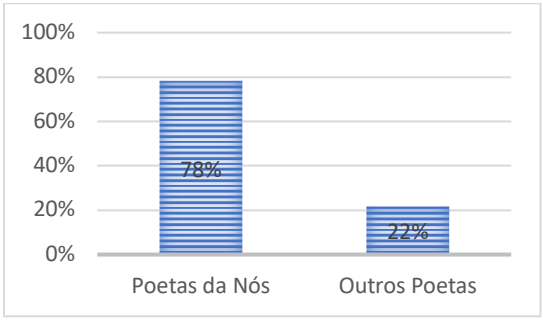
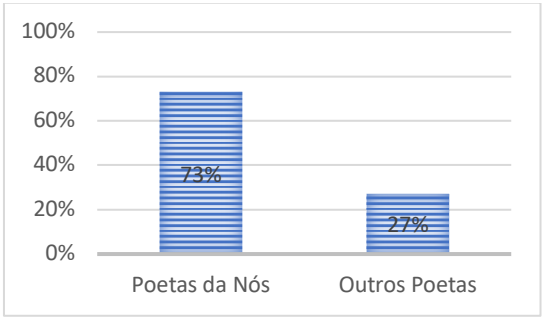


Tabela 69- Percentagem de páginas antologiadas (María & Gómez Sánchez 1997)



26. Também com a mesma chancela, sai a lume, em 1997, *Literatura na diáspora bonaerense* (Maceira Fernández 1997), que tem somente em conta, dado o nosso objecto de estudo, Emilio Pita (pp. 89-118), ocupando 30 páginas de um total de 105 páginas dedicadas a poesia e 4 poetas considerados. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 70- Percentagem de poetas antologiados (Maceira Fernández 1997)

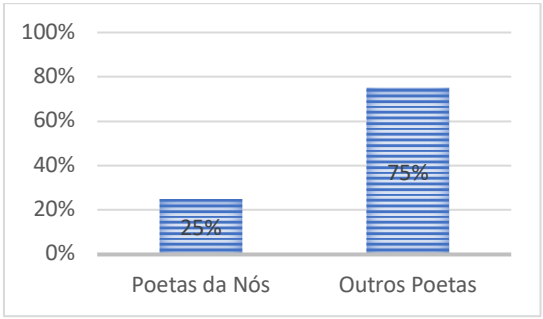
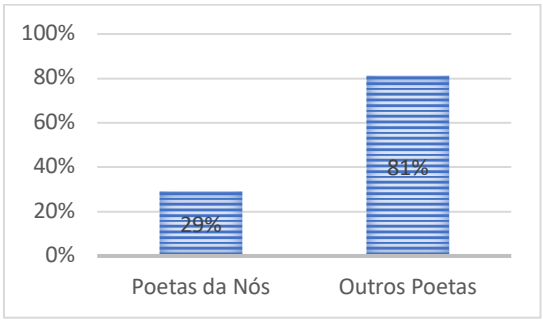
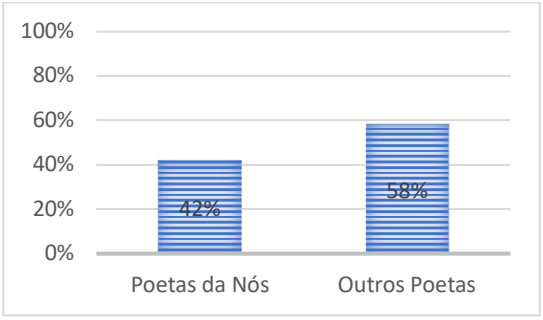


Tabela 71- Percentagem de páginas antologiadas (Maceira Fernández 1997)



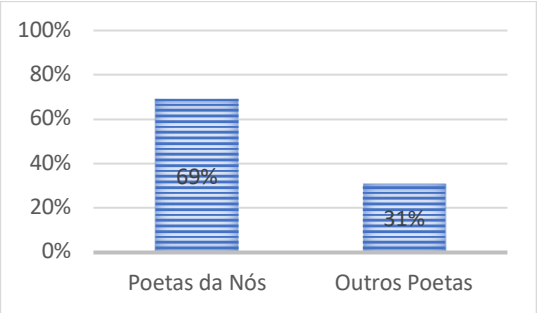
27. A.N.I. 1999 diz respeito a *37 escritores para unha lingua*, em que se publicam Eduardo Pondal (pp. 21-22), Antonio Noriega Varela (pp. 42-43), Gonzalo López Abente (p. 52), Ramón Cabanillas (pp. 72-74), Luis Amado Carballo (p. 98), Aquilino Iglesia Alvariño (p. 114), Francisca Herrera Garrido (p. 118), Ramón Otero Pedrayo (pp. 122-123), Luis Pimentel (p. 132), Álvaro Cunqueiro (p. 136), Fermín Bouza-Brey (p. 140), Eduardo Blanco Amor (p. 144), Ánxel Fole (p. 160) e Roberto Blanco Torres. Portanto, 14 poetas e 20 páginas dos nossos autores de um total de 33 poetas antologiados em 29 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 72- Percentagem de poetas antologiados (A.N.I. 1999)



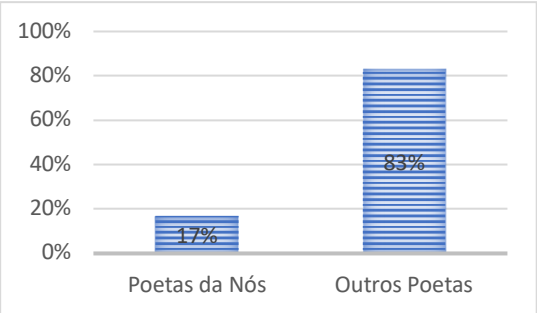
USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 73- Percentagem de páginas antologiadas (A.N.I. 1999)



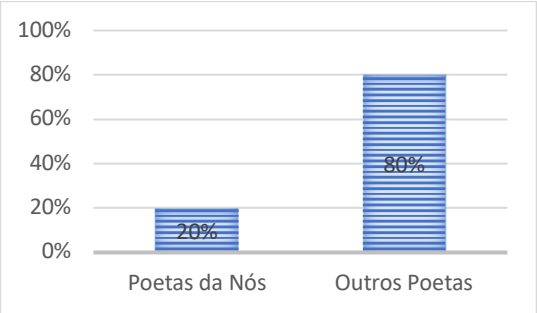
28. A terminar a década de noventa, bem como o terceiro período por nós definido, *Rio de son e vento. Unha antoloxía da poesía galega* (Morán 1999). A opção periodológica, de recorte geracional, que o editor adopta, vai acompanhada de uma introdução ao início e de um aparato bibliográfico ao final de cada período. Nesta antologia, encontramos alguns poetas, mas somente um poema, que foram publicados na *Nós*: Eduardo Pondal (pp. 134-140), Manuel Curros Enríquez (pp. 141-152), Xerardo Álvarez Limeses (pp. 165-170), Ramón Cabanillas (pp. 166-170), Antonio Noriega Varela (pp. 171-173), Luis Amado Carballo (pp. 186-189), Eduardo Blanco Amor (pp. 190-191), Fermín Bouza-Brey (pp. 192-193), de quem se publica *Tenzón co malvís amigo* (p. 192; Bouza-Brey 1929), Euxenio Montes (pp. 204-205), Luis Pimentel (pp. 206-208), Ricardo Carvalho Calero (pp. 209-213), Álvaro Cunqueiro (pp. 214-223) e Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 241-246). Portanto, 13 poetas e 67 páginas dos nossos autores de um total de 76 poetas antologiados em 338 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 74- Percentagem de poetas antologiados (Morán 1999)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 75- Percentagem de páginas antologiadas (Morán 1999)



29. Em 2001, publica-se *Escolma de aniversario* (Alonso Girgado & Monteagudo Cabaleiro 2001), onde encontramos Eduardo Pondal (p. 23), Antonio Noriega Varela (p. 34), Ramón Cabanillas (pp. 35-37), Ramón Otero Pedrayo (p. 38), Luis Pimentel (p. 41), Luis Amado Carballo (p. 43), Fermín Bouza-Brey (pp. 44-45), Aquilino Iglesia Alvariño (p. 46) e Álvaro Cunqueiro (p. 51). Portanto, 9 poetas e 12 páginas dos nossos autores de um total de 27 poetas antologiados em 45 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 76- Percentagem de poetas antologiados (Alonso Girgado & Monteagudo Cabaleiro 2001)

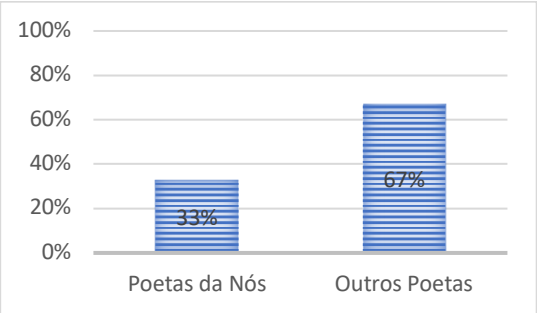
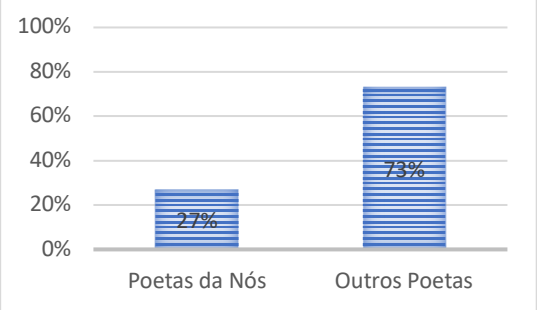


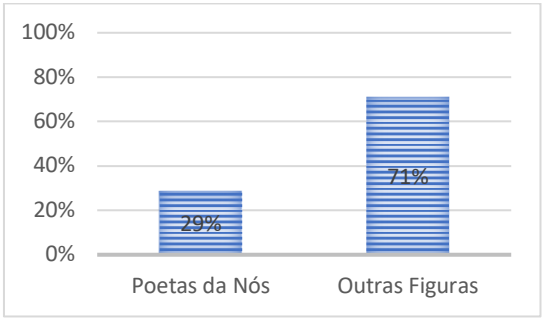
Tabela 77- Percentagem de páginas antologiadas (Alonso Girgado & Monteagudo Cabaleiro 2001)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

30. No ano de 2002, assiste-se também à publicação de *De Rosalía a Sarmiento. Escolma do Día das Letras galegas (1963-2002)* (Alonso Girgado, Fariña Miranda & Monteagudo Cabaleiro 2002). Esta antologia deve ser entendida, como já insinuámos, como parte integrante de uma antologia *in fieri*, que começa em 1963 e continua até hoje: ao longo deste meio século, foram celebrados vários poetas que contam com poemas seus publicados em *Nós*: Eduardo Pondal (1965), Manuel Curros Enríquez (1967), Antonio Noriega Varela (1969), Gonzalo López Abente (1971), Ramón Cabanillas (1976), Luis Amado Carballo (1982), Aquilino Iglesia Alvariño (1986), Francisca Herrera Garrido (1987), Ramón Otero Pedrayo (1988), Luis Pimentel (1990), Álvaro Cunqueiro (1991), Fermín Bouza-Brey (1992), Eduardo Blanco Amor (1993), Ánxel Fole (1997), Roberto Blanco Torres (1999), Eladio Rodríguez González (2001), Manuel Lugrís Freire (2006) e Ricardo Carvalho Calero (2020). Portanto, 18 nomes de poetas da revista *Nós* de um total de 63 edições desta celebração. O seguinte gráfico ilustra a respectiva percentagem[71]:

Tabela 78- Percentagem de poetas antologiados (Alonso Girgado, Fariña Miranda & Monteagudo Cabaleiro 2002)



31. Depois da entrada no novo milénio, veremos por primeira vez algum poeta colaborador de *Nós* antologiado em *Nós. A Literatura Galega*, publicado em Lisboa (Vázquez Cuesta 2002). Figuram aí Eduardo Pondal (pp. 11-20) Ramón Cabanillas (pp. 63-71) e Álvaro Cunqueiro (pp. 134-140), mas nenhum poema da revista de Ourense. Portanto, 3 poetas e 26 páginas dos nossos autores de um total de 7 poetas antologiados em 160 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

[71] Neste caso, teremos somente em conta o número de poetas.

Tabela 79- Percentagem de poetas antologiados (Vázquez Cuesta 2002)

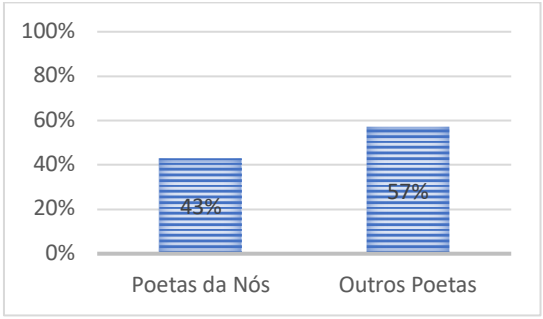
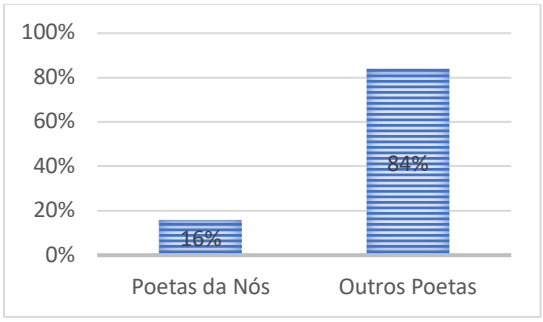


Tabela 80- Percentagem de páginas antologiadas (Vázquez Cuesta 2002)



32. Dois anos depois, com a chancela das Edicións Espiral Maior, *Poetas Galegos do Século XX* (Rodríguez 2004), antologia Antonio Noriega Varela (pp. 19-26), Ramón Cabanillas (pp. 27-40), Luis Pimentel (pp. 41-54), Luis Amado Carballo (pp. 69-80), Ricardo Carvalho Calero (pp. 121-134), Álvaro Cunqueiro (pp. 135-148), Fermín Bouza-Brey (pp. 81-90), de quem se publica *Lelías ao teu ouvido* (p. 82; Bouza-Brey 1926a), *Temas en corazón* (p. 83; Bouza-Brey 1930a) e *Tópico no porto* (p. 87; Bouza-Brey 1933b), e Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 91-104), de quem se publica *Cando teña trescentos años* (p. 97; Iglesia Alvariño 1934a). Portanto, 3 poetas e 26 páginas dos nossos autores de um total de 7 poetas antologiados em 160 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 81- Percentagem de poetas antologiados (Rodríguez 2004)

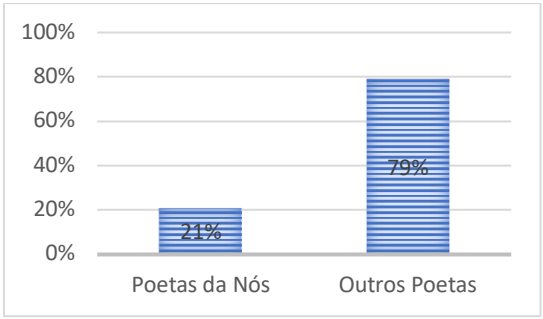
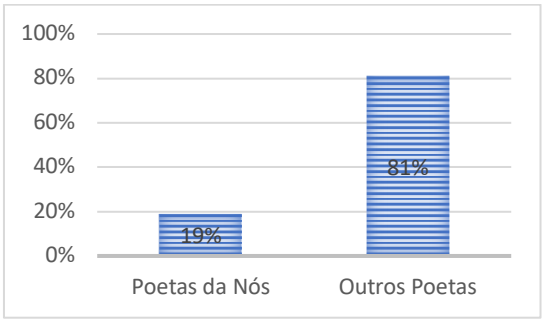
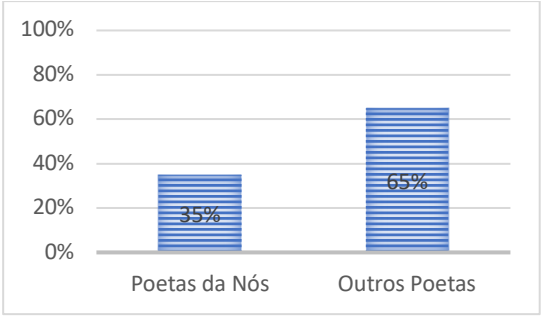


Tabela 82- Percentagem de páginas antologiadas (Rodríguez 2004)



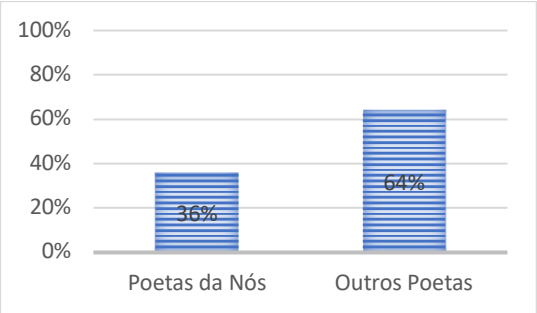
33. Por seu turno, Nogueira & Nicolás 2007, em *Antología de poesía gallega 1 = Antoloxía de poesía galega 1*, terão em conta Eduardo Pondal (pp. 36-41), Ramón Cabanillas (pp. 42-43), Luis Pimentel (pp. 44-47), Eduardo Blanco Amor (pp. 48-49), Manuel Luís Acuña (pp. 52-53), Luis Amado Carballo (pp. 56-57), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 60-61) e Álvaro Cunqueiro (pp. 64-65). Portanto, 8 poetas e 22 páginas dos nossos autores de um total de 23 poetas antologiados em 61 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 83- Percentagem de poetas antologiados (Nogueira & Nicolás 2007)



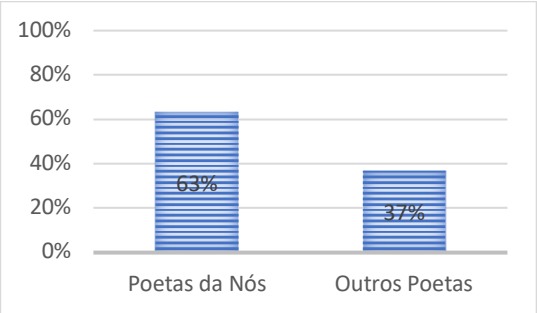
USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 84- Percentagem de páginas antologiadas (Nogueira & Nicolás 2007)



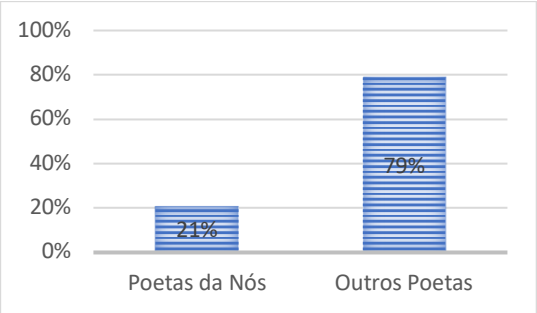
34. Em 2010, inaugura-se o acto antológico da poesia galega com tradução para a língua inglesa (Toro Santos 2010): *Breogán's Lighthouse. An Anthology of Galician Literature*. Sem publicação de poemas da *Nós*, esta antologia inclui, porém 10 poetas com poemas nela publicados: Eduardo Pondal (pp. 131-150), Ramón Cabanillas (pp. 243-252), Luis Pimentel (p. 295), Manuel Luís Acuña (p. 303), Luis Amado Carballo (pp. 304-306), Fermín Bouza-Brey (p. 307), Emilio Pita (p. 309), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 341-345), Ricardo Carvalho Calero (pp. 347-349) e Álvaro Cunqueiro (pp. 366-374). Portanto, 10 poetas e 54 páginas dos nossos autores de um total de 50 poetas antologiados em 340 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 85- Percentagem de poetas antologiados (Toro Santos 2010)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 86- Percentagem de páginas antologiadas (Toro Santos 2010)



35. No mesmo ano, e com um mesmo horizonte, *Anthology of Galician Literature* (Dunne 2010) não só não inclui poemas publicados da *Nós*, como conta com um número mais reduzido de poetas: Eduardo Pondal (pp. 116-17, 138-139), Ramón Cabanillas (pp. 144-145), Antonio Noriega Varela (pp. 146-147), Luis Amado Carballo (pp. 148-149), Fermín Bouza-Brey (pp. 154-155), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 282-283) e Luís Pimentel (pp. 284-285). Portanto, 7 poetas e 16 páginas dos nossos autores de um total de 25 poetas antologiados em 108 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 87- Percentagem de poetas antologiados (Dunne 2010)

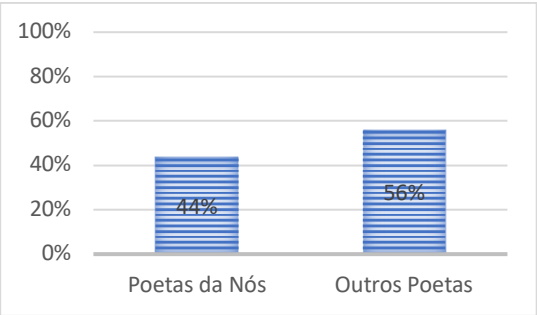
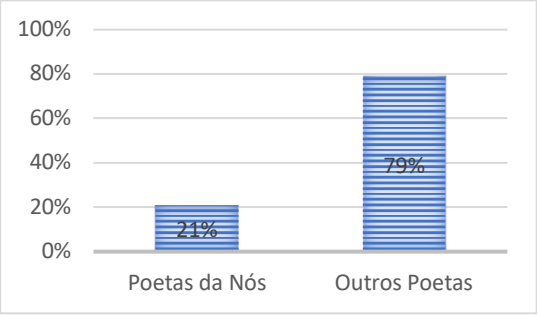


Tabela 88- Percentagem de poetas antologiados (Dunne 2010)



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

36. Com similar atenção aos poetas da revista *Nós*, *A gaita, o gaiteiro e os gaiteiros na poesía galega* (Alonso Montero 2012) antologia somente Antonio Noriega Varela (p. 5), Ramón Cabanillas (pp. 71-73), Luis Amado Carballo (p. 75), Manuel Lugrís Freire (p. 77) e Eladio Rodríguez González (pp. 79-81). Portanto, 5 poetas e 9 páginas dos nossos autores de um total de 32 poetas antologiados em 108 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 89- Percentagem de poetas antologiados (Alonso Montero 2012)

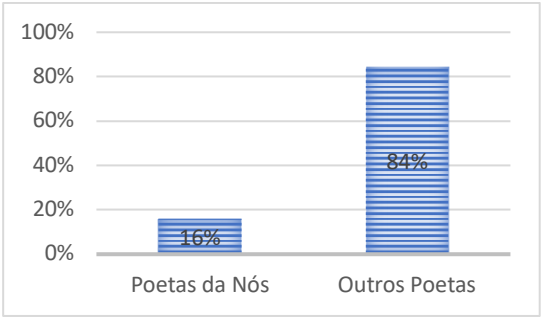
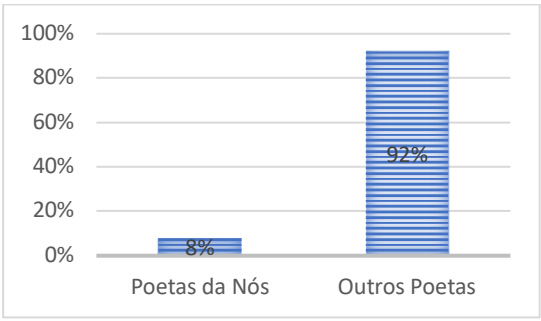


Tabela 90- Percentagem de páginas antologiadas (Alonso Montero 2012)



37. No mesmo ano, sairá *O libro dos cen poemas: antoloxía da poesía infantil galega* (Álvarez Cáccamo & Núñez 2012). São antologiados Xerardo Álvarez Limeses (p. 29), Eduardo Blanco Amor (p. 60), Luis Pimentel (pp. 62, 133), Antonio Noriega Varela (pp. 71, 73), Manuel Luís Acuña (pp. 75-76), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 77, 134), Álvaro Cunqueiro (pp. 78, 123-124), Emilio Pita (pp. 30-33, 79), Xulio Sigüenza (pp. 86-88), Ramón Cabanillas (p. 125) e Luis Amado Carballo (pp. 57, 74, 106-107), de quem se publica *As cantigas do berce* (p. 57; Amado Carballo 1928a). Portanto, 11

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

poetas e 26 páginas dos nossos autores de um total de 39 poetas antologiados em 126 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

Tabela 91- Percentagem de poetas antologiados (Álvarez Cáccamo & Núñez 2012)

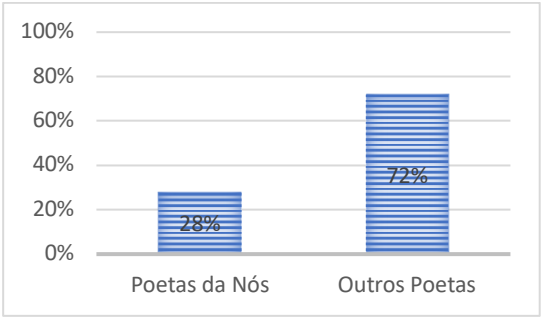
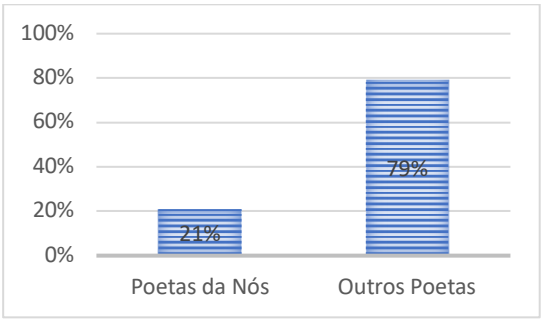


Tabela 92- Percentagem de páginas antologiadas (Álvarez Cáccamo & Núñez 2012)



38. *Poetízate* (Alonso 2013), convoca Eduardo Pondal (pp. 25-27), Antonio Noriega Varela (p. 31), Ramón Cabanillas (p. 32), Luis Pimentel (pp. 36-38), Eduardo Blanco Amor (pp. 39-40), Manuel Luís Acuña (p. 41), Luis Amado Carballo (pp. 44-48), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 49-50) e Álvaro Cunqueiro (pp. 51-54), mas nenhum poema publicado em *Nós*. Portanto, 9 poetas e 22 páginas dos nossos autores de um total de 88 poetas antologiados em 183 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 93- Percentagem de poetas antologiados (Alonso 2013)

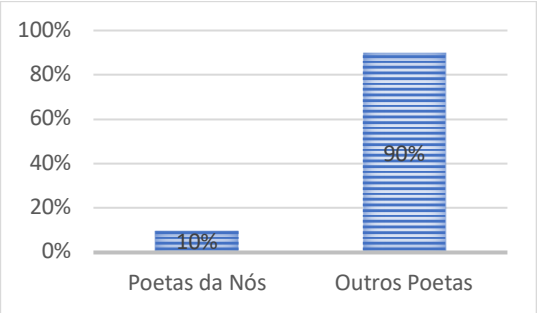
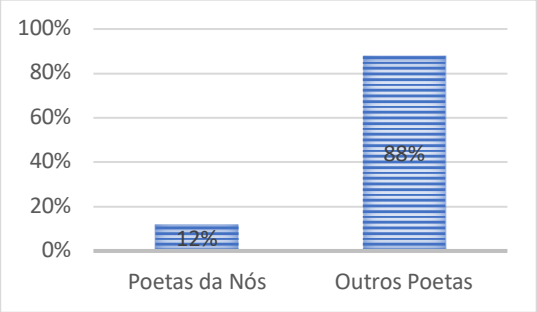


Tabela 94- Percentagem de páginas antologiadas (Alonso 2013)



39. Por fim, o *Tempo das Irmandades*, com a chancela da Real Academia Galega (Ramón Pena 2016), publicará Antonio Noriega Varela (pp. 19-34), Gonzalo López Abente (pp. 121-128), Victoriano Taibo García (pp. 129-136), Luis Amado Carballo (pp. 137-152), Manuel Luís Acuña (pp. 161-168), Eduardo Blanco Amor (pp. 169-178), Roberto Blanco Torres (pp. 183-188), Álvaro Cunqueiro (pp. 229-242), Ramón Cabanillas (pp. 45-120), de que se publica *A espada Escalibor* (pp. 89-98; Cabanillas 1926a), Euxenio Montes (pp. 153-160), de quem se publica *Río* (p. 158; Montes 1929), Xosé Otero Espasandín (pp. 179-182), de quem se publica *Poemas* (p. 181; Otero Espasandín 1927 e 1928a) e *Aldea do monte* (p. 182; Otero Espasandín 1935), e Fermín Bouza-Brey (pp. 189-200), de quem se publica *Lelías ao teu ouvido* (pp. 191-192; Bouza-Brey 1926a), *Triadas no mar e na noite* (pp. 193-194; Bouza-Brey 1927b), *Teño unha estrela* (pp. 195-196; Bouza-Brey 1927a) e *Tenzón co malvís amigo* (p. 197; Bouza-Brey, 1929). Portanto, 12 poetas e 169 páginas dos nossos autores de um total de 15 poetas antologiados em 231 páginas. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 95- Percentagem de poetas antologiados (Pena 2016)

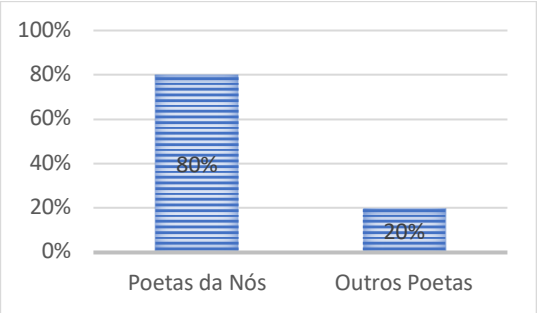
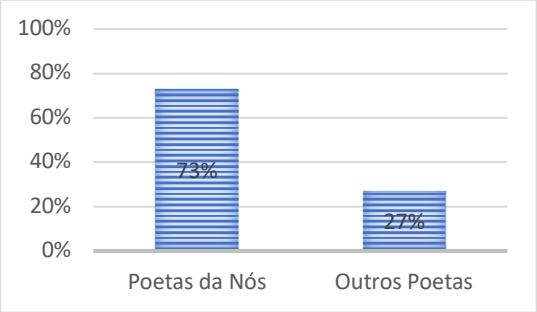


Tabela 96- Percentagem de páginas antologiadas (Pena 2016)



Em suma, dos 59 poetas que contam com poesia publicada em *Nós*, 44 são antologiados pelo menos uma vez. Falamos, portanto, de aproximadamente 75%. São considerados os seguintes nomes: Antonio Díaz de Herrera, Alfonso Castro Dono, Álvaro Cunqueiro, Álvaro de las Casas, Antonio Noriega Varela, Antonio Zapata García, Ánxel Fole, Aquilino Iglesia Alvariño, Augusto María Casas, Avelino Gómez Ledo, Avelino Rodríguez Elías, Eduardo Blanco Amor, Eduardo Pondal, Eladio Rodríguez González, Emilio Pita, Euxenio Montes, Evaristo Correa Calderón, Fermín Bouza-Brey, Francisca Herrera Garrido, Gonzalo López Abente, Johan Carballeira, Juan Bautista Armada y Losada, Lisardo Barreiro, Luis Amado Carballo, Luís Pimentel, Manuel Curros Enríquez, Manuel Lugrís Freire, Manuel Luís Acuña, Ramón Cabanillas, Ramon Otero Pedrayo, Ricardo Carvalho Calero, Roberto Blanco Torres, Victoriano Taibo García, X. M. de la Fuente Bermúdez, Xavier Prado, Xerardo Álvarez Limeses, Xesús Bal y Gay, Xoán Vidal Martínez, Xosé, Luís Parente, Xosé Manuel Cabada Vázquez, Xosé María Álvarez Blázquez, Xosé María Castroviejo, Xosé Otero Espasandín, Xulio Sigüenza.

Os restantes 25% dizem respeito aos seguintes 15 nomes: Amador Villar Amor, Aníbal Otero, Antonio Couceiro Freijomil, Arturo Noguerol Buján, Celestino García Romero, Manuel Bouzo,

USC DE COMPOSTELA

Paulino Pedret Casado, Rafael Pazos Jiménez, Ricardo Frade Giráldez, Serafín Ferro, Xohán Luís Ramos Colemán, Xosé María Castaño Priegue, Xosé Pereiro Carrón, Xosé Velo Mosquera.

Coincidente ou sintomaticamente, os desconsiderados pelo dispositivo antológico, ao longo de quase um século, são praticamente os mesmos desconsiderados pelo aparelho da crítica literária coeva, e em particular no seio da própria revista que os publica.

De entre os poemas antologiados, foi-nos possível identificar um número relativamente reduzido (36), dada a totalidade dos poemas de poetas galegos que se publicam em *Nós* (144), resultando em aproximadamente 25%. Contudo, identificámos 77 ocorrências, uma vez que alguns poemas são publicados em mais de uma antologia:

Poema	**Poeta**	**Ocorrências**
Camiñantes	Manuel Luís Acuña	(Fernández del Riego 1955, p. 182; ´María & Gómez Sánchez, pp. 153-155)
Triadas no mar e na noite	Fermín Bouza-Brey	(Casas 1928a, pp. 153-154; Fernández Flórez 1929, pp. 31-32; Casas 1939, p. 200; Fernández del Riego 1955, p. 113; Fernández del Riego 1980, p. 78; Molina 1984, p. 102; Ramón Pena 2016, pp. 193-194)
Descordo pra ben muiñar	Fermín Bouza-Brey	(Casas 1928a, pp. 155-156; Casas 1939, p. 201; González Alegre 1954, pp. 48-50; Fernández del Riego 1955, p. 114;

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

		Fernández del Riego 1980, p. 80)
Orballo	Eduardo Blanco-Amor	(Casas 1928a, pp. 168-169; Fernández Flórez 1929, pp. 44-45; Casas 1939, p. 195; González Alegre 1954, pp. 56-58; Fernández del Riego 1955, p. 122; Fernández del Riego 1980, p. 89)
Tenzón co malvís amigo	Fermín Bouza-Brey	(Fernández del Riego 1955, p. 114; Fernández del Riego 1980, p. 82; Morán 1999, p. 192; Ramón Pena 2016, p. 197)
Lelías ao teu ouvido	Fermín Bouza-Brey	(Fernández del Riego 1955, p. 112; Molina 1984, p. 100; Rodríguez 2004, p. 82; Ramón Pena 2016, pp. 191-192)
Nouturnio	Xoán Vidal Martínez	(Casas 1939, p. 190; Varela Jácome 1953, p. 327; María & Gómez Sánchez 1997, p. 177)
As cantigas do berce	Luis Amado Carballo	(Fernández del Riego 1955, p. 106; Losada 1974, p. 128; María & Gómez Sánchez 1997, p. 41; Álvarez Cáccamo & Núñez 2012, p. 57)
Trova infinita	Fermín Bouza-Brey	(Varela Jácome 1953, pp. 405-406;

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

		Carvalho Calero 1966, p. 108)
A espada Escalibor	Ramón Cabanillas	(Fernández Del Riego 1955, p. 33; Fernández del Riego 1976, p. 241; Ramón Pena 2016, pp. 89-98)
Cabras	Xulio Sigüenza	(González Alegre 1954, pp. 64-66; Fernández del Riego 1955, p. 133; María & Gómez Sánchez 1997, pp. 131)
Romance dos sete mariñeiros	Emilio Pita	(Casas 1939, p. 216; Varela Jácome 1953, p. 395)
Cando teña trescentos anos	Aquilino Iglesia Alvariño	(González Garcés 1974, p. 152; Rodríguez 2004, p. 97)
¡Chove!	Xerardo Álvarez Limeses	(Fernández del Riego 1976, p. 222; Freixeiro Mato & Pillado Mayor 1996a, p. 92)
Clamor na encrucillada	Fermín Bouza-Brey	(Molina 1984, p. 106)
Escordeonista	Fermín Bouza-Brey	(Molina 1984, p. 106)
Pra facer un feitizo	Fermín Bouza-Brey	(Molina 1984, p. 122)
Temas en corazón	Fermín Bouza-Brey	(Rodríguez 2004, p. 83)
Tópico no porto	Fermín Bouza-Brey	(Rodríguez 2004, p. 87)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Teño unha estrela	Fermín Bouza-Brey	(Ramón Pena 2016, pp. 195-196)
Canzón VII	Eduardo Blanco-Amor	(Fernández del Riego 1955, p. 125; Fernández del Riego 1980, p. 90)
Relembro do clan	Ramón Cabanillas	(Varela Jácome 1953, p. 348)
Foot-ball	Xulio Sigüenza	(María & Gómez Sánchez 1997, p. 141)
Airiños, aires	Antonio Noriega Varela	(Fernández del Riego 1955, p. 25; Fernández del Riego 1976, p. 235)
A nosa nai Galiza	Francisca Herrera Garrido	(Freixeiro Mato & Pillado Mayor 1996a, p. 76)
Río	Euxenio Montes	(Fernández del Riego 1955, p. 128; A.N.I. 1959, p. 244; Ramón Pena 2016, p. 158)
Poemas	Xosé Otero Espasandín	(Ramón Pena 2016, p. 181)
Aldea do monte	Xosé Otero Espasandín	(Ramón Pena 2016, p. 182)
A lúa sigueute	Xosé Otero Espasandín	(Casas 1939, p. 182; A.N.I. 1959, p. 262)
Mariñeira do vento	Johan Carballeira	(Casas 1939, p. 185)
Noroeste	Xosé María Castroviejo	(Casas 1939, p. 187; A.N.I. 1959, p. 129)
Cantarela de amor	Antonio Díaz de Herrera	(Casas 1939, p. 188)
Vai agonizar o día	Alfonso Castro Dono	(Casas 1939, p. 189)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Cantigas da noite	X. M de la Fuente Bermúdez	(Casas 1939, pp. 190-191)
Brúa o mar	Victoriano Taibo García	(Fernández del Riego 1955, p. 45)
O poema da saudade	Augusto María Casas	(Fernández del Riego 1955, p. 166)

Tabela 97 - Ocorrências de poemas da revista Nós no dispositivo antológico

Interessaria também perceber, no mesmo fenómeno antológico, o movimento de publicação em relação aos poetas e às poesias de *Nós*. Por essa razão, apresentamos em seguida três gráficos que dão conta não só (1) da totalidade poetas da revista cujo nome se viu inscrito no dispositivo antológico, mas também (2) da percentagem desses mesmos poetas e (3) do espaço que ocupam dentro de cada antologia:

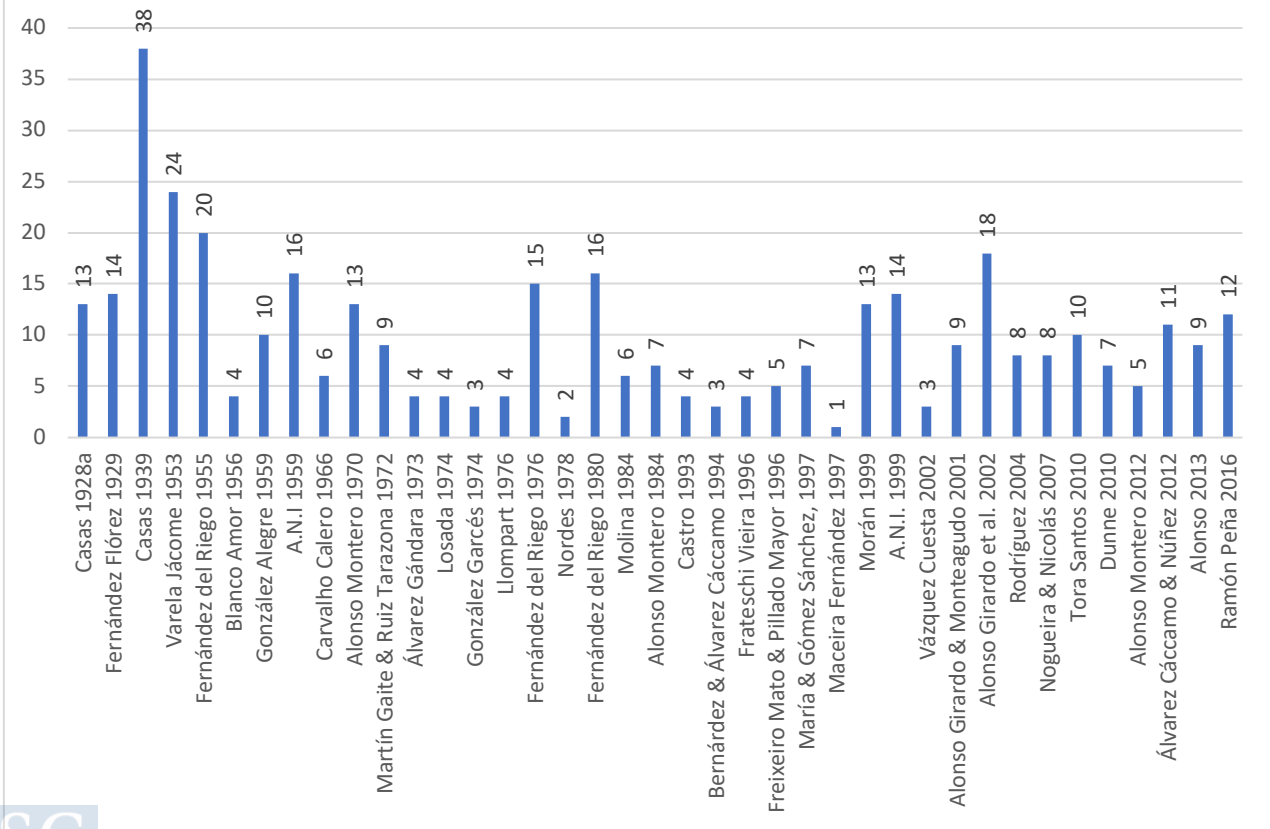


Tabela 98 - Quantidade de poetas antologiados (1928-2016)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Podemos observar, neste momento, a evolução da percentagem de poetas antologiados dentro de cada publicação, no seguinte gráfico:

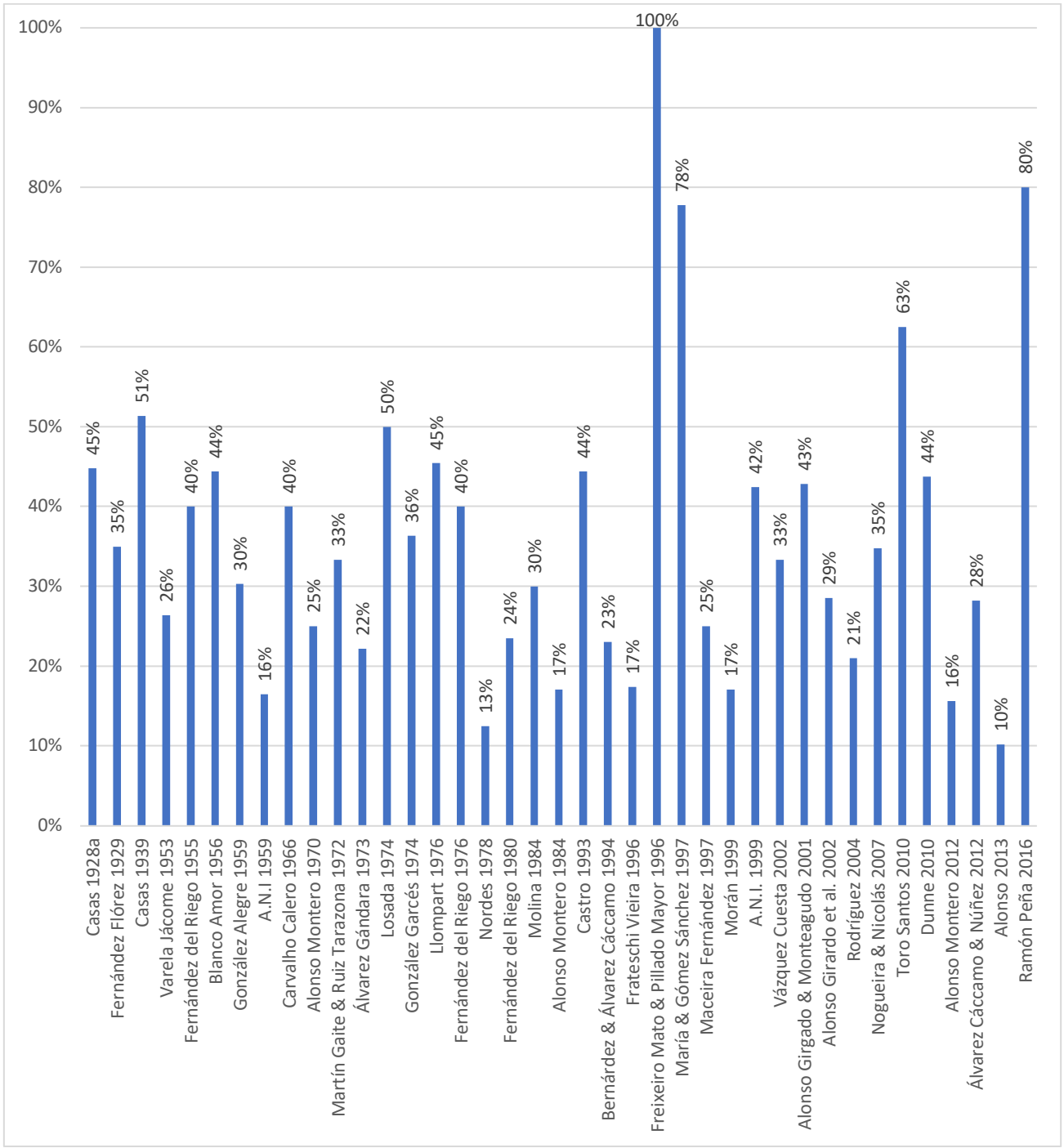


Tabela 99 - Percentagem de poetas antologiados (1928-2016)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Com esta análise, percebemos que o relevante não é o número absoluto, que pouco diz da importância destes poetas nas antologias, mas sim o peso que ocupam dentro de cada uma, e ao longo do tempo.

A este respeito, cremos importante sublinhar o facto de ser nas antologias publicadas fora da Galiza que mais poetas da revista são antologiados[72]:

- ≥ 50% (Casas 1939; Losada 1974; Toro Santos 2010) – Buenos Aires, Barcelona e Londres, respectivamente.
- ≥ 40%:
    - na Galiza (aproximadamente, 66,6%): Fernández del Riego 1955; Carvalho Calero 1966; Fernández del Riego 1976; A.N.I. 1999; Alonso Girgado & Monteagudo Cabaleiro 2001; Dunne 2010.
    - fora da Galiza (aproximadamente, 33,3%): Casas 1928a; Blanco Amor 1956; Llompart 1976. Respectivamente, Madrid, Buenos Aires e Barcelona.
- ≥ 30%:
    - na Galiza (12,5%): Nogueira & Nicolás 2007.
    - fora da Galiza: Fernández Flórez 1929; González Alegre 1959; Martín Gaite & Ruiz Tarazona 1972; Gonzaléz Garcés 1974; Molina 1984; Vázquez Cuesta 2002. Madrid, nas primeiras cinco referências, e Lisboa, na última.
- < 30%:
    - na Galiza (87,5%): Varela Jácome 1953; Alonso Montero 1970; Álvarez Gándara 1973; Nordés 1978; Fernández del Riego 1980; Alonso Montero 1984; Bernárdez & Álvarez Cáccamo 1994; Maceira Fernández 1997; Morán 1999; Alonso Girgado et al. 2002; Rodríguez 2004; Alonso Montero 2012; Álvaréz Cáccamo & Núñez 2012; Alonso 2013.

[72] Excluímos, neste momento, desta leitura as antologias que, por natureza do corpus seleccionado (Castro, 1993; Freixeiro Mato & Pillado Mayor 1996; María & Gómez Sánchez 1997; Pena 2016), acabam por dizer pouco sobre as camadas de sobreposição, que nos permitem observar fenómenos de homologia entre, por um lado, um certo cânone da revista *Nós* e, por outro, o cânone *in fieri* de todo o arco temporal observado a respeito do dispositivo antológico.

- fora da Galiza (12,5%): A.N.I. 1959; Frateschi Vieira 1996. Respectivamente, México e Campinas, SP.

Com estes dados, poderíamos acrescentar ainda que há uma distribuição temporal das antologias de poesia galega, publicadas dentro e fora da Galiza, que espelha diferentes fases.

Até 1950, encontramos fundamentalmente antologias publicadas fora da Galiza; entre 1950 e 1989, começam a surgir antologias publicadas na Galiza, mas fora desse espaço geográfico encontramos ainda valores muito próximos; entre 1980 e 2013, inverte-se a tendência, e começam a ser significativamente mais as que se publicam na Galiza, dado que se torna mais evidente no último período, entre 2000 e 2013, como bem ilustra o seguinte gráfico:

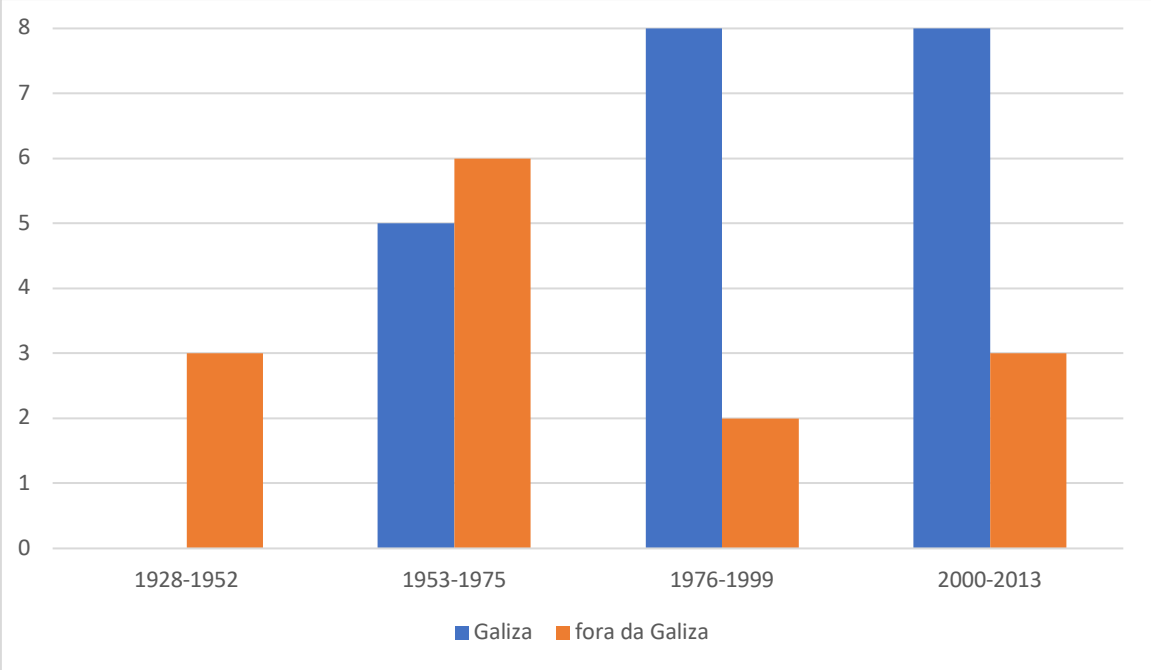


Tabela 100 - Número de antologias publicadas dentro e fora da Galiza

Não obstante certo vigor da actividade editorial contemporânea à revista *Nós*, as primeiras publicações são madrilenas (Casas 1928a; Fernández Flórez 1929), facto que reclama a consideração de dois períodos sociopolíticos tensos para a causa galega – por um lado, a Ditadura de Primo de Rivera (1923-1930) e, por outro, a Ditadura de Francisco Franco (1936-1975) – como explicação dessa extraterritorialidade editorial, e bonaerense (Casas 1939), centro cultural de elevado impacto da diáspora galega. Durante o período que corresponde, na sua grande maioria, à ditadura franquista, podemos observar que, apesar do aumento de antologias

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

publicadas na Galiza, é ainda fora dela que mais se publica, tendência que nitidamente se inverte com o processo de transição democrática (1975-1982), o Estatuto de Autonomia da Galiza (1981) e, no fundo, os últimos quarenta anos de democracia no contexto do Estado Espanhol.

Ora, se estabelecermos uma relação entre percentagem de poetas da *Nós* com os dados do gráfico anterior, percebemos que, por um lado, a tendência para a publicação de antologias dentro da Galiza aumenta significativamente entre o segundo (1953-1975) e o terceiro (1976-1999) períodos, diminuindo a quantidade de publicações fora da Galiza, e que, por outro, a tendência para antologiar poetas publicados na revista em estudo diminui, embora de modo muito menos acentuado, permitindo-nos concluir que a presença é relativamente constante.

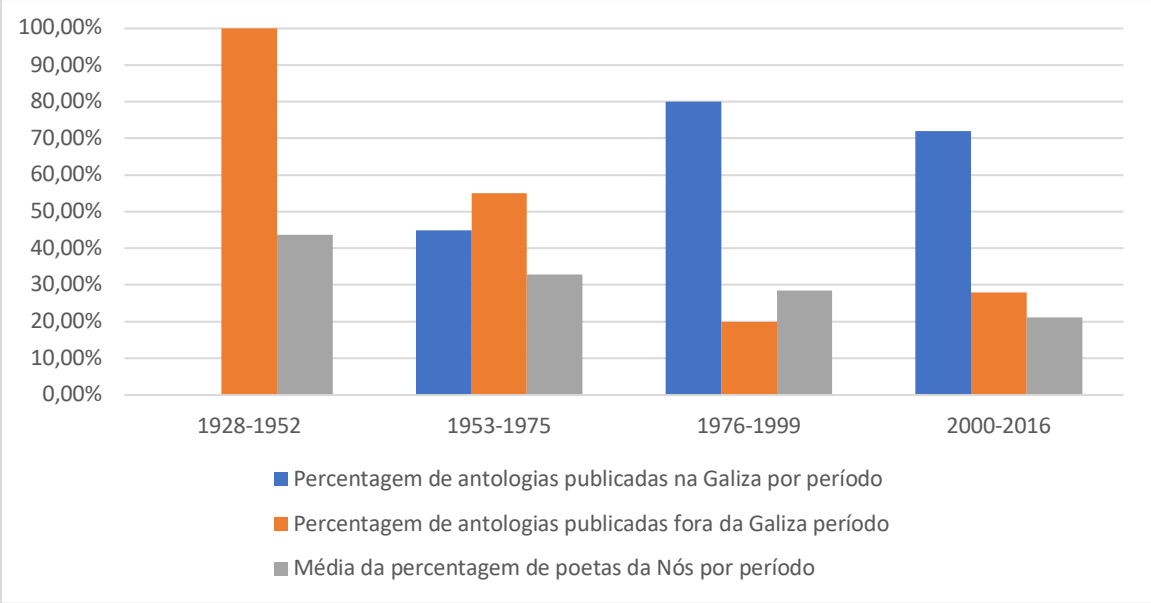


Tabela 101 - Percentagem de antologias publicadas dentro e fora da Galiza/ Média das percentagens

São também as antologias extraterritoriais que mais poetas da revista têm nas suas páginas: Casas 1928a; Fernández Flórez 1929; Casas 1939; Blanco Amor 1956; González Alegre 1959; Martín Gaite & Ruiz Tarazona 1972; Losada 1974; González Garcés 1974; Llompart 1976; Molina 1984; Vázquez Cuesta 2002; Toro Santos 2010 – correspondendo, aproximadamente, a 63% das antologias em que esses poetas são convocados em número igual ou superior a 30%. Por seu turno, as publicações na Galiza que antologiam os nossos poetas em valores idênticos são as seguintes: Fernández del Riego 1955; Carvalho Calero 1966; Fernández del Riego 1976;

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A.N.I. 1999; Alonso Girgado & Monteagudo Cabaleiro 2001; Nogueira & Nicolás 2007; Dunne 2010 – correspondendo aproximadamente a 37%:

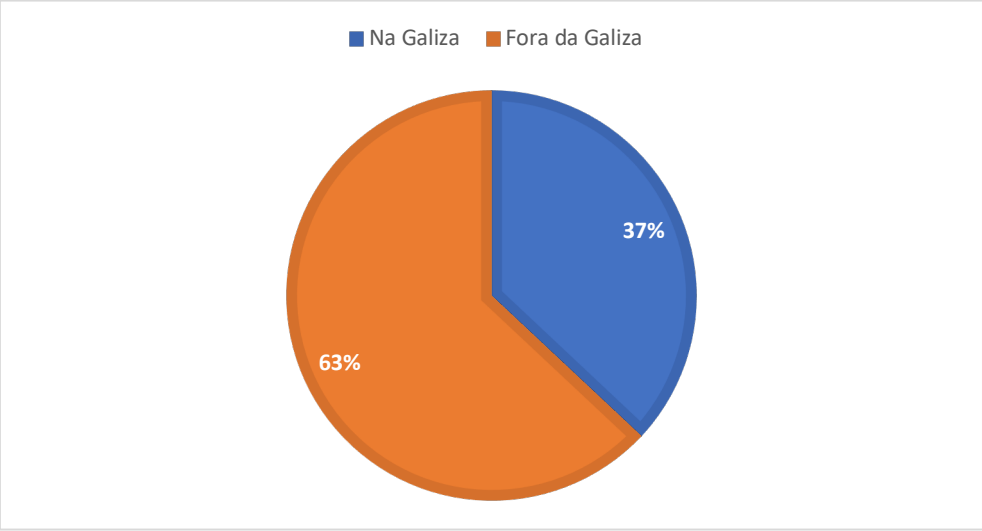


Tabela 102 - Percentagem de antologias que convocam valor igual ou superior a 30% de poetas da revista Nós

Vejamos, agora, a percentagem de páginas ocupadas dentro de cada antologia[73]:

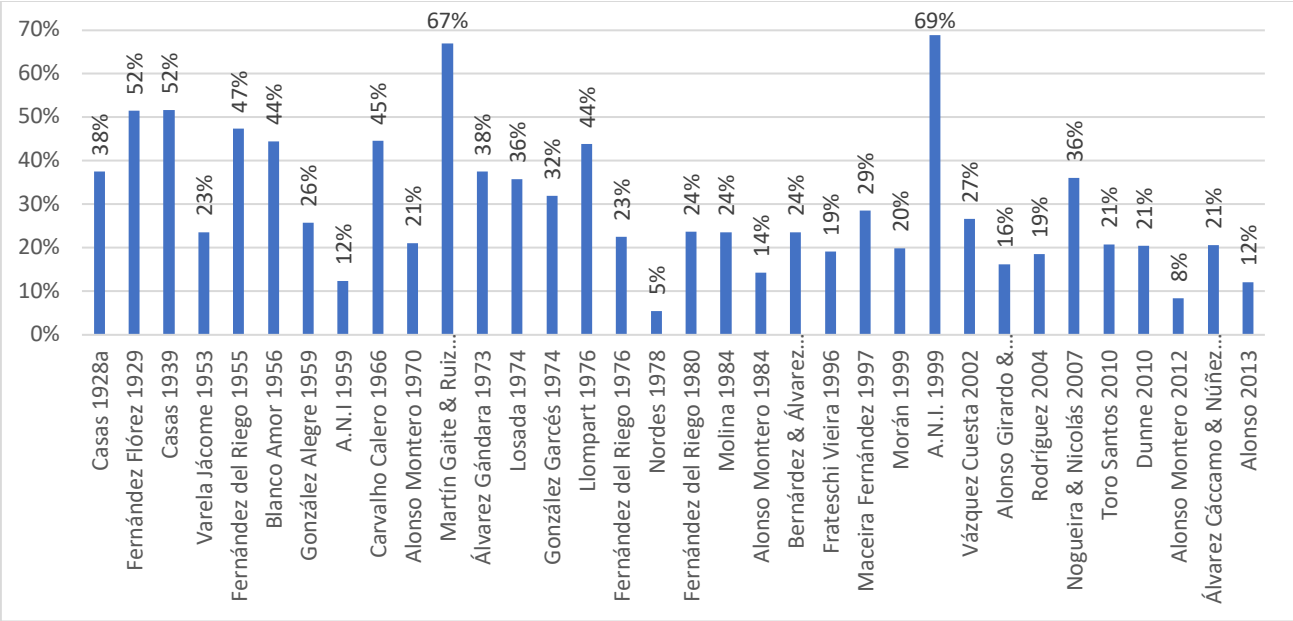


Tabela 103 - Percentagem de páginas de poetas antologiados (1928-2013)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[73] Excluímos, pelas mesmas razões, a publicações assinaladas na nota anterior.

A média da percentagem de páginas ocupadas é de 25%. Contudo, é de assinalar que, não obstante nos dois primeiros períodos (1928-1952 e 1953-1975) as percentagens oscilarem entre os 67% e os 12% e nos dois últimos períodos (1976-1999 e 2000-2013) entre os 69% e os 5%, valores aparentemente idênticos, a média de ambos é já diferente: 35% entre 1928 e 1975 e 28% entre 1976 e 2013. Definindo a média por período, constatamos que entre o primeiro e o último há uma nítida redução da percentagem de páginas ocupadas em cada antologia, como ilustra o seguinte gráfico:

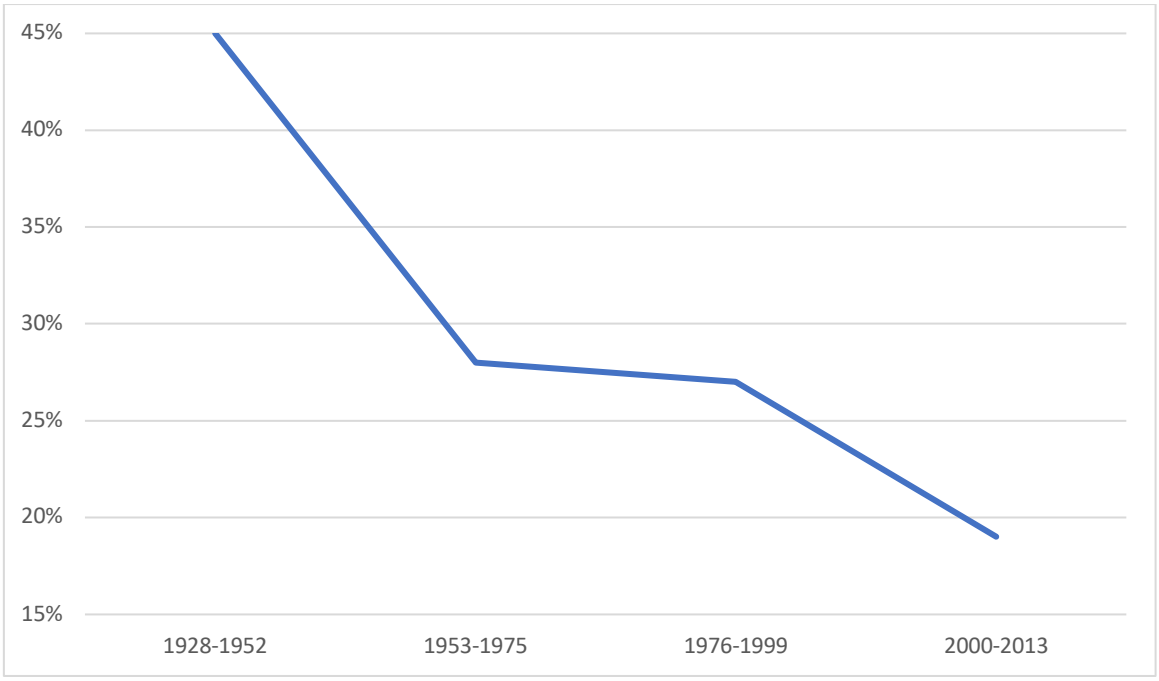


Tabela 104 - Média da percentagem de páginas ocupadas por período antológico

Com a excepção das antologias de Castro (1993), Freixeiro Mato & Pillado Mayor (1996a), María & Gómez Sánchez (1997) e Pena (2016), cuja percentagem de poetas da revista *Nós* é mais elevada, em razão do enquadramento temático e do espectro temporal das mesmas, os números absolutos parecem devolver a ideia de não se verificar nem avanço nem retrocesso, como se a erosão do tempo e o esquecimento se impusessem às opções editoriais dos antologiadores. O que parece claro é, antes pelo contrário, um movimento oscilatório, em que as opções de selecção poética parecem obedecer a outros critérios que não os da substituição

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

geracional (embora de certa representação periodológica) e, portanto, parcialmente confirmando a sua inscrição no cânone

Contudo, ao observarmos o peso percentual dos nossos poetas no dispositivo antológico, concluímos o seguinte: (1) até ao Estatuto da Autonomia da Galiza (1981) são mais as antologias que se publicam fora do que dentro da Galiza, (2) período em que também a percentagem de poetas antologiados é mais forte, tendência, por seu turno, que se confirma pela acentuada (3) redução da média de percentagem de páginas ocupadas em cada antologia, entre o primeiro (1928-1952) e o último (2000-2013) períodos.

Quanto aos poemas publicados, há clara preferência por Fermín Bouza-Brey, com 23 ocorrências num total de 57; portanto, aproximadamente 40%. Seguem-se Eduardo Blanco-Amor, com 5 ocorrências (aproximadamente, 8,7%); Ramón Cabanillas, Xoán Vidal Martínez, Xulio Sigüenza, Luis Amado Carballo e Xosé Otero Espasandín, com 3 ocorrências cada (aproximadamente, 5,2%); Emilio Pita, Aquilino Iglesia Alvariño e Xerardo Álvarez Limeses, com 2 ocorrências cada (aproximadamente, 3,5%); Antonio Noriega Varela, Francisca Herrera Garrido, Euxenio Montes, Johan Carballeira, Xosé María Castroviejo, Antonio Díaz de Herrera, Alfonso Castro Dono e Xosé María de la Fuente Bermúdez, com 1 ocorrência cada (aproximadamente, 1,7%).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

3.3. SISTEMA EDUCATIVO E HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA

As Histórias da Literatura são, por força do seu carácter sistematizador, mas também didáctico, um elemento fundamental na fixação e transmissão do cânone literário. Neste subcapítulo, prestaremos especial atenção ao modo como são nelas inscritos autores, mas também contextos e instituições, como podem ser os *curricula*, tanto no que diz respeito aos últimos dois ciclos de estudos pré-universitários do sistema educativo na Galiza (Ensino Secundário Obrigatório[74] e Bacharelato[75]) como a unidades curriculares de graus oferecidos pelas Universidades de Vigo, de Santiago de Compostela e da Corunha.

Não obstante pensarmos que este constitui um passo metodológico necessário, reconhecemos, porém, a dificuldade de um olhar panorâmico que renda justiça à problemática[76].

Começamos por reconhecer lucidez às palavras introdutórias dos autores de "O ensino da lingua e a literatura galega na ESO", há já alguns anos publicado na *Revista Galega de Educación*:

> A educación debe ser unha preocupación permanente en calquera sociedade que se considere avanzada e que queira asegurar o seu futuro, pero nos últimos tempos vén sendo obxecto de debate talvez máis vivo ca nunca por mor das aceleradas transformación sociais que se están producindo e dos diversos intentos de adaptación da lexislación a esa realidade. No que se refire ao ensino da lingua e a literatura galega, a problemática xeral do sistema educativo vese acentuada pola súa incorporación serodia á vida escolar, a falta de tradición pedagóxica propia que a fixo moi dependente dos modelos didácticos empregados noutras linguas, e, fundamentalmente, polas eivas derivadas dunha situación de non normalización social da lingua galega que se manifesta de maneiras moi variadas. (Silva Valdivia et al. 2008, p. 88)

Quinze anos antes, também Xesús Rábade Paredes reflectia sobre dificuldades não muito distantes das anteriormente apontadas:

> Hai unha serie de problemas previos que a min me preocupan como simple docente de Literatura e Lingua, preocupación que é común polo que seu á mantida, con persoais matices, por un grupo estimable de colegas (cónstame ó respecto manifestacións públicas de Alonso Montero, Méndez

[74] Cf. *DOG*, nº 183, 26/09/2022, Decreto 156/2022, de 15 de Setembro. Doravante, *DOG*, 183/156.
[75] Cf. *DOG*, nº 183, 26/09/2022, Decreto 157/2022, de 15 de Setembro. Doravante, *DOG*, 183/157.
[76] Um trabalho futuro poderia debruçar-se sobre as opções editoriais dos manuais de Língua Galega e Literatura.

> Ferrín, Carlos Casares, Franco Grande, Víctor Freixanes ou Xosé Ramón Pena, entre outros) e que deberan mover á reflexión ó colectivo de profesores do país. (Rábade Paredes 1993, p. 73)

Assinalava, nesse artigo, a (1) necessidade de uma criteriosa selecção de leituras, a (2) importância da valorização do património literário próprio, a (3) atenção à dimensão estética e a (4) necessária recuperação da palavra como instrumento de construção de um discurso identitário. Por essa razão, questionava-se sobre a relevância de uma área curricular como esta, tendo em conta as estratégias pedagógicas adoptadas:

> Parece claro que as metodoloxías ó uso non nos serven e que a tabulación de obras e de autores – nómina ou cómputo de cuestións baladís – representa un camiño ben errado para acceder a ese universo incitante e atractivo que endexamais deixará desatendido a quen nel se introduza. É por caso así mesmo necesario e prudente que o profesional de lingua e literatura se someta a unha reflexión teórica previa sobre o que pretende ensinar coa a súa materia, sobre o modo de transmitila ós seus alumnos e sobre os aportes que para a maduración persoal destes conleva toda prática docente seriamente formulada. Pois será bo saber se a finalidade é que un escolar aprenda paradigmas verbais e listas de escritores ou se, polo contrario, compre que aprenda a usar da súa lingua cabalmente e a disfrutar do patrimonio que crea. (Rábade Paredes 1993, p. 74)

Refere-se, por isso, à "literatura como signo de identificação cultural", mais além de "modelo e paradigma de utilización da lingua na sua carga máxima". Ela oferece – como afirma – "mostras especialmente salientables e valiosas do patrimonio cultural dunha comunidade na persistencia ética de defensa das raíces e afirmación na propia identidade". E porque, na Galiza, "o feito literario moi en particular constitue por veces o único bastión de resistencia visible e prestixiosa frente a todo o tipo de conculcacións e negacións do que máis [a] define" (Rábade Paredes 1993, p. 74), o autor considera absolutamente necessária uma justa selecção de textos literários que dêem conta não só da dimensão estética, mas também ética da literatura, porquanto esta possa afirmar-se como expressão de uma mundividência diferenciada:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> Será preciso conectar con esta idea (polo que ten de motivadora e polas posibilidades interdisciplinares que presenta) o interés do alumnado ó procedermos á selección de textos, selección que ha de estar presidida, tamén no literario, por unha acción normalizadora clara. Por que as obras de creación literaria, máis alá e máis acá da súa función estética e finalidade en si, aparecen penetradas de todo tipo de condicionantes socio-culturais que configuran unha determinada óptica do mundo. E un alumno precisa entender ben estes contextos para afondar na construcción do sentido que represente o feito textual.
>
> En definitiva, lingua e literatura han de estar vencelladas á realidade circundante no seu proceso de ensino e aprendizaxe. Deben establecer pontes de unión constantes co referente cultural comunitario, propiciando o interés do alumnado polo mesmo e incentivando unha valoración positiva do que nos é máis propio. O curso literario galego neste aspecto permitirá apreciar a evolución lingüística e temática e ver tamén como nas obras aparece reflexado un segmento da tradición cultural moi relevante. (Rábade Paredes 1993, p. 74)

Três décadas passadas, impõe-se uma breve reflexão sobre a organização do currículo de "Língua Galega e Literatura" no sistema educativo da Comunidade Autónoma da Galiza.

De acordo com o Decreto 156/2022, que rege neste espaço autonómico o Ensino Secundário Obrigatório (ESO), a disciplina de Língua Galega e Literatura encontra-se, entre outras finalidades, em função da "adquisición de vínculos co patrimonio cultural galego e, sobre todo coa lingua galega, procurando que sexa asumida como lingua propia de Galicia, afianzando a súa transmisión e impedindo a substituición lingüística"[77].

Encontrando-se o currículo organizado em quatro blocos – (1) "As línguas e os seus falantes", (2) "Comunicação", (3) "Educación literaria" e (4) "Reflexión sobre a lingua" – interessa-nos particularmente o que se dispõe a respeito do terceiro. Nesse tópico, afirma-se o seguinte:

> [...] recolle as experiencias e os contidos necesarios para consolidar o hábitor lector, conformar a propia identidade lectora, desenvolver habilidades de interpretación de textos literarios, achegarse á historia da literatura galega e coñecer algunhas obras, autoras e autores e movementos literarios relevantes dela e do ámbito lingüístico lusófono, estimulando á vez a escritura creativa con intención literaria.[78]

[77] *DOG*, 183/156, Anexo II, 16.1, p. 50299.
[78] *DOG*, 183/156, Anexo II, 16.1, pp. 50300-50301.

No que respeita ao Bacharelato, o decreto correspondente simplesmente amplia o espectro, mas mantém os princípios gerais da educação literária. Contudo, é interessante notar que, no primeiro caso (ESO), há uma clara intenção pedagógica que visa a formação de uma estrutura básica de leitura, que deduzimos ser assumida como condição de possibilidade para o aprofundamento posterior no Bacharelato, no qual já se afirma explicitamente a necessidade de uma criteriosa selecção de leituras, tal como sugeria Xesús Rábade Paredes (1993):

> [...] expresión de valoracións argumentadas sobre [textos literarios] e o coñecemento da evolución, configuración e interrelación entre textos a través da lectura en profundidade dalgunhas obras relevantes da literatura galega e tamén lusófona. Convida ao deseño, para cada un dos cursos, de itinerarios lectores que serán obxecto de lectura guiada na aula e que inscriben os textos no seu contexto de produción e na tradición cultural, á vez que tenden pontes cos contextos contemporáneos de recepción.[79]

Quanto à definição dos conteúdos dos quatro anos do ESO, tal como a respeito dos dois anos do Bacharelato, são propostos dois blocos: um de (1) leitura autónoma e outro de (2) leitura guiada. Quanto ao primeiro bloco, há constância de linguagem e de orientação, tanto ao longo dos quatro anos do ESO quanto dos dois anos do Bacharelato.

Quanto ao ESO, pode ler-se o seguinte:

- Lectura autónoma. Implicación na lectura de obras de maneira progresivamente autónoma a partir dunha preselección de textos variados e reflexión sobre os textos lidos e sobre a propia práctica de lectura.
    - — Criterios e estratexias para a selección de obras variadas de maneira orientada a partir da exploración guiada da biblioteca escolar e pública dispoñible.
    - — Participación activa en actos culturais vinculados co circuíto literario e lector.
    - — Toma de conciencia progresiva dos propios gustos e identidade lectora.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

[79] *DOG*, 183/157, Anexo II, 29.1, p. 50919.

— Expresión da experiencia lectora, con apoio de exemplos e utilizando progresivamente unha metalinguaxe específica. Apropiación dos textos lidos a través de distintas formas de recreación.
— Mobilización da experiencia persoal e lectora como forma de establecer vínculos entre a obra lida e aspectos da actualidade, así como con outros textos e manifestacións artísticas e culturais.
— Estratexias para a recomendación das lecturas en soportes variados ou ben oralmente entre iguais.[80]

Quanto ao Bacharelato, pode ler-se o seguinte:

- Lectura autónoma de obras relevantes contemporáneas de autoras e autores, da literatura galega – e tamén do ámbito lusófono – que susciten reflexión sobre o propio itinerario lector, así como a inserción no debate interpretativo da cultura. Procesos e estratexias.
    — Selección das obras coa axuda de recomendacións especializadas.
    — Participación activa no circuíto literario e lector en contexto presencial e dixital. Utilización autónoma de todo tipo de bibliotecas. Acceso a outras experiencias culturais.
    — Expresión argumentada dos gustos lectores persoais. Diversificación do corpus lido, atendendo aos circuítos comerciais do libro e distinguindo entre literatura canónica e de consumo, clásicos e *bestsellers*. O debate sobre o canon literario.
    — Comunicación da experiencia lectora utilizando unha metalinguaxe específica e atendendo a aspectos temáticos, xénero e subxénero, elementos da estrutura e o estilo e valores éticos e estéticos das obras.
    — Mobilización da experiencia persoal, lectora e cultural para establecer vínculos entre a obra lida e aspectos da actualidade e outras manifestacións literarias e artísticas.
    — Recomendación das lecturas en soportes variados, atendendo a aspectos temáticos, formais e intertextuais. Utilización das redes sociais e dos formatos audiovisuais para o fomento da lectura.[81]

[80] *DOG*, 183/156, Anexo II, 16.3, p. 50309. N.B.: as variações entre os diferentes anos do ESO são mínimas. Cf. *DOG*, 183/156, Anexo II, 16.3, p. 50314; *DOG*, 183/156, Anexo II, 16.3, p. 50319; *DOG*, 183/156, Anexo II, 16.3, p. 50325.
[81] *DOG*, 183/157, Anexo II, 29.3, p. 50928. N.B.: as variações entre o primeiro e o segundo anos do Bacharelato são mínimas. Cf. *DOG*, 183/157, Anexo II, 29.3, p. 50933.

No que diz respeito ao segundo bloco (leitura guiada), percebe-se também certa constância, ainda que, como veremos, no Bacharelato é identificável um maior nível de especificação, se atendermos também à especificidade do nosso objecto de estudo.

Quanto ao ESO, pode ler-se o seguinte:

- Lectura guiada. Lectura de obras relevantes da literatura xuvenil contemporánea galega e do patrimonio literario lusófono, inscritas en itinerarios temáticos ou de xénero, que atravesan épocas, contextos culturais e movementos artísticos.
    - — Estratexias para a construción compartida da interpretación das obras a través de conversas literarias, coa incorporación progresiva da metalinguaxe específica.
    - — Relación entre os elementos constitutivos do xénero literario e a construción do sentido da obra. Análise básica do valor dos recursos expresivos e dos efectos na recepción.
    - — Relación e comparación dos textos lidos con outros textos, con outras manifestacións artísticas e coas novas formas de ficción en función de temas, tópicos, estruturas e linguaxes.
    - — Expresión pautada, a través de procesos e soportes diversificados, da interpretación e da valoración persoal de obras e fragmentos literarios.
    - — Lectura con perspectiva de xénero.
    - — Lectura con perspectiva ambiental e ecolóxica, con especial incidencia na mudanza climática e na protección e benestar dos animais.
    - — Lectura expresiva, dramatización e recitación dos textos atendendo aos procesos de comprensión, apropiación e oralidade implicados.
    - — Creación de textos a partir da apropiación das convencións da linguaxe literaria e en referencia a modelos dados (imitación, transformación, continuación, etc.).[82]

Quanto ao primeiro ano do Bacharelato, pode ler-se o seguinte:

[82] *DOG*, 183/156, Anexo II, 16.3, pp. 50314-50315. N.B.: não obstante, as variações entre os quatro anos do ESO serem em maior número, em comparação com o tópico da leitura autónoma, consideramos que não são significativas para a orientação específica de uma possível selecção de leituras. Cf. *DOG*, 183/156, Anexo II, 16.3, pp. 50309-50310; *DOG*, 183/156, Anexo II, 16.3, pp. 50319-50320; *DOG*, 183/156, Anexo II, 16.3, p. 50325.

- Lectura guiada de clásicos da literatura galega desde a Idade Media ata a época das Irmandades, inscritos em itinerarios temáticos ou de xénero. Procesos e estratexias.
    - — Construción compartida da interpretación das obras a través de discusións ou conversacións literarias.
    - — Análise dos elementos constitutivos do xénero literario e a súa relación co sentido da obra. Efectos na recepción dos seus recursos expresivos.
    - — Utilización da información sociohistóricas, cultural e artística para interpretar as obras e comprender o seu lugar na tradición literaria.
    - — Vínculos intertextuais entre obras e outras manifestacións artísticas en función de temas, tópicos, estruturas e linguaxes. Elementos de continuidade e ruptura.
    - — Expresión argumentada da interpretación dos textos, integrando os diferentes aspectos analizados e atendendo aos seus valores culturais, éticos e estéticos. Lectura con perspectiva de xénero.
    - — Lectura expresiva, dramatización e recitado atendendo aos procesos de comprensión, apropiación e oralización implicados.
    - — Creación de textos de intención literaria a partir das obras lidas.[83]

Quanto ao segundo ano do Bacharelato, constatamos que os processos e as estratégias mantêm-se, embora o arco temporal definido seja diferente, arrancando precisamente onde o primeiro ano findou: "Lectura guiada de obras relevantes da literatura galega dos séculos XX e XXI, inscritas en itinerarios temáticos ou de xénero ao redor de tres eixos: (1) A literatura galega no primeiro terzo do século XX (1916-1936); (2) A literatura galega entre 1936 e 1975; (3) A literatura galega de fins do século XX e comezos do XXI"[84].

Não encontramos, portanto, além desta definição mínima periodológica, elementos que nos ajudem à localização de autores e obras, muito embora seja constante a afirmação da necessidade de uma selecção alinhada a um certo cânone literário. Por outro lado, cremos importante sublinhar o facto de expressões como "cultura galega" aparecerem somente vinculadas à matéria de música[85], no ESO, e como "identidade cultural" vinculadas a

[83] *DOG*, 183/157, Anexo II, 29.3, p. 50928.
[84] *DOG*, 183/157, Anexo II, 29.3, p. 50933.
[85] Cf. *DOG*, 183/156, Anexo II, 18.1, p. 50377 e 50383.

Desenho[86], a História da Música e da Dança[87] e a Movimentos Culturais e Artísticos[88], no Bacharelato.

No sistema de ensino superior da Galiza, encontramos naturalmente maior especificação, não só de movimentos e períodos, mas também de autores e obras. Neste contexto, não são de ignorar as referências bibliográficas que as diversas fichas de unidades curriculares oferecem. A este respeito, localizámos algumas ofertas formativas na Universidade da Corunha, na Universidade de Santiago de Compostela e na Universidade de Vigo que nos podem servir como instrumento de análise sobre a inscrição das poéticas da revista *Nós* no espaço histórico-literário:

- Grau em Galego e Português (Universidade da Corunha):
    - Literatura Galega (=LG)[89];
    - Literatura Galega e Estudos Socioculturais (=LGES)[90];
    - Literatura Galega Contemporânea 2 (=LGC2)[91];
    - Poesía en Lingua Galega e Portuguesa (= PLGP)[92].
- Grau em Lingua e Literatura Galegas (Universidade de Santiago de Compostela):
    - Introdución á literatura galega 2 (=ILG2)[93];
    - Relacións Galicia-Lusofonía (=RGL)[94];
    - Literatura galega contemporánea: outras modalidade textuales (=LGC)[95];
    - A poesía galega contemporánea nos seus textos (=PGC)[96].

[86] Cf. *DOG*, 183/157, Anexo II, 11.2, p. 50701.
[87] Cf. *DOG*, 183/157, Anexo II, 23.1, p. 50831; *DOG*, 183/157, Anexo II, 23.2, pp. 50834 e 50836.
[88] Cf. *DOG*, 183/157, Anexo II, 36. 1, p. 51021.
[89] https://academica.udc.gal/doa/consultaPublica/look[conpub]MostrarPubGuiaDocAs, acedido a 27/3/2025.
[90] https://academica.udc.gal/doa/consultaPublica/look[conpub]MostrarPubGuiaDocAs, acedido a 27/3/2025.
[91]https://academica.udc.gal/doa/consultaPublica/look[conpub]MostrarPubGuiaDocAs, acedido a 27/3/2025.
[92] https://academica.udc.gal/doa/consultaPublica/look[conpub]MostrarPubGuiaDocAs, acedido a 27/3/2025.
[93] https://www.usc.gal/gl/estudos/graos/artes-humanidades/grao-lingua-literatura-galegas/20242025/introducion-literatura-galega-2-12839-12428-2-79086, acedido a 23/7/2024.
[94] https://www.usc.gal/gl/estudos/graos/artes-humanidades/grao-lingua-literatura-galegas/20242025/relacions-galicia-lusofonia-12863-12454-3-79299, acedido a 23/7/2024.
[95] https://www.usc.gal/gl/estudos/graos/artes-humanidades/grao-lingua-literatura-galegas/20242025/literatura-galega-contemporanea-outras-modalidades-textuales-12839-12428-2-79207, acedido a 23/7/2024.
[96] https://www.usc.gal/gl/estudos/graos/artes-humanidades/grao-lingua-literatura-galegas/20242025/poesia-galega-contemporanea-textos-12840-12429-3-79197, acedido a 23/7/2024.

- Grau em Filologia Aplicada Galega e Espanhola (ó):
    - A literatura galega nos seus textos (LGT)[97];
    - Irmandades, Nós e vanguardas na literatura galega (INV)[98];
    - Horizontes e tensións na poesía galega moderna (HTP)[99];

Nas diferentes fichas curriculares, encontramos as seguintes referências a poetas cujos poemas foram publicados na revista *Nós*[100]: Ramón Cabanillas (LGC2, ILG2, LGT, INV), Ramón Otero Pedrayo (LGES, LGC2, ILG2, LGT), Eduardo Pondal (LGT), Manuel Curros Enríquez (LGT), Eduardo Blanco Amor (LGES, LGT), Álvaro Cunqueiro (LGC2, LGT, INV, HTP), Antonio Noriega Varela (INV).

Portanto, trata-se de uma percentagem bastante reduzida, que cremos responder mais ao cânone da poesia galega contemporânea do que propriamente a uma valorização da revista *Nós* como produtora do mesmo.

Parece-nos, porém, que as referências bibliográficas em perspectiva histórico-literária nos podem oferecer algumas pistas para a compreensão do lugar da revista *Nós* e das suas poéticas, e que nos ajudarão a uma selecção das histórias da literatura, que em seguida analisaremos:

- Ansede Estraviz, A. & Sánchez Iglesias, C., dir. (1996). *Historia da Literatura Galega*. Vigo: Asociación Socio-Pedagóxica Galega. (Ansede Estraviz & Sánchez Iglesias 1996; LG, LGES, LGC2, ILG2, LGC, INV)
- Carvalho Calero, R. (1981). *Historia da Literatura Galega Contemporánea (1808-1936)*. Vigo: Editorial Galaxia. (Carvalho Calero 1981; LG, LGC2, ILG2, LGC, LGT, INV)
- Tarrío, A. (1994). *Literatura galega. Aportacións a unha historia crítica*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia. (Tarrío 1994; LG, LGC2, ILG2, LGC)

[97] https://secretaria.uvigo.gal/docnet-nuevo/guia_docent/?centre=301&ensenyament=V01G430V01&assignatura=V01G430V01122, acedido a 23/7/2024.
[98] https://secretaria.uvigo.gal/docnet-nuevo/guia_docent/?centre=301&ensenyament=V01G430V01&assignatura=V01G430V01307, acedido a 23/7/2024.
[99] https://secretaria.uvigo.gal/docnet-nuevo/guia_docent/?centre=301&ensenyament=V01G430V01&assignatura=V01G430V01404&fitxa_apartat=3&idioma_assig=&idioma_assig=, acedido a 23/7/2024.
[100] N.B.: tais referências não significam necessariamente correspondência a referências poéticas.

- Vilavedra, D. (1995). *Dicionário da Literatura Galega* (vol. 1). Vigo: Editorial Galaxia. (Vilavedra 1995; 1997; 2000; 2004; LG, LGC2, ILG2, LGC)
- Vilavedra, D. (1999). *Historia da Literatura Galega*. Vigo: Editorial Galaxia. (Vilavedra 1999; LG, LGC2, PLGP, ILG2, LGC)
- Villanueva Prieto, D. (2000). *Galicia. Literatura*. A Coruña: Ediciones de Hércules. (Villanueva Prieto 2000; LG, ILG2, LGC)
- Pena, X. R. (2016). *Historia da Literatura Galega III. De 1916 a 1936*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia. (Pena 2016; LG, LGC2, LGC)
- Bernárdez, C. L. et al. (2001). *Literatura Galega. Século XX*. Vigo: Edicións A Nosa Terra. (Bernárdez 2001; LGES, LGC2, PLGP, LGT)

A estas referências acrescentaremos também a *Historia de la Literatura Gallega* (Varela Jácome 1951), o *Diccionario bio-bibliográfico de escritores* (Couceiro Freijomil 1951-1955), a *Historia da Literatura Galega* (Fernández del Riego 1971), o *Dicionario de Literatura* (Coelho 1984), o *Diccionario de escritores en lingua galega* (Fernández del Riego 1990) e a *Historia Xeral da Literatura Galega* (Gómez Sánchez & Queixas Zas 2001). Seguiremos a análise, em ordem cronológica, de acordo com o ano de publicação, com a seguinte sequência: (1) Varela Jácome 1951; (2) Couceiro Freijomil 1951-1955; (3) Fernández del Riego 1971; (4) Carvalho Calero 1981; (5) Coelho 1984; (6) Fernández del Riego 1990; (7) Tarrío 1994; (8) Vilavedra 1995; (9) Ansede Estraviz & Sánchez Iglesias 1996; (10) Vilavedra 1999; (11) Villanueva Prieto 2000; (12) Bernárdez et al. 2001; (13) Gómez Sánchez & Queixas Zas 2001; e (14) Pena 2016[101]:

(1) Varela Jácome dedica um capítulo a Ramón Cabanillas, Victoriano Taibo, Gonzalo López Abente e Avelino Gómez Ledo (Varela Jácome 1951, pp. 406-412), outro aos poetas da saudade, nomeando Antonio Noriega Varela, Augusto María Casas, Álvaro de las Casas, Evaristo Correa Calderón e Eduardo Blanco Amor (pp. 412-415), e tem em conta, ainda, Euxenio Montes (p. 415), Emilio Pita (p. 416), Luis Amado Carballo (p. 416), Fermín Bouza-Brey (p. 419), Álvaro Cunqueiro (pp. 420-421), Juan Vidal

[101] As ocorrências anotadas resultam de um cruzamento da informação fornecida pelos índices onomásticos – nem sempre existentes – com a nossa própria investigação. Tentámos distinguir as referências aos nomes destes poetas enquanto produtores de poesia, procurando excluir as de enquadramento histórico e outras. É possível que, nalgum ou noutro caso, o filtro não tenha sido aplicado com o máximo de rigor. Cremos, contudo, que a inscrição destes nomes no espaço da historiografia literária constitui, em certa medida, alguma ressonância

Martínez (p. 424), Luis Pimentel (p. 425), Roberto Blanco Torres (p. 425), Aquilino Iglesia Alvariño (p. 426), Ricardo Carvalho Calero (p. 428), Xulio Sigüenza (p. 429), Lisandro Barreiro (p. 429), Xerardo Álvarez Limeses (p. 431), Emilio Mosteiro (p. 431), Xosé María Castroviejo (p. 433), Antón Zapata García (p. 435), Manuel Luís Acuña (p. 435), e Xesús Bal y Gay (p. 435). Portanto, de um total de 59 poetas galegos da revista *Nós* figuram neste livro 27 nomes – aproximadamente 46%.

(2) Couceiro Freijomil tem em conta Manuel Luís Acuña (Couceiro Freijomil 1951, p. 10), Xerardo Álvarez Limeses (p. 45); Armada y Losada (pp. 91-92), Bal y Gay (pp. 110-11), Eduardo Blanco Amor (pp. 153-154), Roberto Blanco Torres (p. 157), Fermín Bouza-Brey (pp. 164-166), Cabada Vázquez (p. 185), Ramón Cabanillas (pp. 186-187), Ricardo Carvalho Calero (p. 225), Álvaro de las Casas (pp. 242-244), Augusto María Casas (p. 244), Castroviejo (p. 269), Correa Calderón (p. 307), Couceiro Freijomil (pp. 317-318), Álvaro Cunqueiro (pp. 324-325), Díaz Herrera (p. 353), Ánxel Fole (Couceiro Freijomil 1953, pp. 90-91), Frade Giráldez (p. 97), Fuente Bermúdez (p. 108), Herrera Garrido (pp. 221-222), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 231-232), Gonzalo López Abente (p. 298), Manuel Lugrís Freire (pp. 346-347), Euxenio Montes (pp. 440-441), Emilio Mosteiro (p. 457), Noguerol Buján (p. 478), Antonio Noriega Varela (pp. 479-486), Xosé Otero Espasandín (pp. 516-517), Ramón Otero Pedrayo (pp. 518-519), Xosé Luís Parente (Couceiro Freijomil 1955, p. 38), Pedret Casado (pp. 55-57), Emilio Pita (p. 99), Eduardo Pondal (pp. 107-109), Lisardo Barreiro (p. 199), Rodríguez Elías (pp. 212-213), Eladio Rodríguez González (pp. 216-217), Xulio Sigüenza (p. 359), Victoriano Taibo (p. 393), Luis Pimentel (p. 479), Vidal Martínez (p. 503), Villar Amor (p. 518) e Antón Zapata García (p. 538). Portanto, de um total de 59 poetas galegos da revista *Nós* figuram neste dicionário 43 nomes – aproximadamente 73%.

(3) Francisco Fernández del Riego faz referência a um número significativo de nomes que figuram na poesia publicada na revista *Nós*: Manuel Luís Acuña (Fernández del Riego 1971, p. 232), Xerardo Álvarez Limeses (p. 118), Luis Amado Carballo (pp. 198, 204, 206, 208), Xoan Armada e Losada (p. 116), Jesús Bal y Gay (pp. 232, 239), Lisardo Barreiro (p. 114), Eduardo Blanco Amor, (pp. 203, 249), Roberto Blanco Torres (pp. 149, 184), Fermín Bouza Brey (pp. 201, 209, 210), Ramón Cabanillas Enríquez (pp. 143, 147), Xoan Carballeira (p. 247), Ricardo Carvalho Calero (pp. 74, 82, 103, 113, 139, 145, 200, 203, 233, 256, 260, 269), Álvaro de las Casas (p. 244), Augusto Casas

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

(p. 205), Xosé María Castroviejo (p. 231), Evaristo Correa Calderón (pp. 239, 242), Antonio Couceiro Freijomil (p. 182), Álvaro Cunqueiro Mora (pp. 209, 211, 250, 259), Manuel Curros Enríquez (pp. 16, 94, 95, 106), Anxel Fole (pp. 240, 252, 261), Avelino Gómez Ledo (p. 150), Francisca Herrera Garrido (pp. 118, 133), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 211, 212, 261), Xosé María Lafuente Bermúdez (p. 232), Gonzalo López Abente (pp. 148, 163), Manuel Lugrís Freire (pp. 116, 121, 133, 185), Euxenio Montes Domínguez (pp. 224, 239, 243), Emilio Mosteiro (p. 208), Antonio Noriega Varela (pp. 141, 212), Xosé Otero Espasandín (p. 225), Ramón Otero Pedrayo (pp. 18, 43, 59, 77, 108, 112, 151, 164, 168), Paulino Pedret Casado (p. 179), Luis Pimentel (pp. 221, 239), Emilio Pita (p. 218), Eduardo Pondal Abente (pp. 16, 79, 94, 95, 101), Xoan Luis Ramos Colemán (p. 247), Eladio Rodríguez González (pp. 117, 189), Xulio Sigüenza (p. 204), Victoriano Taibo García (pp. 147, 184), Xoan Vidal Martínez (p. 232) e Antón Zapata García (p. 149). Portanto, de um total de 59 poetas galegos da revista *Nós* figuram nesta *História da Literatura Galega* 40 nomes – aproximadamente 68%.

(4) Dez anos passados, a terceira edição da *História da Literatura Galega Contemporanea*, de Ricardo Carvalho Calero, contará também com um número significativo: Manuel Luís Acuña Sarmiento (Carvalho Calero 1981, p. 730), Gerardo Álvarez Limeses (pp. 81, 498-499), Luís Amado Carballo (pp. 26, 392, 575, 598, 621, 699-670, 715, 721, 722, 725, 726, 727, 730, 731, 737, 741, 742, 774, 780, 813), Lisardo Rodríguez Barreiro (pp. 20, 22, 85, 86, 138, 154, 352, 510, 790, 794, 799, 801, 802), Eduardo Blanco Amor (pp. 411, 525, 545, 709, 715-719, 722, 729, 730, 731, 767, 780, 794, 801, 805, 813, 814), Roberto Blanco Torres (pp. 571, 573, 575, 608), Fermín Bouza-Brey Trillo de Figueroa (pp. 35, 42, 45, 46, 48, 49, 51, 70, 88, 89, 91, 92, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 187, 200, 224, 242, 244, 245, 248, 253, 260, 261, 284, 294, 297, 303, 304, 305, 306, 309, 310, 317, 526, 614, 621, 679, 691, 715, 722, 730, 735, 736-739, 745, 774, 780, 785, 791, 793, 794, 795, 799, 803, 806, 812, 814), José Manuel Cabada Vázquez (p. 566), Ramon Cabanillas Enríquez (pp. 17, 24, 26, 75, 105, 313, 357, 378, 436, 476, 479, 480, 503, 520, 525, 547, 569, 571-595, 596, 600, 601, 607, 609, 611, 625, 627, 633, 634, 642, 678, 727, 731, 741, 774, 780, 781, 787, 792, 799, 802, 808, 811, 812), Ricardo Carvalho Calero (pp. 8, 27, 149, 185, 207, 700, 787, 792, 793, 795, 799, 801, 803, 805, 808, 810, 811, 812, 813, 814), Álvaro María de las Casas (pp. 27, 530, 622, 691, 719-721, 787), Augusto María Casas (pp. 257, 670, 709, 721-723, 730, 878, 795), Evaristo

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Correa Calderón (pp. 571, 721, 725-726), Antonio Couceiro Freijomil (pp. 25, 26, 27, 36, 39, 44, 45, 48, 70, 75, 81, 94, 95, 96, 104, 111, 118, 121, 124, 125, 126, 136, 148, 414, 429, 432, 44, 463, 466, 494, 554, 562, 564, 565, 617, 622, 627, 628, 699, 721, 750, 767, 787, 790, 792, 793), Álvaro Cunqueiro Mora (pp. 487, 526, 559, 668, 713, 719, 730, 735, 742, 743, 745, 748-766, 767, 774, 780, 800, 814), Manuel Curros Enríquez (pp. 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 85, 97, 106, 108, 113, 122, 130, 133, 135, 137, 138, 141, 142, 145, 154, 180, 252, 255, 270, 311, 335-398, 401. 403, 407, 409, 411, 418, 426, 439, 440, 446, 447, 448, 451, 457, 460, 467, 475, 477, 478, 480, 489, 500, 509, 519, 520, 521, 530, 569, 571, 573, 576, 577, 581, 591, 605, 606, 618, 686, 698, 728, 772, 773, 774, 778, 800, 801, 802, 804, 806), Juan Armada y Losada (pp. 21, 24, 427, 476-477, 573, 574, 575, 788, 808), Ricardo Frade Giráldez (p. 513), José María de la Fuente Bermúdez (pp. 709, 796), Avelino Gómez Ledo (pp. 609, 678, 796), Francisca Herrera Garrido (pp. 24, 493-498, 621, 772, 781, 796, 808), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 77, 177, 394, 435, 523, 526, 527, 538, 532, 542, 561, 592, 594, 709, 741-748, 774, 780, 799, 801, 810, 811, 814), Gonzalo López Abente (pp. 24, 25, 244, 245, 305, 571, 596-600, 607, 617, 621, 691, 799, 800, 802, 812), Manuel Lugrís Freire (pp. 135, 136, 138, 240, 310, 386, 478-483, 485, 510, 551, 570, 571, 610, 625, 773, 781, 802, 809), Eugenio Montes Domínguez (pp. 525, 705, 706, 709, 721, 722, 724-725, 800), Arturo Noguerol Buján (pp. 530, 633, 802), Antonio Noriega Varela (pp. 24, 26, 318, 319, 408, 435, 436, 521, 522-548, 560, 561, 562, 587, 700, 701, 715, 741, 742, 746, 748, 774, 780, 810, 811), Antonio Otero (pp. 348, 353, 354, 447, 453, 522), José Otero Espasandín (p. 692), Ramon Otero Pedrayo (pp. 17, 43, 65, 99, 112, 113, 126, 166, 173, 239, 260, 330, 339, 349, 410, 420, 480, 485, 499, 522, 524, 525, 526, 529, 530, 543, 544, 545, 547, 556, 565, 591, 621, 633, 534, 636, 659, 663-685, 686, 717, 721, 722, 730, 735, 749, 767, 774, 780, 781, 786, 788, 789, 790, 793, 796, 780, 800, 805, 806, 809, 811, 812, 813), José Luís Parente (pp. 709, 767), Rafael Pazos Jiménez (p. 709), Emilio Pita (pp. 303, 735), Eduardo María Pondal Abente, (pp. 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 69, 86, 105, 106, 112, 117, 129, 130, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 145, 150, 154, 168, 173, 175, 235-333, 337, 339, 340, 341, 357, 382, 386, 394, 395, 401, 403, 411, 418, 419, 429, 430, 439, 445, 448, 458, 464, 465, 471, 480, 483, 489, 493, 500, 508, 519, 520, 521, 523, 547, 569, 571, 575, 576, 585, 593, 596, 603, 606, 615, 676, 698, 754, 772, 773, 774, 778, 797, 799, 800, 802), Javier Prado Rodríguez (pp. 552-555, 633,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

634, 811), Juan Luis Ramos (p. 730), Avelino Rodríguez Elías (pp. 549-550), Eladio Rodríguez González (pp. 22, 25, 135, 138, 351, 488-489, 565, 574, 588, 592, 802, 803, 807, 808, 809, 810), Julio Sigüenza Reimúndez (pp. 573, 709, 730-731), Victoriano Taibo García (pp. 24, 147, 148, 571, 596, 600-601, 607, 691, 693, 798, 802), José Velo (p. 709), Juan Vidal Martínez (pp. 702, 731) e Antonio Zapata García (pp. 606-608, 800), perfazendo um total de 44 em 59 poetas – aproximadamente 75%.

(5) Em 1984, sob a direcção de Jacinto do Prado Coelho, sai a lume a terceira edição do importante *Dicionário de Literatura* (cf. *DL I-IV*), que contempla, além da Portuguesa e Brasileira, também a Galega. Algumas entradas contemplam nomes de poetas do nosso *corpus* de análise: Eduardo Blanco Amor (Guerra da Cal 1984a, p. 204; Guerra da Cal & Lugrís 1984, pp. 206-207), Fermín Bouza Brey (Guerra da Cal 1984e, p. 118; Coelho 1984b, p. 147; Guerra da Cal & Lugrís 1984, p. 208; Guerra da Cal 1984q, p. 841), Ramón Cabanillas Enríquez (Carré Alvarellos 1984, p. 60; Guerra da Cal 1984c, p. 104; Guerra da Cal 1984f, p. 130; Coelho 1984b, p. 147), Ricardo Carvalho Calero (Guerra da Cal 1984c, p. 104; Guerra da Cal 1984f, p. 131; Coelho 1984c, p. 172; Guerra da Cal & Lugrís 1984, pp. 204, 205; Guerra da Cal 1984g, p. 246; Guerra da Cal 1984n, p. 737; Guerra da Cal 1984o, p. 779; Guerra da Cal 1984p, p. 841; Guerra da Cal 1984r, p. 850), Álvaro de las Casas (Carré Alvarellos 1984, p. 60; Guerra da Cal 1984c, p. 104; Guerra da Cal & Lugrís 1984, p. 205), Augusto María Casas (Guerra da Cal & Lugrís 1984, pp. 204, 205), Evaristo Correa Calderón (Guerra da Cal & Lugrís 1984, p. 205), Antonio Couceiro Freijomil (Guerra da Cal 1984c, p. 104; Guerra da Cal 1984d, p. 111; Guerra da Cal 1984i, p. 346; Guerra da Cal 1984j, p. 454; González López 1984, p. 576; Guerra da Cal 1984l, p. 611; Guerra da Cal 1984p), Álvaro Cunqueiro (Guerra da Cal & Lugrís 1984, pp. 204, 207, 209; Guerra da Cal 1984j, p. 454), Manuel Curros Enríquez (Guerra da Cal 1984g, p. 245; Guerra da Cal 1984k, p. 491), Ánxel Fole (Guerra da Cal & Lugrís 1984, pp. 207, 209), Avelino Gómez Ledo (Guerra da Cal & Lugrís 1984, p. 205), Francisca Herrera Garrido (Guerra da Cal & Lugrís 1984, p. 205; Guerra da Cal 1984i, p. 346), Aquilino Iglesia Alvariño (Guerra da Cal 1984c, p. 104; Guerra da Cal 1984j, pp. 453, 454; Guerra da Cal 1984o, p. 737), Gonzalo López Abente (González López 1984, p. 576), Manuel Lugrís Freire (Guerra da Cal 1984q, p. 841), Euxénio Montes (Guerra da Cal & Lugrís 1984, p. 205; Guerra da Cal 1984i, p. 346), Antonio Noriega Varela (Guerra da Cal & Lugrís 1984, p. 204; Guerra da Cal 1984j, p.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

454; Guerra da Cal 1984o, pp. 736, 737), Ramon Otero Pedrayo (Guerra da Cal & Lugrís 1984, pp. 205, 206, 207; Guerra da Cal 1984p, pp. 778, 779; Guerra da Gal 1984t, p. 1004), Luis Vázquez Fernández Pimentel (Guerra da Cal & Lugrís 1984, p. 204; Guerra da Cal 1984n, p. 827), Emilio Pita (Guerra da Cal & Lugrís 1984, p. 205), Eduardo Pondal (Guerra da Cal 1984k, p. 491; Guerra da Cal 1984q, p. 841; Guerra da Cal 1984r, p. 923; Guerra da Cal 1984t, p. 1004) e Eladio Rodríguez González (Guerra da Cal & Lugrís 1984, p. 205), perfazendo um total de 23 em 59 poetas – aproximadamente 39%[102].

(6) Em *Diccionario de escritores em lingua galega* (Fernández del Riego 1990) contamos com os seguintes nomes: Manuel Luís Acuña (p. 10), Álvarez Limeses (p. 20), Amado Carballo (p. 25), Armada y Losada (p. 31), Bal y Gay (p. 34), Blanco Amor (p. 42), Blanco Torres (p. 44), Bouza-Brey (p. 46), Cabada Vázquez (p. 52), Cabanillas (pp. 53-55), Carvalho Calero (pp. 62-63), Álvaro de las Casas (pp. 70-71), Augusto María Casas (p. 71), Castroviejo (p. 76), Correa Calderón (pp. 81-82), Couceiro Freijomil (p. 86), Cunqueiro (pp. 88-89), Fole (p. 136), Herrera Garrido (pp. 179-180), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 181-183), López Abente (p. 203), Lugrís Freire (p. 225), Euxenio Montes (pp. 253-254), Emilio Mosteiro (p. 257), Noguerol Buján (p. 262), Noriega Varela (pp. 263-264), Otero Espasandín (p. 270), Otero Pedrayo (p. 271), Pedret Casado (pp. 281-282), Emilio Pita (pp. 302-303), Pondal (pp. 304-306), Xavier Prado (p. 312), Ramos Colemán (p. 320), Rodríguez Elías (pp. 336-337), Rodríguez González (p. 340), Xulio Sigüenza (pp. 367-368), Victoriano Taibo (p. 378), Luís Pimentel (pp. 400-401), Velo Mosquera (pp. 406-407), Vidal Martínez (p. 409) e Zapata García (p. 421). Portanto, de um total de 59 poetas galegos da revista *Nós* figuram neste dicionário 42 nomes – aproximadamente 71%.

(7) Entre o dicionário de Fernández del Riego e *Literatura Galega. Aportacións a unha historia crítica* passam quatro anos. Como veremos, os valores são significativamente diferentes: Manuel Luís Acuña (Tarrío 1994, p. 275), Xerardo Álvarez Limeses (p. 198), Luís Amado Carballo (pp. 257-262, 273, 275, 276, 280), Eduardo Blanco-Amor (pp.

[102] Contudo, é interessante notar que, no quadro sinóptico que aparece ao final do livro, Ricardo Carvalho Calero ofereça ainda uma lista de obras e autores que, de algum modo, consagra. Assinalamos, na mesma lógica até agora seguida, os autores elencados: Curros Enríquez, Eduardo Pondal, Ramon Cabanillas, Antonio Noriega Varela, Luis Amado Carballo, Aquilino Iglesia Alvariño, Eduardo Blanco Amor, Álvaro Cunqueiro, Fermín Bouza Brey (cf. Carvalho Calero, 1981: 778-780).

209, 268-271, 283, 301, 315-342, 349, 368, 369, 371, 373, 422, 434, 445, 452, 457, 520, 527, 530), Roberto Blanco Torres (p. 275), Fermín Bouza Brey (pp. 272-275), Ramón Cabanillas (pp. 121, 193, 194, 198, 243, 245, 273, 278, 294, 452), Ricardo Carvalho Calero (pp. 11, 13, 77, 97, 98, 100, 122, 148, 197, 213, 230, 257, 258, 266, 269, 270, 272, 273, 276, 277, 278, 291-294, 304, 348, 349, 378, 391, 520), Álvaro María de las Casas (p. 207), Augusto María Casas (pp. 258, 275), Xosé María Castroviejo (p. 379), Evaristo Correa Calderón (pp. 202, 264), Álvaro Cunqueiro (pp. 211, 258, 267, 275, 277, 283-291, 305-315, 342, 349, 368, 378, 398, 406, 422, 429, 447, 452, 453, 454, 458, 486, 518, 527, 528, 530), Manuel Curros Enríquez (pp. 123, 129, 149, 151, 158-178, 180, 191, 195, 216, 247), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 243, 276-283, 303, 351, 378, 406, 484), Gonzalo López Abente (pp. 198, 207), Manuel Lugrís Freire (pp. 171, 187), Euxenio Montes (pp. 196, 259, 275), Antonio Noriega Varela (pp. 193, 194, 273), Ramón Otero Pedrayo (pp. 12, 164, 176, 201, 2002, 205, 207, 211, 212, 215, 220-237, 296, 299, 304, 313, 332, 349, 351, 361, 391, 398, 409, 447, 448, 527), Luís Pimentel (pp. 261, 262-268, 395, 520), Emilio Pita (p. 379), Eduardo Pondal (pp. 121, 122, 123, 124, 126, 129, 149-157, 177, 178, 193, 216, 243, 247, 249, 258, 276, 278, 484), Victoriano Taibo (pp. 198, 209), Xan Vidal Martínez (p. 196), perfazendo um total de 27 em 59 poetas – aproximadamente 46%.

(8) Por seu turno, o primeiro volume do *Dicionario de Literatura Galega*, coordenado por Dolores Vilavedra e publicado em 1995, dá nota de um número bastante significativo dos poetas de *Nós*: Manuel Luís Acuña Sarmiento (*DLG I*, pp. 19-20), Xerardo Álvarez Limeses (pp. 47-48), Luis Amado Carballo (pp. 51-53), Xesús Bal y Gay (pp. 68-69), Lisardo Rodríguez Barreiro (pp. 515-516), Roberto Blanco Torres (pp. 84-85), Eduardo Modesto Blanco Amor (pp. 79-82), Fermín Bouza-Brey (pp. 88-89), Xosé Manuel Cabada Vázquez (p. 93), Ramón Cabanillas Enríquez (pp. 95-98), Ricardo Carballo/Carvalho Calero (pp. 108-110), Álvaro de las Casas Blanco (pp. 123-124), Augusto María Casas Blanco (p. 124), Xosé María Castroviejo y Blanco-Cicerón (p. 133), Evaristo Correa Calderón (pp. 146-147), Antonio Couceiro Freijomil (pp. 152-153), Álvaro Cunqueiro Mora-Montenegro (pp. 157-161), Juan Bautista Armada y Losada (pp. 61-62), Ánxel Fole Sánchez (pp. 234-236), Ricardo Fraile Giráldez (p. 238), Francisca Herrera Garrido (p. 288), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 289-292), Gonzalo López Abente (pp. 330-332), Manuel Lugrís Freire (pp. 335-356), Euxenio

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Montes Domínguez (pp. 392-393), Emilio Mosteiro Fernández (pp. 396-397), Antonio Noriega Varela (pp. 406-408), Xosé Roxelio Otero Espasandín (p. 417), Ramón Otero Pedrayo (pp. 418-423), Aníbal Otero Álvarez (pp. 416-417), Xosé Luís Parente (pp. 432-433), Luís Vázquez Fernández Pimentel (pp. 597-599), Emilio Pita Romero (p. 472), Eduardo Pondal Abente (pp. 475-480), Xavier Prado Rodríguez (p. 485), Xosé Luís Ramos Pérez-Colemán (p. 495), Avelino Rodríguez Elías (pp. 521-522), Eladio Rodríguez González (pp. 524-525), Xulio Raimúndez Sigüenza (p. 563), Victoriano Taibo García (pp. 570-571), Johan Vidal Martínez (pp. 610-611), Amador Villar Amor (pp. 614-615) e Antón Zapata García (p. 625), perfazendo um total de 44 em 59 poetas – aproximadamente 75%.

(9) Em 1996, sai a lume a *Historia da Literatura Galega*, publicada pela Asociación Socio-Pedagóxica Galega. São também aí incluídos alguns nomes dos poetas de *Nós*: Ramón Cabanillas Enríquez (Ansede Estraviz & Sánchez Iglesias 1996, pp. 44-63, 170-171), Antonio Noriega Varela (pp. 64-68, 170), Gonzalo López Abente (pp. 69-71), Victoriano Taibo García (pp. 72-74), Xerardo Álvarez Limeses (pp. 75-76, 173), Eladio Rodríguez González (p. 173), Ramón Otero Pedrayo (p. 177), Manuel Luís Acuña (pp. 181-182), Eduardo Blanco-Amor (p. 183), Álvaro de las Casas (p. 184), Xosé Velo (p. 186), Fermín Bouza-Brey (pp. 188-190), Luis Amado Carballo (p. 194), Roberto Blanco Torres (p. 195), Euxenio Montes (p. 196), Xulio Sigüenza (p. 198), Evaristo Correa Calderón (pp. 199-202), Luis Pimentel (p. 203), Álvaro Cunqueiro (p. 205), Aquilino Iglesia Alvariño (p. 207), Augusto María Casas (p. 211), Emilio Mosteiro (p. 212), perfazendo um total de 21 em 59 poetas – aproximadamente 36%.

(10) Três anos depois, Dolores Vilavedra publica *Historia da Literatura Galega*. Nela podemos encontrar os seguintes nomes: Manuel Luís Acuña (Vilavedra 1999, p. 195), Xerardo Álvarez Limeses (pp. 151, 182), Luis Amado Carballo (pp. 195, 197, 198, 217, 222), Xesús Bal y Gay (p. 194), Eduardo Blanco Amor (pp. 215, 217, 218, 250, 254, 259, 262, 294, 295, 299, 301, 302, 305, 313, 333), Fermín Bouza-Brey (pp. 137, 176, 195, 199, 288, 289, 290), Ramón Cabanillas (pp. 87, 89, 125, 126, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 188, 197, 213), Ricardo Carvalho Calero (pp. 9, 15, 100, 106, 138, 148, 149, 151, 175, 194, 211, 222, 225, 237, 239, 242, 262, 291), Álvaro de las Casas (p. 165), Augusto Casas (pp. 198, 211), Evaristo Correa Calderón (pp. 195, 202), Álvaro Cunqueiro (pp. 16, 18, 19, 179, 188, 195, 199, 200, 210, 211, 221, 223, 225, 236, 242,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

243, 244, 245, 246, 247, 248, 261, 262, 269, 270, 295, 299, 304, 314, 324, 332), Manuel Curros Enríquez (pp. 35, 105, 106, 110, 111, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 121, 132, 140, 153, 157), Ánxel Fole (pp. 179, 219, 222, 240, 241, 242), Francisca Herrera Garrido (p. 167), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 195, 210, 221, 222, 236, 242), Gonzalo López Abente (p. 161), Manuel Lugrís Freire (pp. 110, 129, 133, 156, 164), Euxenio Montes (pp. 195, 198, 202), Antonio Noriega Varela (pp. 154, 155, 197, 222), Ramón Otero Pedrayo (pp. 160, 166, 172, 173, 174, 175, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 214, 297, 321, 329), Luis Pimentel (pp. 195, 202, 210, 221, 283), Emilio Pita (p. 216), Eduardo Pondal (pp. 106, 107, 122, 133, 138), Eladio Rodríguez González (p. 133), Xosé Velo (p. 224), Xoán Vidal Martínez (p. 198) e Antón Zapata (p. 161), perfazendo um total de 28 em 59 poetas – aproximadamente 51%.

(11) Na dobra do milénio, publica-se *Galicia. Literatura*, em castelhano Também aí encontramos um número significativo de referências: Álvaro Cunqueiro (Villanueva Prieto 2000, pp. 845, 847, 853, 913, 914, 928), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 870, 914), Arturo Noguerol (p. 738), Augusto María Casas (pp. 863, 898), Eduardo Blanco Amor (p. 913), Eduardo Pondal (pp. 743, 853), Euxenio Montes (pp. 843, 847, 870, 898), Evaristo Correa Calderón (pp. 843, 870), Fermín Bouza-Brey (pp. 845, 805, 912, 920, 921, 923, 925, 926, 927, 928), Luis Amado Carballo (pp. 843, 898, 912, 923, 924), Luis Pimentel (p. 844), Manuel Curros Enríquez (pp. 743, 841, 853), Manuel Luís Acuña (pp. 847, 870), Pedret Casado (p. 751), Ramon Cabanillas (pp. 751, 841, 924), Ramón Otero Pedrayo (p. 738), Ricardo Carvalho Calero (pp. 898, 913), Roberto Blanco Torres (p. 870), Xoan Vidal Martínez (p. 870) e Xulio Sigüenza (p. 870), perfazendo um total de 20 em 59 poetas – aproximadamente 34%.

(12) Por seu turno, em 2001, as Edicións A Nosa Terra publicam *Literatura Galega. Século XX*, onde podemos encontrar nomes como o de Manuel Luís Acuña (Bernárdez et al., 2001, p. 121), Luís Amado Carballo (pp. 27, 112-117, 120, 121, 127, 160, 179, 239, 242), Xesús Bal y Gay (pp. 114, 131, 156, 262), Eduardo Blanco Amor (pp. 29, 118, 120, 127, 128, 121, 155, 160, 170-174, 196, 197, 204, 205, 207-209, 220, 223, 2336, 227, 230, 231, 255, 288, 294, 301, 370, 375, 376, 380, 387, 391, 392, 394, 298, 299, 406, 407), Roberto Blanco Torres (pp. 12, 73, 113, 121, 122, 153), Fermín Bouza-Brey (pp. 29, 34, 62, 71, 118-120, 127, 232, 241), Ramón Cabanillas (pp. 12, 15-25, 27, 29, 33, 34, 37, 40-43, 47, 48, 59, 62, 71, 111, 122, 125, 136, 153, 157, 171, 182, 183,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

195, 196, 229, 253, 266, 370, 406, 416), Ricardo Carvalho Calero (pp. 14, 44, 62, 71, 75, 76, 78, 81, 82, 114, 115, 118, 131, 134, 142, 153, 193, 194, 196, 229, 232, 240, 241, 244, 255, 260, 261, 342), Álvaro das Casas (pp. 29, 35, 128, 131, 182, 405), Augusto María Casas (pp. 29, 114, 118, 128, 239, 241), Evaristo Correa Calderón (pp. 27, 29, 35, 120, 128), Álvaro Cunqueiro (pp. 118-120, 127, 131, 160, 193, 195, 196, 198, 200-202, 204, 213, 217-220, 229, 233, 239-241, 244, 245, 252, 255, 257-260, 270, 271, 288, 308, 309, 313, 322, 328, 370, 371, 387, 399, 403, 409, 427), Manuel Curros Enríquez (pp. 11, 14-17, 19, 20, 30, 114, 124, 173, 250, 266), Ánxel Fole (pp. 127, 131, 160, 172, 195-199, 220, 229, 253-255, 262, 291, 370, 371, 427), Francisca Herrera Garrido (pp. 14, 26, 153), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 179, 193, 194, 239-243, 282), Gonzalo López Abente (pp. 24-26, 29, 34, 37), Manuel Lugrís Freire (pp. 11, 15, 30, 31, 34, 124, 167, 172, 182), Euxenio Montes (pp. 112, 120, 129, 2323), Arturo Noguerol (pp. 59, 61), Antonio Noriega Varela (pp. 23, 24, 116, 153, 243, 282, 427), Otero Espasandín (p. 121), Ramón Otero Pedrayo (pp. 17, 27, 28, 30, 34, 58, 60, 61, 63, 70-81, 88, 89, 104, 153, 163, 168, 185, 193, 195, 196, 198, 211, 229, 232, 233, 253, 255, 256, 260, 278, 287, 311, 312, 229, 341, 370, 380, 402, 427), Luís Pimentel (pp. 193, 195, 197, 229, 240-242, 262-265, 309), Eduardo Pondal (pp. 11, 14-17, 20, 24, 30, 114, 124, 186, 246), Xavier Prado (pp. 14, 33, 35, 37, 38, 153), Avelino Rodríguez Elías (pp. 33, 37, 38), Eladio Rodríguez González (pp. 11, 15), Xulio Sigüenza (p. 118), Victoriano Taibo (p. 25) e Xan Vidal Martínez (p. 27), perfazendo um total de 31 em 59 poetas – aproximadamente 53%.

(13) A *Historia Xeral da Literatura Galega* (Gómez Sánchez & Queixas Zas 2001) nomeia os seguintes poetas: Ramón Cabanillas (pp. 187-197), Luis Amado Carballo (pp. 197-199), Fermín Bouza-Brey (pp. 199-202) e Luís Pimentel (pp. 205-206), perfazendo um total de 4 em 59 poetas – aproximadamente 7%.

(14) Por fim, a *Historia da Literatura Galega III. De 1916 a 1936* (Pena 2016), dá nota dos seguintes nomes de poetas: Álvaro Cunqueiro (pp. 100, 104, 175, 212, 214, 215, 231, 264-273, 274), Álvaro de las Casas (p. 90), Antón Zapata García (p. 165), Antonio Díaz Herrera (p. 213), Antonio Noriega Varela (pp. 102, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 125, 165, 184, 211, 212), Aquilino Iglesia Alvariño (pp. 100, 123, 142, 214, 232), Arturo Noguerol Buján (pp. 89, 107), Augusto María Casas (pp. 90, 133, 187, 215, 228, 231), Eduardo Blanco Amor (pp. 212, 228,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

231, 273, 274), Eduardo Pondal (pp. 96, 161, 274), Eladio Rodríguez González (p. 165), Emilio Mosteiro (p. 90), Euxenio Montes (pp. 92, 192, 193, 212, 214, 215, 228, 230, 274), Evaristo Correa Calderón (pp. 92, 184, 211, 215, 228, 230), Fermín Bouza Brey (pp. 103, 105, 171-178, 180, 181, 209, 214, 239), Francisca Herrera Garrido (p. 132), Gonzalo López Abente (pp. 132, 165, 166, 184, 211), Johan Carballeira (p. 90), Luis Amado Carballo (pp. 89, 92, 100, 104, 105, 180, 193, 194, 195, 208, 213, 214, 217-235, 274), Luis Pimentel (pp. 118, 180, 212, 214, 232), Manuel Curros Enríquez (pp. 153, 161), Manuel Luís Acuña (pp. 228, 229, 232), Otero Espasandín (pp. 90, 92, 232), Ramon Cabanillas (pp. 87, 100, 103, 105, 108, 129-178, 183, 213, 214, 223), Ramon Otero Pedrayo (pp. 89, 99, 103, 107, 133, 139, 165,212), Ricardo Carvalho Calero (pp. 213, 214), Roberto Blanco Torres (pp. 92, 213, 228, 234), Victoriano Taibo (pp. 165, 168, 169, 210, 211), Xerardo Álvarez Limeses (pp. 132, 165), Xesús Bal y Gay (pp. 90, 180, 210), Xoán Vidal Martínez (p. 213) e Xulio Sigüenza (pp. 228, 231, 233), perfazendo um total de 32 em 59 poetas – aproximadamente 54%.

O seguinte gráfico oferece uma visão de conjunto sobre a presença de poetas de *Nós* no espaço da historiografia literária, de acordo com os dados levantados, sendo a média destas percentagens de 68%:

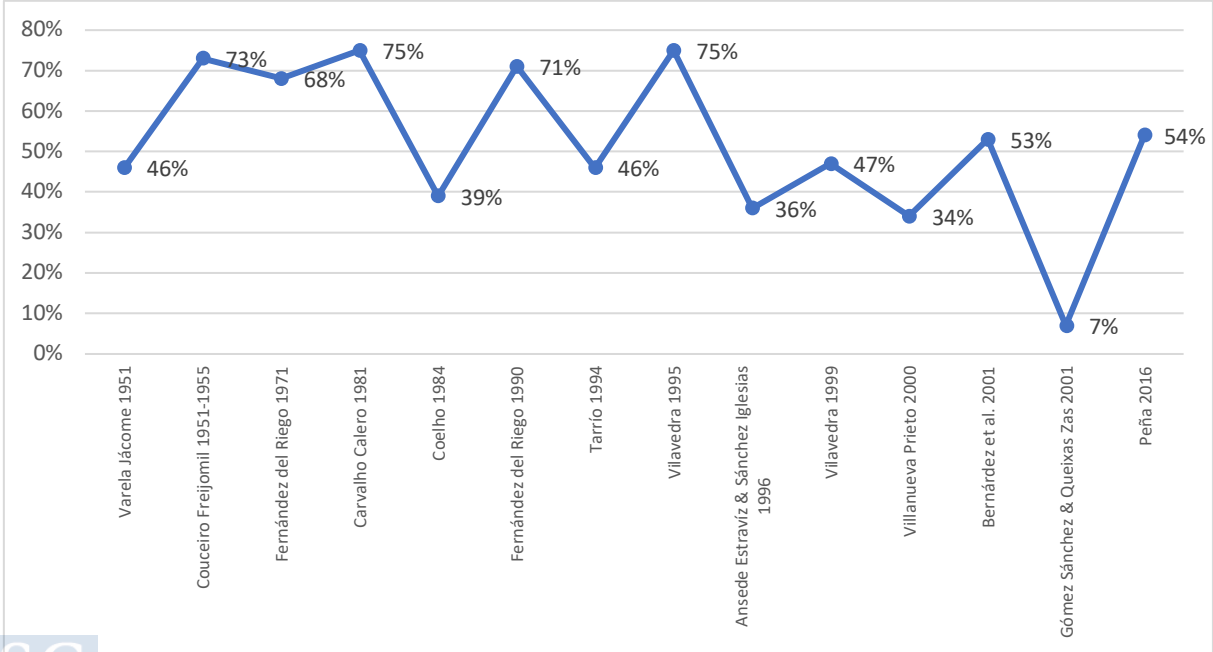


Tabela 105 - Ocorrências em Dicionários/Histórias da Literatura Galega

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

"Um dos proxectos máis emblemáticos do galeguismo" (Bernárdez et al. 2001, p. 61), a revista *Nós* – já o dissemos – não foi uma publicação estritamente literária, mas talvez "a mais importante" das revistas coetâneas (Vilavedra 1999, p. 172), dada a amplitude temática e a tenacidade editorial. Na verdade, em vão procuraríamos confirmar o seu carácter estritamente literário em qualquer história da literatura. Contudo, os seus "catorce anos de labor firme e rigoroso que serviron para sentar as bases de moitos aspectos da cultura e da ciencia da Galicia moderna", foram, no campo da literatura (e em particular da poesia), um instrumento fundamental para dar a conhecer "o que se ia producindo no país" (Tarrío 1994, p. 203). Mesmo se, de entre os seus ideólogos não tenha emergido "propiamente un poeta profesional" (Carvalho Calero 1981, p. 679), o certo é que serviu de caixa de ressonância às composições de meia centena de poetas, muitos dos quais viram os seus nomes inscritos na(s) história(s) da literatura galega.

Não cremos, com a lucidez possível, que as diferentes histórias da literatura, bem como os dicionários visitados, incluam os nomes de tais poetas nas suas páginas em razão de uma pretérita presença no espaço editorial da revista *Nós*, as mais das vezes meramente citada em sede de introdução a categorizações geracionais ou periodológicas. Mas parece-nos relevante que, à distância de três quartos de século da primeira história da literatura galega citada (Varela Jácome 1951), não haja grande desproporcionalidade quanto ao número de nomes: das 14 referências bibliográficas, somente 28% se situam abaixo dos 40% (Coelho 1984; Ansede Estraviz & Sánchez Iglesias 1996; Villanueva Prieto 2000; Gómez Sánchez & Queixas Zas 2001); os restantes 72% situam-se sempre acima de 40%. O que suspeitamos, na verdade, é que a revista criou espaço para a emergência de poetas que viriam a ser progressivamente assumidos por um cânone *in fieri*, processo do qual, sem grande margem para dúvidas, a revista fez parte. Não falamos, portanto, de influência ou mimese, mas sim de homologia.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

4. A SAUDADE NA POESIA DA REVISTA “NÓS

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Concentrando novamente a nossa atenção sobre a temática que nos ocupa – a saudade na poesia publicada na revista *Nós* – pretendemos operar uma análise mais fina, recorrendo a programas de análise e visualização de textos[103], começando por estabelecer alguns critérios básicos de delimitação de *corpus* a analisar, passando depois a uma breve análise dessa selecção e, por fim, filtrando os textos de acordo com algumas categorias fortes, ensaiar uma observação sobre as potencialidades léxico-semânticas da saudade a alguns eixos temáticos.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

[103] Cf. https://catma.de/.

4.1. CAMPO SEMÂNTICO E LEXICAL DA SAUDADE

Tendo em conta o que havíamos estudado em 4.1 (Crítica literária e recepção) e em 4.2 (Dispositivo antológico), mas também em 4.3 (Sistema educativo e historiografia literária), podemos avançar os seguintes dados, respectivamente:

- A percentagem de poetas que utilizam o campo semântico da saudade criticados é de 64%;
- A percentagem de poetas que utilizam o campo semântico da saudade antologiados é de 88%;
- A percentagem de poetas que utilizam o campo semântico da saudade historiografados é de 88%. É importante ainda referir, cremos, que deste *corpus* somente 10 (26%) entraram nas antologias estudadas.

Ora, na investigação em torno ao campo lexical e semântico da saudade, que anunciámos em sede de introdução, detectámos 58 ocorrências da palavra e suas variantes: saudade (23), saudades (5), soedade (4), saudosas (4), saudoso (2), señardá (2), señardás (2), señardade (2), soidades, (3), soedades (2), saudosa (1), saudoso (1), saudosos (1), señardosas (1), soedá (1), soidá (1), soledade (1), añorando (1), morriña (1) e morriñas (1). Tal localização permitiu-nos identificar 38 poemas de 22 poetas em *Nós*[104], que apresentamos, seguindo a ordem cronológica da publicação na revista:

1. "¿Fada ou quimera? ¿Vixilia ou sono?" (Figueroa 1920);
2. "Noiturnio: do medo e do romancismo" (Blanco Amor 1923);
3. "Chorai, chorai" (Casas 1925a);
4. "O poema da saudade" (Casas 1926b);
5. "Trova infinita" (Bouza-Brey 1926b);
6. "Eu son da terra celta..." (Barreiro 1926);
7. "Festa no ceo e na terra: poema engebre" (Casas 1926a)
8. "Airiños, aires..." (Noriega Varela 1926);

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9. “O Pelingrino” (Otero Pedrayo 1927)[105];
10. “Dos hermos astraes: cabras” (Sigüenza 1928a);
11. “Seres aleixoados” (Taibo García 1928b);
12. “O escordeonista” (Bouza-Brey 1931c);
13. “Cantigas da noite” (Fuente Bermúdez 1931);
14. “Nouturnio” (Vidal Martínez 1931);
15. “O relembro do clan” (Cabanillas 1931a);
16. “Epitalamio” (Carvalho Calero 1931a);
17. “In angore gaudium” (Iglesia Alvariño 1931a);
18. “Montañesa” (Cabada Vázquez 1931a);
19. “Santa Cecilia da Soidade” (Carvalho Calero 1931b);
20. “O milagre da conceición da natureza” (Castro Dono 1932);
21. “Meu corazón” (Iglesia Alvariño 1932b);
22. “Romance dos sete mariñeiros” (Pita 1932);
23. “Corazón ó vento” (Iglesia Alvariño 1932a);
24. “Madrigal morto” (Pazos Jiménez 1932);
25. “Da túa saudade” (Casas 1933a);
26. “Fiestra” (Cunqueiro 1933a);
27. “Tópico no porto” (Bouza-Brey 1933b);
28. “Canzón VII” (Blanco Amor 1933);
29. “Naces da primadeira” (Carvalho Calero 1933b);
30. “Camiñantes” (Acuña 1933a);
31. “Codio” (Carvalho Calero 1933a);

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

[105] A respeito deste poema, cf. Alonso Montero 2000, artigo em que se argumenta em favor da autoria oteriana da composição poética.

32. “Égloga” (Casas 1934a);
33. “Eu i-o meu corazón: elexía, ao xeito romántego” (Fole 1935);
34. “Alciprés” (Velo Mosquera 1935);
35. “Choiva” (Carvalho Calero 1935);
36. “Olla miña ben amada” (López Abente 1935);

A partir daqui, é-nos possível observar a dinâmica da sua presença entre 1920 e 1935:

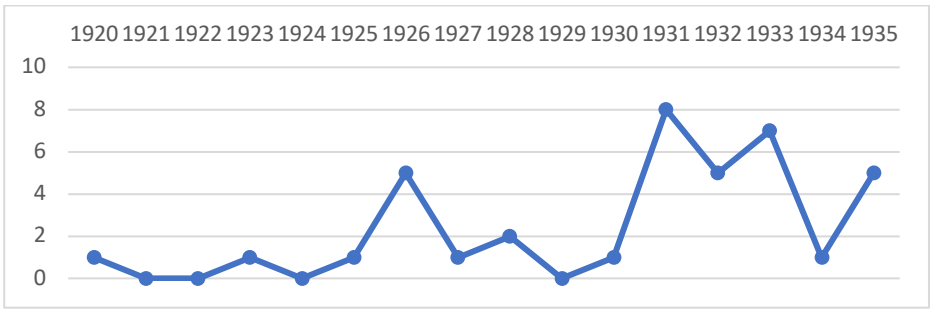


Tabela 106 - Poemas que utilizam o campo semântico da saudade na revista Nós (1931-1935)

Note-se que, se mantivermos a pluralidade das variantes da saudade, tendo em conta as suas 58 ocorrências neste *corpus*, o *Catma* devolve-nos uma nuvem de palavras que, nitidamente, coloca a palavra saudade em evidência, mas ainda assim em menor frequência se comparado com vocábulos como “noite”, “corazón”, “estrelas” ou “amor”:



Tabela 107 - Nuvem de palavras relativa ao léxico dos poemas saudosistas da revista Nós

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Contudo, se reduzirmos a análise, por via de uma uniformização de todas as variantes da saudade ao próprio vocábulo, a diferença do resultado é significativamente diferente[106]:

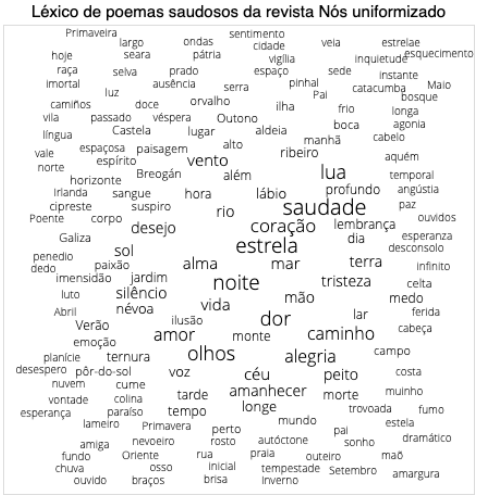


Tabela 108 - Nuvem de palavras relativa ao léxico uniformizado de poemas saudosistas da revista Nós

A partir daqui, é-nos possível identificar as palavras com mais frequência (≥ 10 ocorrências) neste *corpus* – saudade, noite, estrela, lua, dor, olhos, coração, alegria, amor, caminho, céu, alma, vento, mar, vida, tristeza, sol, amanhecer, ternura, silêncio, desejo, mão, rio, lábio, névoa e voz – que o seguinte gráfico ilustra:

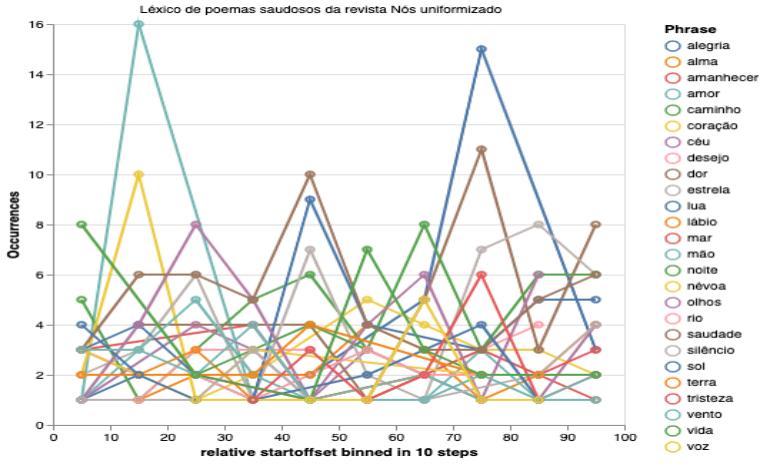


Tabela 109 - Palavras do corpus poético-saudosista da revista Nós com frequência ≥ 10 ocorrências

106 Optámos também por uniformizar o restante léxico em português. Ex.: ledicia, lediza, etc. > alegria; door, dôr, etc. > dor; curazón, corazón, coraçom, etc. > coração.

Tendo em conta a identificação da ocorrência de palavras com maior frequência no nosso *corpus*, constatámos a existência de seis campos semânticos:

1. Humano (olhos, coração, alma, mão, lábio, voz, vida);
2. Sentimento (saudade, dor, alegria, amor, tristeza, ternura, desejo);
3. Espaço (caminho, rio, céu);
4. Tempo (noite, amanhecer);
5. Paisagem (estrela, lua, mar, sol);
6. Clima (vento, névoa)

Uma vez etiquetadas as palavras com as palavras-chave relativas a estes seis campos semânticos, que coincidem com a designação dos mesmos, obtivemos as seguintes percentagens, que dizem respeito à presença de cada um dos campos na totalidade do *corpus* em análise:

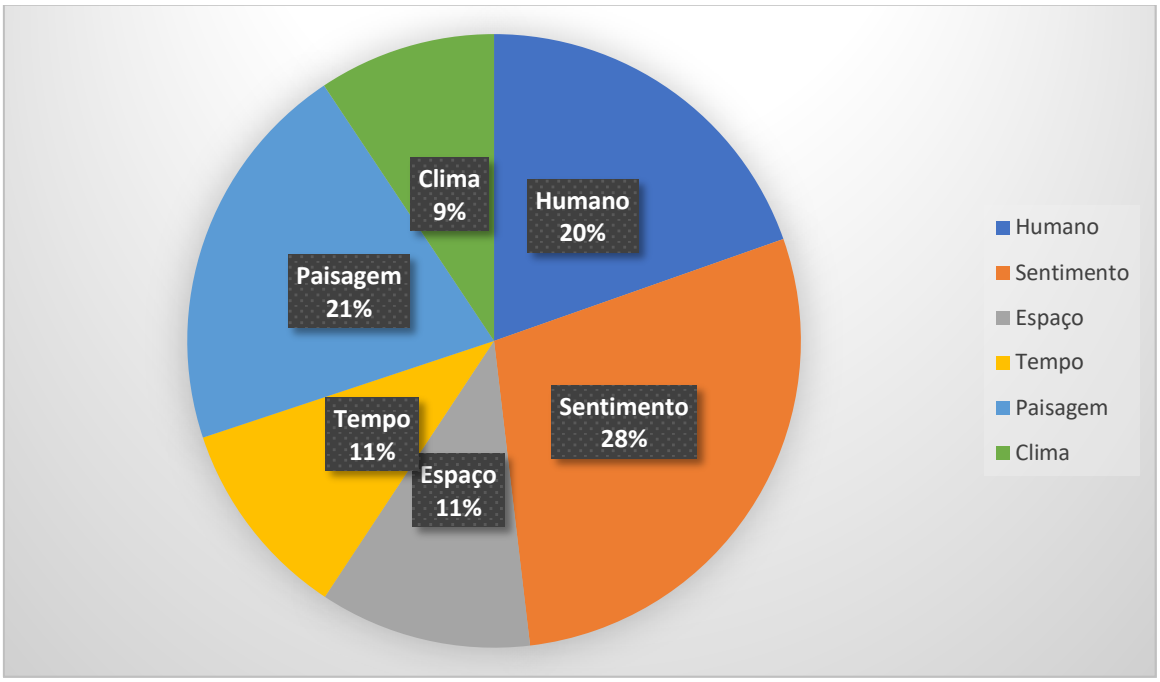


Tabela 110 - Percentagem dos campos semânticos no corpus saudosista da poesia da revista Nós

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Contudo, cremos necessária uma observação das percentagens de cada campo semântico por ano de publicação, pelo que agregaremos os valores de cada uma das referências aos anos respectivos. Os seis próximos gráficos ilustram as tendências de uso dos diferentes campos:

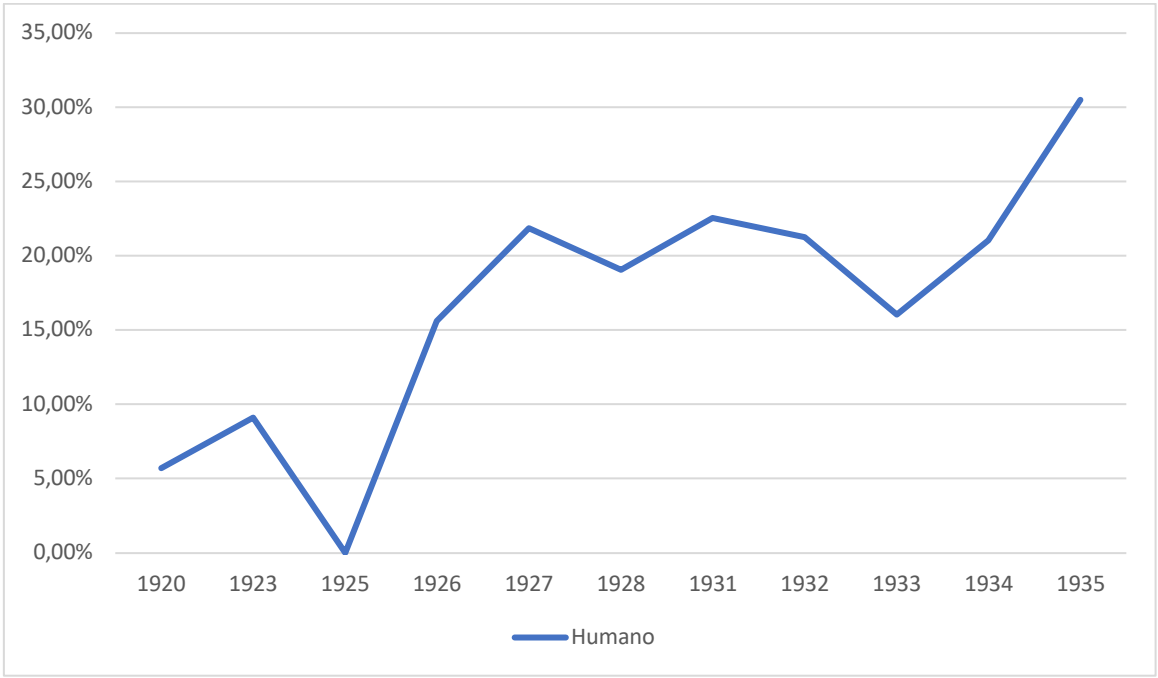


Tabela 111 - Percentagem de utilização do campo semântico do "humano" por ano considerado

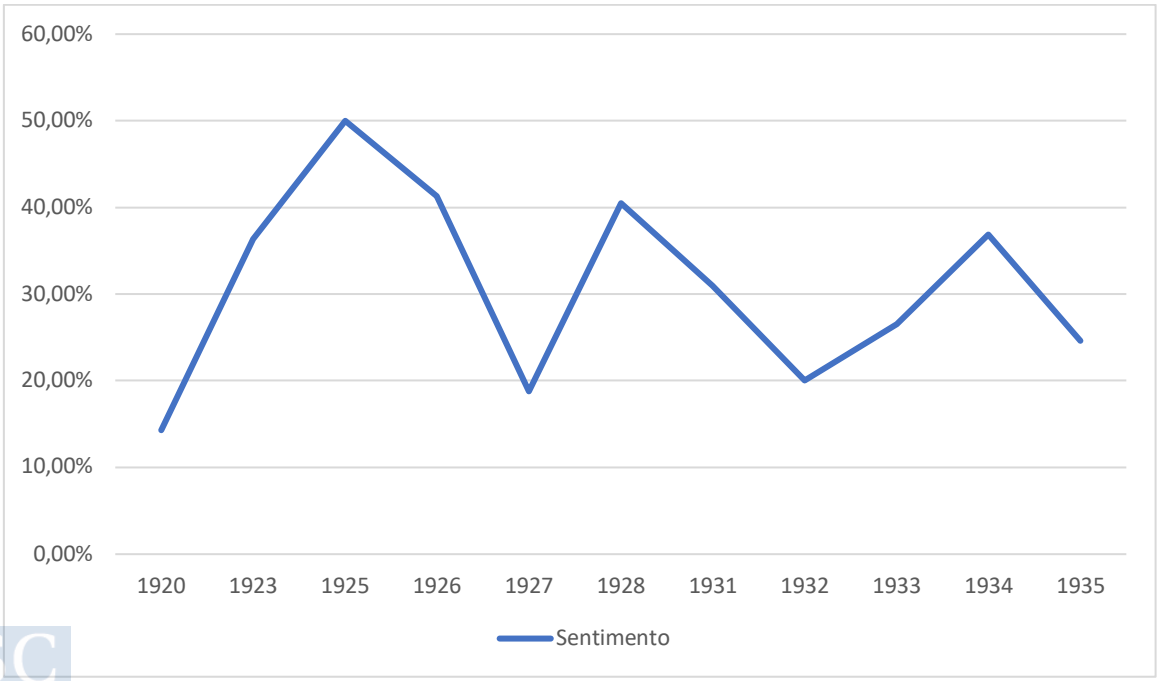


Tabela 112 - Percentagem de utilização do campo semântico do "sentimento" por ano considerado

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

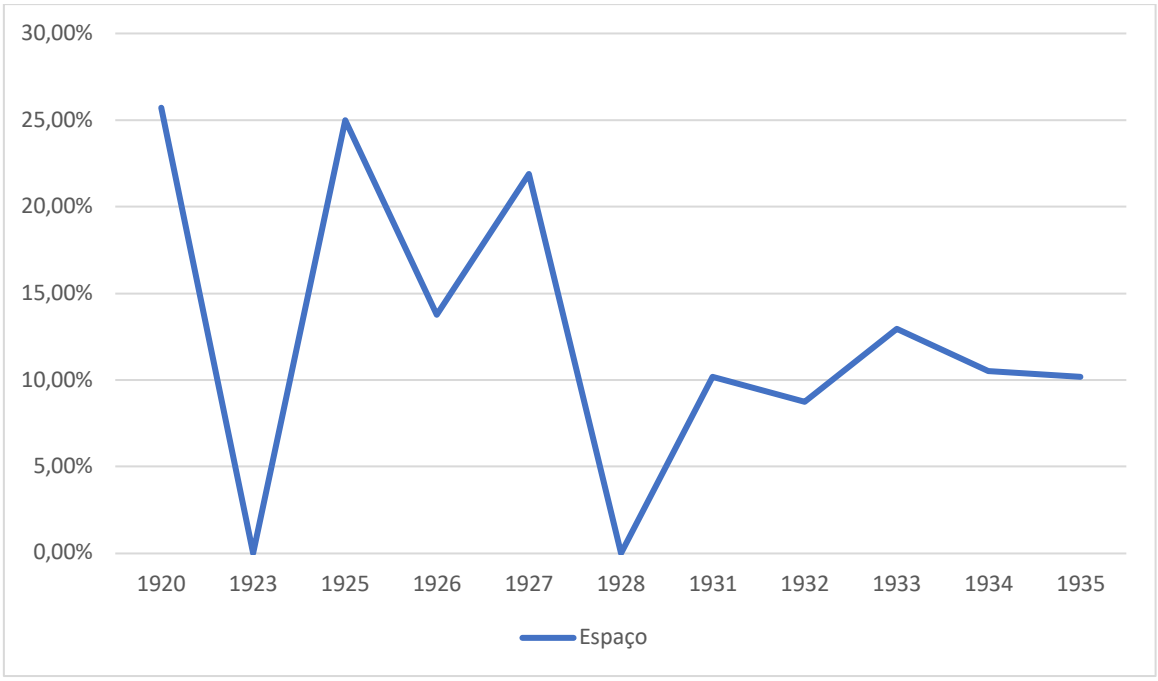


Tabela 113 - Percentagem de utilização do campo semântico do "espaço" por ano considerado

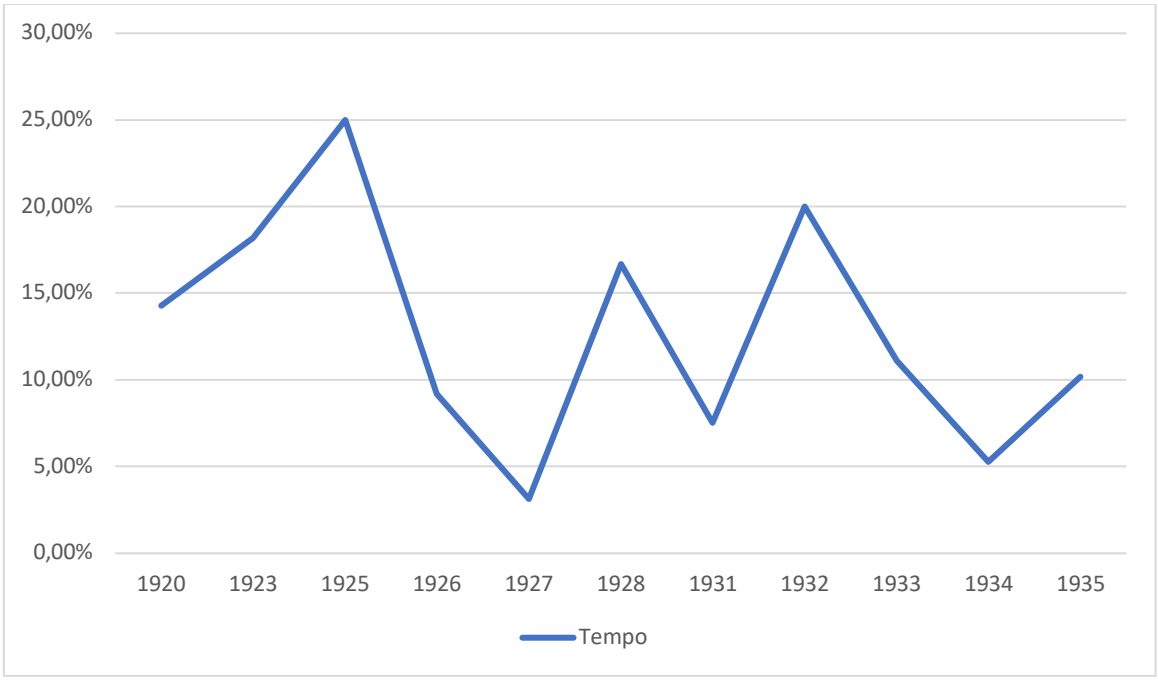


Tabela 114- Percentagem de utilização do campo semântico do "tempo" por ano considerado

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

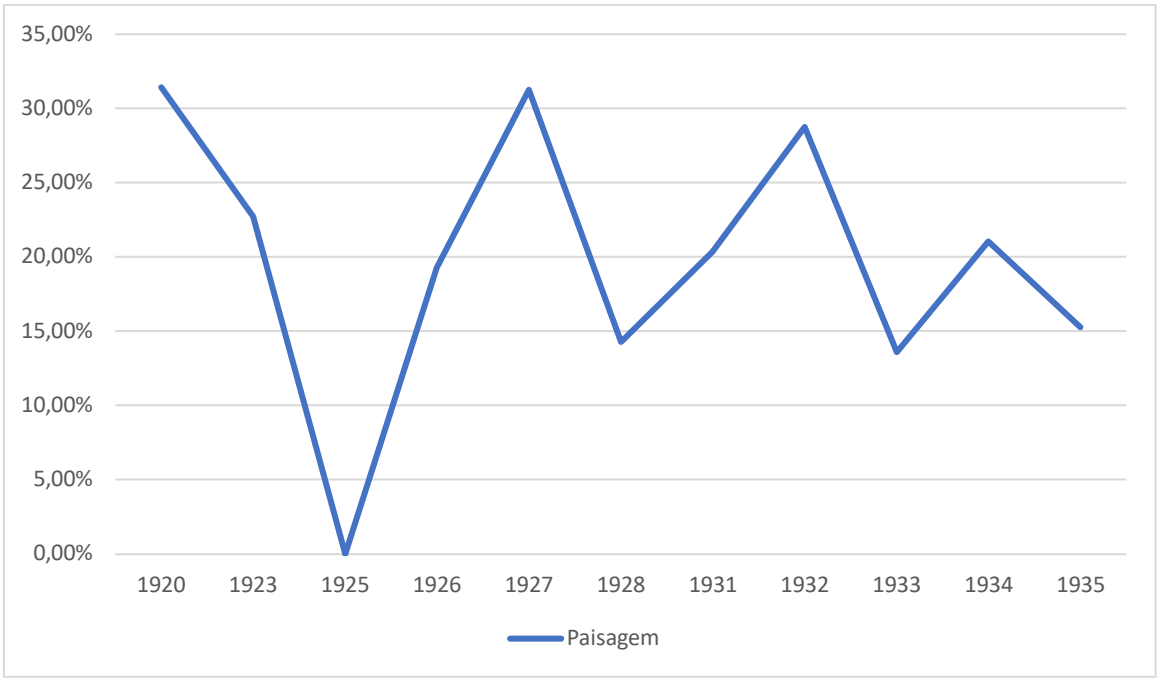


Tabela 115 - Percentagem de utilização do campo semântico do "paisagem" por ano considerado

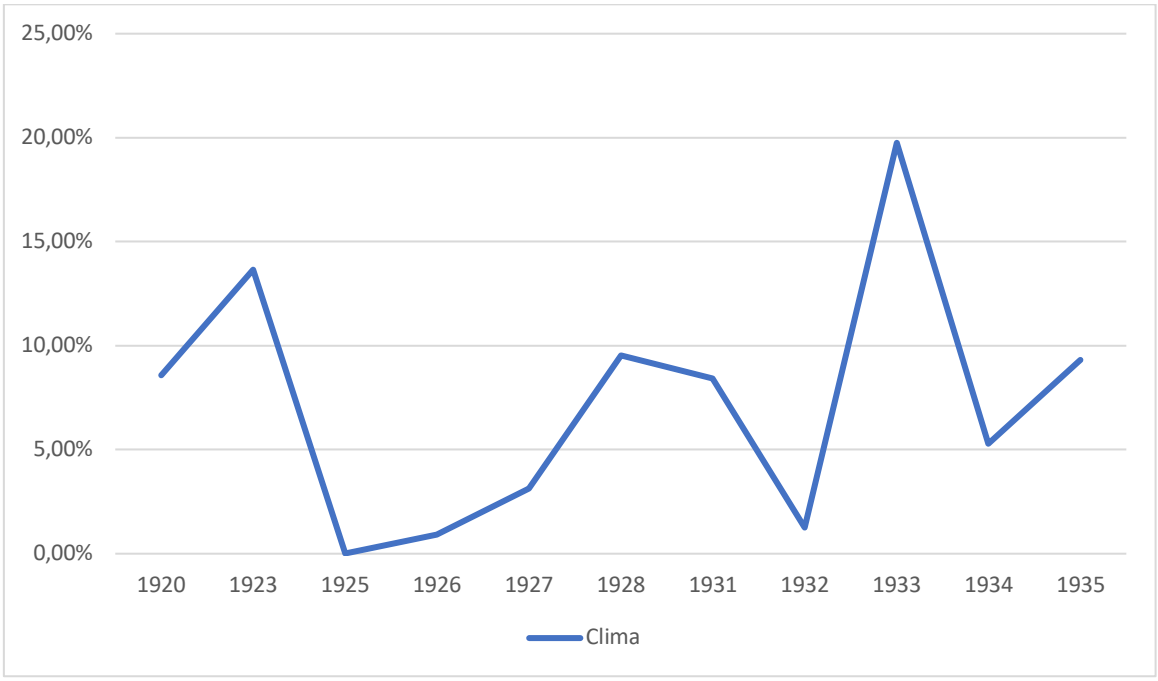


Tabela 116 - Percentagem de utilização do campo semântico do "clima" por ano considerado

Podemos, agora, observar estes dados em registo comparativo:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

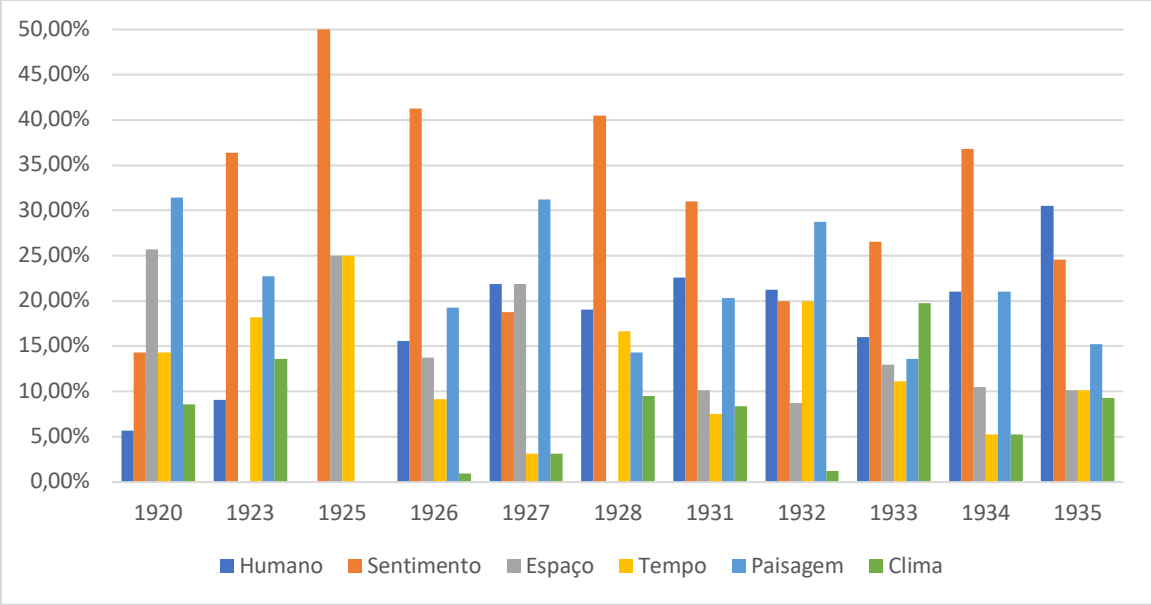


Tabela 117 - Perspectiva comparada das percentagens de utilização dos diferentes campos semânticos por ano considerado

O campo semântico do "humano", referente à constituição antropológica (corpo, alma ou espírito) e às suas diferentes funções metaforizadas (coração, lábios, peito, voz), ganha progressivamente espaço de 1925 em diante. Por seu turno, o campo semântico do "sentimento", que poderia ser perfeitamente articulado no anterior, é o que apresenta a maior frequência neste *corpus*, chegando a ocupar 50% e nunca descendo abaixo dos 10% da totalidade do léxico.

Ora, situado no espaço e no tempo, o sujeito poético projecta nessas coordenadas o que é/vai sendo e o que sente: a representação espacial apresenta valores de frequência extremadamente oscilantes entre 1920 (aproximadamente 25%) e 1928 (0%), ano a partir do qual inicia uma trajectória ascendente até 1935, mas nunca chegando a ocupar, a partir de então, mais de 10% do léxico, semelhante ao que acontece com o campo semântico referente à representação temporal.

A representação da paisagem apresenta também valores de frequência elevados, se tivermos em conta que em três anos (1920, 1927 e 1932) rondará os 30% e, com a excepção de 1925 (0%), nunca baixará dos 15%. Quanto à representação do clima, os valores apresentam-se relativamente baixos, com a excepção do ano de 1933.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Interessaria, ainda, observar se e de que maneira são rastreáveis neste *corpus* os referentes de identidade do nacionalismo galego (afirmação, negação, analogia e reintegração), tal como os definiu Justo Beramendi (2007). Para esse efeito, etiquetámos palavras como "Castela", "Galiza", "celta", "terra linda", "Irlanda" ou "Breogán". O próximo gráfico dá nota da presença de baixa frequência desses referentes face aos campos semânticos analisados anteriormente:

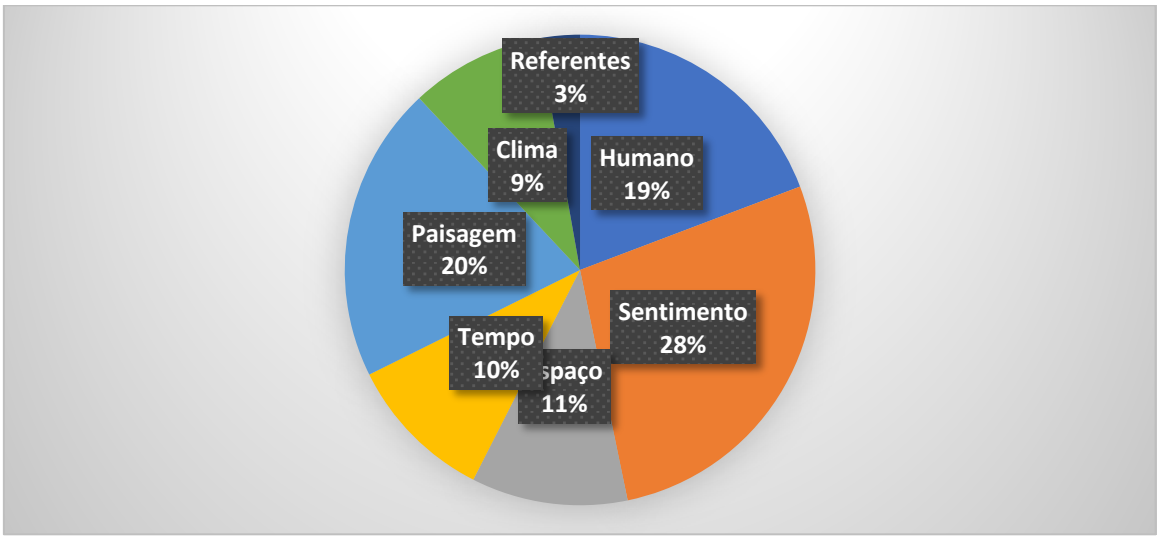


Tabela 118 - Percentagem dos campos semânticos e dos referentes de identidade

Ora, dentro desses aproximadamente 3%, identificámos os seguintes valores para cada um dos referentes de identidade – ex.: Galiza (afirmação), Castela (negação), Irlanda (analogia) e Portugal (reintegração):

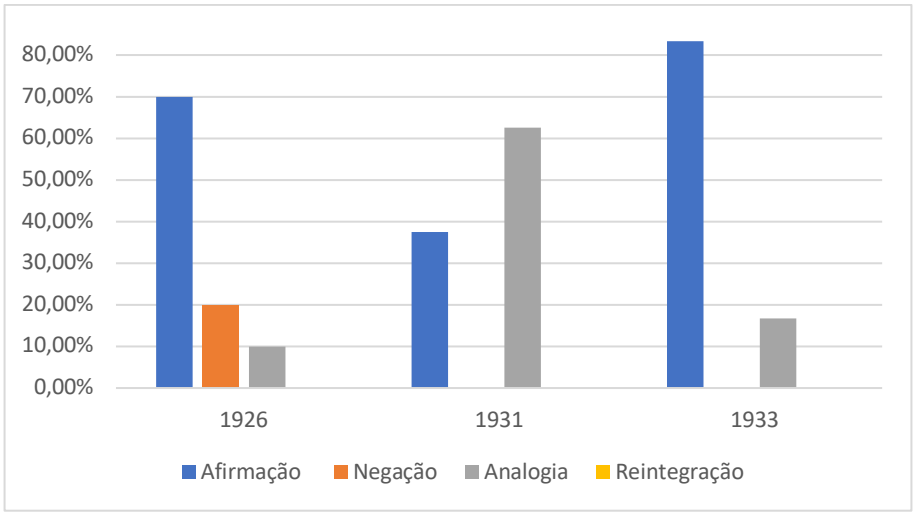


Tabela 119 - Percentagem dos referentes de identidade no corpus em análise

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Com a excepção do ano de 1931, em que o referente de analogia ultrapassa os 60%, o referente de identidade de mais elevada frequência é nitidamente o da afirmação (70% em 1926; 83,75% em 1933; e pouco menos de 40% em 1931), aparecendo o referente de negação somente em 1926 (20%). O referente de reintegração está completamente ausente neste *corpus*.

Uma vez constatada a relevância de cada campo semântico neste *corpus* e articulando sempre as respectivas etiquetas com a palavra saudade, cujo campo semântico reduzimos ao próprio termo, procuraremos ver a intensidade da frequência de ambos os campos.

A sequência da análise, embora aparentemente aleatória, obedece a alguns pressupostos: (1) a saudade é algo cuja expressão se dá no ser humano e, por essa razão, importa perceber como é que o(s) sujeito(s) poético(s) a captam na auto-compreensão de si mesmos, que pode ir das mais minuciosas associações anatómicas às mais comuns e genéricas traduções corpóreas, psíquicas e espirituais; (2) enquanto humanamente expressável, na complexidade da sua constituição psicossomática, a saudade emerge quase sempre, e em primeiro lugar, como manifestação sentimental; porém, a condição fundamentalmente espácio-temporal do ser humano provoca a necessidade de tornar presente no espaço (3) e no tempo (4) a indisponibilidade verbal de uma experiência que, por essa razão, opera transferências de sentido, por via da metáfora, para a configuração da paisagem (5) e para a disposição do clima (6).

4.1.1. Constituição antropológica

Tendo em conta a palavra-chave "humano", identificámos as seguintes palavras pertencentes ao campo lexical do que poderíamos genericamente etiquetar como constituição antropológica, com as seguintes ocorrências: olhos (37 ocorrências), coração (31), alma (20), vida (18), mão (15), lábio (11), voz (10), morte (6), sangue (4), espírito (3), corpo (3), boca (3), cabeça (2), rosto (2), cabelos (2), ouvidos (2), língua (1), ossos (1), imortalidade (1), braços (1), veia (1) e dedo (1), como podemos observar pela nuvem de palavras que segue:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

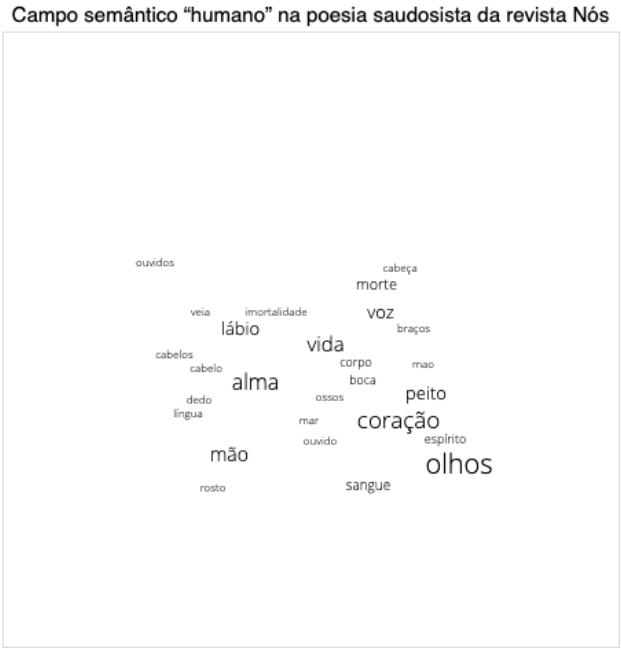


Tabela 120 - Campo semântico do "humano" na poesia saudosista da revista Nós

Com base nestes dados, podemos afirmar que a saudade é expressa, neste *corpus*, como eminentemente somática, como podemos observar pelo seguinte gráfico, que agrega em dois blocos os elementos somáticos e os psíquicos:

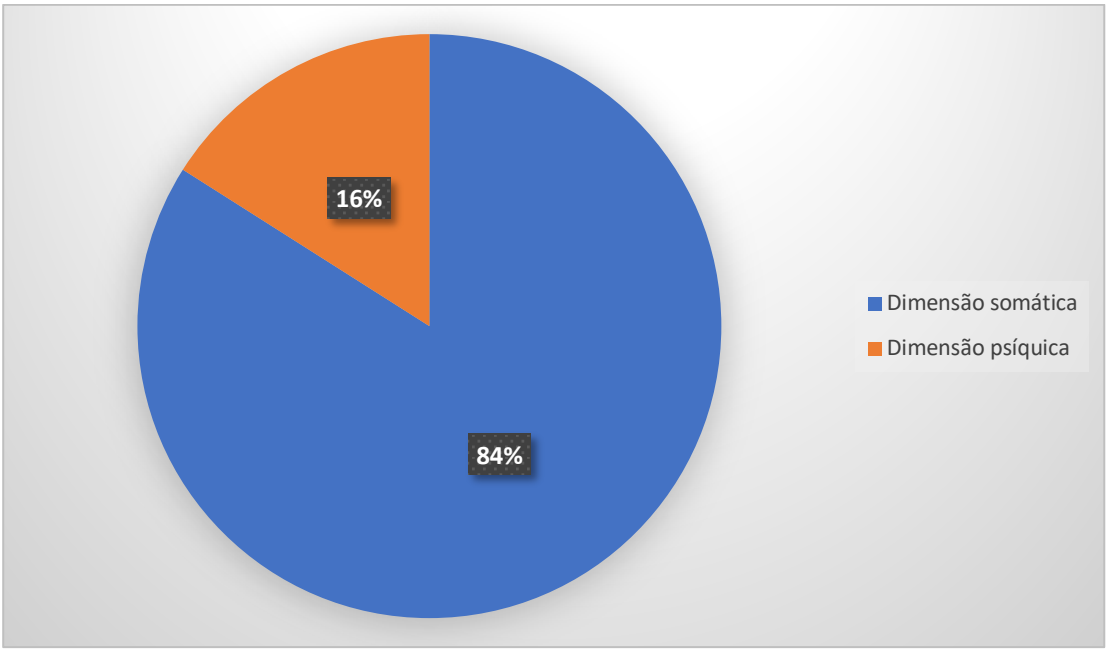


Tabela 121 - Percentagens da constituição antropológica patente no corpus em análise

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

A seu modo, Domingo García-Sabell escreveria, algumas décadas mais tarde, que “la vivencia saudosa va a conmoverlo todo, desde ciertos mecanismos grosseiramente físicos, orgánicos, hasta los processos más altos y nobles del pensar, passando, quizá, por el puente favorecedor de la emoción inominada” (García-Sabell, 1953: 46).

4.1.2. Expressão sentimental

Para a identificação da expressão sentimental da saudade, localizámos as seguintes palavras: saudade (52 ocorrências), alegria (28), dor (25), amor (24), tristeza (17), desejo (14), mágoa (11), lembrança (8), ternura (7), medo (5), emoção (4), suspiro (3), ilusão (3), paixão (3), esperança (3), ferida (2), sonho (2), amargura (2), angústia (2), agonia (2), paz (1), desconsolo (1), esquecimento (1), desespero (1) e inquietude (1), como podemos observar pela nuvem de palavras que segue:

Campo semântico “sentimento” na poesia saudosista da revista Nós



Tabela 122 - Campo semântico do "sentimento" na poesia saudosista da revista Nós

No quadro da expressão sentimental, a saudade é nitidamente o principal sentimento (52). Aqui, interessa colocar em evidência dois níveis de análise: (1) a dialéctica alegria/tristeza e (2) a dialéctica angústia/esperança. Os dois gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC UNIVERSIDADE DE COMPOSTELA

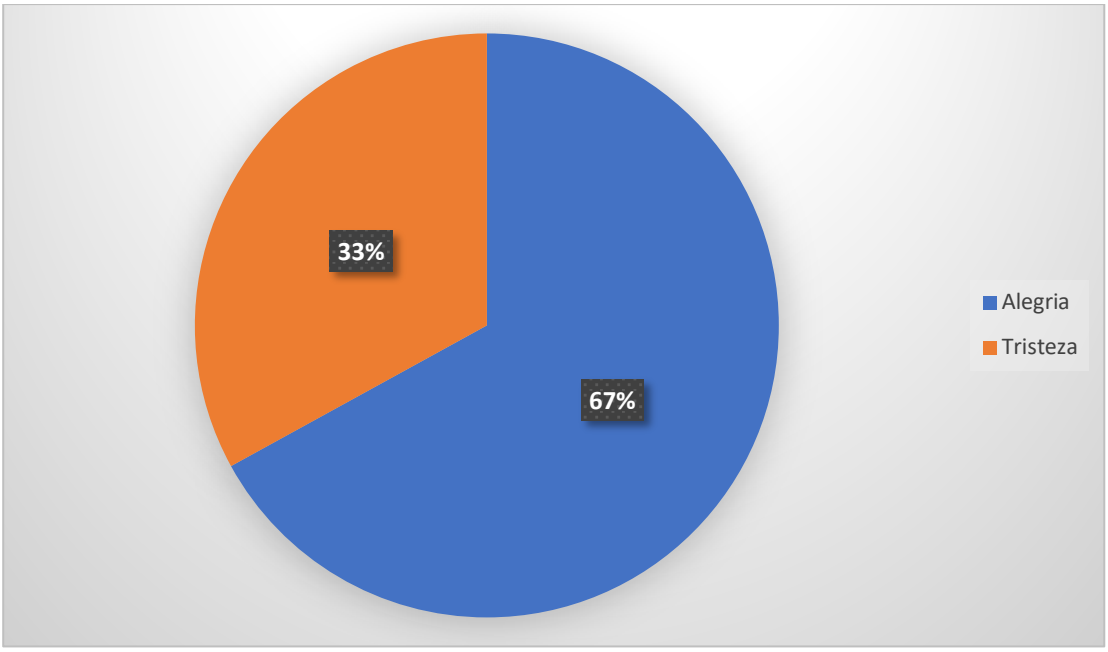


Tabela 123 - Percentagens da dialéctica alegria/tristeza

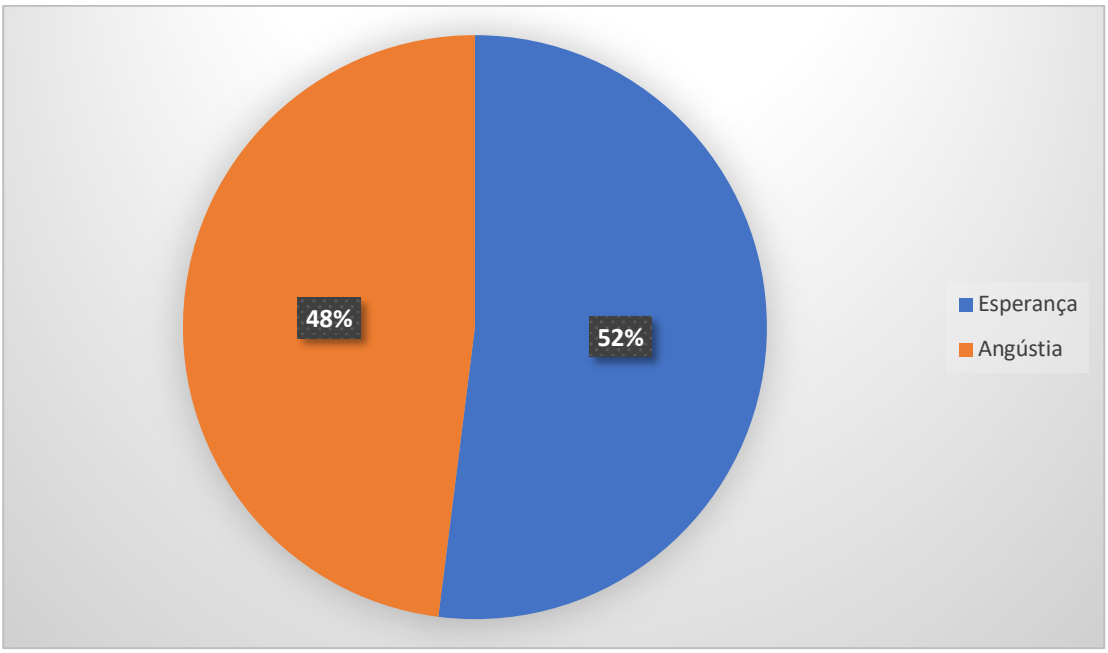


Tabela 124 - Percentagens da dialéctica angústia/esperança

Não obstante a "saudade anedótica do Fado e de Garret" (Pascoaes 1988, p. 25), que a encostam quase unilateralmente à tristeza, é de notar que este *corpus* revela uma maior presença da alegria (67%) face à tristeza (33%). Diferente é, porém, o que acontece se agruparmos as palavras em

USC SANTIAGO DE COMPOSTELA

torno à dialéctica angústia/esperança: aí, claramente, percebe-se um sólido equilíbrio, em linha com as considerações pré-ontológicas sobre a saudade de Andrés Torres Queiruga, quando afirma que esta "non é *aínda* esperanza como tampouco é *aínda* angustia; é máis bem a capacidade en acto de ambas, o radical e común emerxer do sentimento ontolóxico, que na realidade vivida se concretará necessariamente nunha das dúas" (2003, p. 63).

4.1.3. Representação do espaço

A representação espacial reúne termos como caminho (24 ocorrências), longe (9), além (8), profundo (8), lar (5), horizonte (4), terra (4), imensidão (3), alto (3), lugar (3), mundo (3), ilha (3), perto (3), infinito (2) ou aquém (1).

Campo semântico "espaço" na poesia saudosista da revista Nós

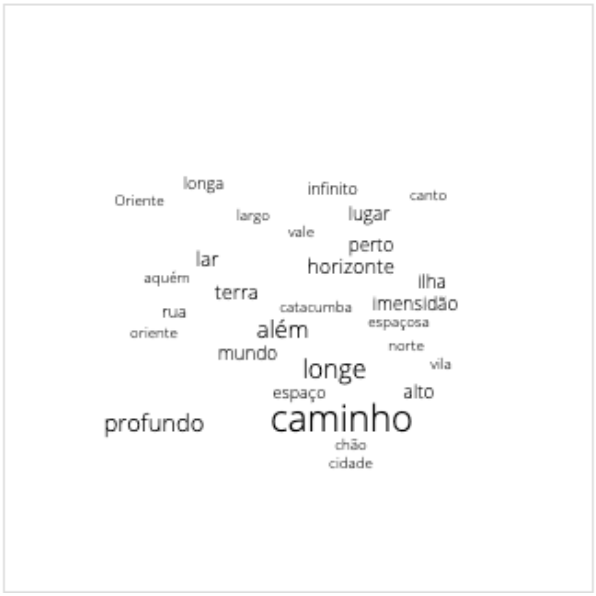


Tabela 125 - Campo semântico do "espaço" na poesia saudosista da revista Nós

Notamos, pela nuvem de palavras gerada, uma presença maior da palavra 'caminho, que outorga à representação espacial da saudade, também associada à ideia de 'além' ou 'longe', uma dimensão mais ampla do que a definida pelas limitações geográficas das fronteiras. Existe também certo equilíbrio entre 'terra' e 'mundo', avisando-nos para o facto de que, muito provavelmente, a consciência espacial da saudade se situa entre esses dois extremos: a 'terra', onde se fundam as raízes, e o 'mundo' como abertura e expansão. Aqui, cremos necessários três níveis de análise que dêem conta das dialécticas dinâmico/estático, próximo/distante e aberto/fechado. Os três gráficos seguintes ilustram as respectivas percentagens:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

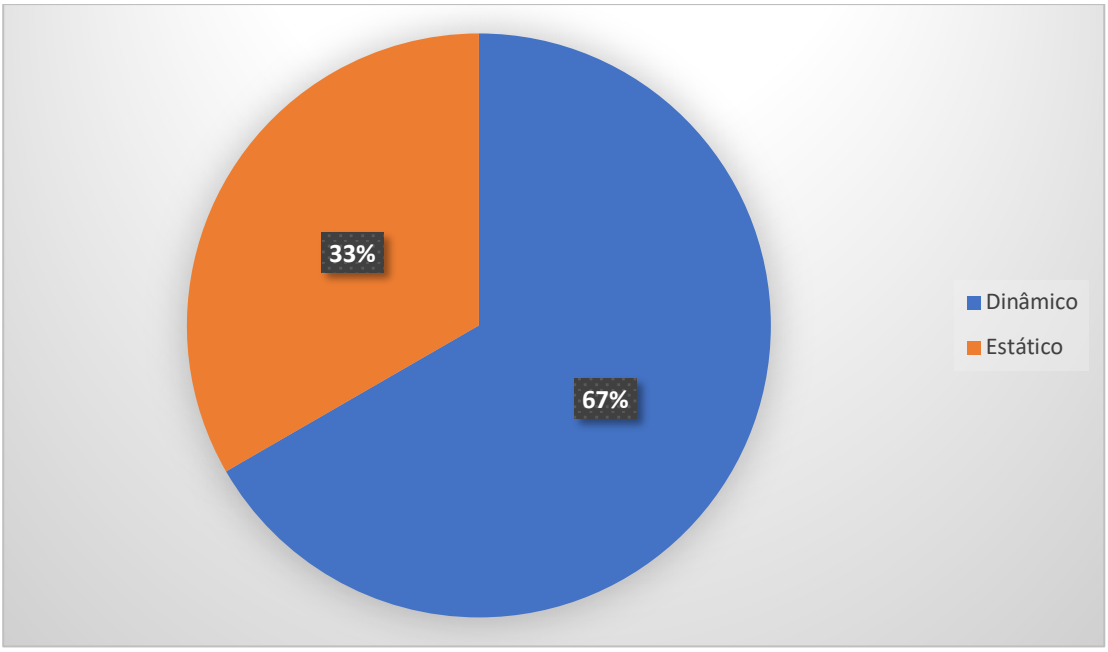


Tabela 126 – Percentagens da dialéctica dinâmico/estático

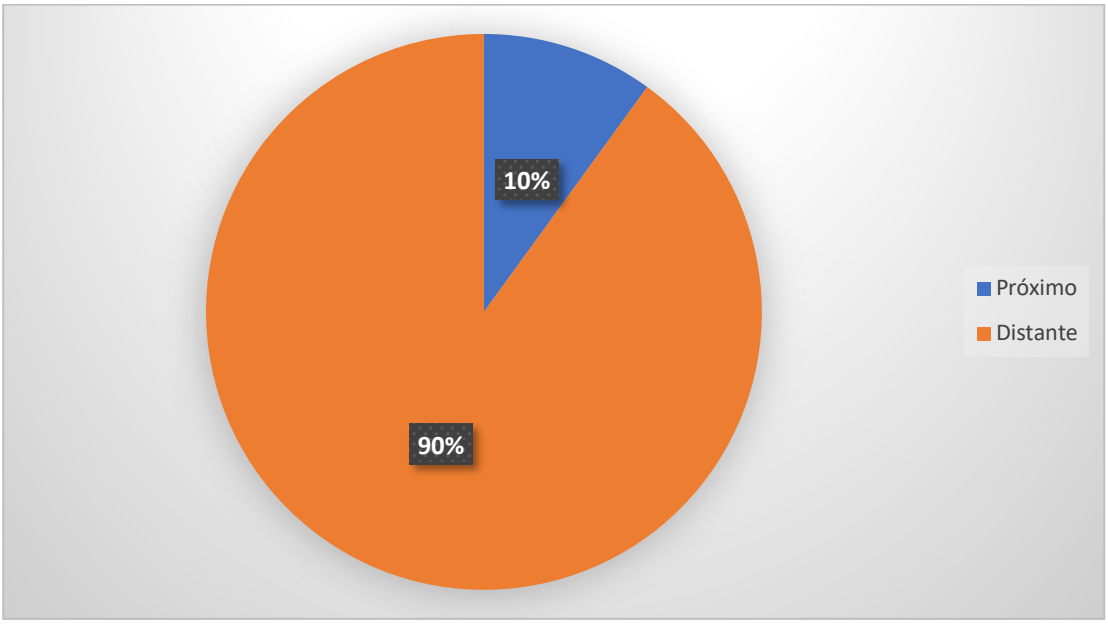


Tabela 127 – Percentagens da dialéctica próximo/distante

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

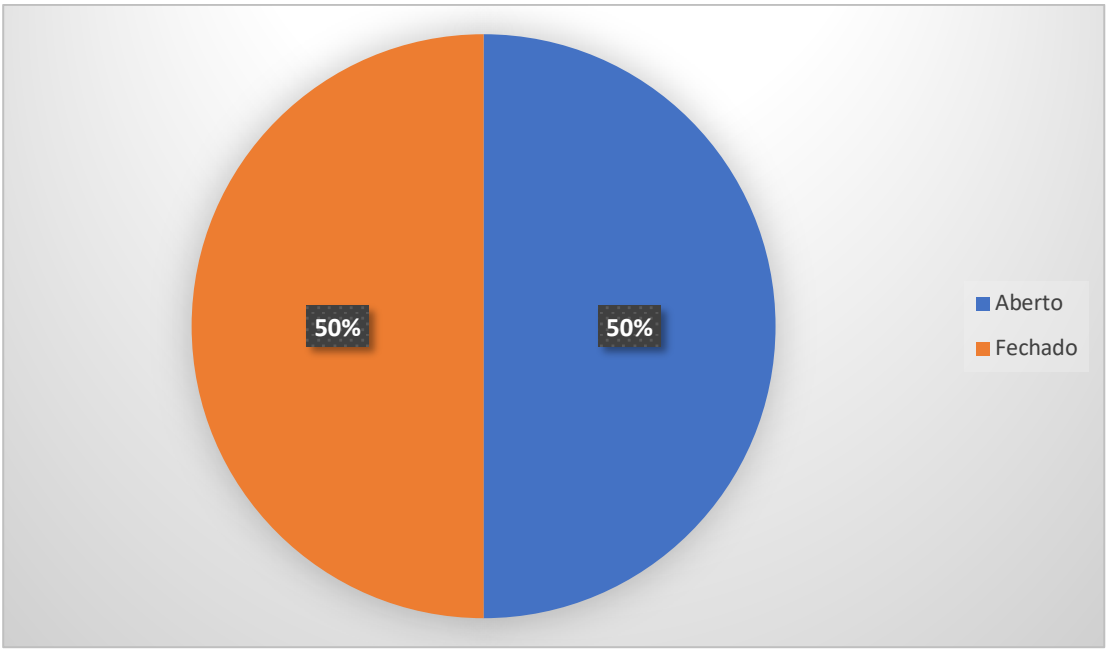


Tabela 128 - Percentagens da dialéctica aberto/fechado

A representação espacial dá conta de uma maior dinamicidade (caminho) face a uma expressão mais estática da saudade, ligada a palavras como 'lar', 'terra' ou 'lugar'. Por outro lado, a saudade que aqui se expressa tem a consciência de uma maior distância em relação ao sujeito/objecto de desejo, como algo 'longe', 'além', 'profundo', 'imenso', 'alto' ou 'infinito'. Por seu turno, preside-lhe uma dialéctica simultaneamente aberta ('mundo') e fechada ('ilha').

4.1.4. Representação do tempo

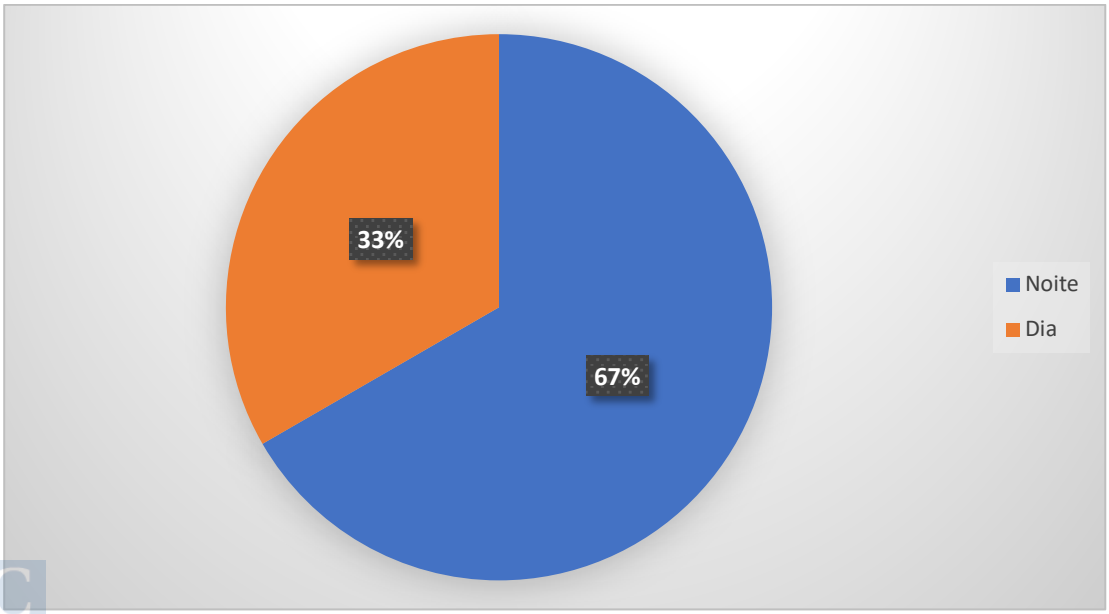
O tempo da saudade parece também obedecer a dinâmicas próprias. Trata-se de um tempo que, paradoxal e simultaneamente, mensurável e imensurável. Os termos localizados são os seguintes: noite (37 ocorrências), amanhecer (14), hora (7), tarde (5), tempo (5), dia (6), pôr-do-sol (4), manhã (3), instante (2), vigília (2), Maio (2), véspera (1), passado (1), inicial (1), hoje (1), Abril (1) e Setembro (1).

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Tabela 129 - Campo semântico do "tempo" na poesia saudosista da revista Nós

O que aqui encontramos são diversas referências às diferentes mesuras do tempo, como fases do dia ou meses, mas também de recorte linear e progressivo (‘passado’ ou ‘porvir’) ou, com não menor relevância, expressões da consciência psicológica do mesmo (‘instante’ ou ‘vigília’). Observemos tão somente a dialéctica noite/dia, a cujos termos associamos palavras como amanhecer e manhã/pôr-do-sol e tarde, respectivamente:



USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 130 - Percentagens da dialéctica noite/dia

Aquilo que parece ser mais evidente é a proporcionalidade do termo 'noite', situando a 'saudade' nesse arco. Teixeira de Pascoaes não discordaria, certamente: "Este dia de hoje é uma noite do passado" (Pascoaes, 1927: 152).

4.1.5. Representação da paisagem

Desde a lírica trovadoresca galaico-lusitana, sempre houve a consciência de que paisagem se associa frequentemente à disposição do sujeito poético para a expressão da saudade (Noronha 2007, p. 80). Neste enquadramento, os termos encontrados são os seguintes: estrela (40 ocorrências), lua (38), céu (18), mar (16), rio (10), monte (9), jardim (6), ribeiro (5), campo (5), sol (3), cipreste (3), aldeia (3), bosque (3), cume (3), paisagem (3), penedio (3), outeiro (2), costa (1), vale (1), selva (1), colina (1), pinheiro (1), prado (1), serra (1), ondas (1) ou seara (1).

Campo semântico "paisagem" na poesia saudosista da revista Nós



Tabela 131 - Campo semântico do "paisagem" na poesia saudosista da revista Nós

'Estrela', 'lua', 'céu' e 'mar' são os termos que, sem margem para grandes dúvidas, maior frequência apresentam. E não estranha que sejam os dois primeiros termos os mais salientes, quando a própria percepção temporal da saudade se situa intensamente na 'noite'. Raciocínio idêntico pode ser feito a respeito do terceiro mais saliente ('céu'), uma vez que, na dialéctica próximo/distante da representação espacial, é a distância que prevalece. Mas o espaço sideral

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

não difere grandemente do que o próprio 'mar' representa: são estas as paisagens que devolvem a sensação de infinito, cuja percepção se equilibra com a de menor amplitude, e que a contemplação dos 'montes' e da 'terra' supõem.

Prestemos atenção, porém, às percentagens relativas à dialéctica litoral/interior:

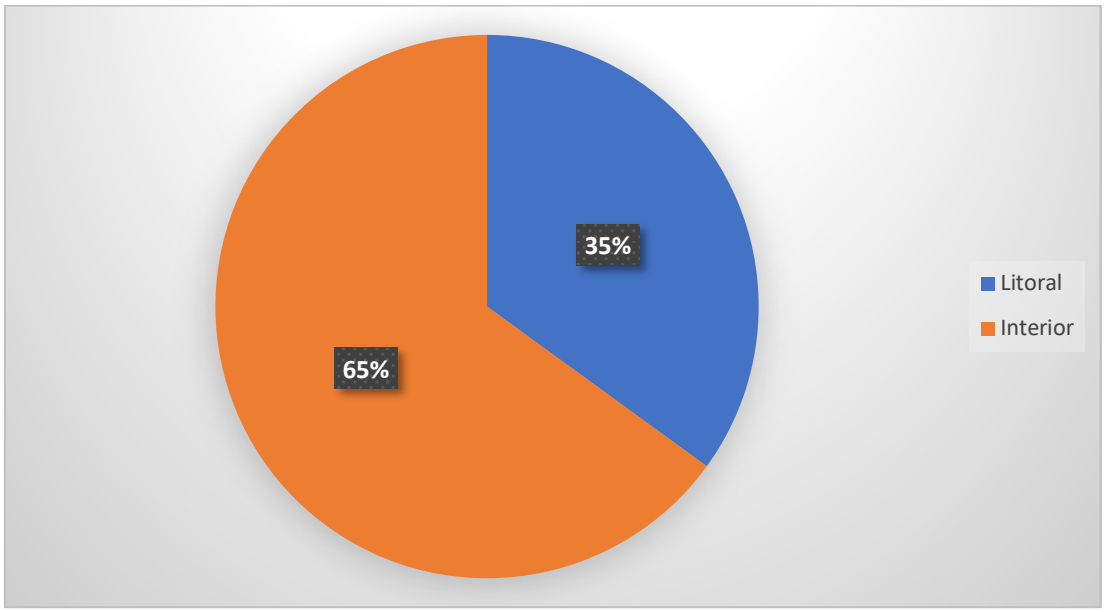


Tabela 132 - Percentagens da dialéctica litoral/interior

Em 1980, Ramón Piñeiro escrevia que, graças às características geográficas da Galiza, houve "sempre dúas formas de vida, unha apoiada no mar e que poderíamos chamar Galicia Mariñeira, e outra interior que poderíamos chamar Galicia campesina. Esta dualidade dará lugar a dúas actitudes culturais distintas" (2009b, p. 25). Talvez a proveniência dos poetas se encontre relacionada com este dado, uma vez que aproximadamente 59% tem origem no interior[107], enquanto 41% no litoral[108].

4.1.6. Representação do clima

Por último, no que diz respeito à relação entre a saudade e o clima, também alguns termos não se apresentam desse modo. Os termos localizados são os seguintes: vento (19 ocorrências), sol

[107] Álvaro de las Casas, Augusto María Casas, Manuel Luís Acuña, Eduardo Blanco Amor, X. M. Cabada Vázquez, R. A. Castro Dono, Juan Armada y Losada (Madrid), Ánxel Fole, X. M. de la Fuente Bermúdez, Aquilino Iglesia Alvariño, Antonio Noriega Varela, Ramón Otero Pedrayo, Victoriano Taibo e X. Velo Mosquera.

[108] Lisardo Barreiro, Fermín Bouza-Brey, Ramón Cabanillas, Ricardo Carvalho Calero, Álvaro Cunqueiro, Gonzalo López Abente, Pazos Jiménez, Emilio Pita, Xulio Sigüenza e J. Vidal Martínez.

USC DE SANTIAGO COMPOSTELA

(13), névoa (12), Verão (4), Primavera (4), orvalho (3), Outono (3), nevoeiro (2), frio (2), chuva (1), temporal (1), nuvem (1), tempestade (1), brisa (1), Inverno (1) e trovoada (1).



Tabela 133 - Campo semântico do "clima" na poesia saudosista da revista Nós

Surpreendentemente, são o 'vento' e o 'sol' os termos que mais aparecem.

Contudo, agregando as palavras em torno à dialéctica Primavera-Verão/Outono-Inverno, obtemos os seguintes dados:

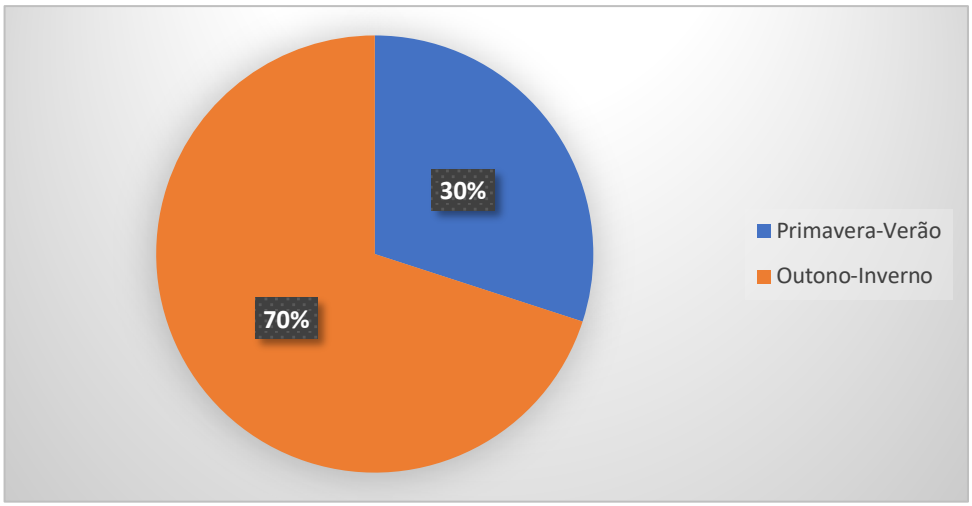


Tabela 134 - Percentagens da dialéctica Primavera-Verão/Outono-Inverno

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Isto permite-nos perceber que o clima próprio da expressão saudosa, neste *corpus*, é claramente aquele que tipicamente se define com as características do Outono-Inverno: o 'nevoeiro', como metáfora da opacidade, e o 'orvalho', como metáfora da dor que se transubstancia em humidade, estão presentes, mas sem a mesma intensidade daqueles. O 'vento' emerge, aqui, como sonorização meteorológica da saudade.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

4.2. O CORPUS POÉTICO DA SAUDADE

A poesia saudosa que encontramos na revista *Nós* não obedece a um critério de selecção temática específica por parte dos editores do periódico. Já o dissemos: nem se trata de uma publicação estritamente literária, nem a decisão de publicar este ou aquele poema parece estar ancorada a uma assumida e confessada predilecção pela temática, muito embora o saudosismo seja em Vicente Risco evidente. Sustentamos esta afirmação não só com as ideias norteadoras do manifesto programático da revista (A.N.I. 1920), mas também com a desproporção entre o que poderíamos denominar composições poéticas saudosas (38 de 147 poemas – aproximadamente 26%) e não-saudosas (74%), mesmo se o número de poetas publicados tem alguma relevância (25 de 59 poetas – aproximadamente 42%).

Neste momento, prestaremos atenção aos poetas, tentando elaborar uma breve localização dos mesmos no plano da história literária galega (datas, correntes, obras e instituições), mas também às próprias composições poéticas, laborando metodologicamente em *close reading*, sem ignorar os dados que a prévia análise lexical e semântica do *corpus* nos ofereceu.

4.2.1. Os poetas de "Nós" e a saudade

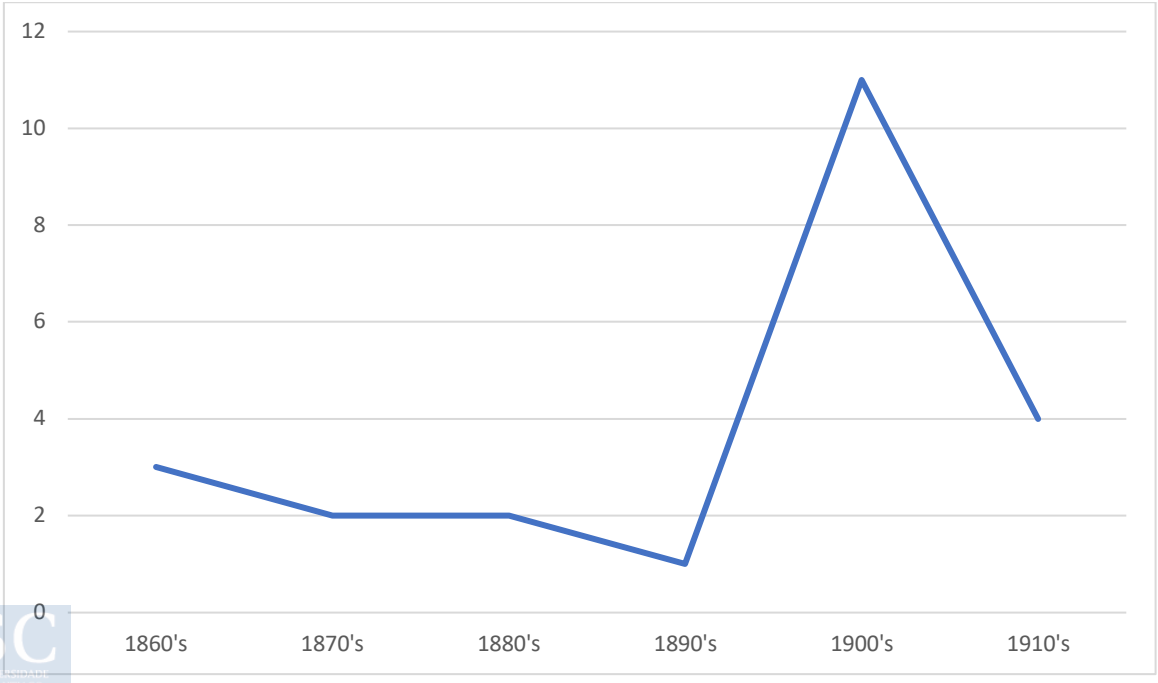
Quinze anos de publicação de grande constância não poderiam deixar – em nenhum capítulo e provavelmente, por maioria de razão, no da publicação de poesia – de apresentar tanta variedade estética, quanto até mesmo geracional. Com efeito, na revista *Nós*, cruzam-se poetas de diferentes gerações e, portanto, de várias sensibilidades poéticas. Interessa, talvez num primeiro momento, perceber a amplitude geracional a que nos referimos, e cujos nomes apresentamos, em seguida, por ordem da data de nascimento: Juan Bautista Armada y Losada (1862-1932), Lisardo Rodríguez Barreiro (1862-1953), Antonio Noriega Varela (1869-1947), Ramón Cabanillas Enríquez (1876-1959), Gonzalo López Abente (1878-1963), Victoriano Taibo García (1885-1966), Ramón Otero Pedrayo (1888-1976), Eduardo Modesto Blanco Amor (1897-1979), Xulio Sigüenza Raimúndez (1900-1965), Manuel Luís Acuña Sarmiento (1900-1975), Xosé Manuel Cabada Vázquez (1901-1936), Álvaro de las Casas Blanco (1901-1950), Fermín Bouza-Brey (1901-1973), Xosé María de la Fuente Bermúdez (1902-1991), Xoán Vidal Martínez (1902-1994), Ánxel Fole Sánchez (1903-1986), Augusto María Casas Blanco (1906-1973), Rafael Pazos Jiménez (1908-1994), Aquilino Iglesia Alvariño (1909-1961), Emilio Pita Romero (1909-1981), Ricardo Carvalho Calero (1910-1990), Álvaro Cunqueiro Mora-Montenegro (1911-1981), Ramiro Alfonso Castro Dono (1912-1969) e Xosé Velo Mosquera (1916-1972), cronologia que ilustramos com a seguinte tabela:

USC UNIVERSIDADE

1862	Juan Bautista Armada y Losada Lisardo Rodríguez Barreiro
1869	Antonio Noriega Varela
1876	Ramón Cabanillas Enríquez
1878	Gonzalo López Abente
1885	Victoriano Taibo García
1888	Ramón Otero Pedrayo
1897	Eduardo Modesto Blanco Amor
1900	Xulio Sigüenza Raimúndez Manuel Luís Acuña Sarmiento
1901	Xosé Manuel Cabada Vázquez Álvaro de las Casas Blanco Fermín Bouza-Brey
1902	Xosé María de la Fuente Bermúdez Xoán Vidal Martínez
1903	Ánxel Fole Sánchez
1906	Augusto María Casas Blanco
1908	Rafael Pazos Jiménez
1909	Aquilino Iglesia Alvariño Emilio Pita Romero
1910	Ricardo Carvalho Calero
1911	Álvaro Cunqueiro Mora-Montenegro
1912	Ramiro Alfonso Casto Dono
1916	Xosé Velo Mosquera

Tabela 135 - Nome dos poetas que utilizam o campo semântico da saudade e respectivo ano de nascimento

Estamos claramente diante de uma significativa presença de autores nascidos nos primeiros dezasseis anos do passado século (64%), em contraste com os 9 (36%) dos nascidos na segunda metade do século precedente, como o próximo gráfico ilustra:



USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 136 - Poetas nascidos antes e depois de 1900

Colocar em evidência estes dados serve, primariamente, para tentar compreender a razão da sensibilidade em relação à temática poética da saudade mais presente numa geração do que noutra. Não nos parece despropositado notar que quando os primeiros dos mais novos nascem (Xulio Sigüenza Raimúndez e Manuel Luís Acuña Sarmiento), já os mais velhos (Juan Bautista Armada y Losada e Lisardo Rodríguez Barreiro) contam com 38 anos de idade, e até que se cruzem nas páginas da revista *Nós* passarão, entretanto, pelo menos mais duas décadas.

Dos autores mais velhos, contamos somente com 9 poemas: "¿Fada ou quimera? ¿Vixilia ou sono?" (Figueroa 1920), "Eu son da terra celta..." (Barreiro 1926), "Airiños, aires..." (Noriega Varela 1926), "O relembro do clan" (Cabanillas 1931a), "Olla miña ben amada" (López Abente 1935), "Seres aleixoados" (Taibo García 1928b), "O Pelingrino" (Otero Pedrayo 1927), "Noiturnio: do medo e do romancismo" (Blanco Amor 1923) e "Canzón VII" (Blanco Amor 1933), publicados de modo mais ou menos desigual ao longo dos 15 anos da *Nós*:

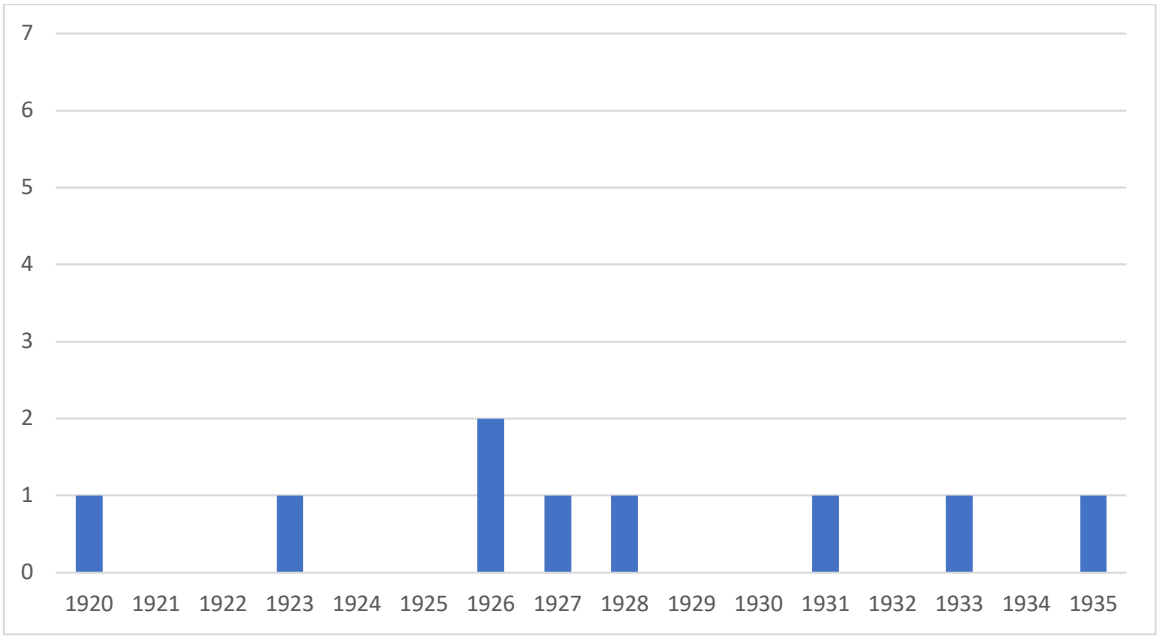


Tabela 137 - Número de poemas dos poetas nascidos antes de 1900

Além disso, se pensarmos que uma parte bastante significativa de poemas saudosos são publicados no último terço de vida da revista, coincidente em grande parte com os autores da

USC
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

nova geração, talvez não nos seja difícil perceber aqui, ainda que com as necessárias matizações, uma certa tendência geracional.

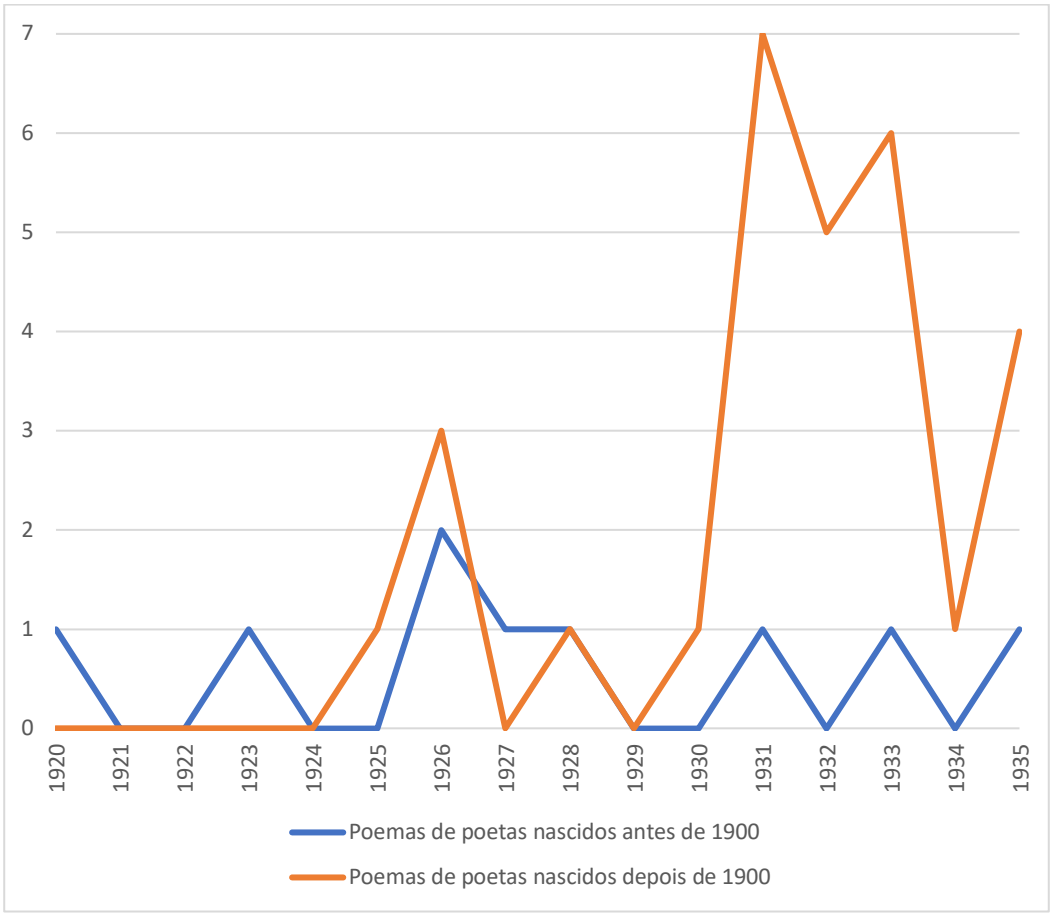


Tabela 138 - Número de poemas de poetas nascidos antes e depois de 1900

Conscientes da inflação de que o n.º 91 (1931) é responsável, podemos observar, ainda assim, que são os últimos cinco anos de vida da revista que verão a saudade mais intensamente inscrita nas suas páginas. Suspeitamos que alguns elementos concorrem para este resultado: (1) década e meia de nacionalismo galego robustecido, (2) incremento da consciência de identidade literária própria e, talvez não menos importante, (3) inscrição em ambos da saudade como elemento identitário. Cremos que uma década seria bastante para assimilar o conteúdo de textos como *Teoria do Nacionalismo Galego* (Risco 1920c) ou *A Saudade nos Poetas Galegos* (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920).

Mas onde se inscrevem literariamente os poetas saudosos de *Nós*?

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O panorama das correntes poéticas da Galiza do primeiro terço do século XX é relativamente fácil de identificar, embora com certa permeabilidade, constatável à hora de nos aproximarmos das composições poéticas: agrarismo[109], celtismo[110], criacionismo[111], hilozoísmo[112], modernismo[113], neotrovadorismo[114], saudosismo[115], simbolismo[116] e surrealismo[117].

Porém, interessa também perceber como se inscrevem nas diferentes propostas periodológicas.

Para esse efeito, adaptaremos neste momento a tabela de "gerações e grupos poéticos do século XX" (*DLG IV*, pp. 519-520) à inscrição dos autores do nosso *corpus* nas diversas correntes estéticas e literárias a que fizemos referência:

GERAÇÃO DE ENTRE DOIS SÉCULOS[118]

Poetas	Correntes Estéticas
Juan Bautista Armada y Losada[119]	Agrarismo

[109] Não se tratando propriamente de uma corrente estética, mas mais de uma etiqueta periodológica (1910-1916), o agrarismo pode ser identificado com autores como Ramón Cabanillas, Antonio Noriega Varela, Victoriano Taibo e Gonzalo López Abente (*DLG IV*, p. 20).
[110] Trata-se, sobretudo, da reivindicação de uma pertença étnica como elemento diferenciador da identidade nacional galega. Tem em Eduardo Pondal o ponto de ignição literária, mas é detectável também em Ramón Cabanillas, Fermín Bouza-Brey e Álvaro Cunqueiro (*DLG IV*, p. 54).
[111] Com pouca e curta expressão em contexto literário galego, o criacionismo parece nascer e morrer com Manuel Antonio – a tese de que o poeta de Rianxo seja estritamente criacionista não é muito consensual – e manifestar-se, com certas marcas, em Eduardo Blanco Amor, Ricardo Carvalho Calero e Álvaro Cunqueiro (*DLG IV*, pp. 73-74).
[112] "Movemento poético de vanguarda que se tem denominado de varias maneiras: escola neorromántica (C[arvalho]C[alero]), imaxinismo (M[éndez]F[errín] e Basilio Losada), neopopularismo e animismo, aínda que o nome máis utilizado sexa o de hilozoísmo" (*DLG IV*, 126-127). Trata-se, no fundo, de um processo de animização ou personificação da paisagem, localizável em composições poéticas de Ramón Cabanillas, Antonio Noriega Varela, Xulio Sigüenza, Augusto María Casas, Eduardo Blanco Amor, Xosé Velo Mosquera ou Manuel Luís Acuña (*DLG IV*, pp. 127-128).
[113] "Movemento literario do primeiro tercio do século XX, o modernismo assume a reacción romántica contra realismo e naturalismo e mestura elementos parnasianos e simbolistas com técnicas e efectos impressionistas" (*DLG IV*, p. 176), identificável em Ramón Cabanillas, Gonzalo López Abente, Victoriano Taibo, Antonio Noriega Varela, Aquilino Iglesia Alvariño, Ricardo Carvalho Calero e Ramón Otero Pedrayo (*DLG IV*, pp. 177-178).
[114] "Corrente autóctona da vanguarda galega xurdida como consecuencia do espallamento e revalorización da cantiga medieval, singularmente da cantiga de amigo e da cantiga de amor. [...] A idea subxacente era o desexo de participar na construción dunha literatura lexitimada polo seu pasado, diferenciada e equiparable a outras literaturas" (*DLG IV*, p. 189), cujos mais significativos representantes são Fermín Bouza-Brey e Álvaro Cunqueiro.
[115] Com expressão em Antonio Noriega Varela, Ramón Cabanillas e Aquilino Iglesia Alvariño (*DLG IV*, pp. 282-284), mas que arriscamos ampliar a todas as composições poéticas do *corpus* em estudo.
[116] "Movemento artístico e literario que xorde a finais do século XIX e anima ós escritores a expor as súas ideas, sentimentos e valores mediante símbolos, rexeitando a expresión directa e baseándose no poder da suxestión da palabra como medio para chegar ó descoñecido" (*DLG IV*, p. 285), detectável em composições poéticas de Aquilino Iglesia Alvariño, Ricardo Carvalho Calero e Álvaro Cunqueiro.
[117] Identificável, sobretudo, com Álvaro Cunqueiro (*DLG IV*, p. 294).
[118] *DLG IV*, p. 519.
[119] O quadro não insere este autor nesta geração.

Lisardo Rodríguez Barreiro	Celtismo
Antonio Noriega Varela	Agrarismo, hilozoísmo, modernismo, saudosismo
Ramón Cabanillas Enríquez	Agrarismo, celtismo, hilozoísmo, modernismo, saudosismo
Gonzalo López Abente	Agrarismo
Victoriano Taibo García	Agrarismo, modernismo
Ramón Otero Pedrayo[120]	Modernismo

Tabela 139 - Geração entre dois séculos (nome dos poetas e categorização estética)

GERAÇÃO DE 1925 OU GERAÇÃO DE VANGUARDA[121]

Poetas	Correntes Estéticas
Eduardo Modesto Blanco Amor	Criacionismo, hilozoísmo
Xulio Sigüenza Raimúndez	Hilozoísmo
Manuel Luís Acuña Sarmiento	Hilozoísmo
Xosé Manuel Cabada Vázquez[122]	Hilozoísmo
Álvaro de las Casas Blanco	Saudosismo
Fermín Bouza-Brey	Celtismo, neotrovadorismo
Xosé María de la Fuente Bermúdez[123]	Saudosismo
Xoán Vidal Martínez	Hilozoísmo

Tabela 140 - Geração de 1925 ou Geração de Vanguarda (nome dos poetas e categorização estética)

GERAÇÃO DE 1936[124]

Poetas	Correntes Estéticas
Ánxel Fole Sánchez[125]	Saudosismo
Augusto María Casas Blanco[126]	Hilozoísmo

[120] O quadro não insere este autor nesta geração.
[121] *DLG IV*, p. 519.
[122] O quadro não insere este autor nesta geração.
[123] O quadro não insere este autor nesta geração.
[124] *DLG IV*, p. 520.
[125] O quadro não insere este autor nesta geração.
[126] O quadro não insere este autor nesta geração.

Rafael Pazos Jiménez[127]	Agrarismo
Aquilino Iglesia Alvariño	Modernismo, saudosismo, simbolismo
Emilio Pita Romero[128]	Celtismo, modernismo, simbolismo
Ricardo Carvalho Calero	Criacionismo, modernismo, simbolismo
Álvaro Cunqueiro Mora-Montenegro	Celtismo, criacionismo, neotrovadorismo, simbolismo, surrealismo
Ramiro Alfonso Castro Dono[129]	Modernismo e simbolismo
Xosé Velo Mosquera[130]	Hilozoísmo

Tabela 141 - Geração de 1936 (nome dos poetas e categorização estética)

O quadro acabado de apresentar permite-nos mapear o modo como as poéticas da saudade foram esteticamente assumidas pelos poetas publicados na revista *Nós*:

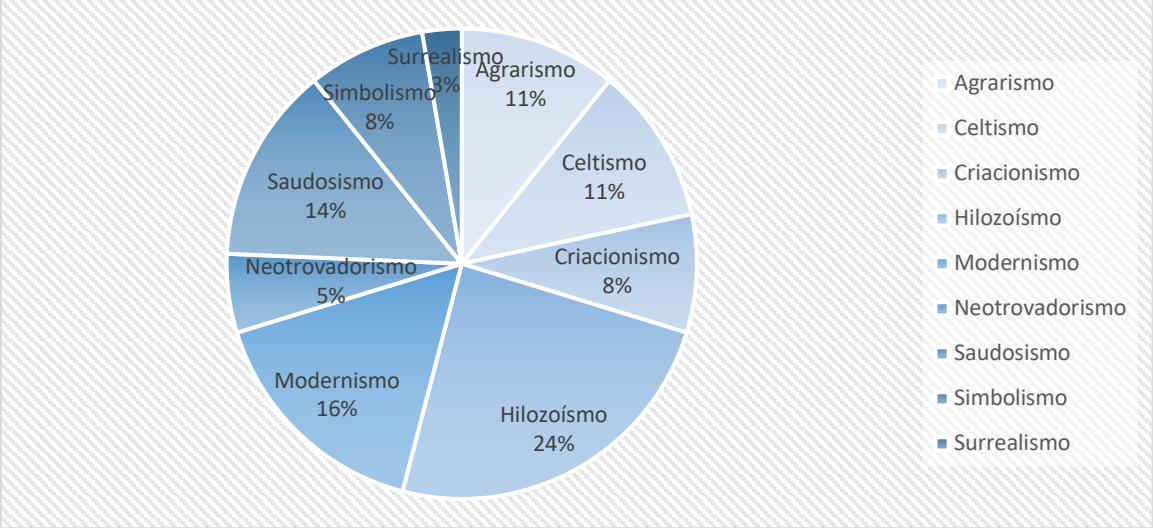


Tabela 142 - Percentagem de correntes estéticas relacionadas com os poetas que utilizam o campo semântico da saudade na revista Nós

[127] O quadro não insere este autor nesta geração.
[128] O quadro não insere este autor nesta geração.
[129] O quadro não insere este autor nesta geração.
[130] O quadro não insere este autor nesta geração.

Não obstante a necessidade de localizar as diferentes correntes estéticas nas próprias composições poéticas do nosso *corpus*[131], verificamos que não é o saudosismo (14%) que de melhor caixa-de-ressonância serve para a expressão poética da saudade destes poetas: na verdade, é entre hilozoísmo (24%) e modernismo (16%) que se situa a grande parte deles. Porém, consideramos que não é de ignorar, ainda assim, não só a frequência do saudosismo, mas também do celtismo (11%) e do agrarismo (11%). No conjunto, abarcam 76% dos autores em causa.

Uma outra questão prende-se, quase inevitavelmente, com a relação entre as correntes estéticas mencionadas e a localização geracional destes poetas, cuja distribuição podemos observar pelo seguinte gráfico:

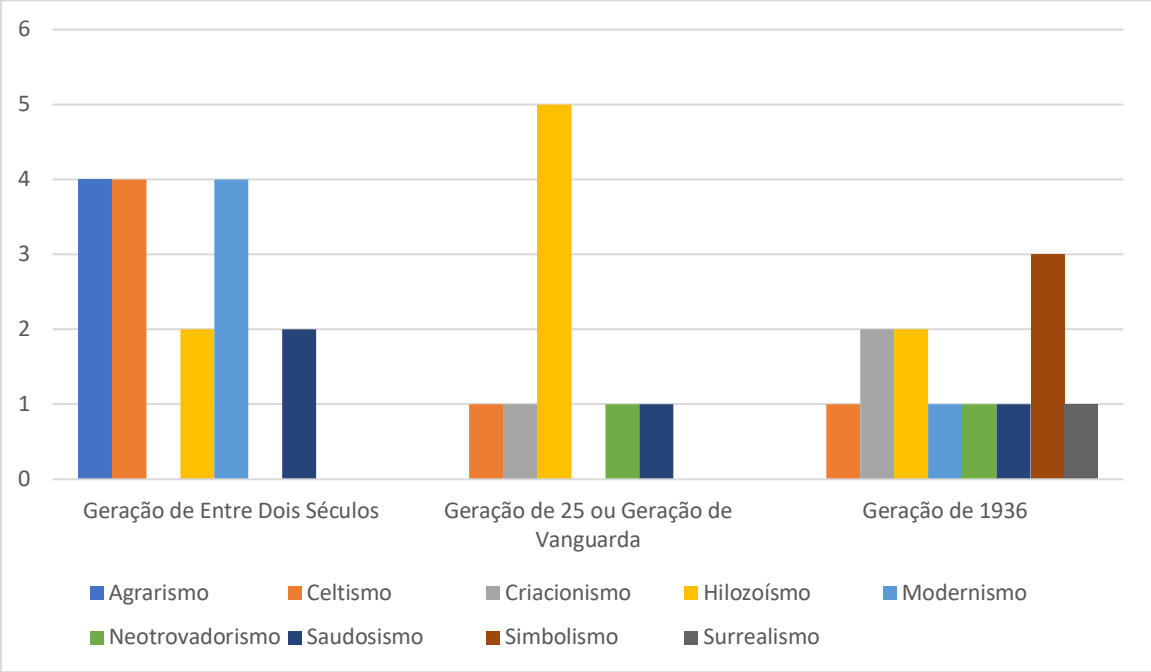


Tabela 143 - Correntes estéticas e localização geracional dos poetas

Como podemos observar, há nítidas mudanças de paradigma entre as três gerações: na primeira, são mais salientes o agrarismo, o celtismo e o modernismo, mas ainda assim com certa presença de hilozoísmo – mesmo que *avant-la-lettre* – e saudosismo, compreensível pela forte recepção de Teixeira de Pascoaes na Galiza; na segunda geração, torna-se evidente a forte presença do

[131] Cf. 2.3.2.2. Poemas, em que procederemos ao mesmo tipo de análise, mas partindo das composições poéticas.

hilozoísmo e a mais ténue expressão do celtismo, do criacionismo, do neotrovadorismo e do saudosismo; por fim, a terceira geração, manterá em níveis de frequência baixa o celtismo, o neotrovadorismo e o saudosismo, mas sofrerá um decréscimo quanto ao hilozoísmo e assistirá a uma ligeira inflação do criacionismo, bem como a uma nítida afirmação do simbolismo.

4.2.2. Poemas de saudade: síntese analítica

O *corpus* poético a analisar, cujo critério de selecção ancorámos à presença do campo semântico da saudade[132], está constituído pelos poemas que, em seguida, apresentamos por ordem de aparecimento na revista *Nós*. A razão que preside à organização cronológica desta informação prende-se, fundamentalmente, com a necessidade de uma análise destas composições poéticas que tenha também em conta o modo como os elementos a analisar – presença do campo semântico e lexical da saudade, bem como conjugação dos tempos verbais – vão aparecendo ao longo do tempo.

1920	*¿Fada o quimera? ¿Vixilia ou sono?* (Figueroa 1920)
1923	*Nouturnio: do medo e do romancismo* (Blanco Amor 1923)
1925	*Chorai, chorai* (Casas 1925a)
1926	*O poema da saudade* (Casas 1926b) *Trova infinita* (Bouza-Brey 1926b) *Airiños, aires* (Noriega Varela 1926) *Eu son da terra celta* (Barreiro 1926) *Festa no ceo e na terra: poema engebre* (Casas 1926a)
1927	*O Pelingrino* (Otero Pedrayo 1927)
1928	*Dos hermos astraes: cabras* (Sigüenza 1928a) *Seres aleixoados* (Taibo García 1928b)
1931	*O escordeonista* (Bouza-Brey 1931c) *O relembro do clan* (Cabanillas 1931a) *Santa Cecilia da Soidade* (Carvalho Calero 1931b)

[132] Cf. 2.3.1. Campo semântico e lexical da saudade.

	Cantigas da noite (Fuente Bermúdez 1931) *In angore gaudium* (Iglesia Alvariño 1931a) *Nouturnio* (Vidal Martínez 1931) *¡Montañesa!* (Cabada Vázquez 1931a) *Epitalamio* (Carvalho Calero 1931a)
1932	*O milagre da conceición da natureza* (Castro Dono 1932) *Meu corazón* (Iglesia Alvariño 1932b) *Romance dos sete mariñeiros* (Pita 1932) *Corazón ao vento* (Iglesia Alvariño 1932c) *Madrigal morto* (Pazos Jiménez 1932)
1933	*Da túa saudade* (Casas 1933a) *Fiestra* (Cunqueiro 1933a) *Tópico no porto* (Bouza-Brey 1933b) *Canzón VII* (Blanco Amor 1933) *Naces da primadeira* (Carvalho Calero 1933b) *Camiñantes* (Acuña 1933a) *Codio* (Carvalho Calero 1933a)
1934	*Égloga* (Casas 1934a)
1935	*Eu i-o meu corazón: elexía, ao xeito romántego* (Fole 1935) *Alciprés* (Velo Mosquera 1935) *Choiva* (Carvalho Calero 1935) *Olla miña bem amada* (López Abente 1935)

Tabela 144 - Poemas de saudade da revista Nós

Contudo, e antes de iniciarmos esse processo, cremos também necessária uma breve investigação sobre a origem e o destino destes poemas em publicação autónoma:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

1. *¿Fada o quimera? ¿Vixilia ou sono?* (Figueroa 1920) não aparece em *Del solar galaico* (Figueroa 1917), mas sim em *Libro de Cantigas* (Figueroa 1928, pp. 99-100), indicando-nos que a publicação em *Nós* constitui o seu primeiro espaço editorial;
2. *Nouturnio: do medo e do romancismo* (Blanco Amor 1923) aparece cinco anos mais tarde, em *Romances Galegos* (Blanco Amor 1928), com diferente título: "VI. Sonata ao Romantismo" (Blanco Amor 1992, pp. 56-57);
3. *Chorai, chorai* (Casas 1925a), o seu segundo poema publicado, não aparece em *Sulco e Vento* (Casas 1931b) nem em *Escolma de Cantigas* (Casas 1934c).
4. *O Poema da Saudade* (Casas 1926b) aparece publicado seis anos mais tarde, em *O vento segrel* (Casas 1932a; Casas 2003, pp. 153);
5. *Trova infinita* (Bouza-Brey 1926b) é incluído em *Nao senlleira* (Bouza-Brey 1933c; Bouza-Brey 1980, pp. 26-27).
6. *Airiños, aires...* (Noriega Varela 1926) é reproduzido na revista *Nós*, tendo sido por primeira vez publicado em *Montañesas* (Noriega Varela 1904), publicação autónoma que, à terceira edição, vê o seu título alterado para *D'o ermo* (Noriega Varela 1920; Noriega Varela 1995, p. 146).
7. *Eu son da terra celta* (Barreiro 1926) aparece com anterioridade em *Escumas e Brétemas* (Barreiro 1923, pp. 1-2).
8. *Festa no ceo e na terra: poema engebre* (Casas 1926a) não figura em nenhuma publicação autónoma, se considerarmos que a opção editorial de Luís Alonso Girgado e Carmen Fariña Miranda de o incluir como poema solto da sua edição de *O vento segrel* (Casas 2003, p. 200) não poderia ser considerado como tal;
9. *O Pelingrino* (Otero Pedrayo 1927) tampouco aprece em publicação autónoma;
10. *Dos hermos astraes: cabras* (Sigüenza 1928a) surge em *Cantigas e verbas ao ar* (Sigüenza 1928c, pp. 17-18).
11. *Seres aleixoados* (Taibo García 1928b) seria publicado, como se anuncia na página do próprio poema em *Nós*, em *Enxangadas*, livro que não chegou a ver a luz do dia;
12. *O escordeonista* (Bouza-Brey 1931c) é também incluído em *Nao senlleira* (Bouza-Brey 1933c; Bouza-Brey 1980, pp. 44);

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

13. *O relembro do clan* (Cabanillas 1931a) aparece em *La Temporada en Mondariz* (6-VII-1931) e, dezoito anos depois, em *Camiños no Tempo* (Cabanillas 1949, pp. 15-16).
14. *Santa Cecilia da Soidade* (Carvalho Calero 1931b) surge em *O Silenzo Axionllado* (Carvalho Calero 1934b, pp. 23-24);
15. *Cantigas da noite* (Fuente Bermúdez 1931) não será publicado senão em *Nós*;
16. *In angore gaudium* (Iglesia Alvariño 1931a) será posteriormente publicado em *Corazón ao vento* (Iglesia Alvariño 1933b; Iglesia Alvariño 1986, pp. 70-71);
17. *Nouturnio* (Vidal Martínez 1931) é reproduzido a partir de *Mágoas* (Vidal Martínez 1921);
18. *Montañesa* (Cabada Vázquez 1931a) não será reproduzido em *Vagalumes* (Cabada Vázquez 1931d);
19. *Epitalamio* (Carvalho Calero 1931a) é publicado em *O Silenzo Axionllado* (Carvalho Calero 1934b, pp. 5-6), como "Tinxe, tinxe os teus beizos co sangue do sol-pôr", assumindo assim como título o primeiro verso do poema;
20. *O milagre da conceición da natureza* (Castro Dono 1932) publica-se só em *Nós*;
21. *Meu corazón* (Iglesia Alvariño 1932b) publica-se em *Corazón ao vento* (Iglesia Alvariño 1933b; Iglesia Alvariño 1986, p. 69) assumindo parcialmente o primeiro verso como título: "Meu corazón é un río";
22. *Romance dos sete mariñeiros* (Pita 1932) surgirá bastante mais tarde em *O ronsel verdegal* (Pita 1964), com a ordem dos dois primeiros versos alterada, embora a sua primeira publicação seja anterior a *Nós – Galicia. Órgano de la Federación de Sociedades Gallegas* 256 (24-IV-1932), p. 3.
23. *Corazón ao vento* (Iglesia Alvariño 1932c) aparece também na publicação homónima (Iglesia Alvariño 1933b; Iglesia Alvariño 1986, p. 65), embora aqui assumindo como título o primeiro verso: "Tiréi ao vento, sangrando";
24. *Madrigal morto* (Pazos Jiménez 1932) não é publicado senão em *Nós*;
25. *Da túa saudade* (Casas 1933a) não figura em nenhuma publicação autónoma, se considerarmos que a opção editorial de Luís Alonso Girgado e Carmen Fariña Miranda

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

de o incluir como poema solto da sua edição de *O vento segrel* (Casas 2003, p. 210) não poderia ser considerado como tal;

26. *Fiestra* (Cunqueiro 1933a) não aparece senão em *Nós*;
27. *Tópico no porto* (Bouza-Brey 1933b) é incluído em *Nao senlleira* (Bouza-Brey 1933c; Bouza-Brey 1980, p. 81);
28. *Canzón VII* (Blanco Amor 1933) aparece significativamente alterado, sob o título de "O Onte", em *Poema en catro tempos* (Blanco Amor 1931; Blanco Amor 1992, p. 157);
29. *Naces da primadeira* (Carvalho Calero 1933b) não encontrou espaço em publicação autónoma do poeta;
30. *Camiñantes* (Acuña 1933a) foi publicado em *Fírgoas* (Acuña 1933b).
31. *Codio* (Carvalho Calero 1933a) surge em *O Silenzo Axionllado* (Carvalho Calero 1934b, pp. 39-42);
32. *Égloga* (Casas 1934a) não figura em nenhuma publicação autónoma, se considerarmos que a opção editorial de Luís Alonso Girgado e Carmen Fariña Miranda de o incluir como poema solto da sua edição de *O vento segrel* (Casas 2003, p. 220) não poderia ser considerado como tal;
33. *Eu i-o meu corazón: elexía, ao xeito romántego* (Fole 1935) não foi senão publicado na revista *Nós*;
34. *Alciprés* (Velo Mosquera 1935) não foi senão publicado na revista *Nós*;
35. *Choiva* (Carvalho Calero 1935) não encontrou lugar em publicações posteriores;
36. *Olla miña ben amada* (López Abente 1935) foi publicado em *Centileos nas Ondas* (López Abente 1958; López Abente 2013, p. 382);

Concluímos, portanto, que são 3 os poemas publicados primeiramente em livro e só depois na revista (Noriega Varela 1926; Barreiro 1926; Vidal Martínez 1931), 19 as composições poéticas que encontram lugar em publicações de poesia posteriores (Figueroa 1920; Blanco Amor 1923; Casas 1926b; Bouza-Brey 1926b; Sigüenza 1928a; Bouza-Brey 1931a; Cabanillas 1931a; Carvalho Calero 1931b; Iglesia Alvariño 1931a; Carvalho Calero 1931a; Iglesia Alvariño 1932b; Pita 1932; Iglesia Alvariño 1932c; Bouza-Brey 1933b; Blanco Amor 1933; Acuña 1933a; Carvalho Calero 1933a; López Abente 1935) e 15 poemas que não foram incluídos pelos

seus autores em publicações autónomas de poesia (Casas 1925a; Casas 1926a; Otero Pedrayo 1927; Taibo García 1928b; Fuente Bermúdez 1931; Cabada Vázquez 1931a; Pazos Jiménez 1932; Casas 1933a; Cunqueiro 1933a; Carvalho Calero 1933b; Casas 1934a; Fole 1935; Velo Mosquera 1935; Carvalho Calero 1935), como se pode observar pelo seguinte gráfico:

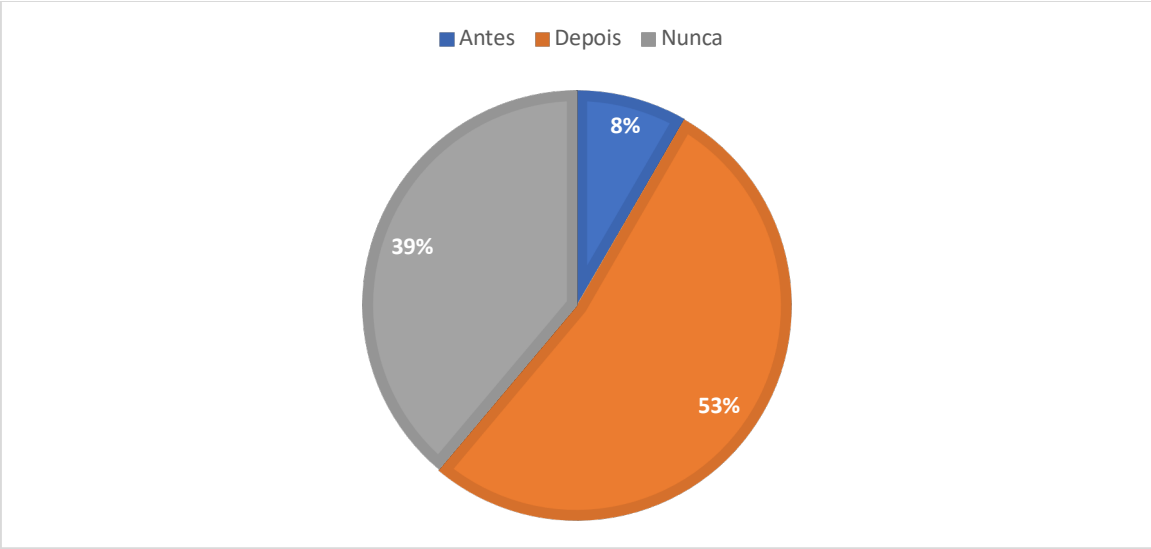


Tabela 145 - Poemas de saudade da Revista Nós incluídos em publicação autónoma pelos seus autores

No fundo, 61% das composições poéticas do nosso *corpus* têm autonomia no espaço editorial do livro de poesia e inscrevem-se num arco temporal bastante mais amplo do que *Nós*, sendo que a parte significativa se concentra no tempo de vida da revista:



Tabela 146 - Pré-existência e sobrevivência dos poemas de saudade da revista Nós em livro

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Confirma-se, assim, tal como havíamos percebido a respeito da sua presença no dispositivo antológico, que, a montante ou a jusante da revista, a sua selecção de poesia acompanha os critérios editoriais do seu tempo, reforçando a ideia de funcionar como plataforma de promoção literária válida, tendo em conta que 53% das composições poéticas referidas encontram o seu primeiro espaço de divulgação em *Nós*.

Dito isto, importa agora proceder a uma análise mais próxima dos textos, que respeitará, como método assumido, a ordem de publicação entre 1920 e 1935. Laboraremos, como já anunciado, sobre dois elementos que consideramos fundamentais – o (1) campo semântico e lexical da saudade e a (2) conjugação temporal dos verbos

4.2.2.1. Campo semântico e lexical da saudade

- *¿Fada o quimera? ¿Vixilia ou sono?* (Figueroa 1920; Anexo 1). Neste poema, podemos localizar uma ocorrência de saudade: "Ben volvin a buscar nas soedades,/ o luar que crarea,/ miña imaxe branquiña da fada,/ a do encanto que mozo tivera,/ a qu'ergueus' é voou pol-o espazo/ e bulrou meu afán, tan lixeira!...". Mais além destes seis versos, encontrámos alguns elementos que, como vimos, podem constituir o campo lexical mais amplo da saudade: a "vixilia", antecâmara da "noite calada e serea", que oferece "o luar que crarea", e que funciona como gatilho psicológico da evocação saudosa: "Inda oxe, se o luar enfeitiza/ e do sono a figura desperta/, a lembranza, coa duda que volve,/ fai que ós céos pergunte por ela".
- *Noiturnio: do medo e do romancismo* (Blanco Amor 1923; Anexo 2). Novamente, a "lua", tal como a referência temporal que a enquadra, está estreitamente associada à saudade: é a "soidá morna da noite", que acolhe o "corazón que arde no vento/bretemoso", pois não há-de haver quem o "escoite/¡saudoso!". Mas é também a lua o ponto de referência, na escuridão da noite, de quem anda à procura: "Na miña nao vagaxeira,/ da Noite iréi, no segredo,/ en busca túa,/ e do meu amor ã veira/, adoitarás a ir, sin medo,/ pol-os camiños da Lua...".
- *Chorai, chorai* (Casas 1925a; Anexo 3). A identificação temporal da saudade não se encontra, neste soneto, muito distante da dos dois poemas anteriores: são as "tardes [...] mouras, frias" que são "saudosas", "horas tristes en que ninguén hai". Mas a própria representação espacial em que ressoa a saudade é a de uma "irexa

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

fria, longa y-espaciosa", indicando a seu modo a dimensão que ocupa no sentimento do sujeito poético, que se encontra em "agonías".

- *O poema da saudade* (Casas 1926b; Anexo 4). Dedicado a Ramon Otero Pedrayo, este poema apresenta cinco ocorrências da saudade: a estratégia é a da tentativa de explicitação, que o poeta define como "sentimento d'irmandade" e como "mágoa" dos que estão longe. Mas ele, que habita a terra, também tem saudade: "¡Isa saudade de voltar a Deus!". Trata-se de "unha fonda arela", "misterio fondo das horas iñoradas" ou "bágoas derramadas/ sobor a cunca infinda dos mais lonxincuos mares". Mas a saudade é também "a man amiga e garimosa/ do nosso Pai, o vello Breogán", ancorando-a assim à retórica mitológica do celtismo.
- *Trova infinita* (Bouza-Brey 1926b; Anexo 5). A saudade aparece aqui uma só vez numa dinâmica de indefinição: "do nunca nado/ e do que nunca finou". Se assim termina o poema, inicia-se, porém, com uma nota de esperança, vela com que navega o coração "soñando portos iñotos", sem quaisquer instrumentos de navegação nem referências de orientação por "vieiros que non tên termo".
- *Airiños, aires...* (Noriega Varela 1926; Anexo 6). A saudade é, aqui, de tonalidade menor. São notas de tristeza que a acompanham: "Saudade – oh, a Triste – que a espreitar s'asoma/ Debulládose en bágoas, lles acena". Por um lado, a delicadeza dos "aires" que passam pela "herbiña", "o delicado aroma" que é a "sua almiña"; por outro lado, "son indiferentes/ Ó enlevo d'as doíñas relucentes/ Y-ô pranto que'amargura ôs ruiseñores".
- *Eu son da terra celta* (Barreiro 1926; Anexo 7). A saudade aqui é dita como elemento definitório da "nobre e forte Galiza", "a das morriñas santas", em notas paisagísticas e de clima com amplo espectro: as "néboas" ou os "fumes" e os "días de Sol, mornos", a "froridas veigas" e as "inxentes cumes", os "regos bulizosos" e o "maino ou rouco mar", em registo de linguagem quase paradoxal. Por um lado, os "acesos resplandores"; por outro, a "miudiña brétema" ou a orquestra dos "seríns e reiseñores" e "as noites [...] caladas".
- *Festa no ceo e na terra: poema engebre* (Casas 1926a; Anexo 8). Na verdade, trata-se de um conjunto de quatro composições poéticas – *A Gaita*, *Unha cantiga*, *Luar* e *O miragre*. À excepção do segundo, o campo semântico da saudade é usado em

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

todos. Em *A Gaita* e em *Luar*, a saudade é articulada musicalmente: "Tral-os piñeiros, a lua/ tece saudosa muiñeira"; "Os mozos toleirós tecen cántigas,/ cántigas de saudade e de tristura". E uma vez mais, a paisagem nocturna, desde as "estradas do ceo/ que teñen lama de estrelas", passando pela "lua", pelo "luar" ou pela "terra aluarada", à "noite saudosa", uma "noite de Nadal", como se lê em *O miragre*.

- *O Pelingrino* (Otero Pedrayo 1927; Anexo 9). A saudade é elevada aqui a uma categoria quase metafísica ("a pantasma divina da saudade" ou "esgrevia penedia, tempro da soedade"), que transparece na paisagem, nos "mornos outeiros" ou "n-auga estrelecida", que à saudade se associa ("tremantes estrelas choran na fonteliña"), e no finito revela o infinito: "As verbas de consolo pr'a probe y-alma núa. Brinca riba dos montes o novelo da lua.../ O pelengrino bica friaxe do granito/ E sinte nos seus beizos os beizos de infinito".
- *Dos hermos astraes: cabras* (Sigüenza 1928a; Anexo 10). A noite, na que se mete o cabreiro "con sono", é o lugar temporal da "soedade", noite que "agoira saudades", e em que "Berran as estrelas/ no fondo silenzo". O inverno é também o tempo das "saudades/ dos tempos do vrán", da neve que cai e orvalha os campos, com o "leite d-as cabras do ceo".
- *Seres aleixoados* (Taibo García 1928b; Anexo 11). "As horas de soedade" são aqui as que sofrem os seres feridos e oprimidos pela dor, pela "cruel melancolia", mas o poema constitui-se como uma exortação à "ilusión". "Só unha copa" do "viño da alegría" basta, para que "as mourenzas da vida" se tornem em "florecido abril" e "o pranto do esconsolo/ i o ritus da tristura, en ledicia souril".
- *O escordeonista* (Bouza-Brey 1931c; Anexo 12). O registo desta composição poética é, também aqui, musical: "O escordeonista de Romai/ bule a roldar ao seu amor", a "frauta pastoril/ mollada de señardá", ou o mar que treme "en ondas ao pasar/ antre abaloiros do luar/ a follata do escordeón".
- *O relembro do clan* (Cabanillas 1931a; Anexo 13). Aqui, há uma nítida articulação da saudade com a "soave ilusión céltiga [...] da inmortalidade", cujo complexo sentimental se traduz em "arela inquedante" e "sede de infinito", pela qual se entrevê a "illa incerta, vagarosa/ onde o ceo bicaba a liña azul do mar", o "paraíso céltigo",

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

com os seus "verdecentes agros/ os ríos cristaíños, os encrestados montes/ [que] enchían de dozura a illa dos miragros", onde "Breogán desmaiou de inquedade".

- *Santa Cecilia da Soidade* (Carvalho Calero 1931b; Anexo 14). Apesar da temática musical também presente ("pegureira de melodias", "gobernadora do silencio", ou "coro de paxaros"), interessa ter em conta a representação da espacialidade que se desenha como "unha/terra non descuberta aínda", um "bosque tropical" ou uma "selva primitiva", com imagens de recorte edénico: "Preto de tí, mansos, os leóns/ familiarmente xuntarían, â túa melena de ouro/ a súa melena de cinza" ou, como ao final do poema, "Tanxendo estormento de pruma,/ a verde mirada esquecida/ n-un fantástico arrobamento,/ a túa aititude lembraria, tan musical e celestial,/ o xesto de Santa Cecilia./ Santa Cecilia da Soidade/ a tanxer unha lira viva".
- *Cantigas da noite* (Fuente Bermúdez 1931; Anexo 15). É interessante notar que, também aqui, a saudade não anda desconectada do elemento musical, articulando o "son da múseca enxebre" com as "saudosas cantigas" ou "ao compás de unha muiñeira". Mas é a noite ("canta a Noite unha muiñeira", "Lua chea") que serve de cenário à revelação luminosa de que as estrelas são indício: "O muiño da Noite moe/ dourado millo de estrelas.../ Pol-o canle da Vía Lácteza,/ encol do ceo, escorrega/ auga, que move o cotío/ a moa da Lua chea.../ A lumiosa fariña/ vaise xuntando na beira/ do Ourente, por onde a Aurora/ a enchel-os seus foles chega:/ Vem choutando pol-as cumes,/ ao compás de unha muiñeira,/ que no pandeiro do Sol/ tocan as mans de brétema...// Encol do pano da Noite,/ a Lua – vella naipeira –/ vai pondo constelacións,/ como cartas agoreiras.../[...]/ Mais o sopro lumioso/ do Sol, pol-o Ourente chega, faguendo revoar as cartas,/ como pombas mensaxeiras/ cara ao pombal do Poniente/ a onde a Lua vai collelas".
- *In angore gaudium* (Iglesia Alvariño 1931a; Anexo 16). Este poema encontra-se tecido sobre uma trama dialéctica de alegria e dor ou tristeza. É sintomático que sejam 19 as ocorrências de dor, mágoa ou tristeza e 20 as de alegria ou sorriso. Se, por um lado, o poema abre com uma identificação intensa da saudade com a tristeza ("Saudade... – Tristeza... – ¡En todo a tristeza!"), por outro, a "alegría [é) saudosa", a "alegría da noite, na agonía,/ desfacéndose en bágoas,/ para que nelas cante a luz do día...", "Esa alegría que se torna en dôr/ para que a nosa dôr seña alegría".

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

- *Nouturnio* (Vidal Martínez 1931; Anexo 17). Os motivos nocturnos são, aqui, o cenário em que "Cantan as estrelas no ceo e no rio", "a cantiga branca" ou a "cantiga pura" dos "momentos líricos". Ora, essa hora escura da noite, em que "cantan as estrelas", tece-se de silêncio e mágoas ("¡Que pena tan fonda n-esta hora sinto...!/ Ten o meu silenzo/ un tremar de bágoas/ saudoso e divino...").
- *¡Montañesa!* (Cabada Vázquez 1931a; Anexo 18). A saudade aparece, neste poema, associada à dor ("amarridas de saudade", "coitas miñas", "alongado sospiro" ou "curazón sangrante") e à necessidade da sua libertação ("ceibo eu as coitas miñas,/ irtas arelas, ô aire) como meio de redenção do sentimento de ausência-distância de que a ela é sintoma ("pra ir morrer na tua veira"), condição de posssibilidade da "santa Paz de um fogáre".
- *Epitalamio* (Carvalho Calero 1931a; Anexo 19). Ainda que presente, a dor não ocupa neste poema a mais evidente representação sentimental da saudade. Há uma intensa presença do desejo como dinâmica de transformação ("Molla, molla os teus beizos na auga miragreira da saudade/ pra que seipan a caraveles mortos cando os bique./Morda, morda a túa boca a semiesfera do horizonte/ pra que seipa a laranxa roubanda cando a beixe") e de esperança ("Cando chegue a coller os acios da tua vide/ exaltaráse a vida ôs ollos meus"). A saudade está também tão intensamente inscrita nos crepúsculos e na escuridão ("sol-pôr", "brétema", "noite", "lúa") quanto na luminosidade ("astros", "luceiros", "sol", "estrela").
- *O milagre da conceición da natureza* (Castro Dono 1932; Anexo 20). A saudade, dita neste poema como "morriña", emerge ao cair da tarde ("Um galán iluminado/ no sol-pôr sinte morriña,/ i-adormécese n-o colo/ da enloitada noiva mística"). Ao sentimento associam-se elementos que acompanham os dois crepúsculos: "os corvos [que] benzoan a despedida" (pôr-do-sol), "o coro de estrelas/ co-as suas cançôes lumínicas" (noite) e um "galo [...]/ [que] pregoa o triunfo do día" (aurora).
- *Meu corazón* (Iglesia Alvariño 1932b; Anexo 21). Sobrecarregado de sentimento ("I-o Amor.../ I-a Door..."), o coração é o lugar da saudade, como "un río, silencioso e profundo". São notas de nocturnidade ("Unha noite – maguada – veu afogar-se a lua") e taciturnidade ("Como unha pomba morta, esmaída, fluctúa/ n-un remanso de sombras, entre nebulosos brancos") as que definem aqui a saudade, a que os

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

elementos da natureza se associam ("Veñen matar a sede a él os paxariños./ I-os seixos brutos dos camiños./ I-as froliñas sedentas das estrelas./ I-as brancas bidueiras, con folliñas marelas"), mas também de alargados horizontes ("Meu corazón é um río, silencioso e profundo/, com céos lá no fundo/ e arbres que crecen para alén do mundo"). Na verdade, uma "imensa saudade, na barquiña d-un verso,/ vai boiando, mansiño, para alén do universo".

- *Romance dos sete mariñeiros* (Pita 1932; Anexo 22). O "prado verde do mar" contrasta com "a noite [que] se abala" e com a "lúa bulindo", imagens que se repetem como que para ilustrar um movimento cíclico ("Voltar, voltar mariñeiros;/ e os mariñeiros avanzan"), como uma "mística danza", onde "sete luceiros no prado/ verde do mar, se solagan", em "arelas derradeiras" deixando "nos paneles señardás/ [que] garnen nas olas de prata".
- *Corazón ao vento* (Iglesia Alvariño 1932a; Anexo 23). Uma vez mais, o coração é o lugar onde a saudade acontece, paradoxal e simultaneamente um lugar de dor (Tiréi ô vento, sangrando/ un día o meu corazón"; "C'unha voz moi consumida/ cantaba um triste cantar") e de ternura ("Quedóu-se a hora tembrando/ coma unha flor d'emoción"). Por isso, é "doce [a] señardade" e "feita de seda e d'armiño", que a noite aconchega ("Entre'as suas doces mausiñas/ colléu-no a noite serena").
- *Madrigal morto* (Pazos Jiménez 1932; Anexo 24). Algumas notas de inquietude ("mariñeiro sin acougo") e de tristeza ("Crucificóuse de luces/ de sardiña un espadón/ rachóu o ventre das augas/ i o corazón sin os dous") acompanham aqui a saudade, a solidão de "un mariñeiro/ afogado no serán", por quem "um galeón pasóu preto/ con azas de soedá".
- *Da túa saudade* (Casas 1933a; Anexo 25). Notas de melancolia dizem aqui a saudade ("orballo da melanconía"; "corazón [...] ferido"), em claro contraste com o "maino amañescer", a "nova [...] bris do outono" e os "xardíns d'ensono", numa interminável canção ("Eran os lilios, a frolir, da lúa,/ os que arrumaban a saudade túa/ no morno val ''um alalá infindo").
- *Fiestra* (Cunqueiro 1933a; Anexo 26). Há aqui uma saudade que se diz como deslocamento temporal ("Tempo. Inicial"; "De tempo a tempo carriola despexada"; "Semente voandeira"), mas também como paradoxalmente constituída de uma dor

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

de que se gosta (“Meridiana en sorrisas de seis côres”; “Soedade en portas de temporal en risa”; “Luas dormidas/ prado e solaz de pastos en brancura”).

- *Tópico no porto* (Bouza-Brey 1933b; Anexo 27). A cadência quase litânica deste poema (“Ai, amor, ai, amor, ai, amor”) coloca-nos diante de uma expressão da saudade como distanciamento cíclico, a que o mar ciclicamente se associa (“O mar devala, devala.../ Panos de limón do sol/ mándanlle adeuses â praia”), batendo “no corazón/ Lembranzas, saudade, mágoas...”.
- *Canzón VII* (Blanco Amor 1933; Anexo 28). Por um lado, a saudade é dita aqui como localizada no coração (“Ausenzas escadeiradas/ e a rodar meu corazón”) e tecida de inquietudes (“Senãrdás no vento chian,/ ceibadas de min che son/ que acouganzas me fastían), em cadências de suspiros (“ay amor”, “ay amor”, “ay amor”, “ay amor”). Mas são saudades as esperanças que navegam (“Valeirade de saudades/ iste peirao da paixón,/ espranzas que navegades”).
- *Naces da primadeira* (Carvalho Calero 1933b; Anexo 29). As imagens temporais da saudade são aqui paradoxais: primaveril (“Naces na Primadeira, cando a terra está en celo/ e toda arde en chamas verdes”) e outonal (Morres na paz de unha mañá de outono”), versos que respectivamente abrem e fecham o poema, desenhando assim um ciclo de vida (“Naces do esprito do cigarro herexe,/ cando inicia, en espiral, a súa ascensión ao ceo:/ e xurdes, de sócato, do fume azul,/ como unha caixa de sorpresa”) e morte ou silêncio (“Pastora de Silenzos, Nemiga de Palabras, envolveita no teu manto xordo,/ constelada de lembranzas i esquezos”). Simultânea e paradoxalmente, “nocturna, auroral, doce, silenzosa, dramática”.
- *Camiñantes* (Acuña 1933a; Anexo 30). Trata-se de um tríptico que irmana o afiador, o mendigo e o segador numa saudade multissensorial (“E saben os seus ollos”; “E saben os seus labios”; “E contan os seus ouvidos”) e errante (“rondas e destinos”; “esteiras e vieiros”; “sin norde, mundo adiante, camiña que camiña”; “ten os camiños francos do abrente ata o serán”), carregada de inquietude (“Também a noite afia no ventiño que brua/ suspiros e friaxes da serra infinda e nua”; “Também a noite afia — também a noite é crua”; “Oh, doce mendicante da nosa terra linda!/ Ledicias na campaña da tua angustia infinda/Tápete o vento lílios no teu vieiro gris”) e de esperança (“E brinquen as esmolas en farto chafarís”) na terra prometida da Galiza,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

onde “hai brétemas e orballos/ e gándaras e serros e relva e pedrugallos” e “flores nos carreiros/ e festa nos regatos e prata nos outeiros”, em claro contraste com “o fume da poeira nos chairos de Castela”, que “merca suor e callos”.

- *Codio* (Carvalho Calero 1933a; Anexo 31). São “fungos de soidade e desespero”, também, “un antergo e seco horror”, “foscas estradas de pavor, sagradas/ catacumbas de horror”, “chama espeitral do inferno presentido”, “longo berro/ da anguria”, em contraste com o que outrora foram “vieiros de frores”, “músicas de abalo”, “a cantiga frorida” ou “aquil surriso/ que deseñaba do seu rosto a vista/ da carne fresca das rapazas roxas”. *In illo tempore*, que a saudade evoca (“Vieiros de mel da relembranza”), até Deus “era um petrucio/ que se reía no deitar das fontes/ e falaba na lingua dos labregos”. Agora, “fala en latín”.
- *Égloga* (Casas 1934a; Anexo 32). Não obstante a “mágoa da saudade” a madurar, com uma escuridão que se aproxima (“O ar esvara pol-o van das follas/ e vai pechando a lús pol-os camiños”), revela-se, num “un abril de tan verde xa esquecido”, um “arume qu’ha ser río” e uma “voz que pode ser muíño”. Porém, o sujeito poético acaba por sucumbir à trágica dor da irreversibilidade do tempo e da ausência: “Unha fonte sin voz a namorarme./ Morte viva me pula. Estou vencido/ pol-a arela de ser na ponla nova/ o celme ausente do valeiro esprito”.
- *Eu i-o meu corazón: elexía, ao xeito romántego* (Fole 1935; Anexo 33). A saudade é aqui dita como um sentimento paradoxal de dor (“adormentada door”; “antiga ferida”; “cousa tristenta, valdeira, murcha; se quentura, sen luz, nin senso”) e alegria (“Sentín a saudade dunha época ledoenta da miña vida, como unha punxente lediza no fondal da i-alma”; “a máis aceda door se mestura â máis fonda lediza”), essa “entranabel emoción”, “mais feiticeiro qu’a mesma lediza relembrada”, com fortes imagens de transformação da caducidade em renascimento (“Que no outono da miña vida frolecese a primaveira”): “Ardía noite de maio espréndida e serea...”.
- *Alciprés* (Velo Mosquera 1935; Anexo 34). Próxima da morte (“Alciprés”, “Loito do vento”), a “Door de soledade” atravessa a totalidade do sujeito poético “pol-os ossos” e pelo “resíduo de alma”, que se entrelaçam com o corpo do cipreste por onde “andan os últemos/ pensamentos”: “Cando eu morra, alciprés/ [...] / guiarás por mín as raíces enfermas das/ violetas.../ [...] e sonarei a arpa/ nun lirismo supremo”.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

- *Choiva* (Carvalho Calero 1935; Anexo 35). Nostalgia e tristeza, sentimentos a que a chuva se associa, são o *cantus firmus* desta poema ("A rosa gris e murcha da saudade"). E associa-se com um corpo: "Nas trégolas das rúas enlousadas, e nos sostidos das aceiras, pulsan/ o piano da vila as máns da choiva". Tal como o paradoxal corpo do "anxo de néboa/ da señardade, a ollar, de ollos doridos,/ as rúas frorecidas de paraugas".

- *Olla miña ben amada* (López Abente 1935; Anexo 36). As imagens da saudade não apresentam aqui notas de tristeza, mas de delicada beleza ("xardín/ cheo de rosiñas brancas", "roseira de escumas"), a que tanto o dia ("O sol, desde a sua outura,/ fica quedo e ademirado") quanto a noite ("De noite parasse a lua/ enriba d'este coído/ e fai encaixes de escama") se associam em contemplação.

4.2.2.2. Conjugação temporal dos verbos[133]

- *¿Fada o quimera? ¿Vixilia ou sono?* (Figueroa 1920):

Passado	Presente	Futuro	Total
29	12	0	41

- *Noiturnio: do medo e do romancismo* (Blanco Amor 1923):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	8	2	10

- *Chorai, chorai* (Casas 1925a):

Passado	Presente	Futuro	Total
2	3	0	5

- *O poema da saudade* (Casas 1926b):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	6	0	6

[133] Por estratégia de simplificação, assumiremos como conjugados em passado, presente e futuro as formas verbais nos seus diferentes modos (indicativo ou conjuntivo). Excluiremos desta análise outros modos, como o imperativo ou o infinitivo, e particípios presentes ou passados.

- *Trova infinita* (Bouza-Brey 1926b):

Passado	Presente	Futuro	Total
6	13	1	20

- *Airiños, aires...* (Noriega Varela, 1926):

Passado	Presente	Futuro	Total
1	11	0	12

- *Eu son da terra celta* (Barreiro, 1926):

Passado	Presente	Futuro	Total
4	11	4	19

- *Festa no ceo e na terra: poema engebre* (Casas, 1926a):

Passado	Presente	Futuro	Total
6	36	1	43

- *O Pelingrino* (Otero Pedrayo, 1927):

Passado	Presente	Futuro	Total
2	18	1	21

- *Dos hermos astraes: cabras* (Sigüenza, 1928a):

Passado	Presente	Futuro	Total
4	5	0	9

- *Seres aleixoados* (Taibo García, 1928b):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	9	0	9

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

- *O escordeonista* (Bouza-Brey 1931c):

Passado	Presente	Futuro	Total
4	11	0	15

- *O relembro do clan* (Cabanillas 1931a):

Passado	Presente	Futuro	Total
16	1	0	17

- *Santa Cecilia da Soidade* (Carvalho Calero 1931b):

Passado	Presente	Futuro	Total
1	1	10	12

- *Cantigas da noite* (Fuente Bermúdez 1931):

Passado	Presente	Futuro	Total
2	18	0	20

- *In angore gaudium* (Iglesia Alvariño 1931a):

Passado	Presente	Futuro	Total
1	11	0	12

- *Nouturnio* (Vidal Martínez 1931):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	6	0	6

- *¡Montañesa!* (Cabada Vázquez 1931a):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	2	4	6

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

- *Epitalamio* (Carvalho Calero 1931a):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	2	6	8

- *O milagre da conceición da natureza* (Castro Dono 1932):

Passado	Presente	Futuro	Total
3	8	0	11

- *Meu corazón* (Iglesia Alvariño 1932b):

Passado	Presente	Futuro	Total
1	7	0	8

- *Romance dos sete mariñeiros* (Pita 1932):

Passado	Presente	Futuro	Total
2	15	0	17

- *Corazón ao vento* (Iglesia Alvariño 1932a):

Passado	Presente	Futuro	Total
13	1	0	14

- *Madrigal morto* (Pazos Jiménez 1932):

Passado	Presente	Futuro	Total
4	2	0	6

- *Da túa saudade* (Casas 1933a):

Passado	Presente	Futuro	Total
6	1	0	7

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

- *Fiestra* (Cunqueiro 1933a):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	0	0	0

- *Tópico no porto* (Bouza-Brey 1933b):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	7	0	7

- *Canzón VII* (Blanco Amor 1933):

Passado	Presente	Futuro	Total
1	6	0	7

- *Naces da primadeira* (Carvalho Calero 1933b):

Passado	Presente	Futuro	Total
1	43	2	46

- *Camiñantes* (Acuña 1933a):

Passado	Presente	Futuro	Total
1	21	0	22

- *Codio* (Carvalho Calero 1933a):

Passado	Presente	Futuro	Total
12	10	0	22

- *Égloga* (Casas 1934a):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	12	1	13

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

- *Eu i-o meu corazón: elexía, ao xeito romántego* (Fole 1935):

Passado	Presente	Futuro	Total
59	17	4	80

- *Alciprés* (Velo Mosquera 1935):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	4	6	10

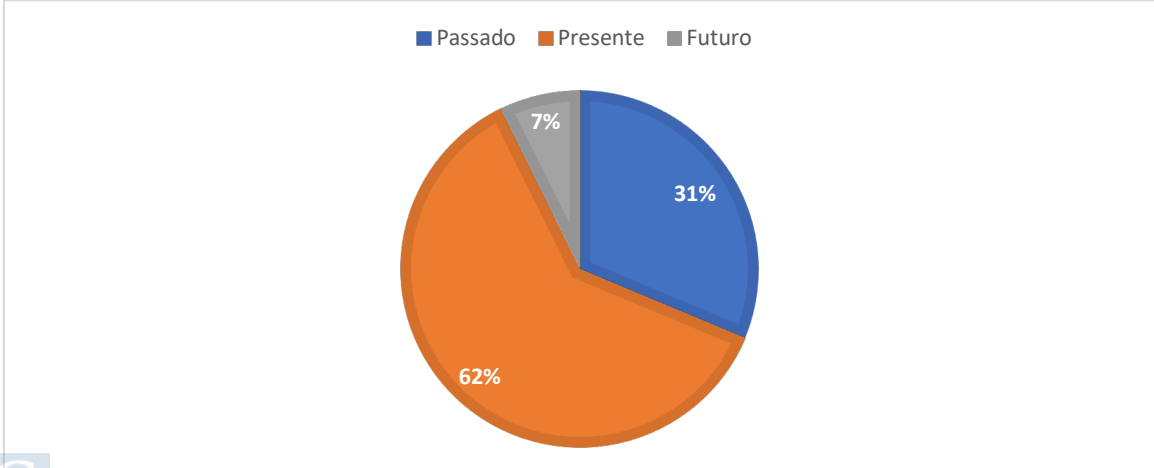
- *Choiva* (Carvalho Calero 1935):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	6	0	6

- *Olla miña ben amada* (López Abente 1935):

Passado	Presente	Futuro	Total
0	11	0	11

Das 578 formas verbais localizadas neste corpus de 36 composições poéticas, 181 encontram-se conjugadas no passado, 355 no presente e 42 no futuro, correspondendo a 31,32%, 61,42% e 7,27%, respectivamente.



USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Tabela 147 - Percentagens da conjugação temporal dos verbos (passado, presente e futuro)

Não obstante certa desproporção entre o passado e o futuro, que confirma parcialmente a ideia de que o tempo psicológico da saudade é retrotenso, constatamos que, na totalidade, o pretérito ocupa menos de um terço das ocorrências, deslocando a compreensão da consciência saudosa da memória (passado) para a acção (presente) e para a ordem da vontade e da esperança (futuro).

Interessa também observar se à evolução no tempo corresponde algum tipo de articulação temporal dos verbos:

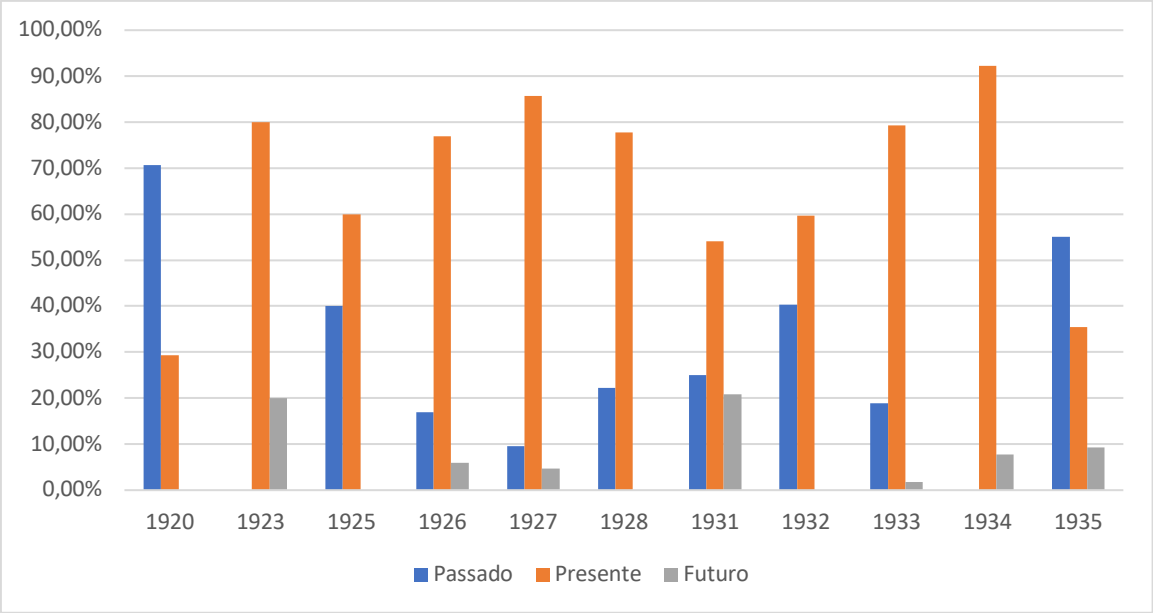


Tabela 148 - Uso temporal dos verbos entre 1920 e 1935

Como podemos observar, o peso relativo dos três tempos verbais revela a constância na predominância do presente em praticamente todos os anos, com a excepção de 1920 e 1935, em que o uso do passado é significativamente superior; o futuro encontra-se ausente nos anos de 1920, 1925, 1928 e 1932; e o passado em 1923 e 1934.

Não nos parecendo que estes dados revelem qualquer evolução ou involução na compreensão da saudade, dentro deste arco temporal, importa ainda tentar perceber se existe algum tipo de relação entre esses usos e localização etária dos poetas:

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

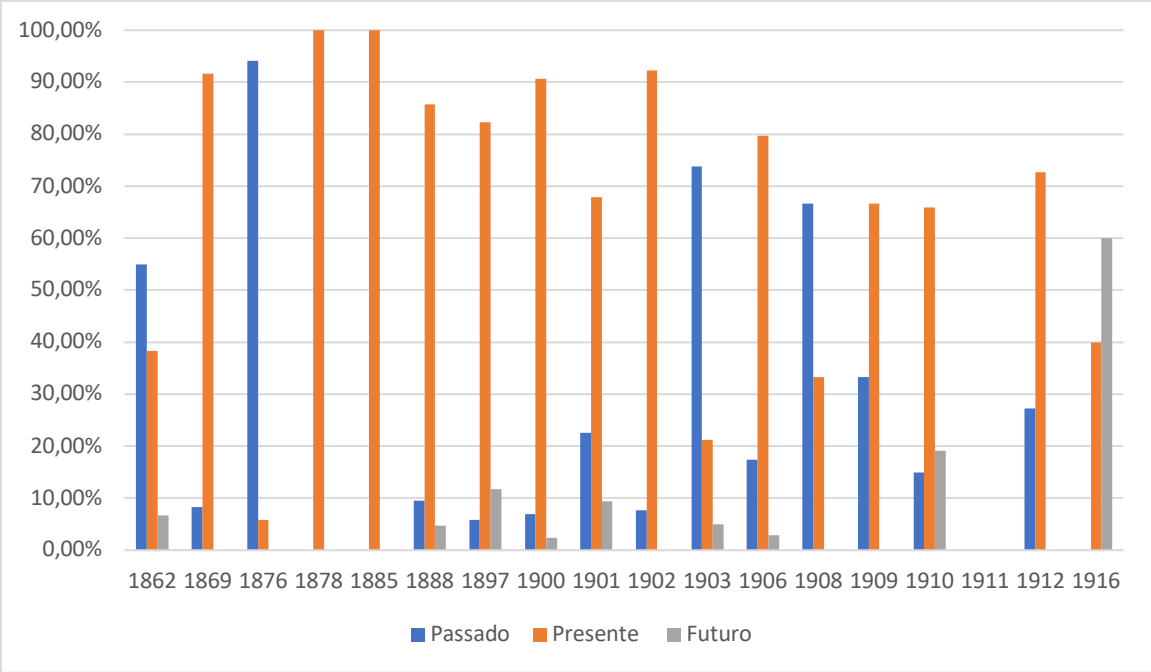


Tabela 149 - Uso temporal dos verbos de acordo com a data de nascimento dos poetas

A maior presença do presente é relativamente constante. Contudo, é sintomático que, dos poetas nascidos antes de 1900, somente Juan Bautista Armada y Losada (1862) e Ramón Cabanillas (1876) usem com mais frequência o passado, tendência que não se verifica nos restantes; por outro lado, note-se que tal tendência se volta a verificar em poetas nascidos em 1903 e 1908 – falamos de Ánxel Fole e Rafael Pazos Jiménez, respectivamente; por fim, é ainda de assinalar que o uso do futuro marca presença em poetas nascidos depois de 1900, o que nos permite deduzir, apesar da sua baixa frequência, uma progressiva assimilação da protensividade da consciência saudosa em poetas mais jovens.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

4.3. LEITURAS POSSÍVEIS

Uma vez localizadas algumas relações léxico-semânticas e a articulação dos tempos verbais neste *corpus* poético, cremos ter reunido alguns elementos que nos permitem uma leitura mais panorâmica da saudade que se expressa nestes poemas. Tentaremos, nesse sentido, uma aproximação aos traços definitórios[134] do que possa ser o sujeito saudoso (*homo nostalgicus*)[135], à sua auto-compreensão no espaço (*locus nostalgicus*) e no tempo (*tempus nostalgicus*)[136], mas também ao modo como se lê, nesse *Sitz im Leben*, um lugar a habitar (*patria nostalgica*)[137].

4.3.1. Homo nostalgicus

A reflexão filosófica sobre o sentimento da saudade adensou-se, tanto a norte como a sul do rio Minho, a partir da década de cinquenta do passado século: a sul, amplificando e aprofundando as intuições poéticas de Teixeira de Pascoaes (1912a; 1927; 1987; 1988; 1993; Magalhães 1960) ou as notas sistemáticas de Leonardo Coimbra (1923; Magalhães1950; 1956); a norte, abrindo caminhos pelo interior da antropologia, ora em recorte mais psicológico (García Sabell 1953; Rof Carballo 1953) ora de tonalidade mais metafísica (Piñeiro 1953).

Até essa década, o que na verdade se encontra são aproximações à sua expressão poética (Cabanillas Enríquez & Rodríguez González 1920; Pascoaes 1987), apologéticas da sua inscrição étnica (Aller 1947; Castro del Río 1928) ou ecos de polémicas hermenêuticas em tensão dialéctica (Dieste 1981; Dieste & Otero Espasandín 1927; Sérgio 1913). Por essa razão, não esperamos encontrar a nítida expressão de uma antropologia da saudade na poesia publicada na revista *Nós*, apesar de nela encontrarmos elementos que nos permitem uma localização dos traços definitórios do que possa ser o sujeito saudoso que nela se expressa.

"Díxome o meu corazón" (Fole 1935) é a expressão com que abre um dos últimos poemas. Trata-se de um "corazón que arde no vento" (Blanco Amor 1923) ou "un río, silencioso e profundo/ por onde escorre toda a ternura do mundo" (Iglesia Alvariño 1932b). Não é um órgão, embora o sujeito poético possa confundi-lo com o que sente "esmorecerse/ [...] no peito" (Frade Giráldez 1935). Talvez por tal proximidade à sensação do pulsar da vida, diz-se com a intensidade com que se dizem as coisas que sabemos nossas: "meu corazón", "teu corazón" ou

[134] Certamente arriscada, a opção aqui é de uma leitura (mais) próxima das composições poéticas, entrecruzada esta com outras referências, nomeadamente de Teixeira de Pascoaes.
[135] Teremos em conta os pontos 4.1.1, 4.1.2 e 4.2.1 deste trabalho.
[136] Teremos em conta os pontos 4.1.3, 4.1.4, 4.1.5, 4.1.6 e 4.2.2 deste trabalho.
[137] Deduziremos as (im)possibilidades de uma poética galega da saudade enquanto signo identitário.

"seu corazón" (Acuña 1933a; Blanco Amor 1933; Bouza-Brey 1926b; Carvalho Calero 1933b; Fole 1935; Iglesia Alvariño 1932a; 1932b), lugar onde a saudade acontece:

> Bate o mar no corazón
> Lembranzas, saudade, mágoas...
> «¡Ai, amor, ai, amor, ai, amor,
> Ai sí!» (Bouza-Brey 1933b)

Escrevia Pascoaes: "Vivo, porque espero. Lembro-me, logo existo" (Pascoaes 1987, p. 20). Trata-se da "vida ô natural, en carne viva,/ a vida de pasión, de sufrimentos" (Frade Giráldez 1935), paradoxalmente feita de nevoeiro (Carvalho Calero 1933a) e primavera (Fole 1935).

Mas essa vida, que se tece numa trama em tensão de alegria e dor, não é senão o "grito da Saudade, que é a dor da solidão, a ânsia de eterna convivência, tão entranhada no efémero do nosso ser" (Pascoaes 1989, p. 244), "o viño da alegría", da "bendita alegría" (Taibo García 1928b), a "alegría saudosa da chorimas,/ cravada nas toxeiras.../ A alegría da noite, na agonía,/ desfacéndose en bágoas,/ para que nelas cante luz do día" ou essa "alegría que se torna em dôr/ para que a nosa dôr seña alegría" (Iglesia Alvariño 1931a). Nessa encruzilhada, de uma "adormentada door" ou de uma "antiga ferida" (Fole 1935), as "horas da soedade, as mourenzas da vida/ tornanse ao seu influxo en florecido abril;/ o pranto do esconsolo/ i o ritus da tristura, en ledicia souril" (Taibo García 1928b):

> Sentín a saudade dunha época ledoenta da miña vida, como unha punxente lediza no fondal da i-alma. Endexamáis atinei a eispresar isas circias emocións – tres ou catro no decorrer dunha vida – em que a máis aceda door se mestura â máis fonda lediza! Toda unha época da nosa vida se debroca, súpetamente, na memoria. ¿Sabedes bén o qué isso é? Paresce como si somentes vivísemos pra aquil intre de entranabel emocíon. ¡Aquil anaco da nosa vida ennobrécese na lembranza, semellando máis feiticeiro qu'a mesma lediza relembrada! O remañente da vida fica arredado, como cousa tristenta, valdeira, murcha; sen quentura, sen luz, nin senso. (Fole 1935)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Já Pascoaes exortava: "Não ameis a cousa, na própria cousa; amai-a, na sua presença de saudade. Eis o perfeito estado saudoso" (Pascoaes 1999, p. 84). É o "amor em acção", escrevia também Pascoaes, que "gera a Saudade" (Pascoaes 1988, p. 71), e que se ergue em demanda:

> Meus amores a tí van
> como ao seu trobo as abellas,
> como os rolos aos praial,
> como a lus do abrente âs cumes,
> como os regos van ao mar... (Fuente Bermúdez 1931)

Ou então:

> Na miña nao vagaxeira
> Da Noite iréi, no segredo,
> en busca túa,
> e do amor á beira,
> adoitarás a ir, sen medo,
> polos camiños da Lua... (Blanco Amor 1923)

"Amor carnal espiritualizado pela Dor ou amor espiritual materializado pelo Desejo" (Pascoaes 1988, p. 25), a saudade acende-se corporeamente "en cada man" (Casas 1926b), com uma "voz moi consumida" (Iglesia Alvariño 1932a) e de "ollos doridos" (Carvalho Calero 1935):

> A ermida ten tristura
> — isa ermida pequeña dos camiños —
> e chora — dá door — na noite morta, escura
> porque nos peitos cansos dos homes xa n'ahi niños
> Tamén a lua chea ten saudade.
> Cando teñades mágoas, erguel-a i-alma...! e ollade! (Casas 1926b)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

E essa alma, “triste” (Figueroa 1920) e em que se aninham “as arelas da espranza” (Otero Pedrayo 1927), é simultaneamente “amergurada, frolescida” (Casas 1926b), a “arela inquedante de contar estrelas” (Cabanillas 1931a), vela com que se navega (Bouza-Brey 1926b) nos “mais lonxincuos mares” (Casas 1926b).

4.3.2. Locus nostalgicus

“No farto chán labrego hai lugares d’abondo” (Otero Pedrayo 1927), lê-se em *O Pelingrino*. Os lugares tecem-se sobre a trama dos espaços, mas os espaços não são necessariamente lugares. Já o dizia Marc Augé a propósito da sobremodernidade como produtora de não-lugares: “Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (Augé 2016, p. 69).

Naturalmente, o(s) lugar(es) da saudade (*locus nostalgicus*) tece(m)-se sobre espaços. São, como já vimos, o céu e a terra, o mar, os caminhos e as estrelas, os montes e os jardins.

Mas só devêm lugar(es) quando se transfiguram em paisagem, quando o mar se diz como “prado verde” ou quando desperta “na noite” (Pita 1932), quando beija “as plácidas ribeiras” (Barreiro 1926), e cuja voz se pode ouvir (Iglesia Alvariño 1931a). O mesmo se diga dos montes e da sua “dôr” (Iglesia Alvariño 1931a). No fundo, o espaço devém lugar quando à corrente do coração se associa “a ternura do mundo”:

> Meu corazón é un río, silencioso e profundo,
> por onde escorre toda a ternura do mundo...
> I-o Amor...
> I-a Door...
> Veñen matar a sede a él os paxariño.
> I-os seixos brutos dos camiños.
> I-as froliñas sedentas das estrelas.
> I-as brancas bidueiras, con folliñas marelas...
>
> Meu corazón é un río, silencioso e profundo,
> con ceos lá no fundo
> e arbres que crecen para alén do mundo...
> Unha noite – maguada – veu afogar-se a lua...

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Coma unha pomba morta, esmaída, fluctúa
n-un remanso de sombras, entre nelumbos brancos...
Unha inmensa saudade, na barquiña d-un verso,
vai boiando, mansiño, para alén do universo... (Iglesia Alvariño 1932b)

Na percepção das distâncias, detectamos também certa tensão: tanto é "un galeón [que] pasóu preto/ con azas de soedá" (Pazos Jiménez 1932), quanto "a mágoa dos que loitan lonxe dos lares seus" (Casas 1926b) e aquela "noite do vran, [que] lonxe queda" (Figueroa 1920) ou, ainda, o "ritmo misterioso das campanas de lonxe" (Otero Pedrayo 1927) e o "arume de cousas lonxanas" (Carvalho Calero 1931b). É por isso, também, "Alén" (Cabanillas 1931a), "terra non descuberta aínda" (Carvalho Calero 1931b). Mas é terra, dita com a intensidade com se dizem as coisas próprias: a "nosa terra linda" (Acuña 1933a), a "miña terra" (Cabada Vázquez 1931a), essa "terra aluarada" (Casas 1926a), a Galiza:

Eu son d'a terra celta d'as néboas e d'os fumes,
d'os días de Sol, mornos, d'as noites de luar...:
a d'as frolidas veigas, a d'as inxentes cumes,
d'os regos bulizosos, d'o maino ou rouco mar.

Eu son d'a nobre e forte Galicia, a malfadada,
a d'as morriñas santas, a xenerosa fiel;
d'os xeórxicos nouturnios, de musa namorada,
baruda de costumes, fidalga de broquél.

Alí, d'a lus enxérganse acesos resprandores
d'a miudiña brétema pol-o cribado túl;
orquestran os outeiros, seríns e reiseñores,
as noites son caladas, o ceu de dombo azúl...

Cecais, d'a fé vos guía, cal milagrosa estrela,
que no sidério espazo a un santo aloumiñóu,
irés de pelengrinos â nobre Compostela
a orar onde o Apóstole groriosa crita achóu.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Entón verés os montes cubertos de ramaxes,
as prácidas ribeiras qu'o mar bicando está,
xardíns esverdexantes, campías e paisaxes,
e populosas vilas qu'o mundo amira xa.

Contemprarés d'os castros as poétecas ruínas,
románecas igrexas, sagrarios d'a sua fé,
roseiras y-arboredas que croben as colinas
e prateadas augas que cantan ô seu pé.

Oirés as brandas trovas que riman seus poetas,
as lendas e fazañas d'un pobo que loitou,
a hestoria d'os seus sábeos, seus nautas, seus ascetas,
e como, pol-a pátrea, a liberdade amóu. (Barreiro 1926)

Trata-se, no fundo, de um espaço que devém lugar, porque, como acertadamente escreveu Tetsuro Watsuji, "geografia e historia, paisaje y cultura son inseparables" (Watsuji 2006, p.31). Ora, esse é o lugar da saudade: "A saudade, nascida da nossa alma, parece filha da paisagem" (Pascoaes 1989, p. 315). E "não é o Cosmos o corpo da Saudade?" (Pascoaes 1988, p. 235).

Também no poema de Augusto María Casas, o sujeito saudoso expressa identificação entre o sentimento e a paisagem:

Tamén a lua chea ten saudade.
Cando teñades mágoas, erguel-a i-alma...! e ollade!
[...]
Hai saudade nos homes e nas froles,
nas arbres, nos paxaros e nas pedras...(Casas 1926b)

Aqui, a saudade emerge como resposta cósmica.

O mundo é a sua caixa-de-ressonância. São "bágoas derramadas/ sobor a cunca infinda dos mais lonxincuos mares" (Casas 1926b).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

4.3.3. Tempus nostalgicus

Não sem algum risco, assumimos aqui o tempo na sua dupla acepção: clima[138] e temporalidade. A saudade emerge no sujeito saudoso, amiúde, em associação solidária com as disposições do clima: era o vento que "mesturábase ao canto chá do río que unxía a noite de relixiosa fervor" ou a "musegal ventolada [que] alporióu a flama da miña door" (Fole 1935), com voz própria como o mar (Iglesia Alvariño 1931a), em que arde o coração (Blanco Amor 1923) e em que "chian" "Señardás" (Blanco Amor 1933).

Normalmente de mãos dadas com aquela névoa húmida que define a brétema, na terra das "néboas e dos fumes" (Barreiro 1926), o vento dá corpo à inquietude que arde dentro:

> Soidá morna da noite,
> corazón que arde no vento
> bretemoso:
> saloucante e doce acento
> que non has ter quen te escoite
> saudoso. (Blanco Amor 1923)

Ou ainda:

> Non sei si son os anos que decrinan
> non sei si son os vento que corremos
> de inquedanza bretemosas,
> os que espertan no meu peito
> as moxenas ainda vivas
> de lonxanos sentimentos. (Frade Giráldez 1935)

Sabemos também que, no inverno, os "tempos do vrán" (Sigüenza 1928a) e as suas "noites" (Casas 1926b) "lonxe queda[n]" (Figueroa 1920), e que a "bris do outono" (Casas,1933a) traz consigo a possibilidade de "frolesce[r] a primaveira" (Fole 1935).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

[138] Tempestas nostalgica.

Também a "noite agoira saudades" (Sigüenza 1928a) e "afia no ventiño que brua/ suspiros e friaxes da serra infinda e nua" (Acuña 1933a), "noite saudosa" (Casas 1926a), "morta, escura" (Casas 1926b), "calada e serea" (Figueroa 1920), "maguada" (Iglesia Alvariño 1932b) e "crua" (Acuña 1933a). São saudosas as noites, como as tardes (Casas 1925a); não estranha, por isso, que um "galán iluminado/ no sol-pôr sinte morriña (Castro Dono 1932).

4.3.4. Patria nostalgica

O sujeito saudoso, que habita um espaço e um tempo concretos ou uma paisagem e um clima que com ele são solidários, faz a experiência da indisponibilidade de um lugar. Mas parece ser essa mesma indisponibilidade a substância deste tipo específico de saudade: "soave ilusión" (Cabanillas 1931a) e "fantasia" (Acuña 1933a). Mas "o murmúrio da água aumenta a sede" (Pascoaes 1999, p. 83) e é por isso que, como escrevia o poeta amarantino, "a saudade da mulher amada é que é a mulher da nossa paixão, e a saudade da Pátria é que é, realmente, a nossa Pátria" (Pascoaes 1927, p. 175).

A desejada "Santa Paz de un fogare" (Cabada Vázquez 1931c) é, no fundo, "Saudade do nunca nado/ e do que nunca finou" (Bouza-Brey 1926b). Não é a pátria que é nostálgica, mas o sujeito que, paradoxal e simultaneamente, sofre por não a ter e alegra-se por a sonhar: é "raza prisioneira da diviña Saudade", mas também "paraíso céltigo" (Cabanillas 1931a), com as suas "chamadas garimosas" (Otero Pedrayo 1927).

O apelo da terra vem de dentro, que percebe "no peito o lar perdido" (Acuña 1933a) e "irmana/ [n]a mágoa os que loitan lonxe dos lares seus" (Casas 1926b).

A propósito da saudade da pátria, António Cândido Franco, muito próximo à obra e pensamento de Teixeira de Pascoaes, assim escreveu:

> Também agora a saudade só tem lugar quando nos damos conta que a Pátria não existe, ou pelo menos está fora de todas as categorias fixas e físicas conhecidas e se posiciona como um *território* desconhecido, indeterminado e sem fronteiras, que já não é da terra. [....]. A Pátria é uma sombra, verdadeira sombra inominável e sem forma, que nos vem mais do futuro do que do passado, do que está por criar que do que está criado. [...] Mais uma vez é na constatação negativa duma impossibilidade, a de ter Pátria nesta terra que tanto as circunscreve e tanto as caricaturiza, que se dá o relâmpago mudo e surpreendente da sua descoberta como Pátria nómada, que de tanto ser pensada, sonhada e desejada se faz presente na sua própria impossibilidade de futuro. [....] A situação do

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

> homem ou da mulher que têm saudades da Pátria é então a situação do homem que, por não ter Pátria, a tem. O que é preciso sublinhar é que todo o saudoso da Pátria tem de fazer nesta terra a experiência errante do apátrida. (Franco 1996, p. 42)

Por um lado, a visão pascoaesiana de Cândido Franco parece não caber à inequívoca localização de uma pátria galega: "Eu son da terra celta [...]", "Eu son da nobre e forte Galiza [...]", escreve Lisardo Barreiro, "de un pobo que loitou" e "pola patria, a liberdade amou" (Barreiro 1926). Por outro lado, não há dúvida que se trata de uma espécie de sombra ou espectro: "terra non descuberta aínda./ Terra iñorada e insospeitada" (Carvalho Calero 1931b), como "portos iñotos/ onde ninguén arribou" (Bouza-Brey 1926b).

Não está, portanto, no passado. Nem no presente, que se tece de ausência e exílio em dor:

> Pillóu a lua o lombo... Nin páxaros nin niños:
> o fume da poeira nos chairos de Castela.
> Sen chancas nen espigas – o pan, o pau son dela –
> [...]
> Castela regateira merca suor e callos.
> [...]
> Por sangue novo e rexo Castela da diñeiros. (Acuña 1933a)

O presente, que é o da saudade da pátria, vive "mendicante" e "á esmola de hourizontes" (Acuña 1933a), trilhando "vieiros que non tên termo" e aconchegando-se a "lumes que non tên quentor" (Bouza-Brey 1926b). A saudade da pátria revela-se, assim, como algo da ordem do desejo que vislumbra um futuro, em nítido contraste com o presente em desterro:

> E volta pra Galiza co vento dos camiños.
> [...]
> Halá, Halá pra Galiza, que hai brétemas e orballos
> e gándaras e serros e relva e pedrugallos.
> [...]
> Halá! Hálá pra Galiza, que hai frores nos carreiros
> e festa nos regatos e prata nos outeiros. (Acuña 1933a)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

5. CONCLUSÃO

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

> A meditação sobre a saudade como tema literário na Galiza não só está entrelaçada com o sentimento da terra, como já tem sido largamente comentado, mas também com a interpretação de um destino histórico para o povo galego. O motivo literário do tempo "por vir" tem vários testemunhos entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX. (Seoane Dovigo 2017, p. 176)

A saudade, enquanto motivo literário funcionou como expressão de esperança e desejo projectivo de futuro. No século XIX, como afirma o primeiro filósofo galego da saudade, "o galego recobra o cultivo literario e con el prodúcese de contado a reaparición da saudade nos textos escritos, como é natural a través das varias voces utilizadas pola lingua oral para designala: *soedade*, *soidade*, *suidade*, *saudade* ou *saudades*, *señardade*, *morriña*. Todas elas foron utilizadas polos nosos escritores, como eran utilizadas polo pobo, para expresaren o sentimento da saudade" (Piñeiro 2009a, p. 95).

Seja por estratégia de colonização dissimulada, como a que foi adoptada durante a ditadura franquista (Miguélez-Carballeira 2013; Torres Feijó 2018c; Busto Miramontes 2020; 2021), seja por acantonamento do debate no espaço académico[139], que se intensificou durante a segunda metade do passado século[140], a problemática da saudade encontrou lugares de sobrevivência fora do campo cívico e político.

As críticas de Otero Espasandín, Rafael Dieste ou mesmo Castelao, não muito diferentes das encontradas na polémica entre António Sérgio (1913) e Teixeira de Pascoaes, que a classificaram como entrave à acção, são expressões dos conflitos de legitimação no campo literário. Elias Torres Feijó sintetiza bem esse processo:

> Esta classe de críticas pode adscrever-se aos processos de mudança nos campos literários e culturais, na procura de modificações das posições e funções e agentes e grupos. No caso concreto do campo literário da altura, revelam que o proto-sistema galeguista aumentava em pluralidade e integrantes e que, ao mesmo tempo, a saudade constituia, para alguns, um repertório passado e/ou inservível. E é este carácter de inutilidade para a acçom, que transcende (como acontece em situações em que a cultura ocupa locus privilegiado da expressom política)

[139] A "paulatina perda de força [da saudade] e o seu refúgio no mundo académico como objecto de estudo ou, muito menos, na poesia, [...], e que se explica polo facto de a Saudade ficar como bem cultural e nom como ferramenta, no sentido utilizado por Even-Zohar (2005), som notórias". (Torres Feijó 2008, pp. 164-165)

[140] A título de exemplo, em contexto galego, cf. VV.AA. 1953; Cortezón 1960; Torres Queiruga 2003.

USC

o campo cultural ao campo do poder, o que fará que a Saudade e o Saudosismo deixem de ter a virtualidade de ferramenta que nos inícios teóricos era postulada polos lideres nacionalistas. Nos anos seguintes, a mesma acçom política derivada da Segunda República espanhola fará que a Saudade perda posições centrais no repertório de elementos e modelos galeguistas.

Expressom notável disto todo é o livro que virá substituir o de Risco como manual capital do pensamento nacionalista, já no Após-guerra: O Sempre en Galiza, de Daniel Castelao. Na súa obra, a palavra saudade, plenamente integrada no repertório galeguista e, já, galego, aparece em várias ocasiões, por vezes aludindo aos emigrantes de além-mar, outras já ao conceito elaborado entre 1918 e 1920, em algum caso ensamblando as duas vertentes. Falando dos catorze marinheiros galegos que trabalham no barco em que escreve diz que eles:

> So pretesto de necesidades materiaes, emigraron para satisfaceren anceios metafísicos e compriren os destiños da nosa raza viaxeira, magoada de saudades e ao mesmo tempo enraizada no chan nativo. Quén sabe se a saudade galega non será outra cousa mis que a loita de dous anceios incompatibles: o de estar e non estar na Terra!

O significativo é, no entanto, que na primeira oportunidade em que no livro Castelao alude à Saudade, com letra grande, é para dizer que a "Galiza quer liberdade porque non hai povo en Hespaña con máis fé no seu futuro", e para afirmar (34):

> As nosas espranzas no caben nos lindeiros da razón. Mataremos, se é preciso, a Saudade; porque a Saudade cicáis sexa unha espranza entristecida, ladroeira de aicións.

Carreguei a palavra cicáis (quiçá) para expressar nesse matiz, enunciado como provável, o facto de o principal referente de todo o nacionalismo galego duvidar (já?) de que a Saudade pudesse ser um elemento activo para a acçom, no contexto dum livro elaborado depois da guerra civil e do exilio, em que muitos galegos e galegos padeceram ou estavam padecendo. (Torres Feijó 2008, pp. 161-162)

Apesar disso a palavra resistiu: está na toponímia simbólica galega, em nomes de cafetarias, lojas, grupos folclóricos, consultórios. Está, como conclui Torres Feijó, "no povo" (2008, p. 164). Independentemente das razões aludidas, incluindo a potencial irrelevância da saudade, o que é certo é que ela acabou por se ver inscrita no inconsciente colectivo galego.

Porém, aplicar-se-á à articulação Galiza-Saudade o mesmo que Onésimo Teotónio de Almeida aplica à relação entre Portugal e Saudade – e não sem razão – de que "a palavra é hoje tão

USC DE COMPOSTELA

sinónimo de Portugal como o galo de Barcelos" (Almeida 2017, p. 233)? Ou, enquanto bem cultural, guarda ainda a possibilidade de dizer a galeguidade? E, podendo dizê-la, é possível ainda a manutenção da saudade portuguesa como um elemento, como outrora, do referente identitário de integração-reunificação? Com que linhas semânticas se tece a saudade na poesia em *Nós*?

O primeiro capítulo deste trabalho (Introdução), que procurou estabelecer as condições de possibilidade da interrogação investigadora fundamental, não só logrou estabelecer alguns pressupostos a respeito do tema, como também (e não sem eles) potenciou um conjunto de interrogações que acabaram por funcionar como uma espécie de azimute no desenvolvimento desta segunda parte em que nos encontramos. Poder-se-ia dizer que, na literatura galega, a saudade é um produto do séc. XIX, de tonalidade fundamentalmente romântica, e que, durante as primeiras três décadas do passado século, acaba por adensar-se e intensificar-se como signo identitário, cujo elo deverá, em parte, ao fecundo cruzamento entre o nacionalismo galego e o saudosismo português. Portanto, torna-se claro que a saudade funcionou, de modo dominante, no repertório ideológico e cultural galeguista durante o período da sua construção, que coincide em grande parte com o tempo de vida da revista *Nós*. A sua ancoragem afirmativa, tanto individual quanto colectiva, convergente com o seu referente de integração, Portugal, aliou-se ao seu carácter diferencial, marcando assim uma posição referencial negativa em relação ao eixo Castela/Espanha. Além disso, deveio também fundamental para a construção orgânico-historicista do galeguismo como linha dominante: se por um lado apelava às raízes de uma tradição popular, por outro convocava a não menos necessária tradição culta que tinha em Rosalia de Castro o seu momento fundacional. A estas dialécticas associavam-se as teorizações estéticas e políticas a sul do Minho, com Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes, e a apologia de uma nacionalismo galego na proposta programática de Vicente Risco.

Ora, como pode acontecer noutros contextos, esse elemento repertorial, potenciador do carácter afirmativo de ideias e textos, perde vigor – podendo, até mesmo, ser desactivado enquanto potencial obstaculizador da acção política e social – principalmente na fase final da ditadura de Primo de Rivera, quando se sentem ventos de mudança e a possibilidade de um novo regime. Algo similar acontece em plena ditadura franquista, em que a saudade é neutralizada como ferramenta política, passando a integrar um repertório de recorte mais etnográfico, metafísico e, até mesmo, sentimental.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Por outro lado, constatamos como, em casos em que os grupos estão impossibilitados de veicular as suas ideias por outras vias, à falta de instrumentos jurídico-administrativos e políticos para o garantir, outros meios tendem a desempenhar, para determinados sectores sociais, esse papel. É o caso da revista ou jornais de publicação dilatada e periódica, que actuam como veículos e, tanto quanto possível, emergem como garante dessa veiculação, tornando-se em depósitos que podem ser activados pela sua acessibilidade. Cremos ser este o caso de *Nós*.

Nesse sentido, cremos ser de fácil localização a importância da literatura galega – e nomeadamente da poesia – para a construção e consolidação de uma idea de nação, para que concorreram não somente o referente de afirmação (Beramendi 2007b, pp. 562-574) e o referente de negação-oposição (Beramendi 2007b, pp. 574-583), mas também os referentes de reintegração e de analogia (Beramendi 2007b, pp. 583-590): trata-se não só de afirmar, mas de negar o que diferencia, recorrendo também à estratégia da analogia e à retórica da reintegração. Isto é, não basta afirmar etnicidade e história (Galiza); é necessário negar a pertença a uma outra etnicidade e a uma outra história (Espanha), impostas ideologicamente como colonizações de um espírito colectivo. Não raro, nesse processo, reconhecem-se afinidades (Atlantismo, Celtismo, Saudade) ou lamentáveis perdas a recuperar e a reintegrar (Portugal).

Em todo este processo, a revista "Nós" (1920-1935) desempenhou o papel de parteira da consciência nacional, no espaço de reivindicação mais amplo que se desenvolveu entre as Irmandades da Fala (1916) e o início da Guerra Civil (1936).

A este respeito, parece-nos justo e pertinente recordar algumas palavras de Ramón Piñeiro escritas em março de 1979:

> Como acabamos de ver, o caciquismo-centralismo e maila castelanización exerceron unha presión esmagadora sobre a Galicia galega, que era a Galicia popular. Esa Galicia popular, indefensa, humillada, dominada, vivía aconchegada en sí mesma, resignada na súa impotencia. Non tiña voz propia para reclamar os seus dereitos de pobo, porque non se lle recoñecían dereitos nin tiña conciencia deles. Xa no XVIII, algúns intelectuais ergueron a súa voz para dar a coñecer a situación desventurada desa Galicia popular, especialmente no terreo económico. Pero é no XIX cando os intelectuais asumen a reivindicación dos dereitos de Galicia como pobo e cando se propoñen espertar a súa conciencia colectiva. (Piñeiro 2009b, p. 50)

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Este estudo partiu do reconhecimento de que a saudade, mais do que um tema ou sentimento, é um operador simbólico de carácter identitário. A revista *Nós* – não sendo literária *stricto sensu* – assumiu um papel estruturante na canonização de uma sensibilidade galega moderna. A par de outros instrumentos e movimentos coevos, a revista ourensana cumpriu esse papel de mentalização cultural, condição *sine qua non* para a eventual emergência de uma consciência política de nação. Sabemos que a *Nós* se encontrava alinhada a esse desejo. Sabemos também que contava com artistas e literatos, e não só com antropólogos e homens de ciência em geral, para dar corpo de cultura a um sentimento colectivo de pertença. Sabemos ainda que, embora nem sempre explicitamente, assumiu a saudade como elemento identitário, tanto distanciador do referente de negação-oposição (Espanha) quanto aproximador do referente de reintegração (Portugal). E sabemos que, não sendo uma revista literária *stricto sensu*, publicou poesia.

A respeito do *Zeitgeist* respectivo e como ancoragem deste peculiar *Volksgeist*,

> No porte intelectual das figuras da Xeración *Nós* dáse un proceso que, partindo da súa contemporaneidade, remóntase a posicións tipicamente ideal-románticas. Pero pode dicirse tamén que, asentados eles nun idealismo romántico, que lles permite comprender e sentir a Galicia no mundo, isto é, no tempo e no espazo, tal como os devanceiros ensinan, avanzan desde aí, en proceso de carácter asimilador, ata a contemporaneidade, destacando así que o máis nuclear do pensamento romántico sobrevive esencialmente nas filosofías vitalistas e personalistas, do mesmo xeito que aspectos esenciais do idealismo agroman en moitas das posicións pos-hegelianas, como acontece, por exemplo, no *actualismo* de Gentile, ao que, neste preciso sentido, fará reiteradas referencias Otero Pedrayo./ Desde calquera destas dúas perspectivas o idealismo romántico perfílase, na estimación dos homes de *Nós*, como unha sorte de filosofía fundamental, un marco filosófico que se considera case definitivo, aínda que modulable con arreglo a posicións ideolóxicas que nalgunha medida poden ser diferentes, pero como algo en todo caso dificilmente substituíble á hora de construír unha andamiaxe conceptual quer serva como fundamento para unha concepción da realidade nacional de Galicia e, en definitiva, para que se poida asentar sobre ela unha teoría do nacionalismo galego. (González Fernández 2024, p. 208)

Publicou poesia, acolheu autores e temas portugueses, participou de uma estratégia discursiva de construção nacional que recorreu à saudade como elo entre diferença e reintegração.

USC
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

As interrogações que orientaram esta investigação foram três: (1) como se manifesta, na revista, a articulação entre nacionalismo galego, saudosismo e poesia? (2) em que medida a poesia da *Nós* é relevante no sistema literário galego? (3) com que linhas semânticas se tecem os poemas de saudade publicados? Para responder, cruzámos abordagens qualitativas e quantitativas: desde a análise do corpus (36 poemas) com recurso ao CATMA, até à verificação da sua recepção em antologias, histórias da literatura e sistema de ensino.

Com base em categorias de Pierre Bourdieu (campo, capital simbólico, habitus) e Itamar Even-Zohar (polissistemas, instituição literária), demonstrou-se que a poesia publicada na *Nós* participa de um processo de consagração simbólica que reforça um *ethos* galego. A saudade não é apenas resquício do Romantismo: é estrutura de sentimento em movimento, linguagem de pertença e projecção política.

A organização da leitura crítica em torno de quatro eixos – *homo nostalgicus*, *locus nostalgicus*, *tempus nostalgicus* e *patria nostalgica* – permitiu mapear as formas de inscrição simbólica da saudade na poesia galega: o sujeito saudoso como figura ambígua, o lugar como experiência afectiva e não meramente geográfica, o tempo como tensão entre passado, presente e futuro, e a saudade como potencial de consciência colectiva.

Neste quadro, os objectivos definidos no início da investigação foram atingidos. Esta tese constitui um estudo sistemático da saudade como capital simbólico no interior do sistema literário galego, cruzando análise quantitativa, leitura próxima e teoria dos campos culturais para compreender o seu papel na construção de uma identidade nacional. Confirmou-se que a revista *Nós* funciona como uma instituição literária de canonização cultural; que a poesia nela publicada, embora nem sempre valorizada em antologias e currículos, participa activamente na configuração do sistema literário galego; e que a saudade é, em sentido pleno, um capital simbólico do nacionalismo galego, mesmo quando – ou sobretudo quando – se expressa em tons discretos.

Esta tese abre também pistas para investigações futuras. Com base nesse contributo, o trabalho abre perspectivas que poderão ser exploradas por outros estudos, comparação com outras revistas (*Alfar*, *Ronsel*), extensão da análise a outros contextos culturais subalternizados, estudo da saudade noutras linguagens (teatro, música, ensaio). Além disso, propõe um modelo articulado de leitura cultural, literária e política, e contribui para uma compreensão mais fina da relação entre emoção e nação.

USC
DE COMPOSTELA

E se é certo que a Galiza de *Nós* ainda não gozava do grau de autonomia que o seu estatuto hoje lhe permite, também é certo que a sua poesia ajudou a erguer, com as palavras da saudade, uma pátria possível – talvez a mais duradoura.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

6. SIGLAS E ABREVIATURAS

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

A Águia I	*A Águia: revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica* (Porto, 1910-1911) – 1ª Série
A Águia II	*A Águia: revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social. Órgão da Renascença Portuguesa: associação de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social* (Porto, 1912-1921) – 2ª Série
A Águia III	*A Águia: revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social. Órgão da Renascença Portuguesa: associação de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social* (Porto, 1922-1927) – 3ª Série
A Águia IV	*A Águia: revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social. Órgão da Renascença Portuguesa: associação de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social* (Porto, 1928-1930) – 4ª Série
A Fouce	*A Fouce: periódico galego* (Bos Aires, 1926-1936)
A.I.F.	A Irmandade da Fala
A Nosa Terra	*A Nosa Terra: Boletín quincenal: Idearium das Irmandades da Fala* (A Coruña, 1916-1972).
A Vida Portuguesa	*A Vida Portuguesa. Quinzenário/Boletim de inquérito à vida nacional* (Porto, 1912-1915)
A.N.I.	Autor(es) Não Identificado(s)
Agália	*Agália. Revista da Associaçom Galega da Língua/Revista Internacional da Associaçom Galega da Língua/Revista de Ciências Sociais e Humanidades/Revista de Estudos na Cultura* (Santiago de Compostela, 1985-1992/1993-2000/2000-2009/2010-2016)
Alfar	*Alfar: revista de Casa América-Galicia* (La Coruña, 1923-1955)
Almanaque de Galicia	*Almanaque de Galicia para el año de 1891* (Ferrol, 1891)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Atlântida	*Atlântida. Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brazil* (Lisboa, 1915-1920)
BGL	*Boletín Galego de Literatura* (Santiago de Compostela, 1989-)
BOCGA	*Boletín oficial del centro Gallego* (Avellaneda, 1903-1930)
BRAG	*Boletín de la Real Academia Galega* (A Coruña, 1906-)
Centro Gallego	*Centro Gallego: órgano de la colectividade gallega en el Uruguay* (Montevideo, 1917-1925)
CHLIP I	Aseguinolaza, F. C. et al., eds. (2010). *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, Vol. I. Amsterdam/Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company.
CHLIP II	Domínguez, C. et al., eds. (2016). *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, Vol. II. Amsterdam/Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company.
CLGS I	VV. AA. (1996). *Actas do I Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.
CLGS III	Natário, M. C. et al., coords. (2008). *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade. Em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*. Sintra: Zéfiro.
CLGS IV	Teixeira, A. B. et al., coords. (2012). *Actas do IV Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*. Sintra: Zéfiro.
CLGS V	Teixeira, A. B. et al., coords. (2017). *Sobre a Saudade. V Colóquio Luso-Galaico*. Sintra: Zéfiro.
CLGS VI	Teixeira, A. B. et al., coords. (2018). *Sobre a Saudade. VI Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em homenagem a Andrés Torres Queiruga*. Sintra: Zéfiro.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

CLGS VII	Teixeira, A. B. et al., coords. (2022). *Sobre a Saudade. VII Colóquio Luso-Galaico nos 90 anos de Carlos Baliñas Fernández & nos 100 da Revista "Nós"*. Sintra: Zéfiro.
CLGS VIII	Teixeira, A. B. et al., coords. (2024). *Sobre a Saudade. VIII Colóquio Luso-Galaico/I Encontro de Filosofia e Cultura Luso-Galaica*. Sintra: Zéfiro.
Compostelano	*El Compostelano: diario independiente* (Santiago de Compostela, 1920-1946)
Contemporânea	*Contemporânea. Revista Mensal* (Lisboa, 1915-1926)
Cultura	*Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias* (Lisboa, 1996-)
DEPG	Torres Queiruga, A. & Rivas García, M., coords. (2008). *Dicionario Enciclopedia do Pensamento Galego*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
Diario de Galicia	*Diario de Galicia: periódico de la mañana, telegráfico, noticiero y de información general* (Santiago, 1908-1930)
Diario de Pontevedra	*El Diario de Pontevedra: periódico liberal* (Pontevedra, 1884-1939)
DL I	Coelho, J. do P., dir. (1984). *Dicionário de Literatura.* Vol. 1: A/E. Porto: Figueirinhas (3ª ed.).
DL II	Coelho, J. do P., dir. (1984). *Dicionário de Literatura.* Vol. 2: F/M. Porto: Figueirinhas (3ª ed.).
DL III	Coelho, J. do P., dir. (1984). *Dicionário de Literatura.* Vol. 3: N/R. Porto: Figueirinhas (3ª ed.).
DL IV	Coelho, J. do P., dir. (1984). *Dicionário de Literatura.* Vol. 4: S/Z. Porto: Figueirinhas (3ª ed.).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

DLG I	Vilavedra, D., coord. (1995). *Diccionario da Literatura Galega. I. Autores*. Vigo: Editorial Galaxia.
DLG II	Vilavedra, D., coord. (1997). *Diccionario da Literatura Galega. II. Publicacións periódicas*. Vigo: Editorial Galaxia.
DLG III	Vilavedra, D., coord. (2000). *Diccionario da Literatura Galega. III. Obras*. Vigo: Editorial Galaxia.
DLG IV	Vilavedra, D., coord. (2004). *Diccionario da Literatura Galega. IV. Termos e institucións literarias*. Vigo: Editorial Galaxia.
DOG	*Diário Oficial da Galiza*
E.N.I.	Editor(es) Não Identificado(s)
E&N	González Reboredo, X. M., coord. (2001). *Etnicidade e Nacionalismo. Actas do Simposio Internacional de Antropoloxía, Santiago de Compostela, 17-19 de abril de 2000*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega – Sección de Antropoloxía Cultural.
Eco de Galicia	*El Eco de Galicia: revista ilustrada y de información de la colonia gallega en Cuba* (La Habana, 1917-1936)
ed. aum.	edição aumentada
EDRCC	Rodríguez Fernández, J. L., ed. (2000). *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero. Literatura; Miscelánea*, Vol. 2. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico.
El Correo de Galicia	*El Correo de Galicia: Diario independiente de avisos y noticias* (Santiago de Compostela, 1900-1919)
El Correo gallego	*El Correo gallego: diario político de la mañana* (Ferrol, 1878-1937)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

El Diario de Pontevedra	*El Diario de Pontevedra: periódico liberal* (Pontevedra, 1884-1939)
El Domingo	*El Domingo: pasatiempo semanal ilustrado* (La Coruña, 1880-1881)
El Eco de Galicia	*El Eco de Galicia: órgano de los gallegos residente en las Repúblicas Sud-Americanas* (Buenos Aires, 1892-1926)
El heraldo gallego	*El heraldo gallego: semanario de ciencias, artes y literaturas* (Orense, 1874-1880)
El lucense	*El lucense: diario católico de la tarde* Lugo, 1883-1902)
El norte de Galicia	*El norte de Galicia: diario político y de información* (Lugo, 1901-191?)
El Pueblo	*El pueblo: órgano de la conjunción republicano-socialista* (Pontevedra, 1914-1932)
El Progreso	*El Progreso: semanario independiente* (Pontevedra, 1907-1937)
El regional	*El regional: diario de Lugo* (Lugo, 1884-1931)
El Tea	*El Tea: semanario independiente* (Ponteareas, 1908-1936)
Emigrado	*El Emigrado* (A Estrada, 1920-1940)
Estraviz	*Dicionário Estraviz*, disponível in https://www.estraviz.org/.
Gaceta de Galicia	*Gaceta de Galicia: Diario de Santiago. Decano de la prensa de Compostela* (Santiago de Compostela, 1879-1918)
Galicia-Diario	*Galicia. Diario de la Mañana* (Orense, 1930-1937)
Galicia	*Galicia: revista semanal ilustrada* (La Habana, 1902-1930)

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Galicia Nueva	*Galicia nueva: periódico regional, primer diario de Villagarcía* (Vilagarcía de Arousa, 1907-1938)
GEN	Pazos-Justo, C., Botana Vilar, M. J. & André, G., eds. (2021). *Galiza e(m) Nós. Estudos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
Grial	*Grial. Revista Galega de Cultura* (Santiago de Compostela, 1951-)
Ideal Gallego	*Ideal gallego: diario católico, regionalista e independiente* (A Coruña, 1917-)
La Correspondencia Gallega	*La Correspondencia Gallega: diario de Pontevedra* (Pontevedra, 1874-191?)
La Libertad	*La Libertad* (Pontevedra, 1906-1938)
La Monarquía	*La Monarquía: diario político* (Ferrol, 1886-1897)
La opinión	*La opinión: diario de Pontevedra* (Pontevedra, 1896-)
La Región	*La Región: diario independiente, de interesses generales, de noticias y avisos* (Orense, 1910-)
La Saudade	VV. AA. (1953): *La Saudade. Ensayos*. Vigo: Editorial Galaxia.
La Zarpa	*La Zarpa: diario de los agrários gallegos* (Ourense, 1921-1936)
Ler	*Ler. Jornal de Letras, Artes e Ciências* (Lisboa,1952-1953)
LIS	Sáez Delgado, A. et al., eds. (2022). *La invasión silenciosa. Presencia portuguesa en las revistas literarias ibéricas (1900-1950). Ámbitos castellano, catalán, gallego y vasco*. Gijón: Ediciones Trea.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Mondoñedo	*Mondoñedo: periódico bissemanal independiente* (Mondoñedo, 1904-1918)
Nós	*Nós. Boletín Mensual da Cultura Galega* (Ourense, 1920-1935)
OTM I	*O Tempo e o Modo. Revista de Pensamento e Acção* (Lisboa, 1963-1969) – 1ª Série
OTM III	*O Tempo e o Modo. Revista de Pensamento e Acção* (Lisboa, 1984) – 3ª Série
OTM NS	*O Tempo e o Modo. Revista de Pensamento e Acção* (Lisboa, 1969-1977) – Nova Série
PEN	Samartim, R. & Pazos-Justo, C., eds. (2019). *Portugal e(m) Nós. Contributos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
Pueblo Gallego	*El Pueblo Gallego: rotativo de la mañana* (Vigo, 1924-1979)
Revista gallega	*Revista gallega: semanario de literatura e interesses regionales* (La Coruña, 1895-1907)
RFR	*Revista de Filología Románica* (Madrid, 1983-)
Riberas del Eo	*Las Riberas del Eo: periódico de información galaico-asturiana* (Ribadeo, 1881-1971)
Ronsel	*Ronsel. Revista de Arte/Revista de la nueva generación gallega* (Lugo, 1924)
S.N.	Speradan Namaquizos [pseudónimo de Vicente Risco]
s/d.	sem data

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Seara Nova	*Seara Nova. Revista quinzenal de doutrina e crítica* (Lisboa, 1921-1984)
SILGF IV	Agra Romero, M. X. & Rodríguez Rial, N., eds. (2003). *Galiza e Portugal: identidades e fronteiras. Actas do IV Simposio Internacional Luso-Galaico de Filosofía*, Santiago, 28-29 Novembro, 2003. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
Tempo exterior	*Tempo exterior. Revista de análise e estudos internacionais* (Pontevedra, 2020-)
Temporada en Mondariz	*La temporada em Mondariz* (Mondariz, 1888-1931)
Torres-Samartim	Torres Feijó, E. J. & Samartim, R. (2018). *Sobre o conflito linguístico e planificação cultural na Galiza contemporânea. Dez contributos*. Santiago de Compostela: Através Editora.
TP2	Carvalho, S. A., Rita, A. & Franco, J. E., coords. (2017). *Teixeira de Pascoaes. Vol. 2: A Arte de Ser Português e a Renascença Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.
TP3	Carvalho, S. A., Rita, A. & Franco, J. E., coords. (2017). *Teixeira de Pascoaes. Vol. 3: Pensamento e Missão*. Lisboa: Edições Colibri.
Vida Gallega	*Vida Gallega: ilustración regional* (Vigo, 1909-1938)
Voz de la Verdad	*La Voz de la Verdad: diário católico con censura eclesiástica* (Lugo, 1910-1937)
VV.AA.	Vários Autores

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

7. BIBLIOGRAFIA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

7.1 FONTES POÉTICAS

7.1.1 Revista 'Nós'

Acuña, M. L. (1933a). Camiñantes. *Nós,* 115, 113-114.

Aguiar, A. de S. (1922). Os netos de Cabral. *Nós,* 11, 10.

Álvarez Limeses, X. (1931). ¡Chove! *Nós,* 91, 16.

Amado Carballo, L. (1928a). As cantigas do berce. *Nós,* 57, 163.

Bal y Gay, X. (1931). Estatua. *Nós,* 91, 2.

Barreiro, L. R. (1926). Eu son da terra celta... *Nós,* 31, 9-10.

Blanco Amor, E. (1922). Orballo: exégesis. *Nós,* 14, 8.

— (1923). Noiturnio: do medo e do romancismo. *Nós,* 18, 6.

— (1926). Noiturnio IX: ronsel da morte. *Nós,* 33, 1.

— (1929). Canzón leda. *Nós,* 67, 115.

— (1930). Noite. *Nós,* 73, 1.

— (1933). Canzón VII. *Nós,* 114, 135.

Blanco Torres, R. (1929). Elegía do esprito enfermo. *Nós*, 69, 149.

— (1930). Meus cabalos. *Nós,* 79, 137.

Bouza-Brey, F. (1922). Para facer un feitizo... *Nós,* 12, 10.

— (1926a). Lelías ao teu ouvido. *Nós,* 32, 1.

— (1926b). Trova infinita. *Nós,* 27, 1-2.

— (1927a). Teño.... *Nós,* 45, 1.

— (1927b). Triadas no mar e na noite. *Nós,* 41, 1-2.

— (1928a). Clamor na encrucillada. *Nós,* 59, 195.

— (1928b). Descordo para ben muiñar. *Nós,* 53, 81.

— (1929). Tenzón co malvís amigo. *Nós,* 66, 95.

— (1930a). Temas en corazón. *Nós,* 82, 191.

— (1930b). Trova das sete naos: (introito). *Nós,* 79, 123.

— (1931a). Cantiga cívica. *Nós,* 91, 2.

— (1931b). No anal de Manoel-Antonio. *Nós,* 85, 2.

— (1931c). O escordeonista. *Nós,* 89, 81.

— (1933a). Agarimo. *Nós,* 115, 97.

— (1933b). Tópico no porto. *Nós,* 112, 57.

Bouzo, M. (1930). As cancelas do mar. *Nós,* 83, 211.

Cabada Vázquez, X. M. (1931a). ¡Montañesa! *Nós,* 92, 133.

— (1931b). Ciumes e namorouzos. *Nós,* 94, 173.

— (1931c). No día de Galicia. *Nós,* 91, [4].

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Cabanillas, R. (1921). ¡Irlanda! *Nós,* 8, 7.
— (1925a). As pombas do perdón. *Nós,* 20, 1-2.
— (1926a). A espada Escalibor: (duam). *Nós,* 25, 1-6.
— (1930). Poesía lida no banquete da «Barxa», o Día da Galiza. *Nós,* 81, 171.
— (1931a). O relembro do clan. *Nós,* 90, 97.
— (1931b). Romances da frebe. *Nós,* 91, [3].
— (1931c). Xoquín. *Nós,* 88, 61.
Carballeira, X. (1931). Mariñeira do vento: a Fulana de Tal, muiñada de mares e pantasías. *Nós,* 91, [8].
Carvalho Calero, R. (1928a). Deus. *Nós,* 49, 1.
— (1928b). Mañá de outono. *Nós,* 55, 124.
— (1929). Poesía. *Nós,* 61, 1.
— (1930). Cançon das lavandeiras. *Nós,* 76, 69.
— (1931a). Epitalamio. *Nós,* 91, [5].
— (1931b). Santa Cecilia da Soidade. *Nós,* 96, 235.
— (1932a). Ó vir a primadeira. *Nós,* 100, 53.
— (1932b). Semellas ser somente. *Nós,*106, 177.
— (1933a). Codio. *Nós*, 118, 203.
— (1933b). Naces da primadeira. *Nós,* 115, 106-107.
— (1934a). Ti apareciches. *Nós,* 123, 41.
— (1935). Choiva. *Nós,* 137-138, 84.
Casas, Á. de las (1925a). Chorai, chorai *Nós,* 24, 1.
— (1927). No máis alto. *Nós,* 37, 1.
— (1931a). Salaio. *Nós,* 91, [7].
Casas, A. M. (1925b). Panteismo. *Nós,* 21, 16.
— (1926a). Festa no ceo e na terra: poema engebre. *Nós,* 31, 14.
— (1926b). O poema da saudade. *Nós,* 26, 1-2.
— (1933a). Da túa saudade. *Nós,* 109, 1.
— (1934a). Écloga. *Nós,*122, 21.
— (1934b). Natureza morta. *Nós,*126-127, 93.
— (1935a). Río. *Nós,*136, 61.
Castaño Priegue, X. M. (1935). A barca. *Nós,*136, 69.
Castro Dono, A. (1931). Vai agonizar o día. *Nós,* 91, [6].
— (1932). O milagre de conceición da natureza. *Nós*, 98, 31.
Castroviejo, X. M. (1931). Noroeste. *Nós*, 91, [7].
Chenneviére, G. (1929). Pamir. *Nós*, 70, 163-170.

USC
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

— (1930). Pamir: (remate). *Nós,* 74, 21-28.
Córdova, A. de (1921). Os meus versos; Ansiedade. *Nós,* 6, 1.
Correa Calderón, E. (1930). Peisaje. *Nós*, 77, 83.
Couceiro Freijomil, A. (1925). Cantares. *Nós*, 23, 1.
— (1927). Novos cantares. *Nós*, 48, 1.
— (1928). Novos cantares. *Nós*, 50, 28.
Cunqueiro, Á. (1933a). Fiestra. *Nós*, 110, 21.
— (1934). Primeira elexía. *Nós*, 131-132, 161-162.
Curros Enríquez, M. (1933). Nel giardino, una notte, seduta. *Nós*, 119, 231.
Díaz de Herrera, A. (1931). Cantarela d'amor. *Nós*, 91, [8].
Díaz de Herrera, G. (1926). O Amor. *Nós*, 31, 11.
Ferro, S. (1935). Noite. Nós, 139-144, 114.
Figueroa, J. A. y L. (1920). ¿Fada ou quimera? ¿Vixilia ou sono? *Nós*, 3, 1-2.
— (1925). Falares miñotos. *Nós*, 21, 1-2.
— (1926). [Todos chámanlle coitado]. *Nós,* 31, 7.
— (1931). Igrexa feita. *Nós,* 91, 11.
Fole, Á. (1935). Eu i-o meu corazón: elexía, ao xeito romántego. *Nós,* 133, 10-11.
Frade Giráldez, R. (1935). ¡Recordemos!: (para ti soia i-en segredos..). *Nós*, 139-144, 158-159.
Fuente Bermúdez, X. M. de la (1931). Cantigas da noite. *Nós,* 91, [9].
Gabriel y Galán, J. M. (1926). O embargo. *Nós*, 36: p. 1.
García Romero, C. (1931). Inno allá Galizia. *Nós*, 86, 21-22.
Gómez Ledo, A. (1933). Traduzón galega das Xeórxicas de Virxilio. *Nós*, 113, 76.
Guimerá, Á. (1929). As catro viuvas: lembranzas. *Nós,* 63, 37.
Herrera Garrido, F. (1931). A nosa nai Galiza. *Nós,* 91, 13.
Hölderlin, F. (1934). Adeus; Idades da Vida; Primavera. *Nós,* 130, 151-152.
Iglesia Alvariño, A. (1931a). In angore gaudium.... *Nós*, 91, 14.
— (1931b). No bérce negro da noite. *Nós*, 87, 41.
— (1932a). Corazón ó vento. *Nós,* 105, 157.
— (1932b). Meu corazón.... *Nós*, 99, 37.
— (1933a). Poema. *Nós*, 117, 183.
— (1934a). Cando teña 300 años de alén. *Nós*, 121, 11.
— (1934b). Estuario interior. *Nós*, 130, 145.
— (1935). Na outa terra de Estrelas. *Nós*, 139-144, 138.
López Abente, G. (1921a). No facho. *Nós*, 4, 4.
— (1921b). O carballo. *Nós*, 4, 4.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (1922). Medo. *Nós*, 9, 1.
— (1926). A buitra. *Nós*, 29, 1.
— (1927). Balbor. *Nós*, 42, 1.
— (1929). Estreliña...! *Nós*, 68, 131.
— (1931a). Solpor. *Nós*, 91, 15.
— (1935). Olla miña ben amada. *Nós*, 139-144, 146.
Lugrís Freire, M. (1926). Ela dorme! Ela soña! *Nós*, 28, 1.
Montes, E. (1927). A lúa e o San Andrés; Barqueiro de Ribadavia; Biografía do liño. *Nós*, 47, 8-9.
— (1929). Río (poema). *Nós*, 65, 77.
Mosteiro, E. (1928). Alalás do mar. *Nós*, 51, 41.
Noguerol Buján, A. (1929). Romances mariñeiros da calima rianxeira. *Nós*, 64, 57.
Noriega Varela, A. (1926). Airiños, aires.... *Nós*, 31, 7.
Otero Espasandín, X. (1926). Parábola. *Nós*, 31, 35.
— (1927). Poemas: (pr'o libro alfabeto). *Nós*, 46, 1.
— (1928a). Poemas: (pr'o libro alfabeto). *Nós*, 50, 19.
— (1932a). A lúa sigueute.... *Nós*, 97, 1.
— (1932b). Na miña lista de noites.... *Nós*, 102, 93.
— (1933). Paisaxes da neve. *Nós*, 116, 159.
— (1935). Aldea do monte. *Nós*, 139-144, 125.
Otero Pedrayo, R. (1927). O Pelingrino. *Nós*, 38, 1-2.
Otero, A. (1932). Eso. *Nós*, 101, 73.
Ovidio Nasón, P. (1932). Elexías de Ovidio. *Nós*, 98, 24-25.
Paço d'Arcos, A. (1926). Invocaçao. *Nós*, 35, 1.
Parente, X. L. (1932). Romance da entrana de campía. *Nós*, 107, 197.
— (1933a). Entón tamén! *Nós*, 120, 247.
— (1933b). Romance do paxiño loiro. *Nós*, 111, 41-43.
— (1935). Camiño de Portonovo. *Nós*, 139-144, 166.
Pascoaes, T. de (1920). Fala do sol: aos jovens poetas galegos. *Nós*, 1, 3.
— (1922). De min. *Nós*, 14, 8.
Pazos Jiménez, R. (1932). Madrigal morto. *Nós*, 108, 217.
Pedret Casado, P. (1932). [Estrela]. *Nós*, 104, 142.
Pereiro Carrón, X. (1932). Carmina citharae: cuasi serenata en dous tempos. *Nós*, 108, 226-227.
Pimentel, L. (1935a). Paisaxe sin historia. *Nós*, 137-138, 81.
— (1935b). Verbas. *Nós*, 133, 1.
Pita, E. (1931). Romance. *Nós*, 93, 153.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (1932). Romance dos sete mariñeiros. *Nós*, 104, 137.

Pondal, E. (1935). Poema de Pondal: a lira de Tirteo. *Nós*, 134, 22-24.

Prado, X. (1920). ¡Ten fe, poeta! *Nós*, 2, 9.

— (1921). ¡.....!. *Nós*, 7, 1-2.

— (1923). Firma do creto. *Nós*, 18, 7.

Ramos Colemán, X. L. (1934a). Cadro. *Nós*, 121, 1.

— (1934b). Notiza e vós da vida fonda. *Nós*, 128-129, 125-126.

Rodríguez Elías, A. (1928). O cruceiro. *Nós*, 58, 181.

Rodríguez González, E. (1927). Almas viaxeiras. *Nós*, 40, 1.

Sigüenza, X. (1928a). Dos hermos astraes: cabras. *Nós*, 52, 61.

— (1928b). Poemas: foot-ball. *Nós*, 54, 101.

Taibo García, V. (1921a). Ao bon irlandés. *Nós*, 8, 17.

— (1921b). Brua o mar! *Nós*, 5, 13.

— (1922a). Para que d'exempro sirva. *Nós*, 10, [...].

— (1928a). Noivados. *Nós*, 54, 104.

— (1928b). Seres aleixoados. *Nós*, 56, 141.

Velo Mosquera, X. (1935). Alciprés. *Nós*, 135, 44-45.

Vidal Martínez, X. (1931). Nouturnio. *Nós*, 91, 15.

Villar Amor, A. (1921). Coidado cos bicos. *Nós*, 4, 11.

— (1922). Escrava. *Nós*, 13, 5-6.

— (1925). O derradeiro galán. *Nós*, 22, 1.

— (1930). As chancas de Rosa: (inédita). (cadro rústeco). *Nós*, 78, 107.

Zapata García, A. (1927). O Chasco e o Pimpín: (lénda inxénoa). *Nós*, 47, 1-2.

— (1931). Traineiros de Laxe. *Nós*, 91, 16.

7.1.2. Publicações autónomas

Acuña, M. L. (1933b). *Fírgoas*. A Coruña: Editorial Nós.

Amado Carballo, L. (1927). *Proel.* Pontevedra: Alborada.

— (1928b). *O galo*. A Cruña: Nós, Publicacións Galegas e Imprenta.

Barreiro, L. R. (1923). *Escumas e Brétemas. Versos Gallegos*. Santiago de Compostela: Tipografía El Eco de Santiago.

Blanco Amor, E. (1928). *Romances galegos*. Buenos Aires: Céltiga.

— (1931). *Poema en catro tempos: a um pescador galego*. Buenos Aires: s/ed. [Talleres Gráficos Virs].

— (1992). *Obra em Galego Completa. II. Poesía – Teatro.* Vigo: Editorial Galaxia.

Bouza-Brey, F. (1933c). *Nao senlleira*. Santiago de Galicia: Nós, Pubricacións Galegas e Imprenta.

— (1980). *Obra literaria completa*. Santiago: Edicións do Cerne.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Cabada Vázquez, X. M. (1931d). *Vagalumes*. Santiago: Imprenta, Lib. E Enc. Do Seminario C. Central.

Cabanillas, R. (1917). *Da terra asoballada*. Vilagarcía de Arousa: Galicia Nueva.

— (1922). *O cabaleiro do Sant Grial: (Saga).* Bos Aires: E.N.I.

— (1925b). *Estoria do bendito San Amaro que foi chamado no mundo o Cabaleiro de Arentéi*. Mondariz-Balneario: Lar.

— (1926b). *Na noite estrelecida*. Mondariz-Balneario: Lar.

— (1927). *A Rosa de cen follas: Breviario de un amor*. Mondariz-Balneario: Lar.

— (1949). *Camiños no tempo*. Santiago de Compostela: Imprenta do Seminario Conciliar de Compostela.

Carvalho Calero, R. (1928c). *Trinitarias*. Ferrol: "El Correo Gallego".

— (1931c). *Vieiros*. Santiago de Compostela: Nós.

— (1932c). *La soledad confusa*. Santiago de Compostela: Nós.

— (1934b). *O silenzo axionllado*. Santiago de Compostela: Nós.

Casas, Á. de las (1931b). *Sulco e Vento*. Ourense: E.N.I.

— (1934c). *Escolma de Cantigas*. Pontevedra: E.N.I.

Casas, A. M. (1932a). *O Vento segrel*. Santiago de Compostela: Nós.

— (2003). *O Vento segrel*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Dirección Xeral de Política Lingüística/Centro Ramón Piñeiro para Investigación en Humanidades.

Cunqueiro, Á. (1932). *Mar ao norde*. Santiago de Galicia: Nós.

— (1933b). *Cantiga nova que se chama Riveira*. Santiago: Edicións Resol.

— (1933c). *Poemas do si e non*. Lugo: Edicións Un.

Figueroa, J. A. y L. (1917). *Del solar galaico.* Madrid: Imp. de Fortanet.

— (1928). *Libro de Cantigas. En tierras galaico-lusitanas. Impresiones. Reminiscencias del vagar*. Madrid: Tip. de la "Rev. de Archivos, Bibliotecas y Museos.

Iglesia Alvariño, A. (1930). *Señardá: sonetos*. Lugo: Palacios.

— (1933b). *Corazón ao vento: poemas galegos*. Lugo: Imprenta de A. Suárez Gómez.

— (1986). *Poesia Galega Completa*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

López Abente, G. (1918). *Alento da raza*. Madrid: Imprenta Xan Pérez Torres.

— (1924). *Do Outono*. A Coruña: Ronsel.

— (1929). *Nemancos*. Ourense: Nós.

— (1958). *Centileos nas Ondas.* Vigo: Editorial Galaxia.

— (2013). *Poesía Completa*. A Coruña: Edicións Espiral Maior.

Noriega Varela, A. (1904). *Montañesas*. Luarca: E.N.I.

— (1920). *D'o Ermo*. Ourense: Losada, Risco e Noguerol editores, Imprenta de Antonio Otero.

— (1995). *Do ermo*. Vigo: Editorial Galaxia.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Pita, E. (1964). *O ronsel verdegal*. Vigo: Salnés.

Sigüenza, X. (1928c). *Cantigas e verbas ao ar*. A Coruña: Editorial Nós.

Taibo García, V. (1922b). *Abrente: versos gallegos*. Cibdá de Compostela: El Eco de Santiago.

— (1925). *Da vella roseira: cantigas orixinais*. Santiago de Compostela: E.N.I.

Vidal Martínez, X. (1921). *Mágoas*. Pontevedra: Imprenta C. Peón.

7.1.3. Antologias de poesia

A.N.I., ed. (1959). *Poesía gallega contemporánea*. México: Ecuador 0º0'0''.

— (1999). *37 escritores para unha lingua*. Santiago de Compostela: Consellería de Cultura, Comunición e Turismo, Dirección Xeral de Promoción Cultural.

Alonso Girgado, L., Fariña Miranda, C. & Monteagudo Cabaleiro, T., eds. (2002). *De Rosalía a Sarmiento. Escolma do Día das Letras Galegas (1963-2002)*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia – Consellería de Educación e Ordenación Universitaria/Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo.

Alonso Girgado, L. & Monteagudo Cabaleiro, T., eds. (2001). *Escolma de aniversario: (Librería Follas Novas, 1971-2001)*. Santiago de Compostela: Librería Follas Novas.

Alonso Montero, X., ed. (1970). *Os cen mellores poemas da lingua galega*. Lugo: Celta (5ª ed.).

—, ed. (1984). *O Libro do Amor. 69 Poemas do Século XX*. Vigo: Imp. J. A. Vicente e V. Sobrino.

—, ed. (2012). *A gaita, o gaiteiro e os gaiteiros na poesía galega (1853-2012)*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia – Secretaria Xeral de Política Lingüística.

Alonso, F., ed. (2013). *Poetízate: antoloxía da poesía galega*. Vigo: Asociación Socio-Pedagóxica Galega.

Álvarez Cáccamo, X. M. & Núñez, M., eds. (2012). *O libro dos cen poemas: antoloxía da poesía infantil galega*. A Coruña: Espiral Maior.

Álvarez Gándara, A., ed. (1973). *Falemos Galego*. Vigo: Castrelos.

Bernárdez, C. & Álvarez Cáccamo, X. M., eds. (1994). *Cincuenta anos de poesía galega*. Vol. I. A Coruña: Penta.

Blanco Amor, E., ed. (1998). *Recital antolóxico de poesía galega dos séculos XII ao XX. Centro galego de Bos Aires, 24 de xullo de 1956*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega – Arquivo Sonoro de Galicia.

Carvalho Calero, R., ed. (1966). *Breviario antológico de la literatura gallega contemporánea*. A Coruña: Real Academia Gallega.

Casas, Á., ed. (1928a). *Antología de la lírica gallega*. Madrid: Compañía Iberoamericana de Publicaciones.

— (1939). *Antología de poetas gallegos*. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina.

Castro, P., ed. (1993). *Antoloxía da poesía neotrobadoresca*. Vigo: Editorial Galaxia.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Dunne, J., ed. (2010). *Anthology of Galician Literature/Antoloxía da Literatura Galega (1196-1981)*. Vigo: Xunta de Galicia/Edicións Xerais de Galicia/Editorial Galaxia.

Fernández del Riego, F., ed. (1955). *Escolma de poesía galega. IV. Os Contemporáneos*. Vigo: Galaxia.

— (1976). *Antoloxía de poesia galega. Do dezanove aos continuadores*. Vigo: Galaxia.

— (1980). *Poesía Galega. Do Posmodernismo aos Novos*. Vigo: Editorial Galaxia.

Fernández Flórez, W., ed. (1929). *Los poetas. Antología*. Madrid: E.N.I.

Frateschi Vieira, Y., ed. (1996). *Antologia de Poesia Galega*. Campinas, SP: Unicamp.

Freixeiro Mato, X. R. & Pillado Mayor, F., eds. (1996a). *A poesía e o teatro interseculares*. *Poesía – Antoloxía. A Ponte – M. Lugrís Freire.* Vigo: Asociación Socio-Pedagóxica Galega.

González Alegre, R., ed. (1959). *Antología de la poesía gallega*. Madrid: RIALP.

González Garcés, M., ed. (1974). *Poesía gallega contemporánea*. Barcelona: Editorial Plaza y Janés.

Llompart, J. M., ed. (1976). *Quinze poetes gallecs*. Palma de Mallorca: Editorial Moll.

Losada, B., ed. (1974). *Poetas gallegos contemporáneos*. Barcelona: Seix-Barrral.

Maceira Fernández, X. M., ed. (1997). *Literatura na diáspora bonaerense*. *Antoloxía*. Vigo: Asociación Socio-Pedagóxica Galega.

María, M. & Gómez Sánchez, A., eds. (1997). *Poetas entre a tradición e a Modernidade (Luis Amado Carballo e os seus seguidores)*. Vigo: Asociación Socio-Pedagóxica Galega.

Martín Gaite, C. & Ruiz Tarazona, A., eds. (1972). *Ocho siglos de posía gallega: antología bilingüe*. Madrid: Alianza.

Molina, C. A., ed. (1984). *Antología de la poesía gallega contemporánea*. Madrid: Júcar.

Morán, C., ed. (1999). *Río de son e vento: unha antoloxía da poesía galega*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

Nogueira, M. X. & Nicolás. R. (2007). *Antología de poesía gallega 1 = Antoloxía de poesía galega 1*. Santiago de Compostela: Dirección Xeral de Creación e Difusión Cultural.

Nordés – Revista de Poesía e Crítica (1978). *Antoloxía de Poesía Galega Actual.* A Coruña: Ediciós do Castro.

Ramón Peña, X., ed. (2016). *Tempo das Irmandades. Antoloxía de poesía*. A Coruña: Real Academia Galega.

Rodríguez, L., ed. (2004). *Poetas Galegos do Século XX*. A Coruña: Edicións Espiral Maior.

Teixeira, J. R., ed. (2025). *Rosalía de Castro. Como um eco perdido. Antologia.* Porto: Officium Lectionis.

Toro Santos, A. R. de, ed. (2010). *Breogán's Lighthouse. An Anthology of Galician Literature*. London: Francis Boutle Publishers.

Varela Jácome, B., ed. (1953). *Poetas gallegos. Las mejores poesías*. Santiago de Compostela: Porto y Cía. Editores.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Vázquez Cuesta, P., ed. (2002). *Nós. A Literatura Galega*. Lisboa: Livros Horizonte.

7.2. OBRAS DE CARÁCTER GERAL

Ansede Estraviz, A. & Sánchez Iglesias, C., coords. (1996). *Historia da Literatura Galega*. *Tomo XXXII, El siglo XX. La literatura anterior a la Guerra Civil.* Vigo: Asociación Socio-Pedagóxica Galega.

Bernárdez, C. L. et al. (2001). *Literatura Galega. Século XX*. Vigo: Edicións A Nosa Terra.

Carvalho Calero, R. (1981). *Historia da Literatura Galega Contemporánea (1808-1936)*. Vigo: Editorial Galaxia (3ª ed.).

Coelho, J. do P., dir. (1984). *Dicionário de Literatura.* 5 Vols. Porto: Figueirinhas (3ª ed.).

Couceiro Freijomil, A. et al. (1951). *Diccionario bio-bibliográfico de escritores*. Tomo I: A-E. Santiago de Compostela: Bibliófilos Gallegos.

— (1953). *Diccionario bio-bibliográfico de escritores*. Tomo II: F-O. Santiago de Compostela: Bibliófilos Gallegos.

— (1954). *Diccionario bio-bibliográfico de escritores*. Tomo III: P-Z. Santiago de Compostela: Bibliófilos Gallegos.

Fernández del Riego, F. (1971). *Manual de Historia da Literatura Galega*. Vigo: Editorial Galaxia (2ª ed.).

— (1990). *Diccionario de escritores en lingua galega*. Sada: Edicións do Castro.

Gómez Sánchez, A. & Queixas Zas, M. (2001). *Historia Xeral da Literatura Galega*. Vigo: Edicións A Nosa Terra.

Pena, X. R. (2016). *Historia da Literatura Galega III. De 1916 a 1936*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

Saraiva, A. J. & Lopes, Ó. (2017). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora (17ª ed.).

Seabra Pereira, J. C. (2019). *As Literaturas em Língua Portuguesa. Das origens aos nossos dias*. Lisboa: Gradiva Publicações.

Tarrío, A. (1998). *Literatura galega. Aportacións a unha historia crítica*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

Varela Jácome, B. (1951). *Historia de la Literatura Gallega*. Santiago de Compostela: Porto y Cía. Editores.

Vilavedra, D. (1999). *Historia da Literatura Galega*. Vigo: Editorial Galaxia.

Vilavedra, D., coord. (1995). *Diccionario da Literatura Galega. I. Autores*. Vigo: Editorial Galaxia.

— (1997). *Diccionario da Literatura Galega. II. Publicacións periódicas*. Vigo: Editorial Galaxia.

— (2000). *Diccionario da Literatura Galega. III. Obras*. Vigo: Editorial Galaxia.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (2004). *Diccionario da Literatura Galega. IV. Termos e institucións literarias*. Vigo: Editorial Galaxia.

Villanueva Prieto, D., coord. (2000). *Galicia. Literatura.* A Coruña: Ediciones de Hércules.

7.3. SUBSÍDIOS

7.3.1. Subsídios teórico-metodológicos

Anderson, B. (2016). *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London/New York: Verso.

Bourdieu, P. (1982). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, SP: Perspectiva.

— (1991). Le champ littéraire. *Actes de la recherche en sciences sociales,* 89, 3-46.

— (2002). Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la recherche en sciences sociales,* 145, 3-8.

— (2011). *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70.

— (2021). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.

Calvino, I. (2015). *Porquê Ler os Clássicos?* Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Even-Zohar, I. (1990). Polysystem studies. *Poetics Today* 11, 1-268.

Imbert, E. A. (1969). *Métodos de Critica Literaria*. Madrid: Ediciones de la Revista de Occidente.

Ingarden, R. (1965). *A Obra de Arte Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

López-Casanova, A. (2001). *Diccionario metodolóxico de análise literaria*. Vigo: Editorial Galaxia.

Lourido, I. (2014). *Historia Literaria e Conflito Cultural. Bases para unha Historia Sistémica da Literatura na Galiza*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.

Mourão, J. A. (1995). O campo literário – o mundo que nos escreve. *Diacrítica,* 10, 473-489.

Rábade Villar, M. do C. (2004). *As antoloxías de poesía en Galicia e Cataluña. Representación poética e ficción lóxica*. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións, Universidade de Santiago de Compostela.

— (2016). The anthology as instrument of mediation. In *CHLIP II* (pp. 381-399).

Reis, C. (2015). *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra: Livraria Almedina (2ª ed.).

Silva, V. M. A. (2018). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina (8ª ed.).

Todorov, T. (1987). *La notion de littérature. Et autres essais.* Paris: Éditions du Seuil.

— (1988). *Literature and Its Theorists. A personal view of Twentieth-Century Criticism*. London: Routledge & Kegan Paul.

Wellek, R. & Warren, A. (1972). *Teoria da Literatura*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

7.3.2. Subsídios hermenêuticos e outros

A.I.F. (1931). No día de hoxe. *A Nosa Terra,* 286, 4.

A.N.I. (1919). A II Asambleia nazionalista galega. Concrusios aprobadas en Santiago. *A Nosa Terra,* 105, 1-2.

— (1920a). D'o Ermo, por Noriega Varela. *Vida Gallega,* 156, 29.

— (1920b). Primeiras Verbas. *Nós*, 1, 1-2.

— (1922a). La literatura Gallega: su renacimiento. *Eco de Galicia,* 164, 15.

— (1922b). Vento Mareiro, de Cabanillas, y Abrente, de Taibo. *Temporada em Mondariz*, XXXIV, 12, 2.

— (1923). Lecturas. *A Nosa Terra,* 194, 10.

— (1925). [sem título]. *Nós,*19, 1.

— (1927). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Proel*, por Amado Carballo]. *Nós*, 43, 20.

— (1928a). La obra póstuma de Amado Carballo *O Galo*. *Diario de Pontevedra* 13147, 2.

— (1928b). Os homes, os feitos, as verbas [Blanco Amor]. *Nós*, 59, 213.

— (1928c). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *O Galo*, por Luis Amado Carballo, A Cruña, Nós, 1928]. *Nós*, 59, 213-214.

— (1928d). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Ontes*, por Correa Calderón, Lugo, Ronsel, 1928]. *Nós*, 59, 214.

— (1928e). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Romances Galegos*, por Eduardo Blanco Amor, Buenos Aires, Céltiga, 1928]. *Nós*, 59, 214.

— (1929). Nuevo poeta gallego. *Vida Gallega,* 430, 11.

— (1930a). Noriega Varela acaba de publicar um libro magistral. *Vida Gallega,* 442, 10.

— (1930b). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Nemanco*, por Gonzalo López Abente, A Cruña, Nós, 1929]. *Nós*, 73, 17-18.

— (1930c). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Orballo da Media Noite*, por Roberto Blanco Torres, A Cruña, Nós, 1929]. *Nós*, 75, 67-68.

— (1930d). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Señardá*, por Aquilino Iglesia Alvariño, Palacios, editor, Lugo, 1930]. *Nós*, 77, 104.

— (1931a). Ao decorrel-os dias. *A Nosa Terra,* 286, 1.

— (1931b). Comentarios en el Dia de Galicia. *Voz de la Verdad,* 7241, 1.

— (1931c). Himno Galego. *La Zarpa,* 3088, 7.

— (1931d). Hoy serán izadas las banderas republicana y gallega. *La Zarpa,* 3088, 1.

— (1931e). [sem título]. *Nós,* 91, 1.

— (1931f). [sem título]. *Ideal Gallego,* 3608, 1.

— (1931g). A Festa Grande da Terra. *Compostelano,* 3392, 6.

USC
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

— (1933a). A cultura galega hoxe en día. *Nós*, 115, 98-105.

— (1933b). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Poemas do Sí e Non*, Álvaro Cunqueiro, Edicións um, Lugo]. *Nós*, 120, 260.

Acuña, M. L. (1933b). Poemas do si e non, por Álvaro Cunqueiro. *La Región,* 6449, 3.

Agís Villaverde, M. (2016). *Historia do Pensamento Galego Contemporáneo. Contribucións da filosofía á cultura actual*. A Coruña: Deputación Provincial da Coruña.

— (2018). Filosofia e Saudade. A Propósito de Andrés Torres Queiruga. In *CLGS VI* (pp. 93-109).

Agra Romero, M. X. & Rodríguez Rial, N., eds. (2003). *Galiza e Portugal: identidades e fronteiras. Actas do IV Simposio Internacional Luso-Galaico de Filosofía*, Santiago, 28-29 Novembro, 2003. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

Aguirre Baztán, Á. (2001). La construcción del imaginario nacional. In *E&N* (pp. 133-157).

Aller, A. (1947). *Saudade. Emoción de Galicia*. Montevideo: Impresora Uruguaya.

Almeida, G. de (1935). Galliza, patria de cançáo. *Nós*, 135, 46-50.

Almeida, O. T. (2017). *A Obsessão da Portugalidade. Identidade, Língua, Saudade & Valores*. Lisboa: Quetzal Editores.

Alonso Estraviz, I. (2003). Relações de Teixeira de Pascoaes com escritores e intelectuais galegos", disponível in https://agal-gz.org/faq/lib/exe/fetch.php?media=contributos-pgl:relacoes_de_teixeira_de_pascoaes.pdf, acedido a 23 de Novembro de 2023.

Alonso Montero, X. (1974). *Galicia vista por los no gallegos. Cuatrocientos autores: de Estrabón a Laín Entralgo.* Madrid: Ediciones Júcar.

— (1977). *Lengua, Literatura y Sociedade en Galicia*. Madrid: Akal.

— (2000). «O Pelingrino», poema de Otero Pedrayo atribuído a outros autores. *Madrygal,* 3, 9-12.

Álvarez Gallego, G. (1931). Afirmación patriótica. *Nós*, 92, 136-138.

Álvarez Pousa, L. (2008). Prensa. In *DEPG* (pp. 620-640).

Álvarez, B. (1927). Cabanillas. *Galicia Nueva,* 7074, 1.

Álvarez, E. e I. Alonso Estraviz, eds. (1999). *Os intelectuais galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolário*. A Coruña: Ediciós do Castro.

Andrade, L. (2009). Pensamento e actualidade. As revistas no século XX. *Cultura,* 26, 20-49.

Angueira Viturro, A. (2019). *Rexurdimento: a palabra e a idea*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

— (2020). 1916-1936: Nós e Rexurdimento. *Dentro de "Nós. Cadernos Ramon Piñeiro,* 62, 313-328.

Aseguinolaza, F. C. (2010). The European horizon of Peninsular literary historiographical discourses. In *CHLIP I* (pp. 1-52).

Aseguinolaza, F. C. et al., eds. (2010). *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, Vol. I. Amsterdam/Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Augé, M. (2016). *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: Letra Livre.

Axeitos, X. L. (2008). Exilio. In *DEPG* (pp. 437-449).

Bal y Gay, X. (1930). S.O.S. *Pueblo Gallego,* 1828, 1.

Banhos, A. (1994). A Galiza, fronteira de Portugal com Espanha. *Agália,* 39, 259-268.

Barbosa, J. M. (1992). Galiza e Portugal: umha ou duas naçons. *Agália,* 32, 513-524.

Barreiro, J. L. (2001). *Pensar en Galicia. Identidade na Diferencia*. A Coruña: Ediciós do Castro/Publicacións do Seminario de Estudos Galegos.

— (2003). Aquén e alén Miño: identidades e fronteiras. In *SILGF IV* (pp. 55-82).

Barreiro Rivas, X. L. (2008). A Política. In *DEPG* (pp. 600-619).

Barros Puente, M. (2017). A Dimensión Lírica da Saudade. In *CLGS V* (pp. 203-210).

Bell, A. F.-G. (1914). Studies in Portuguese literature. *A Águia II*, 26, 58-64.

— (1916). A Palavra «saudade» en gallego. *A Águia II*, 49, 18-20.

Bello Vázquez, R. (2000). Celtismo e saudade como repertórios míticos en Otero Pedrayo. In *EDRCC* (pp. 91-103).

Beramendi, J. (1981a). *Vicente Risco no Nacionalismo Galego: das orixes á afirmación plena* (Tomo I). Santiago de Compostela: Edicións do Cerne.

— (1981b). *Vicente Risco no Nacionalismo Galego: Escisión – Unidade – Escisión* (Tomo II). Santiago de Compostela: Edicións do Cerne.

— (1997). *El nacionalismo gallego*. Madrid: Arco/Libros, S.L.

— (2007a). Os usos ideolóxicos da etnicidade. Comparación dos nacionalismos galego e español. In *E&N* (pp. 285-311).

— (2007b). *De Provincia a Nación. Historia do Galeguismo Político*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

— (2008). Nacionalismo. In *DEPG* (pp. 551-573).

— (2012). Paz-Andrade no nacionalismo galego de entreguerras. *BRAG,* 373, 47-69.

— (2020a). No nacionalismo galego de anteguerra. *BRAG,* 381, 13-28.

— (2020b). Ollando fóra. *Tempo exterior*, 41, 25-37.

Beramendi, J. G. & Núñez Seixas, X. M. (1996). *O nacionalismo galego*. Vigo: Edicións A Nosa Terra.

Bernárdez, C. L. (2008). Tres modelos de recreación da lírica trobadoresca: Fermín Bouza Brey, Álvaro Cunqueiro e Xosé María Álvarez Blázquez. *BRAG,* 369, 79-87.

Bernárdez, F. L. (1923). Verbas poemáticas: apoloxetica do cadaleito. *Nós*, 18, 7-8.

— (1924). Invocación al Atlántico. *Ronsel,* 1, 10-11.

Blanco Torres, R. (1922a). Abrente. *La Zarpa,* 190, 1.

— (1922b). Poetas de Galicia. *La Zarpa,* 169, 1.

— (1931). Na República. *A Nosa Terra,* 286, 7.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Bobillo, F. J. (1982). Prisciliano y el nacionalismo gallego. In *Prisciliano y el Priscilianismo* (pp. 28-32). Oviedo: Monografías de Los Cuadernos del Norte.

Borges de Castro, A. (1985). *Saudade (Ensaio). Etimologia (árabe), Significação, Antologia*. Porto: Edição do Autor.

Botelho, A. & Teixeira, A. B., orgs. (1986). *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Bouza-Brey, F. (1926c). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a Emilio Mosteiro, Ancla, Madrid. Tip «Numancia», 1926]. *Nós*, 29, 21.

— (1932). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a Carballo Calero, Ricardo – *La Soledad Confusa*, Imprenta Nós, Santiago de Compostela, 1932, 58 páxs, 8º.]. *Nós*, 102, 111-112.

Braga, T. (1871). *Trovadores Galecio-Portuguezes*. Porto: Imprensa Portugueza – Editora.

— (1877). *Parnaso Portuguez Moderno. Precedido de um Estudo da Poesia Moderna Portugueza*. Lisboa: Francisco Arthur da Silva – Editor.

Busto Miramontes, B. (2020). La arquitectura del estereotipo cultural em el cine del régimen franquista: el «Galaiquismo». *Cadernos de Arte e Antropologia,* 9, 111-124.

— (2021). *Um País a la Gallega. Galiza no No-Do franquista*. Santiago de Compostela: Através Editora.

Busto, H. (2008). Aspectos políticos da saudade en Pascoaes. In *CLGS III* (pp. 263-272).

Cabada Vázquez, X. M. (1931e). Festa em San-Iago. *A Nosa Terra,* 286, 8.

Cabanillas Enríquez, R. & Rodríguez González, E. (1920). *A Saudade nos Poetas Galegos*. A Cruña: Tip. "El Noroeste".

Cabanillas, R. (1920). Discurso de Cabanillas. *Temporada en Mondariz, XXXII,* 14, 5-6.

— (1931d). Camiño longo. *La Zarpa,* 3088, 7.

Cabeza de León, S. (1931a), "A Festa Grande da Terra. *Galicia-Diario,* 338, 1.

— (1931b). Encol do Galeguismo. *A Nosa Terra,* 286, 5.

Canedo, J. (1930). A lingüística e o nazonalismo. *Nós*, 84, 236-239.

Carballeira, J. (1928). Invitación/Honras Póstumas. *Pueblo Gallego,* 1340, 1.

— (1934). También nuestros poetas. *Pueblo Gallego,* 3347, 1.

Carvalho Calero, R. (1931d). Ollada encol da poesía lírica galega contemporánea: (leición do Ciclo de Cultura Galega organizada pol-os alunos da Facultade de Filosofía e Letras da Universidade compostelá). *Nós*, 87, 52-59.

— (1932d). Balance e inventario da nosa literatura. *Nós*, 108, 222-223.

— (1932e). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a Eduardo Blanco Amor, *Poema en catro tempos*, Bos Aires, 1931]. *Nós*, 102, 111.

— (1934c). A Xeneración de Risco. *Nós*, 131-132, 182-184.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (1934d). Grorias e perigos da poesía de Bouza Brey. *Nós*, 130, 146-147.
— (1934e). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Bebedeira,* Delgado Gurriarán, Florencio, Nós, vol. LX, Santiago]. *Nós*, 128-129, 142-143.
— (1952). Sobre a personalidade de Ramon Otero Pedrayo. *Seara Nova,* 1254-1255, 85-87, 91.
— (1970). "Nós" onte, hoxe e mañá. *Nós*, 145, 26-27.
— (1987). A ideia da Galiza em Otero Pedrayo. *Agália,* 16, 425-435.
Caro Baroja, J. (1946). *Los Pueblos de España. Ensayo de Etnología*. Barcelona: Editorial Barna, S.A.
— (2004). *El mito del carácter nacional*. Madrid: Caro Raggio.
Carolo Tosar, R. (2018). O Caracter Ontolóxico da Saudade: Ramón Piñeiro e Andrés Torres Queiruga. In *CLGS VI* (pp. 127-134).
— (2022). Tres xeracións unidas pola saudade. *CLGS VII* (pp. 212-224).
Carré Aldao, E. (1921). Portugal e Galicia. *Seara Nova,* 3, 71.
— (1922). O lusitanismo en Galicia. *Seara Nova,* 12, 317.
Carré Alvarellos, L. (1984). Antologias. Da Literatura Galega. In *DL I* (p. 60).
Casas, Á. de las (1931c). Na festa galega. *La Zarpa,* 3088, 1.
— (1931d). Nos roteiros da esquerda galeguista. *A Nosa Terra*, 286, 9.
— (1932b). En precura da realidade galega: a nosa universidade. *Nós*, 97, 13-18.
Casas, A. (2000). A crítica literaria da revista "Nós": pautas de canonicidade sobre a poesía galega coeva. In *EDRCC* (pp. 153-166).
— (2021). *Procesos da historiografía literaria galega. Para un debate critico*. Venezia: Edizioni Ca'Foscari.
Casas, A. M. (1925c). Panteismo. *Nós*, 21, 16.
— (1926c). Xuventude e cultura. *Nós*, 30, 6-8.
— (1928b). Los nuevos poetas de Galicia. *Pueblo Gallego,* 1352, 2.
— (1928c). El poeta Manuel Antonio. *Pueblo Gallego,* 1332, 2.
— (1928d). La nueva literatura gallega. *BOCGA,* 251, 10-12.
— (1930). La novísima poesía gallega. Aportación al estudio de la literatura gallega contemporánea. *La Zarpa,* 2807, 6.
— (1931f). Orazón á fouce. *La Zarpa,* 3088, 7.
— (1933b). Álvaro Cunqueiro y sus ediciones de poesía. *Pueblo Gallego,* 2834, 11.
— (1933c). Nao senlleira. *Pueblo Gallego,* 2909, 10-11.
— (1934d). De mar a mar. *Pueblo Gallego,* 3311, 12.
— (1935b). Esquema da nova poesía galega. *Nós*, 139-144, 115-124.
Casas, V. (1931g). Do momento. *A Nosa Terra.* 286, 7.
— (1935c). Historia sintética do boletín A Nosa Terra. *Nós*, 139-144, 183-185.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Caseiro Nogueira, D. (2020). Preocupacións linguísticas na revista Nós. *Raigame: revista de arte, cultura e tradición populares*, 44, 88-101.

Castelão Mexuto, M. (2017). A Divina Mão da Saudade: Pascoaes nas "Sagas" de Ramón Cabanillas. In *CLGS V* (pp. 164-171).

Castro, R. de (1931). Na catedral. *La Zarpa,* 3088, 6.

Castro del Río, P. (1928). *La saudade y el arte en los pueblos célticos*. Vigo: Imprenta del «El Pueblo Gallego».

Chueca Goitia, F. (1965). Imagen española de Portugal. *OTM I*, 28, 575-585.

Cidade, H. (1970). Saudades de «Nós» e da Galiza. *Nós*, 145, 29-30.

Clúa Ginés, I. (2016). Cultural nationalism and school. In *CHLIP II* (pp. 400-408).

Coelho, J. do P. (1984a). Bretão (O Ciclo). Na Galiza. In *DL I* (p. 126).

— (1984b). Cancioneiro Popular. Em Portugal e na Galiza. In *DL I* (pp. 146-147).

— (1984c). Castro, Rosalía de. In *DL I* (pp. 170-172).

— (1984d). Lusofilia. In *DL II* (pp. 583-584).

— (1984e). Pascoaes, Teixeira de. In *DL III* (pp. 795-798).

— (1984f). Saudade. Na Literatura Portuguesa. In *DL IV* (pp. 1002-1003).

— (1984g). Saudosismo. In *DL IV* (pp. 1005-1008).

— (1984h). Bibliotecas e Arquivos. Na Galiza. In *DL I* (p. 107).

Coimbra, L. (1920). Unha carta de Leonardo Coimbra a Vicente Risco. *Nós*, 3, 3-4.

— (1923). Sobre a Saudade. *A Águia III*, 11-12, 147-164.

Conles Tizado, D. (1993). Eduardo Blanco-Amor: Literatura e emigraçom. *Agália,* 33, 5-10.

Cordeiro Ramos, G. (1956). Unidade indissoluvel da cultura galaico-lusa. *BRAG,* 309-320, 85-90.

Correia, N. (1984). Saudade ou soledad? *OTM III,* 1, 22-24.

Cortés Ahumada, E. (1961). Abeja o mies, ¿es la saudade? *Boletín Cultural y Bibliográfico,* 4, 410-413.

Cortesão, A. A. (1912). Saudade. Breves considerações filológicas. *A Águia II*, 4, 114-117.

Cortezón, D. (1960). *De la Saudade y sus formas*. Vigo: Faro de Vigo.

Cortón do Arroyo, L. (1923). Teixeira de Pascoaes en Madrid: Don Quixote e a Saudade. *Nós*, 18, 10-12.

Costa, D. P. (1996). A Praia Purgatória e a Saudade. In *CLGS I* (pp. 21-26).

Costa, S. J. (1946). O sentimento da saudade em Shakespeare. *Seara Nova,* 1000-1007, 187.

— (1962). «Ainda essa palavra saudade». *Seara Nova,* 1402, 185.

Coutinho, J. (1994). *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes. Estudo hermenêutico e crítico*. Dissertação de Doutoramento em Filosofia apresentada à Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Cristovão, A. (1991). Nacionalismo galego: questões a debater. *Agália,* 26, 233-242.

Cuevillas, J. A. (1922). Un punto de vista do nazonalismo. *Nós*, 11, 2-4.

Cunha, N. F. (2003). A Autonomia Galega na imprensa periódica portuguesa (1932-1937). In *SILGF IV* (pp. 231-303).

Curros Enríquez, M. (1880a). El Milro (traducción del portugués de Guerra Junqueiro). *El Domingo,* 7, 6-7.

— (1880b). Lealtad (del portugués de Guerra Junqueiro). *El heraldo gallego* 367, 44-46.

— (1931). Loubanza. *La Zarpa,* 3088, 7.

Dantas, J. (1934). Galicia y la Saudade. *Eco de Galicia,* 372, 28.

Delgado Gurriarán, F. (1931). Ouvindo o nosso Hino. *A Nosa Terra,* 286, 8.

Diéguez Cequiel, U.-B. (2022). Irlanda e o Celtismo para as xentes da Revista *Nós*. In *CLGS VII* (pp. 233-242).

Dieste, R. (1981). *Antre a terra e o ceo. Prosas da mocedade (1925-1927)*. Sada: Ediciós do Castro.

Dieste, R. & Otero Espasandín, J. (1927). Coincidenzas. *Eco de Galicia,* 315, 40.

Dimas, S. (2022). A Saudade Panteísta em Daniel Cortezón Álvarez. In *CLGS VII* (pp. 225-232).

Domínguez, C. (2010). Historiography and the geo-literary imaginary. The Iberian Peninsula: Between *Lebensraum* and *espace vécu*. In *CHLIP I* (pp. 53-132).

Domínguez, C. et al., eds. (2016). *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, Vol. II. Amsterdam/Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company.

Epifânio, R. (2022). Nos 100 anos da *Teoria do Nacionalismo Galego*, de Vicente Risco & do Saudosismo ao Sebastianismo (*in memoriam* de Pinharanda Gomes). In *CLGS VII* (pp. 203-211).

Félix, C. (1974). Possibilidades do galego. *Seara Nova,* 1539, 22-23.

Fabra Barreiro, G. (1977). *El discurso interrumpido*. Madrid: Akal.

Fernández Cerviño, M. X. (2020). A resiliencia das xentes de *Nós*. In *Galicia, de Nós a nós* (pp. 200-211). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Cultura, Educación e Universidade/ Fundación Cidade da Cultura de Galicia.

Fernández del Riego, F. (1933a). Galeuzca. As nacionalidades ibericas en pe. *A Fouce,* 64, 3.

— (1933b). Indice cultural e artístico do Renacimiento galego. *Nós*, 117, 184-188.

— (1933c). Indice cultural e artístico do Renacimiento galego: (proseguimento). *Nós*, 118, 224-228.

— (1933d). Indice cultural e artístico do Renacimiento galego: (remate). *Nós*, 119, 241-243.

— (1934). Tres Xeneraciós Literarias. *Pueblo Gallego,* 3322, 1.

— (1935). Esprito político e forma cultural da nova Galicia: notas pra unha xuventude nacionalista nosa. *Nós*, 139-144, 145-153.

— (1995a). *Pensamento galeguista do século XIX*. Vigo: Editorial Galaxia.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (1995b). *Pensamento galeguista do século XX*. Vigo: Editorial Galaxia.

— (2000). Álvaro Cunqueiro Mora. *BRAG,* 361, 284.

Fernández Fernández, J. (2020). A revista Nós e a cuestión educativa. *Raigame: revista de arte, cultura e tradición populares*, 44, 74-87.

Fernández Neira, S. (1896). Los orígenes del gallego. *Revista gallega,* 45, 3.

Fernández-Oxea, X. R. [Ben-Cho-Shey] (1977). *Galicia no Corazon.* A Coruña: Edicións do Castro.

Fernández-Velho, P. (1995). Galiza-Gallaecia-Portugal: umha realidade negada. *Agália,* 43, 285-297.

Figueroa, A. (2001). *Nación. Literatura, Identidade. Comunicación literaria e campos sociais em Galicia*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

Figueroa, A. & Torres Feijó, E. J. (2016). Galician literature and the imaginary: Functions and problems. In *CHLIP II* (pp. 11-19).

Filgueira Valverde, X. (1927a). A paisaxe no Cancioneiro da Vaticana: estraito do traballo anual presentado ó Seminario de Estudos Galegos no ano 1925-1926. *Nós*, 37, 5-8.

— (1927b). A paisaxe no Cancioneiro da Vaticana (proseguimento). *Nós*, 38, 10-14.

— (1931). Sobre as cantigas de Martín Codax. *Nós*, 92, 134-135.

Filippi, S. (1981). *A Saudade. Apontamentos para um Estudo*. Porto: Lello & Irmão – Editores.

Florencio, C. (1931). No dia de Galicia. *Ideal Gallego,* 3608, 3.

Fraguas Fraguas, A. (1970). Aquilino Iglesias Alvariño. *BRAG,* 352, 454-460.

Franco, A. C. (1996). As Coincidências da Saudade. Elementos para uma Retórica da Saudade. In *CLGS I* (pp. 37-44).

— (2004). Da filosofia à mitologia da saudade. *Cadernos Vianenses,* 34, 65-70.

— (2012). Exórdio a uma Mitologia da Saudade. In *CLGS IV* (pp. 19-29).

— (2016). Pascoaes ibérico. In *TP2* (pp. 33-40).

Freixeiro Mato, X. R. (2000). Noriega Varela, poeta lusófilo. In *EDRCC* (pp. 275-299).

Freixeiro Mato, X. R. & Pillado Mayor, F. (1996b). A poesía e o teatro interseculares. In A. Ansede Estraviz & C. Sánchez Iglesias (Coords.), *Historia da Literatura Galega. El siglo XX. La literatura anterior a la Guerra Civil* (Tomo XXXII, pp. 513-544). Vigo: Asociación Socio-Pedagóxica Galega.

Fuentes Canal, M. (1923). Do cançoneiro Colocci-Brancuti. Cantigas de Nuneannes Cerseo. *Nós*, 15, 10.

Gallego, J. F. (1920a). El poeta de la montaña orensana. *La Región,* 3204, 1.

— (1920b). El poeta de la montaña. Antonio Noriega Varela. *Vida Gallega,* 158, 29-30.

García de la Riva, L. (1931). Al cumplirse un año. La muerte del poeta Manuel Antonio. *Compostelano,* 3248, 1.

García Martí, V. (1956). Saudade. *BRAG,* 309-320, 166-168.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

García Piqueras, I. (1997). La revista «Nós» y el vínculo atlantista. *RFR,* 14/2, 143-149.

García Sabell, D. (1953). La Saudade por dentro. In *La Saudade* (pp. 41-61).

García Soto, L. (2008). Saudade (Isolamento-Sociabilidade) em Eduardo Pondal. In *CLGS III* (pp. 241-252).

— (2012). Saudades Galegas. In *CLGS IV* (pp. 259-267).

— (2015). *Meditação sobre a Saudade. Uma demanda e uma proposta filosóficas*. Sintra: Zéfiro.

— (2017). A Saudade dos Mortos. In *CLGS V* (pp. 152-163).

— (2018). Sobre Andrés Torres Queiruga e a Saudade. In *CLGS VI* (pp. 81-92).

— (2022). A Saudade: da Sombra Branca à Negra Sombra. In *CLGS VII* (pp. 131-140).

Gómez Blanco, C. J. (1989). Reflexons sobre a crítica literária actual. *Agália,* 19, 321-329.

Gonçalves Viana, M. (1927). Literatura gallega vista desde Portugal. *Vida Gallega,* 349, 11-13.

González Alegre, R., ed. (1954). *Poesía gallega contemporánea.* Pontevedra: Col. Huguin.

González Fernández, A. (1997). Antropoloxía da Saudade en Castelao. *Adaxe,* 13, 117-131.

— (2008). *O espírito e a lama das formas: a filosofía de Nós. Risco, Castelao, Otero Pedrayo*. Santiago de Compostela: Baía.

— (2009). Portugal e o pensamento centroeuropeo na galega Xeración Nós. *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro. Actas do I Congresso Internacional* (Vol. II, pp. 263-293). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

— (2024). A dualidade ideal-romántica nos autores da galega Xeración Nós. In *CLGS VIII* (pp. 208-230).

González López, E. (1984). López Abente, Gonzalo. In *DL II* (p. 57).

González Reboredo, X. M. (2001). A construcción de referentes de identidade etno-nacional. Algunhas mostras sobre Galicia. In *E&N* (pp. 201-247).

González Salgado, E. (1925). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Escuma e Brétemas. Versos gallegos,* por Lisardo R. Barreiro]. *Nós,* 24, 20.

González-Millán, X. (1995). O discurso literario galego e a configuración dun espacio público nacional no primeiro tercio do século XX: un marco de reflexión. In Casas, A. (Ed.), *Tentativas sobre Dieste* (pp. 67-81). Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.

Grandío Seoane, Emilio (2010). *A Segunda República em Galicia. Memoria, mito e historia*. Vigo: Edicións Nigra Trea.

Guerra da Cal, E. & Lugrís, R. (1984). Contemporâneos. Na Galiza. In *DL I* (pp. 204-209).

Guerra da Cal, E. (1984a). Amado Carballo, Luís. In *DL I* (p. 46).

— (1984b). António, Manuel. In *DL I* (p. 61).

— (1984c). Bibliografia Geral. Da Literatura Galega. *DL I*, 103-104.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (1984d). Bilinguismo. Na Literatura Galega (Escritores galegos que escreveram em castelhano. In *DL I* (pp. 110-111).
— (1984e). Bouza Brey, Fermín. In *DL I* (p. 118).
— (1984f). Cabanillas Enríquez, Ramón. In *DL I* (p. 131).
— (1984g). Curros Enríquez, Manuel. In *DL I* (pp. 245-246).
— (1984h). Emigração. Na Literatura Galega. In *DL I* (p. 284).
— (1984i). Folclore. Na Literatura Galega. In *DL II* (pp. 345-346).
— (1984j). Iglesia Alvariño, Aquilino. In *DL II* (pp. 453-454).
— (1984k). Influência Portuguesa na Literatura Galega. In *DL II* (pp. 491-492).
— (1984l). Martínez Risco, Vicente. In *DL II* (pp. 610-611).
— (1984m). Murguia, Manuel Martínez. In *DL II* (pp. 682-683).
— (1984n). Pimentel, Luís. In *DL III* (p. 827).
— (1984o). Noriega Varela, Antonio. In *DL III* (pp. 736-737).
— (1984p). Otero Pedrayo, Ramon. In *DL III* (pp. 778-779).
— (1984q). Pondal y Abente, Eduardo. In *DL III* (p. 841).
— (1984r). Renascimento Galego (Século XIX). In *DL III* (pp. 921-923).
— (1984s). Rodríguez Castelao, Alfonso. In *DL III* (pp. 949-950).
— (1984t). Saudade. Na Literatura Galega. In *DL IV* (pp. 1003-1004).
Guimarães, F. (1988). *Poética do Saudosismo*. Lisboa: Editorial Presença.
Guisado, A. P. (1922). Galiza e Portugal. *Seara Nova,* 6, 148.
Harrington, Th. (2001). Risco y Portugal: Contactos anteriores a la época de la Teoría do nacionalismo galego y la revista Nós. *Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca, 7*, 247-262.
— (2010). The hidden history of tripartite Iberianism. In *CHLIP I* (pp. 138-162).
Iglesia Alvariño, A. (1933c). Norièga Varèla, poeta da montaña: conferencia pronunciada no "Centro o. de Cultura" do Ferrol. *Nós*, 110, 26-31.
— (1934c). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *O Silencio Axionllado*, por R. Carballo Calero, Nós, vol. LXI, Santiago (1931-1934)]. *Nós*, 130, 158-159.
— (1935b). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Triángulo Isósceles* – Poemas – por Francisco de Fientosa – Imp. Torrent, Madrid, 1934]. *Nós*, 133, 20.
Jácomo, A. (2007). *O Édipo Iberista. Teoria Assimptótica do Iberismo Filosófico. Um paradigma da especificidade filosófica da Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
Keating, M. (2001). How historic are historic rights? Competing historiographies and the struggle for political legitimacy. In *E&N* (pp. 45-81).
Lamas Carvajal, V. (1931). O falar das fadas. *La Zarpa,* 3088, 6.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Landeira, R. (1970). *La Saudade en el Renacimiento de la Literatura Gallega*. Vigo: Editorial Galaxia.

Lamenú, J. (1930a). Nuevos poetas y nuevos libros. *Compostelano,* 3005, 2.

— (1930b). Nuevos poetas y nuevos libros. *Vida Gallega,* 448, 50.

Lapa, M. R. (1929). Misticismo e heresia nos trovadores galego-portugueses. *Seara Nova,*188, 307-310.

— (1932a). Castelao e a Galiza. *Nós*, 105, 165-168.

— (1932b). Castelao e a Galiza. *Seara Nova,* 309, 327-330.

— (1992). Sobre o problema da Galiza, da sua cultura e seu idioma. *Agália,* 29, 123-127.

Leão, F. da C. (1952). Valor da afinidade luso-galega. *Ler,* 6, 7.

— (1992). *O enigma português*. Lisboa: Guimarães Editores.

Lebesgue, Ph. (1913a). A Renascença Portuguesa no estrangeiro. *A Vida Portuguesa,* 19, 151-152.

— (1913b). Lettres Portuguaises. *A Águia II*, 22, 127-128.

— (1920). As letras galegas em Francia: poetas de Galizia. *Nós*, 1, 9 pp. -11.

Lema Vázquez, M. (1918). Alento d'a Raza. *Eco de Galicia,* 69, 14-15.

Lemos, J. (1930). D'o Ermo. *Ideal Gallego,* 3185, 3.

Lesteiro, M. (1931). Perspectivismo: esprito e lingoa. Nós, 90, 98-100.

— (1935). Paisaxe i-esprito. *Nós*, 137-138, 90-93.

Liste Mourenza, S. (1922). Um libro de Victoriano Taibo. *Galicia*, XXI, 6, 7-8.

Lóia, L. (2022). Nós e a Terra: o imaginário social de Nação em Vicente Risco. In *CLGS VII* (pp. 116-124).

Lopes, G. V. (2010). Galician-Portuguese as a literary language in the Middle Ages. In *CHLIP I* (pp. 396-412).

Lopes, T. R. (1990). *Pessoa por conhecer. Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa.

López, A. (1931), "En el Día de Galicia. Galicia y el centralismo. *Galicia-Diario,* 338, 1.

López Abente, G. (1931b). Alén. *A Nosa Terra,* 286, 2.

López Castro, A. (2000). El sentido de la interioridade em Rosalía de Castro. In *EDRCC*, (pp. 363-377).

López Cuevillas, F. (1921). Do nosso tempo: o silenzo das musas. *Nós*, 6, 16-17.

— (1924). A cultura galega. *A Nosa Terra,* 203, 10.

— (1931). Pro Porvir. *A Nosa Terra,* 286, 6.

López-Casanova, A. (2015). Filgueira Valverde e o seu tempo. Apuntamentos para un retrato. *BRAG,* 376, 1 pp. 3-26.

López Sández, M. & X. Núnez Sabarís (2022). Portugal en el proyecto cultural gallego de las primeras décadas del siglo XX: visualización mediante SIG de su presencia en las revistas gallegas de vanguardia. In *LIS* (pp. 173-185).

López Silvestre, F. (2008). Estética. In *DEPG* (pp. 412-436).

López, T. (1997). *O neotrobadorismo*. Vigo: Edicións A Nosa Terra.

USC UNIVERSIDADE DE COMPOSTELA

— (2015). Cantares antigos e vellas ermidas: a poesía de Filgueira Valverde. *BRAG,* 376, 59-71.

Lorenzana, S. (1953). Teorias Interpretativas da Saudade. In *La Saudade* (pp. 155-194).

Losada Diéguez, A. (1930). A sinificación profunda do galeguismo. *Nós*, 75, 41-42.

Lugrís Freire, M. (1931). Abrente. *A Nosa Terra,* 286, 3.

Maciñera y Pardo, D. (1899). A través de Portugal (Notas de Viaje). *Revista gallega,* 246, 3-4.

Magalhães, A. (1950). O Pensamento de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa de Filosofia,* 6, 3-10.

— (1951). A Filosofia da Saudade. Notas à margem do Congresso Luso-Espanhol. *Revista Portuguesa de Filosofia,* 7, 59-70.

— (1955). Metafísica e Saudade. *Revista Portuguesa de Filosofia,* 11, 282-289.

— (1956). A Perenidade do Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa de Filosofia,* 12, 337-359.

— (1960). O Poeta-Filósofo Teixeira de Pascoaes. *Revista Portuguesa de Filosofia,* 16, 174-184.

Magariños Negreira, X. M. (1932). O monte sagrado dos celtas. *Nós*, 107, 198-199.

Mainer, J.-C. (2010). The dialogue of Iberian literary nationalism (1900-50). In *CHLIP I* (pp. 641-652).

Máiz, R. (1997). *A idea de Nación*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

— (2001). Nationalism and political mobilization: a multidimensional analysis of nation-building. In *E&N* (pp. 83-132).

Manteiga, L. (1934a). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *De Mar a Mar*, poemas, por Feliciano Rolán, Madrid, 1934]. *Nós*, 130, 159.

— (1934b). Un poeta. *Nós*, 121, 12-14.

— (1935). Retorno á paisaxe: conferencia leída no grupo de Ourense do Partido Galeguista. *Nós*, 133, 12-19.

March, K. N. (2000). Xurdimento e natureza das vanguardas em Galiza. In *EDRCC* (pp. 415-423).

Marco López, A. (1990). As Relaçons luso-galaicas através de duas revistas literárias de anteguerra: «Ronsel» e «Resol». *Agália* 23, 307-311.

Mariño Ferro, X. R. (2008). Antropoloxía. In *DEPG* (pp. 329-350).

Mariño, X. C. (1978). No dia das letras galegas. *Seara Nova,* 1593, 36-37.

Martínez López, R. (1926a). Divulgación folcklórica: a vida na Bretaña. *Nós*, 33, 14-15.

— (1926b). Nota bibliográfica: presentada ao "Seminario de Estudos Galegos" na xuntanza do 6 de febreiro. *Nós*, 28, 6-7.

— (1926c). Unha poesía inédita e autógrafa do nosso bardo. *Nós*, 36, 3.

— (1927). Os homes, os feitos, as verbas [Luis Amado Carballo]. *Nós*, 45, 16.

Martínez Quintanar, M. Á. (2017). Plácido Castro: unha Achega á Saudade. In *CLGS V* (pp. 194-202).

— (2018). Saudade: Entre Fenómeno e Acontecemento (Deriva sobre a Saudade a Partir da Lectura de Andrés Torres Queiruga). In *CLGS VI* (pp. 110-121).

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Martínez-Gil, Victor (2017). A Saudade portuguesa e a *enyorança* catalã: um exemplo de aproximação entre nacionalismos na área ibérica. In S. C. Matos & L. B. Chorão (Coords.), *Península Ibérica. Nações e Transnacionalidade entre Dois – XIX e XX* (pp. 249-273). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.

Martínez-Risco Daviña, L. (2022). Portugal e a Saudade. In *CLGS VII* (pp. 125-130).

Martins, J. P. de O. (1891). [Carta] Lisboa 2 de Junho de 1891. *La Patria Gallega*, 5, 9.

— (s/d.). *História da Civilização Ibérica*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Mascato Rey, R. (2022). Apuntes para un estudio sociológico de las relaciones culturales gallego-portuguesas en la primera mitad del XX: *Vida Gallega* y Jaime Solá. In *LIS* (pp. 187-202).

Mato Fondo, M. (1996). A obra literaria de Eduardo Pondal. In A. Ansede Estraviz & C. Sánchez Iglesias (Coords.), *Historia da Literatura Galega*. *El siglo XX. La literatura anterior a la Guerra Civil* (Tomo XXXII, pp. 417-448). Vigo: Asociación Socio-Pedagóxica Galega.

Medeiros, A. (2021). Discurso nacionalista e imagens de Portugal na Galiza. In *GEN* (pp. 113-146).

Mendes, A. T. (2022). Leonardo Coimbra: Da colaboração na «Nós» à Galiza Reencontrada. In *CLGS VII* (pp. 23-39).

Miguélez-Carballeira, H. (2013). *Galicia, a Sentimental Nation. Gender, Culture and Politics*. Cardiff: University of Wales Press.

Millán Otero, X. M. (1996). O anuncio dos tempos novos: Ramón Cabanillas. In A. Ansede Estraviz & C. Sánchez Iglesias (Coords.), *Historia da Literatura Galega*. *El siglo XX. La literatura anterior a la Guerra Civil* (Tomo XXXII, pp. 545-576). Vigo: Asociación Socio-Pedagóxica Galega.

Miragaia, M. (1990). A realidade portuguesa no pensamento galeguista. *Agália,* 23, 269-288.

Molina, C. A. (1989). *Prensa literaria em Galicia (1920-1960)*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

Monteagudo, H. (2020). Ricardo Carballo, o grupo Galaxia e a Academia. Políticas da lingua en tempos adversos (1950-1975). *BRAG,* 381, 195-227.

Montero, X. A. (1953). Filoloxía e historia cultural da verba Saudade. In *La Saudade* (pp. 119-127).

Mora, E. (1922). La sensación del momento: el alma romântica de Portugal. *Contemporânea,* 4, 15-16.

Mordrel, O. (1932). Hora d'unha raza. *Nós*, 102, 94-97.

Moutinho, J. V. (1973). *Introdução ao Nacionalismo Galego*. Porto: Paisagem.

Natário, M. C. et al., coord. (2008). *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade. Em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*. Sintra: Zéfiro.

Neves, M. (2021). O Galego (in)visível. Inquérito sobre a visibilidade da Galiza e do Galego em Portugal. In *GEN* (pp. 191-212).

Nieto Pena, X. (1935). En torno a la Poesía gallega. Álvaro Cunqueiro y lo racial. *Pueblo Gallego,* 3372, 6.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Noguerol Buján, A. (1930). Notas políticas. *Nós*, 81, 174-175.

Noriega Varela, A. (1931). Nosa fala. *La Zarpa,* 3088, 6.

Noronha, M. T. (2007). *A Saudade. Contribuições Fenomenológicas, Lógicas e Ontológicas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Novo, O. (1920). D'o Ermo (Poesias gallegas por Antonio Noriega Varela). *Vida Gallega,* 160, 12-13.

— (1926). Crítica de libros. *Vida Gallega,* 293, 9-11.

Nunes, J. J. (1919). Unha visita moi interesante. *A Nosa Terra,* 99, 1-2.

— (1931). Galiza e Galicia. *BRAG,* 235-240, 308-312.

Núñez Búa, X. (1926). Cantos populares da Bretaña. *Nós*, 31, 31-32.

— (1970). 1918: NÓS. *Nós*, 145, 44-46.

Núñez Sabarís, X. (2022). Portugal en las revistas gallegas de la primera mitad del siglo XX. In *LIS* (pp. 169-172).

Núñez Seixas, X. M. (1992). A correspondencia de Vicente Risco con Teixeira de Pascoaes. *Grial,* 113, 61-77.

— (1993). Portugal e o Galeguismo até 1936. Algumas Considerações Históricas. *Penélope. Fazer e Desfazer a Trama,* 11, 67-81

Odartey-Wellington, D. (2016). Inter(-in)ventions: Images of national identity in the literatures of the Iberian Peninsula. In *CHLIP II* (pp. 5-10).

Otero Espasandín, X. (1928b). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *De catro a catro*, poemas de Manuel Antonio, A Cruña, Editorial Nós, 1928]. *Nós*, 58, 190-191.

Otero Pedrayo, R. (1925a). Os poetas atlánticos. *Nós*, 23, 2-3.

— (1925b). Temas compostelanos. *Nós*, 19, 16-18.

— (1926a). Meditaciós de Sant'Yago. *Nós*, 31, 2-6.

— (1926b). O mes de Santos nos pobos celtas. *Nós*, 36, 2-3.

— (1926c). Ulysses: (anacos da soadesima novela de James Joyce). *Nós*, 32, 3-11.

— (1927b). Meditaciós composteláns: trivium e quatrivium. *Nós*, 43, 5-9.

— (1927c). Notas encol da paisaxe romântica. *Nós*, 38, 8-10.

— (1927d). O século XIX: unha vida. *Nós*, 42, 6-9.

— (1928a). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *De catro a catro*, poemas de Manuel Antonio, A Cruña, Nós, 1928]. *Nós*, 55, 137.

— (1928b). Un ensaio encol do tempo d'hoxe. *Nós*, 57, 164-167.

— (1929a). As sombras nais. *Nós*, 67, 122-123.

— (1929b). Do século XIX: un latrofaccioso. *Nós*, 64, 63-65.

— (1930a). A siñificación espiritoal do Día da Galiza. *Nós*, 80, 152-154.

— (1930b). Notas encol do sentimento da paisaxe n'antiga epopeya irlandesa. *Nós*, 81, 176-178.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (1930c). Un poeta novo. *Pueblo Gallego,* 1895, 1.
— (1931a). O esprito mozo da Galiza. *BRAG,* 235-240, 312-317.
— (1931b). *Romantismo, saudade e sentimento da Raza e da Terra en Pastor Díaz, Rosalía de Castro e Pondal. Discurso de Ingreso na Academia Gallega coa contesta do académico V. Risco*. Santiago: Nós, Pubricacións galegas e Imprenta.
— (1931c). Nazonalismo e Federalismo. *A Nosa Terra,* 286, 2.
— (1932). *Morte e Resurreición*. Ourense: Alaúda.
— (1933). Ensaios encol do estilo da paisaxe. *Nós*, 113, 84-90.
— (1934). Occitania e Atlántida: motivos. *Nós*, 128-129, 127-131.
— (1982). *Ensaio Histórico sobre a Cultura Galega*. Vigo: Editorial Galaxia.
Otro Fernández (1896). Los Orígenes del Gallego. *Revista gallega,* 47, 2-3.
Padilha, L. C. (2010). On Lusism and Lusofonia. From identitarian reinforcement to mapping of difference. In *CHLIP I* (pp. 163-182).
Pallarés, P. (2020). Poesía e ficcións do eu. *BRAG,* 381, 137-163.
Palleiro, B. F. (1934). A literatura portuguesa e Galiza. *A Fouce,* 74, 2.
Pardo Bazán, E. (1888). *De mi tierra*. La Coruña: Tipografía de la Casa de Misericordia.
Pardo de Neyra, X. (2009). *A Época Nós. O estudo da literatura galega desde a periodoloxía literaria: problemas de crítica literaria, método e aplicación*. Ferrol: Edicións Embora.
Pascoaes, T. de (1912a). O Saudosismo e a Renascença. *A Águia II*, 10, 113-115.
— (1912b). Renascença. *A Águia II*, 1, 33-34.
— (1921). Relaciones galaico-lusitanas. *La Región,* 3428, 2.
— (1927). *Livro de Memórias*. Coimbra: Livraria Atlântida.
— (1971). A alma ibérica (inédito de Teixeira de Pascoaes). *Colóquio / Letras,* 1, 48-57.
— (1987). *Os Poetas Lusíadas*. Lisboa: Assírio & Alvim.
— (1988). *A Saudade e o Saudosismo*. Lisboa: Assírio & Alvim.
— (1989). *Napoleão*. Lisboa: Assírio & Alvim.
— (1993). *Arte de Ser Português*. Lisboa: Assírio & Alvim.
— (1999). *Verbo Escuro.* Lisboa: Assírio & Alvim.
Pascoaes, T. de & V. Risco (2012). *Epistolário*. Allariz: Publicacións da Fundación Vicente Risco.
Patrício, M. F. (2012). Mitologia, Fenomenologia, Ontologia da Saudade. Um Itinerário Ascendente e Aprofundante. In *CLGS IV* (pp. 11-18).
Paz-Andrade, V. (1930). A nosa definición autonomista. *Nós*, 80, 159-164.
Pazos Jiménez, M. (1930). Manuel Antonio, al outro lado. *Pueblo Gallego,* 1825, 9.
Pazos-Justo, C. (2010). *Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)*. Ames: Edicións Laiovento.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (2016). *A imagem da Galiza em Portugal. De João de Redondella a Os galegos são nossos irmãos*. Santiago de Compostela: Através Editora.

— (2019). Confluências e *ruídos*. Contributos para o entendimento das relações culturais galego-portuguesas na atualidade. In *PEN* (pp. 189-207).

Pedret Casado, P. (1933). Das origens da poesía lírica en Portugal por M. Rodrigues Lapa. *Nós*, 119, 232-234.

Peña Novo, L. (1921). Nacionalismo e democracia: ensayos políticos. *Nós*, 4, 12-15.

Pena, X. R. (2008). Xosé María Álvarez Blázquez, canonizador e investigador da literatura galega. *BRAG,* 369, 201-207.

Pepiño, A. de (1931). Rosalía de Castro. Soneto. *Galicia-Diario,* 338, 1.

Pereira, H. M. (2015). *Guerra Junqueiro. Fragmentos de Unidade Polifónica*. Maia: Edições Cosmorama.

Pereira, R. (2012). Maleita de amor. Ensaio sobre sentimentos e afectos na antiguidade clássica. *Agália,* 106, 79-101.

Pereiro, X. (2020a). A identidade pós-nacional galega", disponível em https://praza.gal/opinion/a-identidade-pos-nacional-galega, acedido a 11 de Abril de 2023.

— (2020b). Os mitos da identidade nacional galega", disponível em https://praza.gal/opinion/os-mitos-da-identidade-nacional-galega, acedido a 11 de Abril de 2023.

Pérez Isasi, S. (2017). Nacionalismos políticos y renacimientos literarios: apuntes para una perspectiva ibérica. In S. C. Matos & L. B. Chorão (Coords.), *Península Ibérica. Nações e Transnacionalidade entre Dois Séculos – XIX e XX* (pp. 231-248). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.

Pérez Prieto, V. (1988). *A Xeración "Nós". Galeguismo e relixión*. Vigo: Editorial Galaxia.

— (2008). Relixión. In *DEPG* (pp. 641-665).

— (2017). *Prisciliano, um cristão livre. O seu eco na cultura galaico-portuguesa*. Vila Nova de Famalicão: Editorial Novembro.

Pessoa, F. (1912a). A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico. *A Águia II,* 9, 86-94.

— (1912b). A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada. *A Águia II,* 4, 101-107.

— (1912c). Nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico. *A Águia II*, 11, 153-157.

— (1912d). Nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico. *A Águia II*, 12, 188-192.

— (2018). *Sobre a Arte Literária*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Pim, J. E. (2012). A Saudade Galego-Portuguesa no Quadro Mitológico Europeu: Uma Interpretação Antropológica do Messianismo Atlântico. In *CLGS IV* (pp. 250-258).

Piñeiro, R. (1953). Pra unha filosofía da Saudade. In *La Saudade* (pp. 11-39).

— (1982). Das relacións culturais galego-portuguesas. *Nova Renascença,* 8, 327-330.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (2009a). *Filosofía da Saudade*. Vigo: Editorial Galaxia.

— (2009b). *O espertar da conciencia galega. Galeguismo, cultura e identidade. Ensaios e artigos dispersos (1950-1990)*. Vigo: Editorial Galaxia.

Ponte Hernando, F. J. (2018). A Saudade no Pensamento e na Obra de D. Roberto Novoa Santos. In *CLGS VI* (pp. 159-166).

Portal Fradejas, J. (1922). Poetas gallegos. Victoriano Taibo. *Compostelano,* 826, 2.

Portela Valladares, M. (1923). Encol da lingoa galega. *Nós*, 17, 2-6.

— (1926). Boreas. *Nós*, 32, 2.

Queirós, A. J. (2008). Saudade. In Vaz, R. (Coord.), *Os galegos nas letras portuguesas* (pp. 191-192). Lisboa: Pangeia.

Quental, A. de. (2017). *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos três últimos séculos. Discurso pronunciado na noite de 27 de Maio na Sala do Casino Lisbonense*. Lisboa: Tinta-da-China.

Quiroga, C. (2016). *A imagem de Portugal na Galiza*. Santiago de Compostela: Através Editora.

Rábade Paredes, X. (1993). A Literatura no ensino obrigatório. *Revista Galega de Educación,* 18, 72-76.

Real, M. (2008). Dalila Pereira da Costa, pensadora da história mítica da cultura portuguesa. In *CLGS III* (pp. 127-148).

— (2017). O Profetismo Laico em Teixeira de Pascoaes – A Saudade. In *TP2* (pp. 41-50).

Regueira, M. (2020). O vínculo atlántico-céltico de *Nós* e a súa persistência no galeguismo de posguerra. *Tempo exterior*, 41, 49-62.

Reimunde Noreña, R. (1991). O mar de Cunqueiro. *Agália,* 25, 69-83.

Resende, N. (2021). «Pobre Galego?». Ideia e representação dos imigrantes galegos na literatura de viagens, em Portugal de Oitocentos. In *GEN* (pp. 147-170).

Ribera i Rovira, I. de L. (1912a). A educação dos povos peninsulares. *A Águia II*, 8, 52-58.

— (1912b). *A educação dos povos peninsulares*. Pôrto: Edição da Renascença Portuguesa.

— (1923). Guerra Junqueiro e a fraternidade ibérica. *A Águia III*, 13-14, 12-16.

Risco, V. (1918). Prosas Galeguistas. *A Nosa Terra,* 72, 4.

— (1919). A nova Galicia fala á Portugal. *Atlântida,* 42-43, 659-662.

— (1920a). Galizia céltiga. *Nós*, 3, 5-14.

— (1920b). O sentimento da terra na raza galega. *Nós*, 1, 4-9.

— (1920c). *Teoria do Nacionalismo Galego*. Ourense: La Región.

— (1921a). Galizia céltiga: concrusión. *Nós*, 5, 6-12.

— (1921b). Irlanda e Galiza. *Nós*, 8, 18-20.

— (1921c). O "Maráno" de Teixeira de Pascoaes. *Nós*, 5, 2-3.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (1922a). Cultura e Natura. *A Águia III*, 5, 149-151.
— (1922b). Sección de Bibliografía. *Temporada en Mondariz*, XXXIV, 5, 2.
— (1923). A estrela do apostolo. *Nós*, 18, 8-9.
— (1925a). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Latexos*, por José Rey González, Pontevedra, 1925]. *Nós*, 22, 16.
— (1925b). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *D-Outono*, por Gonzalo López Abente, Editorial Ronsel, Cruña, 1924]. *Nós*, 19, 19.
— (1926b). Da renacencia céltiga: a moderna literatura irlandesa. *Nós*, 26, 5-9.
— (1926c): "Da renacencia céltiga: a moderna literatura irlandesa: (proseguimento). *Nós*, 27, 4-12.
— (1926d). Da renacencia céltiga: a moderna literatura irlandesa: (proseguimento). *Nós*, 28, 2-5.
— (1926e). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Lóstregos*, por Antonio Couceiro Freijomil, Ourense, 1925]. *Nós,* 25, 18.
— (1926f). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Na noite estrelecida*, por Ramón Cabanillas, Mondariz-Balneario, 1926]. *Nós,* 29, 19-20.
— (1926g). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *O bendito San Amaro*, por Cabanillas e Castelao, Editorial "Lar", Mondariz-Balneario, 1926]. *Nós,* 30, 19.
— (1926h). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *No desterro*, por Ramón Cabanillas, Biblioteca lírica "Lar", A Cruña]. *Nós,* 30, 19.
— (1926i). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Romanceiro Compostelá*, por Avelino Gómez Ledo, Madrí, 1926]. *Nós,* 30, 19.
— (1927c). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Ardencias*, por Manuel Lugrís Freire, Cruña, 1927]. *Nós*, 41, 12.
— (1927d). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Rosa de Cen Follas*, por Ramón Cabanillas, Mondariz-Balneario, 1927]. *Nós*, 42, 15.
— (1928a). Da Galiza Renascente. *A Águia IV*, 1-2, 9-18.
— (1928b). Da Galiza Renascente. *A Águia IV*, 3, 80-90.
— (1928c). Da Galiza Renascente. *A Águia IV*, 4-5, 106-112.
— (1928d). Ensaio d'um programa pr'o estudo da literatura popular galega. *Nós*, 56, 142-155.
— (1928e). Letras Galegas. *A Águia IV*, 4, 191-192.
— (1928f). Memorias de pouco tempo. *Nós*, 58, 182-184.
— (1928g). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Oraciós Campesiñas*, por Eladio Rodríguez González, A Cruña, 1927]. *Nós*, 50, 38.
— (1928h). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Trinitarias (poesías)*, por R. Carballo Calero, Ferrol, 1928]. *Nós*, 51, 59.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (1929). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Cantigas e Verbas ao Ar*, por Xulio Sigüenza, A Cruña, Nós, 1928]. *Nós*, 64, 73-74.
— (1933). Nós, os inadaptados. *Nós*, 115, 115-123.
— (1934). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Con prisma azul, versos*, por José Luís Parente, Orense, 1933]. *Nós*, 122, 37.
— (1935a). A lenda do Graal. *Nós*, 139-144, 176-182.
— (1935b). Pra a autocrítica d'unha geración. *Seara Nova,* 425, 262-263.
Rodríguez, M. P. (1931). ¡Érguete e loita! *Galicia-Diario,* 338, 2.
Rodríguez Castelao, A. (1951a). A unión galaico-portuguesa. *Seara Nova,* 1204-1207, 439-440.
— (1951b). O caráiter galego. *Seara Nova,* 1204-1207, 438.
— (1951c). O intercambio galaico-português. *Seara Nova,* 1204-1207, 442.
— (1951d). O problema da língoa. *Seara Nova,* 1204-1207, 448.
— (1951e). O retorno à terra. *Seara Nova,* 1204-1207, 445-446.
— (1951f). O sentido da emigración galega. *Seara Nova,* 1204-1207, 437-438.
— (2004). *Sempre en Galiza*. Vigo: Editorial Galaxia.
Rodríguez Fer, C. (1987). Mito e história na poesia de Carvalho Calero. *Agália,* 11, 293-319.
Rodríguez Fernández, J. (1930). Lecturas. *Riberas del Eo,* 2867, 1.
Rodríguez Fernández, J. L. (1990). As polas vivas da árvore galaico-portuguesa. *Agália,* 24, 415-422.
Rodríguez Fernández, J. L., ed. (2000). *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero. Literatura; Miscelánea*, Vol. 2. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico.
Rodríguez González, E. (1931). O Cruceiro. *La Zarpa,* 3088, 6.
Rodríguez González, O. (2020). A planificación literaria e cultural en *Nós*, un desexo colectivo de superación. In *Galicia, de Nós a nós* (pp. 136-146). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Cultura, Educación e Universidade/ Fundación Cidade da Cultura de Galicia.
Rodríguez Seoane, L. (1882). Nuestras Relaciones en Portugal II. *La Ilustración* Cantábrica, 4, 38-39.
Rof Carballo, X. (1953). Jonas y la Saudade. In *La Saudade* (pp. 73-96).
— (1989). *Mito e realidade da terra nai*. Vigo: Editorial Galaxia.
Rojo Salgado, A. (2020). La generación *Nós*, su idea de Nación y el nuevo paradigma de las relaciones internacionales. *Tempo exterior*, 41, 7-24.
Sá, M. G. M. (1992). *Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
Sá, V. (1977). A esperança e a saudade no nacionalismo da 1ª República. *Seara Nova,* 1583, 17-21.
Salgado, L. G. (1931). Un ano bó. *A Nosa Terra,* 286, 6.
Salgado Toimil, R. (1930). Un nuevo poeta mindoniense. *Voz de la Verdad,* 6853, 1.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

S.M. (1927a). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Fabulas Galaico-Castellanas*, por Amador Montenegro Saavedra, lugo, 1927]. *Nós*, 42, 16.

— (1927b). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *Panal y flor*, por Augusto M. Casas]. *Nós,* 40, 19.

— (1928). Os homes, os feitos, as verbas [Recensão a *La ruta aventurera*, por Julio Sigüenzai, Montevideo, 1928]. *Nós,* 54, 122.

— (1931). Por Galicia e pol-a Humanidade. *A Nosa Terra,* 286, 5.

Samartim, R. & Pazos-Justo, C., eds. (2019). *Portugal e(m) Nós. Contributos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.

Samartim, R. (2018a). Ideia de língua e vento português na Galiza do tardofranquismo: o caso de Galaxia. In *Torres-Samartim* (pp. 65-109).

— (2018b). Língua somos: a construção da ideia de língua e da identidade coletiva na Galiza (pré-)constitucional. In *Torres-Samartim* (pp. 155-165).

— (2018c). O *Dia das Letras* no Sistema Literário Galego. O caminho para o reconhecimento da autoridade da Academia. In *Torres-Samartim* (pp. 143-153).

— (2018d). Presença e referência portuguesas nas estratégias socioculturais dos grupos políticos na Galiza tardofranquista. In *Torres-Samartim* (pp. 111-129).

Samuel, P. (2022). «Renascença Portuguesa» e Xeración *Nós*. In *CLGS VII* (pp. 192-202).

Sant'Anna Dionísio, J. A. (1954). Terras da Galiza. *Seara Nova,* 1283-1284, 3-5.

Santiso Girón, L. (1929). Galicia em olvido. *Pueblo Gallego,* 1751, 1.

— (1932). Libros gallegos. *Pueblo Gallego* 2606, 1.

Santos, I. F. (1962). Só os portugueses sentem saudade? *Seara Nova,* 1399, 108-110.

Seabra, J. A. (2003). Revistas e movimentos culturais no primeiro quarto de século. *Revistas: Ideias e Doutrinas. Leituras do Pensamento Contemporâneo*. Lisboa: Livros Horizonte, 19-34.

Seixas Seoane, M. A. (2020). Nós *nos outros*. In *Galicia, de Nós a nós* (pp. 124-133). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Cultura, Educación e Universidade/ Fundación Cidade da Cultura de Galicia.

Sena, J. de. (1988). *Estudos de Literatura Portuguesa – II*. Lisboa: Edições 70.

Seoane Dovigo, M. (2017). Saudade, Poética e Política nos Autores Galegos Contemporâneos. In *CLGS V* (pp. 175-187).

Sérgio, A. (1913). Epístola aos saudosistas. *A Águia II*, 22, 97-103.

Sigüenza, J. (1928c). Tres poetas gallegos del novecientos. Amado Carballo, Otero Espasandín, Manuel Antonio. *Eco de Galicia,* 333, 14-15.

Silva Valdivia, B. et al. (2008). O ensino da lingua e a literatura galega na ESO. Unha aproximación sociopedagóxica á situación desta área curricular. *Revista Galega de Educación,* 41, 88-93.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Silva, L. C. (2003). Galécia: o berço da Idade Média Europeia. In *SILGF IV* (pp. 341-346).

Simões, M. B. (2012). A Saudade: Uma Heterodoxia Identitária. In *CLGS IV* (pp. 50-64).

Solá, J. (1920). Crónicas del vivir gallego. *La Región,* 157, 7.

Souto, E. (1986). Galiza na Seara Nova. *Agália,* 7, 332-337.

Sponer, M. (1927). Algunhas notas dos meus estudos sobre Filoloxía galega. *Nós*, 37, 2-3.

Tarrío, A. (2010). Literary and cultural production centers in Galicia (1840-1936). In *CHLIP I* (pp. 253-267).

Teixeira, A. B. (2006). *A Filosofia da Saudade*. Matosinhos: QuidNovi.

— (2022a). A Reflexão sobre a Saudade na Geração «Nós». In *CLGS VII* (pp. 11-19).

— (2022b). Os Filósofos da Geração «Nós»: Vicente Viqueira e Vicente Risco. In *CLGS VII* (pp. 48-69).

Teixeira, A. B. et al, coord. (2012). *Actas do IV Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*. Sintra: Zéfiro.

— (2017). *Sobre a Saudade. V Colóquio Luso-Galaico*. Sintra: Zéfiro.

— (2018). *Sobre a Saudade. VI Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em homenagem a Andrés Torres Queiruga*. Sintra: Zéfiro.

— (2022). *Sobre a Saudade. VII Colóquio Luso-Galaico nos 90 anos de Carlos Baliñas Fernández e nos 100 da Revista "Nós"*. Sintra: Zéfiro.

Tejada, F. E. (1953). La Saudade desde una posible sociología existencialista. In *La Saudade* (pp. 97-117).

Tobío, L. (1931). Refreisións encol do momento aitual da Galicia. *Nós*, 95, 198-203.

Tobío, L. (1953). Arredor da Saudade. In *La Saudade* (pp. 61-71).

Tolosa, F. (1930). Señardá. *Ideal Gallego,* 3682, 4.

Torres Feijó, E. J. & Samartim, R. (2018). *Sobre o conflito linguístico e planificação cultural na Galiza contemporânea. Dez contributos*. Santiago de Compostela: Através Editora.

Torres Feijó, E. J. (1997). Cultura, cultura galega e mundo lusófono em Valentim Paz-Andrade. *Agália,* 51, 297-336.

— (1999). Cultura portuguesa e legitimaçom do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891). *Ler História,* 36, 273-318.

— (2002). Como sair do cerco. A legitimaçom galeguista da Literatura Galega por Carvalho Calero e a génese da sua centralidade no campo da crítica literária. In T. López & F. Salinas (Eds.), *Actas do Simposio Ricardo Carvalho Calero Memoria do Século* (pp. 31-66). A Coruña: Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística da Universidade da Coruña/ Asociación Sócio-Pedagóxica Galega.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (2004). *Roma locuta causa finita*. Sobre docência e crítica da literatura e da cultura. In A. Marco (Eds.), *Actas del VII Congreso Internacional de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura* (pp. 527-539). A Coruña: Deputación Provincial da Coruña.

— (2008). A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no Nacionalismo Galego. In *CLGS III* (pp. 149-166).

— (2013). Intimismo e comunidade galego-portuguesa. Rosalia de Castro: Dend'as fartas orelas do Mondego. In C. Pazos Alonso & S. Parkinson (Eds.), *Reading Literature in Portuguese. Commentaries in Honour of Tom Earle* (pp. 125-132). Oxford: Legend.

— (2018a). Conflito sociolinguístico, identitário e de coesão social na Galiza actual: algumas consequências. In *Torres-Samartim* (pp. 201-255).

— (2018b). Norma linguística e (inter)sistema cultural: o caso galego. In *Torres-Samartim* (pp. 167-199).

— (2018c). O problema da definição da cultura (nacional) galega, a legitimação dos seus componentes e o papel da língua durante a ditadura franquista: um mínimo contributo. In *Torres-Samartim* (pp. 53-63).

— (2018d). Portugal nas velas do galeguismo contemporâneo: de Teófilo Braga a Manuel Rodrigues Lapa. In *Torres-Samartim* (pp. 21-51).

— (2018e). Portugal, para quê? Para uma interpretação do corpus identitário galego: potencial e carências no relacionamento galego-português. In *Torres-Samartim* (pp. 257-283).

— (2019a). Cultura portuguesa e legitimação do sistema galeguista. Historiadores e filólogos (1880-1891). In *PEN* (pp. 41-84).

— (2019b). *Galeguismo Precário e Portugal. Entre os Jogos Florais de Tui e a Academia Galega através das Revistas Culturais (1891-1906). Os Sistemas Literários Galeguista e Português e o seu relacionamento*. Santiago de Compostela: Através Editora.

— (2019c). *Portugal, para quê? Seis marcos no relacionamento galego-português*. Santiago de Compostela: Através Editora.

— (2022). *Heteronímias em textos e historiografia da literatura galega. Seis casos*. Santiago de Compostela: Andavira Editora.

— (2025). Um Junqueiro plural para as várias Galizas no período do ressurgimento galeguista: 1880-1891. In Pereira, H. (Ed.), *Memória de um século: nos 100 anos da morte de Guerra Junqueiro* (pp. 57-99). Porto: Húmus.

Torres Queiruga, A. (2003). *Para unha Filosofia da Saudade*. Ourense: Publicacións da Fundación Otero Pedrayo.

Unamuno, M. de (1923). Nada menos que todo un poeta. *A Águia III*, 13-14, 8-10.

Valcarcel, A. (1925). Aportacións a unha síntesis galega. *A Nosa Terra,* 214, 1-2.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Valcarcel, M. (1995). Cumpreanos dun milagre. *Raigame: revista de arte, cultura e tradición populares*, 1, 36-39.

Valiente Fernández, A. (2007). La recepción de la cultura portuguesa en la revista *Nós*. *Revista de Filología Románica,* 24, 251-262.

Valinho Álvarez, R. (1985). A dualidade da poesia galega. *Agália,* 2, 203-207.

Valverde, A. (2020). O tratamento do xénero poético en Ricardo Carballo Calero. Crítica literaria, canon e historiografía. *BRAG,* 381, 91-118.

Varela Puñal, R. (1994). Relaçons Galiza-Portugal em Antom Vilar Ponte. *Agália,* 38, 163-177.

— (2000). Relaçons Galiza-Portugal em Castelao. In *EDRCC* (pp. 1007-1044).

Vasconcelos, C. da C. (1929). A Moderna Galiza: o seu regionalismo. *Seara Nova,* 148, 58-59.

Vasconcelos, C. M. (1990). *A Saudade Portuguesa*. Aveiro: Estante Editora.

Vicenti, A. (1901). Guerra Junqueiro. *Temporada em Mondariz,* XIII, 1, 2-3.

Victoria Atencia, M. (1987). A imaginaria de García Lorca nos seus «Seis poemas galegos». *Agália,* 9, 41-44.

Vidán, M. (1953). Peregrinación filo-sófica al Santuario de la Saudade. In *La Saudade* (pp. 129-153).

Vieira, Y. F. (2000). A soidade/suidade na lírica galego-portuguesa. In *EDRCC* (pp. 807-824).

Vilavedra, D. (2008). Literatura Galega. In *DEPG* (pp. 498-519).

— (2020). A contribución de Carballo Calero á canonización da literatura galega. *BRAG,* 381, 69-89.

Villar Ponte, A. (1916). A Bandeira Ergueita. *A Nosa Terra,* 1, 1-2.

— (1925a). D'Outono. Colección de sonetos de Gonzalo López Abente. La Coruña – 1925. *Alfar,* 49, 33-34.

— (1925b). Da vella roseira. Cantigas de Victoriano Taibo, Santiago. – 1925. *Alfar,* 49, 34-35.

— (1925c). La poesía gallega en la actualidad. *Centro Gallego,* 103, 69-70.

— (1927a). A fontenla viva da nosa cultura. *Nós*, 38, 2-8.

— (1927b). *Proel*. – Libro de versos gallegos de Luis Amado Carballo. Editorial Alborada. – Pontevedra. *Alfar,* 61, 28-29.

— (1928). Los progresos de nuestra lírica. *Pueblo Gallego,* 1467, 1.

— (1930a). Dos libros de versos gallegos. *Pueblo Gallego,* 1859, 5.

— (1930b). O nosso poeta do mar. *Pueblo Gallego,* 1827, 1.

— (1932). Um poema del mar. *Pueblo Gallego,* 2505, 1.

— (1934). La nueva lírica gallega. *Vida Gallega,* 595, 33.

— (1935a). Ideia transcendente. O caminho do nacionalismo galego. *Seara Nova,* 425, 265.

— (1935b). Recordando a un poeta del mar. *Pueblo Gallego,* 3537, 1.

— (1935c). A unificación da lingoa: unha preocupación inxustificada: espello em que fitarnos. *Nós*, 139-144, 204-208.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

— (2015). *A Xeración do 16*. A Coruña: Real Academia Galega.

Villares, R. (1995). *Historia de Galicia*. Madrid: Alianza Editorial.

— (1997). *Figuras da Nación*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

— (2003). Portugal, Galicia e o iberismo. In *SILGF IV* (pp. 13-28).

— (2012). Valentín Paz-Andrade, na luz e na sombra. *BRAG,* 373, 13-43.

— (2015). Pondal, o bardo céltico. *BRAG,* 376, 405-414.

— (2018). *Identidade e Afectos Patrios*. Vigo: Editorial Galaxia.

— (2019). *Galicia. Una nación entre dos mundos*. Barcelona: Pasado & Presente.

— (2021). *Cultura e Política na Galicia do século XX*. Vigo: Editorial Galaxia.

— (2022). *Galiza. Terra Irmã de Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

— (2024). *Composição Ibérica. Portugal e as Espanhas*. Lisboa: Tinta-da-China.

Villares, R., Núñez Seixas, X. M. & Máiz, R., eds. (2021). *As Irmandades da Fala no seu tempo. Perspectivas cruzadas*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

Viqueira, J. V. (1921). Pensamentos pra unha universidade galega. *Nós*, 4, 2-3.

VV.AA. (1953). *La Saudade. Ensayos*. Vigo: Editorial Galaxia.

— (1996). *Actas do I Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.

Watsuji, T. (2006). *Antropología del paisaje. Climas, culturas y religiones*. Salamanca: Ediciones Sígueme.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

8. ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Tabela 1- Campo semântico da saudade na poesia da revista Nós **71**
Tabela 2 - Referências "Portugal - Galiza" na Imprensa Periódica Galega (1850-1936) **87**
Tabela 3 - Referências "Portugal - Galiza" na Imprensa Periódica Galega (1850-1975) **87**
Tabela 4 - Poetas com mais de um poema publicado na revista Nós **118**
Tabela 5 - Percentagem de poetas de acordo com o número de poemas publicados **118**
Tabela 6 - Idade/média Etária dos Poetas **119**
Tabela 7 – Idade/Média etária dos Poetas com mais de um poema **119**
Tabela 8 - Idade/Média etária dos poetas com um só poema **120**
Tabela 9 - Número de poemas publicados na revista "Nós" (1920-1935) **120**
Tabela 10 - Número de poemas publicados nos números imediatos à proclamação da II República (nn. 88-96) **123**
Tabela 11 - Número de poemas publicados nos números correspondentes ao "Dia da Galiza" na revista Nós (1925-1933) **124**
Tabela 12 - Poemas publicados no n.º 91 (1931) **129**
Tabela 13 - Poetas nascidos antes e depois de 1900 **129**
Tabela 14 - Idade/Média etária dos poetas do n.º 91 (1931) **130**
Tabela 15 - Poemas e poetas considerados por Carvalho Calero (1931d) **137**
Tabela 16 - Poetas nomeados pela crítica na revista Nós (1931-1935) **147**
Tabela 17 - Poetas considerados/não-considerados pela crítica na revista Nós **149**
Tabela 18 - Percentagem de poetas considerados/não-considerados pela crítica na revista Nós **149**
Tabela 19 - Distribuição cronológica das antologias por período definido **153**
Tabela 20 - Percentagem de poetas antologiados (Casas 1928a) **153**
Tabela 21 - Percentagem de páginas antologiadas (Casas 1928a) **154**
Tabela 22 - Percentagem de poetas antologiados (Fernández Flórez 1929) **154**
Tabela 23 - Percentagem de páginas antologiadas (Fernández Flórez 1929) **155**
Tabela 24- Percentagem de poetas antologiados (Casas 1939) **156**
Tabela 25 - Percentagem de páginas antologiadas (Casas 1939) **156**
Tabela 26 - Percentagem de poetas antologiados (Varela Jácome 1953) **157**
Tabela 27 - Percentagem de páginas antologiadas (Varela Jácome 1953) **158**
Tabela 28 - Percentagem de poetas antologiados (Fernández del Riego 1955) **159**
Tabela 29 - Percentagem de páginas antologiadas (Fernández del Riego 1955) **159**
Tabela 30 - Percentagem de poetas antologiados (Blanco Amor 1956) **159**
Tabela 31 - Percentagem de páginas antologiadas (Blanco Amor 1956) **160**
Tabela 32 - Percentagem de poetas antologiados (A.N.I. 1959) **161**
Tabela 33 - Percentagem de páginas antologiadas (A.N.I. 1959) **161**
Tabela 34 - Percentagem de poetas antologiados (González Alegre 1959) **162**
Tabela 35 - Percentagem de páginas antologiadas (González Alegre 1959) **162**
Tabela 36 - Percentagem de poetas antologiados (Carvalho Calero 1966) **163**
Tabela 37 - Percentagem de páginas antologiadas (Carvalho Calero 1966) **163**
Tabela 38- Percentagem de poetas antologiados (Alonso Montero 1970) **164**
Tabela 39 - Percentagem de páginas antologiadas (Alonso Montero 1970) **164**
Tabela 40 - Percentagem de poetas antologiados (Martín Gaite & Ruiz Tarazona 1972) **164**
Tabela 41 - Percentagem de páginas antologiadas (Martín Gaite & Ruiz Tarazona 1972) **165**
Tabela 42 - Percentagem de poetas antologiados (Álvarez Gándara 1973) **165**
Tabela 43 - Percentagem de páginas antologiadas (Álvarez Gándara 1973) **165**
Tabela 44 - Percentagem de poetas antologiados (Losada 1974) **166**
Tabela 45- Percentagem de páginas antologiadas (Losada 1974) **166**
Tabela 46- Percentagem de poetas antologiados (González Garcés 1974) **167**
Tabela 47- Percentagem de páginas antologiadas (González Garcés 1974) **167**
Tabela 48 - Percentagem de poetas antologiados (Llompart 1974) **167**
Tabela 49- Percentagem de páginas antologiadas (Llompart 1974) **168**
Tabela 50- Percentagem de poetas antologiados (Fernández del Riego 1976) **168**
Tabela 51- Percentagem de páginas antologiadas (Fernández del Riego 1976) **169**
Tabela 52- Percentagem de poetas antologiados (Nordés 1978) **169**

USC DE SANTIAGO

Tabela 53- Percentagem de páginas antologiadas (Nordés 1978) **169**
Tabela 54- Percentagem de poetas antologiados (Fernández del Riego 1980) **170**
Tabela 55- Percentagem de páginas antologiadas (Fernández del Riego 1980) **170**
Tabela 56- Percentagem de poetas antologiados (Molina 1984) **171**
Tabela 57- Percentagem de páginas antologiadas (Molina 1984) **171**
Tabela 58- Percentagem de poetas antologiados (Alonso Montero 1984) **172**
Tabela 59- Percentagem de páginas antologiadas (Alonso Montero 1984) **172**
Tabela 60- Percentagem de poetas antologiados (Castro 1993) **173**
Tabela 61- Percentagem de páginas antologiadas (Castro 1993) **173**
Tabela 62- Percentagem de poetas antologiados (Bernárdez & Álvarez Cáccamo 1994) **173**
Tabela 63- Percentagem de páginas antologiadas (Bernárdez & Álvarez Cáccamo 1994) **174**
Tabela 64- Percentagem de poetas antologiados (Frateschi Vieira 1996) **174**
Tabela 65- Percentagem de páginas antologiadas (Frateschi Vieira 1996) **174**
Tabela 66- Percentagem de poetas antologiados (Freixeiro Mato & Pillado Mayor 1996a) **175**
Tabela 67- Percentagem de páginas antologiadas (Freixeiro Mato & Pillado Mayor 1996a) **175**
Tabela 68- Percentagem de poetas antologiados (María & Gómez Sánchez 1997) **176**
Tabela 69- Percentagem de páginas antologiadas (María & Gómez Sánchez 1997) **176**
Tabela 70- Percentagem de poetas antologiados (Maceira Fernández 1997) **177**
Tabela 71- Percentagem de páginas antologiadas (Maceira Fernández 1997) **177**
Tabela 72- Percentagem de poetas antologiados (A.N.I. 1999) **177**
Tabela 73- Percentagem de páginas antologiadas (A.N.I. 1999) **178**
Tabela 74- Percentagem de poetas antologiados (Morán 1999) **178**
Tabela 75- Percentagem de páginas antologiadas (Morán 1999) **179**
Tabela 76- Percentagem de poetas antologiados (Alonso Girgado & Monteagudo Cabaleiro 2001) **179**
Tabela 77- Percentagem de páginas antologiadas (Alonso Girgado & Monteagudo Cabaleiro 2001) **179**
Tabela 78- Percentagem de poetas antologiados (Alonso Girgado, Fariña Miranda & Monteagudo Cabaleiro 2002) **180**
Tabela 79- Percentagem de poetas antologiados (Vázquez Cuesta 2002) **181**
Tabela 80- Percentagem de páginas antologiadas (Vázquez Cuesta 2002) **181**
Tabela 81- Percentagem de poetas antologiados (Rodríguez 2004) **182**
Tabela 82- Percentagem de páginas antologiadas (Rodríguez 2004) **182**
Tabela 83- Percentagem de poetas antologiados (Nogueira & Nicolás 2007) **182**
Tabela 84- Percentagem de páginas antologiadas (Nogueira & Nicolás 2007) **183**
Tabela 85- Percentagem de poetas antologiados (Toro Santos 2010) **183**
Tabela 86- Percentagem de páginas antologiadas (Toro Santos 2010) **184**
Tabela 87- Percentagem de poetas antologiados (Dunne 2010) **184**
Tabela 88- Percentagem de poetas antologiados (Dunne 2010) **184**
Tabela 89- Percentagem de poetas antologiados (Alonso Montero 2012) **185**
Tabela 90- Percentagem de páginas antologiadas (Alonso Montero 2012) **185**
Tabela 91- Percentagem de poetas antologiados (Álvarez Cáccamo & Núñez 2012) **186**
Tabela 92- Percentagem de páginas antologiadas (Álvarez Cáccamo & Núñez 2012) **186**
Tabela 93- Percentagem de poetas antologiados (Alonso 2013) **187**
Tabela 94- Percentagem de páginas antologiadas (Alonso 2013) **187**
Tabela 95- Percentagem de poetas antologiados (Pena 2016) **188**
Tabela 96- Percentagem de páginas antologiadas (Pena 2016) **188**
Tabela 97 - Ocorrências de poemas da revista Nós no dispositivo antológico **193**
Tabela 98 - Quantidade de poetas antologiados (1928-2016) **193**
Tabela 99 - Percentagem de poetas antologiados (1928-2016) **194**
Tabela 100 - Número de antologias publicadas dentro e fora da Galiza **196**
Tabela 101 - Percentagem de antologias publicadas dentro e fora da Galiza/ Média das percentagens **197**
Tabela 102 - Percentagem de antologias que convocam valor igual ou superior a 30% de poetas da revista Nós **198**
Tabela 103 - Percentagem de páginas de poetas antologiados (1928-2013) **198**
Tabela 104 - Média da percentagem de páginas ocupadas por período antológico **199**

USC DE SANTIAGO

Tabela 105 - Ocorrências em Dicionários/Histórias da Literatura Galega **220**
Tabela 106 - Poemas que utilizam o campo semântico da saudade na revista Nós (1931-1935) **228**
Tabela 107 - Nuvem de palavras relativa ao léxico dos poemas saudosistas da revista Nós **228**
Tabela 108 - Nuvem de palavras relativa ao léxico uniformizado de poemas saudosistas da revista Nós **229**
Tabela 109 - Palavras do corpus poético-saudosista da revista Nós com frequência ≥ 10 ocorrências **229**
Tabela 110 - Percentagem dos campos semânticos no corpus saudosista da poesia da revista Nós **230**
Tabela 111 - Percentagem de utilização do campo semântico do "humano" por ano considerado **231**
Tabela 112 - Percentagem de utilização do campo semântico do "sentimento" por ano considerado **231**
Tabela 113 - Percentagem de utilização do campo semântico do "espaço" por ano considerado **232**
Tabela 114- Percentagem de utilização do campo semântico do "tempo" por ano considerado **232**
Tabela 115 - Percentagem de utilização do campo semântico do "paisagem" por ano considerado **233**
Tabela 116 - Percentagem de utilização do campo semântico do "clima" por ano considerado **233**
Tabela 117 - Perspectiva comparada das percentagens de utilização dos diferentes campos semânticos por ano considerado **234**
Tabela 118 - Percentagem dos campos semânticos e dos referentes de identidade **235**
Tabela 119 - Percentagem dos referentes de identidade no corpus em análise **235**
Tabela 120 - Campo semântico do "humano" na poesia saudosista da revista Nós **237**
Tabela 121 - Percentagens da constituição antropológica patente no corpus em análise **237**
Tabela 122 - Campo semântico do "sentimento" na poesia saudosista da revista Nós **238**
Tabela 123 - Percentagens da dialéctica alegria/tristeza **239**
Tabela 124 - Percentagens da dialéctica angústia/esperança **239**
Tabela 125 - Campo semântico do "espaço" na poesia saudosista da revista Nós **240**
Tabela 126 – Percentagens da dialéctica dinâmico/estático **241**
Tabela 127 – Percentagens da dialéctica próximo/distante **241**
Tabela 128 - Percentagens da dialéctica aberto/fechado **242**
Tabela 129 - Campo semântico do "tempo" na poesia saudosista da revista Nós **243**
Tabela 130 - Percentagens da dialéctica noite/dia **243**
Tabela 131 - Campo semântico do "paisagem" na poesia saudosista da revista Nós **244**
Tabela 132 - Percentagens da dialéctica litoral/interior **245**
Tabela 133 - Campo semântico do "clima" na poesia saudosista da revista Nós **246**
Tabela 134 - Percentagens da dialéctica Primavera-Verão/Outono-Inverno **246**
Tabela 135 - Nome dos poetas que utilizam o campo semântico da saudade e respectivo ano de nascimento **249**
Tabela 136 - Poetas nascidos antes e depois de 1900 **250**
Tabela 137 - Número de poemas dos poetas nascidos antes de 1900 **250**
Tabela 138 - Número de poemas de poetas nascidos antes e depois de 1900 **251**
Tabela 139 - Geração entre dois séculos (nome dos poetas e categorização estética) **253**
Tabela 140 - Geração de 1925 ou Geração de Vanguarda (nome dos poetas e categorização estética) **253**
Tabela 141 - Geração de 1936 (nome dos poetas e categorização estética) **254**
Tabela 142 - Percentagem de correntes estéticas relacionadas com os poetas que utilizam o campo semântico da saudade na revista Nós **254**
Tabela 143 - Correntes estéticas e localização geracional dos poetas **255**
Tabela 144 - Poemas de saudade da revista Nós **257**
Tabela 145 - Poemas de saudade da Revista Nós incluídos em publicação autónoma pelos seus autores **261**
Tabela 146 - Pré-existência e sobrevivência dos poemas de saudade da revista Nós em livro **261**
Tabela 147 - Percentagens da conjugação temporal dos verbos (passado, presente e futuro) **275**
Tabela 148 - Uso temporal dos verbos entre 1920 e 1935 **276**
Tabela 149 - Uso temporal dos verbos de acordo com a data de nascimento dos poetas **277**

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

9. ANEXOS

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

9.1. ANEXO 1| *¿FADA OU QUIMEIRA? ¿VIXILIA OU SONO?*

¿FADA OU QUIMEIRA?

¿VIXILIA OU SONO?

> «No importa que los sueños sean mentira
> ya que al cabo es verdad,
> que es venturoso el que soñando muere
> infeliz el que vive sin soñar.»
>
> (ROSALÍA DE CASTRO. *En las orillas del Sar*)

Val o sono coma feito
e o feito que non e sono
danos soyo ruin porveito.

Entre sonos a vin! É ben certo
que a vin e mireina,
que me viu, e mirou, e faloume
con fala de meiga!
¿Foi un sono de vrán?
¿A vixilia por sono valera,
Doce lembro d'acordo lexano?
……
Unha noite calada e serea,
pol-o fondo do val, xunt'ó río,
pasou a quimeira…..
Branqueou no luar un estante,
nos espazos deixou unha estela
vagarosa, com'o caminiño
que na cima dos ceos branqueza;
o que os anxos abriron yencheron
de polvo d'estrelas!
Ollando na vía do ceo
aquel rastro que brila e que lembra
inda mais me perdín nos escuros

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

camiños da terra.
luminados no mais que o momento
de vixilia, ou de sono, da qu'oubera,
cando foi que o mirar d'unha fada,
levoume tras ela! ….
¡Dend'enton, xa pasou moito tempo,
e isa noite do vrán, lonxe queda!
Ben volvín a buscar nas soedades,
o luar que crarea,
miña imaxe branquiña da fada,
a do encanto que mozo tivera,
a qu'ergueus' é voou pol-o espazo
e bulrou meu afán, tan lixeira! ….
¡Alma triste! sen duda os meiguizos
a tiveron doida, posesa,
com'a tantas que vagan perdidas
iñoradas dos corpos que as levan!
Inda oxe, se o luar enfeitiza
e do sono a figura desperta,
a lembranza, coa duda que volve,
fai que ós ceos pergunte por ela,
e pergúntem'a mín, se foi certo
que a fada ou quimeira,
ó pasar pol-a veira do río
a vin e mireina,
e que a mín se virou e faloume
con fala de meiga,
n-unha noite de vrán moi leixana,
n-unha noite calada, e serea! ….

JUAN ARMADA Y LOSADA FIGUEROA

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.2. ANEXO 2| *NOITURNIO: DO MEDO E DO ROMANCISMO*

NOITURNIO
DO MEDO E DO ROMANCISMO

Acorre a miña sonata
que prega baixo a lumieira
pol-a rúa,
namentres que, vagaxeira,
vai a lúa.
—
Soidá morna da noite,
corazón que arde no vento
bretemoso:
saloucante e doce acento
que non has ter quen t'escoite
¡saudoso...!
—
Medo das portas fechadas
medo de todo o que axexa
nos sombrizos,
(...e medo do que latexa
nas nosas almas, inzadas
de cobizos.)
—
A mar a engulir estrelas:
A lúa crébana os remos
en mil cachos.
Y-a canzón que non sabemos
ven a parolar co-as velas
nos refachos.
—

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Mentras tuas arelas vogan
nas augas craras e ledas
d'un ensono,
¡vela por min, que m'afogan
as cen pantasmas inquedas
d'un mal sono!
……
Na miña nao vagaxeira
da Noite iréi, no segredo,
en busca túa,
e do meu amor ã veira,
adoitarás a ir, sin medo,
pol-os camiños da Lua…

EDUARDO BLANCO AMOR

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.3. ANEXO 3| *CHORAI, CHORAI*

Chorai, chorai o pe d'a Dolorosa,,
nai sin ventura, esconsolada nai,
chorai por Cristo qu'en pasión groriosa
morreu por todos nos. ¡Nenas, chorai!

Quérote ver a ti tamén chorosa,
miñ'amiguiña por chorar quedai
n-a irexa fria, longa y-espaciosa,
n-as horas tristes en que ninguén hai.

Chora tamén por El, meu amor, chora;
mais o lembrarte d'a subrime hora
en que morreu de Galilea o Rabí,

Acórdate das miñas agonías
n-estas tardes saudosas, mouras, frias,
en qu-a morrer estou, ¡tamén por ti!

ÁLVARO DE LAS CASAS

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.4. ANEXO 4| *O POEMA DA SAUDADE*

O POEMA DA SAUDADE

PRA D. RAMÓN OTERO PEDRAYO

Saudade é un sentimento d'irmandade
a mágoa dos que loitan lonxe dos lares seus...
Mais eu, qu'estou na terra, teño tamén saudade...
¡Isa saudade de voltar a Deus!

Ficar no ollar amigo d'unha estrela
ca i-alma amergurada, frolescida...
Choutar nos eidos d'unha fonda arela,
ledo milagre de soñar na Vida.

Ise misterio fondo das horas iñoradas,
as voces sempre mudas no pranto do fogares...
Veleiqui o qu'é Saudade... As bágoas derramadas
sobor a cunca infinda dos mais lonxincuos mares,

Saudade é a man amiga e garimosa
do noso Pai, o vello Breogán:
Trocar no bico a Estrela n'unha rosa
pra ter a estrela nosa,
en anacos de rosa, en cada man.

AUGUSTO CASAS

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.5. ANEXO 5| *TROVA INFINITA*

TROVA INFINITA

Con treu de espranzas navega,
¡ai Deus!, o meu corazón
soñando portos iñotos
onde ninguén arribou.
Nin estrelas, nin buxolas,
nin áncoras no seu prol.
Mariñan os mariñeiros
do pensamento e o trebón
guinda ca nao senlleira
nas abisales paixóns.
¡Ai Deus!
¡Salvade, louras sereas,
ao meu corazón!

Os milleirales froridos
¡ai Deus!, do meu corazón
están na maturidade
nas íntimas estensións,
os seus froitos resequidos
por todo queimante amor,
as follas enrrequentadas
por todo lírico sol
e as fouces irtas â espreita
co seu gume feridor.
¡Ai Deus!
¡Mozas, vinde â desfolla
do meu corazón!

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Morreu a morna cantiga
¡ai Deus¡, do meu corazón
e o seu amante salaio
en ningures se escoitou.
¡Brancos peitos de almasí,
amerceaivos de nós!,
Teño ainda abertol-os beizos
onde finou a canzón
que agora quer ser bico
xa que leixou de ser voz.
¡Ai Deus!
¡Oh, donas, ¿non zugaredes
o mel do meu corazón?

Nao, milleiral, cantiga,
froitos que pra ninguén son,
pulos esterils do esprito
que non ecoa un cramor,
que non recolle unha i-alma,
que non acompasa un vô;
vieiros que non tên termo,
lumes que non tên quentor,
sementeiras sin seitura,
roseiras sin frorazón.....
Rosas, grans, moxenas, pedras...:
infinito, eterno pô.
¡Ai Deus!
¡Saudades do nunca nado
e do que nunca finou!

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.6. ANEXO 6| *AIRIÑOS, AIRES...*

AIRIÑOS, AIRES...

Pasan os aires que increpou a ousada
Musa qu'é carpazona de por vida;
Pasan ulindo â herbiña, ô sol curada,
E a frouma dos piñeiros desprendida.

Saudade – oh, a Triste? – que a espreitar s'asoma,
Debullándose en bágoas, lles acena...
(É a sua almiña un delicado aroma,
Emulo dos perfumes d'acucena).

Acénalles, mais... pasan! D'o Rodeiro
No mais ermo cantiño, un sabugueiro
Mostra abelorios nas miudiñas frores...

E ¡nin reparan!: son indiferentes
Ó enlevo d'as doiñas relucentes.
Y-ô pranto qu'amargura ôs ruiseñores

ANTONIO NORIEGA VARELA

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.7. ANEXO 7| *EU SON DA TERRA CELTA*

EU SON DA TERRA CELTA...

Eu son d'a terra celta d'as néboas e d'os fumes,
d'os días de Sol, mornos, d'as noites de luar...:
a d'as frolidas veigas, a d'as inxentes cumes,
d'os regos bulizosos, d'o maino ou rouco mar.

Eu son d'a nobre e forte Galicia, a malfadada,
a d'as morriñas santas, a xenerosa fiel;
d'os xeórxicos nouturnios, de musa namorada,
baruda de costumes, fidalga de broquél.

Alí, d'a lus enxérganse acesos resprandores
d'a miudiña brétema pol-o cribado túl;
orquestran os outeiros, seríns e reiseñores,
as noites son caladas, o ceu de dombo azúl...

Cecais, d'a fé vos guía, cal milagrosa estrela,
que no sidério espazo a un santo aloumiñóu,
irés de pelengrinos â nobre Compostela
a orar onde o Apóstole groriosa crita achóu.

Entón verés os montes cubertos de ramaxes,
as prácidas ribeiras qu'o mar bicando está,
xardíns esverdexantes, campías e paisaxes,
e populosas vilas qu'o mundo amira xa.

Contemprarés d'os castros as poétecas ruínas,
románecas igrexas, sagrarios d'a sua fé,
roseiras y-arboredas que croben as colinas

USC DE COMPOSTELA

e prateadas augas que cantan ô seu pé.

Oirés as brandas trovas que riman seus poetas,
as lendas e fazañas d'un pobo que loitou,
a hestoria d'os seus sábeos, seus nautas, seus ascetas,
e como, pol-a pátrea, a liberdade amóu.

LISARDO R. BARREIRO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.8. ANEXO 8| *FESTA NO CEO E NA TERRA: POEMA ENGEBRE*

FESTA NA CEO E NA TERRA

POEMA ENGEBRE

Ao irmán LUÍS TOBÍO

A Gaita

Pol-as estradas do ceo
que teñen lama d'estrelas,
ven a gentiña de somas,
de volta d'algunha festa.

Un aturujo ven valente
bica as meijelas da serra.
Cal perto de namorada
sospira a gaita galega.

A gaita, gaita, gaitiña
ten o punteiro de pérolas.
Tral-os piñeiros, a lua
tece saudosa muiñeira.

Diante vai da gente, dona Margarida,
probe tolleitiña que non pod'andar.
Vai entre ramallos ben adormecida,
Ben adormecida porque fai luar

Unha vella, vella, tuda recollida,
fala mui baijiño, di qu'ha de curar.
Un mociño loiro chora âs escondidas
pol-a tolleitiña que non pond'andar

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Jan non ven de festa, vai atafegado
na compaña aquela, triste namorado...
¡Jan n'ista romaje fai de sancristán!

E pol-os camiños, mouros mantelos,
vai a Margarida... brílanlle os anelos,
cánd'ergue as manciñas pra berrar: meu Jan

Unha Cántiga
Aló, baijo as carballeiras
se afoga o rin-rin da gaita...
Com'unha pomba ferida
voa d'un peito ista cántiga:

Quixen amores e teño
un noivo que me non quere
i-un noivo que non-o quero.

Luar
Empolva a lua chea as pálidas meijelas
da probe rapariga malfadada;
i-adorna os seus cabelos con estrelas...
Nos ollos mil refrejos da terra aluarada.

Os mozos toleirós tecen cántigas,
cántigas de saudade e de tristura.
Pra dona Margarida as raparigas,
fijeron d'un ramallo a fermosura.

Ó longe, longe, berra a gente.
Baijo o craror da lua ferve o val.
O fato de festeiros ledamente

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

volta da romaría do Cristal.

E dona Margarida, probe dona,
olla pra Jan, é Jan home de ben.
Nas verbas homildiñas d'infanzona,
o Jan, o probe Jan, n'a entende ren.

No ceo brila a lua. Nos camiños
unha linda rapaza tolleitiña.
Leva nas mans anelos e brinquiños.
No bico a verba doce da naiciña.

O Miragre

Unha noite de Nadal, noite saudosa:
un meniño nasceu, fermoso, loiro...
Cando nasceu, morreu a rosa,
unha rosa nascida d'un luceiriño d'oiro.

A gente do lugar di dend'a aquela
que dona Margarida, malfadada,
morreu com'unha rosa n'unha estrela,
bicando o neno loiro na terra aluarada.

AUGUSTO CASAS

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.9. ANEXO 9| *O PELINGRINO*

O PELINGRINO

Na esgrevia penedía, tempro da soedade,
Onde chora a pantasma divina da saudade,
Entr'os mornos outeiros deita maina fontela
Con soar de psalterio e refulxir d'estrela.
O probe pelingrino empoeirado, desfeito,
(Un corpo que non lembra a quentura do leito,
E na y-alma aniñadas as arelas da espranza)
Vai car'a penedía con firme seguranza.
No farto chán labrego hai lugares d'abondo,
Quéimase na leireira a frouma con estrondo,
Corre escumoso o viño i-o branco pan da terra
Preside a limpa mesa en compaña da xerra.
Hai leito, lume, acougo; o probe pelingrino
Nin-os olla, levado pol-a voz do seu sino.
Sua descoberta frente non pensa na fartura
Pois soilo arela a friaxe da domiñante outura.
A carón do camiño estoupa unha fervenza
E nos cotos de xestas comestos pol-a avenza
Cantan loiras pastoras as historias das fadas,
Dos gnomos e dos elfos, con aire de baladas.

Triste camiñante
Deixa teu andar
Ven ôs nosos circos
Riseiro beilar
Nos verde lameiros ao craro luar
Com'as volvoretas
Imos boligar.

Cangado o peligrino pol-os aires da serra,

USC DE COMPOSTELA

Non escoita as chamadas garimosas da terra.
Á soma d'un cruceiro pensaba un vello monxe
Ó ritmo misteiroso das campanas de lonxe
Chega a noite, camiñante,
Ven comigo a parolar
E na celda do mosteiro
Moito temos que falar.
Os froitos da miña cencia
Teranche que contentar.
O peligrino n-ouve a tentación do sabio,
Pois xa gostou dos libros o amargurado labio.
As tremante estrelas choran na fonteliña
E n-auga estrelecida vai deitando mainiña.
As verbas de consolo pr'a proble y-alma núa.
Brinca riba dos montes o novelo da lua...
O pelengrino bica a friaxe do granito
E sinte nos seus beizos os beizos do infinito.

R[AMÓN OTERO PEDRAYO].

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.10. ANEXO 10| *DOS HERMOS ASTRAES: CABRAS*

DOS HERMOS ASTRAES: CABRAS

I

As cabras da Vía Láctea
tiraron ao monte hoxe;
o cabreiro vai,
con sono,
meténdose n-a noite.

Mail-o cabrón do loceiro
da tarde, com-a decote,
berra, encelado e doido,
n-a soedade da noite.

II

Berran as estrelas
no fondo silenzo.
A noite agoira saudades
mentras,
a neve,
caendo,
vai orballando nos agros
leite d-as cabras do ceo.

III

Pastoreando loceiros
repinicaba na frauta
o pastor,
— vento mareiro —,
bagullas de lus, a lua

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

branca,
de mes de Xaneiro.

Repinicaba saudades
Dos tempos de vrán,
i-o inverno
com-unha cunca de leite
callóu a lua no ceo.

JULIO SIGÜENZA
Montevideo, 1928.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.11. ANEXO 11| *SERES ALEIXOADOS*

Seres aleixoados, opresos pola dore,
a quenes a faterna consome noite e día,
almas cheas de pena, vinde a mín, vinde prestes,
eu poseio un segredo: o viño da alegría.

Enxugai esas baguas que escaldan vosas faces,
abride os vosos peitos ás auras da ilusión,
a copa que soergo
é a meiciña certa pr'o voso coraçón.

Non hai magoa moufeira, por cativa que seja,
que non desapareza ao seu poder vital;
unha copa somente
deixa as almas feridas libres de todo mal.

As horas de soedade, as mourenzas da vida
tornanse ao seu influxo en florecido abril;
o pranto do esconsolo
i o ritus da tristura, en ledicia souril.

Peitos malados, vinde! Vinde, almas doridas!
Só unha copa abonda! A cruel melancolía,
as dores que vos coutan van ficar espar'jidas
no miragre abraiante da bendita alegría.

VICTORIANO TAIBO

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.12. ANEXO 12| *O ESCORDEONISTA*

O ESCORDEONISTA

O escordeonista de Romay
bule a roldar ô seu amor.
Non leva panos de Cambray
nin fitas de Rocamador.

O mar de millos en sazón,
tremola en ondas ô pasar
antre abaladoiros do luar
a follalata do escordeón:

i-en tanto ô lonxe ven e vai
a lene espranza de un farol,
o escordeonista de Romay
desperta os azos do seu fol.

Nos fuzos virxes dos pendóns,
brincan as notas a tecer
fíos de longas vibrazóns
ensarillados de axouxers;

conta abrouxado o reiseñor
seu matrinar ô milleiral
pro o escordeonista boureador
fusila as queixas no pinal;

o sapo chifra... ¡probe de il!:
se lle esnafrou na imensidá
a sua frauta pastoril

USC DE COMPOSTELA

mollada de señardá!;

frores de peito do xestal,
como elas soñan co escoler
abrindo olliños de cristal
para voltalos a choer!;

e a estrela nena que escoitou,
como ela berra pol-a nai...!
O escordeonista de Romay
toda a campía deloirou!

Música en monllos que alí saía!
Freixa de notas en balbor!
Antergos panos de Cambray
e fitas de Rocamador!!!

BOUZA-BREY

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.13. ANEXO 13| *O RELEMBRO DO CLAN*

O RELEMBRO DO CLAN

¡Ou, soave ilusión céltiga a da inmortalidade!
¡Ou, raza prisioneira da diviña Saudade!
Breogán, pai dos pobos, o das míticas velas
enfiadas a inota, mariña inmensidade,
tiña a arela inquedante de contar as estrelas.
Co-a sede de infinito que o seu peito runxía,
na costa brigantiña, sobre un rochedo, erguéu
unha torre de pedra. Dende a torre seguía,
cando sereo e limpo o ceo estrelecía,
o ir e vir dos mundos á voz do grande Theut.

Unha noite que os astros de lus doirada e rosa,
ficaron esvaídos no craror do luar,
esmeralda no seo de neve de unha diosa,
veu surdir unha illa incerta, vagorosa,
onde o ceo bicaba a liña azul do mar,

O neto de Ith, xuntando as hostes que comanda,
encastetóu nas proas a lucerna do Alén
e saiéu mar adiante até chegar a Irlanda.
E a illa misteriosa cruzóu de banda a banda,
cinguindo unha coroa máis fúlxida na sen

A espada escintilante tendéu os pontes sagros
do paraíso céltigo. Nos craros ourizontes
choutóu a luz a rir. Os verdeceutes agros,
os ríos cristaíños, os encrestados montes
enchían de dozura a illa dos miragros.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Mais, a pouco, Breogán desmaióu de inquedade.
Soñando c-o agarimo do clan velido e morno
e os ronseles que abrira do mar na imensidade,
fai resoar nos ventos o druídico corno
e aparellando as naves ordeóu o retorno
e emproóu a Brigancia, forzado da Saudade.

RAMÓN CABANILLAS

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.14. ANEXO 14| *SANTA CECILIA DA SOIDADE*

SANTA CECILIA DA SOIDADE

Eu te penso señora de unha
terra non descuberta aínda.
Terra iñorada e insospeitada
do home de pranta inquisitiva.
Doncela das virxes soidades,
pegureira de melodías,
gobernadora do silencio,
raíña das touzas esquivas,
fada do bosque tropical,
n-un xesto ausente escoitarías
cantar o coro dos paxaros
sobre a túa fronte pensativa
que ficaría como de unha
coroa musical cinxida.
Pairara un feitizo no ar
da mesta selva primitiva.
Arume de cousas lonxanas.
Recendo de edades antigas.
Preto de tí, mansos, os leóns
familiarmente xuntarían
â túa melena de ouro
a súa melena de cinza.
As volvoretas nos teus fros
charreteiras foran polícromas.
As túas olladas cabaleiras
sobre as libélulas irían.
Na hamaca do vento soán
a túa voz abalaría.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Descería como un arcanxo
hastra o teu colo o ave-lira.
Aloumiñando o seu prumaxe
a túa man esmaecería.
E ô compás priguizoso e dondo
da túa carexa fuxitiva,
ô ser pulsada da túa man
con voz de rosa cantaria.
Tanxendo estormento de pruma,
a verde mirada esquecida
n-un fantástico arrobamento,
a túa aititude lembraría,
tan musical e celestial,
o xesto de Santa Cecilia.
Santa Cecilia da Soidade
a tanxer unha lira viva.

R. CARBALLO CALERO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.15. ANEXO 15| *CANTIGAS DA NOITE*

CANTIGAS DA NOITE

Co seu fol estrelecido,
canta a Noite unha muiñeira
pol-o punteiro da fonte
i-o roncón da carballeira...
Como abaloiros, relocen
encol do fol as estrelas.
i-ao son da múseca enxebre
de tan xeitosa gaiteira,
bailan saudosas cantigas,
nos beizos das lindas nenas...
O Vento — mozo da Noite —
aturuxa que rabea...

O muiño da Noite moe
dourado millo de estrelas...
Pol-o canle da Vía Láctea,
encol do ceo, escorrega
auga, que move o cotío
a moa da Lua chea...
A lumiosa fariña
vaise xuntando na beira
do Ourente, por onde a Aurora
a enchel-os seus foles chega:
Ven choutando pol-as cumes
ao compás de unha muiñeira,
que no pandeiro do Sol
tocan as mans de brétema...

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Encol do pano da Noite,
a Lua — vella naipeira —
vai pondo as constelaciós,
como cartas agoreiras....
... Salíu o sete de ouros
da Osa Mayor: boa colleita
anúncea aos vellos, i-âs mozas
unha boda de fachenda...
... Salíu a cunca de Marte,
roxa de sangue: traxedia
agoira, como o As de copas,
nos vagares dunha festa...
Mais o sopro lumioso
do Sol, pol-o Ourente chega,
faguendo revoar as cartas,
como pombas mensaxeiras,
cara ao pombal do Poniente
a onde a Lua vai collelas.

¡Ouh, xurdía estrela dourada!
Meus amores a tí van
como ao seu trobo as abellas,
como os rolos ao praial,
como a lus do abrente âs cumes,
como os regos van ao mar...

X. M.ª DE LA FUENTE BERMÚDEZ

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.16. ANEXO 16| *IN ANGORE GAUDIUM*

IN ANGORE GAUDIUM

Saudade.. — Tristeza.... — ¡En todo a tristeza!
Na voz do mar e do vento.
Na comba dos horizontes.
Na comba do pensamento...
A terra pequeniña é moura e triste.
I-a nosa i-alma é triste...
I-o noso ollar é triste
I-é triste canto existe
na terra miserabre de que nós somos feitos
Mais sobr'a dôr das cousas e sobr'a nosa dôr,
Puxo Deus un sorriso, unha aurora, unha flor,
¡unha estreliña acesa d'alegria..!
— ¡Alegría, alegría! —
Verbo de luz sorrindo... Divino Redentor,
crucificado pol-o noso amor,
para que a nosa dôr seña alegría...
¡Deus bendiga a alegría!
A alegria do sol, crucificada
nas pedriñas da estrada, ô vil-o día...
A alegría saudosa das chorimas,
cravada nas toxeiras...
A alegria da noite, na agonía,
desfacéndo-se en bágoas,
para que nelas cante a luz do día...
A alegría do sol cando vai expirar
aloumiñando a dôr dos ermos montes
i-a dôr do mar...
A alegría que en min é inmensa dôr,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

crucificada pol-o meu amor...
A alegría do alén, do alén profundo,
crucificada sobr'a dôr do mundo
A alegría que ven d'alén da vida
Pra acalentar a dôr da nosa vida
Esa alegría que se torna en dôr
para que a nosa dôr seña alegría...
Verbo de luz que en nós ven expirar
pra nos salvar.
Verbo de luz, morrendo nunha cruz
para romper as lousas dos sepulcros
i-hencher a Noite d'infinita luz.
— ¡Alegría, alegría! —
Deus bendiga a alegría,
crucificada pol-o noso amor
para que a nosa dôr seña alegría...

AQUILINO IGLESIA ALVARIÑO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.17. ANEXO 17| *NOUTURNIO*

NOUTURNIO

Cantan as estrelas no ceo e no rio,
cantan as estrelas,
a cántiga branca
dos momentos líricos
¡Que pena tan fonda n-esta hora sinto...!
Ten o meu silenzo
un tremar de bágoas
saudoso e divino...
Cantan as estrelas no ceo e no río,
cantan as estrelas,
a cántiga pura
dos momentos líricos.

JOHAN VIDAL MARTÍNEZ

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.18. ANEXO 18| *¡MONTAÑESA!*

¡MONTAÑESA!

pra ir morrer na tua veira
amarridas de saudade,
ceibo eu as coitas miñas,
irtas arelas, ô aire:
ten de elas dor, montañesa,
a das olladas soaves.

—

hei de mandarche, senlleiro,
irmân na dor e nos males,
nun alongado sospiro
o meu curazón sangrante:
xa coidarás, montañesa,
amor e agarimo darlle.

—

lelías da miña terra,
ô teu ouvido soaves,
ledos che han levar nas azas,
mainos, mainiñol-os aires;
e a dona has ser do poeta,
do seu curazón a amante,
o agarimos dos seus fillos,
¡a santa Paz de un fogáre!

XOSÉ ML. CABADA VÁZQUEZ
Pazo de Raxoi de Santiago, 13-7-1931

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.19. ANEXO 19| *EPITALAMIO*

EPITALAMIO

Tinxe, tinxe os teus beizos co sangue do sol-pôr;
enmourece as túas olleiras con brétema;
e prolonga as túas cellas con farrapos de noite.

Peitea os teus cabelos co peite da ponte;
enguedella neles a Sirius como unha fror;
acouga no teu peito o rio como un colar.

Ca lanza da túa ollada fura os astros
e pon os luceiros como anelos nas túas mans
e o sol e a lúa como pulseiras nas túas monecas.

Molla, molla os teus beizos na auga miragreira da saudade
pra que me seipan a caraveles mortos cando os bique.
Morda, morda a túa boca a semiesfera do horizonte
pra que me seipa a laranxa roubanda cando a beixe.

Déitate encol do leito da serán
cunha rosa na palma de cada man,
cunha estrela no cume de cada peito;
e agárdame
co corazón apreixado pol-a man do degaro.

Cando chegue a coller os acios da tua vide
exaltaráse a vida ôs ollos meus.

E as vésporas serán arcanxos guerreiros
e ronseles de luz os vermes

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

i estrelas de cinza as arañas.
E os penedos escadarán o ceo
e as ardentías lavarán a fronte de Dios.

Cando chegue a coller as frores do teu xardín
a inxeleza cantará na miña vida
como un xílgaro nun piñeiro.

E poderei escorrentar os ciumes cos abanos da túas mans,
axerfar o hidro do desexo na xería dos teus sendóns,
arranxar o nô da gravata ô espello da túa i-alma,
acender o cigarro nos teus ollos
e me limpar o pô co cepillo das tuas verbas.

R. CARBALLO CALERO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.20. ANEXO 20| *O MILAGRE DA CONCEICIÓN DA NATUREZA*

O MILAGRE DA CONCEICIÓN DA NATUREZA

Un galán iluminado
no sol-pôr sinte morriña,
i-adormécese n-o colo
da enloitada noiva mística.
Os corvos — cregos intrusos —
benzoan a despedida.

Ela, cal a Madre-virxe,
sin pecado concebira,
e pariu axiña a Lúa
toda de branco vestida.
Recíbea o coro de estrelas
co-as suas cançôes lumínicas.

Mais o mozo — protestante —
non deu creto ô que non vira,
i-agarra o fusil do Sol
e fai da noiva unha víctima.
Un galo — bô cornetín —
pregoa o triunfo do día.

E mentras Deus dende o trono,
— como brancas folerpiñas—
guinda frores a mancheas
sober da virxe dormida.

R. ALFONSO CASTRO-DONO
A Estrada, 1932

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.21. ANEXO 21| *MEU CORAZÓN...*

MEU CORAZÓN...

Meu corazón é un río, silencioso e profundo,
por onde escorre toda a ternura do mundo...
I-o Amor...
I-a Door...
Veñen matar a sede a él os paxariños.
I-os seixos brutos dos camiños.
I-as froliñas sedentas das estrelas.
I-as brancas bidueiras, con folliñas marelas...

Meu corazón é un río, silencioso e profundo,
con ceos lá no fundo
e arbres que crecen para alén do mundo...
Unha noite — maguada — veu afogar-se a lua...
Coma unha pomba morta, esmaída, fluctúa
n-un remanso de sombras, entre nelumbos brancos...
Unha inmensa saudade, na barquiña d-un verso,
vai boiando, mansiño, para alén do universo...

AQUILINO IGLESIA ALVARIÑO

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.22. ANEXO 22| *ROMANCE DOS SETE MARIÑEIROS*

ROMANCE DOS SETE MARIÑEIROS

No prado verde do mar,
a noite se abala, abala.
Ponlas da lúa bulindo
a pelvis virxen da i-auga.

Sete mariñeiros ruben
por escadeiras de prata;
a dorna, albeira e azul,
moendo as olas lizgaira,
bela, muiña remuiña,
con rebulir d'estrepada,
Sete mariñeiros ruben
por escadeiras de prata;
pelras salgadas nos ollos,
roibos de lúa as facianas.

Os pandeiros do luar,
petan na noite mollada;
cantigas de pingas orfas
âs estrelas de ruada.

Voltar, voltar mariñeiros
as ledas ponlas engadan
namentras rube, rubindo
danzan con mística danza.

No proel, sete luceiros
escitilan nas olladas.

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Voltar, voltar mariñeiros;
e os mariñeiros avanzan;
pelras salgadas nos ollos;
roibos de lúa as facianas.

Namentras rube, rubindo,
danzando mística danza
sete luceiros no prado
verde do mar, se solagan.

O mar espertóu na noite
de veleiros e piraugas.
As arelas derradeiras
proel á proel esbaran;
nos paneles señardás
garnen nas olas de prata.

No prado verde do mar
a noite se abala, abala.

E dos sete mariñeiros
os veleiros e piraugas,
soio atoparon á Setembro
ponlas bulindo na i-auga.

EMILIO PITA

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.23. ANEXO 23| *CORAZÓN Ó VENTO*

CORAZÓN Ó VENTO

Tiréi ô vento, sangrando,
un día o meu corazón.
— Quedóu-se a hora tembrando
coma unha flor d'emoción. —

Entr'as suas doces mausiñas
colléu-no a noite serena.
— Sobre das fontes sequiñas
choraba a lúa a sua pena. —

Para a estrela máis noviña,
fixo do meu corazon
unha cuna pequeniña,
entr'âs as dunha canción.

Miña doce señardade
abalaba-a demansiño,
n-unha léne vaguedade
feita de seda e d'armiño.

C'unha voz moi consumida
cantaba un triste cantar:
¡Ai doce estrela belida,
a aurora quêr-te matar!

Durme, estreliña isolada,
¡meu aiaiái, xoia miña!
¡Ai, que xa ven a alborada

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

chuchar a miña estreliña!

Pasóu asi a noite enteira
â par do meu corazón.
— Com'a rosa na roseira,
foi-se murchando a canción —

...Por fin, entr'os seus braciños,
morréu a estreliña nova.
Aos hombros, catro versiños
leváron-a para â coba.

Â mañán, inda, perdidas,
andaban á divagar
sombras de canciós doridas
que quedaran de cantar...

AQUILINO IGLESIA ALVARIÑO

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.24. ANEXO 24| *MADRIGAL MORTO*

MADRIGAL MORTO

Madrigal dos ollos verdes,
viñeches encol do mar
a bicar un mariñeiro
afogado no serán.

Crucificóuse de luces
de sardiña un espadón,
rachóu o ventre das augas
i o corazón sin os dous.

Non vén gaviota sin medo
a pousar sobor dun mastro,
mariñeiro sin acougo
que comunicas cos astros.

Madrigal verde dos ollos
ai! madrigal madrigal,
un galeón pasóu preto
con azas de soedá...

RAFAEL PAZOS JIMÉNEZ

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.25. ANEXO 25| *DA TÚA SAUDADE*

DA TÚA SAUDADE

Ao maino amañescer dos teus arrulos
madura e inda nova a bris do outono,
erguíanse as espigas dos meus pulos
para domesticar xardíns d'ensono.

O vento co seu pano, non de seda,
máis sí de verdes follas arumadas,
enxoitaba a canzón lixeira e leda,
pervagando no alén das tuas olladas.

Mór era o orballo da melanconía,
que na túa soma o corazón ería
pra sempre endexamáis millor ferido.

Eran os lilios, a frolir, da lúa,
os qu'arumaban a saudade túa
no morno val d'un alalá infinido.

AUGUSTO MARÍA CASAS

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.26. ANEXO 26| *FIESTRA*

FIESTRA

A Raimuedo Aguiar

Alumna desprendida do ar a mais outura.
Meridiana en sorrisas de seis côres.
Tempo. Inicial. Paisaxe ao descoberto
De senos limpos i-ágoa casi aérea.
Torre en arista pura i-arco enteiro.
Soedade en portas de temporal en risa.
Ollo. Fiñal. Semente voandeira.
De tempo a tempo carriola despexada.
Nivel de mar e fondo diamante
Sol e soma. Canzón. Luas dormidas
prado e solaz de pastos en brancura.

ÁLVARO CUNQUEIRO

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.27. ANEXO 27| *TÓPICO NO PORTO*

TÓPICO NO PORTO

A Francisco F. del Riego

«Ai, amor, ai, amor, ai, amor...»
Na amura o rapaz de abordo
soletrea no escordeón.

O mar devala, devala...
Panos de limón do sol
mándanlle adeuses â praia.

«Ai, amor, ai, amor, ai, amor...»
Un mariñeiro asañado
mata ô longe unha canzón.

Cara â estrela da fartura
arregala os ollos teijos
o remador da falúa.

Bate o mar no corazón
Lembranzas, saudade, mágoas...
«¡Ai, amor, ai, amor, ai, amor,
Ai sí!.»

F. BOUZA-BREY
1933

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.28. ANEXO 28| *CANZÓN VII*

CANZÓN VII

Ausenzas escadeiradas
e a rodar meu corazón.
¡Lémbranme luas douradas!
ay amor. —

Berces do luar confuso
loiros vales, finos perdóns;
mans que nen d'ollar m'acuso.
ay amor. —

Sementei mares ousados
Coas silandeiras canzóns. —
— Aza e frol i-eu mergullados —
ay amor. —

Señardás no vento chian,
ceibadas de min che son
que acouganzas me fastían
ay amor.—

Valeirade de saudades
Iste peirao da paixón,
espranzas que navegades
ay amor.—

E. BLANCO AMOR
1933

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.29. ANEXO 29| *NACES NA PRIMADEIRA*

NACES NA PRIMADEIRA

Naces na Primadeira, cando a terra está en celo
e toda arde en chamas verdes.
Cando leixan os sinos as torres das eirexas
e viaxan, da man das anduriñas,
pol-os vieiros recendentes
que a rosa dos ventos lles brinda
co xesto aberto dos seus pétalos infindos.
Naces cando as augas do insomnio atopan o relanzo da i-alba;
baixo a ollada atónita dos paxaros, dos cazadores e dos panadeiros.
Naces do esprito do cigarro herexe,
cando inicia, en espiral, a súa ascensión ao ceo:
e xurdes, de sócato, do fume azul,
como de unha caixa de sorpresa.

Envolveita n-unha folla de tabaco,
fuxes pol-a fiestra, e, pol-a mañá cedo,
lavas o rosto dos coellos no regato tatexo.

Déitaste nos trigás
e adovias o leito aos namorados.
Dos teus talóns agroman músicas señardosas
e nos teus dedos durmen lóstregos circulares.
Da túa cabeleira choutan muxicas melodiosas
cando unha brizna de vento a fai xemir como un violín.
Aboiando no ar é o fume da chama que tí és.
Pra os meus dedos non hai mellor guitarra.
O trebón tanxe n-ela magníficas romanzas.
Cando che se enguerella nas estrelas
abalas como un péndulo vivo,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

e, vestida de lúa,
os teus berros fan ouvear aos lobos
e tolear aos serenos nocturnos.
Es outa como o ensono
e pequeniña como a amada.
Non xira o mundo, ao redor do sol,
senón ao redor do teu corazón.
Por navegar o río dos teus brazos
os meus beixos anclaron no pasado.
A noite te chama
pra que lle remendes a capa.
O vento te despide
abalando as súas máis brancas pombas.
Préstame a túa cabeleira,
porque quero pescar estrelas.

As tres Marías
van visitar a Cristo en fía india.
Perderá a súa cadeira o rouxinol:
nas túas veas o sangue canta moito mellor.
Coa basoira de un piñeiro
ceiba de néboas a soleira do abrente.
Porteira da i-alba,
que das corda aos galos
e acendes o sol coa túa ollada.

Primadeiral, nocturna, auroral, doce, silenzosa, dramática...
N-ónde vives ¿Quén és? A quén amas?
Pastora de Silenzos, Nemiga de Palabras,
envolveita no teu manto xordo,
constelada de lembranzas i esquezos.
Quén és?

USC
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

Por qué calas?
Es unha xirafa?
Mais ben sabes berrar domente as tempestades,
tal como unha cadela tráxica

Morres na paz de unha mañá de outono.
No corazón de un tolo és soterrada.

RICARDO CARBALLO CALERO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.30. ANEXO 30| *CAMIÑANTES*

CAMIÑANTES

Afiador

E saben os seus ollos de cômaros e pinos.
— Também a noite afia no ventiño que brua
suspiros e friaxes da serra infinda e nua. —
E saben os seus labios de anseios peregrinos.

E contan os seus ouvidos de páxaros e sinos
— Também a noite afia — também a noite é crua! —
o gume do silenzo na roda gris da lua. —
E contan os seus remos de rondas e destinos.

Afiador, meu vello: também teu mundo afia
a fouce ourilocente da miña pantasía,
Con ela vou-me embora nubeiros a segar.

E págame saudade en moeda de luceiros
E merco versos lindos: esteiras e vieiros,
Afiador, meu santo; pr'a te poder cantar.

Mendigo

Co sol de porta em porta — que o mesmo sol mendiña —
no peito o lar perdido, seu corazón na man;
sin norde, mundo adiante, camiña que camiña
á esmola de hourizontes de cántigas e pan.

Ninguén lle pón reparos; liberto da pauliña
ten os camiños francos do abrente ata o serán.
Os seus papés mui limpos: o pase da anduriña,
carnet de cuco vello mais cédola de can.

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

Ouh doce mendicante da nosa terra linda!
Lelías na campaña da tua angustia infinda
Tápete o vento lílios no teu vieiro gris.

Amigos teus a choiva, cadelos e curisco.
De prumas e de sedas e relva mol o cisco.
E brinquen as esmolas en farto chafarís.

Segador

Pillóu a lua o lombo... Nin páxaros nin niños:
o fume da poeira nos chairos de Castela.
Sen chancas nen espigas — o pan, o pau son d-ela —
E volta pra Galiza co vento dos camiños.

Dez pesos n-unha nota! Regueifa nos muiños,
enchenta de saudades e caldo prá cadela.
O sol estraño e fero! Bola de pan, manela,
apertas da parenta e bicos dos miniños.

Halá! Halá pra Galiza, que hai brétemas e orballos
e gándaras e serros e relva e pedrugallos.
Castela regateira merca suor e callos.

Halá! Halá pra Galiza, que hai flores nos carreiros
e festa nos regatos e prata nos outeiros.
Por sangue novo e rexo Castela da diñeiros.

MANUEL LUÍS ACUÑA

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.31. ANEXO 31| *CODIO*

CODIO

Era nas mans de Deus coma un paxaro
nas tolas de un rapaz. O vento insomne
da devoción enchíalle as recónditas
corredoiras da alma de un antergo
e seco horror; os que outro tempo foran
vieiros de frores que as pasadas mainas
da doce nai acugulaban, tépedas,
de músicas de abalo, son agora
foscas estradas de pavor, sagradas
catacumbas de horror, longas i escuras
gorxas dos cans famentos da piedade.
Nos ollos cheos de un lameiro verde,
sulcado pol-o vieiro do asubío
dos carros que camiñan
a senda do salouco,
vive agora unha roxa labarada,
chama espeitral do inferno presentido.
Cada pasada é un esmoronamento
de aquel que a tiña tan lixeira e ingrave
que os cegos lle dicían:
Unha esmola, irmanciña!
Xa na sua boca o codio aa miseria
pedra é de maldición, e longo berro
de anguria en vez da cantiga frorida.
Xa esquecéu o seu beizo aquil surriso
que deseñaba no seu rostro a vista
da carne fresca das rapazas roxas.
Grises, igual que a pedra
de San Martiño, os ollos,

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

fungos de soidade e desespero
embázanllos e líxanllos.
A través do neboeiro da sua vida
tensa de agora pol as touzas mestas
do prego duro cazador da gracía,
lembra outra vida de fazulas craras,
cando antre as erbas, cazador de grilos,
ceibaba o chafarís de un aturuxo.
Vieiros de mel da relembranza!; ao cabo
a verde aldeia, os familiares sinos
e a amizade do pucho rebuldeiro.
Bulreiro, Deus entón era un petrucio
que se reía no deitar das fontes
e falaba na lingua dos labregos.
Agora Deus fala en latín. Senlleiro,
está no cabo dunha infinda escada,
cunha barba fluvial e filosófica.
Scientia rerum per altiores causas.
"Sobre Santo Tomás desfalecía,
roxos os pes de procural-o Esquivo."

R. CARBALLO CALERO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.32. ANEXO 32| ÉGLOGA

ÉGLOGA

Cántico ao pór-do-sol
ise lene tremer dos lenes bímios,
que en lixeiro perfil desdibuxado
imaxina un arume qu'ha ser río.

No redondel do ceo o sol inventa
un abril de tan verde xa esquecido.
Canta o ar n'unha ponla de silenzo.
Eu canto n'isa voz que pode ser muíño.

Dafnis e Cloe bulen pol-as beiras
a surrir en relanzos de agarimo,
e pintan no tecer das somas eidos
para deitar o corazán ferido.

O ar esvara pol-o van das follas
e vai pechando a lús pol-os camiños.
Afiada coor pol-a paisaxe
proe os acios dos lobios infinidos.

Xa ven o boi, solene,
tanxido pol-o imán d'eidos esguíos,
co-a mágoa da saudade madurando
a ribeira a fuxir dos ollos nídios.

Unha fonte sin voz a namorarme.
Morte viva me pula. Estou vencido
pol-a arela de ser na ponla nova
o celme ausente do valeiro esprito.

AUGUSTO MARÍA CASAS

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO

9.33. ANEXO 33| EU I-O MEU CORAZÓN. ELEXÍA, AO XEITO ROMÁNTEGO

EU I-O MEU CORAZÓN

ELEXÍA, AO XEITO ROMÁNTEGO

Díxome o meu corazón:

—¿Por qué téimas espertar a miña adormentada door? ¿Por qué queres furgar na antiga ferida?

Pro eu non ouvía ao meu corazón... Ardía espréndida e serea a noite de maio. E unha tola ilusión nascéume na testa. Sempre o corazón e a testa non fixeron máis que rifar ao longo da miña vida. Entón, quixen revivir o pasado nos seus intres máis recendentes, na sua máis árdiga plenitude. Qu'o río do tempo recuase âs suas fontes. Que no outono da miña vida frolecese a primaveira, que un vello amor agromase na i-alma.

Foi asím:

Sentín a saudade dunha época ledoenta da miña vida, como unha punxente lediza no fondal da i-alma. Endexamáis atinei a eispresar isas circias emocións —tres ou catro no decorrer dunha vida— en que a máis aceda door se mestura â máis fonda lediza! Toda unha época da nosa vida se debroca, súpetamente, na memoria. ¿Sabedes bén o qué iso é? Paresce como si somentes vivísemos pra aquil intre de entranabel emoción. ¡Aquil anaco da nosa vida ennobrécese na lembranza, semellando máis feiticeiro qu'a mesma lediza relembrada! O remañente da vida fica arredado, como cousa tristenta, valdeira, murcha; sen quentura, sen luz, nin senso.

—

Poucas noites ademirei tan belidas como aquila. Todal-as cousas semellaban esmoerse no seu mesmo feitizo. Ardía o ceo ancho e prefundo, acugulado de estrelas albeigantes, verdecentes e bermellas. Ístas latexaban como miudos corazóns; aquilas, de unha albura mesta e fulxente, tremelaban árdigamente, como serafíns ô redor do trono de Deus. Había roxas fogueiradas nas encostas dos montes. Dos bosques, callados de pechas somas. Cinxía un vento levián, recendente, que alongaba o seu manseliño rosmido pol-as searas. Iste doce asubío da valga trashumante do vento mesturábase ao canto chá do río que unxía a noite de relixiosa fervor. Cada senso era, tamén, un río de fermosuras que tivese a sua foz na miña i alma...

—

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Axiña fitei, dende un outeiro, a aldeia nativa. Había festa. Os foguetes esgazaban o ár. Na sua luz gaia levaban a rexouba da festa. Ao guindar o seu abrente no ceo, as somas escomenzaban a danzar demoentas.

Denantes de entrar na aldeia, gorecinme no cáligo de unha soma.

Relembrei.

Sabela tiña os ollos azúes e sereos, grandes e tristeiros. Aquiles ollos aloumiñaban todalas cousas e de todas ficaban un pouco lonxanas. Sempre amei isos ollos craros, dondos e limpos que endexamáis cobizan eisixirnos ren e que, en troques, nos perdoan todo. Aínda nas máis puras e inxeles ledizas gardan unha nobre e sotil señardade. A cotío fixen comparanza diles â múseca de Mozart... ¡Nasceron pra ollar e laiárense da door infinda do mundo!

¿E aquila voz tépeda e maina que esgazaba o ár docemente, como arrolo de unha pomba?... ¡Aquila voz, aloumiño do senso, lediza do esprito, chave do corazón!

¿E aquil mólido ademán, que abría o seu quente voo esparexendo ao seu redor un arume de i-alma lene e inxel?

¿Qué sería de Sabela? ¿Ficaría aínda no lugar? ¿Morrería? ¿Casaríase?,..

Un coro espallou na noite a sua armoniosa cramor. Mozos e mozas entorgaban unha rexoubante canción.

¿Verdade que unha das máis fermosas cousas que se poidan gostar na vida é ouvir un coro campesío nunha tépeda noite de primaveira?... Unha voz baruda creba o silenzo. Axiña lle siguen as voces limpas, aguzadas, das mozas. Logo, xúntanse a elas as voces rexas, variles dos mozos. E asím as voces achegadas, agreadas, ecoantes, fan resoar a noite co-a sua ampla cramor... ¡I-unha breixante emoción xurde da i-alma, lenturando o mundo!...

Entrei no lugar. Arrechegueime â sua casa. Albisquei o recadro alumeado dunha fiestra. ¡Aquela fiestra era, a mesma fiestra nosa! Ollei drento... Unha nena de seis ou sete anos estaba no meio do ban, manxando unha lambetada. A luz dunha lámpada batíalle na faciana. E... ¡uns ollos azúes, grandes, sereos, na faciana infantil! ¡Eran os mesmos ollos de Sabela!...

Unha bomba de tébregas estoupoume nos miolos.

—

De contado saín do lugar. O coro seguía a cantar. A musegal ventolada alporióu a flama da miña door.

E na noite silandeira ouvín a voz do meu corazón:

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

—¿Por qué teimaches espertar a miña adormentada door? ¿Por qué quixeches furgar na antiga ferida?

—¡Cala, meu corazón, vello amigo fraderno. cala!...

Ardía a noite de maio espréndida e serea... A paz de Deus abenzoaba as cousas...

ÁNXEL FOLE

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.34. ANEXO 34| ALCIPRÉS

ALCIPRÉS

A Don César Juarros

Door da soledade.
Maus erguidas no campo de cruces.
Loito do vento...
Vontade: sempre verde.
Pol-o teu corpo andan os últemos
pensamentos.
Cando eu morra, alciprés,
na tumba non presentida
no cimenterio,
guiarás por min as raíces enfermas das
violetas. . .
i-eu sintireite dentro
correr en arreguizos de michola
pol-os osos...
e sonarei a arpa
nun lirismo supremo. . .
E todol-os sartegos perdidos da lembranza
abandonarán o leito
do xardín;
i-ô residuo de alma que hai na queixa,
virán
coma volvoretas atiridas voando en col. . .
Cabaleiros da noite.
Berro unánime dos mortos
xiado.
Língua ríxida.
Lazariño cego...

USC DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Pol-o teu vértice
destilas a neurastenia
do luar.
En cada rama túa
hai acios de virxes brancas.
Ala erguida da noite.
Pararraios inverso.
Tesón perenne as outuras.
Oda en silencio...
Alciprés,
telescopio inmoble dos vagores eternos,
as cobras das túas raíces soan sagredos
frustrados na tabernas dos corazós dos
mortos.
Indice da bocanoite...
Alciprés, qué vendes...?
Pol-a boca sucia de todal-as caveiras
beber ei, ei...
borracheira en silenzo.

XOSÉ VELO

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

9.35. ANEXO 35| CHOIVA

CHOIVA

Desfái o seu peiteado o ceo afoutado,
e a súa cabeleira encol da terra
verque, de longos fíos paralelos.

Aquén e alén da reixa, namorados
paxaros de ollos mornos devecidos
pol-a espiral do soño ao ceo ruben.

David de longa grea, o vento tanxe
cos seus dedos de brétema, nas cordas
da i-harpa eternamente renovada.

A rosa gris e murcha da saudade
con raxeiras de cinza aluma un mundo
esquecido en relanzos de silenzo.

Fraga de picas. ¿Cara qué Bastilla
avanza ista invisibre moitedume.
mesto balbor e unánime pasada?

Sen fin, como miñocas, longos laios.
nos illós, fanse múltipres, ao gume
frío e teimoso do intre sen historia.

Nas trégolas das rúas enlousadas
e nos sostidos das aceiras, pulsan
o piano da vila as mans da choiva.

USC
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Paira encol da cidade o anxo de néboa
da señardade, a ollar, de ollos doridos,
as rúas frorecidas de paraugas.

R. CARBALLO CALERO

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA

9.36. ANEXO 36| OLLA MIÑA BEN AMADA

OLLA MIÑA BEN AMADA

Olla, miña ben amada,
n-este coído un xardín
cheo de rosiñas brancas.
De escumas albas folerpas,
frores salgadas que o mar
esmorecido arrandea.
O sol, desde a sua outura,
fica quedo ademirado
esta roseira de escumas
que enxoiada lostreguea
tremelucentes fulgores
n-unha chuvia de moxenas.
Ora saudosas camiñan
mainamente cara fora,
ora pousan, remuiñan,
volven para atrás, abalan,
e n-un feixe inmaculado
tumbanse n-a costa brava.
De noite parase a lua
enriba d'este coído
e fai encaixes de escama.

Olla, miña ben amada,
n-este coído un xardín
cheo de rosiñas brancas.

GONZALO LÓPEZ ABENTE

USC UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Esta investigação explora o papel da saudade como categoria estética e simbólica na construção da identidade nacional galega, tomando como corpus a poesia publicada na revista Nós. Partindo de um progressivo interesse pela cultura galega, o trabalho ancora-se teoricamente nos contributos de Pierre Bourdieu e Itamar Even-Zohar, assumindo a literatura como sistema sociohistórico e campo de luta simbólica. A análise interroga como a saudade, vinculada ao saudosismo e à tradição galego-portuguesa, converte-se num signo poético de grande potencial identitário. Além disso, a revista é entendida como instituição central para o sistema literário galego, nos seus processos de canonização e afirmação duma matriz cultural autóctone. Este estudo pretende iluminar a função da saudade na articulação dessa narrativa nacional.